

O ÚLTIMO E ARREBATADOR VOLUME DA TRILOGIA LANGANI

BARBARA & STEPHANIE
KEATING

Luz Efêmera

“Uma saga épica de amor e perda,
traição e morte, bondade e redenção.”

The Times

TRILOGIA LANGANI
VOLUME III

ASA



Ficha Técnica

Título original: IN BORROWED LIGHT

Título: Luz Efêmera

Autor: Barbara e Stephanie Keating

Tradução: Isabel Alves

ISBN: 9789892312101

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2010, Barbara & Stephanie Keating

Publicado originalmente na Grã-Bretanha por HARVILL SECKER

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Para os nossos filhos

Estrelas selvagens crivam a noite
E eu caminho sob uma luz efêmera
Buscando, sentindo, temendo, voando...

T. Ryan

Nota: Existe no final deste livro um glossário que ajudará os leitores a uma melhor compreensão dos estrangeirismos utilizados pelas autoras ao longo da obra.



CAPÍTULO 1

Quénia, Julho de 1977

Começara bem, o dia em que o mundo de Hannah rodou sobre o seu eixo, saindo da sua órbita familiar. Fora o dia em que deixara a Fazenda Langani para viajar pela primeira vez à Europa. O dia em que a filha desapareceu pela primeira vez. O dia em que a dúvida se insinuou pela primeira vez na sua sensação de pertença, consumindo o âmago de tudo quanto lhe era caro.

Levantou-se antes da alvorada, nessa manhã, saindo do quarto em passos estranhamente furtivos, não desejando acordar Lars, que estava a ressonar levemente, durante a última hora do seu sono. Ele apertara Hannah contra si durante a noite, incapaz de refrear a sua excitação, embora não fosse homem para exprimir emoções extremas.

– Partimos amanhã, Han – disse ele. – Houve momentos em que pensei que nunca mais ias ver o lugar onde nasci. Eu sei que foi difícil para ti escolheres entre a Noruega e a Itália, mas acho que a Lottie compreende.

– É verdade. – Hannah enfiou-se debaixo dos cobertores para se aquecer no seu corpo, compreendendo o orgulho que ele sentiria quando apresentasse a mulher e os filhos à terra que o vira crescer. – Não temos tempo nem dinheiro para visitar os dois lugares. A minha mãe esteve connosco na costa, no ano passado, e já prometemos que da próxima vez será a Itália. Além disso, até agora nunca pensámos numas férias na Europa.

– Vai ser maravilhoso – disse Lars. – Ver a outra metade da herança dos nossos filhos, a quinta onde eu cresci e um conjunto de montanhas bem diferentes a erguer-se de uma água muito azul. – Enfiou os dedos no seu espesso cabelo louro, solto da trança que lhe pendia nas costas durante o

dia. – Vais apaixonar-te pela Noruega. E as crianças vão pensar que estão no paraíso.

– Estão bem perto do paraíso aqui – disse Hannah. – Não sei como vamos convencer a Suniva a comportar-se como uma criança europeia normal. Podia ser tão bonita agora, com onze anos, mas é uma maria-rapaz selvagem. Vai ser uma luta convencê-la a não tirar os sapatos e a pentear o cabelo e a usar um vestido, de vez em quando, em lugar de andar por aí a correr com aqueles calções esfarrapados e *tackies*, como um *toto* da sanzala.

– Pode andar vestida com o que quiser – disse Lars, sorrindo. – Vai enterrar os pés na relva mais macia que possas imaginar. Estou a vê-la a caminhar através das flores silvestres nos prados. Vai conhecer as vacas do avô e aprender um bocadinho de norueguês. O Piet pode aprender a remar e a fazer vela e vamos comer os melhores camarões que alguma vez provaste.

– Sim, claro que vamos.

– O que foi, Han? – Lars apoiou-se sobre um cotovelo. – Não estás preocupada por deixares Langani, pois não? Há anos que o Mike desempenha as funções de feitor quando vamos para a costa ou em safári. E o David é um verdadeiro profissional com os hóspedes no *lodge*. A Sarah também vai estar de olho nas coisas, agora que parece estar recuperada. Vai correr tudo bem.

– Pobre Sarah. Suponho que uma visita a Langani é capaz de ajudá-la, mas tem andado tão deprimida que não acredito que seja capaz de fazer grande coisa – disse ela. – Mas não é a fazenda. É só porque tenho receio de que o Piet tenha algum problema no avião. Tem sofrido tanto dos ouvidos, espero que não seja demasiado cedo para viajar. Tenho pensado se não devíamos ter adiado a viagem.

– Não vai acontecer nada ao Piet – disse Lars. – O Dr. Markham diz que já não há sinais de infecção.

– Sim, mas é a terceira vez, recentemente, que tem problemas com os ouvidos e temos de ser ainda mais cuidadosos – disse Hannah.

– É mais provável que apanhe outra infecção aqui do que em Londres ou na Noruega. Teria sido muito difícil alterar as datas e partir mais tarde. E

pensa no desapontamento das crianças. Estão tão ansiosas por sair daqui, por conhecer o mundo.

– Não debes mimá-las de mais – disse ela, sorrindo-lhe. – Habitua-las a coisas que nunca poderemos ter aqui.

– É a primeira vez que saem do Quénia – disse ele, passando os dedos ao de leve pela cara dela, pela boca. – E a tua primeira visita à Europa. Como tal, acredita que tenciono mimá-los a todos. *Ja*. A começar desde já.

– Dorme. – Ela repeliu-o, rindo, quando ele lhe enfiou a mão debaixo do pijama para lhe tocar nos seios quentes. – Tenho de me levantar de manhã cedo para verificar as malas. Tenho a certeza que trouxe as coisas erradas, sobretudo para Londres.

– Se precisares de roupa diferente, podes ir às compras com a Camilla – disse ele. – Aproveita o facto de a tua amiga ser a rainha da moda londrina.

– Não tenho dinheiro para fazer compras nos sítios que a Camilla frequenta. Mas ainda bem que ela lá está. Há meses que não a vemos e, da última vez, só estive uns dias na fazenda. É óptimo podermos ficar no apartamento dela e não num hotel, embora ache que é maluca por dar guarida a labregos como nós, e às crianças também.

– Obriga-a a cair na realidade – disse Lars, rindo-se na escuridão. – É uma mudança em relação a todas essas fotografias que vemos dela com os ricos e os famosos. Em lugar deles, estará connosco, a ver as vistas de Londres do segundo andar de um autocarro.

– Tenho um certo medo da grande cidade, das multidões e do ritmo de Londres – disse Hannah. – E do custo de tudo.

– Os últimos anos na fazenda têm sido bons, com o trigo e o teu sucesso na vacaria e a maneira como tens gerido a oficina da Camilla. O *lodge* também está a dar dinheiro. Devemos saborear alguns luxos enquanto podemos para nos lembrarmos deles quando tivermos uma seca ou as vacas adoecerem ou o trigo apanhar ferrugem ou bicho. Chega aqui, Han – disse ele, beijando-lhe o lóbulo da orelha e sentindo a determinação da mulhar evaporar-se com as suas carícias hábeis. Puxando-a para si, o tom da sua voz era o que usava quando faziam amor.

– *Ach*, Lars, não sei o que te deu – disse ela, pondo os braços à volta do pescoço dele enquanto ele começava a sussurrar-lhe ao ouvido. – Às vezes não tens juízo nenhum.

Hannah sentiu-se reconfortada pela memória ao percorrer a casa silenciosa, saindo para o jardim, com a sua fragrância a jasmim e o rumorejar do vento nas árvores. Os cães seguiram-na na expectativa, gemendo suavemente quando ela abriu a porta do alpendre, desapontados quando ela abanou a cabeça e os deixou para trás. Lá fora, o guarda-nocturno murmurou uma saudação e ela ouviu o chamamento de um noitibó na escuridão gélida. As últimas estrelas ainda cintilavam no céu e o cheiro da chuva pairava no ar. Esperava que outro aguaceiro não transformasse a estrada num lamaçal vermelho, que fazia com que pneus se enterrassem e o carro oscilasse e resvalasse para buracos escondidos ou até mesmo uma vala. Teriam de partir o mais cedo possível, não fosse haver demoras inesperadas.

Pôs o *Land Rover* a trabalhar e saiu lentamente da garagem em marcha atrás, mantendo o ruído do motor baixo e ligando os faróis apenas quando dobrou a curva no caminho de acesso. Mudou então de velocidade e acelerou pelo trilho que levava à crista. O céu estava manchado de escarlata e dourado e, quando parou na base da inclinação rochosa, já haviam surgido tons incipientes de azul. Ao escalar os últimos cem metros, a silhueta distante da montanha erguia-se diante dela, escura, alta e irregular, contra a luz refulgente, e ela sentiu que o grande deus N'gai assistia à sua peregrinação solitária. Sob os seus passos vivos, a terra parecia antiga e familiar. À distância, divisava a luz das primeiras fogueiras da manhã enquanto os homens e as mulheres surgiam das cubatas de colmo da sanzala, preparando-se para o dia. Por baixo dela, na plataforma de observação do *Lodge* Langani, dois hóspedes tinham saído para observar um grupo de elefantes no bebedouro.

Três gerações da sua família já tinham passado por aqui antes dela, subindo a custo pelas pedras soltas até à crista que fora o lugar predilecto do irmão. Piet costumava vir para aqui sonhar, contemplar a fazenda que os

seus bisavós haviam construído a partir de uma terra inóspita e abrasadora, planeando o que faria quando chegasse a sua vez de cuidar da terra e de a proteger. Fora na crista que pedira Sarah em casamento. Fora aqui que morrera, sob o olhar frio e inclemente da lua africana.

Fora Sarah quem sugerira que construíssem um *cairn*¹ em sua memória, quem escolhera a primeira pedra lisa e a colocara sobre as cinzas da sua pira fúnebre. Hannah seguira-a e finalmente Camilla, as três amigas dando os seus primeiros passos em direcção a uma resignação sofrida, tão unidas na sua dor como o haviam sido nas alegrias da sua infância partilhada. Com o tempo, Hannah aprendera a considerar o *cairn* de Piet como um refúgio onde o espírito dele morava para guiá-la e confortá-la. Quando o filho nascera e recebera o nome do irmão que adorara e perdera, ela e Lars haviam trazido aqui a criança no dia do seu baptismo para transformar a crista num lugar de paz e renovação.

O ar parecia carregado de beleza e propósito e os sons do mato começavam a avolumar-se à sua volta. Sentou-se nas pedras frias do *cairn*, por baixo da acácia *tortillis* que Lars plantara no lugar onde a pira fúnebre de Piet ardera na claridade obscena dessa manhã terrível.

– Partimos hoje, Piet – disse ela, em voz alta. – Nessa visita à Europa de que falámos há tanto tempo. Eu, o Lars e as crianças. Ainda me custa a crer que esteja a acontecer... que vamos a Londres e à Noruega. Mas estou um pouco nervosa. Mesmo em Nairobi, sinto-me por vezes uma autêntica rústica... uma simples rapariga do campo africânder, no meio de toda aquela gente fina. Mas há-de ser maravilhoso para nós e já sinto a emoção da viagem. Vim despedir-me de ti por uns tempos. Dizer-te que te amo e que sei que hás-de olhar pela fazenda na nossa ausência.

A resposta dele chegou-lhe no zunido do vento, através do canto das aves que ele tão bem conhecera, e dos sons dos animais que pastavam nas planícies em baixo. Voltou para casa, com o espírito em paz, tomando o trilho ao longo da brilhante espiral do rio, passando por manadas de zebras e gazelas e por um par de chacais que trotavam na planície depois de uma noite de caça.

Na tarde do dia anterior passara duas horas na Oficina Langani, supervisionando as mulheres quicuias e masai a cortar tecido e a coser missangas e ornamentos nas últimas criações de Camilla. Elas tagarelavam e cantavam enquanto cosiam e trabalhavam com as máquinas e todas se riram dela quando sugeriu que também elas um dia poderiam visitar a terra longínqua onde o seu trabalho era vendido, em lojas ainda maiores do que a sua casa. Hannah esperava que não houvesse problemas com as máquinas de costura na sua ausência. Mike Stead era um feitor competente e era capaz de pôr um tractor ou uma ceifeira debulhadora renitentes a trabalhar, mas não lhe parecia que os conhecimentos ou interesses dele abrangessem pequenos aparelhos que criavam carteiras e cintos e bordavam roupas para *boutiques* de moda distantes.

Agora, na luz cor de pérola da manhã, passou pela vacaria para ver as suas vacas e para admirar o bezerro que ajudara a nascer recentemente com Achole, que cuidava da manada há vários anos. Alguns minutos nos estábulos encheram-na de pena de não ter tempo para um breve passeio a cavalo antes da partida, mas teve de se contentar com um abraço a cada um dos cavalos e algumas carícias nos seus focinhos aveludados. Quando regressou a casa, estava esfomeada, ansiosa por vestir e aprontar as crianças e meter as últimas coisas nas suas malas. Apeou-se do *Land Rover* e franziu a testa. A promessa de um dia bonito estava a esfumar-se e uma nuvem enrolara-se em torno do cume afiado da montanha, privando o céu de azul e conferindo uma tonalidade sombria à manhã. Deteve-se no relvado, a inalar o aroma da chuva nos últimos momentos antes de tudo mudar.

– Hannah. – Lars estava no alpendre com Piet ao seu lado.

– Esse jovem levantou-se cedo. – Hannah despenteou o cabelo louro do filho, o seu coração sobressaltando-se ao reconhecer a imagem do irmão no rapaz. Mas Piet não reagiu e, ao estudá-lo melhor, ficou surpreendida com a sua expressão taciturna. – Que se passa? Vamos para Londres esta noite, ver os cavalos e os soldados que guardam a rainha no Palácio de Buckingham e...

– Não podemos ir. – O tom de Piet foi peremptório. – Sem a Suniva, não.

– Claro que não vamos sem a Suniva – disse Hannah, intrigada. – Vamos já acordá-la. Podem tomar os dois o pequeno-almoço de roupão e depois vestem a roupa nova para a viagem.

– A Suniva não está no quarto. Não está em casa, Hannah. – Lars fixou a mulher, desejando que ela não perdesse a calma.

– Onde está então? – Hannah tentou ler os sinais nos olhos dele.

– A Suniva fugiu! – balbuciou Piet. – Porque não quer ir sem o James. Nem para a quinta, nem no avião para Londres. E nós não podemos ir sem ela.

– Oh, por amor de Deus – disse Hannah, exasperada. – Não acredito que ela tenha feito uma habilidade destas no dia em que partimos.

Piet cerrou os punhos, esforçando-se por não chorar. Lars pousou-lhe uma mão no ombro, compreendendo o medo da criança de que a grande aventura de que vinham falando há tanto tempo pudesse ser agora cancelada. Mas Piet deu meia-volta e correu para a sala de estar, colidindo com Mwangi.

– O que é que este rapaz tem? – O velho criado olhou para Piet, o seu rosto enrugado carregado de preocupação.

– A Suniva desapareceu – disse Lars. – Não está em casa.

– O Piet acha que a irmã fugiu – disse Hannah. – Viste-a esta manhã? – Quando Mwangi abanou a cabeça, virou-se para Lars. – Quando é que isto começou?

– Ele entrou a correr no quarto alguns minutos antes de chegares.

– Deve estar com a Esther e o James – disse Hannah, a sua irritação aumentando. – Eu vou buscá-la aos alojamentos do pessoal. Mwangi, por favor dá o pequeno-almoço ao Piet. Pedi ao Kamau para vir cedo hoje, já deve estar na cozinha.

No complexo do pessoal, passou por cima de várias galinhas poedeiras e bateu à porta de Esther. Não houve resposta e ela voltou a bater, sonora e impacientemente. Estava a tiritar no ar frio, sacudindo as primeiras gotas de chuva do cabelo, consciente de que vários *watu* tinham saído de casa e estavam a observar, curiosos. Quando apareceu, Esther estava a atar o lenço atrás das orelhas e o casaco de malha caía-lhe aberto sobre a camisa de dormir de flanela que fora uma prenda de Natal.

– Mama Hannah? – A sua voz ainda estava carregada de sono. – É muito cedo. Passa-se alguma coisa?

– Venho buscar a Suniva. – Hannah ignorou a pergunta. – Não devias tê-la deixado aqui ficar, Esther. Já te disse que as crianças podem passar o dia juntas mas à noite devem dormir nos quartos delas.

– Não a vejo desde ontem. – Esther ficou perplexa e indignada.

– Bem, como não está em casa, pensei que estivesse contigo. – Hannah franzira a testa, uma ponta de inquietação insinuando-se-lhe no estômago. – O James está?

– *Ndio*, Mama. – Esther revirou a boca em sinal de desagrado. – Claro que está.

Hannah pousou a mão no braço enorme de Esther. – Desculpa – disse ela. – Mas o Piet diz que a Suniva fugiu porque não quer partir sem o James.

– Eh, eh. – A *ayah* assentiu com a cabeça. – Sim, foi o que ela disse. E disse-lhe a mesma coisa a si.

– Eu não ligo a esses disparates. – Hannah não conseguia disfarçar a irritação. – Deve estar escondida aqui no complexo ou no jardim. Está a começar a chover e temos de partir para Nairobi cedo, para o caso de ficarmos atolados na lama em algum lado. Não podemos atrasar-nos só porque a Suniva quer chamar a atenção. O *bwana* Lars já está zangado.

Esther soltou um leve gemido. – Esses dois estão sempre a fazer asneiras – disse ela. – O Piet nem tanto. Mas os outros não me obedecem porque já são crescidos. Estão sempre a arranjar alguma *matata*.

Hannah não estava a ouvir. Atravessou a sala em passos largos em direcção ao quarto de James e abriu a porta. Havia um monte no meio da cama.

– Acorda, James. – Hannah puxou os cobertores para trás, revelando duas almofadas, arranjadas na forma de um corpo adormecido.

– *Aie ya!* – A exclamação de Esther foi de estupefacção assustada.

– Onde diabo estão estas crianças? – O alarme tornou a voz de Hannah aguda.

Mas era óbvio que Esther não fazia ideia. James fora deitar-se à hora habitual, disse ela. E ela jantara e deitara-se cedo, para estar a pé para os

últimos preparativos de manhã. Não tinha ouvido som nenhum durante a noite.

– Onde diabo podem ter ido? – A frustração gorou os esforços de Hannah para manter a serenidade. – Devem ter saído de noite. Ainda há três noites um leopardo levou um dos cães. Pensa, Esther. – Agarrou nas mãos da *ayah*. – Por favor.

– Não sei. Eles gostam de ir para a floresta, à procura de pássaros ou atrás do rasto de um animal.

– É o pior sítio que podiam escolher. E a que propósito é que iriam para lá de noite? Manda alguém à vacaria chamar o Achole e pergunta a toda a gente aqui nos alojamentos do pessoal se os viu. – O terror abafava a fúria de Hannah. – É melhor vires olhar pelo Piet.

Hannah correu de novo para casa, subindo os degraus do alpendre de dois em dois. Lars estava à espera, às voltas na sala de estar. – Ela não está com a Esther – disse ela. – E o James também não.

– Valha-me Deus! Às tantas estão na vacaria. Ou nos estábulos. O que é que lhe deu?

Hannah abanou a cabeça. – Estive nos dois sítios esta manhã.

– O que significa isto que o Piet me esteve a dizer? Que a Suniva não quer partir?

– *Ach*, ela está sempre com parvoíces dessas – disse Hannah. – A tentar arrelhar-me. Já sabes como ela é... cheia de esquemas malucos. E faz de ti o que quer. – A sua voz era indiferente, mas o pânico nos seus olhos desmentia o tom. – Aí está a Esther. Ela leva o Piet e prepara-o.

– Fala-me lá dos esquemas malucos da Suniva. – Lars pôs o braço à volta da mulher, vendo o seu tormento e tentando esconder a sua própria apreensão.

– Aqui há dias fez uma grande cena – disse Hannah. – Queria saber qual era a mala do James. Quando percebeu que ele ia ficar aqui, rompeu em lágrimas e começou a gritar comigo. Disse que só ia se o James também fosse.

– Suponho que seria de esperar uma coisa destas mais cedo ou mais tarde – disse Lars. – Esses dois são inseparáveis. E não discutimos a questão do

James e do lugar dele na família, agora que já tem idade para ter importância.

– De que é que estás a falar? – Hannah passou uma mão impaciente pela testa. – O James está protegido e seguro, tem um tecto sobre a cabeça e sabe que o amamos. É esse o lugar dele na família.

– Sim, mas...

– Damos-lhe tudo o que ele precisa, vai para a escola com os outros rapazes da fazenda e passa o tempo livre com o Piet e a Suniva – disse Hannah. – É um rapaz normal, inteligente e feliz que não faz ideia nenhuma da história dos pais nem dos horrores do passado.

– Mas, no fundo, não está adaptado nem a um mundo nem ao outro – disse Lars. – Não faz verdadeiramente parte da nossa família embora nunca passe tempo no complexo do pessoal a não ser à noite quando se vai deitar. Não pertence de facto a nenhum dos lados. Até agora não tem feito diferença mas ele tem praticamente treze anos, Han. É surpreendente que nunca tenha feito perguntas sobre a sua situação nem sobre os pais. Um dia destes, os outros rapazes na fazenda vão falar do assunto e isso será constrangedor para o James. Acho que é uma prioridade...

– Só consideraste essa prioridade há minutos, como eu – Hannah interrompeu-o. – Neste momento, a nossa principal preocupação é que o James e a Suniva estão a jogar um jogo estúpido e nós temos de encontrá-los. Vou ligar para o *lodge*, para o caso de o David os ter visto, mas é pouco provável que tenham feito a pé uma distância tão grande. O Achole deve estar aí a chegar. É melhor ires com ele à floresta, embora me custe a crer que a Suniva se aventurasse por aí à noite. Deus sabe que a avisámos vezes sem conta em relação aos búfalos, aos elefantes e aos leopardos. E ela chorou todo o dia quando o cachorrinho foi levado. Compreende perfeitamente que é perigoso andar por lá.

David atendeu o telefone no *lodge*. Não, não tinha visto nenhuma das crianças. Ia perguntar ao resto do pessoal, mas o *lodge* ficava quase a sete quilómetros e meio da casa e eles teriam de ter atravessado a pé a planície

ou caminhado ao longo do limite da floresta. Não acreditava que se tivessem aventurado tão longe.

Hannah estremeceu, consumida pelo terror ao afastar as horríveis imagens de um ataque de um leopardo ou búfalo. Ou de uma matilha de hienas. Formou-se-lhe um nó na garganta e os ouvidos doíam-lhe ao reprimir as lágrimas. Tentou determinar se devia juntar-se a Lars e a Achole ou partir noutra direcção. A incerteza pregou-a ao chão e ficou ali, a morder o lábio e a dar voltas à cabeça à procura de uma pista que pudesse indicar-lhe por onde começar a busca. Tentou não pensar na floresta e no irmão e no fim monstruoso dele. Lá fora, uma chuva constante começara a cair, concretizando os seus medos de uma estrada escorregadia e lenta quando partissem ao fim da manhã. Se alguma vez partissem.

– O Achole diz que a Suniva e o James construíram um abrigo de paus e folhas. – Lars havia surgido com o vaqueiro idoso. – Fica numa clareira da floresta, para lá da segunda curva do rio.

– É a casa especial deles. – Achole sugava a saliva das gengivas. – Mas é um sítio mau para estar de noite.

– Podem não ter ido para aí mas vamos começar por lá. – Lars viu a consternação da mulher. Estendeu o braço para lhe apertar a mão e captou um movimento no canto do olho. No alpendre, Mwangi estava a agarrar James pelo cachaço e Hannah susteve a respiração enquanto correu para eles.

– Encontrei-o, a voltar para a *numba* da Esther – disse Mwangi, empurrando o rapaz para a frente. – Mas ele não me disse nada.

– James! Onde é que estiveste? Onde está a Suniva? Já sabes que é perigoso sair do complexo à noite. – O alívio e a raiva tinham-se apoderado de Hannah, deixando-a incapaz de falar calmamente. – Mereces uma boa sova, merecem os dois, e é melhor que te acauteles porque a Esther também...

– Hannah. – Lars falou em voz baixa enquanto James recuava. – Vamos com calma. – Virou a atenção para o rapaz. – Vá, James, tens de me responder. Não estás metido em apuros, prometo, mas tens de nos dizer onde está a Suniva.

– Não a vi. – As palavras de James eram quase inaudíveis e ele fixou o chão, taciturno e defensivo, torcendo os dedos uns nos outros antes de meter as mãos aos bolsos dos calções. Tinha a roupa colada à pele por causa da chuva e agora tremia.

– Bem, não estava no quarto dela ontem à noite e tu não estavas em casa da Esther. Por isso, acho que sabes onde ela está. – Lars procurou adoptar um tom encorajador, conduzindo o rapaz para dentro de casa e colocando-o ao pé da lareira. – James?

– Tens de nos contar a verdade. – Hannah falou num tom mais conciliatório. – Ela não deve sair de casa à noite. Sabes disso.

James ficou calado, o seu corpo tenso da resistência, a sua expressão ansiosa.

– Prometeste à Suniva que guardavas segredo? – insistiu Hannah. – Se for esse o caso, a culpa não é tua. Mas nós precisamos de encontrá-la.

– Diz à Mama Hannah o que sabes. – Esther aparecera à entrada, fulminando-o com os olhos e agitando um punho na direcção do rapaz sob a sua guarda. – És um rapaz estúpido, James Karuri, e não devias ter prometido nada. *Mbaya sana*, estúpido na cabeça. A causar problemas. – Agarrou nele e abanou-o levemente, mas Hannah fez um gesto de contenção.

– Vá lá, James – disse ela. – Estiveram juntos ontem o dia todo, e ela diz-te sempre o que está a pensar.

Kamau surgira da cozinha para se juntar a Mwangi e Achole e ao guarda-nocturno que ainda estava envolvido no velho sobretudo que usava nas horas frias da noite. Todos queriam saber que tipo de *shauri* sucedera quando a família se preparava para visitar familiares numa terra distante. Mantiveram-se juntos, a uma distância respeitável que lhes permitia ouvir o que estava a ser dito. Mas James permanecia obstinadamente mudo.

– James. Por favor, ajuda-me. – A memória de Hannah encheu-se das memórias sangrentas dos últimos anos e estava prestes a gritar. Recuou, agarrando-se a uma cadeira de braços, tentando pensar numa maneira de arrancar a informação ao rapaz. – O que é que me vais dizer se a Suniva for

encontrada morta? Se for atacada por hienas ou búfalos? Que me dizes então, James?

– Ela quer esconder-se até todos se irem embora. Nessa altura, aparece. – Ele estava a olhar para ela agora, a culpa patente nos seus olhos escuros. – Porque não se quer ir embora de Langani.

– Meu menino, diz à Mama Hannah o que sabes. *Sasa hivi*. – Achole avançou, com uma expressão ameaçadora. – Se a Suniva for morta por um *chui* ou outro animal, o responsável és tu.

– Ela obrigou-me a prometer, mas eu não quero que lhe aconteça nada de mal. – A tensão na sala aumentou quando James mais uma vez se remeteu ao silêncio, olhando para a chuva lá fora e para o nevoeiro veloz que obscurecia agora a sebe que separava o jardim das terras selvagens. Então ele encolheu os ombros e levantou por momentos os olhos para Lars. – Está na nossa casa na floresta.

– Muito bem. Eu e tu vamos buscá-la. – Lars virou-se para Hannah, lançando um olhar de advertência para o seu rosto lívido. – Trata do Piet e acaba de fazer as malas. Kamau, tomamos o pequeno-almoço assim que voltarmos. Muita papa de aveia quente, *bacon* e ovos. Achole, fica de vigia, para o caso de a Suniva voltar para os estábulos ou para a vacaria.

Momentos mais tarde, Hannah ouviu o som do *Land Rover* a afastar-se no caminho. Dirigiu-se para o quarto de Piet e sentou-se ao lado do filho. Ele olhou para ela com uma expressão solene.

– A Suniva vai voltar?

– O teu pai foi buscá-la – disse ela, apertando-o nos braços. – Vamo-nos mas é lavar e preparar para tomar o pequeno-almoço quando eles chegarem.

Lars estacionou o veículo junto à linha das árvores e esperou enquanto James saía do banco do passageiro. O solo húmido subia acentuadamente, desaparecendo na neblina alguns metros acima deles. Avançaram a custo pelo trilho estreito, agarrados aos ramos das árvores que espreitavam como gigantes debruçados na luz fraca. O progresso era lento e penoso e muitas vezes não conseguiam impedir-se de deslizar para trás no solo enlameado. Caía-lhes chuva nos ombros por causa das aberturas na copa de folhagem.

A uma grande altura, uma trupe de macacos gritava e tagarelava zombeteiramente, saltando sem esforço no seu mundo aéreo. Turacos e pombos-torcazes gorjeavam e Lars ouviu então o som que mais temia: a tosse arranhada e rouca de um leopardo. Virou-se para James, uma declaração muda nos olhos, e o rosto do rapaz empalideceu de alarme.

– Ela obrigou-me a prometer – repetiu ele, mas a sua voz era tremida. – Disse-lhe que não dizia nada mas estou arrependido.

– Quanto falta? – A pergunta de Lars foi áspera, pois ouviu o estalar de ramos e os passos pesados de elefantes mais acima no trilho. Desengatou a patilha de segurança da espingarda e repetiu a pergunta: – Quanto falta, James?

James apontou e depois desviou-se, desaparecendo num muro de vegetação e emitindo um ruído soluçado à medida que avançava num passo mais rápido. Lars continuou, partindo ramos espessos que lhe fustigavam a cara ao abrir caminho com o seu corpo volumoso, as orações da sua infância luterana nos lábios.

Recordações antigas surgiram-lhe no espírito enquanto seguia o rapaz cujo pai outrora se escondera no interior desta mesma floresta, depois do selvagem assassinio de Piet van der Beer. Vendo James à sua frente, estranhamente em sintonia com o ambiente dos seus antepassados, Lars sentiu uma profunda onda de apreensão. Tentara esquecer mas nunca fora capaz de perdoar, ao contrário de Sarah, que parecia, contra todas as probabilidades, ter posto de lado a bárbara visão. A zona densamente arborizada era um lugar de caça, de terrível beleza e vingança indizível, e Hannah nunca conseguira pisar esta parte da sua propriedade onde Simon Githiri se escondera depois de matar o irmão dela.

Enquanto James o conduzia para uma pequena clareira, o abrigo surgiu à vista. Fora toscamente construído com ramos e lama, com uma abertura estreita de um lado e um telhado feito com folhagem da zona envolvente. Um raio de luz turva incidia sobre a estrutura frágil, que oferecia pouca protecção da chuva forte ou dos animais selvagens. Suniva estava acorada no chão, à entrada, o cabelo louro ensarilhado, a camisola e as jardineiras salpicadas de lama. Uma tentativa para acender uma fogueira

com galhos húmidos fora infrutífera. Pôs-se imediatamente em pé de um salto, olhando com hostilidade para as duas figuras à sua frente.

– Disseste-lhes. Violaste o nosso pacto. A nossa promessa. – A sua voz era fria e categórica, mais mortal do que qualquer diatribe. James desviou o olhar, passando as costas da mão pelos olhos para disfarçar as lágrimas que ameaçavam brotar, e ela virou a atenção para o pai. – Não saio daqui. Já disse à mamã que não ia sem o James. Odeio a outra quinta e não quero ir para lá.

– Vou levar-te agora para casa, Suniva. – Era uma afirmação com toda a autoridade de que Lars foi capaz. Debatiam-se no seu espírito emoções contraditórias, mas reconhecia que não era momento para persuasão ou tolerância. – Fizeste mal em assustar-nos, desaparecendo assim, e vais pedir desculpa à tua mãe assim que chegares. Pensei que tinhas juízo suficiente para saber que a floresta é extremamente perigosa à noite. Estou desiludido contigo. E muito, muito zangado.

– Não vou contigo – gritou ela, virando-se para a cabana. – Não me podes obrigar a deixar Langani. Nunca deixamos ficar o James quando vamos em safári ou para Mombaça. Não vou para Londres nem para a tua estúpida quinta na Noruega sem ele.

Lars deu um passo em frente e Suniva guinchou quando ele a agarrou pelos braços e a obrigou a rodar, forçando-a a caminhar à sua frente, descendo a custo o declive lamacento até ao *Land Rover*. Quando ela caiu e rasgou as calças, ajudou-a a levantar-se em silêncio, ignorando os seus protestos e mantendo-se imediatamente atrás dela para o caso de ela correr disparada para o mato denso. James seguia-os, sem dizer uma palavra. Entrou para o banco de trás enquanto Suniva ocupava o seu lugar ao lado do pai, com uma expressão de pura raiva na cara.

Em casa, Hannah saiu assim que ouviu o carro, correndo para abrir a porta e pegar em Suniva nos braços. Caiu de joelhos no caminho e chorou de alívio ao abraçar a filha antes de a levar para dentro de casa.

– Esther, encarrega-te que o James tome um duche quente e vista roupa seca – disse Lars. – Não queremos que se constipe. E não sejas *kali* com ele. Já teve castigo que chegasse.

Levaram algum tempo a reunir-se na sala de jantar. Sentaram-se a tomar o pequeno-almoço, Suniva dando voltas à comida no prato, muda e provocadora. As duas crianças pareciam inibidas com a sua roupa nova. Quando a refeição terminou, Mwangi trouxe as malas dos quartos e colocou-as no alpendre.

– Preciso de guardar as últimas coisas na bagagem de mão – disse Hannah.

Lars assentiu. – Eu ponho o resto das coisas no carro e fico de olho nestes dois.

Meia hora mais tarde, estavam a entrar para o velho *Mercedes* e o pessoal alinhara-se no caminho para as despedidas, os seus rostos radiantes agora que acabara tudo em bem no começo do grande safári da família através do oceano. Não havia sinais de Esther ou James e Hannah não sabia se havia de se sentir aliviada ou de esperar mais algum acto de rebeldia da filha, que não abrira a boca desde que regressara.

Suniva entrou para o carro, circunspecta e pálida, mas em lugar de se sentar ao lado do irmão, ajoelhou-se no banco para olhar pela janela de trás. E então viu-o, a contorcer-se nos braços de Esther, libertando-se com um grito triunfante, correndo em frente e acenando freneticamente.

Ao dobrarem a curva do caminho, o único som no carro eram os uivos descontrolados e primitivos de Suniva, a cara encostada ao vidro, batendo com as mãos na janela e gritando o nome dele, desolada.

– James! James! Eu volto em breve. Juro. James...

¹ Tradição irlandesa. Trata-se de uma pilha de pedras, habitualmente em forma cónica, que marca uma sepultura. (*N. do E.*)

CAPÍTULO 2

Londres, Julho de 1977

A novidade do longo voo para Londres nada fez para dissipar o estado de espírito revoltado de Suniva. Desde o momento da partida de Langani que não proferiu uma palavra, a não ser uma ou outra resposta monossilábica. No avião, fixou o espaço à sua frente, recusando-se a olhar pela janela, a comer ou a abrir a caixa de quebra-cabeças e jogos oferecido pelo comissário de bordo. Piet tentou falar com ela mas acabou por desistir e saiu do lugar para explorar o interior do avião com uma admiração reverente que se intensificou ainda mais quando foi levado ao *cockpit* para conhecer o comandante. Contemplou, hipnotizado, as consolas de luzes intermitentes e botões que controlavam o gigante e demorou algum tempo a persuadir o jovem a voltar para o seu lugar. Depois do jantar, as duas crianças adormeceram, Piet com a cabeça no colo da mãe e Suniva enroscada numa bola defensiva com a cabeça escondida debaixo de um cobertor. Mas Hannah e Lars permaneceram acordados, saboreando o luxo do champanhe e da conversa murmurada, de mãos dadas, olhando para fora para as estrelas que os acompanhavam e para uma lua pálida que oferecia vislumbres de terras escuras e desertas em baixo.

Os primeiros raios da alvorada inundaram a cabina com a promessa de um novo continente. Lars sentou o filho junto à janela e apontou para os campos verdes, bem delineados por sebes, e para as linhas e quadrados das pequenas casas confinando umas com as outras em vilas e aldeias, surgindo e desaparecendo através das nuvens. E depois viram a própria cidade, estendendo-se por inconcebíveis quilómetros de cada lado do Tamisa. O rio cintilava, castanho e prateado à primeira luz da manhã, atravessado por

pontes e flanqueado por pináculos e torres antigos, bem como edifícios altos e modernos que se erguiam lado a lado no solo em baixo.

– Apetece-me chorar – disse Hannah, baixinho. – É um novo mundo para mim e, contudo, conheço-o bem dos poemas e livros que líamos na escola e dos filmes que vi. Dá-me ideia que estou a sonhar, mas tu trouxeste-nos aqui de verdade, Lars. Para vermos com os nossos próprios olhos.

Camilla estava à espera deles nas chegadas, o seu rosto iluminado de prazer. Ao olhar para ela, Hannah ficou mais uma vez impressionada com a sua beleza delicada e a maneira como ela parecia flutuar, mais do que caminhar, de um sítio para outro. A sua pele era pálida e luminosa e o seu cabelo louro caía numa forma perfeita sempre que virava a cabeça. Hoje em dia, só aceitava os trabalhos de modelo mais prestigiados, mas a sua fotografia foi uma das primeiras coisas que Hannah viu num enorme cartaz na zona de chegadas do aeroporto, num anúncio a um novo perfume francês.

– Há quanto tempo – disse Hannah, comovida com as lágrimas nos olhos de Camilla.

– Cheguei de Nova Iorque há quase três semanas, mas têm sido uns dias extenuantes – disse Camilla, abraçando as crianças, rindo e chorando ao mesmo tempo, enquanto os conduzia a uma limusina que esperava. – Queria libertar-me de todos os compromissos enquanto cá estivessem para lhes mostrar Londres pessoalmente e podermos passar algum tempo juntos. Tive tantas saudades vossas e prometi a mim mesma nunca mais estar tanto tempo longe de casa. Ainda não acredito que estão aqui nem me lembro da última vez em que aguardei tão ansiosamente uma coisa.

No seu apartamento de Knightsbridge, as crianças andaram de sala em sala, desfrutando da vista das grandes janelas do terceiro andar sobre a frondosa praça em baixo. Não tardou que pairasse o aroma a café e estivessem a comer *croissants* folhados da pastelaria da esquina.

– É como viver numa casa numa árvore – disse Piet, e até Suniva se pôs à janela com um ligeiro sorriso no rosto.

– Às tantas devíamos descansar algumas horas – disse Hannah. – Sobretudo as crianças. – Mas sabia que era impossível. Queria estar onde

pudesse absorver a vibração daquele lugar, o movimento incessante do trânsito, as buzinas e as sirenes, os roncões dos táxis e a chiadeira dos travões nas paragens de autocarro na vizinha Brompton Road.

E, neste estado de espírito, partiram à conquista da cidade. A pedido de Lars, viajaram no segundo andar dos autocarros com Piet e Suniva na fila da frente, aos solavancos, aparentemente prestes a cair ou a colidir com os automóveis, os táxis e as bicicletas que ziguezagueavam em baixo. Pararam em frente ao Palácio de Buckingham e observaram a Guarda Real a percorrer a Mall nas suas montadas luzidias, o sol a reflectir-se nos altos capacetes de latão, sempre na esperança de que a rainha aparecesse à varanda do palácio. Mais tarde, almoçaram à beira-rio, levando sanduíches, *Pimm's* e limonada para o sol e sentando-se a uma mesa para contemplar as lentas barcas a passar e as multidões a atravessar a Ponte de Westminster.

– Haviam de ter visto a cidade durante o Jubileu de Prata da rainha – disse Camilla. – A atmosfera era maravilhosa mas havia gente a mais e era muito difícil uma pessoa movimentar-se.

– Isto é mais que suficiente para mim, no que toca às multidões – disse Hannah, recostando-se na cadeira, um pouco inebriada com o *Pimm's*. – Estou estourada. Não consigo fazer mais nada, a não ser esperar ser capaz de chegar ao apartamento.

– Estou espantada que tenhas aguentado tanto, depois de teres saído de um avião – disse Camilla. – Hoje jantamos em casa. Só nós, embora o Tom seja capaz de aparecer para uma bebida. Não os vê há dois anos... desde que foi visitar a nova oficina em Langani... e quer dar-lhes as boas-vindas a Londres.

No seu íntimo, Hannah ficou desapontada por ter de estar com gente nesta primeira noite, especialmente Tom Bartlett, com o seu humor mordaz, roupas elegantes e sofisticados hábitos londrinos. Ao longo dos anos, tornara-se íntimo de Camilla, a quem dava um apoio leal como agente e como amigo. Mas Hannah tinha a certeza de que ele queria mais. Desconfiava que as suas muitas namoradas não passavam de um embuste enquanto esperava que Camilla compreendesse que era com ele que devia estar. Para sempre. Agora interrogava-se se Tom se teria finalmente tornado

na principal razão por que Camilla ficara em Londres e Nova Iorque tanto tempo.

– Tenho muita vontade de o ver mas entretanto preciso de me deitar um pouco. – Hannah sorria, mas o seu coração estava carregado de inquietação. Não seria uma noite relaxada. – Agora têm de descansar – disse ela às crianças, dirigindo-se para o quarto. – Senão não podem jantar connosco.

– Vai-te deitar que eu trato destes dois – disse Camilla. – Posso ser muito severa quando é preciso.

– Tenho dificuldade em comunicar com o Tom. – Hannah caiu na cama ao lado de Lars. – Apesar de ter sido ele que iniciou a Camilla na carreira de modelo. Tem tido sucesso a promover a colecção de roupa dela e as coisas que fazemos na nossa oficina em Langani. Mas há qualquer nele que me soa a falso.

– É um homem de negócios habilidoso numa grande cidade e nós somos um par de agricultores do *bundu* africano. – Lars já estava afectado pela fadiga da diferença horária. – Mas acho que ele é sincero. Cumpre as promessas que faz à Camilla e a nós. Falamos uma língua diferente, é tudo.

Tom chegou com champanhe e flores e prendas para as crianças. Piet guinchou de prazer ao desembulhar um autocarro londrino em miniatura com telecomando e Suniva recebeu calças boca-de-sino verde-lima, com um *top* a condizer. Dobrou-os cuidadosamente e voltou a guardá-los na caixa, antes de se sentar à frente de Tom para o inspeccionar mais de perto, registando o seu cabelo pelos ombros, a gravata larga e florida, as calças boca-de-sino e as botas de tacões altos muito engraxadas. Ele tinha o braço à volta dos ombros de Camilla, que estava sentada ao seu lado no sofá, a cabeça encostada ao seu ombro. Ela usava um cafetã azul, bordado e decorado com missangas e cristais pelas *bibis* de Langani. Tinha amarrado o cabelo atrás e estava com brincos de topázio azul que espelhavam a cor dos seus olhos.

– À vossa – disse ela, olhando para Lars e Hannah. – Foi um dia maravilhoso. Tenho a sensação de ter visto Londres pela primeira vez.

– Ainda gosto mais da cidade do que tinha imaginado – disse Hannah. – Faz-me lembrar a escola. De ter aprendido «Westminster Bridge» e lido sobre o Grande Incêndio de Londres e os reis e as rainhas. Lembras-te de Miss Moss? Ela costumava ler-nos nas aulas de Inglês e História, esforçando-se imenso por dar vida às palavras. Pergunto-me agora se também estaria a recriar as coisas para si mesma. Para as manter vivas na memória. Estava há muito tempo longe daqui mas ainda chamava «casa» a Londres. Que é que achas que lhe aconteceu quando finalmente voltou depois da Independência? Achas que a encontrou mudada e ficou desiludida? Será que conseguiu adaptar-se ao fim de trinta anos em África?

– Nós não éramos bondosas com ela – disse Camilla. – Ríamo-nos dela, com os seus vestidos antiquados e sempre iguais. Tinha aquela permanente, o cabelo pintado de preto como um corvo, preso com um travessão de tartaruga. E aquele cão horrível. Parecia uma salsicha torta e peidava-se e mijava durante as aulas. Naquela idade não percebíamos a que ponto ela era dedicada. Como podíamos enquanto não tivéssemos estado a milhares de quilómetros das nossas casas para descobrirmos por nós o que eram as saudades de outro lugar e outra época?

– Foi uma sorte então eu estar aqui para te confortar – disse Tom. O seu sorriso era sardónico, mas tocou na face de Camilla com ternura.

– Vocês parecem pessoas de um livro de histórias.

Todos se viraram para olhar para Suniva, que passara o dia aprisionada no seu auto-imposto silêncio de pedra. Hannah soltou um leve suspiro de alívio a este primeiro sinal de degelo. Estendeu uma mão, mas a filha desviou-se, rejeitando o contacto físico.

– Nós somos pessoas de livros de histórias – disse Tom. – É o que uma grande cidade como Londres tem de divertido. Não é preciso ser a mesma pessoa nem fazer as mesmas coisas todos os dias. Uma pessoa pode decidir quem quer ser ao acordar de manhã, dependendo de como se sente. Pode portar-se como a rainha, passeando por Londres e acenando às pessoas do carro. Ou pode querer ser alguém que canta e dança no passeio. Ou um pombo gordo que anda por ali a passear, à espera de fazer cocó em cima dos turistas. Quem é que tu queres ser amanhã?

– Gostava de ser eu mesma. Em Langani. – Suniva baixou os olhos, a sua expressão mais uma vez amuada. Seguiu-se um silêncio incómodo antes da sua pergunta seguinte. – És o namorado da Camilla?

– Não, não sou. – A gargalhada de Tom foi forçada. – Não tenho essa sorte. Neste momento, estou sentado ao lado dela e feliz por ser amigo dela. E estou a celebrar o facto de ela ter voltado de Nova Iorque por uns tempos. Já não passa tempo suficiente em Londres.

– Também não passa tempo suficiente no Quénia – interveio Hannah.

– Já tomei a decisão de alterar essa segunda situação – disse Camilla, com as faces coradas. – Anda ajudar-me a pôr a mesa, Suniva. – Levantou-se, criando uma distância entre ela e Tom. – Podes ficar para jantar, se deixares de falar de mim como se eu não estivesse aqui. Combinado?

Ele sorriu e assentiu, e Hannah teve a certeza de que ele se tornara numa figura sempre presente na vida privada de Camilla em Londres, além de ser seu agente. E talvez mais. Perguntou-se como Anthony encaixaria neste quadro. Era difícil perceber se ele tinha realmente importância. O seu nome não fora mencionado durante todo o dia, excepto numa breve pergunta quando vinham do aeroporto.

– Viste o Anthony antes de partires? Ele esteve no *lodge*? – O tom de Camilla fora ligeiro e era impossível ver a expressão nos seus olhos azuis, atrás dos óculos de sol.

– Falei com ele pelo rádio na véspera de partirmos – disse Hannah. – Estava acampado em Meru mas planeia passar por Langani quando viajar para sul com os clientes.

Não se falara mais nele mas o dia fora tão repleto de actividades que nem Hannah nem Lars haviam estranhado o facto.

Momentos depois, sentaram-se à mesa, as crianças exaustas e incapazes de reprimir os bocejos ou resistir a esfregar olhos que ardiam. Hannah já ultrapassara a fadiga e, depois do champanhe e de um segundo copo de vinho, deu por si mais à vontade com Tom, sentado à sua frente, separados pelos reflexos da luz das velas em copos de pé, pratos e jarras de flores estivais.

– Marquei uma entrevista contigo para um jornal – disse ele.

– Comigo? – Hannah ficou estupefacta. – Acho que não posso...

– Há por aí muitos leitores desejosos de conhecer a mulher que produz carteiras, cintos e casacos tão exóticos num velho telheiro rural no meio da África profunda. É raro os artigos étnicos sobreviverem tanto tempo no mundo da moda apesar das influências alargadas que existem hoje.

– Isso deve-se aos desenhos variados da Camilla – disse Hannah, ofendida com a descrição da sua oficina. – Ela é muito conhecida, a sofisticação personificada. Se ela os criou, se os usa e se anda com eles, é porque são bons. Eu só supervisiono o corte e os bordados. Não teria nada a dizer às pessoas envolvidas na alta-costura.

– Ah, mas tu és a luz escondida – disse Tom. – Todos os dias na oficina, mantendo os padrões de qualidade elevados. É o que diz a Camilla e, agora que vieste finalmente a Londres, queremos exhibir-te. É um bom ângulo em termos de cobertura da imprensa. Organizei um artigo de fundo numa das revistas de luxo... a *Tatler* vai publicar um artigo sobre ti e a Camilla que também contemplará a vida selvagem na propriedade e o *Lodge* Langani. E o *Daily Mail* também vai publicar um artigo.

Ela preparava-se para protestar quando Lars bateu palmas em sinal de aprovação. – Isso é uma notícia bestial – disse ele. – Ela merece, a minha Hannah. Será uma óptima publicidade para nós e para o Quénia, em geral. Quando é essa entrevista?

– É um almoço – disse Camilla. – Com um repórter amigo do *Daily Mail*. Mais tarde, vamos aos escritórios da *Tatler*. Já mandei diapositivos de nós com o Anthony no *lodge* e algumas fotografias da oficina que tenho a certeza que vão usar.

– Eu levo as crianças a ver as atracções turísticas nesse dia – disse Lars. – Não vale a pena levá-las a almoçar num restaurante fino. – Viu a expressão de alívio na cara de Tom, que lhe desagradou apesar de a sugestão ter partido dele.

– Preferia que viessem ao almoço – disse Hannah, entrando em pânico.

– Não, Han. É uma oportunidade profissional para ti. – Lars foi firme. – As crianças vão adorar a Torre de Londres e os guardas. Leram sobre eles e querem ver a Porta dos Traidores e as Jóias da Coroa. Disseste que achavas

demasiado sinistro e que não querias visitá-la. Assim ficam todos satisfeitos.

– Vão tentar arranjar tempo para visitar o retiro da Camilla no campo? Se querem ver a Inglaterra pitoresca e tradicional, têm de visitar a casa de campo dela no Gloucestershire. – Tom olhou de relance para Camilla. – Não percebo porque é que ela não se desfaz dela, já que lá vai muito raramente. Que eu saiba. Mas às tantas usa-a para encontros clandestinos com um dos muitos admiradores dela.

– O que é um encontro clandestino? – Suniva dirigiu a pergunta a Camilla.
– Também posso ter um?

– Gostávamos de fazer tudo – interrompeu Hannah. – Mas o tempo é pouco e decidimos limitar-nos a Londres e à Noruega.

*

Durante os três dias seguintes, deram de comer aos patos em Hyde Park e admiraram a explosão de flores que ladeavam a relva aveludada. No metro, a única desilusão foi quando o comboio emergiu por momentos na luz do dia e deixaram de estar confinados à escuridão ruidosa e à excitação de andar debaixo da terra. Em King's Road, Lars olhou, boquiaberto, para os *punks* com roupas de couro cravejadas de tachas, horrorizado com os seus cabelos espetados e tatuagens, as botas pesadas, os rostos com *piercings* e os punhos de metal. Achou mais perturbante ainda as raparigas pálidas e mal-arranjadas que andavam pela rua, por vezes de olhos vazios e tristes, mas muitas vezes agressivas e barulhentas. Camilla riu-se da sua reacção, mas ele só esperava que os filhos não quisessem seguir esta moda londrina em particular. Visitaram o Planetário e o Madame Tussauds' e desfrutaram de um passeio de barco no rio que os levou de passagem por Westminster e pelas Casas do Parlamento. Até Suniva se sentou delicadamente na sua cadeira dourada para o chá da tarde no Hotel Ritz. E depois, foram a Trafalgar Square, onde ela se viu forçada a esboçar um sorriso relutante quando excrementos de pombo caíram nos ombros largos do pai, sujando o seu novo casaco de *tweed*.

À noite, as crianças eram aconchegadas na cama ou autorizadas a ver televisão com a governanta de Camilla, que lhes ensinava rimas em calão *cockney*. Hannah exultou com a sua primeira experiência do teatro londrino e uma visita aos bastidores. Os jantares tardios à luz das velas eram seguidos de idas de táxi aos mais famosos clubes onde o ruído ensurdecedor e martelado da música e a imediata disponibilidade de uma mesa para Camilla, em todos os lugares onde ela os levava, deixavam Lars atónito.

Foi na Galeria Nacional que se deu finalmente a mudança em Suniva. O irmão estava claramente enfadado, cansado e irrequieto.

– Se calhar era melhor eu levá-lo para o apartamento – disse Lars. – Ou podíamos esperar por vocês em algum café.

Hannah tinha a cabeça a latejar e doía-lhe o pescoço de levantar a cabeça para as intermináveis paredes repletas de quadros. Decidiu que estavam todos a precisar de uma pausa e olhou em volta, à procura da filha, apercebendo-se de que Suniva não estava em nenhum lado. – Onde é que ela está? Oh, meu Deus, por favor, não a deixes perder-se aqui.

– Não entres em pânico, Hannah – tranquilizou-a Camilla. – Não saias daqui sem eu chegar... provavelmente está na sala do lado, tão enfadada como o Piet.

– Não a conheces... não sabes como ela se tornou voluntariosa e obstinada ultimamente. Não tem medo nenhum de desaparecer sozinha. – Hannah contraiu os lábios, reprimindo o receio, banindo imagens de uma busca pela enorme cidade e afastando uma visão de acidentes, ambulâncias e hospitais.

– Eu encontro-a. Não te aflijas.

Não levou muito tempo a descobrir Suniva, numa sala próxima, de pé, em extasiado silêncio, diante de uma pintura de Rousseau.

– Podemos ficar aqui mais algum tempo? – Desviou por momentos os olhos suplicantes da tela.

– Claro que sim – disse Camilla. – Vou dizer aos outros que nos encontramos mais tarde em casa. Depois podemos as duas ver todas as salas com calma. Era o que eu costumava fazer quando vim viver para Inglaterra. Era mais velha que tu, mas tive de ir para uma escola horrivelmente

aborrecida e passava o meu tempo livre nos museus e nas galerias. Levo-te aos que quiseres.

– Andaste mesmo numa escola aborrecida? – Suniva estava incrédula. – Pensei que estavas sempre ocupada, com vestidos bonitos, a tirar fotografias e a ser famosa.

– Foi assim que acabei – disse Camilla. – Fui estudar História da Arte quando os meus pais estavam em Itália e isso foi mágico. Mas, mais tarde, mandaram-me para uma escola de secretariado fina, aqui em Londres, onde a maioria das coisas que ensinavam não tinha interesse nenhum. Vá, vamos dizer aos teus pais para levarem o Piet para casa.

Duas horas mais tarde, saíram da galeria, com vários livros sobre os maiores pintores do mundo. Camilla mandou parar um táxi.

– Queres parar em algum lado para tomar chá? Conheço um sítio onde servem os melhores pastéis franceses, com natas e compota e amêndoas e chocolate.

– Só as duas? – Suniva não conseguia conter o sorriso que lhe começara nos olhos.

– Absolutamente – disse Camilla. – Companhia de dois, companhia de bons.

– Pode ser – concordou Suniva. – Mas não gosto de amêndoas.

O proprietário cumprimentou-as em francês e instalou Suniva na cadeira com grandes atenções. Um empregado apareceu com chávenas e pires e talheres de prata pesados e, quando piscou o olho a Suniva, ela corou, algo confusa.

– Diz-me o que achas de Londres até agora – pediu Camilla, servindo o chá.

– Gosto dos sítios todos que visitámos – disse Suniva. – E é bom estar em tua casa, tão acima do chão, com os ramos junto às janelas. Mas agora quero ir para casa.

– Voltas para casa dentro de três semanas – disse Camilla. – E aí vais desejar que não tivesse sido tão curto. Entretanto, vais à Noruega visitar os teus avós e a quinta deles. O lugar onde o teu pai cresceu. Não queres fazer isso?

– Não. Quero ir para casa agora. – O rosto de Suniva havia recuperado a sua expressão agressiva. – Porque deixámos lá ficar o James. Não foi justo. Fazemos sempre tudo juntos, e eu chorei e detestei que ele tivesse de lá ficar.

Camilla ficou em silêncio por alguns momentos. Era a primeira vez, desde a sua chegada a Inglaterra, que Suniva dizia mais do que algumas palavras, e era importante proceder cautelosamente com uma confiança tão inesperada.

– Eu sei como te sentes – disse ela, por fim.

– Não, não sabes. Podes ir para onde quiseres e quando quiseres – disse Suniva. – E podes levar contigo quem quiseres.

– Nunca é assim tão fácil – contrapôs Camilla. – Tenho de deixar o Anthony quando venho para Londres ou vou para Nova Iorque e isso entristece-me sempre. Apesar de ter sido obrigada a deixá-lo muitas vezes e saber que o vou ver em breve.

– Não é a mesma coisa. – Suniva fez beicinho. – Ele podia vir contigo se quisesse. Seja como for, a mamã e o papá dizem que ele não te merece.

– Bem, quanto a isso, tenho de ser eu a decidir. – Camilla tentou ignorar a dolorosa verdade da observação. – Talvez haja uma razão especial para o James não poder ter vindo contigo desta vez. Alguma coisa que tu não sabes ou talvez não compreendas por agora. Mas podes rectificar isso para ele não se sentir triste sem ti.

Suniva massajou os olhos com a mão. – Como?

– Olha um plano – disse Camilla. – Vamos comprar postais de tudo o que viste aqui e selos também. Podes escrever atrás mensagens para o James e, a caminho de casa, metemos os primeiros no marco do correio vermelho perto do apartamento. E, a partir de agora, podes mandar-lhe um todos os dias. Também te vou comprar uma caixa de tintas e um caderno de desenho para poderes fazer desenhos teus para lhe mostrar. E um diário para escreveres.

– Que tipo de coisa é que eu escreveria? – A ideia suscitou um franzir de testa.

– Podes anotar observações sobre os lugares que visitas em Londres e na Noruega. Assim, recordas-te claramente deles quando voltares para casa e quiseses descrevê-los ao James. E ele pode partilhar as tuas férias apesar de não estar aqui contigo. E também compreende que não te esqueceste dele. Que tiveste saudades dele. Não achas boa ideia?

– Acho – disse Suniva, pondo de lado o bolo. – É. Podemos comprar já os postais para ele saber que não me esqueci dele?

– Podemos – disse Camilla, pedindo a conta. – Vamos comprar daqueles postais muito grandes e podes escrevê-los e pô-los no correio a caminho de casa.

– Estou um pouco nervosa por causa do almoço e das entrevistas – disse Hannah. – Espero não te deixar ficar mal.

– Dexa-te de merdas. – Camilla riu-se. – Já que és uma pessoa tão prática. Vai correr tudo bem. Um artigo sobre a nossa oficina e o *lodge* vale muito mais do que qualquer publicidade paga, que aliás não podíamos pagar. Também havemos de fazer uma referência aos safáris do Anthony.

– Foi bom falar com ele ao telefone ontem à noite – disse Hannah. – Ainda bem que entrou em contacto com o Mike Stead e que vai dar um salto a Langani em breve. – As suas palavras seguintes saíram num tropel. – Não falámos sobre ele, mas qual é a situação entre vocês os dois? Quer dizer, ele percebe tudo o que fizeste por ele, levando tantos clientes da Europa e dos Estados Unidos e acompanhando-o em safári quando ele tem lá uma celebridade que precisa de ser entretida?

– Sou accionista da empresa dele. – A resposta de Camilla foi seca. – É do meu interesse fazer tudo para que as coisas corram bem. Além disso, adoro andar no *bundu* quando posso.

– Sim, mas será que ele aprecia verdadeiramente a maneira como tornaste os acampamentos dele tão sofisticados, com tapetes e castiçais, pratas a sério e tudo isso? Os Safáris Anthony Chapman são anunciados como o apogeu do luxo e aposto que quase todos os jornalistas são teus amigos. E, mais importante ainda, se não fosses tu, ele nunca teria recuperado do acidente.

– Isso deveu-se em grande parte à coragem dele. E os safáris são um sucesso graças aos seus conhecimentos e amor pelo mato. Além disso, tem uma relação excepcional com o pessoal no escritório e nos acampamentos.

– Camilla tornara-se defensiva. – Essas coisas também o aguentaram. Deram-lhe esperança.

– Já lá vão quase sete anos desde que o Anthony perdeu a perna – disse Hannah. – E deve ter sido difícil esquecer a imagem desse helicóptero em chamas e os meses no hospital. Mas agora está a viver uma vida normal que nunca teria conseguido sem ti e não parece compreender que tu és a parte mais vital dela.

– Ajudei-o a recuperar. – Camilla encolheu os ombros para retirar importância ao assunto mas o seu sorriso era demasiado radioso. – E quero lembrar-te que foste tu e a Sarah que me disseram que eu devia ficar com ele depois do acidente, desse por onde desse, se realmente o amava.

– Isso foi há muito tempo. – Hannah cruzou os braços, franzindo a testa. – Estou a perguntar agora. Estou a perguntar se ainda o amas ou se há outra pessoa na tua vida quando estás aqui ou em Nova Iorque. Alguém com quem estás de tempos a tempos. Com quem namoras, com quem vais para a cama. Não voltaste a apaixonar-te? Tens trinta e dois anos. Não acredito que vivas como uma das freiras de quem nos ríamos na escola.

– Não quero falar disto. – Camilla concentrou-se a aplicar rímel. – Mostra-me o que vais vestir para o almoço.

– Hoje em dia, passas meses a fio fora do Quénia. – Hannah não tencionava deixar-se relegar ao silêncio. – Depois chegas a Nairobi e, a partir desse momento, parece que o Anthony toma conta da tua vida. Só gostava de saber o que ele te dá em troca.

– Precisa de mim.

– E tu, de que é que precisas? – Hannah continuava a insistir. – Sim, ele perdeu uma perna a tentar salvar o teu pai de um avião em chamas. Mas não é por isso que não o deixas, Camilla. É porque o amas. Não achas que é tempo de reconheceres isso?

– Não sei porquê, mas tinha-me esquecido de como és brutalmente frontal – disse Camilla. – Devo dizer que não é o teu atributo mais atraente. E,

neste momento, não tenho tempo nem vontade de falar sobre o Anthony. Se queres resolver a vida de alguém, devias pensar na Sarah.

– Não vejo a Sarah desde que ela partiu sozinha para a selva. Merda. As minhas duas melhores amigas estão numa maldita confusão – disse Hannah.

– E, ao que parece, não consigo ajudar nenhuma.

– Talvez pudesses experimentar uma abordagem mais subtil. – Camilla estava novamente a sorrir. – Eras capaz de ficar surpreendida com os resultados. Como é que ela estava quando partiste?

– Só estivemos com o Rabindrah, que nos levou ao aeroporto – disse Hannah. – A Sarah ainda estava no lago Turkana. Espero que seja o sítio certo para ela estar... é tão isolado e ela já foi pelo menos há um mês. Pode estar a cismar, a ficar ainda mais deprimida. Lembras-te de como ela tinha descarrilado por completo da última vez que a vimos? Cheguei a perguntar-me se alguma vez recuperaria. O que é que achaste?

– Infelizmente, também não temos tempo para falar sobre ela, senão chegamos atrasadas ao almoço. – Camilla começou a vestir-se. – Neste momento, a nossa prioridade é lembrar a nós mesmas que somos jovens e atraentes e bem-sucedidas, caso contrário nunca mais convencemos um repórter a acreditar nisso.

– Ah, pois, e há outra coisa – disse Hannah. – O que é que vais fazer a respeito do Tom?

– Nunca desistes?

– Andas a dormir com ele? – insistiu Hannah. – Como um substituto do...

– Vou fazer de conta que não perguntaste. – Camilla empalidecera. – E preferia que não transformasses os dias que nos restam aqui na Inquisição de Londres.

– *Ach*, Camilla, desculpa. Não tenho o direito de me intrometer. E tens razão, sou demasiado directa, não sou suficientemente sensível. Nunca consegui apagar esse lado do meu carácter e continuo a ser um desastre quando se trata de calar a boca. Estamos a divertir-nos imenso e aguardo com ansiedade este almoço... para fazer alguma coisa que ajude Langani e a nossa oficina e os safáris do Anthony. Só quero que sejas feliz.

– Não sei bem se confio na felicidade. Desvanece-se demasiado depressa. Não é fiável. Anda lá, Hannah, nem sequer estás vestida.

– Pronto, vou abandonar este assunto por agora. Mas, quando voltarmos para casa, acho que devemos as duas pegar na Sarah e passar todas alguns dias juntas em qualquer lado. Não fazemos isso há uma eternidade. Qual das tuas carteiras posso levar para a minha fatiota não parecer comprada na *duka* do Patel em Nanyuki?

– Sim, é a minha primeira visita a Londres – disse Hannah a Graham Lance, o jornalista do *Daily Mail*. – Embora toda a gente esteja familiarizada com as atracções mais famosas, é impossível apreender o verdadeiro impacto da cidade enquanto não viermos pessoalmente. Tem sido mais empolgante do que imaginava, para toda a minha família.

– Nasceu então com nacionalidade britânica no Quénia? – perguntou Lance.

– Sou queniana – respondeu Hannah. – Queniana de terceira geração e orgulhosa disso. Depois da Independência, em 1963, as pessoas como eu tiveram a opção de conservar os seus passaportes britânicos ou de depositar a sua fé no país e pedir cidadania. Foi o que eu fiz.

– Mas é uma cidadã queniana branca. – O repórter queria um reconhecimento da diferença.

– Sou uma cidadã igual aos outros cidadãos todos – disse Hannah. – Negros, castanhos ou brancos, todos estamos a trabalhar para desenvolver o melhor das nossas diversas origens. O presidente Kenyatta chama-lhe o espírito de *Harambee*.

Ele não insistiu mais na questão da identidade racial. Ao fim de algum tempo, ela deu por si a falar naturalmente sobre a fazenda e a sua determinação em reservar uma parte de Langani para um santuário de vida selvagem. Quando o prato principal chegou, estava a gostar do ambiente na Langan's Brasserie e foi evidente o seu entusiasmo quando Michael Caine parou para cumprimentar Tom e Camilla e até lhe apertou a mão. Estavam todos ligeiramente tontos quando a sobremesa e o café foram servidos. Hannah recusou um licor, mas Tom pediu conhaque para ele e para o

jornalista. Quando se levantou e afastou a cadeira de Camilla, mal se aguentava nas pernas.

– Um jornalista despachado e mais um para despachar – disse ele, numa voz entaramelada. – Mas nas revistas de luxo tratam as pessoas com delicadeza. Vamos, Hannah, estás a sair-te bem e vais adorar as parvoíces chiques na *Tatler*.

– Estás podre de bêbado – disse Camilla, pegando-lhe no braço. – Acho que devias ir para casa dormir. Eu e a Hannah tratamos da entrevista da *Tatler* sem ti. Não precisamos de um pau-de-cabeleira bêbado.

– Posso estar completamente enfrascado – disse Tom, saindo do restaurante a cambalear. – Mas ninguém dá por ela, garanto-te. Tenho de dar a cara para ganhar o meu, querida.

Enquanto esperavam por um táxi, o cabelo louro de Camilla voava-lhe à volta da cara e ela parecia uma visão celestial que caíra do céu para trilhar o passeio por um breve e maravilhoso momento. Os seus olhos abriram-se de surpresa quando Tom a puxou para si e a beijou em cheio na boca. Apanhada desprevenida, encostou-se a ele por um segundo antes de o repelir. Um súbito *flash* disparou, levando Hannah a rodar nos calcanhares e a encarar um fotógrafo que levantou de novo a câmara.

– Quer comentar isto? – O homem fez um gesto a Camilla. – Não. Muito bem.. É-me indiferente, querida. Não são precisas palavras. *Ciao*.

– Meu Deus, que chato – disse Camilla, vendo-o afastar-se em passos largos. – Quem era aquele?

– Não faço ideia, mas não te preocupes. – Tom estava impenitente. – Andam sempre à porta dos restaurantes e dos hotéis a ver se ganham uns tostões mas não há-de vender uma fotografia nossa. Há peixes mais graúdos. Olha, aí vem o nosso táxi.

Na sala de reuniões apainelada, na *Tatler*, as coisas foram mais formais e Hannah sentiu-se um pouco intimidada ao apertar a mão da editora de reportagem, Joanna Williams. A entrevista, porém, não tardou a desviar-se de qualquer tema político e a concentrar-se na diversidade da Fazenda Langani.

– Há grandes áreas da nossa propriedade onde o solo é impróprio para cultivo – disse Hannah. – Áreas habitadas por elefantes, búfalos, leões, girafas, zebras e várias espécies de antílopes. Transformámos esta parte da nossa terra numa reserva de vida selvagem porque os animais precisam de ser protegidos dos caçadores ilegais e das povoações em expansão. O nosso programa de conservação também cria um corredor que permite à vida selvagem deslocar-se entre Langani e outros locais de pasto e bebedouros, sem causar danos às aldeias e fazendas circundantes.

– Como é que conseguem isso? – A jornalista estava a sorrir mas com um certo cepticismo. – Não consigo imaginar um agente de trânsito a desviar manadas de elefantes das zonas de cultivo mais próximas.

– Não é assim tão simples – disse Hannah, imaginando, com agrado um dos seus *askaris* num pódio com um apito. – Fazemos isso por meio de uma série de vedações e grades e deixando os trilhos tradicionais dos animais intactos para que haja um fluxo natural de movimento. Não adianta dizer às pessoas que têm de proteger os animais selvagens quando um elefante ou um búfalo acabou de lhes destruir as colheitas ou até mutilou ou matou um membro da sua família. Enquanto os pequenos proprietários africanos não se convencerem de que a vida selvagem pode ser gerida como uma mais-valia e de que faremos os possíveis por proteger as suas *shambas*, bem como a nossa fazenda, não podemos esperar cooperação.

– Como é que fazem chegar a mensagem? – perguntou Joanna.

– Estamos lá para ajudar, se um animal selvagem anda a destruir propriedades ou a ameaçar uma casa. Por exemplo, no mês passado, o Lars teve de abater um búfalo solitário que estava a atacar uma povoação vizinha. Felizmente, não tinha ferido nem matado ninguém mas teria sido apenas uma questão de tempo. Os nossos guardas-florestais patrulham também os limites de Langani para proteger os dois lados das vedações. Empregamos pessoas locais na fazenda, bem como na nossa oficina e no *lodge*. Por outro lado, tenho em funcionamento uma clínica para as mulheres e para as crianças. Além de uma pequena creche.

– Quando os seus pais deixaram o Quénia depois da Independência tomou conta da Fazenda Langani com o seu irmão. Correcto?

– Sim, foi assim. – Hannah era finalmente confrontada com o assunto que temera.

– Criaram tudo isto em memória do seu irmão? Pelo que sei, ele construiu o *Lodge* Langani original mas foi assassinado na fazenda pouco depois e o edifício foi subsequentemente incendiado. Por que razão se deram estas ocorrências? Não se sentiu tentada a deixar também o país depois de uma tragédia dessas?

O tom da jornalista era neutro mas a pergunta atingiu Hannah como uma bala.

– O homem que matou o meu irmão tinha trabalhado por um curto período de tempo na fazenda. Devia ser uma pessoa instável ou talvez guardasse algum rancor desconhecido que resultou neste acto terrível. – A voz de Hannah era firme. – Mais tarde, entregou-se à polícia e morreu na prisão enquanto aguardava julgamento. O incêndio foi considerado um acidente. Quando não há muita chuva e o mato está seco, estas coisas acontecem. No entanto, reconstruímos o *lodge*, respeitando o projecto inicial, e tem sido um grande sucesso. Por isso, suponho que, em parte, é uma homenagem à visão do Piet e à sua vida.

– Não tenciona então sair de lá?

– Nasci e cresci queniana e quero dar o meu contributo ao desenvolvimento do país. Nunca me passaria pela cabeça abandonar Langani.

– Fale-me do *lodge*. Depreendo que é pequeno e exclusivo.

– O *Lodge* Langani foi o sonho do Piet... uma forma de trazer hóspedes para verem os animais de um ponto de observação pequeno e privado e de usar as receitas para proteger a vida selvagem. Ele construiu-o sobre as rochas e árvores, usando materiais que se encontravam na nossa propriedade... telhados de colmo, madeira local para as paredes e para a mobília, pedra polida nos pavimentos e nas prateleiras. Não existe uma única linha recta na construção. Os tecidos são todos locais e tingidos à mão, transformados em cortinas, almofadas e tapetes na nossa oficina. E uma grande parte dos alimentos que servimos é cultivada na minha horta ou criada na fazenda.

Revelou-se fácil desviar a conversa da morte de Piet e concentrar-se no *lodge* e na oficina em que vinte mulheres quicuias e masai haviam sido treinadas para produzir bordados e aplicações de missangas para as roupas e acessórios de Camilla.

– Bem, a sua coragem e visão constitui decerto uma história inspiradora. – Joanna Williams olhou para a sua entrevistada com indisfarçável admiração. – Adorava conhecer a Fazenda Langani. Parece irresistível em todos os sentidos, com todas as suas complexidades.

– Que dia estupendo – disse Camilla, quando se enroscaram no sofá depois do jantar. – As entrevistas correram excepcionalmente bem e o Lars parece ter-se divertido imenso com as crianças, ainda que isso o tenha mandado para a cama cedo. É espantoso como um homem tão grande tem tão pouca genica quando se trata de passar algum tempo com dois filhos enérgicos. Estás pronta para a Noruega, Han? Vai ser um contraste tranquilo, depois da correria e bulício de Londres.

– Sim, estou pronta – disse Hannah. – O Lars está muito orgulhoso por nos levar lá e tenho a certeza de que vai ser fantástico.

– Há qualquer coisinha enterrada nessas palavras. – Camilla serviu dois copos de vinho.

– Eles são simpáticos e generosos, os pais do Lars, e adoram a Suniva e o Piet. Mas para mim é mais difícil criar uma verdadeira ligação com eles – disse Hannah.

– Por causa da língua?

– Em grande parte, sim. O Jorgen fala inglês bastante bem mas a Kirsten não sabe mais que meia dúzia de palavras e tem vergonha de as usar. Quando passam férias no Quénia, é sempre um problema comigo – confessou Hannah. – Já me tenho sentido uma estranha na minha própria casa quando se põem a falar em norueguês como se eu não existisse. Houve dias em que o Lars os levou ao Parque Nacional de Aberdares ou noutro passeio qualquer e eu fiquei em casa. E depois senti-me culpada pelo alívio de ficar sozinha em lugar de fazer um esforço por eles. Pelo Lars.

– Toda a gente tem sentimentos contraditórios a respeito dos sogros – disse Camilla. – Compreendes alguma coisa de norueguês?

– Não o suficiente para manter uma conversa. Nunca dediquei tempo a isso e tenho vergonha. As crianças apanham palavras e frases com facilidade e o Lars por vezes fala com elas em norueguês, mas para mim é um esforço. Agora que vamos estar todos juntos durante quase três semanas, estou com medo de voltar a ficar de fora. – Hannah recordou-se dos momentos em que fora excluída contra vontade das conversas entre Lars e os pais. – Não quero sentir mágoa nem sequer ressentimento quando fico de fora das conversas de família e das evocações de coisas que o Lars fazia em criança que põem todos a rir.

– Talvez lá seja diferente – disse Camilla. – Talvez se esforcem mais por te incluir porque desta vez os anfitriões são eles e hão-de querer que te sintas parte do que têm para oferecer.

– Espero que sim. – Hannah não estava convencida. – Seja como for, é a concretização de um sonho do Lars e isso é o mais importante. Mais vinho, por favor. Endurece a alma, e é o que eu preciso.

A sua última noite em Londres foi um triunfo de planeamento da parte de Camilla. A *Guerra das Estrelas* estreara recentemente. Ocuparam os lugares no maior cinema que já tinham visto, armados de sacos de pipocas, deslumbrados com o ecrã gigante. Assistiram às aventuras de Han Solo na sua nave maltratada e às heróicas batalhas espaciais entre as forças do Império Galáctico, chefiadas por Darth Vader, e os Cavaleiros Jedi com os seus sabres de luz. Mais tarde, vaguearam pelos arcos do Bairro Chinês, admirando as lanternas coloridas, os dragões esculpidos e as exóticas estátuas orientais, frascos e leques em exposição nas montras atulhadas das pequenas lojas. Os restaurantes eram ruidosos e estavam apinhados, com vapor e chamas crepitantes nas cozinhas. As duas crianças ficaram espantadas com a selecção de comida, olhando, admiradas, para filas de patos secos pendurados em ganchos, tentáculos de polvos viscosos e patas de galinha em travessas de metal, e bolas de massa fumegantes em cestos de bambu que seleccionavam de carrinhos de *dim sum*, que chocalhavam

pelas estreitas passagens entre as mesas. Suniva queria experimentar os pratos mais estranhos e rapidamente aprendeu a pegar na comida com pauzinhos e a metê-la à boca. Piet era mais cauteloso, limitando as suas escolhas a alimentos que pareciam familiares e podiam ser comidos com colher e garfo. Mais tarde, Camilla conduziu-os através das luzes de néon brilhantes e o trânsito barulhento que circulava em redor da estátua de Eros em Piccadilly Circus, e caminharam por passeios apinhados de pessoas que saíam dos teatros e das discotecas, imersas na vida nocturna vibrante da cidade. Regressaram ao apartamento no conforto de um táxi londrino, rindo-se e guardando as recordações para depois as contarem nos espaços selvagens e abertos da sua casa africana.

De manhã, Suniva esperou que Hannah estivesse ocupada a fazer as malas para mostrar o seu último postal de Londres.

– Camilla, acabaram-se-me os selos.

– Se formos agora aos correios e tivermos de fazer fila, podemos chegar tarde ao aeroporto – disse Camilla. – Eu compro um selo mais tarde e ponho-to no correio. Ou podemos tentar no aeroporto.

– Não. Prefiro que o ponhas no correio aqui – disse Suniva, com uma expressão circunspecta. – Desde que prometas que o pões hoje.

– Prometo – disse Camilla. – Não achas que devíamos falar à tua mãe dos postais para o James? Provavelmente ela própria já lhe mandou um ou dois e podem mandar mais as duas da Noruega.

– Não! – Suniva agarrou no braço de Camilla. – Não. Tens de jurar que não dizes a ninguém. Jura!

– Não digo a ninguém – disse Camilla, levantando as mãos em sinal de rendição. – Mas *tu* devias dizer porque é estúpido esconder coisas desnecessariamente. Todos na tua família gostam do James. Não há necessidade de ter segredos sobre ele.

– Se a mamã o amasse, não o teria deixado em casa – disse Suniva, com o rosto encrespado numa expressão obstinada. – E tu não deves dizer porque prometeste.

Suniva falava de James sempre com muita intensidade, e Camilla perguntou-se se os pais compreenderiam a verdadeira profundidade da sua ligação ao rapaz. Não sabia se ele nutria sentimentos tão poderosos e começava a lamentar que uma distração inocente se tivesse transformado num engano. Agora era demasiado tarde para abordar o assunto com Hannah, mas resolveu fazê-lo quando voltasse ao Quénia.

– Anima-te – disse ela, abrindo os pequenos dedos de Suniva e libertando-se no momento em que o porteiro tocou à campainha e entregou os jornais da manhã. – Eu vou à primeira estação de correios que vir assim que... Oh, meu Deus! Oh, merda!

A primeira página do *Daily Mirror* exibia uma fotografia de Tom Bartlett a beijá-la à porta da Langan's Brasserie.

O romance faísca entre a modelo internacional e estilista Camilla Broughton-Smith e o amigo e agente de longa data, Tom Bartlett.

Não leu a parvoíce que se seguia ao bombástico cabeçalho, enfiando o jornal atrás de uma almofada do sofá e mordendo o lábio, consternada.

– É uma fotografia tua – disse Suniva, radiante. – Com o Tom a beijar-te nos lábios! Vi logo que ele era o teu namorado! Posso ficar com ela?

– Não, não podes – respondeu Camilla num tom áspero. – E não quero que digas nada a ninguém sobre ela. Guardo o teu segredo se guardares o meu.

– Combinado – disse Suniva, sorrindo.

Quando se despediram no aeroporto, Camilla foi invadida por uma sensação de perda e desânimo. Tinha compromissos que a reteriam na Europa durante algumas semanas. A sua nova colecção de roupa fora bem recebida e Camilla estava mais do que satisfeita com as encomendas que chegavam de grandes armazéns dos dois lados do Atlântico, mas estava cansada de reuniões de venda e de dias e noites repletos de entrevistas e de participações como convidada em festas cheias de gente que mal conhecia. A admiração superficial que inspirava e a intrusão constante da imprensa eram esgotantes. Durante a visita de Hannah soubera-lhe bem a liberdade

de ter cancelado os seus compromissos, mas agora era tempo de se lançar novamente em pleno no mundo da moda.

Queria partir, voltar para o seu estúdio em Nairobi, a desenhar e a cortar amostras. A sua maior satisfação residia em trabalhar com as mulheres em Langani. Estas sentiam orgulho nas suas capacidades e riam-se da ideia do impacto que a sua obra tinha em cidades que excediam o seu conhecimento e imaginação. Camilla tinha um grande quadro numa parede da sala comprida e arejada que actualizava constantemente com fotografias de desfiles em lugares distantes. A visão das roupas e acessórios de Langani usados por raparigas pálidas de pernas altas, que faziam beicinho e tinham pestanas pintadas de cores estranhas, causava ataques de riso às *bibis*, que não compreendiam os pequenos seios e as clavículas salientes que as jovens mulheres exibiam.

– Eh, comem mal essas pobres raparigas – diziam elas. – Não serviam para nada na cama de um homem, só pele e osso como uma *ngombe* doente. Deviam ser mandadas para casa para as mães as engordarem a ver se rendiam um bom preço como noivas. Para que é que servem assim?

Os seus rostos escuros e alegres e a sua disposição para aprenderem eram bem diferentes das pessoas que confeccionavam as colecções de pronto-vestir de Camilla, na Europa e nos Estados Unidos, onde até as mais ínfimas alterações tinham de ser negociadas à luz de trabalho à peça, horas extraordinárias e balanços financeiros.

Acima de tudo, queria conservar a esperança cada vez mais remota de reavivar o seu romance com Anthony. Apesar do seu envolvimento na vida profissional dele, não houvera qualquer indicação da parte de Anthony de que alguma vez retomaria a relação apaixonada que já haviam vivido. Nenhum sinal de que agora considerasse Camilla como algo mais do que a sua melhor amiga e apoiante. As observações de Hannah haviam despertado uma dúvida profunda. Ele tinha levado praticamente três anos a recuperar do seu ferimento. Irritara-se com as longas e dolorosas sessões de fisioterapia, enfurecera-se com o lento processo de aprender a equilibrar-se, mais tarde, a caminhar com muletas e, por fim, a usar a sua nova perna e a aprender a conduzir o jipe que Indar Singh lhe adaptara. Embora sofresse de

crises de depressão irada, recusava-se a considerar tratamento médico para estes estados de espírito tenebrosos. Tornara Camilla directora da sua empresa. Ocasionalmente, ela acompanhava-o se tivesse convencido os clientes a inscreverem-se num safári ou se fossem clientes frequentes que a haviam conhecido numa visita anterior. Mas não partilhava a cama de Anthony e o pessoal do acampamento abanava a cabeça e interrogava-se quando o *bwana* iria ganhar juízo.

Agora que Hannah e Lars estavam de partida, ansiava por regressar a Nairobi. Debatia-se, no seu coração, para se convencer de que, se o desejasse o suficiente, se esperasse o suficiente, Anthony acabaria por mudar de ideias. Ele estava novamente com saúde e ela esperava que fosse apenas uma questão de tempo. Contudo, tinha perfeita consciência de que haviam passado quase sete anos desde que regressara ao Quénia para o funeral do pai e continuara lá para cuidar do homem que amava. Havia muitas noites em que ficava acordada, rodeada pela solidão e incerteza da sua vida aparentemente glamorosa e pelo medo crescente de que Anthony Chapman jamais voltasse a desejá-la.

– Vemo-nos em Nairobi – disse Hannah, surpreendida com a angústia de Camilla. – Londres foi uma maravilha, foi mesmo. Passámos um tempo *lekker* e tu estragaste-nos com mimos. Volta depressa para casa.

– Voltarei assim que puder. – Camilla estava a chorar descontroladamente. – Amo-te, Han. Amo-vos a todos.

Só quando estavam na zona de partidas é que Lars viu o *Daily Mirror*.

– Se calhar a Camilla e o Tom não ficavam assim tão mal um com o outro – disse ele, sorrindo ao ler o cabeçalho. – Ele é louco por ela, mesmo que ela prefira não o reconhecer.

– Acho que nunca resultaria – disse Hannah. – Ela ainda está apaixonada pelo Anthony. Tal como a Sarah nunca deixou de amar o Piet, apesar de ele ter passado anos sem reparar nela. Mas ela não perdeu a esperança e, finalmente, ele acordou para a realidade e pediu-a em casamento. Foi só dias antes de morrer mas, pelo menos, ela ficou a saber que ele também a

amava. – Aproximou-se do marido e enfiou-lhe a mão no braço. – Mas há uma coisa que eu sei com toda a certeza.

– A minha Hannah. Sempre cheia de certezas – disse ele. – Desta vez, o que é?

– Que tu és o homem ideal para mim, que estamos sempre de acordo em tudo o que é importante e que sou a rapariga mais felizarda do mundo.

Foram palavras de que viria a recordar-se. Palavras que não tardariam a voltar para a assombrar.

CAPÍTULO 3

Quénia, Julho de 1977

Era quase noite quando Rabindrah Singh estacionou o carro e abriu a porta de casa. Noutro tempo, não se haviam incomodado com chaves, a não ser se partissem em safári ou numa viagem ao estrangeiro. Mas os melhores subúrbios de Nairobi haviam-se tornado alvos frequentes de assaltos e a antiga sensação de segurança desaparecera, trazendo em seu lugar um exército de guardas-nocturnos e agentes de segurança fardados que patrulhavam as propriedades daqueles que os podiam pagar.

O jardim revestira-se da suave tonalidade do crepúsculo e, à distância, os morros dos montes Ngong haviam-se transformado numa silhueta malva à medida que o sol se afundava atrás de uma faixa de seringueiras. O *Land Rover* poeirento de Sarah encontrava-se no caminho de acesso, ainda carregado de equipamento. As luzes dentro de casa estavam acesas e havia um fogo a arder na lareira da sala de estar. Por um momento deteve-se no seu halo laranja, ouvindo um concerto de Beethoven no volume máximo. Surgiu uma cadela esguia, abanando a cauda, e Rabindrah baixou-se para lhe fazer festas.

– Olá, *Tatu*. Vejo que a tua dona está em casa. Sarah? Onde é que estás?

– No banho. – A voz chegou abafada, perdida no barulho da música. – Traz bebidas, se fazes o favor.

– A Mama Sarah disse que eu devia servir o jantar cedo depois do seu longo safári. – O criado apareceu com uma cerveja *Tusker* gelada.

– Não, Chege. Houve uma alteração. Vamos jantar fora. – Rabindrah acrescentou um *gin* tónico ao tabuleiro. – Vou levar isto à Mama Sarah. Chá

de manhã, como sempre, por favor. E, em lugar de fazeres o jantar, podes descarregar o *Land Rover* e fechar tudo na arrecadação. *Asante sana*.

Bebeu um primeiro gole de cerveja e dirigiu-se à casa de banho, abrindo a porta e contemplando a mulher, submersa num mar de bolhas.

– Olá. – Sarah levantou-se da água o suficiente para ele lhe ver os seios cobertos de espuma e a parte de cima dos joelhos bronzeados. O cabelo dela estava molhado e mais claro, graças a várias semanas no mato, todo despenteado em volta da cara. Estava a sorrir.

– Estás com um ar esplêndido. – Rabindrah pousou o tabuleiro e baixou-se para a beijar, aliviado por ver as suas feições tão relaxadas.

Ela riu-se. – Havias de me ter visto quando cheguei a casa. Coberta de pó vermelho e suor. Demorei uma boa hora e precisei de litros de água para libertar o corpo da imundície. Agora sinto-me quase humana. – Lançou-lhe os braços ao pescoço, deixando-lhe um rasto molhado na camisa. – Queres vir fazer-me companhia?

Ele despiu-se e enfiou-se na banheira, passando-lhe o copo. Ficaram de frente um para o outro no ambiente quente e embaciado, observando-se um ao outro sobre os copos. O concerto atingiu o seu crescendo final e Sarah pousou a bebida e debruçou-se, criando, ao beijá-lo, uma série de pequenas ondas que transbordaram para o chão da casa de banho.

– Como é que estava a região de Turkana? – perguntou ele.

– Quem me dera que tivesses estado comigo. – Sarah reclinou-se, reconhecendo o seu afastamento deliberado daquela intimidade. – Não faltam boas histórias por lá. O suficiente para pensarmos num novo livro.

– Não podia ter estado tanto tempo ausente de Nairobi.

– Um fim-de-semana já teria sido bom – disse ela, consciente de que tinha sublinhado a distância entre eles.

– Gostava muito de ter podido, mas tive a viagem às Seychelles, na sequência do derrube do Jimmy Mancham e um artigo sobre a independência no Djibuti. E ainda tenho a reportagem sobre os atletas quenianos para apresentar. – O tom era defensivo. – Estou a tentar diversificar, e disse ao Gordon que não quero escrever mais sobre asiáticos despojados.

– Estás satisfeito com o teu último artigo sobre esse tema? – Ela pegou no sabonete, encostando-se a ele e passando os dedos pelas suas costas.

– É bom – disse Rabindrah. – Muito bom, aliás. Há-de dar origem a discussões que cheguem durante o fim-de-semana e tornar-me impopular aos olhos de todos... negros, castanhos e brancos. – Não se desviava do seu trabalho. – O mais certo é meter-me em maus lençóis. Já sabes como os políticos gostam de usar os asiáticos como carne para canhão, para distrair os *wananchi* dos defeitos dos seus líderes. Mas houve coisas de que não pude falar.

– Por exemplo?

– Os métodos que alguns homens de negócios indianos estão a usar para esconder ou transferir bens. Em tempos normais, tê-los-ia denunciado mas, neste momento, não posso deixar de compreendê-los. Estão todos com medo de que o que aconteceu no Uganda com o Amin se repita aqui e milhares de asiáticos podem ser corridos sem aviso. Por conseguinte, estão a recorrer a métodos dúbios para não perderem o dinheiro que lhes resta e sustentar as famílias no futuro... – Nesse momento, calou-se.

– Que tipo de métodos?

– Um pouco mais do que as habituais práticas pouco escrupulosas, suponho. Falemos disto noutra altura. – Pegou na bebida. – A propósito, o Gordon quer comprar algumas das tuas fotografias de Turkana. Está a planear um artigo sobre a pesca comercial na região. Fala-me da tua viagem.

– Foi extraordinária. Tinha-me esquecido de como a paisagem é agreste. E tudo o que se passa lá é o contraste absoluto com o que se passa nos corredores do poder em Nairobi.

– Hoje em dia são mais esgotos do que corredores – observou Rabindrah.

– Durante o dia era como um forno... quase quarenta graus. A claridade provocava-me dores de cabeça terríveis, apesar do chapéu e dos óculos de sol. Bebi tanta água que pensei que os meus dentes se iam soltar e partir à deriva mas, mesmo assim, a garganta continuava ressequida e dorida. – Bebeu um gole do *gin* tónico, como se a sede não a tivesse abandonado. – O pó fazia-me arder os olhos e era difícil ter a certeza de estar a focar bem. A

certa altura, pensei que as câmaras me iam deixar ficar mal quando o vento levantou uma série de remoinhos de poeira que se me enfiaram nos dentes e me entraram pelo nariz e para as unhas. E para o equipamento e para as caixas. Amanhã tenho de desmontar tudo e limpar o saibro.

– Explica lá exactamente porque é que querias que eu partilhasse isso contigo. – Ele estava a rir-se dela. – Dá-me ideia que o fascínio da coisa me está a escapar.

– Ocorre-me a simples razão de estarmos juntos. – Sabia que havia uma ponta de amargura nas suas palavras e mudou de tom, desejando voltar a arrastá-lo para o mundo que já haviam partilhado. – Há muitas coisas lá sobre as quais podíamos escrever e que podíamos fotografar. A vida e a beleza e força do povo de Turkana. Além das descobertas de Leakey de mais ossos antigos. É espantoso pensar que uma terra tão árida e inclemente é provavelmente o lugar onde a Humanidade nasceu há milhões de anos. À noite pensava nisso, escutando o lago, o rumorejar das palmeiras e o arranhar da areia soprada contra a minha tenda. A lua era tão redonda e pesada que parecia que ia cair do céu e despenhar-se no lago.

– Imagino que tiveste de andar de olhos abertos nos esteiros arenosos – disse ele.

– Via os crocodilos e, mesmo quando não via, estava terrivelmente consciente deles. Milhares de olhos a observar, a calcular, à espreita, mandíbulas abertas a mostrar aqueles dentes horríveis. – Sarah estremeceu. – Só consigo sentir repulsa em relação a eles. Os pescadores partem todos os dias numas jangadas extremamente frágeis e muitas vezes metem-se pelos joelhos naquela água infestada, com os cestos de pesca e apenas protegidos por uma lança dessas criaturas vorazes. Até as crianças brincam e chapinham nos baixios. Não percebo como é que não comem mais crianças.

– Na tua próxima expedição vou contigo – disse Rabindrah. – Gostava de voltar a essa zona. Talvez pudéssemos também fazer outro safári de camelo.

– Adorava. O deserto do Norte é o meu lugar favorito. – Os olhos de Sarah estavam brilhantes. – É selvagem e estimulante e obstinadamente imutável. Deu-me a oportunidade de aclarar as ideias. Relativizar melhor as coisas. –

Apressou-se a mudar de assunto, não querendo insistir numa questão dolorosa. – Amanhã à noite, já te posso mostrar algumas das minhas fotos.

Calou-se para beber um gole, querendo dizer-lhe que sentira imensas saudades dele, como tinha pensado nos primeiros anos gloriosos do seu casamento, quando haviam viajado juntos pelo árido Norte e trabalhado no seu livro sobre as tribos nómadas. Um tempo em que haviam caminhado através da terra deserta, com o cheiro do pó nas narinas, seguindo os guardadores de cabras e vacas descarnadas. Havia calcorreado dunas e atravessado leitos de rios secos salpicados de vegetação esparsa que se agarrava milagrosamente à paisagem semeada de pedras. Um tempo em que dormiam ao relento sob as estrelas mais brilhantes do universo, vendo a lua tremer sobre o cume irregular de uma montanha, fazendo amor com infinita paixão, levantando-se na frescura da madrugada para iniciar outro dia repleto de uma sensação de optimismo e aventura. Um tempo em que tudo era perfeito. Parecia ter sido há uma eternidade.

– Estiveste com a Hannah antes de ela partir para a Europa? – Sarah esquivou-se à ameaça do desalento.

– Estive, almoçaram comigo no dia em que partiram. Levei-os ao aeroporto. Estavam muito entusiasmados – disse Rabindrah. – Excepto a Suniva, que tinha feito uma birra porque o James ficou em casa.

– Aí está uma situação que eles vão ter de resolver – disse Sarah. – Já falei disso à Hannah. O rapaz vive numa espécie de limbo entre a casa e os alojamentos do pessoal e um dia isso vai dar problemas.

– Tenho outra notícia bastante surpreendente para ti – disse Rabindrah. – Mas, infelizmente, quer dizer que temos de sair imediatamente desta banheira. Vamos sair esta noite.

– Oh, não. – Sarah ficou consternada. – Não acredito que não pudesses ter dado uma desculpa. É a nossa primeira noite juntos há mais de um mês. Além disso, estou estafada. Não podemos adiar?

– Não. É a Lila. Ficou noiva enquanto estiveste para fora. Pensei que gostarias de estar com ela antes do casamento amanhã.

– A Lila? Casa-se amanhã? – Sarah estava estupefacta.

– A tia Anjit ligou a saber se íamos hoje à celebração. É só para a família mais próxima. – Rabindrah saiu do banho e embrulhou-se numa toalha. – Não achei que pudéssemos recusar. Ainda por cima, a Lila é uma das tuas melhores amigas, além de ser a minha prima predilecta.

– Meu Deus! Isto é totalmente inesperado, não é? Que diz a tia Kuldip?

– Estava para lhe ligar mas tenho andado demasiado ocupado. Sabes como é. Não sei a história toda e os pais da Lila não se calam com a união fantástica que ela conseguiu.

– Devias ter contactado a Kuldip enquanto estive para fora – disse Sarah. – Não tem passado bem ultimamente e considera-te como um filho. É muito importante para ela quando telefonas ou dás lá um salto.

Havia forjado um laço com a tia de Rabindrah e sentia-se grata pela sua bondade e conselhos discretamente oferecidos. Kuldip era a única mulher da família Singh que parecia entender as correntes transculturais em que Sarah por vezes sentia que podia afogar-se.

– *Mea culpa* – disse Rabindrah com indiferença. – Seja como for, fiquei surpreendido por não ter sabido do casamento mais cedo. Por a Lila não me ter dito pessoalmente.

– Quem é o felizardo? – Sarah saiu do banho a pingar, irritada por ter de se apressar.

– Chama-se Harjeet Singh. A minha mãe, a Kuldip e a tia Anjit são grandes amigas da família dele. Os pais cresceram juntos em Nairobi. Cheira-me a arranjinho do comité matriarcal. Anda lá... tens os dedos das mãos e dos pés enrugados de passar tanto tempo na água e ainda vamos chegar atrasados.

– Não me recordo desse nome – disse Sarah. – Conhecemo-lo?

– Pelos vistos, a Lila conhece-o desde que eram crianças mas ele vive em Inglaterra há anos. A família safou-se antes de os Ingleses decidirem que não éramos verdadeiros cidadãos e que não queriam mais da nossa gente a invadir as ilhas do poder.

– Como é que não consegues situá-lo?

– Não me lembro de todos os siques que já conheci – disse Rabindrah. – Saí daqui aos dezoito anos e fiquei no Reino Unido depois da universidade,

para o caso de te teres esquecido. Não há nenhuma razão para o conhecer. Conheces toda a gente no condado de Sligo?

– Que pergunta absurda. – Soltou uma gargalhada depreciativa. – Isso é completamente diferente. Eu cresci aqui e não na Irlanda. Nunca passei mais de algumas semanas de cada vez em Sligo. É simplesmente o sítio onde os meus pais decidiram viver depois de deixarem o Quénia. E conhecia, sim, a maioria da comunidade europeia em Mombaça quando era pequena. Por acaso, ainda me recordo claramente de quase todos.

– Não fiques tão enervada – disse ele, pegando numa toalha e esfregando-lhe as costas.

– Só queria ter sabido. Teria tentado regressar mais cedo. – Sarah foi para o quarto. – Achas sinceramente que é uma coisa boa? Para a Lila, digo eu. Não estou a desmerecer os casamentos combinados, juro que não. Fazem parte da tua cultura e muitos dão bom resultado. Mas a Lila tem um espírito independente e adora trabalhar com a Camilla. Ocupar-se das vendas e dos compradores estrangeiros. E há uns meses disse-me que estava a pensar em abrir uma *boutique* dela. Aqui em Nairobi.

– Os sonhos mudam. Os planos mudam. Fez outra escolha.

– É, pelos vistos. É só que é tão inesperado. A sério, Rabindrah, alguma vez a ouviste falar num homem chamado Harjeet? Ou num potencial pretendente? Estive com ela antes de ir para Turkana e o nome dele nunca veio à baila. De certeza que ela teria falado do noivado se esta união já estivesse na calha.

– Do ponto de vista dos pais, era como se ela estivesse na prateleira. Isso pode ter tido alguma influência – observou Rabindrah.

– Que absurdo. Ela ainda agora fez vinte e sete anos – disse Sarah. – Não é razão para ser pressionada a casar-se.

– Pode não ter nada a ver com o caso – disse Rabindrah. – Mas nunca saberemos se não nos despacharmos.

– É, suponho que não – disse Sarah com um suspiro, abrindo o guarda-fatos. – Só espero que ela goste dele.

Rabindrah abanou a cabeça e apontou-lhe com um dedo, imitando a mãe de Lila, num exagerado falsete indiano. – Oh, meus queridos, ele é de uma

família tão boa, não é? E tão inteligente. Meu Deus, que rapariga de sorte por apanhar um homem assim. E com a idade dela, ainda por cima. Uma união das arábias, não é? – Gostou de ver Sarah a rir. – Mas tens razão. É um pouco perturbante. – Abotoou a parte de cima da túnica e dirigiu-se para a porta, retomando os modos hindi. – Mas com tanta conversa não acabas de te arranjar, estás a ouvir? Despache-se, Mrs. Singh, nessa figura não vai a lado nenhum.

No quarto, Sarah maquilhou o rosto e enfiou um vestido de seda verde que tinha encomendado ao seu costureiro indiano preferido na Bazaar Street. A cor intensificava o verde dos seus olhos e o tecido realçava a sua forma pequena e perfeita. Pôs uns brincos de ouro que o marido lhe oferecera nos anos e voltou-se para encará-lo, buscando aprovação. Desejando que ele a visse com olhos de ver.

– Belíssima – disse ele, sorrindo-lhe. – Vamos lá felicitar a futura noiva.

– Lamento, mas continuo a não conseguir imaginar a Lila a concordar com esta situação tão de repente. – Sarah fechou a porta do carro. – Talvez tenha tido um fraquinho por ele quando eram crianças e tenha suspirado por ele desde então. Deve haver um lado romântico na coisa. É impossível vê-la envolvida numa relação para toda a vida noutras circunstâncias.

– Um casamento combinado nem sempre é uma coisa negativa, como já disseste – disse Rabindrah. – As famílias que se conhecem bem e compreendem os filhos podem ser muito bem-sucedidas a escolher companheiros apropriados.

– Ora, deixa-te disso! Aposto que não há um sique em nenhum lado que se submeta docilmente às escolhas dos pais. Só as raparigas é que são pressionadas a fazer esse tipo de acordos. As coisas não são como estão escritas no vosso livro sagrado. Os homens e as mulheres decididamente *não* são iguais na vossa sociedade. Têm papéis muito cuidadosamente definidos e separados, independentemente do que possam pretender.

Rabindrah levantou uma mão, fingindo defender-se. – Não me ataques... não estou envolvido nestas andanças. Seja como for, as raparigas têm voto na matéria. Podem recusar um rapaz se não gostarem dele.

– Ótimo. E depois são castigadas por darem má imagem à família. Ou deixadas na prateleira até estarem suficientemente desesperadas para aceitar qualquer um.

– Deixa que te lembre que a fidalguia rural na maior parte da Europa ocidental casa descaradamente os filhos e as filhas com gente de origens adequadas, com as suas apresentações à sociedade e fins-de-semana no campo e essa coisa toda – disse Rabindrah. – Quase todas as culturas têm uma forma qualquer oficial de arranjar casamentos. Os hindus, os cristãos, os judeus, os muçulmanos... não há mãe que lhe resista. Nós somos simplesmente mais abertos em relação à nossa.

– Mas as raparigas ocidentais não podem ser forçadas a casamentos de conveniência – disse Sarah. – Essa ideia foi desaparecendo depois da Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres se tornaram responsáveis pelo seu próprio dinheiro e carreira.

– Ambos conhecemos a Lila. Se ela não se quisesse casar com este indivíduo, ninguém conseguiria obrigá-la – disse ele, irritado com a crítica dela. – Os pais dela não são déspotas. Conheces muito bem o Gulab e a Anjit... são afáveis, cultos e realistas.

– Não sei porque é que, de repente, és a favor de casamentos arranjados – disse ela. – Logo tu... a ovelha negra que fez o impensável e se casou com uma irlandesa. Raça errada, religião errada, cor errada. Apesar das advertências sinistras dos teus pais e dos enormes esforços da tia Kuldip para te arranjar uma noiva mais conveniente.

– Não tem sorte que eu tenha tido força para resistir às propostas mais tentadoras dela, Mrs. Singh? Que a tenha preferido a si para o Anand Karaj²? – Olhou para ela de relance, desviando os olhos da estrada por um momento e quase atropelando um ciclista que circulava sem luzes junto à berma de alcatrão esboroadado.

– Mas o Anand Karaj não nos foi permitido, pois não? Não tivemos uma cerimónia de Ditosa União no sagrado *gurdwara*³, uma vez que eu não sou sique.

– Não me importei nada de ser casado pelo teu amigo, o padre Bidoli. Fizemos a nossa própria união ditosa.

Sarah sorriu ligeiramente e sentiu-se esperançosa enquanto atravessavam a cidade num silêncio amigável. Quase se esquecera da sua habitual sensação de terror quando entravam no complexo da família de Gulab Singh.

– Prepara-te – disse Rabindrah, pegando-lhe na mão. – Isto vai durar horas. Normalmente estas cerimónias estendem-se por dias ou semanas. Mas, nesta ocasião, o noivado e o casamento concentram-se num período de três dias porque o noivo e a família têm de regressar a Inglaterra no fim-de-semana. Ao que parece, têm compromissos profissionais.

– E a Lila vai com eles? – Sarah estava chocada. – No final da semana?

– Vai. A ditosa união dela começará sob os céus cinzentos de Birmingham, com toda a felicidade que têm para oferecer.

– Birmingham. – Sarah estremeceu. – Uma vez perdi-me a conduzir em Birmingham. Tinha um ar sombrio e desolador. Pensei que nunca mais escapava.

A residência de Gulab Singh era grande e cheia de cantos e recantos, rodeada por um muro alto. No jardim, havia lanternas coloridas penduradas nas árvores e o cheiro a cozinhados pairava no ar, competindo com o aroma enjoativo das damas-da-noite e dos jasmineiros. Estavam membros da família cá fora, em grupos coloridos, ou a entrar e a sair das zonas de estar e jantar onde a mobília muito trabalhada fora encostada às paredes. As mulheres usavam saris bordados ou o tradicional *salwaar kameez* do Punjab. A maioria estava adornada com as melhores jóias, penduradas ao pescoço, nas orelhas furadas, reluzindo nos braços, nos pulsos e nos tornozelos. Os homens, na sua maioria, haviam optado por longas túnicas e turbantes em cores festivas, mas viam-se aqui e ali fatos ocidentais. Rabindrah era um dos poucos sem barba nem turbante, mas respeitara a tradição ao envergar uma longa túnica e calças punjabi que complementavam a sua constituição magra.

– Rabindrah! E a Sarah também! Que bom terem vindo.

Anjit Kaur Singh estava resplandecente com um novo conjunto, o cabelo brilhante, oleado e enfeitado com flores, pulseiras de ouro pesando-lhe nas mãos estendidas. Uma volta tripla de filigrana de ouro, engastada com rubis, adornava o seu pescoço roliço. Heranças de família, apenas usadas

em ocasiões especiais. Eram estas as peças que ela coseria ao forro das suas roupas e bagagem, se a família tivesse de abandonar o Quénia à pressa, pensou Sarah. Um seguro contra um futuro incerto.

– Estava com medo que perdesse a nossa celebração, Sarah. Estiveste mais de um mês em viagem, não foi? Tanto tempo longe do teu marido. Que pena. Quando é que chegaste a casa?

– Esta tarde. Ainda bem que cheguei a tempo. – Sarah forçou um sorriso, determinada em ignorar a crítica implícita, desejando lembrar a Anjit que os homens siques deixavam as mulheres em países distantes durante anos, sem nunca lhes porem a vista em cima. – É uma grande surpresa – disse ela. – Não fazia ideia que a Lila...

– Anda ver a tua avó, Rabindrah. Já perguntou pelos dois. – Anjit conduziu-os em direcção à grande cadeira onde a senhora de idade era o centro das atenções.

– É melhor despachar já a tarefa. – Rabindrah estava consciente da consternação mal disfarçada de Sarah. – Não deixes a velha fera enervar-te. Lembra-te, não és só tu... há-de estar a divertir-se à grande a cortar na casaca de toda a gente.

– Rabindrah, estás tão elegante. E a tua mulher voltou para ti, meu Deus. – Lakhbir Kaur Singh sentava-se, majestosa, recebendo os tributos da família. Sempre tivera uma predilecção pelo neto, com as suas feições refinadas e clássicas e educação britânica. Uma mulher pequena, a sua delicada aparência encobria uma vontade férrea, e possuía uma língua viperina. – Anda sentar-te ao meu lado, Sarah. Conta-me o que tens feito. – Os seus olhos brilharam de maldade enquanto dava uma palmadinha na cadeira ao seu lado e fazia sinal ao neto para que se fosse embora. Rabindrah encolheu os ombros e colocou-se de lado, fora da linha directa de fogo.

– Dois minutos e vens salvar-me – murmurou Sarah. Sentou-se e virou-se para a avó dele com toda a delicadeza de que foi capaz. – Que feliz ocasião. Imagino que conhece o noivo? Estou desejosa de conhecê-lo e de ver a Lila.

– Ele deve estar a chegar com os pais. Uma excelente união, não é? O Harjeet tem um óptimo emprego na empresa do pai. Muito próspero, ao que

me dizem. E vão ter uma bela casa em Birmingham, diz a Anjit. Um ótimo sítio para criar uma família.

Lakhbir debruçou-se e baixou a voz e Sarah preparou-se para a inevitável pergunta.

– Não há mais notícias? – A idosa fitou-a com uma expressão de sugestiva acusação e Sarah baixou a cabeça para evitar os seus olhos penetrantes.

– Não. Não há mais notícias – respondeu. – Passei as últimas semanas no Norte, a fotografar o povo de Turkana. É um sítio agreste mas inspirador. Tenho andado a pensar que...

– Bem, há-de vir se tiver de vir. – Lakhbir interrompeu-a e suspirou dramaticamente. – Devias passar mais tempo em casa, minha querida. Todas essas correrias e passar os dias importantes longe do teu marido não te fazem bem... – Animou-se. – Olha, aí está a Anoop que te vem cumprimentar. Sim, outro acontecimento feliz. Já falta pouco. É o segundo, sabes?

– Ai, é tão desconfortável passar tanto tempo em pé. – Anoop instalou-se numa cadeira e deu uma palmada na barriga. Virou-se para Lakhbir, a sua voz baixando para um sussurro conspirativo. – Estive no *gurdwara*, como aconselhou, e tenho a certeza de que este é um rapaz. O meu marido vai ficar tão orgulhoso. – Sorriu a Sarah. – A primeira foi uma rapariga, sabes, mas as raparigas também são muito úteis. As crianças são muito importantes, não concordas? Ah, estou a ver ali o Rabindrah. – Dirigiu-lhe um breve aceno. – Nunca o vemos nas reuniões de família. É como se nos tivesse sido roubado.

Rabindrah estava à frente delas, o seu sorriso pouco amistoso ao registar a expressão triste da mulher e a barriga saliente e ar de satisfação de Anoop. Ela nunca lhe perdoara o facto de se ter casado com Sarah e não perdia nenhuma oportunidade para se vangloriar da família diante da intrusa irlandesa que roubara o seu marido de eleição.

– Como estás, Anoop? Sarah, são horas de irmos ver se encontramos a noiva. Com licença, avó. – Pegou na mão da mulher e afastou-se com ela.

– Não suporto aquela rapariga – disse Sarah. – E quanto à tua avó...

– Não lighes à velhota. É igual com toda a gente. E a Anoop... enfim, todos sabemos que só queria o meu corpo e não se conforma por ter tido de se contentar com um marido gordo e pastoso, com quase o dobro da sua idade, enquanto tu apanhaste o meu físico magro e vigoroso. Não ficarias roidinha de ciúmes, também? – Gostou de a ver reagir à provocação e de ver a tensão evaporar-se-lhe do rosto.

O tio Gulab apareceu ao lado deles, um homem alto e jovial com uma pança considerável e um riso estrondoso. Usava um turbante tradicional mas estava vestido com um fato de Savile Row e tinha na mão um copo com um líquido âmbar. A sua saudação foi afectuosa e deteve um criado que passava, oferecendo a Sarah um refrigerante e uma selecção de doces. Ela deixou-se ficar um pouco atrás, ouvindo Gulab a lamentar-se do estado da nação e das injustiças infligidas à comunidade indiana.

– O governo indiano não nos ajuda, com o Nehru a referir-se a nós com uma «raça convidada» no nosso próprio país – disse ele com indignação. – E que havemos nós de fazer, os que adoptaram a cidadania queniana quando a política agora é a africanização? Não faz diferença que sejamos quenianos aqui nascidos, com pais que também cá nasceram. Já não conta que tenhamos lutado ao lado dos africanos pela Independência. Estou a dizer-te, hão-de arranjar maneira de correr connosco, se puderem, como o Amin fez no Uganda.

Rabindrah não tinha desejo nenhum de se envolver neste tipo de conversa mas, numa questão de minutos, viu-se rodeado por outros membros da família, todos interessados em discutir a recusa injusta em renovar as autorizações de comércio aos homens de negócios indianos, apesar de serem titulares de passaportes quenianos.

– Venham ao meu escritório, meus amigos – disse Gulab. – Tenho uma coisa interessante que lhes quero mostrar.

Sarah sorriu, sabendo que a verdadeira razão do convite era servir copos de *whisky* e outras variedades de álcool que guardava no armário do rádio e do gramofone juntamente com a substancial colecção de discos que satisfazia os seus gostos musicais abrangentes. Arrastado pelo tio,

Rabindrah levantou uma mão num gesto de encorajamento quando a tia Anjit caiu em cima de Sarah e a levou para a sala de estar principal.

– E aqui está ela... a minha bela menina, que se vai casar em breve! Cheguei a pensar que nunca mais ia acontecer, sendo ela tão esquisita e rebelde. Mas agora estamos à espera do noivo e da família dele. Devem estar a chegar.

Lila estava sentada numa almofada de seda no chão, rodeada por um grupo de parentes e amigas admiradoras. Estava vestida com um *salwaar kameez* bordado a ouro, o cabelo preso num carrapito perfeito, decorado com flores. Tinha anéis na maioria dos dedos magros e os seus braços estavam adornados com pulseiras de ouro. Levantou os grandes olhos, pintados com *kohl*, quando Sarah se baixou para a abraçar.

– Parabéns, Lila. Fico muito feliz por ti. Só queria que o tivesses levado lá a casa a jantar para nos podermos conhecer melhor. Mas já soube que vais partir para Inglaterra logo a seguir. Onde é que ele está?

Sarah sentou-se de pernas cruzadas ao lado da amiga, falando alto e depressa como sempre fazia quando se sentia insegura. Irromperam gargalhadas e conversas à volta dela, com toda a gente a tentar descrever Harjeet Singh, e veio-lhe à cabeça um bando de estorninhos – luzidios e vaidosos na sua plumagem iridescente. Lila, porém, olhou em silêncio para Sarah com um sorriso enigmático. O som de tambores e cânticos quebrou o momento entre elas e todos se levantaram para saudar o noivo e a sua família.

– Aí estão eles, com o véu de noiva, o *chunni* – disse a tia Anjit. – Ah, vais ver como foram generosos com as prendas de casamento da Lila. Roupas e jóias magníficas. E vamos ter a cerimónia *mangni* aqui em casa porque o pai e a mãe do Harjeet já não têm casa em Nairobi, só uma grande mansão na velha Inglaterra, sabes?

No remoinho de cores e sons que se seguiu, soaram tambores, preces e canções, ofereceram-se e trocaram-se grinaldas de flores, prendas de doçaria e açafrão, flores, cocos e frutos secos e maços de notas em gordos envelopes. Lila levantou-se, recatada e com os olhos baixos, para receber o noivo e os futuros sogros.

Apareceu Rabindrah, apresentando felicitações, um sorriso de divertimento nos lábios. A sua prima de espírito independente nunca se mostrara tão submissa. – Gostava de saber quanto tempo é que ela vai durar neste papel dócil – murmurou ele a Sarah, enquanto observavam as formalidades.

Lila baixou a cabeça e uniu as palmas das mãos numa saudação respeitosa antes de aceitar os óleos perfumados e as caixas de veludo contendo joalharia de ouro e pedras preciosas. Já era tarde quando Harjeet Singh enfiou um anel de noivado no dedo de Lila e ela correspondeu, oferecendo-lhe uma aliança de ouro simples. As horas passaram, pontuadas por canções e danças e pela decoração das mãos e pés de Lila com hena. À medida que a noite avançava, a transformação da noiva criou uma estranha deslumbrante e exótica das páginas das lendas orientais. Sarah teve dificuldade em conciliar essa visão com a da rapariga despreocupada que tão bem conhecia, a jovem moderna que gostava de andar de *jeans* e sandálias e saias de algodão, que atava o cabelo num carrapito ou o deixava cair livremente, a esvoaçar ao vento.

Num canto, ao lado das janelas altas, Rabindrah fez uma tentativa para se libertar de um dos sermões da tia Anjit.

– O que é que esperavas depois de fazer um casamento tão inconveniente? Uma mulher europeia que passa o tempo sozinha no mato, atrás de animais selvagens e tribos nativas primitivas. A fotografar homens nus até! Não é natural. Dez anos a vaguear quando devia estar em casa a tratar das necessidades do marido. A começar uma família antes que seja demasiado tarde! A Sarah não se revelou o tipo de mulher de que precisas, Rabindrah.

Sarah ouviu o seu nome mas não conseguiu apanhar o resto das palavras de Anjit e, ao aproximar-se, Rabindrah afastou-se furiosamente da tia para se juntar a um grupo de homens do outro lado da sala. Ela saiu para a frescura do pátio, um pouco tonta devido ao calor abafado da sala, aos cânticos cada vez mais ruidosos e ao constante rufar dos tambores. Uma dor de cabeça violenta latejava-lhe atrás dos olhos e doíam-lhe todas as articulações do corpo. A viagem para sul a chocalhar no *Land Rover* fora penosa, embora tivesse pernoitado na Fazenda Langani pelo caminho.

Agora estava arrependida de não ter lá ficado mais uma noite, saboreando um jantar tranquilo com Mike Stead e Eileen, a sua simpática mulher. Podia ter ido passear num dos cavalos de manhã, visitado o *lodge* e a crista de Piet. Teria sido infinitamente preferível à reunião de família do noivado de Lila e à longa cerimónia do dia seguinte. Só tinha um desejo: partir. Já. Perscrutando a multidão, avistou Rabindrah embrenhado numa conversa com o tio Indar.

– Sarah, minha querida. É uma ocasião maravilhosa, não é? – Indar dirigiu-lhe um sorriso radioso. – Deixa que te vá buscar um refresco. Como está esse teu *Land Rover*? Estou a pensar que temos de o substituir em breve. É tão triste o que aconteceu ao teu amigo Dan Briggs. Gostava tanto desse homem. Se não fosse ele, eu e a Kuldip nunca teríamos passado uma semana no mato, meu Deus! E adorámos! Como está a pobre Allie, sabes?

– Destroçada, mas extraordinariamente corajosa. Há cerca de dois meses que não estou com ela. O Erope mudou-se para o Mara para trabalhar com ela, embora ela tenha de conseguir um aumento dos financiamentos se quiser mantê-lo.

– Mas a pesquisa dela com o Dan é muito conhecida e ela tem muito prestígio. Isso há-de pesar – disse Indar. – Mas custa imaginá-la sem ele.

– Daqui a pouco faz um ano que o Dan morreu. Tenho estado a pensar se devíamos ir lá passar alguns dias. Que achas, Rabindrah? A Allie ia adorar ver-te. – Sarah virou-se para o marido e ficou surpreendida quando ele concordou com um aceno de cabeça.

– Ofereci ao Dan um novo veículo dois meses antes de ele morrer – disse o tio Indar com um suspiro. – Ele pensou nisso quando os travões falharam na velha caranguejola. Se ele tivesse tomado uma decisão mais cedo... Mas é o destino e não se pode fazer o relógio andar para trás. Acho que seria melhor para ti um dos novos *Land Cruisers* da *Toyota*, minha querida Sarah. São mais confortáveis, e eu posso preparar a carroçaria com espaço de arrumação adicional e suportes mais resistentes para as tuas câmaras. Com o desconto comercial, não seria muito dinheiro.

– É boa ideia – disse Sarah. – Estou impressionada com os *Land Cruisers* que vi e o Anthony Chapman passou a usá-los exclusivamente em safári. A

propósito, onde está a Kuldip?

– Hoje não está... não se sentia muito bem. Está a poupar energias para a cerimónia de amanhã no templo. Talvez possas trazer este teu marido negligente a visitar-nos. Ela gostaria imenso de estar com os dois.

– Levo, com certeza. E falaremos do carro – disse ela. – Estou-lhe grata por velar pela minha segurança na estrada. Mas agora tenho de ir para casa porque ando em viagem desde ontem de manhã cedo. Rabindrah, podemos fugir?

– Ainda não falámos com o prometido da Lila – disse ele. – É melhor ir à procura dele e apresentar as nossas felicitações. Depois podemos ir.

Harjeet Singh estava no vestíbulo, rodeado por irmãs e primos, rindo enquanto lhe davam palmadinhas nas costas e faziam comentários sugestivos sobre os dias que se avizinhavam. Era alto e possuía um rosto afilado e estreito, com um nariz aquilino e uma boca carnuda. Os seus olhos eram escuros, com pálpebras caídas, mas Sarah achou-os demasiado unidos. Exibia a barba e o turbante tradicionais dos siques, embora trajasse um fato ocidental de bom corte.

– Ah, o jornalista. – Mal olhou para Rabindrah quando as apresentações foram feitas e ofereceu a Sarah um aperto de mão breve e frouxo.

– Eu e a Lila somos grandes amigas há muitos anos – disse Sarah. – Espero que nos encontremos em Inglaterra um dia destes. Vou lá com alguma frequência porque os livros que eu e o Rabindrah escrevemos em conjunto são publicados em Londres.

Harjeet não respondeu, afastando-se numa atitude de desdém, claramente desinteressado.

– Parabéns – Sarah disse nas costas dele. – E muitas felicidades para ti e para a Lila.

Ele não deu sinais de a ter ouvido e ela reagiu à afronta com um encolher de ombros.

– Malcriado – disse Rabindrah. – Espero que não seja sempre assim arrogante. Vamos embora.

– A que horas é o casamento amanhã? – Sarah fechou os olhos e reclinou a cabeça contra o assento quando arrancaram.

– Só ao meio-dia.

– Credo, estou exausta. Não sei se aguento dois dias seguidos de insinuações sarcásticas dos teus familiares. São de uma insensibilidade atroz.

– Não entremos por aí, por favor. – A expressão de Rabindrah era ameaçadora e ele curvou-se, agarrado ao volante, conduzindo demasiado depressa para uma noite tão escura com iluminação tão pouco fiável.

– Sabes bem que é verdade – disse ela. – Aterroriza-me ter de suportar as suas observações contundentes. A tua avó, essa detestável Anoop... todos. Nem sequer tive a tia Kuldip para me ajudar. A propósito, o que é que a Anjit te estava a dizer? Ouvi o meu nome.

– Nada. Estava só a perguntar que planos tínhamos em geral, agora que estás de volta.

– Oh, por amor de Deus – disse ela. – Já sei o que isso quer dizer. A mulher estéril e ausente. É o tópico de todas as reuniões de família.

– Sarah, não vamos discutir esse assunto agora. Não adianta. E fizeste bem em teres ido. Não queria que passasses tanto tempo em Turkana, mas hoje, ao princípio da noite, apercebi-me de que te fez bem. Pareces muito melhor. Mais...

– Podíamos tentar outra vez. – Falou numa voz doce que encerrava esperança.

– Foi muito doloroso – disse ele. – Já sofremos de mais. E sinto muito que te tratem desta maneira, mas talvez fosse melhor se soubessem toda a história.

– Não, eu hei-de ser sempre a intrusa – disse ela, numa voz entrecortada. – o teu casamento foi um desapontamento para todos eles e agora sentem-se justificados, porque a mulher que escolheste, apesar dos seus conselhos, não produz um filho. Se te tivesses casado com uma simpática rapariga sique, isto nunca teria acontecido. É a realidade atrás dos falsos sorrisos e das falsas palavras de boas-vindas. É demasiado penoso, Rabindrah. Continuar a ouvir, fingir que não dói. Não entendes, pois não? Sou eu que tenho de

aturar os insultos velados enquanto tu és tratado com respeito, pedem-te conselhos políticos, és admirado pelos teus conhecimentos e tudo o mais.

– Não estás a ser justa – protestou ele, mas sabia que ela tinha razão. – Mas agora que olho para trás, talvez devêssemos ter dito aos nossos pais, e talvez ao Indar e à Kuldip, que gostam muito de ti. Seriam mais compreensivos e sensíveis.

A princípio, ele ignorara a oposição ao seu casamento e a desaprovação chocada da família. Estava certo de que, com o tempo, veriam que Sarah era uma pessoa excepcional. Ambos queriam ter filhos, mas os meses foram dando lugar a anos e a sucessivos abortos espontâneos. O segundo quase a destruía, quando perdera a criança ao fim de quatro meses de gravidez. Subsequentemente, irradiara uma espécie de sofrimento de que Rabindrah se sentira excluído, enquanto ele, por sua vez, experimentava uma sensação de impotência e de incompetência pessoal. E, sempre que via os amigos e os familiares a começar uma família e a ver os filhos e as filhas crescer, tinha de admitir a frustração e a inveja.

Os anos de sobrancelhas erguidas e murmúrios nas suas costas eram lembranças constantes de que fizera o inaceitável: escolhera uma mulher fora do clã. Mostrara-se também irracionalmente zangado com Sarah e defensivo em relação às críticas dela da sua família e, assim, as divergências levavam muitas vezes a alterações seguidas de horas de silêncio magoado.

– Saio sempre a perder – disse ele. – Sinto-me preso no meio de uma situação em que, diga o que disser, estou condenado a ser desleal... ou contigo, ou com os meus familiares.

– Oh, fantástico! Queres agradar aos teus familiares, calando-te quando a tua mulher está a ser insultada. É o máximo! – Sarah virou-se para olhar pela janela.

Em casa, foi directamente para o quarto, atirou-se para a cama e ficou a observar Rabindrah em silêncio, já arrependida da sua explosão anterior. Não servia de nada zangar-se com ele. Tentou pensar em qualquer coisa para dizer, para dissipar o clima desagradável da viagem para casa.

– Então, acreditas que isto é um arranjo tradicional? Porque foi o que me pareceu.

– Só sei que a Lila fez a escolha dela e vai até ao fim – respondeu Rabindrah, arrumando a roupa.

– Isso é terrível. – Ela captara algo mais profundo no comentário dele. – Toda a gente com quem falei só repetia que era uma união conveniente, mas deve haver mais do que isso. Tenho uma forte sensação de que há.

– Falei com o Sanjit. – Rabindrah foi sentar-se ao lado dela na cama. – Mas só por breves momentos. Ele é o irmão mais chegado da Lila. Ao que parece, a união foi combinada entre as duas famílias porque o Gulab e a Anjit estão com problemas financeiros graves. O tio Gulab é um cidadão queniano mas tem sido obrigado a pagar milhares de xelins em subornos todos os meses para manter o seu alvará de comércio. As exigências de dinheiro aumentaram descontroladamente em relação ao que ele ganha com a serração e os outros interesses comerciais que tem e está em perigo iminente de perder tudo. Há meses que pediu residência no Reino Unido, dando os números dos passaportes britânicos originais da família e usando o meu pai como parente mais próximo e referência. Mas o pedido foi indeferido. Tarde de mais, e uma ligação demasiado fraca para um *jundibhai* deslocado.

– Meu Deus, que horror – disse Sarah. – O Gulab trabalha arduamente e emprega mais de vinte trabalhadores africanos. Paga-lhes razoavelmente bem e, se ele partir, só pode ser mau para eles. Embora suponha que algum político lhes disse que podem tomar conta da serração, se se livrarem do patrão indiano.

– A questão é que a Lila vai acabar por ter direito a um passaporte britânico integral porque o marido é um cidadão britânico e ela própria nasceu numa colónia britânica.

– Não. A questão é que ela está a ser vendida para salvar a família. – Sarah falou num tom neutro, não querendo soar dramática nem voltar a enfurecê-lo.

– Não vejo as coisas dessa forma tão crua – disse Rabindrah. – O Gulab acha que está a dar à filha um futuro mais seguro e uma vida melhor,

comparado com o que ela encontraria aqui. O plano é a família do Harjeet injectar fundos na *holding* do Gulab em Nairobi e tornar-se accionista maioritária. E convidaram dois políticos africanos e um homem de negócios quicuio para integrarem o conselho de administração, sem funções e com recompensas convenientemente aliciantes.

– Por acaso serão os que estão a receber os subornos?

– Como é que adivinhaste? – A repulsa de Rabindrah era evidente. – Seja como for, o resultado é que o Gulab mantém o alvará e a nova empresa pode mandar dinheiro para fora do país, aparentemente para fins de investimento e expansão. Quer igualmente dizer que a família poderá viajar para Birmingham com regularidade porque o Manjit Singh, o sogro da Lila, tem lá a sede. E o Gulab espera acabar por conseguir a cidadania britânica.

– Isso é legal?

– Quando se tem um homem de negócios ou um político africano do nosso lado, hoje em dia tudo se pode considerar legal. Entretanto, o Harjeet está em posição de prover amplamente às necessidades da Lila. O pai dele tem tido sucesso no Reino Unido. Tempos de crise levam a decisões difíceis, Sarah. É bem possível que ela esteja muito melhor casada com um homem de negócios próspero em Inglaterra, com a família em segurança, do que a caminho sabe-se lá de onde como refugiada.

– Num sentido prático, tens razão. – Sarah suspirou, levantando-se. – Só queria que ela estivesse em posição de escolher uma alma gémea. Espero que o Harjeet a trate bem. Não gostei muito dele e tu próprio disseste que ele era arrogante.

– Falámos com ele menos de cinco minutos, rodeados por uma série de pessoas que exigiam a atenção dele – disse Rabindrah. – Concorde que não se mostrou muito acessível. Mas pode ser bom tipo. Pelo que toda a gente diz, é trabalhador.

– Isso não é uma qualidade exclusiva – lembrou Sarah. – E não é desculpa para ser malcriado. A maioria dos nossos amigos trabalha tanto como o Harjeet.

– Certo, os asiáticos aqui acabaram numa situação impossível, por mais arduamente que trabalhem. Não compreenderam a importância de se

envolverem politicamente neste país. Não existe um único deputado asiático no parlamento queniano, por exemplo. Ninguém que defenda os nossos interesses. Muitos dos nossos adoptaram a nacionalidade queniana mas nunca se tornaram cidadãos na verdadeira acepção da palavra. Quase todos nós temos andado demasiado ocupados a não fazer ondas e a juntar dinheiro para sairmos daqui, se necessário. Porque, nos dias que correm, é tudo uma questão de africanização. Um queniano castanho ou branco está em desvantagem. Especialmente no que toca a alvarás de actividade e autorizações comerciais e por aí fora.

– São duas da manhã – disse ela, exausta. – Não consigo ouvir mais disto.

– São as realidades da situação da Lila – disse ele calmamente. – E foste tu que falaste no assunto. Pensei que estivesse preocupada com ela.

– E estou – disse Sarah, despindo a roupa e falando por cima do ombro enquanto limpava a cara. – Tenho muita pena. E estou terrivelmente preocupada que ela seja apanhada nesta teia de complicações e hipocrisia. Mas andei a viajar e a trabalhar durante semanas a fio e, neste momento, só quero dormir. – Meteu-se na cama e fechou os olhos. – De qualquer modo, ainda bem que não temos de aparecer no casamento antes do meio-dia.

Rabindrah foi à casa de banho e fechou a porta. Sentia-se irritado pela maneira como ela o interrompera, mas aliviado por não haver mais discussões nessa noite sobre a decisão que Lila tomara. Sentia uma ansiedade cada mais profunda em relação à prima. A ideia de um arranjo tão pragmático constituía uma afronta à definição de liberdade de Sarah e a sua professada aversão a Harjeet estava, sem dúvida, associada à sua opinião sobre a união. Mas ela era uma boa avaliadora de carácter e possuía um enervante sexto sentido quando se tratava de um possível desastre à espreita, alheio aos outros. Rabindrah tinha de admitir que a sua primeira impressão do homem não era favorável.

Deitado ao lado de Sarah, ouviu-a respirar e sabia que ela não estava a dormir. Queria tomá-la nos braços ou simplesmente tocá-la, para a tranquilizar. Mas o espaço entre eles na cama parecia estender-se para além da sua capacidade de o transpor. Virou-se para o outro lado e fechou os olhos.

[2](#) Cerimónia de casamento sique. (*N. do E.*)

[3](#) Templo religioso sique. (*N. do E.*)

CAPÍTULO 4

Noruega, Julho de 1977

Não pararam em Oslo, excepto para apanhar outro voo que os levaria para Trondheim, a norte, onde Jorgen Olsen estava à espera deles. Era um homem alto, de ossatura larga, com feições rudes e cabelo grisalho, e projectava uma força que era imediatamente reconfortante. O Lars dentro de trinta anos, pensou Hannah quando ele a abraçou e aos netos e cumprimentou o filho.

Piet, que não havia parado quieto e passara quase toda a viagem de avião a queixar-se, acalmou agora um pouco.

– Vamos, visitamos Trondheim noutro dia – disse-lhe Jorgen. – Agora vou levar-te directamente para a quinta onde a tua avó está à espera.

Entraram para o carro, com Lars à frente, ao lado do pai. Hannah e as crianças sentaram-se atrás com as janelas abertas, deixando o doce perfume do Verão acariciar-lhes os rostos, assombrados com as montanhas escarpadas que mergulhavam na profunda água azul. Atravessaram florestas de abetos e pinheiros escuros, secretas e frescas, emergindo em pastagens rasas, verdejantes e repletas de casas e celeiros de madeira, vermelhos, brancos e amarelos, cujos telhados muito inclinados, janelas altas e floreiras captavam o sol poente, todos eles encantadores, pintados de fresco, imaculados, numa perfeição de postal ilustrado.

– Não sabia que as pessoas podiam pintar as casas com cores tão garridas – disse Suniva. – Mamã, podemos ter uma casa de madeira pintada quando voltarmos?

– Acho que não ficaria tão bem em Langani, ao fim de uma ou duas semanas – disse Hannah, rindo da ideia. – Depois de se levantar pó e ele ser

soprado contra a pintura, e as formigas criarem caminhos nas paredes, e os pica-paus, os calaus e os percevejos tentarem fazer buracos na madeira. Acho melhor continuarmos com a nossa casa de pedra, com a buganvília que trepa pelo alpendre e esconde as coisas que não precisamos de ver.

– As vacas foram lavadas – disse Piet, os olhos arregalados de espanto. – Olha para elas, Suniva. Não são como as nossas *ngombes*, cheias de pó e com lama nas patas. Avô, lavas as tuas vacas todos os dias? Acho que também foram escovadas. Mamã, que diria o Achole se visse estas vacas?

Mas Hannah calara-se quando o carro transpôs o cume de outro monte e a quinta dos Olsen surgiu à vista. Pôs os braços à volta do pescoço de Lars quando chegaram ao local onde ele nascera. A casa principal era longa e estreita e estava pintada de branco, com um telhado de ardósia e empenas de cada lado, rematadas com uma guarnição de madeira. À sua frente, havia um prado que se estendia até ao limite de um fiorde, a superfície vidrada parada e calma. Nas proximidades, havia mais quatro edifícios, um dos quais albergava a vacaria. Atrás dos campos de erva, erguia-se uma floresta, crescendo numa encosta pedregosa cujo leito antigo estava esburacado e estalado com as marcas do tempo inclemente.

– Como os livros ilustrados do papá que temos em casa – disse Piet.

– Oh, olha! Tens uma casa vermelha! – Suniva abriu a porta do carro e saltou para fora antes que Jorgen puxasse pelo travão de mão ou desligasse a ignição. Levantou os olhos, deliciada, para o celeiro. – E uma grande branca. Olha, Piet! Olha! Há também uma cinzenta, com madeira trabalhada. Olha!

Piet tinha-se afastado e estava sozinho, absorvido a contemplar a formação das montanhas e a torrente prateada de uma cascata que surgia de uma fissura nas rochas por cima dele, caindo e desaparecendo na floresta atrás da casa.

– Duendes – gritou ele a Hannah. – É onde vivem os duendes. Lá em cima, escondidos nas rochas. Ouço o barulho deles na minha cabeça. – Pôs as mãos nas orelhas. – Estou constantemente a ouvi-los.

– Pode ser que os vejas, se olhares com atenção – disse Hannah, aproximando-se e pegando-lhe na mão, mas ele ignorou-a e continuou a

olhar para cima. – Vamos, Piet. A avó está à nossa espera e há muito que ver.

– O que é esta, com as escadas e o alpendre suspenso no ar? – Foi Suniva quem fez a pergunta, esticando o pescoço para olhar para a varanda de madeira trabalhada.

– Alteraste-a – disse Lars, surpreendido. – Acrescentaste janelas.

– Chama-se um *stabbur* – disse Jorgen, em resposta à pergunta de Suniva.

– Antigamente, guardávamos lá sementes e outras coisas. O que precisássemos de armazenar para a quinta. Está construída sobre estacas, estás a ver, e costumávamos pendurar carnes salgadas no tecto para os ratos e as ratazanas e outros animais gulosos não lhes conseguirem chegar. Se gostas dela, pode ser que um dia seja tua.

– Quando? – Suniva estava a admirar a fachada e a íngreme escada exterior que levava ao andar de cima. – Quando é que pode ser minha?

– Suniva! – A vinda de Kirsten Olsen impediu Hannah de continuar a protestar.

Ela surgiu da porta de entrada da casa, alisando a saia, com um ar ansioso. Mas quando o filho lhe lançou os braços ao pescoço e a embalou suavemente, ela acenou com a cabeça e limpou os olhos, o coração demasiado alegre para encontrar as palavras.

– Vamos para dentro – disse Jorgen, indicando o edifício cinzento. – Vamos desfazer as malas e ver como é a vossa casa norueguesa. Espero que gostem do que fizemos.

– Alteraram-na para nós? – Lars olhou mais atentamente para a velha construção. – Com uma porta e janelas novas.

– *Ja*. – Jorgen assentiu com a cabeça, abrindo-se num grande sorriso. – Para ti e para a Hannah e para as crianças. Convertemos o velho *stabbur* numa segunda habitação. Só para vocês.

Lá dentro, as paredes e os soalhos eram de madeira. Entraram num espaço que servia de sala de estar, com uma salamandra de ferro bojuda no centro da parede do fundo.

– Nós temos um fogão em casa – disse Suniva, fascinada com os azulejos antigos na chaminé redonda e com a porta de metal polido. – O Kamau

cozinha no nosso fogão, mas não tem este aspecto. Porque é que vai até ao tecto?

– Este é para aquecer a sala no Inverno – explicou Lars. – Pomos toros de madeira lá dentro e toda a gente fica muito quentinha. A chaminé vai até cima, dentro da casa, para aquecer os quartos ao mesmo tempo.

Um sofá, cadeiras e prateleiras cheias de livros e cerâmica separavam a sala de estar de uma cozinha e área de refeições, e os armários tinham portas pintadas de cores vivas representando flores, aves e animais. As paredes estavam decoradas com tecidos feitos à mão e modelos de bordados e uma série de fotografias que mostravam Lars em criança e adolescente e, mais tarde, em jovem adulto. Nas janelas dos quartos, que davam para uma extensão verde, esvoaçavam cortinas brancas, e o odor e rumorejar das árvores enchia as salas. As camas de madeira das crianças tinham os lados e as cabeceiras pintados e colchas feitas à mão. Vasos de gerânios e rosas, zimbros, bétulas e árvores de fruto misturavam-se com flores silvestres e, através delas, um caminho desembocava na borda da água azul-cobalto onde havia um barco a remos amarrado a um molhe de madeira. À distância, viam a manada de vacas que eram a paixão de Jorgen. Havia uma vista das montanhas, ainda cobertas por uma capa de neve estival, e no lado oposto desenhavam-se os contornos de uma aldeia.

– O que fizeram é magnífico. – A voz de Lars estava embargada pela emoção. – Devem ter trabalhado duramente desde que o tempo melhorou para conseguirem tê-la pronta para nós.

– Tive a ajuda do velho Nilsen – disse Jorgen com orgulho. – No ano passado, convertemos juntos um celeiro para a filha dele. Ele ficou contente por retribuir o favor. A tua mãe fez o resto... a mobília e as outras coisas de que iam precisar. – Sorriu timidamente. – Eu não sabia quais pormenores de interior seriam importantes.

– Olhem... algumas das vacas também estão pintadas de vermelho e branco – disse Suniva, apontando para fora da janela. – Tenho de as desenhar.

– Há oito vacas vermelhas e brancas – disse Jorgen. – As outras têm marcas pretas e brancas. Cada uma tem o seu nome e a vaca principal tem

um sino com um som que daqui a pouco vais reconhecer. São vacas boas e fortes que se reproduzem bem e dão bom leite. Não dão trabalho nenhum quando se cuida delas. E a avó Kirsten tem cabras, que dão bom leite e bom queijo. Também defumamos algumas carnes e peixe naquele pequeno edifício acolá.

– Podemos ir agora conhecer as vacas e saber os nomes delas? – Suniva seguiu o avô até à janela e puxou pela mão do velho.

– Ainda não. – Lars passou o braço pelos ombros magros da mãe. – Porque vamos à casa principal, onde a tua avó nos preparou o jantar. E depois vais para a cama porque fizemos uma grande viagem e é tarde para ti. Amanhã podes conhecer as vacas. Vamos, Piet. Piet?

– Sim? – Piet virou-se para encarar o pai.

– Presta atenção – disse Lars numa voz mais forte. – Jantar e depois cama.

– Cama? Mas ainda nem sequer anoiteceu – disse Piet.

– Cama para mim não – gritou Suniva a plenos pulmões, rodopiando e arrastando Piet pela mão. – Há demasiadas coisas para ver. Não conseguiria dormir.

– Cama para mim não – repetiu Piet, mas a sua cara estava corada e era óbvio que estava exausto depois da viagem.

A casa principal era muito maior do que o *stabbur*. Havia duas salas de estar, uma para uso diário, com as suas poltronas e sofá bem gastos, uma colecção de jornais, lãs de tricotar e fios de bordar espalhados, livros, óculos de leitura e um televisor. A segunda sala era mais formal e Lars explicou que só era usada quando recebiam a visita de vizinhos e outros convidados. Os soalhos envernizados estavam cobertos por tapetes, e o chão da cozinha estava revestido a linóleo colorido. Nas paredes havia fotografias encaixilhadas, muitas delas em tons de sépia descolorados.

– Estão aqui vacas num barco! Posso andar de barco com as vacas? – Piet estava a olhar, espantado, para as fotografias antigas.

– Antes de termos grandes camiões, levávamos as vacas em jangadas para o outro lado do fiorde para andarem nas pastagens altas. Era onde o pasto era melhor no Verão – explicou Jorgen. – A tua tia-avó vivia numa pequena

casa lá em cima. Olhava pelos animais até chegar o tempo frio e depois trazíamos-las outra vez para baixo.

– Quem me dera que pudéssemos fazer isso agora. Hoje. – Suniva estava encantada.

– É bonito de ver – disse Jorgen, sorrindo. – Mas era uma longa viagem e por vezes perigosa. O camião é mais eficiente.

Kirsten pusera a mesa com a melhor louça e uma toalha e guardanapos que bordara em ponto de cruz. Inclinarão as cabeças enquanto Jorgen dava graças a Deus pela dádiva da sua boa chegada e pela comida que a mulher preparara. Pratos fumegantes de salmão foram acompanhados por legumes de cultivo caseiro e pão achatado. Quando foi servida a sobremesa, Lars soltou uma exclamação de alegria.

– Não há morangos na terra iguais a estes – disse ele, enquanto a mãe lhe servia uma dose generosa. – Há anos que não os como. Misturem um pouco destas natas que não há sabor igual. Pega na colher, Hannah, e experimenta que vais ver como é bom.

Apesar da longa viagem de Londres, foi difícil persuadir as crianças a irem deitar-se com um dia ainda luminoso lá fora. Quando foram finalmente aconchegados nas camas, Hannah e Lars decidiram voltar à casa principal para tomar café. Mas Piet parecia agitado, tapando as orelhas com as mãos e enterrando finalmente a cabeça debaixo da almofada.

– Doem-me os ouvidos, mamã – disse ele. – E consigo ouvir os duendes. – Agarrou-se a Hannah, implorando-lhe que ficasse com ele e ignorando Suniva, que estendeu o braço e lhe deu um leve soco, acusando-o de estar a comportar-se como um bebé e não como um menino de nove anos.

– Volta tu para a casa principal – disse Hannah a Lars. – Eu espero aqui até ele acalmar.

Foi Jorgen quem veio à procura da nora e ficou com as crianças, iniciando um ritual de narração de histórias ao deitar que perduraria durante toda a visita. Sentou-se numa cadeira de baloiço ao lado das camas deles.

– Agora ouçam – disse ele, numa voz sonora, em virtude da crescente surdez de que começara recentemente a padecer. – Todas as noites, enquanto cá estão, vou contar-lhes uma história dos grandes dias dos navios

viking. E dos reis valentes e guerreiros destemidos que foram os vossos antepassados e navegaram as ondas rumo à glória.

Hannah estava apreensiva por ir ter com Lars e a mãe depois do jantar, temendo a conversa forçada e artificial, mas o tempo passou agradavelmente enquanto ela ajudava a lavar a louça e tentava aprender algumas frases e nomes noruegueses com Kirsten. A atmosfera foi suavizada pelo café, regado com licor caseiro que Hannah nunca tinha provado. Fê-la tossir ao engolir o primeiro trago mas, pouco depois, estava confortavelmente instalada a saborear a sensação quente no estômago.

– É o meu pai que faz o licor. É *heimbrent*, mas quando se deita no café, chamamos à mistura *karsk*. Oferecemo-lo muitas vezes às visitas porque põe toda a gente bem-disposta num instante. – Lars estava a rir-se e a encher-lhe mais uma vez a chávena quando Jorgen chegou.

– Os pequenos estão a dormir – disse ele. – Mas acho que o Piet é capaz de estar com outra infecção no ouvido. Talvez seja melhor levá-lo ao médico amanhã.

– *Ach*, que pena – disse Hannah. – Ainda mal recuperou da última, e nós que pensámos que ia passar bem onde não há poeira nem moscas nem *dudus* que picam.

Ali sentados, Lars ia traduzindo para Hannah e para a mãe, contando histórias das suas marotices de infância até estarem todos a rir descontroladamente.

Na manhã seguinte, foram ao médico da família, um amigo de longa data de Jorgen, que receitou a Piet um antibiótico em gotas e aconselhou a criança a usar protectores para os ouvidos se nadasse.

– Tem um tímpano perfurado – disse o Dr. Petersen. – Pode acontecer após uma série de infecções mas, muitas vezes, sara por si. Têm de esperar algumas semanas a ver se é esse o caso e, entretanto, as gotas hão-de resolver o problema agora e fazer passar a dor. – Sorriu a Hannah e deu uma palmadinha na cabeça do rapaz. – Grande homenzinho. Percebo agora porque é que o Jorgen tem tanto orgulho em vocês e nos netos.

Ao fim de dois dias, Hannah começou a sentir-se mais à vontade. Sentada sob o céu estival, ia descascando ervilhas da horta de Kirsten e observando a família a rir e a chapinhar na água gelada do fiorde.

– O rapaz parece muito melhor – disse Jorgen. – Já lhe dói menos. Temos de lhe manter os ouvidos secos que não há-de ter problemas.

– Espero que não – disse Hannah. – Ultimamente teve várias infecções destas que me preocupam imenso.

– Aparicas demasiado o Piet – disse Lars, vendo Hannah aflita, sempre à volta de Piet quando ele se dirigia para o fiorde. – Ele precisa de enrijecer.

– Como é que podes dizer isso? – Falou num tom cheio de indignação. – Ele é susceptível a estes problemas nos ouvidos. Não pode fazer nada contra isso.

– Sim, mas no geral precisa de ser mais independente – disse Lars. – Protege-lo excessivamente porque estás sempre a ver nele o teu irmão a transformar-se de novo num jovem. Mas este Piet é nosso filho, Han, e precisa de encontrar o caminho dele. Esfolar os joelhos, cair da bicicleta, nadar no fiorde, sem ter ninguém a correr atrás dele.

– Olha quem fala – disse ela, desagradada com as suas críticas. – A Suniva faz de ti o que quer e tu nunca consegues resistir-lhe.

– Tens razão – disse ele, rindo-se e abraçando-a. – Se calhar somos os dois uns desastres como pais. Só podemos esperar que os nossos filhos sobrevivam a isso.

Na luz das noites estivais, Suniva e Piet ficavam a brincar ao ar livre muito depois da hora de deitar, sempre cheios de energia. Ao pequeno-almoço, sentavam-se na cozinha a comer tigelas de papa de cevada com o avô, regadas com natas, uvas passas e melaço espesso. Em seguida, iam visitar a vacaria ou pescar no barco de Jorgen. Lars levava-os a dar grandes passeios nas florestas, em busca de morangos silvestres, à caça de borboletas na erva e a fazer colares de margaridas. Suniva passava horas sentada com a caixa de tintas e lápis de cor que Camilla lhe dera, desenhando retratos dos avós, as vacas, as montanhas e os barcos na água cintilante. A beleza do lugar conquistara-os mas, para Hannah, a sua

perfeição era também inquietante e havia momentos em que ansiava pela comichão da poeira africana no nariz, pelo ar rarefeito de uma manhã nas terras altas, pelo som surdo e arranhado de um leopardo na escuridão e pela ponta de perigo que intensificava cada dia imprevisível.

A quinta dos Olsen representava trabalho árduo para um casal de idosos. Havia vacas leiteiras, dois bois e vários vitelos para criar. A vacaria ficava no celeiro vermelho, com o feno armazenado em cima, no segundo andar. Jorgen tratava do gado e da maquinaria de ordenha e limpava também as baias, levava as vacas a pastar e organizava a alimentação dos animais. Hannah ficou impressionada com o asseio da vacaria e o zunido suave das máquinas modernas que pareciam funcionar com eficiência. Estava fresco no interior, onde se encontravam as vacas, pacientes e calmas, e não havia sombra de pó no ar nem lama vermelha espalhada pelo chão. Até o feno exalava um cheiro doce que era diferente da forragem africana.

– Têm melhores maneiras que as nossas vacas – comentou Suniva. – São limpas e asseadas e até comem mais devagar. E também não há aqui barulho... vaqueiros a gritar e a assobiar e a bater com os cajados ou a cuspir na palha como o Achole. É demasiado sossegado, mãe.

O leite era guardado num tanque de arrefecimento de onde era descarregado, a cada dois dias, para um camião e transportado para a cooperativa local. Kirsten criava galinhas e olhava por um rebanho de cabras brancas que ordenhava para fazer queijo. Também cozinhava, fazia as compras e limpava a casa, sem ajuda de fora, e Hannah interrogou-se sobre o que ela teria pensado do pessoal doméstico, dos vaqueiros, dos jardineiros e dos guardas-nocturnos empregados em Langani. Jorgen cultivava cevada numa parte dos seus catorze hectares, assim como batatas e couves. Ocupava-se da contabilidade da quinta e era igualmente responsável por comprar e vender o gado. Levantavam-se cedo todos os dias para tratarem do processo de ordenha e para pôr o gado a pastar e recolher os ovos. Quando Hannah perguntou se alguma vez contratavam alguém para os ajudar, Jorgen abanou a cabeça.

– Cá nos arranjamos os dois, como estás a ver – disse ele. – Quando carregamos feno para as vacas ou ceifamos a cevada, os nossos vizinhos vêm ajudar-nos e nós fazemos o mesmo por eles. É o costume por estas paragens. Mas daqui a pouco estaremos velhos de mais para tratar da quinta sozinhos. É uma situação em que temos de pensar, embora seja difícil resignarmo-nos a essa ideia. Reconhecer que já não somos como éramos.

Hannah notou que a sogra envelhecera consideravelmente desde a sua última visita a Langani, dois anos antes. Ela e Hannah trabalhavam amigavelmente dentro de casa e ao ar livre, fazendo tarefas que, em Langani, teriam ficado a cargo do pessoal doméstico. Há anos que Hannah não se envolvia fisicamente nas lides da casa e as associações não eram agradáveis. Recordava vividamente o momento em que Jan van der Beer insistira em abandonar o país em que nascera, imediatamente depois da Independência do Quênia. Embora ele tivesse deixado Langani a cargo do filho, Hannah fora obrigada a ir para sul com os pais, trocando a casa que amava pelo *bungalow* decrepito que lhes havia sido atribuído na plantação de tabaco pertencente ao primo brutal de Jan. Enterrara as suas recordações desses anos infelizes em que Jan fora tratado como um mero trabalhador rural e Lottie precisara da ajuda da filha para cozinhar, limpar, lavar a roupa e entregar os trabalhos de costura que era forçada a aceitar para equilibrar as finanças. O amor de Hannah pelo pai fora-se extinguindo à medida que o seu alcoolismo intensificava a sua atitude cismática e os olhos ressentidos se tornavam baços, injectados e malévolos com o desespero.

Mas agora achava que ajudar Kirsten Olsen era uma experiência gratificante. As mãos dela estavam deformadas da artrite e tinha problemas nos joelhos que tornavam doloroso baixar-se ou caminhar distâncias mais longas. O contributo de Hannah poupava a mulher mais velha às lides domésticas que lhe causavam dores. A pouco e pouco, começaram ambas a apreciar o jogo de comunicarem, apontando, demonstrando e repetindo palavras em norueguês e inglês. Hannah fazia as camas, estendia lençóis, toalhas e roupas a secar no ar fresco, limpava o pó e encerava e passava tempo na cozinha a aprender a preparar os pratos que Jorgen mais apreciava ou a oferecer as suas próprias receitas. Na aldeia, carregava com o cesto das

compras e era apresentada às pessoas com que se cruzavam. Kirsten sorria de prazer e falava animadamente na sua voz cantada, ligeiramente lamurienta, demonstrando uma faceta inesperadamente jovial da sua personalidade, enquanto Hannah apertava mãos e sorria incessantemente até lhe doerem as faces e o queixo do esforço. Alguns amigos e conhecidos da família falavam inglês e faziam perguntas sobre os perigos de viver próximo de animais selvagens e homens negros com lanças. O seu interesse na família africana de Lars e as suas ofertas de hospitalidade enterneceram Hannah. As suas respostas, embora muitas vezes limitadas pela língua, estavam carregadas de gratidão e um prazer genuíno. Os antigos amigos de escola e faculdade de Lars falavam, na sua maioria, inglês e passavam dias divertidos, repletos de histórias, em que as famílias se reuniam para uma excursão de pesca ou uma simples refeição de truta acabada de apanhar ou de salmão defumado nas quintas.

As crianças nadavam na água azul que era demasiado fria para Hannah e ajudavam a recolher os ovos das galinhas. Experimentaram ordenhar as cabras e fazer queijo e Suniva sentava-se num banco de madeira que Jorgen lhe dera, desenhando sem parar, enquanto Piet aprendia quais os melhores momentos e sítios para apanhar um peixe gordo. As tardes eram longas e quentes e custava-lhes acreditar que o sol pudesse ser tão feroz num lugar tão distante do equador. Ao fim de poucos dias, estavam todos resplandecentes e bronzeados, como se tivessem passado uma semana no oceano Índico. Mas, apesar do prazer que tinha com os seus passatempos, Piet também andava irritável com frequência. Abandonava subitamente um jogo com Suniva para se sentar sozinho a ler um dos livros que Hannah lhe comprara em Londres, não ligando quando o chamavam para as refeições ou para participar num passeio.

– Ele não me ouve quando falo com ele – queixou-se Hannah. – Nunca se portou desta maneira. Não sei o que fazer, Lars.

– Estamos de férias – respondeu Lars. – Não nos preocupemos com isso agora. Quando chegarmos a casa, podes assumir uma atitude mais firme.

Kirsten abanou a cabeça e fez um comentário a Jorgen em voz baixa. Mas ele franziu a testa e fez-lhe sinal, num esforço para impedir que ela

expressasse uma opinião.

*

Embora toda a família tivesse passado um dia em Trondheim, assombrada com a beleza da grande catedral onde os reis da Noruega eram coroados, e encantada com as casas de madeira coloridas e o rio, passavam a maior parte do tempo na quinta. Lars contentava-se em dedicar grande parte do dia ao pai, discutindo o gado e o custo e viabilidade de modernizar ainda mais a vacaria, deambulando pelos campos para inspeccionar a cevada. Davam passeios ou remavam pelo fiorde, onde pescavam, ou visitavam vizinhos que Lars conhecia desde a infância. Era claro para ele que o esforço de manter a quinta constituía uma pressão cada vez maior sobre os pais. Já não colhiam toda a fruta do pomar para as compotas estivais de Kirsten e o jardim de flores dela exibia ervas daninhas que Hannah, discretamente, mondou. A gestão da propriedade ia abrandando, avançando aos soluços como os seus proprietários envelhecidos, e Lars sentia-se triste ao ver a sua fragilidade. Ocasionalmente, assaltava-o um sentimento de culpa por ter estado longe tanto tempo e negligenciado as necessidades dos pais.

– Havemos de vir com mais frequência – prometeu ao pai. – Agora faz parte da vida das crianças e a Hannah também se sente feliz aqui.

Lars fez quarenta anos no final da estadia e a irmã, Ilse, e a família dela foram convidados a vir de Copenhaga, onde viviam. Passaram o dia ocupados com os preparativos, transportando para o ar livre a mesa e cadeiras de madeira do *stabbur*, juntamente com uma toalha de quadrados azul e branca, copos, pratos e talheres. Foram colocados à sombra de uma árvore cujos ramos vergados se arrastavam pela água. O aroma a pão fresco e a bolos atraiu para dentro de casa as crianças, que tinham estado no prado, Suniva a colher flores silvestres para colocar numa jarra para o jantar de aniversário do pai. Kirsten deu-lhes tigelas com ovos, farinha e açúcar e grandes colheres de pau para baterem a massa das panquecas.

Os avós haviam dado às duas crianças trajes típicos da Noruega e nem Suniva objectou a vestir a blusa e avental brancos bordados por cima de uma saia escura e rodada. Na bainha estavam cosidas várias tiras de cor decorativas e uma faixa garrida, à cintura, completava o traje. Submeteu-se com rara paciência aos esforços de Hannah para lhe desensarilhar o cabelo, fazendo-lhe tranças impecáveis e prendendo-lhas à cabeça.

– Está uma verdadeira norueguesa, *ja* – disse Jorgen quando a viu. – Parece-se muito contigo e com o Lars... forte e loura. E o rapaz também. Tenho uns netos lindos de África.

Emitiu um ruído de satisfação e toda a sua atitude revelava tanta felicidade e afecto que Hannah apertou a sua mão artrítica e ele passou-lhe o braço pela cintura, numa mensagem muda de familiaridade e aprovação. Nesse momento, ela captou o olhar de Lars e ambos sorriram do seu segredo.

Durante a manhã, Jorgen e Lars foram de carro à aldeia vizinha e voltaram com um cesto de camarões frescos que Kirsten colocou ao lume, num tacho enorme, até emergirem rosados e suculentos da água fervente.

– Meu Deus, são enormes! Nunca vi camarões assim – disse Hannah, sugando o suco doce da casca e mordendo um. – Nem provei nada igual. Nem os melhores da costa são assim.

– É da água fria – explicou Lars. – Para mim o Verão sempre teve a ver com camarões e morangos frescos com panquecas, natas espessas e açúcar. Hum. – Produziu um estalido com os lábios e descascou outro camarão para Hannah enquanto a mãe corria com ele, a rir. – Está bem, não comemos o jantar antes do tempo – disse ele. – Anda, Han. Temos de nos preparar antes de o resto da família chegar.

– Estou tão feliz por termos vindo – disse Hannah, enquanto se vestiam para o jantar. – É tão importante para os teus pais ter aqui as crianças. Tinhas razão, Lars. Devem conhecer o lado norueguês da família. Foi o que a minha mãe disse, há muitos anos, quando o meu pai se opôs a que eu fosse para a escola no convento. Disse ela que eu devia compreender a minha outra metade, a que é italiana e católica. A Lottie não queria que eu

crescesse como uma rapariga africânder, cerceada pelas atitudes intransigentes dos reformistas holandeses.

– Não me lembro de o Jan ser um bóer tacanho.

– O meu pai sempre fez questão de não o ser – disse Hannah. – Sabia que muitos dos homens mais velhos eram hipócritas. Obrigavam os membros da comunidade da reforma holandesa seguir um sem-fim de regras que pairavam sobre as pessoas como uma nuvem negra. O meu pai dizia que odiavam ver alguém feliz. Nunca acreditou nos austeros africânderes de chapéus e casacos pretos e costas direitas que se apresentavam, severos e altivos, na igreja. E, em adolescente, descobriu que muitos bebiam e jogavam cartas secretamente na sala dos fundos de uma *duka* indiana na cidade e se envolviam com mulheres africanas por prazer, ao mesmo tempo que proibiam os filhos de cantar, dançar e brincar ao domingo. Mas também achava as ideias católicas da minha mãe demasiado frívolas e não ligava nada às convicções dela.

O lento sorriso de Lars contagiou-lhe os olhos. – Dá ideia que adoptaste uma boa parte dos pontos de vista mais liberais da Lottie – disse ele.

Ela lançou um olhar interrogativo na sua direcção e viu o seu divertimento mas, mesmo assim, corou. Ele nunca se referia ao seu comportamento rebelde no tempo em que ela se revoltara contra o facto de fazer parte da espiral descendente da vida dos pais. Quando o bem-amado pai finalmente se tornara um bêbado azedo e violento, Hannah roubara as poupanças da mãe e fugira novamente para o Quénia. Encontrara Lars em Langani, a gerir a herdade com Piet. O grande norueguês parecera-lhe então um segundo irmão mais velho, pronto a controlá-la e a tratá-la como uma criança, em conluio com o irmão que já tinha.

– Não sou capaz de imaginar como é que tu e o Piet me aturaram quando eu cheguei da Rodésia – disse ela. – Já tinham muito entre mãos, a resolver as dívidas inesperadas que o meu pai tinha deixado e a tornar a fazenda novamente solvente.

– Não eras assim tão má – disse Lars. – Ocorre-me um ou outro aspecto positivo. E precisavas de uma certa folga para ultrapassares as pancadas que tinhas levado.

Na altura, Hannah não notara o afecto crescente que ele nutria por ela. Deixou-se antes enfeitiçar por Viktor Szustak, o arquitecto que ajudara Piet a desenhar os planos originais do *Lodge* Langani. Nascera uma ligação apaixonada entre eles, mas o irmão fora-lhe então arrancado. Lars assumira a direcção de Langani, depois do assassinio de Piet, mas quando finalmente confessou o seu amor por Hannah, ela rejeitou-o e ele partiu da fazenda. O romance com Viktor terminara pouco depois. Ele era um mulherengo inveterado que não fazia tenções de se casar ou de assentar e deixara-a só e humilhada, sem saber que estava grávida da filha dele. E depois Sarah contactara Lars e convencera-o a voltar para a fazenda.

– Anda lá fora, Hannah. – As palavras dele trouxeram-na de volta ao presente. – A luz está muito bonita, como tu e os nossos filhos. Vamos até lá fora celebrar a nossa felicidade.

– Alguma vez pensas no Viktor? Alguma vez te sentes zangado ou triste com o que eu fiz?

As palavras saltaram-lhe da boca, surpreendendo-a tanto como surpreenderam Lars. Era um assunto que nunca discutiam, mas aqui, na paz daquela noite azulada, não parecia ser ameaçador.

– Não. Nunca penso nele – respondeu Lars. – A Suniva é minha filha em todos os sentidos menos num e esse é irrelevante. Não precisamos de pensar no Viktor.

– Nunca na minha vida hei-de esquecer o dia em que voltaste para Langani. A maneira como me aceitaste, grávida, obstinada e revoltada – disse ela. – É o que recordo, mais do que qualquer outra coisa.

Preparava-se para o beijar quando ouviu o som de um carro. – É a tua irmã – disse ela. – Vai ser uma noite muito especial. *Lekker*, eh?

*

Houve abraços entre as mulheres, enquanto os homens apertavam as mãos e davam palmadas nas costas uns dos outros, comentando que parecia ter passado uma eternidade desde que haviam visitado Langani. Lars e a irmã eram completamente diferentes um do outro fisicamente. Ilse era alta e tinha cabelo escuro, com uma personalidade dinâmica e um sorriso franco e

generoso a que se seguiam gargalhadas calorosas. Os seus olhos transbordavam de amor ao mirar o irmão de alto a baixo, antes de o abraçar.

– Finalmente trouxeste-os – disse ela. – Que bom. Até para mim, porque obrigou o Karl a tirar férias e a vir à quinta. Há mais de um ano que não estávamos aqui juntos, sabes? – Virou-se para Hannah para explicar. – Ele tem uma vida tão ocupada em Copenhaga que é raro termos tempo para estar com a família.

– Onde estão os teus filhos? – Hannah estava surpreendida com a ausência deles. – Estávamos desejosos de os ver. Estes dois, principalmente. – Apontou para Suniva e Piet, que estavam de lado, um tanto inibidos nos seus trajes noruegueses.

– Foram para um campo de férias. – A expressão de Ilse ensombrou-se. – Os primos dinamarqueses iam e o Karl disse que lhes faria bem.

– Já cá vieram muitas vezes. É tempo de alargarem os horizontes. – Os lábios de Karl estavam contraídos numa expressão de censura e abriu uns dedos que lembravam salsichas. – Não devem passar sempre as férias com a mãe.

– Não vejo onde esteja o mal disso – disse Ilse. – Na idade deles...

– Aqui não aprendem nada de novo ou útil. É melhor para eles experimentarem um mundo mais diversificado – disse Karl categoricamente, indiferente à expressão de mágoa no rosto da mulher.

– Anda – disse Jorgen, dando o braço a Ilse. – A tua mãe e a Hannah prepararam-nos um festim e vamos começar com cerveja e até vinho francês que o Lars trouxe de Londres. – Riu-se. – O meu filho, contrabandista de vinho, *ja*.

Hannah seguiu-os até à borda da água, caminhando ao lado de Karl. Deitou uma olhadela à sua cara rosada e anafada e à camisa cara que lhe ficava um pouco apertada. A tarde estava quente, uma fina camada de suor cobria a sua pele, e ele parecia afogueado e incomodado com a roupa da cidade. Até os seus olhos pareciam cor-de-rosa enquanto ele olhava, através de pestanas pálidas, para o meio rural que o rodeava. A desconfiança e a reprovação eram visíveis na sua expressão carregada e nos gestos daquelas

suas mãos grotescas, que enxotavam moscas e limpavam a testa com um lenço.

– Não estava a contar que isto fosse tão belo – disse Hannah. – E as cores aqui são fortes e profundas. Deves apreciar o contraste com a cidade quando vens de visita.

– Pessoalmente, não sou um rapaz do campo – disse ele. – Na minha opinião, há muitos outros lugares mais interessantes e estimulantes. Mas a Ilse acha que deve vir sempre que pode ausentar-se. É muito dedicada aos pais. Obrigações de família.

– Estar aqui não é uma obrigação. – Ilse ouvira o marido e recuara para o corrigir, as faces coradas de fúria.

– Chama-lhe o que quiseres – disse Karl. – Pensas demasiado nos velhotes. Ultimamente, tornaram-se um fardo, enchendo-te de complexos de culpa.

Hannah tinha a certeza de que a cunhada não considerava uma visita aos pais como um fardo de espécie alguma. Forjara uma forte amizade com Ilse desde o dia em que se haviam conhecido no Quénia. Tinham ambas crescido em propriedades que permaneciam âncoras importantes nas suas vidas, lugares que definiam os seus ideais de casa e segurança. Contudo, era evidente que a relação de Ilse e Karl se deteriorara.

Sentaram-se durante algum tempo ao pé do lago, absorvendo o sol da tarde. Ao fim de alguns momentos, Suniva pegou no caderno e começou um novo desenho, enquanto Piet se afastava para ver os peixes emergir e para tentar a sorte com uma cana que Jorgen lhe comprara na expedição da manhã à aldeia.

– É tão parecido com o meu irmão com a idade dele – disse Hannah. – Qualquer criatura viva o fascina. O Piet coleccionava percevejos e rãs e cobras pequenas e tinha um jardim zoológico de criaturas estranhas no quarto, a que dava de comer e que estudava. A minha mãe às vezes ficava louca quando abria uma gaveta para guardar as meias dele e descobria uma cobra enrolada com um rato meio comido, ali no meio da roupa dele.

– Ainda deves sentir saudades dele – disse Ilse.

– Todos os dias. Mas foi-me dado outro Piet, tão parecido com ele que por vezes sinto que ele voltou para junto de nós.

– Também tens uma filha maravilhosa, cheia de genica. – Ilse inclinou um pouco a cabeça, observando Suniva, que estava sentada, de olhos franzidos, a calcular a perspectiva e a distância exigida pelo desenho. – Sabes, quando penso em ti e no Lars, sinto-me um zero à esquerda. Completamente desinteressante.

– O que é que queres dizer? – Hannah ficou espantada. – Tens um marido bem-sucedido, três filhos estupendos, uma bela casa nos arredores de Copenhaga com governanta, além dos cães e dos gatos, e dois cavalos. É uma vida de sonho.

– Sim, mas tudo muito rígido. Isolado. E quando vejo os teus filhos aqui e em Langani, interessados em tudo o que vêm, sem precisarem que se lhes organizem distrações... até os jogos que jogam são imaginados por eles... enfim, pergunto-me se os nossos filhos não estarão demasiado virados para si próprios. Preocupa-me que já estejam a ser orientados para uma maneira de ver as coisas muito mais tacanha.

– Não me parece – disse Hannah, tranquilizadora. – Tu e o Karl têm uma vida diversificada. Viajam, lêem, tu interessas-te por todo o tipo de actividades culturais que não existem no mundo dos nossos filhos, no meio do *bundu* africano.

– Suponho que sim. E talvez o Karl tenha razão... o campo de férias há-de fazer-lhes bem. Longe da cidade. Longe de mim. Ele diz que eu me agarro demasiado a eles. O facto de estarem sozinhos há-de torná-los mais independentes e proporcionar-lhes mais exercício mental. – A sua voz era insegura.

– A seu tempo, as crianças aprendem a depender de si próprias – disse Hannah. – A Suniva foi sempre ferozmente independente e cheia de um tipo louco de coragem que a mete em todo o tipo de apertos. O Piet é mais dócil, menos ousado, mais um sonhador como o meu irmão. Mas só tem nove anos e corre à solta em Langani sem ter medo de nada. Acho que está a crescer de uma forma saudável.

– Adorei ter estado na vossa fazenda. – A voz de Ilse soou melancólica. – Espero que possamos voltar, embora possa ser só eu e as crianças. O Karl riscou o Quénia da lista dele, agora que já lá esteve. Quer passar a outras coisas, mas Langani, para mim, foi a experiência que mais gostava de repetir. Contudo, não teria coragem para viver em África nem para enfrentar o que tu e o Lars confrontam diariamente.

– Nunca visitaste o teu tio quando ele plantava café no Quénia?

– Não. – Ilse sorriu. – Isso era uma coisa especial para o Lars, uma aventura do meu irmão adolescente... eu era completamente excluída dessas férias. De qualquer modo, acho que os nossos pais não tinham dinheiro para nos mandar aos dois para África. Aliás, estou convencida de que o tio Per sempre pagou as viagens do Lars ao Quénia e essas visitas moldaram a vida dele. No fim, levaram-no até ti. Estranho, não é?

– Estranho e maravilhoso – disse Hannah. – Tenho uma grande dívida para com o teu tio e disse-lho muitas vezes antes de ele ter partido para a Austrália.

Ocuparam os seus lugares à mesa, na qual Kirsten colocara tigelas de camarões ao longo do centro, acompanhadas de pães estaladiços, acabados de sair do forno, com grandes pedaços de manteiga e queijo, e saladas da sua horta. Raios de luz dourada filtravam-se através das árvores, iluminando o prazer nos rostos de todos eles e transformando a mesa num lugar sagrado de amizade e alegria.

– Estiquem-se, metam bem as mãos na tigela e ponham uma grande mão-cheia de camarões no prato – disse Lars. – Depois é que o verdadeiro trabalho começa. Mas a recompensa é tão boa que nunca se hão-de esquecer da experiência. – Prendeu um guardanapo debaixo do queixo e atirou-se com deleite, retirando os camarões e demonstrando às crianças como se descascavam e se aproveitava ao máximo cada um.

Um barco à vela apanhou a brisa e navegou perto da costa, de modo que ouviram o rangido da vela a ser esticada e o som das ondas a marulhar contra o casco. Hannah estava sentada completamente imóvel, a sua vida adquirindo uma qualidade irreal enquanto passava os olhos sobre a mesa. O

murmúrio das vozes que amava subia e descia e flutuava à sua volta e tudo o que alguma vez dissera ou fizera parecia ter levado à simples harmonia deste momento. Fechou os olhos e deixou que a sensação se apoderasse dela, encerrando o contentamento nas profundezas do seu ser para aí o guardar e o recordar sempre que quisesse. Lars tivera razão ao insistir em que ela estabelecesse uma verdadeira ligação com a sua família e em trazê-la a este outro mundo por um breve período. Virou-se para olhar para ele, alegre e risonho, e quando ele retribuiu o olhar, ela sentiu que ele sabia tudo o que lhe ia no coração.

Ergueram os copos a Lars, foram buscar mais comida e vinho a casa e partilharam histórias de família na noite pálida e amena. Até Karl adoçou um pouco depois de várias doses de *heimbrent* e se revelou um contador de histórias espirituoso e competente, levando Hannah a compreender o que poderia ter atraído Ilse. Mas não lhe parecia que a cunhada fosse feliz e esta percepção fê-la sentir-se profundamente grata pela sua boa sorte.

– Então – disse Jorgen, levantando-se e estendendo a mão para Piet e Suniva. – São horas de lhes ensinar uma dança norueguesa para as ocasiões felizes. E toda a gente vai participar.

Deram as mãos, Ilse e Lars cantando os conhecidos versos, Jorgen saltando como uma jovem lebre, apesar das pernas grandes e do andar normalmente lento, chamando todos os membros da família para o círculo, de modo que, pouco depois, estavam todos a seguir os seus movimentos, com passos cada vez mais curtos e rápidos. Até a figura artrítica de Kirsten parecia dobrar-se e oscilar, até que finalmente se deixaram cair na erva, cantando o resto do refrão e rindo-se despreocupadamente.

De manhã, Hannah acordou ao som das crianças a chamar uma pela outra lá fora. Lars já estava a pé e ela ouvia-o na casa de banho. Saiu da cama e dirigiu-se à janela para inalar o ar fresco. Não ficaria muito tempo assim. Cada dia era mais quente do que o anterior e ela tinha de se certificar de que as crianças andavam de chapéu e *T-shirts* para se protegerem. Em baixo, viu Ilse e Suniva a entrar para o carro e a afastar-se, presumivelmente para ir fazer algum recado à aldeia. Não havia sinais de Piet, mas ele habituara-se a

tomar o pequeno-almoço cedo com Jorgen e a partir com o avô na ronda diária da quinta.

– Parece que estamos sozinhos, Lars – disse ela, levantando a voz. – Tomamos o pequeno-almoço aqui ou com a tua mãe?

Ele saiu da casa de banho e agarrou nela, atirando-a para cima da cama.

– Hannah – murmurou, cobrindo o seio dela com a mão e beijando-lhe o pescoço. – Amo-te tanto, Han, vamos fazer um bebé. Vamos fazer um bebezinho norueguês.

Ela afastou-se para olhar para ele e pôr-lhe as mãos na cara. Beijou-o e fez amor com ele com uma paixão que espelhava a primeira vez que se haviam encontrado. Mais tarde, deitados no abraço um do outro, Hannah sorriu para consigo, certa de que concebera um filho.

– Não estás segura sem os teus filhos à tua volta para te protegerem – disse ele por fim, passando os lábios pelos seus ombros bronzeados. – Mas agora podes baixar as defesas porque eu estou terrivelmente esfomeado.

Foram encontrar Karl na casa principal, a tomar café. – Recebi um telefonema do escritório que implica que tenho de partir hoje – disse ele. – Mas a Ilse vai ficar. Pode regressar no fim-de-semana, para estar em casa quando as crianças chegarem do campo de férias.

Hannah olhou de relance para Lars e viu que ele ficou satisfeito com a notícia. A irmã ficava sempre mais descontraída e era mais espontânea quando Karl não estava presente, e os pais também.

– Vi a Ilse e a Suniva saírem no carro – disse ela.

– Ah, sim. – A quase permanente expressão carregada de Karl regressou. – É uma criança persistente, a tua filha.

– Que quer isso dizer? – Hannah não gostou do tom dele. Não continha qualquer sugestão de brincadeira ou provocação.

– Está desde ontem a azucrinar a Ilse e hoje de manhã quis ir aos correios comprar selos. Insistiu que era urgente. Uma maçada, no fundo, porque não me posso ir embora enquanto não voltarem.

– Selos? – Hannah ficou intrigada. – Para quê? Seja como for, de certeza que não se vão demorar se sabem que estás ansioso por partir.

– Ela queria mandar uns desenhos e uns postais ao amiguinho negro dela – disse Karl. – O órfão que vocês acolheram.

– Ao James? – Hannah estava ainda mais surpreendida.

– Uma ideia arriscada, tentar transpor o fosso entre negros e brancos e o contraste entre a sua sociedade primitiva e a nossa. Mas aplaudo os vossos princípios. Onde é que o rapaz está agora?

– Está em Langani – disse Hannah. – E está muito bem.

– Bem, pelo menos não o trouxeram para aqui – disse Karl com um sorriso sarcástico. – Imaginem a reacção das pessoas da região se o Lars tivesse aparecido com um pretinho. Ia suscitar falatório com certeza. – A sua gargalhada foi escarninha.

Hannah lançou-lhe um olhar de fúria muda e saiu da sala. Voltou para o *stabbur* e fez as camas das crianças e a sua, varreu a sala de estar e limpou o pó às superfícies que já estavam limpas, até a raiva diminuir. Em seguida, fez café e estava sentada a tomá-lo quando Suniva regressou.

– Onde é que estiveste? – perguntou Hannah. – Soube que aborreceste a Ilse para te levar à aldeia. Não é bonito, Suniva. E o que é que querias de lá?

– Selos.

– Para quê? E porquê agora?

– Porque se me acabaram e eu queria mandar os meus desenhos e um postal ao James.

– Estou a ver – disse Hannah. – Mas podias tê-los comprado da próxima vez que a avó fosse à loja.

– Não. Ele está à espera. Porque lhe tenho mandado postais quase todos os dias, de Londres e daqui. Se não tivesse comprado mais selos hoje, ele pensava que me tinha esquecido.

– Onde é que compraste os selos e os postais em Londres?

– Foi a Camilla. Ela ajudou-me a escolher as melhores imagens. Disse que o James podia partilhar das nossas férias se eu lhe escrevesse todos os dias e lhe falasse dos sítios que tínhamos visitado. E então já não se sentiria sozinho. E assim comprámos os postais e tudo juntas. E a avó ajudou-me a arranjar mais aqui.

– Estou a ver – disse Hannah novamente. – Espero que tenhas agradecido à Ilse como deve ser pelo favor.

– Claro que agradeci. – Suniva mostrou-se defensiva, mas não por causa de Ilse. Percebeu que a mãe estava aborrecida. Zangada até, embora tentasse escondê-lo. Camilla dissera-lhe que era um erro fazer segredo dos postais, mas ela queria que fosse uma coisa só sua. Por um momento fez beicinho, olhando para longe. – Posso ir agora?

– Sugiro que vejas se a avó Kirsten precisa de ajuda com alguma coisa. Se não, talvez seja boa ideia encontrarmos o teu pai, quando o Karl se for embora, e sair no barco.

– Sim!

Suniva deu saltos e sorriu, começando a correr pela sala fora e através do relvado antes de Hannah ter tempo para analisar o seu próprio desassossego. Mas que razão tinha para se sentir ansiosa? Suniva mandara postais a James porque estava com saudades dele. Mesmo assim, sentia-se desapontada por não estar a par disso e aborrecida por Camilla ter feito disso uma espécie de segredo. Suspirou, levantou-se e foi à procura do marido. A única constante na sua vida, a pedra sobre a qual construía os seus dias. Levantando a mão para lançar a trança sobre o ombro, tirou Suniva e James da ideia.

Karl estava ao lado do carro. Apertou a mão de Lars e fez um gesto para Hannah.

– Suniva! Piet! Venham despedir-se do tio Karl – chamou Hannah.

– Não te preocupes com as crianças – disse Karl. – Não é necessário interromper as brincadeiras deles, e despedirem-se de mim não tem grande significado para eles. – Virou-se para Lars. – Espero que penses no que te disse. Discute o assunto com a tua mulher. – A sua voz continha um registo de preocupação que Hannah achou incaracterístico e lhe instilou uma certa apreensão. Em seguida, Karl partiu.

– De que é que estiveste a falar com o Karl? – Olhou para Lars e ficou surpreendida com a sua expressão grave.

– Acho que não... Não, não posso acreditar... – Calou-se e depois mudou de ideias. – Só há uma maneira de dizer isto, Han. O Karl perguntou-me se o Piet poderá estar a perder a audição devido a estas infecções nos ouvidos.

– A perder a audição?

– Ele acha que o Piet não está a responder a perguntas nem a reagir quando é chamado porque não nos ouve.

– Não é possível – disse Hannah. – Nem sempre nos ignora. E até fala norueguês com o Jorgen e a Kirsten.

– Com o Jorgen, *ja*. Mas o meu pai fala muito alto porque ele próprio é surdo. Nunca pensámos no assunto, Han, mas é possível. É certo que o Piet não pode ser completamente surdo. Mas pode estar com problemas de audição.

– Falaste nisso ao Jorgen? – Hannah sentou-se no banco de madeira à porta de casa. O sol batia-lhe em cheio, mas ela estava com frio.

– Ele estava presente quando o Karl falou nisso – disse Lars. – E disse que a minha mãe já tinha reparado, mas que lhe tinha dito que ela era tola.

– Meu Deus. Oh, meu Deus, o nosso menino. O meu Piet. – Tinha os olhos repletos de lágrimas. – Como é que eu própria não reparei, Lars? Não acredito.

– Ele tem-se queixado de ruídos na cabeça – disse Lars. – Mas pensei que estivesse a imaginá-los... como os duendes de que falou.

– Se é de todo provável, temos de levá-lo a fazer exames assim que chegarmos a casa. – Hannah limpou as lágrimas.

– Talvez seja melhor fazê-los já.

– Mas, nesse caso, tínhamos de o levar a um especialista desconhecido em Trondheim. Às tantas alguém que não fala inglês.

– A maioria dos especialistas aqui fala inglês – disse Lars. – Mas podemos começar por voltar ao Dr. Petersen. Ele conhece a nossa família há anos e é um excelente homem, de confiança. Pode examinar mais uma vez os ouvidos do Piet.

– Sim. Começemos por aí, em lugar de o assustar, ao consultar um estranho numa grande cidade. Depois, se realmente houver problemas,

podemos decidir o que fazer e onde. Seria melhor saber se os indícios nos escaparam de facto. Oh, meu Deus, Lars, espero que não seja nada.

– E eu também. Mas, se o Piet tem de facto um problema, deve receber toda a ajuda que lhe pudermos dar. Vou telefonar a marcar consulta para amanhã. – Estendeu a mão e ela pôs-se de pé. – Vamos à procura das crianças e da Ilse e eu levo-as a passear até à nascente da cascata. Talvez o meu pai não esteja ocupado e também queira vir.

– Eu vou contigo – disse Hannah. Não queria ficar sozinha com Kirsten, agora que o assunto da audição de Piet fora abordado. Não servia de nada entregarem-se a conjecturas sombrias. O tempo e os conhecimentos médicos revelariam a dimensão do problema.

Partiram juntos, cada vez mais ofegantes à medida que o caminho se tornava mais íngreme e pedregoso. Hannah notou que Piet, à sua frente, ia de mão dada com o avô mas não havia nada nos seus modos ou actos que sugerisse que o rapaz não tinha consciência do que era dito. Estugou o passo e apanhou-o.

– Não te aflijas – disse Jorgen suavemente. – Eu tenho um cuidado especial com ele. Seremos prudentes no caminho para lá e na volta e ele sabe por mim o que está bem e o que é perigoso.

Ela sorriu-lhe tremulamente e acenou com a cabeça, incapaz de falar. Mas, quando chegaram ao ponto onde a água jorrava das pedras para cair numa torrente no riacho em baixo, perguntou-se se Piet ouviria o som. E tinha demasiado medo para perguntar.

No pequeno consultório, o Dr. Petersen examinou mais uma vez os ouvidos de Piet, sorrindo-lhe e dizendo pequenas piadas num inglês hesitante, reparando na reacção lenta do rapaz. Por fim, expressou a sua opinião.

– O vosso filho precisa de consultar um especialista – disse ele. – Continua com um tímpano perfurado e, na minha opinião, está a perder a audição nos dois ouvidos devido a uma série de infecções. Além disso, ouve zumbidos na cabeça. Chama-se tinnitus. É necessário manter os

ouvidos secos e continuar a dar-lhe as gotas antibióticas. É vital que evitem mais infecções e devem examiná-lo novamente em breve.

– Daqui a quanto tempo? – Hannah olhou para ele com os olhos marejados de lágrimas. – Será melhor consultar alguém aqui? Imediatamente?

– Parece-me que já não têm muito tempo, a não ser que decidam ficar e mandá-lo tratar aqui. Mas isso pode levar vários meses e o Lars diz-me que ainda têm bons médicos em África. – O sorriso do Dr. Petersen era afectuoso. – Por isso, é provavelmente melhor voltarem para casa, onde estão num ambiente familiar. Não se preocupem em demasia... há muitas soluções para estes problemas. Por agora, o melhor é manter a criança animada e desfrutarem do resto da vossa estadia com o Jorgen.

Dois dias mais tarde, Ilse partiu, cheia de tristeza quando procurou Hannah para se despedir.

– Sinto-me sempre bem aqui – disse ela. – Completamente em paz. – Baixou a voz e agarrou com força no braço de Hannah, desesperada. – A verdade é que não quero ir para casa. Claro que estou morta por ver as crianças amanhã, mas o Karl faz-me sentir estúpida. Inapta. É muito competente no negócio dele e tem uma visão do mundo muito mais alargada do que a minha. Temos jantares onde há discussões que me fazem sentir provinciana e ignorante, embora eu tente ler os jornais e alguns dos livros dele, compreender os problemas do mundo e os mercados bolsistas e tudo isso. Mas acho que não tenho muito sucesso.

– Ilse, és uma esposa e mãe afectuosa. Tenho a certeza de que ele sabe disso e os teus amigos também sabem. Não há nada mais importante numa casa do que simplesmente amor.

– Sinceramente, acho que ele está desiludido comigo – disse Ilse. – Por vezes, não sei se seria capaz de continuar se não tivéssemos as crianças a unir-nos. E ele não tem razão quando diz que elas estão melhor no campo de férias. Elas adoram isto aqui e eu também. É um lugar onde podemos sentir-nos todos despreocupados. Onde eu posso ser eu própria, rir-me e cantar, e divertir-me a brincar com elas.

– O Karl é um homem de sorte – disse Hannah. – Não deves deixar que ninguém te convença do contrário.

– Obrigada – disse Ilse. – Enche-me de felicidade ver-te a ti e ao Lars ainda loucos um pelo outro. E um pouco de inveja também.

– Todos os dias me sinto grata por ele me ter escolhido – disse Hannah. – Não devia ter esperado tanto tempo para conhecer esta parte da vida dele, mas estar aqui com as crianças ainda nos vai unir mais.

– Diz-me então – pediu Ilse, inclinando-se e falando quase num sussurro –, o que foi que ele decidiu?

– Decidiu?

– Sobre a proposta do meu pai para tomarem conta da quinta. – Deu um passo atrás, apercebendo-se tarde de mais da expressão vazia do rosto de Hannah. – Oh, meu Deus! Não sabias... desculpa, Hannah. Presumi que ele te tivesse dito. Que tivessem falado sobre isso. Mas provavelmente não houve tempo.

– Não. Não tivemos tempo. – Hannah sentiu a pulsação do sangue na garganta à medida que a sua respiração se tornava superficial com o medo.

– Deves ter reparado como os nossos pais estão a ficar frágeis. Sobretudo a minha mãe. E o Karl nunca quereria viver aqui. Foi por isso que pediram ao Lars que pensasse em voltar para a Noruega. A situação actual no Quénia é muito insegura para todos. Mais perigosa e difícil, e possivelmente já não é ideal para criar e educar as crianças. – Hesitou. – Especialmente se o Piet tiver um problema. Por isso eles pensaram que talvez vocês quisessem tomar conta deste sítio. O meu pai quer dar-vos a quinta.

– Não me parece que isso seja possível – disse Hannah, lutando contra todos os impulsos no seu corpo para gritar de choque. – Nunca consideraríamos abandonar Langani.

– Já sabia que era essa a tua opinião – disse Ilse. – E compreendo-a perfeitamente. Por favor, não digas ao Lars que eu te contei. É evidente que ele pôs o assunto de parte por não ser prático, senão já teria falado contigo. Adeus, querida Hannah. Mantém-te em contacto, sim? A tua amizade é muito importante para mim.

*

– Como é que podes ter discutido o assunto com o Jorgen e a Kirsten ou imaginado sequer que podíamos viver aqui? E como é que até a Ilse sabia e eu fui a única que foi deixada na ignorância? Por todos!

– Não foi assim – disse Lars, paciente.

– Sempre acreditei que eras completamente franco comigo. E agora descubro que andaste a falar de reorganizar totalmente as nossas vidas nas minhas costas. Suponho que o Karl também estava presente, esse homenzinho repulsivo e pomposo. Não percebo porque é que a Ilse continua com ele, sinceramente não percebo.

– Ele não estava presente – disse Lars, numa voz menos conciliatória. – Acalma-te, Hannah. Temos...

– Como é que podíamos viver aqui, nesta quinta minúscula com os teus pais? – O pânico ia crescendo nela, criando uma combinação volátil com a fúria. – Está escuro metade do ano, por amor de Deus. Que diabo iríamos fazer o dia todo? O que é que eu faria? Não acredito que tenhas falado com eles de abandonar Langani. O lugar onde sempre estivemos juntos.

– Hannah, estás a fazer uma tempestade num copo de água. Acalma-te. Estás a gritar.

– Quero lá saber que esteja a gritar – gritou ela. – Não tinhas o direito de me manter às escuras. Nenhum direito.

– Não lhes dei a entender que estaríamos dispostos ou que seríamos capazes de tomar conta desta quinta – disse Lars. – Não passa de uma esperança que eles têm, mais nada. Esta propriedade pertence à minha família há gerações, como Langani pertence à tua, e eles gostariam que continuasse assim quando já não conseguirem administrá-la. Querem oferecê-la à nossa família porque, do seu ponto de vista, lhes parece mais seguro. E a Ilse não está em posição de os ajudar, como tu sabes.

– Não quero ouvir mais – disse Hannah. – Restam-nos apenas alguns dias de férias e quero aproveitá-los ao máximo por causa das crianças. Mas o que mais quero no mundo é ir para casa.

– Han, eles perguntaram-me simplesmente se eu alguma vez consideraria...

– Nunca! – Hannah lançou rispidamente a palavra. – Langani é o sítio onde eu nasci e o sítio onde os nossos filhos nasceram. A minha herança e a deles. Julguei que pensávamos os dois de maneira igual sobre isso e agora descobri que falaste em abandonar a nossa casa e o nosso país e nunca te passou pela cabeça consultares-me.

– Isso não é verdade.

– É verdade! – Deu um murro na mesa, retraindo-se com a dor infligida a si mesma. – Falaste do assunto com os teus pais e a tua irmã. Mas não comigo. Não com a tua mulher. Pois digo-te uma coisa, Lars, caso este assunto volte a vir à baila. Langani é a minha casa e nunca, mas nunca, a abandonarei. Até ao dia em que for de lá tirada num caixão.

CAPÍTULO 5

Quénia, Julho de 1977

— **R**abindrah... chegaste cedo a casa. — Sarah levantou os olhos de um conjunto de fotografias sobre a secretária. — Que novidades há?

— Nada de especial. A não ser que contes a corrupção, terras açambarcadas por políticos, fundos destinados a vários projectos que desapareceram misteriosamente, escondidos em contas bancárias privadas por prestáveis banqueiros suíços.

— Não há nada de animador? — Ela debruçou-se sobre uma das provas, estudando através de uma lupa algum pormenor que só um perfeccionista teria notado.

— Aí tens o jornal de hoje. O horóscopo é capaz de ser a melhor parte. Queres alguma coisa? — Beijou-a ao de leve, indicou o tabuleiro das bebidas e serviu-se de um *whisky* com soda.

— O costume, por favor. — Sarah juntou as provas num monte e aceitou um *gin* tónico.

— Mas houve uma coisa. O Gordon deu-me isto. — Rabindrah tirou da pasta um exemplar do *Daily Mirror*.

— Oh, meu Deus! — Sarah olhou para a foto de Camilla e Tom. — Será que o Anthony viu isto?

— Anda em safári. Não volta tão cedo.

— Às tantas desistiu definitivamente dele e resolveu juntar-se ao Tom. — Sarah amarfanhou o jornal e atirou-o para o cesto do lixo. — E quem pode censurá-la?

— O Tom é um bom amigo. Bem-sucedido, divertido e inteligente — disse Rabindrah. — Mas não me parece que alguma vez tenha lido um livro na

vida, ao passo que ela devora dois ou três por semana, para além de tudo o mais que faz. E ele só se sente à vontade na grande cidade, o que a obrigaria a deixar o Quénia e a fixar-se permanentemente em Londres. Não a vejo a fazer isso.

– Não. A casa dela continua a ser aqui – disse Sarah. – Ultimamente tem passado mais tempo fora, mas acho que é porque sofre ao ver o Anthony com tanta frequência. É a felicidade em pessoa quando ele a leva em safári com ele, mas depois custa-lhe aceitar que nada mudou entre eles.

– Metade dos clientes dele quer ir para casa gabar-se que a rapariga mais sofisticada do mundo esteve a acampar com eles – lembrou Rabindrah. – É a verdadeira razão pela qual ele lhe pede para o acompanhar no *bundu*.

– Oh, acho que estás a ser duro de mais – disse Sarah. – Seja como for, não é só o Anthony que a leva a visitar com frequência o Quénia. A Camilla considera-me a mim e à Hannah como a única família que tem e adora desenhar as roupas e os acessórios em Langani. Essa parte do trabalho dela interessa-lhe muito mais do que os milhares de vestidos produzidos em massa em Nova Iorque e Londres com o nome dela na etiqueta.

– Pelo menos deram-lhe independência e dinheiro – disse Rabindrah. – E então, que tal foi o teu dia?

– Falei pelo rádio com a Allie hoje de manhã. Pareceu-me muito deprimida. Não admira. Na próxima semana é o aniversário da morte do Dan. – Ficou uns momentos calada. A imagem do amigo e mentor que fora o seu primeiro patrão continuava viva no seu espírito. – Detesto imaginá-la sozinha num momento tão triste – disse ela. – Tentei convencê-la a vir passar cá alguns dias. O Eroepe olhava pelas coisas lá, mas ela não quer. Foi categórica.

– Pobre Allie – disse ele com compaixão. – O sobrinho dela não devia chegar da Escócia para lá trabalhar?

– O Hugo. Sim, devia. Quando e se a autorização de trabalho dele for aprovada. – Hesitou. – Estava a pensar se poderíamos ir nós ao Mara, já que ela não vem cá. Não podes tirar uns dias de folga? Escrever um artigo sobre a pesquisa dela com as chitas. Acho que devíamos cobrir o tema. Talvez até pudéssemos fazer disso um livro. Juntos.

– Não sei se arranjo tempo para...

– Seria como um novo começo. Quase como voltar ao princípio. – Levantou-se e pôs-lhe os braços à volta da cintura. – O nosso primeiro trabalho em conjunto foi o livro sobre o projecto dos elefantes do Dan e da Allie. Este novo seria um tributo à coragem da Allie, que confrontou a sua perda lançando-se num projecto diferente. E as chitas são soberbas para fotografar.

Ele libertou-se e foi colocar-se ao pé da lareira.

– Tivemos um mau ano. – Ela insistia com ele para obter uma resposta. – Em grande parte, a culpa foi minha e peço desculpa. Não conseguia lidar... já sabes. Acho que enlouqueci um pouco. Tinha investido todas as minhas esperanças na segunda gravidez e quando perdi o bebé... Enfim, não fui capaz de lidar com isso. Não queria continuar a cismar com a minha perda, mas não conseguia parar. – Voltou a sentar-se e pousou a cabeça nas mãos. – Queria tanto ter o nosso filho nos braços. Mas estava morto.

– Também morreu para mim.

– Agora compreendo como essas pobres mulheres que roubam o bebé de outra pessoa podem ser levadas a tais extremos – continuou Sarah, sem reparar no desespero das palavras de Rabindrah e falando quase consigo mesma. – É uma espécie de loucura e não consegui escapar à minha própria versão dela, embora fosse injusto porque tu também estavas a sofrer e eu excluí-te. Perdi de vista as coisas boas na nossa vida. – As lágrimas ameaçavam brotar e ela reprimiu-as, sabendo a que ponto ele temia vê-la chorar. – Desde que aconteceu, parece que vivemos existências separadas. Temos de encontrar uma maneira de recuperar o que tínhamos. Trabalhar num novo livro juntos pode ser a oportunidade de que ambos precisamos. E, ao mesmo tempo, estaríamos a ajudar a Allie. A suscitar interesse pela pesquisa dela, a conseguir-lhe mais financiamentos. Podíamos doar uma percentagem das vendas ao projecto dela, como fizemos com o livro dos elefantes. O teu texto e as minhas fotografias. Sempre foi uma óptima combinação. – Riu-se, hesitante. – Que temos a perder?

Rabindrah sentiu-se comovido com a sua honestidade. Sabia que era igualmente culpado por permitir que as distâncias se alargassem cada vez

mais entre eles, mas sentira-se impotente para atacar o problema. E compreendia o que este pedido de desculpa lhe custara.

– Está bem – disse ele. – Vamos visitar a Allie. Ver se ela quer que a gente escreva sobre as chitas. E se ela concordar, vamos falar com o John Sinclair sobre um novo acordo de edição. Talvez até possamos ir a Londres. Ele deve ficar contente por nos ver novamente a trabalhar em equipa.

– Podemos ir a Londres? – Sarah vibrou com a ideia, atónita e exultante. – Quando?

– No próximo mês, talvez. Não tenho férias desde o princípio do ano passado e ambos merecemos uma pausa. Os meus pais iam adorar ver-nos e podíamos visitar a Lila no palácio dela de Birmingham. E depois damos um salto a Sligo para ver a tua família. Têm-se queixado de que não os visitamos há demasiado tempo. Portanto, sim. Porque não?

Sarah pôs-se de pé de um salto e abraçou o marido.

– Genial! Obrigada, obrigada! Um novo projecto de livro para nós e umas férias ainda por cima! Vou já contactar a Allie pelo rádio.

– Antes que eu mude de ideias? – Ele estava a rir-se com a excitação dela.

– Antes mas é que o Gordon Hedley te despache numa investigação que te leve para fora daqui durante semanas!

– Eu não sou o único que se ausenta semanas de cada vez – protestou ele, com uma nota de tensão na voz.

Sarah pôs-lhe um dedo nos lábios. – Não, não és. Mas desta vez vamos juntos. E podemos testar o novo *Land Cruiser*. O tio Indar disse que estaria pronto esta semana.

Sarah seguiu o conselho de Indar Singh e comprou-lhe o veículo com um desconto comercial. Fora adaptado para as suas necessidades fotográficas, com uma armação de metal, feita por medida, acrescentada à carroçaria para fixar e segurar as suas câmaras quando circulava em terreno acidentado.

Quatro dias mais tarde, partiram de madrugada, o carro completamente cheio com provisões para o acampamento, peças sobresselentes para o gerador que Allie lhes pedira para levarem e todo o equipamento

fotográfico de Sarah e rolos de filme. O sol já ia alto quando pararam no cume da escarpa para contemplarem o vasto e profundo corte do Rift Valley, estendendo-se à distância diante deles na sua marcha para sul através do continente até Moçambique. Juntaram-se a camiões completamente carregados e a autocarros a transbordar de passageiros, bagagem e gado, serpenteando lentamente pela estrada íngreme até ao leito do vale. Quando saíram do alcatrão em direcção a Narok, as vastas planícies estendiam-se à sua frente, salpicadas ao longo de quilómetros de acácias-assobiadoras espinhosas e quebradas pelas silhuetas altas de cones vulcânicos. Animais de planície pastavam na paisagem na companhia dos Masai e do seu gado descarnado. O ar estava saturado de remoinhos de poeira que, com a luz do sol, formavam uma névoa de fumo alaranjada, pontuada aqui e ali pelo vívido vermelho da *shuka* de um vaqueiro, a espiral negra de uma pluma de avestruz, as riscas distintas dos flancos das zebras e, elevando-se em direcção à luz mais branca e rarefeita, os longos pescoços reticulados das girafas.

– Não há nada mais glorioso do que isto em toda a Terra, pois não? – Sarah soltou um suspiro de pura felicidade. – Por mais tempo que passe no mato, o feitiço nunca perde o seu poder. Cheirar o pó e sentir o calor e ver todas as cores, formas e texturas. Temos tanta sorte por fazer parte desta vida, hoje, nesta paisagem. – Estendeu o braço e fechou a mão à volta dos dedos castanhos dele, que apertavam o volante.

– Estás profundamente filosófica hoje – disse ele, sorrindo-lhe. – E feliz também.

– Muito feliz. Sinto-me sempre mais leve e mais livre longe de Nairobi. Quem me dera que pudéssemos estar sempre aqui. Mas sei que precisas de estar perto do teu trabalho. Só que hoje tenho-te todo para mim.

Pararam para um piquenique à sombra de uma acácia. Sentados contra o seu tronco áspero, comeram as sanduíches e abriram a garrafa-termos de café, observando as espirais distantes de um grupo de abutres a voar em círculos sobre um animal morto por um predador. Um serpentário pavoneava-se sobre a vegetação rasteira diante deles, parando para apanhar os insectos que lhe surgiam no caminho. Na copa rendilhada da árvore, as

cigarras estavam entretidas com o seu canto ruidoso do meio-dia e um lagarto azul e laranja refastelava-se ao sol numa pedra próxima, de olhos fechados, a sua colorida garganta inspirando e expirando. Sarah fechou os olhos e pôs-se à escuta dos sons do mato à sua volta. Tinha de tentar seguir em frente com a sua vida mas reconhecia que havia sonhos que se veria obrigada a abandonar se queriam manter o seu casamento vivo.

– Vou viver o presente – disse ela, em voz alta. – Tomei a decisão quando estava em Turkana de que ia começar de novo. Não fazemos amor desde que perdemos o bebé. Mas há muito para partilharmos e vai correr tudo bem, não vai? – Precisava da compreensão dele. – Mesmo que nunca tenhamos um filho, temo-nos um ao outro. Isso basta, não basta?

Ele não respondeu e ela inclinou-se para perscrutar o seu rosto. Ele estava encostado à árvore, as pernas estendidas, a cabeça baixa. Tinha os olhos fechados. Sarah perguntou-se quando teria adormecido e se teria ouvido alguma coisa do que ela dissera. Era tão difícil exprimir estas coisas e ele nem sequer ouvira. Mas haviam-se levantado ainda de madrugada e fora sempre ele a conduzir até agora. Estava inevitavelmente cansado. Havia rugas de cansaço no seu rosto em que ela não reparara antes e, ali sentado a dormir ao sol, tinha um ar vulnerável. A sua chávena meio vazia da garrafa-terms deslizara para o chão e ela viu um lagarto verde aproximar-se para investigar o conteúdo, os seus olhos protuberantes rodando na sua direcção, a língua estendendo-se para o líquido escuro e doce. Permaneceu imóvel ao lado do marido, não querendo perturbá-lo, contente por estar a viajar na sua companhia.

Em Narok, pararam numa *duka* e compraram bebidas frescas do frigorífico enferrujado, antes de se meterem à estrada acidentada para o Mara Norte, saltando sobre buracos escondidos por espessas camadas de poeira e tentando manter um andamento constante sobre o piso irregular e difícil. O calor criava uma série de miragens sobre as ervas altas e cintilantes e a claridade era intensa. Sarah pegara no volante e Rabindrah dormitava inquieto. O caminho subia de novo e o mato fechou-se sobre eles numa série de colinas arborizadas. Iam a subir lentamente uma estrada sinuosa, serpenteando por entre densas árvores, até que finalmente

alcançaram o último planalto raso. Erguendo-se no horizonte, avistava-se o contorno azul da escarpa de Siria e as elevações distantes dos montes Ngama. À sua frente, a savana dourada estendia-se a perder de vista. De cada lado do *Land Cruiser*, milhares de gnus marchavam ao longo do percurso primitivo da sua migração anual, com manadas de zebras e grupos mais pequenos de gazelas nos flancos exteriores das vagarosas colunas.

Sarah desligou o motor do carro ao lado de uma acácia egípcia, a sua cascata de ramos espinhosos repleta de pequenos globos de frutos verdes, estendendo-se sobre o veículo para proporcionar a única sombra num raio de quilómetros. Ela apeou-se, perra da viagem, detendo-se sob a sombra irregular e levantando os braços num gesto de saudação.

– Acorda, Rabindrah! – gritou, contemplando a massa escura de manadas em migração e a paisagem interminável. – Olha para isto. A maravilha de todos estes animais, a palmilhar um trilho que recua no tempo até uma época de que ninguém nada sabe, a iniciar uma viagem que muitos deles nunca concluirão. Causa-me arrepios. Pega na outra garrafa-termos, sim? Neste momento sou capaz de matar por uma chávena de chá.

Já tinha a câmara preparada quando ele saiu do carro e lhe passou uma chávena. Ela pegou nela, aliviada. – Que sítio! Estou desejosa de voltar a passar um tempo aqui.

Ficaram a tomar o chá e a partilhar um pacote de bolachas, admirando a vasta depressão que se estendia diante deles, semeada de formigueiros a que os topi gostavam de subir, vigiando o que os rodeava. Aqui e ali, os candelabros ramificados de uma eufórbia elevavam-se sobre a planície dourada, sentinelas isoladas da savana em cujas sombras grupos de gnus se concentravam para escapar ao calor impiedoso do sol.

– O último trecho – disse Sarah, quando voltaram a arrancar.

Desta vez, Rabindrah ia ao volante. Acompanharam a faixa de floresta ao longo do curso do rio Mara que sulcava a terra, serpenteando até às planícies do Serengeti na vizinha Tanzânia.

Allie escolhera a secção nordeste para estabelecer o seu acampamento de pesquisa, um lugar de bosque e planícies rasas. Considerava-o o melhor

habitat para as chitas porque havia menos leões e hienas, os inimigos mais perigosos que perseguiam os objectos do seu estudo e roubavam o seu alimento. Virando num caminho estreito por entre acácias *tortillis*, figueiras e oliveiras africanas, chegaram finalmente ao complexo de Allie. O acampamento consistia numa série de tendas numa falésia arenosa, com vista sobre uma curva do rio Talek. Uma sebe de espinheiros cercava a pequena e ensombrada clareira e, quando Sarah desligou o motor, ela e Rabindrah ficaram sentados por alguns momentos, ouvindo os assobios e o tagarelar das aves e o respirar dos hipopótamos na água em baixo. Quando ouviu o som do carro, Allie saiu da tenda da messe para os receber.

– Venham sentar-se – disse ela. – Devem estar cansados e sedentos. Partiram muito cedo?

– Cinco e meia. – Sarah abraçou-a com força. – É uma longa viagem e as estradas estão cada vez piores. Mas o carro novo é excelente e trazemos tudo o que pediste. Já me sinto aqui como em casa, Allie.

Recuou para examinar a amiga, preocupada ao ver como emagrecera. Allie Briggs sempre fora pequena e esguia, mas Sarah notou agora que estava chupada. As suas calças caqui e camisa de safári pareciam largas de mais, um cinto de lona apertando o tecido folgado. O seu cabelo espesso estava atado atrás com um lenço e enfiado sob um velho chapéu de mato. Ficava-lhe um pouco grande e Sarah reconheceu o chapéu que Dan sempre usara. Recordava-se de Allie o arrelhar, dizendo que era tempo de se desfazer daquela velharia, mas ele insistira que era a sua melhor protecção contra o sol e demasiado confortável para se desembaraçar dele. Sarah teve uma visão dele, caído onde fora projectado do *Land Rover*, a sua vida esvaindo-se no solo africano, e estremeceu. Estava provavelmente com aquele chapéu quando morrera e era agora o último elo de ligação de Allie ao marido, o seu cheiro e contacto uma lembrança constante da sua presença.

A secção da tenda da messe usada como espaço de trabalho ainda continha a mesa comprida que Sarah recordava da base deles de Buffalo Springs. Estava coberta de gráficos, pastas, mapas e pilhas de cadernos. A máquina de escrever amassada de Dan estava no centro do caos, uma página solitária

e torta saindo do carroto como uma bandeira de tréguas num campo de batalha.

Uma voz chamou-a e Sarah virou-se, deparando com Erope, o seu parceiro de pesquisa do tempo em que trabalhara no projecto dos Briggs sobre elefantes em Buffalo Springs. O alto e elegante samburu cumprimentou ambos com um sorriso rasgado e dirigiram-se para a tenda principal, onde se sentaram juntos, como faziam no passado no final de um dia de trabalho, para comparar apontamentos e observações enquanto bebiam uma cerveja fresca. Não tardaram a absorver-se numa discussão sobre o projecto, os objectivos de Allie e os problemas que haviam surgido desde que ela montara o novo acampamento.

– Recebemos algum encorajamento dos responsáveis do parque e do Ministério da Vida Selvagem e do Turismo para o trabalho que queremos fazer – disse Allie. – Mas não têm fundos, apesar das taxas que os turistas pagam para visitar a área. Receio que a maior parte das receitas seja absorvida por funcionários gananciosos em Narok e isso inclui alguns dos anciãos masai.

– De onde te vem o dinheiro para manteres o projecto em andamento? – perguntou Sarah.

– Ainda tenho uma parte do subsídio inicial da Fundação Africana para a Vida Selvagem, mas não vai durar muito mais tempo. Eu e o Dan tínhamos uma casinha nos Estados Unidos e eu vendi-a. Concluí que não seria muito provável ir para lá viver, mesmo que deixasse um dia a África, o que espero que nunca venha a acontecer.

– Fazes parte disto, Allie. O trabalho que fazes aqui será sempre necessário – disse Rabindrah.

– Hum. Talvez. Seja como for, tenho familiares que moram nos arredores de Glasgow e têm uma pequena casa na ilha paradisíaca de Lismore. Posso lançar-me à mercê do meu irmão quando for velha e decrépita, se acabar numa situação realmente desesperada. – Sorriu, um pouco insegura. – Não, a sério, foram muito simpáticos, quiseram que eu fosse para casa deles depois... – Fez uma breve pausa, como que para ganhar forças para dizer o nome do marido. – Depois do acidente do Dan. E foi óptimo, por algumas

semanas. Mas não podia lá viver permanentemente. Assim, a venda da casa na América ajuda-me a aguentar, embora não dure muito tempo se depender dela como único meio de sustento. Apresentei candidaturas a subsídios às fundações habituais e tive algumas reacções positivas, mas nada de concreto ainda. Demora tudo muito tempo.

– Temos algumas ideias a esse respeito que podemos discutir enquanto cá estamos – disse Rabindrah. – Deve ser um desafio interessante, estudar uma nova espécie.

– O velho formato do Dan funciona bem. Continuo a usar o sistema de identificação dele dos grupos de indivíduos e familiares, do seu *habitat* preferido e dos hábitos de alimentação. Mas agora estamos a lidar com carnívoros cujos métodos de caça e estruturas sociais são completamente diferentes das manadas de elefantes. Há menos de cem chitas no Mara. Podem ser difíceis de encontrar e ainda estamos na fase inicial de contar e medir a extensão do território de cada grupo. A queda sistemática em termos de população, nos últimos anos, será um dos principais temas do estudo. Quais as causas... destruição do *habitat*, a caça ilegal, outros predadores? E, conseqüentemente, qual a forma de conservação mais prática que pode ser adoptada para as proteger. Eu e o Erope temos mais do que o suficiente com que nos ocuparmos.

– Como está a tua família, Erope? – perguntou Sarah, recordando as suas visitas à sua *manyatta* na região Samburu.

– Está bem. – O seu orgulho era indisfarçável. – Os meus filhos andam agora na escola e estão em Buffalo Springs com a mãe, a ajudá-la a olhar pelo gado e pelas cabras. É melhor para eles estarem com o meu clã.

– E que tal é voltar ao mundo da pesquisa? – quis saber Rabindrah.

– Estou muito feliz por estar de novo com a Allie – disse Erope, com um grande sorriso. – Trabalhei no Departamento da Vida Selvagem durante uns tempos mas a desonestidade é terrível. Demasiadas pessoas preguiçosas, demasiada corrupção. Cansei-me. Por isso, quando a Allie me disse que ia iniciar um novo estudo e que precisava de um assistente, a escolha não foi difícil.

– Este homem tem sido a minha salvação – disse Allie. – Sem a ajuda dele, nunca teria conseguido montar o acampamento. E o Anthony faz questão de aparecer quando tem clientes interessantes. É sempre boa companhia e também me convida, a mim e ao Erope, para almoçar ou jantar no acampamento dele quando está nas proximidades. Dois clientes dos safáris dele fizeram doações para o meu projecto. Ele é um descarado quando se trata de lhes sacar dinheiro, cheio de charme e um entusiasmo irresistível. A chegada dele é sempre uma distração agradável para mim e para o Erope. Uma pessoa cansa-se um pouco de ouvir os hipopótamos e as hienas a afinar as vozes todas as noites.

– Os acampamentos dele são esplêndidos – disse Sarah. – E fico contente por saber que continua a conseguir que alguns dos seus clientes mais abastados se separem do dinheiro para as tuas chitas. Como os elefantes beneficiaram quando estavas em Buffalo Springs.

– Fala-me da Camilla – disse Allie. – Ela veio cá com ele algumas vezes mas, de resto, ele só fala de passagem. O que é que se passa com esses dois? E a Hannah e a família? Devem ter gostado de ter estado em Londres.

– Nenhum de nós percebe o que se passa entre o Anthony e a Camilla, mas julgo que ela ainda o ama, embora ele pareça ser cego a isso – disse Sarah. – Apareceu recentemente uma fotografia no *Daily Mirror* do Tom Bartlett a beijar a Camilla. Não sei se o Anthony a viu ou se significaria alguma coisa, se visse. Entretanto, falei brevemente com a Hannah ao telefone. Divertiram-se imenso em Londres e agora estão na Noruega.

– Faz bem à Hannah o contacto com um estilo de vida tão diferente – disse Allie. – A mudança refresca as ideias. Obriga-nos a colocar desafios a nós próprios, quer queiramos, quer não.

– Foi difícil recomeçar do zero? – Foi Sarah quem fez a pergunta.

– No princípio foi difícil, mas não podia ter ficado em Buffalo Springs – disse Allie. – Dos grandes felinos, as chitas sempre foram os meus preferidos. Os leões e os leopardos são magníficos, mas as chitas têm qualquer coisa que me cativa. São tão elegantes. E uma longa e fascinante história... por sinal, são a espécie mais antiga dos grandes felinos e, no entanto, são mais meigas. Nunca se ouve falar de chitas a perseguir e a

matar seres humanos. Ao contrário dos leões e dos leopardos. Têm vivido sempre em harmonia ao lado das pessoas ao longo dos séculos.

– Uns amigos nossos têm algumas chitas domesticadas nos arredores de Nairobi. Num jardim enorme, e à noite põem-nas num recinto vedado – disse Rabindrah. – Mas não é coisa que me agradasse fazer.

– As chitas eram criadas como companheiras de caça no tempo dos Sumérios primitivos e dos Faraós – disse Allie. – Pensei muitas vezes que gostava de as estudar, mas o Dan estava completamente absorvido pelos elefantes. – Calou-se.

– Nesse caso, deve estar feliz por te ver concretizar esse sonho. – Sarah levantou-se, vendo a tensão formar-se em redor dos olhos de Allie. – Porque é que não vamos procurar alguns dos teus protegidos?

Allie aceitou a proposta com gratidão e saíram para o sol, atravessando o acampamento, deliciados ao verem Ahmed, o cozinheiro, cuja habilidade com um fogão portátil e um forno feito de um velho *debbi* de querosene nunca deixara de espantar Sarah.

– Dei-me conta de que não posso passar sem o Ahmed – disse Allie. – Cozer um ovo é um problema para mim e tenho idade suficiente para saber que a cozinha nunca há-de ser um dos meus pontos fortes. Mas dava-me jeito um mecânico. Se tivéssemos tido um em Buffalo Springs, talvez o Dan nunca...

– Foi um acidente, Allie – disse Rabindrah, com calma insistência. – Não teve nada a ver com mecânicos. Um acidente trágico que ninguém podia ter impedido.

– Eu sei, eu sei. No meu subconsciente, sei disso, mas há sempre essa terrível sensação do que poderia ter acontecido «se...». Se eu não o tivesse deixado sair nesse dia ou se tivesse ido com ele. Ou se tivesse partido à procura dele mais cedo...

– Foi uma tragédia. – Sarah estremeceu, pensando no velho veículo a sair fora de controlo, a despenhar-se pela ribanceira do *lugga*, imaginando o corpo de Dan projectado contra as pedras. – Eu sei o que sentes. Foi por isso que viemos.

– Pensei que estaria melhor sozinha, mas ainda bem que vieram. Obrigada. – Allie procurou um lenço no bolso. – Peço desculpa. Isto já passa. Porque não vamos no teu carro novo, Sarah? Eu e o Erope temos andado a seguir uma mãe com três crias e, se formos já, somos capazes de as avistar.

Deixaram o acampamento no novo *Toyota*, com Sarah ansiosa por testar a plataforma para a câmara que Indar lhe construíra. À sua volta as longas filas da migração marchavam em procissão lenta, ziguezagueando através da savana, parando para pastar ou para esperar que as crias as apanhassem. Ao lado dos milhares de gnus, havia grupos de zebras gorduchas e brilhantes e gazelas-de-thomson. À distância uma manada de búfalos resfolegou e acotovelou-se para tomar posição junto de uma extensão de água lamacenta. Percorreram uma inclinação suave e pararam.

– Ali – disse Erope.

Um outeiro coberto de ervas erguia-se da planície à esquerda. Sentada nele, desfrutando de um ponto de observação perfeito para seguir animais e estar de atalaia a inimigos, via-se o contorno elegante e gracioso de uma chita fêmea. Aproximaram lentamente o carro para que ela não se assustasse com a presença deles e desaparecesse. O sol poente transformara a sua pelagem dourada e sarapintada numa nuvem de fogo e a sua longa cauda abanava indolentemente ao observar uma manada de gazelas-de-thomson a mover-se na sua direcção, inconscientes da sua presença. Houve um súbito movimento na erva espessa por baixo dela e uma cria saltou sobre a cauda que abanava. Através da teleobjectiva, Sarah viu mais duas crias, rebolando e saltando uma sobre a outra numa imitação de batalha.

– Esta é a *Lara*. – A voz de Alice era um leve sussurro. – Inicialmente teve cinco crias, mas há uma elevada taxa de mortalidade nas ninhadas porque a mãe tem muitas vezes de deixar os filhos para ir caçar. Está constantemente a mudá-las de covil para despistar os predadores. Mas noventa por cento não sobrevivem às primeiras semanas.

– Quando é que elas podem começar a caçar? – perguntou Rabindrah.

– Seguem a mãe mais ou menos a partir das seis semanas de idade – disse Eroe. – Observando e aprendendo com tudo o que ela faz.

– A *Lara* tem-se escondido naquela zona arborizada a oeste – disse Allie.
– Como há muitos animais pequenos por aqui, não tem de ir muito longe procurar comida.

Lara escolhera o seu alvo da tarde. Os seus olhos estreitaram-se, desceu do seu poiso, espalmou-se e começou a deslizar, a barriga quase a tocar no chão, através das ervas altas em direcção à manada. As crias pararam de se rebolar e sentaram-se a ver atentamente. Uma jovem gazela saíra para a periferia do grupo, ignorante do perigo iminente. Sarah e Rabindrah observaram, enfeitiçados, enquanto a chita se preparava para o ataque. De súbito, largou do esconderijo a toda a velocidade, pondo a manada em debandada. Isolando a presa, percorreu, disparada, a distância final, ziguezagueando e rodando sobre as patas poderosas reagindo a todos os movimentos que a gazela fazia para escapar. O pó levantava-se em pequenas espirais a cada viragem e balanço do seu galope. Viam patas a contorcer-se e a projectar-se em grandes saltos, durante os quais todo o seu corpo se elevava no ar por uns segundos. Usava a cauda musculada para se equilibrar, lançando-se sobre a vítima em fuga, aterrando sobre o seu dorso com um baque, as mandíbulas cravadas no seu pescoço. A gazela soçobrou em silencioso sacrifício enquanto o resto da manada fugia, saltando umas sobre as outras em pânico. A chita agachou-se, a ofegar, sobre a presa, juntando novamente forças antes de levantar a gazela e arrastá-la na direcção das crias que esperavam.

– Este é o momento em que está mais vulnerável – disse Allie. – Usou todo o *nguvu* que tinha na caçada. Se uma hiena ou um leão viesse agora atrás dela, podia atacá-la e roubar-lhe a presa. Isso significaria a morte certa das crias. Muitas chitas são mortas por predadores mais fortes por causa da competição por alimento.

As sombras alongadas do entardecer haviam suavizado a paisagem quando *Lara*, o peito a arfar do esforço, chegou junto das crias, sã e salva. Quando Eroe se afastou, toda a família estava a saborear a matança, desta vez sem ser perturbada.

O jantar, nessa noite, foi ensombrado pela dor de todos com a perda de Dan. Sarah quase esperou vê-lo debruçado sobre a mesa de trabalho, estudando os seus gráficos, trauteando entre dentes «*There's a yellow rose in Texas that I am going to see.*» Nunca passava do primeiro verso, porque não se lembrava do resto, e também não sabia cantar. Mas era um sinal de contentamento e profundo interesse naquilo em que estava a trabalhar, e ela adorava aquela canção desafinada. Ainda conseguia visualizá-lo, com o seu copo de *whisky*, sentado na velha cadeira de palha na tenda da messe em Buffalo Springs, as pernas compridas estendidas, as sobrancelhas fartas subindo e descendo enquanto transmitia a sua ideia numa qualquer discussão. Ansiava por ouvir a sua voz profunda e grave, com o seu sotaque americano, a arrelhiá-la ou a descrever alguma experiência extraordinária da vida que escolhera. Sentia saudades do seu humor mordaz e sabedoria calma.

Allie debicava a comida e bebeu outra *vodka*. Não falara em Dan desde que se sentara, mas era evidente que os seus pensamentos se concentravam nele. Por fim, Sarah debruçou-se sobre a mesa e pousou a mão sobre a dela.

– Allie, viemos passar contigo o aniversário da morte do Dan. E gostávamos de expressar que o amamos e nos recordamos dele, se não te importares.

Allie assentiu com a cabeça, contraindo os lábios, sem coragem para falar.

– A morte do Dan foi trágica – disse Sarah. – Mas ainda o sentimos aqui, em tudo o que nos rodeia. As recordações da vossa vida juntos hão-de sustentar-te sempre e eu sei que ele está a partilhar esta nova aventura contigo. A comprazer-se com todas as novas descobertas que fazes. Deixou um legado que nunca pode ser destruído e não pode ter melhor homenagem do que aquela que tu lhe prestas. Agora que aguentaste o primeiro ano, o mais difícil, a vida há-de começar a ser melhor. E nós estamos aqui para te apoiar.

– Receberam-me os dois em Buffalo Springs quando era um cretino ignorante. – O sorriso de Rabindrah trouxe algum alívio à mesa. – A vossa pesquisa sobre os elefantes e o livro que a Sarah concordou em produzir comigo mudaram a minha vida. Tu e o Dan deram-me uma nova inspiração

e também a minha mulher. Vamos fazer um brinde ao homem que todos amámos e admirámos. Ao Dan.

– Ao Dan – repetiu Sarah.

– Ao meu amigo e professor, o Dan – disse Eropé. – Um grande homem do mundo e do nosso país. E à Allie, que continuará a sua tradição.

– Não há ninguém melhor que vocês os três. – Allie levantou-se para abraçar o samburu antes de lançar os braços à volta de Sarah e Rabindrah. – Obrigada pelo amor e lealdade que me demonstraram. E só lhes posso desejar a felicidade que nós tivemos, eu e o Dan. Foi uma parceria única. Tenho de me agarrar a isso, é o que vou fazer.

Foi um discurso emocional para Allie, normalmente sucinta e lapidar, abrupta na comunicação, excepto quando falava da sua pesquisa. Sarah recostou-se, com a bebida na mão, recordando a noite em que recebera a notícia do acidente. Dan saíra com um novo pisteiro nessa manhã para lhe mostrar o território. Quando caiu um violento aguaceiro, o rio subiu e os *luggas* encheram-se com água veloz, virando o velho *Land Rover* e levando-o na enxurrada. Fora Eropé quem encontrara Dan, lançado contra um talude com o pescoço partido e o crânio fracturado. Tivera morte imediata. Mais adiante no curso de água, o *Land Rover* estava submerso com o outro homem morto lá dentro.

Assim que Rabindrah e Sarah ouviram a notícia, partiram para Samburu. Quando chegaram no dia seguinte, já a torrente fora sugada pelo solo sequioso e nada restava da enxurrada. Era como se nunca tivesse acontecido, exceptuando o tapete de ervas e as pequenas flores púrpura e amarelas que cobriam o solo por onde a água passara. Um bando de gazelas e impalas estava a aproveitar os novos rebentos.

Enterraram Dan numa elevação de terreno, voltada para a paisagem selvagem e aberta. O clã de Eropé e outros samburu das *manyattas* vizinhas chegaram, vestidos com os seus trajes completos de guerreiros, caminhando ao lado do *Land Rover* que transportava o seu corpo, cantando e lançando-se numa dança tradicional para prestar tributo ao homem que haviam amado e respeitado.

Nos dias que se seguiram ao acidente, Allie dedicara-se às suas tarefas habituais como um autómato, sem dizer nada, comendo e dormindo pouco. Fora Sarah quem telefonara ao irmão de Allie na Escócia. Três dias mais tarde, Stuart Campbell chegou de avião a Samburu, acompanhado pelo filho Hugo. Rabindrah apanhou uma boleia de regresso a Nairobi com o piloto, deixando o carro a Sarah. Allie ficou grata pela presença do irmão, mas não conseguia falar com ele. Na noite da sua chegada, foi deitar-se cedo, embora Sarah soubesse que não ia conseguir dormir.

– Gostava de a levar comigo – disse Stuart. – Sei que ela não há-de querer deixar o Quénia de vez, mas fazia-lhe bem um tempo longe daqui, para se conformar com o que aconteceu. E tem uma grande afeição aqui ao Hugo.

– Terei muito gosto em olhar por ela na Escócia durante o tempo que ela quiser ficar. – Hugo assentiu com a cabeça, sorrindo. – Só tenho de voltar para os Estados Unidos em Outubro.

– Não me tinha apercebido de que vivias na América – disse Sarah.

– Estou a acabar o meu doutoramento. Fico lá até ao próximo Verão. Depois disso, gostava de vir passar uns tempos com a Allie. Talvez a possa ajudar na pesquisa dela, se conseguir uma autorização de trabalho.

Sarah recordou-se de que Allie descrevera Hugo como o sobrinho predilecto, dizendo que sempre haviam sido chegados. Simpatizara imediatamente com ele. Ele tinha trinta e poucos anos, um antropólogo com o ar estereotipado e distraído de um académico. O seu cabelo castanho revoltado espetava-se-lhe na cabeça numa crista e Allie observara que lhe dava um pouco o aspecto de uma ave-rato. Mas ele tinha outros dotes. Embora fosse sensível ao sofrimento da tia, conseguia fazê-la sorrir e, por detrás dos óculos de aros de chifre, os seus olhos eram bem-humorados e observadores.

– Achas que conseguias convencê-la a ir passar um tempo na Escócia, Sarah? – perguntou Hugo. – É que o meu pai falhou completamente e nós achamos que ela não devia ficar aqui sozinha.

– Não vejo razão nenhuma para ela não ir – disse Sarah. – O pessoal sempre conseguiu gerir perfeitamente o acampamento na ausência dela e do Dan. Vou fazer os possíveis por convencê-la.

Ela própria teria de voltar em breve para Nairobi e compreendia muito bem o desassossego de Allie. No dia seguinte à tarde, Sarah levou-a de carro à sepultura.

– Acho que te fazia bem passares um tempo na Escócia, Allie. Não precisavas de estar fora muito tempo e, neste momento, precisas da tua família. Podes não estar com frequência com eles mas eles amam-te. – Sarah sentou-se numa pedra ao lado da amiga. – Lembras-te de como fiquei contente quando os meus pais apareceram aqui de repente depois da morte do Piet? E como tu e o Dan me disseram que não me devia esconder?

– Suponho que podia ir por um tempinho. – Allie encostou-se a uma árvore. – Sinto-me extenuada mas não consigo dormir. Quando fecho os olhos, vejo-o ali deitado no escuro. – Cerrou os punhos. – É estúpido mas sinto que estaria a abandoná-lo se saísse daqui. Ele era a minha âncora e agora já não sei qual é o meu lugar. Embora não seja na Escócia nem em Buffalo Springs. Não quero continuar a trabalhar aqui, mas não sei que outra coisa posso fazer.

– É por isso que precisas de tempo para descansar e reflectir. O pessoal desenhencilha-se perfeitamente. Estão todos contigo há anos e podem contactar-me pelo rádio se houver algum problema. – Sarah pegou-lhe nas mãos. – O Dan não fica sozinho... está contigo onde quer que estejas. No teu coração e na tua memória, como o Piet estava comigo. Mas, neste momento, precisas de passar algum tempo com pessoas que se preocupam contigo. Então, Allie, que dizes?

– Por um breve período, então – disse Allie, a sua voz carregada de cansaço. – Vou por um tempo.

Acabou por estar fora um mês e, quando regressou, decidira deixar Buffalo Springs e ir para o Masai Mara estudar as chitas.

Prolongaram o jantar até tarde, abrindo uma garrafa de porto *vintage* e recordando e rindo-se das coisas mais chocantes e excêntricas que Dan fizera. Erope foi o primeiro a deixar o grupo, tomando as pequenas mãos curtidas de Allie nas suas e falando-lhe suavemente em samburu antes de

desaparecer na escuridão. No silêncio que se seguiu, Rabindrah abordou a perspectiva de um novo livro.

– Discuti o assunto com o Gordon Hedley – disse ele. – Ele está preparado para me dar tempo fora de Nairobi durante o próximo ano para escrever uma série de artigos para o jornal sobre o Mara e os seus vários habitantes, em que as fotografias da Sarah são o verdadeiro argumento de venda. Podemos assim voltar a trabalhar juntos. Liguei também ao John Sinclair em Londres e ele está interessado noutro livro ilustrado, se tu também estiveres, Allie. Na mesma base do último. Recebes uma percentagem das vendas para o teu fundo de investigação.

– Que dizes? – A expressão de Sarah era de avidez. Queria este trabalho. Não apenas por Allie, mas por si. – Seria fantástico se voltássemos todos a trabalhar juntos. Senti falta disso.

– Não precisas de decidir já, embora, para a Sarah, nos próximos três segundos fosse bom, como já deves ter reparado. – Rabindrah riu-se. – Mas pode haver outras questões que queiras considerar, ou outra pessoa com quem queiras discutir isto.

– Não preciso de discussão nenhuma – disse Allie. – A única questão é: quando podem começar?

– Trouxe película comigo. Pelo sim, pelo não. – Sarah riu-se de excitação e alegria. – Para já, temos uma semana. Que te parece? Podes aturar-nos tão cedo?

– Eu e o Erope estamos prontos às seis da manhã – disse Allie. – Será como nos velhos tempos.

– E o Dan estará sempre connosco. – Sarah abraçou a figura franzina de Allie. – Se vamos sair logo de madrugada, acho melhor irmos dormir. Fizemos uma longa viagem hoje e estamos os dois a precisar de descansar.

Foram até à tenda deles sob a imensidão de um céu estrelado, ouvindo o restolhar das criaturas nocturnas à sua volta e o resfolegar dos hipopótamos que se dirigiam do rio para as suas pastagens nocturnas. Sarah despiu-se e pôs os braços à volta do marido.

– Obrigada – murmurou, encostando a cabeça ao seu ombro.

– Por quê? – Ele tocou-lhe no cabelo mas ela sentiu a sua distância.

– Por teres vindo aqui comigo. Por ajudares a Allie. – Pegou-lhe nas mãos e colocou-as sobre os seios, sussurrando-lhe ao ouvido. – Anda para a cama, Rabindrah. Vamos fazer amor.

– Não é um pouco cedo? – Ele afastou-se ligeiramente dela.

– O médico disse que podíamos retomar uma relação normal – disse ela. – Há muito tempo. Não estou doente, não sei se sabes. Tive um aborto espontâneo e reagi muito mal mas, enquanto estive em Turkana, resolvi as coisas na minha cabeça. Agora quero que voltemos ao que éramos. Preciso de ti. Quero que me ames. Sem gráficos, sem níveis de muco, sem controlos de temperatura. Só tu e eu a fazer amor como dantes. Não é demasiado cedo para isso. – Levantou os olhos para o rosto dele. – Ou será que pensas que é tarde de mais?

– Sarah. – Puxou-a novamente para si. – Sê paciente. Vamos esperar um pouco mais.

– Porque é que havemos de esperar?

– Não, ouve. – Arrastou-a para a cama estreita e sentou-se ao seu lado, as palavras saindo-lhe com dificuldade. – Preciso que compreendas o que se passa comigo. Durante muito tempo, antes do aborto, senti que o sexo entre nós estava reduzido a um exercício científico que quase não tinha nada a ver com amor. Só tínhamos tabelas de ovulação e termómetros e dias e horas. Não havia espontaneidade. Fazia-me sentir que só servia para dar o sémen nos momentos ideais de fecundação.

– Não. Não. Nunca foi assim – disse Sarah, horrorizada com o que ele estava a dizer.

– Sim, foi. – Rabindrah desviou os olhos para a luz das estrelas. – Sentia que o meu amor por ti não bastava. Que tu já não me amavas por quem eu era. Desejei um filho tanto como tu, mas nunca seria capaz de voltar a passar por estes últimos meses. A tua devastação foi assustadora. O choro, os dias a fio em que ficavas na cama ou andavas pela casa, incapaz de te vestires, de falar, de fazer coisas normais. Se é isso que tentar ter um filho nos vai fazer... – Tomou-lhe o rosto nas mãos. – Não posso voltar a viver assim. Por isso, acho que devemos levar as coisas com calma a partir de

agora. Não nos apressarmos um ao outro. Retirar prazer do facto de estarmos juntos e de trabalhar neste livro. Além disso, esta noite estou exausto depois da viagem.

– Claro. Eu compreendo. Temos todo o tempo do mundo.

Sarah sorriu-lhe, passou a mão pelos seus cabelos negros, pelo seu rosto anguloso. Mas abriu-se dentro dela um enorme vazio. Virou-se para abrir a cama e se deitar, fechando os olhos enquanto o ouvia meter-se na cama de lona do outro lado. O cheiro dele ainda lhe invadia as narinas e o abismo entre ambos encheu-a de desejo e frustração.

Levantaram-se de madrugada quando Ahmed trouxe o chá matinal e encheu os lavatórios de lona com água quente para poderem lavar o sono do rosto.

– Esta manhã vamos ao rio primeiro – anunciou Eroe. – Há dois dias que os gnus se estão a concentrar nas margens. Acho que vão fazer a travessia, embora muitos deles caiam nas mandíbulas dos crocodilos ou morram afogados. E, mais tarde, vamos procurar as chitas.

À medida que o sol subia num céu branco matinal, passaram por manadas de animais de planície que se moviam em lentas colunas, vários a par, em direcção a uma curva larga no rio Mara. Eroe estacionou o veículo numa elevação perto da borda da água, onde os gnus se concentravam aos milhares, prontos a atravessar as águas revoltas castanhas e prateadas e a trepar o talude íngreme do outro lado. Havia zebras a trotar para um lado e para o outro ao longo da falange e as gazelas mantinham-se próximas, abanando a cauda, com olhos doces e nervosos. Bandos de abutres juntavam-se nos pontos de observação privilegiados das rochas circundantes, na expectativa de um festim e lutando pelas carcaças inchadas que constituíam os restos infelizes da tentativa de odisseia do dia anterior. O talude arenoso estava repleto de gnus, avançando ocasionalmente para o ponto de salto seleccionado e recuando depois quando os líderes se amedrontavam perante a vista da corrente veloz e dos crocodilos semi-submersos na água ou a apanhar sol na margem. Continuavam a chegar animais à cauda do contingente que esperava, empurrando, impelindo a

cabeça da coluna para mais perto do limite da água. O ar estava carregado dos mugidos das manadas, os animais chamando uns pelos outros, resfolegando e empurrando.

Por fim, um gnu fêmea ganhou coragem suficiente para se lançar do promontório na água turva. Foi o sinal para o caos pois a massa atrás seguiu-o, os cascos ressoando, as cabeças barbudas desaparecendo sob a superfície para emergirem de novo, numa luta desesperada pela sobrevivência. O rio transformou-se numa confusão de corpos que se revolviam e mergulhavam, debatendo-se para se manter à tona e evitar ser esmagados sob o peso da horda. A corrente apanhou-os ao saltarem uns sobre os outros em pânico, e foram levados rio abaixo para as mandíbulas dos crocodilos que os esperavam, sendo arrastados, a estrebuchar, para as suas mortes. As gazelas mais ágeis e as zebras robustas avançaram para a outra margem. Mas os animais desesperados, em debandada, haviam transformado o declive lamacento num caminho íngreme e traiçoeiro em que muitos não encontravam apoio, deslizando de costas para o rio e desaparecendo.

Quando Sarah estava a colocar um novo rolo de filme na câmara, um jovem gnu saltou para a água atrás da mãe e desapareceu imediatamente debaixo das ondas encapeladas. Com a objectiva apontada para o animal, ela viu-o emergir, sendo imediatamente submerso pelos cascos da manada frenética.

– Isto é insuportável – disse ela, incapaz de tirar os olhos do frenesim agitado em baixo, desejando que a pequena criatura se salvasse. – Anda, anda! Continua a nadar!

Os seus cornos reapareceram por momentos na maré imparável e Allie, Rabindrah e Erope estavam agora a acompanhar o seu progresso. A corrente varreu-o do corpo principal da manada, dando-lhe uma melhor hipótese de se manter à tona mas criando um perigo ainda maior, pois um crocodilo deslizou para dentro de água.

– Não! Não, cuidado! – Sarah não conseguia reprimir os gritos enquanto o obturador clicava e zumbia, registando esta batalha final pela sobrevivência.

As mandíbulas do crocodilo abriram-se, prontas a fechar-se sobre as pernas da presa mas, com um último esforço, o jovem gnu saltou para uma pedra e escapou, avançando aos tombos. O predador escamoso voltou a mergulhar na água, quebrando a superfície com os seus olhos malévolos, à espera que outra refeição lhe fosse lançada à goela aberta. Os flancos do jovem gnu moviam-se ao ritmo da sua respiração aterrorizada enquanto começava a subir a margem escorregadia, afastando-se da borda da água, mas isto revelou ser um novo obstáculo. O solo deslizou sob os seus cascos e ele caiu para trás várias vezes, esgaravatando e resvalando, ao mesmo tempo balindo pela mãe. À sua volta, havia uma massa colossais de animais encharcados, revolvendo o solo, saltando uns sobre os outros, caindo mais uma vez ao tentarem alcançar a planície a partir da qual prosseguiriam a sua maratona.

– Ele está quase em terra seca – disse Rabindrah. – Mas como é que vai sobreviver sozinho?

– É espantoso como a mãe é capaz de identificar o grito da cria no meio desta loucura e barulheira – disse Allie. – Se ela conseguiu atravessar, acabam por encontrar-se.

Minutos mais tarde, um gnu fêmea surgiu no alto do declive. A cria redobrou esforços, caindo por fim em terreno sólido, saudando a mãe com um encontrão, antes de os dois serem tragados pela manada galopante.

– Estou completamente exausta! – Sarah pousou a câmara, fraca de alívio. – Sinto que também fiz a travessia a nado. Sem o tripé as minhas fotografias seriam inúteis porque as minhas mãos tremiam descontroladamente.

– Ele chegou ao outro lado – disse Elope. – Mas os perigos ainda não acabaram. Agora está fraco e tem os leões à espera.

– Que pandemónio, quando o primeiro animal entrou no rio – disse Rabindrah, contemplando a carnificina em baixo. – Morreram tantos, ou foram calcados pelos outros. Não sei se era capaz de assistir outra vez a uma coisa destas.

– Haverá sempre baixas – disse Allie. – Mas essa massa de animais apertados uns contra os outros mantém os crocodilos afastados e, além

disso, não lhes falta alimento, com tantos que morrem afogados. Vamos andando. As vidas das nossas chitas vão parecer muito calmas depois disto.

Encontraram *Lara* sem dificuldade, posicionando-se sob uma árvore e sentando-se no tejadilho do veículo. As crias fizeram várias surtidas da vegetação para espreitar o gigante estacionado. Pouco depois, estavam a brincar na sua sombra, lutando, rebolando e saltando umas sobre as outras, indiferentes à presença humana, que não parecia representar qualquer ameaça. *Lara* mantinha-se vigilante, mas não tentou afastá-los. Eroe explicou como se calculava a sua idade pela aparência e pelo comportamento.

– As pelagens são escuras quando nascem e a princípio não se distinguem as pintas. O pêlo comprido amarelo-acinzentado que lhes cresce no dorso chama-se manto.

– Protege-os contra o mau tempo – disse Allie. – Funciona também como camuflagem sempre que a mãe tem de os deixar sozinhos quando são tão jovens.

Mais tarde, nesse dia, encontraram dois jovens machos, com cerca de dois anos de idade. Estes dois ainda eram inaptos em termos de métodos de caça e foi comovente e cómico ver os seus esforços desastrados para perseguir as presas.

– A mãe deixou-os para ir reproduzir novamente – explicou Allie. – Até há cerca de um mês, havia duas irmãs com eles. Mas quando se tornaram sexualmente maduras, outros machos dominantes apareceram e correram com estes dois rapazolas. Os irmãos da mesma ninhada permanecem juntos toda a vida. A parceria ajuda-os a caçar e a defender-se uns aos outros dos predadores. Acabam por reclamar território de outros machos e arranjam companheiras.

O sol iniciou a sua foga descida para a planície que o acolhia e, com os cadernos cheios de notas e vários rolos de filme completos, Eroe dirigiu o *Toyota* para o acampamento. Depois do jantar, Rabindrah foi deitar-se cedo e Sarah e Allie sentaram-se sob o toldo largo da tenda da messe, partilhando a noite com os habitantes do mato.

– O que se passa? – perguntou Allie.

– O que queres dizer?

– Ora, Sarah. Conheço-os aos dois muito bem. Não se olham nos olhos, não se tocam. Qualquer coisa está mal. – Sarah emitiu um som de protesto mas Allie insistiu. – Olha que sou uma profissional a observar, minha menina – disse ela. – Olhas para o teu homem como uma cachorrinha perdida quando achas que a atenção dele está noutro lado. E ele parece muito tenso. Tiveram uma discussão?

– Não foi uma discussão. – Sarah abanou a cabeça. Em baixo, no rio, os hipopótamos resfolegaram de desdém perante uma explicação tão simples. – Se fosse isso, seria mais fácil de enfrentar. – Perscrutou a escuridão, pesando as palavras. – Allie, tu e o Dan queriam ter filhos? – perguntou ela, finalmente. – Ou melhor, simplesmente não aconteceu ou decidiram não ter?

– Ah, começo a perceber do que se trata. – Allie fez rodar a bebida no copo. – Antes de me casar com o Dan, ele deixou muito claro o facto de não querer ter filhos. Considerava que uma criança alteraria toda a estrutura da sua vida e interferiria com o seu trabalho. Eu estava loucamente apaixonada por ele e, na altura, acreditava que não tinha importância. Desde que estivesse ao lado do Dan, a vida que tínhamos bastaria.

– E bastou?

– Mais do que isso. Tivemos obstáculos monumentais a ultrapassar para pôr em campo o projecto de pesquisa dos elefantes. Havia muito pouco dinheiro e era todo canalizado para o trabalho. Mas era emocionante, romântico. Os meus pais vieram visitar-nos e ficaram horrorizados com as nossas condições de vida.

– Lembro-me da história do Dan de a vossa tenda ter sido derrubada por um elefante que passou – disse Sarah.

– Vivíamos numa estrutura muito frágil cujos cantos escuros eram frequentemente invadidos por escorpiões e cobras, e as hienas e os babuínos roubavam as nossas magras provisões. O meu pai deu-me algum dinheiro que devia destinar-se a conseguir melhor alojamento mas, em seu lugar,

arranjámos um *Land Rover* em melhor estado para seguir os elefantes. Não me lembro de tempos tão felizes. – Ela hesitou.

– E depois?

– Depois comecei a sentir o desejo de ser mãe. O Dan insistia que não daria certo e eu tinha medo, se tivesse um filho, de ter de vir a fazer uma escolha entre o nosso casamento... a parceria espantosa que tínhamos formado... e um bebé que podia acabar a ter de criar sozinha. Não possuía esse tipo de coragem, de compromisso para com a maternidade. Assim, optei pelo que já tinha.

– Alguma vez lamentaste essa decisão?

– Por vezes. O meu irmão Stuart e a mulher, a Maggie, têm cinco filhos. Sempre que aqui chegava depois de umas férias com eles, sonhava com o que seria ter filhos meus.

– Mas não pressionaste o Dan?

– Não. – Allie encolheu os ombros e bebeu um grande gole da bebida. – Mas houve uma altura... Eu estava na Escócia quando os mais novos apanharam sarampo. O Hugo, que era o mais novo, foi o mais atacado. Conheceste o Hugo no ano passado, lembra-te?

Sarah assentiu.

– Ele tinha oito anos e estava muito, muito doente. Passei várias noites sentada à cabeceira dele para dar algum descanso à Maggie. Abraçava-o, punha-lhe calamina nas erupções, tentava dar-lhe o máximo de conforto. E, pelo meio, fui-me apaixonando verdadeiramente pela ideia de ser mãe, de acarinhar uma criança. Dei por mim a desejar desesperadamente um filho. Quando voltei para junto do Dan, tivemos uma discussão terrível.

– O que aconteceu?

– Ele disse que eu tinha de decidir. De uma vez por todas. Insistiu que, se eu ficasse com ele e passasse o resto da minha vida ressentida e revoltada, destruiria tudo o que tínhamos. Tornaria a nossa vida num inferno. Teria de abandonar a ideia de uma vez por todas. Resignar-me a isso ou arranjar alguém que satisfizesse os meus anseios.

– Meu Deus! Isso foi um ultimato e tanto. Não pensaste em partir e arranjar outra pessoa?

Allie sorriu. – Por estranho que pareça, isso nunca me ocorreu. Foi sempre com ele que desejei passar o resto da minha vida... mesmo que às vezes me pusesse louca.

– Que fizeste então para ultrapassar isso?

– Suponho que fiz do Hugo uma espécie de filho substituto. O sarampo afectou-lhe a vista e deixou-o com problemas respiratórios e, durante uns tempos, não frequentou a escola. Costumava mandar-lhe cartas e fotografias da nossa pesquisa e mantivemo-nos sempre em contacto enquanto ele crescia. Provavelmente foi isso que o levou a escolher a carreira que escolheu.

– Porque é que nunca o encontrei em Buffalo Springs quando estava a trabalhar contigo? – perguntou Sarah.

– Eu queria que ele viesse nas férias escolares, mas o Dan objectava. Insistia que não assumiria a responsabilidade por uma criança, ainda que temporariamente. Suponho que tinha medo que isso destruísse o equilíbrio das nossas vidas. Que eu me pusesse outra vez a cismar. Era de facto o único ponto fraco dele. Assim, eu estava com o Hugo sempre que visitava a Escócia. Talvez fosse por isso que eu ia. Depois ele partiu para estudar na América e perdemos o contacto durante algum tempo. Um rapaz novo, a viver uma vida nova e excitante. Disse a mim mesma que era natural. Mas sentia-me privada. Foi por essa altura que tive a minha paixoneta com o Viktor.

– Gostava de saber o que é feito do Viktor – disse Sarah. – Deportado assim, inesperadamente. A Hannah escapou por pouco, não achas?

– Completamente contra-indicado para tudo o que não seja um romance breve e tórrido, o Viktor Szustak. – Allie assentiu com a cabeça em sinal de concordância. – Mas ele não fazia segredo disso. Recebi uma carta profundamente compassiva dele depois da morte do Dan. Estava algures em Inglaterra, mas nunca mais tive notícias dele.

– Voltemos a ti e ao Dan. Foram felizes sem filhos? Conseguiram esquecer?

– As pessoas nem sempre conseguem aquilo que mais desejam, Sarah. Mas vocês os dois querem filhos, não querem?

– Sim, queremos. Mas não aconteceu... bem, não, não estou a ser exacta. Engravidei, Allie. Duas vezes.

– Engravidaste e nunca nos disseste?

– Perdi o primeiro no princípio da gravidez. Mas a segunda gravidez durou quase quatro meses. Sentia uma ligação incrível com a criança, como se nos unisse uma linha dourada. Eu e o Rabindrah estávamos tão entusiasmados. Mas, como tínhamos perdido o primeiro bebé, concordámos em deixar passar quatro meses, já fora do período de risco, antes de dizermos às pessoas, não fosse o diabo tecê-las. Depois, uma noite, acordei, a sangrar e a suar. A minha bela linha dourada tinha desaparecido. – Falou numa voz entrecortada, carregada de sofrimento. – Sabia que o bebé estava morto. A luz apagou-se na minha vida.

– Oh, Sarah, sinto muito. Quando foi isso? Porque é que não me disseste?

– Não disse a ninguém. Não era capaz de falar do assunto, nem com o Rabindrah. Sentia-me amaldiçoada. Primeiro o Piet e depois os meus dois bebés. Depois do segundo aborto, o médico disse que havia uma malformação no feto, que nunca teria sido viável. A maneira que a Natureza tem de eliminar um erro. Termos clínicos para essa pequena pessoa que eu tanto desejara.

– Quem me dera ter sabido. Ter-te ajudado.

– Foi pouco depois de o Dan morrer e eu achei que já estavas a sofrer que chegasse. Quando saí do hospital, não conseguia funcionar de todo. Havia dias em que não saía da cama e não suportava a ideia de intimidade. Parecia ridicularizar de todas as nossas esperanças. Por fim aceitei este novo trabalho fotográfico na região de Turkana mas, no fundo, o que fiz foi fugir. Passei mais de um mês lá sozinha e deu-me tempo para pensar. Fez-me cair em mim.

– E agora?

– Agora quero começar de novo. Aceitar que ter um filho pode nunca vir a ser uma opção. Dar graças pelo Rabindrah e por aquilo que temos. Se a maldita família dele nos deixar em paz!

– Qual é o problema com... não, não precisas de me dizer. Não produziste a parte seguinte da dinastia. Que diz o Rabindrah de tudo isto?

– Não muito. Sente-se reticente e magoado. Não tem... digo eu, não temos... conseguido... – Corou.

– Homens, bebés e sexo são uma mistura imprevisível. – Allie levantou-se e foi à tenda encher os copos. – Sofreu um grande abalo, como marido e como potencial pai – disse ela, quando voltou. – Se *tu* te sentiste um fracasso, aposto contigo em como ele se sentiu igualmente mal, se não pior. É muito difícil na cultura dele. Mas ele ama-te.

– Já não sei.

– Estou a pensar no dia do teu casamento – disse Allie. – Vocês os dois a fugirem como crianças que fazem gazeta à escola, a rirem-se e a dizerem ao padre Bidoli que se despachasse antes que a família Singh aparecesse ao ataque. Eu e o Dan sentimo-nos honrados por nos terem pedido para sermos vossas testemunhas. E ainda mais quando nos apercebemos de que éramos os únicos presentes. O Dan era muito protector em relação a ti e sempre considerou que tu e o Rabindrah tinham sido feitos um para o outro.

– Achas que tinha razão?

– O segredo é a paciência. Eu sei que é difícil. Tens de voltar a conquistá-lo. Tenho a certeza que, em parte, é o medo de te causar mais sofrimento. Corteja-o aos poucos. Fala com ele. Vão para qualquer lado, sozinhos.

– E vamos – disse Sarah. – Vamos a Londres e depois a casa dos meus pais, em Sligo.

– Ouve, terias de discutir isto com o Rabindrah primeiro, mas aqui vai uma sugestão. Antes de partires, contacta o teu pai. Ele é médico... há-de conhecer alguém que possas consultar enquanto lá estás. Refiro-me a um especialista em fertilidade. Hoje em dia, há muitos tratamentos.

– Tenho medo de abordar o assunto com o Rabindrah. Tornou-se um pomo de discórdia terrível.

– Mais uma razão para lidar com ele. Não enterres a questão. Se um especialista te disser que nunca mais poderás ter filhos, pelo menos ficas a saber a verdade. Aceita-la e segues em frente. Ou consideras a adopção. Não sei qual é a vossa posição sobre isso.

– Também não sei, mas tens razão, Allie. Obrigada. Não era minha intenção falar neste assunto, neste momento, no aniversário do Dan, mas...

– Ainda bem que o fizeste. Só queria que já tivesses falado. A Hannah ou a Camilla sabem?

– Sim, sabem. Nas primeiras semanas, fizeram tudo para me arrancar à depressão. Mas eu sentia-me paralisada, incapaz de me mexer. Até recusei consultar o médico em Nairobi... só o facto de o ir ver teria sido penoso de mais. Demasiado próximo do que eu tinha perdido. E não queria ir à Irlanda e ter de explicar tudo à minha família. Não teria sido capaz de enfrentar a compaixão deles, como não a consegui enfrentar depois da morte do Piet. Por isso, fiquei em Nairobi. Pobre Rabindrah. Não sei como conseguiu aturar-me.

– É sempre melhor partilhar essas coisas – disse Allie.

– Eu sei. – Permaneceram sentadas em silêncio durante algum tempo. Sarah foi a primeira a falar. – E tu, Allie? Como é que te tens aguentado?

– A pesquisa sobre as chitas há-de manter-me concentrada.

– Mas é solitário, não é? Estou a pensar em companheirismo e não apenas em trabalho.

– Ah! – Allie soltou uma breve gargalhada. – Suponho que estás a pensar no que vou fazer sem sexo. É isso?

– Não queria... – Sarah sentiu uma onda de embaraço inundar-lhe as faces.

– Não me importo – disse Allie, rindo. – Comove-me a tua preocupação com o meu bem-estar. O Dan era um homem fabuloso e eu amava-o mais do que sou capaz de expressar por palavras. Nunca mais voltarei a amar assim nem partilharei a minha vida com outra pessoa da mesma maneira. Mas tens razão. Gosto do sexo e um dia sou capaz de desejar alguém. Quem sabe?

Sarah levantou-se. – É melhor ir dormir. Boa-noite, Allie, e obrigada por seres tão boa amiga.

*

Abriu a tenda, puxando em silêncio o fecho de metal e escutando por alguns minutos o som do marido a dormir. Quando arrumou a roupa, deitou-se na cama estreita, moldando o corpo à forma das costas dele, a

cabeça na curva quente do seu pescoço e ombro. Minutos depois, estava a dormir.

CAPÍTULO 6

Quénia, Julho de 1977

O primeiro soco atingiu-o no estômago. James cambaleou e caiu para a frente, sem fôlego devido à dor e à surpresa do assalto. Enrolou-se numa bola, os braços à volta da cabeça, enquanto era agredido por paus e pés que atingiam todas as partes desprotegidas do seu corpo. Apesar dos seus esforços, um deles conseguiu acertar com uma bota pesada no seu maxilar. Sentiu o sangue na boca, sentiu-o escorrer-lhe por entre os dentes ao enrolar os braços com mais força em volta da cabeça, pressionando as mãos contra os olhos. Eram vários, todos rapazes mais velhos, escarnecendo, gritando, espancando, desferindo pontapés. A urina alastrava-se-lhe pelas calças, para as pernas e estava cheio de vergonha. Um fino fio de vômito escapou-lhe da boca quando outro soco lhe assentou no ombro, fazendo-o rolar para uma posição ainda mais vulnerável. Corria-lhe sangue e ranho do nariz e tinha a cara coberta de pó seco. Algum tempo depois, mal conseguia respirar. Gritou para que parassem, arfando com o esforço, mas os seus torturadores não lhe deram ouvidos e, assim, preparou-se para suportar a violência até se cansarem e se afastarem. Sabia que ninguém o encontraria ali.

- Menino rico, dá-nos o teu dinheiro!
- Dá-nos o dinheiro que a mamã branca te mandou de longe!
- Menino branco num corpo de menino preto!
- Animal de estimação dos *mzungu*! Agora que não estão aqui para te proteger, vamos ficar com tudo. E se lhes disseres damos-te mais porrada.

Tinham começado a apedrejá-lo quando ouviram o som de um veículo à distância e viram o oscilar de faróis a aproximar-se ao longo da linha das

árvores. De repente, chegou ao fim. James estava imóvel na berma do caminho, completamente enroscado e a tremer, quando o *Land Rover* parou. Ao soltar, sentia uma pressão agonizante sobre a caixa torácica, que o forçava a respirar em arrancos superficiais e a tentar reprimir o choro.

– O que é que se passa aqui? – David baixou-se ao lado do rapaz, levantando-o do chão, segurando-o mais devagar quando ele gritou de dor e limpando-lhe o suor, lágrimas e pó da cara. – Quem é que te bateu, James?

– Não sei. – Era mentira mas o medo impedia-o de falar. James imaginava as consequências se os seus atacantes fossem punidos. Nunca mais se sentiria em segurança.

– O que aconteceu? – David repetiu a pergunta. – Meteste-te numa rixa? Que é que se passou?

– Não andei à bulha.

– Como é que foste espancado se não andaste à bulha? Disseste alguma coisa que ofendeu alguém?

Mas David já conhecia a resposta. O rapaz era reservado, aplicava-se na escola e raramente se envolvia em confusões no complexo do pessoal ou na sanzala onde viviam os trabalhadores agrícolas. Era considerado distante e frio e suscitava inveja entre os seus pares, que o encaravam com desconfiança porque ele passava a maior parte do tempo com os filhos de Hannah. Havia inclusivamente andado em safári em Samburu, Meru e no lago Nakuru, e a sul, no Parque Nacional de Tsavo, e estivera na costa onde passara férias no Verão a nadar no oceano salgado.

– Muito bem, James. Entra devagar para o carro que eu levo-te para casa e lavo-te. A Esther há-de estar à tua espera. Deve estar preocupada por não estares no complexo.

– A Esther não está lá.

– Onde é que ela está? – David pôs o carro a trabalhar e conduziu cuidadosamente pelo trilho, vendo James retrair-se com cada solavanco, apesar de não emitir um único som enquanto seguiam aos saltos pelo piso esburacado.

– Foi o dia de folga dela ontem mas à noite não voltou. Há um problema na *shamba* dela. Vem logo à noite, ou talvez amanhã.

David resmungou de irritação. O marido de Esther batia-lhe muitas vezes quando ela voltava para casa e gastava regularmente o dinheiro que ela ganhava com o que cultivava no seu pequeno lote de terra. Haveria um grande *shauri* quando Hannah regressasse e descobrisse que a *ayah* tirara tempo de folga a mais e que James fora espancado na sua ausência. – Onde é que dormiste ontem à noite? – perguntou.

– No meu quarto. Como a Esther não voltou, o velho Wanjui deu-me de comer. – James estava a tartamudear, tacteando a cara inchada com uma mão, as palavras quase inaudíveis. Tentou limpar um fio de sangue com a manga, mas o gesto fê-lo gemer de dor. – Esta manhã pedi ao teu pai papa de aveia da cozinha e depois fui para a floresta e fiquei lá.

– Quantas vezes te disseram para não ires para a floresta sozinho? Depois do *shauri* com a Suniva, foste proibido de ir para lá sem o Achole ou um dos outros *watu*. E se encontrasses um leopardo? Ou uma manada de elefantes, ou o velho *nyati* que feriu um homem no mês passado?

– Não encontrei nada.

– Não. Mas esta tarde encontraste piores animais do que esses. – David mudou de tom, sabendo que não valia a pena repreender o rapaz. Ele precisava de compaixão. – Vamos à cozinha da casa principal e o meu pai dá-te de comer, ajuda-te a lavar as feridas e põe-te pensos nos cortes.

– Eh, que *meneno* é este? – O rosto enrugado de Kamau crispou-se ao olhar para James. – Onde é que andaste, *toto*? O que é que te aconteceu? A Esther tem andado à tua procura por todo o lado.

– A Esther devia ter vergonha de o ter deixado. Vai-se meter num rico sarilho por voltar tarde – disse David. – Onde está o Mwangi?

– É a noite de folga dele – respondeu Kamau.

– Então ajuda-me a lavar o rapaz, pai. Precisa de chá com muito açúcar e de comida quente. Não te sobrou nada do jantar do *bwana* Mike?

– Ele está a acabar de comer – disse Kamau. – Ouve, está a levantar-se da mesa e a vir para aqui. Depressa, põe o James na despensa e fecha a porta.

– Estava uma delícia. – Mike Stead entrou, transportando alguns pratos e uma caneca de natas vazia. – Fazes o melhor pudim de melaço do mundo, meu velho. Trouxe os pratos, já que o Mwangi não está para te ajudar e a

minha *memsahib* esta noite está para fora. Se sobrar alguma carne, podes pô-la nas tigelas dos cães. Quero tomar o café junto à lareira, por favor, Kamau.

– *Ndio, bwana*. – O cozinheiro assentiu, satisfeito com o gesto de Stead. Os *bwanas* não se incomodavam normalmente com os pratos sujos deixados na mesa, independentemente de quem estivesse de serviço.

– David. – Mike apertou-lhe a mão. – Andas em cima do teu pai, é? Tudo em ordem no *lodge*? Já arranjam o depósito da água? – Estava a rir ao fazer a pergunta.

– Já, sim. – David sorriu. – Construímos uma vedação à volta para o elefante grande não lhe chegar. Acho que os hóspedes estão desapontados. Tiraram-lhe muitas fotografias, com a tromba dentro do depósito a levar-nos a água toda.

– Aposto que há-de ser tema de conversa ao jantar durante muitos anos – observou Mike. – Eu próprio gostava muito de ter visto.

– Deu para umas boas fotos – disse David. – O *ndofu* chegou muito perto e tivemos sorte por ser calmo. Aquilo por lá está muito sossegado. Hoje só temos dois casais. Pus o Ngare no turno da noite com os *askari*. Se houver algum problema podem contactar-me pelo rádio.

– Fizeste bem. Amanhã dou lá um salto, provavelmente ao fim do dia. Toma uma cerveja com os hóspedes e conta-lhes algumas histórias rocambolescas. Boa-noite. – Levantou uma mão em jeito de saudação e desapareceu na sala de jantar. Momentos depois, David ouviu o som do BBC World Service na rádio.

– Sai daí, James, e anda comer – disse ele, abrindo a porta da despensa e deparando-se com o rapaz encolhido no canto do outro lado. O rapaz debateu-se para se pôr de pé e David viu que ele tinha um dos tornozelos inchado e estava a mancar.

– Ele caiu de alguma árvore como um babuíno pequeno? – Kamau não estava disposto a providenciar confortos enquanto não tivesse respostas. – Disse-te para o lebares contigo para o *lodge*. Para o manteres longe de sarilhos.

– Ele foi espancado. – A expressão de David era sombria ao abrir um armário de onde tirou a caixa de primeiros socorros, seleccionando iodo e pensos e um rolo de ligaduras. – Além dos cortes, magoou-se no tornozelo e em algumas costelas. Espero que não tenha nada partido... está demasiado inchado para se ver. James, tens de me dizer os nomes desses rapazes.

– Não os vi. – James soltou um gemido de dor quando o iodo entrou em contacto com as feridas e David apalpou-lhe suavemente o tórax. – Eu vinha para casa e eles apareceram atrás de mim, aos gritos. Pensavam que a Mama Hannah me tinha mandado dinheiro. Mas não sei quem eram.

Kamau lançou um olhar céptico à criança. Ouvira muitas vezes os *watu* falar de James e do estranho facto de ele viver praticamente na casa principal. Se a Mama Hannah queria acolher uma criança negra, perguntavam, porque é que não tinha escolhido uma do complexo dos criados ou da sanzala? Era um desperdício escolher um rapaz desconhecido do orfanato de Nyeri, quando tinha tantos candidatos meritórios à porta de casa. O *bwana* Piet fora assassinado por um homem de um orfanato e custava a crer que a irmã tivesse corrido um risco com outro do mesmo. Só podia trazer azar.

Muitos dos trabalhadores agrícolas tinham perguntado a Esther por que razão o rapaz de Nyeri fora levado para Langani. Mas ela abanava a cabeça e franzia os lábios em sinal de reprovação, não querendo admitir que não fazia ideia. A sua função era olhar por ele, juntamente com Suniva e Piet. Os *wazungu* faziam coisas estranhas que não podiam ser explicadas às pessoas normais e não lhe competia questionar os seus motivos. Tinha um bom emprego, casa e comida. O resto não era da sua conta.

– Anda para minha casa. – David pegou na mão de James. – Podes lá dormir esta noite.

No seu íntimo, censurava-se por ter deixado o rapaz tanto tempo sozinho. Depois da partida da família, James tinha passado os primeiros dias a vaguear pela casa, deprimido. David levou-o ao *lodge* em várias ocasiões e deu-lhe tarefas para desempenhar e, quando ele estava na casa, Esther olhava por ele. Ele passava algum tempo na cozinha a ajudar Kamau e Mwangi, mas andava taciturno e circunspecto. Finalmente, quando os

postais e as cartas começaram a chegar, animara-se um pouco. Tudo parecia estar a correr bem até Esther ter partido para resolver um problema na sua *shamba* que podia, sem dúvida ter esperado.

Mas os postais que haviam impedido James de se afundar na tristeza também encerravam perigo. Constatou que chegavam cartas quase todos os dias e começaram a circular rumores de que continham dinheiro enviado pelo *bwana* Lars. As provocações começaram quase imediatamente, mas James ignorou-as. O seu mundo fora iluminado por uma nova luz. Suniva pensava nele, enviando-lhe mensagens através das quais podia tentar imaginar e até partilhar as suas aventuras. Pediu a Kamau uma grande lata de bolachas quadrada que estava na prateleira de cima da cozinha e era usada para guardar os bolos de fruta que Hannah fazia de vez em quando. Na frente tinha uma imagem de uma aldeia inglesa com casas brancas de telhados de colmo e vedações dentro das quais havia pequenos jardins com muitas flores. Tudo era asseado e ordeiro e passavam senhoras, com chapéus de fitas e vestidos compridos e sombrinhas, por um caminho sobranceiro ao mar. James achou que era uma caixa apropriada para os seus bens mais estimados e perguntou-se se Suniva andaria agora assim vestida. A ideia fê-lo sorrir mas também lhe causou apreensão. Não queria que ela mudasse muito. Cada preciosa carta era guardada na caixa e ele escondeu-a no seu roupeiro por baixo de um cobertor e dos sapatos da escola. Quando não estava ninguém em casa de Esther, ele tirava-a para fora e lia cada postal e cada carta várias vezes, estudando as imagens e tentando visualizar os lugares que Suniva descrevia.

– Amanhã tens de levar este rapaz contigo para o *lodge*. Antes que ele se meta em mais sarilhos. – Kamau deitou estufado e batatas numa tigela, observando compassivamente enquanto James fazia um esforço para comer. – Arranja-lhe lá que fazer. Passa metade do tempo enfiado na minha cozinha, com uma cara de enterro de fazer perder a paciência a um santo. És meu filho, David, e aconselho-te a que faças isso. Não lhe faz bem passar aqui o tempo no complexo do pessoal com a Esther. Só arranja mais problemas com os outros rapazes. Não posso olhar por ele e cozinhar para o *bwana* Stead ao mesmo tempo. E o Mwangi também não tem tempo.

Somos velhos e não *ayahs* e vamos os dois retirar-nos para as nossas *shambas* quando a Mama Hannah regressar. Já é tempo.

– Não quero ir para o *lodge*. – James estava a comer devagar, cada movimento do seu maxilar disparando pontadas de dor em toda a sua cara. Parou, com a colher suspensa no ar.

– Não tens nada para fazer aqui enquanto o Piet e a Suniva não voltarem – disse David, exasperado. – Lá podes dar uma mão na cozinha e manter a plataforma de observação limpa. Estudar os animais. – Riu-se. – E estudar os hóspedes também, que são tão estranhos como as criaturas que vieram ver.

– Não. Não vou.

– Não tens voto na matéria – disse David. – Estás ao meu cuidado agora.

– Se não estiver aqui, roubam as minhas cartas. Quando o correio chegar – disse James. – Roubam-nas.

– Não roubam nada – disse James. – O Mwangi recebe as cartas todos os dias e guarda as que forem para ti e à noite entrega-tas.

Ajudou James a entrar para o *Land Rover*, notando a torrente de lágrimas silenciosas quando o rapaz se sentou no banco da frente. Em seguida, dirigiram-se para o recinto do pessoal.

David tinha um grande orgulho na sua casa. O edifício era muito semelhante àquele em que Esther e James viviam, com o seu telhado de chapa ondulada e paredes de lama e caniço pintadas à têmpera branca. A entrada ficava à sombra de um estreito alpendre, equipado com duas cadeiras, uma mesa tosca onde estava uma candeia de querosene e uma série de plantas que cresciam em velhas latas de leite em pó ou legumes de conserva. David pintara-as de vermelho e enchera-as com terra, flores e fetos, regando-as meticulosamente e mantendo-as luzídias e saudáveis. No interior, a decoração era muito diferente das restantes casas. Estavam várias fotografias de Sarah de animais selvagens penduradas nas paredes, emolduradas e brilhantes, juntamente com um retrato que ela tirara de Kamau e David juntos. A mobília estava envernizada de fresco e coberta com tecidos garridos da *duka* indiana em Nanyuki. Havia um tapete no chão

que fora um presente de Camilla e cortinas feitas de *kangas* em cores ousadas estavam enfiadas em arame flexível. Uma pequena cozinha estava instalada na parede do fundo e Hannah dera-lhe tachos e panelas de que já não precisava para que ele pudesse experimentar novas receitas, embora ninguém no complexo se interessasse pelos pratos que ele preparava para os *wazungu*. Tinha um pequeno frigorífico onde guardava cerveja e garrafas de vinho que os hóspedes no *lodge* não tivessem acabado. Mas, no geral, o resto do pessoal considerava-o um solitário que se dava ares de importante. As actividades dos seus amigos de infância já não lhe interessavam e muitas vezes comparava a situação de James com a sua.

Ao longo do tempo, fora poupando o salário e usando as generosas gorjetas e prendas que os clientes no *lodge* lhe davam, aplicando inicialmente o dinheiro em tentativas para melhorar as suas competências de leitura, e adquirindo conhecimentos sobre a fauna e a flora indígenas. Mais tarde, talhara suportes para candeeiros com pedaços de madeira abandonados e fizera *abat-jours* de arame e fibra de coco, para que as divisões tivessem uma luz quente e não houvesse lâmpadas nuas à vista. Camilla dera-lhe também tecido com contas da oficina, que não tinha o nível que ela exigia, e ele pedira a uma das *bibis* que trabalhavam com as máquinas de costura que lhe fizesse almofadas com ele. Estudou as velhas revistas de Hannah para se inteirar do que a gente rica em Nairobi e na Europa fazia às suas casas e adaptou todas as ideias que pôde com os meios e materiais limitados que possuía. Era certo que a sua casa tinha chão de cimento e as paredes eram toscas mas não havia outra igual entre o pessoal de Langani. Ou em qualquer outro lado na zona.

Uma vez levava a casa uma rapariga branca que estava hospedada no *lodge*. Ela pedira para conhecer uma casa africana e ele levava-a às escondidas, uma noite, mandando-a calar quando ela ficou um pouco embriagada e insistiu em dançar ao som da música no gira-discos dele. A experiência foi de uma excitação estonteante, mas nunca mais a repetiu, sabendo que perderia o emprego se Lars ou Hannah descobrissem. Em todo o caso, fora extremamente difícil levar a rapariga de volta ao *lodge* antes de amanhecer sem atrair a atenção dos *askari* nocturnos. Imediatamente antes

de romper o dia, David estacionara o *Land Rover* a uma certa distância do edifício principal e insistira para que fizessem o resto do caminho a pé em silêncio. Ela protestara veementemente, avançando aos tropeções e agarrando-se a ele, com medo de se deparar com um elefante ou um búfalo. A verdade era que ele tinha ficado desiludido com a sua disponibilidade instantânea para se despir e se deitar com ele. Pensara que a conquista lhe daria um estatuto à parte, mas a rapariga branca revelou não ser mais estimulante do que qualquer das jovens mulheres quicuias que conhecia. Nos dois dias seguintes, ela tentou abordá-lo, convidando-o a ir ao quarto dela ou a levá-la no *Land Rover* sozinha, mas ele recusara. No fim de contas, ela mostrara-se uma peste e ele ficou aliviado quando o grupo dela deixou o *lodge*. Agora tinha de olhar por James.

– Tira um lençol e um cobertor do armário e faz a tua cama aqui no sofá – disse ele a James. – Não saias lá fora. Eu vou buscar a tua roupa a casa da Esther para estares pronto para me acompanhar ao *lodge* pela manhã. Vamos lá passar três noites, porque eu estou de serviço até ao fim-de-semana.

James manteve-se imóvel, com o coração aos saltos. A sua preciosa lata de bolachas estava em casa de Esther. Podia confiar em David para lha trazer, dizer-lhe onde estava escondida? Inalou uma golfada de ar e levou as mãos às costelas para tentar atenuar a dor. Custava-lhe falar, formar palavras, quando o seu maxilar produzia um espasmo de agonia sempre que abria a boca.

– A minha caixa – disse ele, os olhos franzidos de desespero. – Tenho uma caixa onde guardo as coisas importantes. A Esther não sabe que a tenho. Se te disser onde está, podes trazer-ma?

– Não te aflijas – disse David. – Eu trago-ta.

Esther demorou vários minutos a abrir a porta. Ocupando a entrada, plantou os pés bem afastados, colocou as mãos nas ancas e arvorou uma expressão beligerante.

– A culpa não é minha – disse ela imediatamente. – Houve um grande problema na minha *shamba*. Uns ladrões levaram-me as ferramentas e

roubaram cebolas, cenouras e milho que estavam prontos a colher e depois o autocarro avariou e... – Baixou os ombros e a genica abandonou-a. – Não dizes nada à Mama Hannah?

– A culpa é tua, sim senhor – respondeu David. – E não vejo como se possa esconder o facto da Hannah. Alguém lhe vai dizer com certeza.

– Mas tu não?

– Calculo que saibas que o James foi espancado porque não estavas aqui para olhar por ele. Vim cá buscar a roupa dele. Pode ficar no *lodge* e ajudar enquanto estou de serviço. Foi assim que eu comecei e só lhe há-de fazer bem.

– Tu eras diferente – disse Esther. – Passavas o tempo com a tua gente e nunca tiveste dúvidas sobre quem eras. Se bem que agora pareça que corres o risco de esquecer isso. Soube do que aconteceu e tenho a certeza que o James sabe quem lhe bateu. Mas nunca há-de dizer porque tem medo que venham atrás dele outra vez. Os outros rapazes têm ciúmes e agora não está aqui ninguém para o afastar dos problemas porque partiram e o deixaram.

– Se sabias tudo isso, devias ter voltado a tempo – observou David.

– Deviam tê-lo levado com eles. – Esther repetiu as palavras num tom de desafio. – Como já o levaram de férias noutras ocasiões, para a costa e em safári.

– Levá-lo de avião por cima do mar? Para Inglaterra? – David fixou-a. – És doida, mulher?

– Deviam decidir se ele é igual aos filhos ou se não passa de uma pobre criança quicua a quem dão instrução e alimento. Caso contrário, ele não é ninguém. A vida dele está dividida entre dois sítios e não pertence a nenhum. Foi o que o homem branco ensinou desde que aqui chegou... dividir-nos para nos enfraquecer. Apoderou-se da nossa terra. Desdenhou das nossas tradições e substituiu-as por regras de gente estranha, e agora não somos carne nem peixe.

– Somos um país independente – contrapôs David. – Já não somos governados por ninguém a não ser nós próprios.

– Puf! – Esther cuspiu no pó. – E que diferença é que isso fez a mim ou a ti? Ou às pessoas que trabalham nesta fazenda? Quer dizer que continuamos

da mesma maneira de sempre. Lembras-te quando os políticos nos disseram, antes da *Uhuru*, que íamos todos ter carros e bicicletas como os brancos? Que andariamos de graça nos autocarros e teríamos muitos hectares de terra nossa? Foi o que disseram os nossos governantes na altura. Agora são mais arrogantes do que os homens brancos eram e enganam-nos e apoderam-se de terra que não lhes pertence e nem sequer pertence às tribos deles... as melhores terras que os *wazungu* nos devolveram antes da Independência. Quatrocentos mil hectares de terras. Mas quantos hectares foram para ti? Ou para mim? Ou para alguém que a gente conheça?

– Conheço famílias que receberam quatro hectares e agora fazem parte de uma cooperativa que cultiva hortaliças e as vende às lojas – disse David. – Se julgaste que toda a gente ia enriquecer, és tola.

– Não sou tola, nada – disse Esther. – Sim, há gente que vende umas quantas hortaliças. Mas vende-a às mesmas *dukas* indianas de sempre. Porque continuam a ser os *wahindi* que estão à frente dos negócios. Pagam-nos uma miséria pelo que cultivamos e cobram-nos de mais pelo que compramos. E os novos donos africanos de lojas e de cervejarias estão a fazer o mesmo.

– Mas podemos votar, Esther. É o nosso país e podemos, aos poucos, transformá-lo com os nossos votos. – Esforçou-se por levá-la a compreender o panorama geral.

– Não vamos nada transformá-lo – disse ela. – Vamos labutar a vida toda como sempre. Mas eu e tu, pelo menos, sabemos quem somos e de onde viemos. Não somos como esse pobre rapaz que não sabe nada. O James não tem família nem clã e nunca terá terra dele para lavrar. Que rapariga há-de querer um homem assim quando for adulto? Não sei porque é que a Mama Hannah o acolheu. Ir ao orfanato em Nyeri e trazê-lo para cá. Sou uma velha de cinquenta anos e não compreendo estas coisas que estão a acontecer, mas...

– Preciso de roupa para ele – interrompeu-a David, receoso de que algo na sua expressão denunciasse o que sabia. – Tu senta-te e acaba de comer... eu encontro as coisas.

– Não dizes nada à Mama Hannah, pois não?

– Não – disse David. – Não digo.

*

– A Esther está metida em sarilhos? – James tartamudeou a pergunta quando partiram para o *lodge* na manhã seguinte. Ia agarrado à lata de bolachas e a um saco de lona com dois pares de calções, camisas e meias, e uma camisola.

– Quando eles chegarem, já devemos ter esquecido esta história toda – respondeu David. – As tuas costelas já terão sarado e eu vou tratar de impedir que alguém te ponha as mãos, entretanto. A Esther não se vai meter em sarilhos. A não ser que tu queiras dizer alguma coisa.

– Não.

A voz de James estava tão carregada de tristeza que David tirou uma mão do volante e lha pousou no ombro. A partir de agora, tomaria conta do rapaz, até as outras crianças voltarem para casa. Era o único que conhecia as verdadeiras origens de James. Nem o velho Kamau e Mwangi tinham sido informados de quem ele era, embora Hannah confiasse cegamente neles. Era rija, a Mama Hannah, tinha coragem e um bom homem com quem partilhar a fazenda e dois filhos excelentes. Mesmo assim, David interrogara-se se ela teria perdido o juízo no dia em que adoptara James, o filho do assassino do irmão. Agora também se interrogava se o rapaz traria má sorte e até tragédia à fazenda, como o pai fizera.

Quando Simon Githiri aparecera pela primeira vez em Langani, com a sua refinada educação e carta de referências dos padres da missão de Nyeri, David roera-se de inveja e desconfiança. Hannah dera ao recém-chegado o lugar a que David sempre aspirara quando o *lodge* de safári abriu pela primeira vez. Também Kamau ficou zangado por Hannah pôr um desconhecido à frente do filho. Mas ela tivera razão. Na altura, David só concluía a escola primária e estava a trabalhar na cozinha e no armazém da fazenda. Embora fosse demasiado orgulhoso para o admitir, lá no fundo sabia que não possuía as competências para o balcão da recepção e para o escritório no *lodge*. Mas não se enganara em relação aos seus sentimentos por Simon.

Foi catapultado para o presente pela visão de um elefante macho a atravessar o trilho alguns metros à frente.

– Olha, James – disse ele. – Vê como as presas são grandes... quarenta quilos. É um *mzee*. A caminhar sozinho, velho e repudiado pelo resto da manada. Sem um jovem macho sequer para lhe fazer companhia, o que por vezes acontece. Podem ter mau feitio, estes solitários, por isso vamos parar aqui e esperar até ele se meter no mato do outro lado.

– Já o vi antes – disse James, tentando articular as palavras claramente através dos lábios inchados. – Estás a ver, tem um rasgão na orelha direita. Vi-o com a Mama Hannah quando íamos de carro. Para a crista.

– Não devemos afligir a Mama Hannah com o que aconteceu – disse David, pondo o veículo em ponto morto com o motor a trabalhar. – Porque ela é muito boa pessoa e fez muito por ti. E por mim.

– O que é que ela fez por ti? – Os olhos de James brilhavam de interesse.

– Em primeiro lugar, mandou-me para a escola, mas eu era preguiçoso e não aprendia as lições e ela zangava-se. Depois levou-me para casa e, juntamente com o meu pai, ensinou-me a cozinhar para eu poder ajudá-la no *lodge*. Mais tarde, mandou-me para uma escola técnica especial para aprender melhor Inglês e Matemática e tudo o mais que eu precisava para atender bem os hóspedes. E agora está a olhar por ti da mesma maneira.

– O que aconteceu à minha mãe e ao meu pai para não poderem olhar por mim?

Era a primeira vez que James fazia directamente a pergunta. Por um momento, David ficou sem saber como lhe responder, mas sabia que tinha de lhe dar uma explicação plausível.

– O teu pai foi arranjar trabalho em Nairobi e uns homens assaltaram-no e mataram-no – disse ele, a sua língua e consciência não se deparando com dificuldades na mentira. – Depois a tua mãe veio para Langani, à procura de trabalho, mas não havia trabalho aqui. Mais tarde, morreu de uma febre e tu foste para o orfanato onde a Mama Hannah te foi buscar para te trazer para Langani.

– Conheceste a minha mãe?

David hesitou, recordando Wanjiru, pouco mais do que uma criança quando trouxera o bebé para a fazenda à procura de ajuda. O marido, Simon Githiri, desaparecera, deixando-a na reserva quicuia com o filho pequeno do casal. O pé boto da criança havia provocado o escárnio e o medo no seio do clã, embora os únicos vestígios existentes da sua deformidade fossem as cicatrizes deixadas pela cirurgia. – Não, nunca a conheci – mentiu.

– Então porque é que a Mama Hannah me tirou do orfanato? – James estava a olhar directamente em frente, os dedos agarrados ao puxador da porta e o rosto tenso.

– Porque se lembrava da tua mãe e viu que eras um rapaz com *akili* e um sorriso bonito na cara. Isso foi antes de descobrir que és desobediente e que, juntamente com o Piet e a Suniva, não ligas ao que a Esther diz e te metes numa série de sarilhos. – A resposta de David continha um registo divertido. – Por isso, é bom que a partir de agora te portes bem, caso contrário ela pode descobrir que afinal não tens nada na cabeça.

O elefante afastara-se para uma distância segura e eles continuaram pela subida íngreme até ao *lodge*, estacionando nas traseiras do edifício onde se localizavam os alojamentos do pessoal e os armazéns.

– Vai pôr a tua roupa no meu quarto – disse David. – E depois vai ter à recepção para irmos ver se há animais no bebedouro.

Observou James a sair do veículo a custo e a afastar-se a mancar para colocar os seus parques haveres num lugar seguro. Ali em pé, sob o sol do princípio da manhã, David levantou a mão e coçou a parte de trás da cabeça, algo que fazia sempre que se sentia inquieto. Suspirou, pensando no que viria a acontecer a esta criança desorientada e indefesa. Não teve tempo para ponderar a questão. Do seu local de observação privilegiado, viu um veículo a aproximar-se na subida para o *lodge*, levantando uma espiral de poeira. Minutos depois, Anthony Chapman, bronzeado e magro, apeou-se do jipe.

– David, *habari gani*? – Estendeu a mão, um sorrindo franzindo-lhe os olhos. – Que tal correm as coisas, com toda a gente para fora? Espero que isto esteja sossegado e que não estejas com muito trabalho. Estou a caminho

do meu acampamento nos Aberdares com dois clientes. Achámos boa ideia parar por cá para almoçar e talvez pernoitar.

– Está tudo em ordem – disse David, apertando-lhe a mão. – E temos quartos se quiserem pernoitar. Vou montar uma mesa para o almoço na plataforma de observação. Encontrámos um velho elefante a caminho daqui que é capaz de não demorar muito. – Virou-se para cumprimentar os clientes de Anthony e para os conduzir para dentro do *lodge*, à sala de estar principal e zona do bar.

– Bolas, que sítio esplêndido! – Charlie Zimmerman já tinha feito um safári com Anthony antes, mas esta era a sua primeira visita a Langani. – Nunca vi nada igual. Fala-me disto.

– Foi construído por um grande amigo meu – disse Anthony. – Pertencia a uma família de bóeres que chegaram aqui vindos da África do Sul no princípio do século e construíram Langani a partir de uma terra selvagem. Foi ideia do Piet transformar parte da fazenda numa área de conservação da vida selvagem.

– Ele está cá? Gostava de conhecer o tipo que criou isto. – Zimmerman estava profundamente impressionado.

– Morreu há alguns anos – disse Anthony. – Agora é a irmã, Hannah Olsen, quem o dirige e aqui o David é o gerente. Mas ela está para fora, de férias. Sou sócio da empresa desde o princípio.

– Nunca vi nada tão belo – disse Eve Zimmerman, levantando os olhos para a imponente extensão de telhado de palhiço, apoiado em grossas estacas e flutuando sobre a formação de rocha natural que constituía parte das paredes. – Podemos ver os quartos?

Saíram do *lodge* principal, seguindo David pelo caminho até um quarto circular que se projectava sobre a face do penhasco, com uma vista abrangente sobre a magnífica paisagem em baixo e os picos nublados do monte Quénia no horizonte.

– Como vêem, toda a estrutura acompanha a linha natural do terreno escarpado, usando os pedregulhos existentes para moldar os quartos – disse Anthony. – Tudo o que vêem teve origem na fazenda. A pedra foi polida nas oficinas, a madeira para os materiais de construção e mobília feita aqui.

Até os tecidos são tingidos e estampados na propriedade. É muito especial. E há uma pequena loja ao lado da recepção onde se vendem sacos, xales e capas para almofadas de missangas feitos aqui em Langani, mas propriedade da Camilla Broughton-Smith e da Hannah Olsen.

– Camilla, a modelo inglesa? – Charlie abanou a cabeça. – Muito gostava de a conhecer. Deve ser a mulher mais sofisticada da Terra. Está por cá?

– Infelizmente, não – respondeu Anthony, sorrindo. – Para a próxima, há-de ter mais sorte.

– As janelas não têm vidro. – Eve Zimmerman, na varanda do *bungalow* deles, observava uma manada de búfalos a aproximar-se pesadamente do bebedouro. – Como é que sabemos que um leão não nos entra no quarto a meio da noite? E que acontece se chover?

David riu-se. – Temos guardas-nocturnos que patrulham o local constantemente para que não entrem visitantes inesperados nos quartos dos hóspedes. E os caminhos à noite estão iluminados, quem sabe se não terão a sorte de ver os cudos com as suas magníficas hastes... é frequente meterem por este caminho por baixo desta construção. – Apontou para os grandes espaços abertos das janelas. – Há estores de tela que são descidos se chover.

– Acho que não vou pregar olho – disse Eve. – Mas vai ser uma aventura e tanto. Vamos pernoitar aqui, Charlie.

Anthony estava a assinar o registo na recepção quando sentiu um leve puxão na manga.

– James! Caramba, James! Que te aconteceu? – Baixou-se para abraçar a criança e ouviu o gemido de dor. – Foram as costelas, eh? A tua cara está uma lástima e vejo que tens o tornozelo ligado. Andaste à bulha com alguém? – Virou-se para David. – Que diabo lhe aconteceu?

– Uns rapazes atacaram-no ontem à noite. – David amaldiçoou o encontro. Agora o incidente teria de ser comunicado a Hannah e a Lars.

– Que rapazes? Porquê?

– Uns brutos que têm inveja dele – respondeu David.

– Por amor de Deus, homem, tu, a Esther e o resto do pessoal podiam decerto ter impedido isto – disse Anthony, irritado. – Encontraram esses

rufias?

– O James diz que não sabe quem eram. – David ficou aborrecido com a implicação de que podia ser, de algum modo, responsável e sabia que a sua explicação era pouco convincente.

– Tem mas é medo de os identificar – disse Anthony. – E agora que aconteceu, quem pode garantir que não voltam a meter-se com ele? A Hannah vai ficar possessa com isto. Acho que o miúdo não devia ficar aqui enquanto ela está para fora.

– A partir de agora, vai ficar comigo – disse David. – Vou olhar por ele pessoalmente.

– É pena que não te tenhas lembrado de olhar por ele antes. Devia ter estado sempre contigo – disse Anthony com uma certa rispidez. – Amanhã levo-o comigo para prevenir mais desastres. Passo por Nanyuki para o Dr. Markham lhe dar uma vista de olhos, ter a certeza que não sofreu nada de grave. Depois pode vir para os Aberdares e ajudar por lá e nos acampamentos em Meru e Samburu. Quando voltar para Nairobi, deixo-o cá. Por essa altura, já o Lars e a Hannah regressaram. Entretanto, é bom que descubras os rapazes responsáveis por isto e lhes apliques o castigo que merecem. E às famílias a mesma coisa, para o caso de se repetir.

– Avisei toda a gente ontem à noite, no complexo e na sanzala, que não lhe devem voltar a pôr as mãos em cima – disse David. – O problema foi a Esther, que se ausentou um dia e não voltou a tempo.

– Mais uma razão para ter ficado à tua guarda – retorquiu Anthony.

– Eu estava de serviço aqui no *lodge* e não sabia que ela...

– Bem, seja qual for a razão, fica melhor comigo até o Lars e a Hannah chegarem – interrompeu-o Anthony, ignorando as suas desculpas. – Trata de mandar buscar roupa suficiente a casa dele. Amanhã levo-o comigo quando partirmos.

– Este é o James – disse ele aos Zimmerman quando a bagagem foi carregada no jipe, na manhã seguinte. – Faz parte da família, aqui em Langani, mas são as férias da escola e, por isso, vou levá-lo comigo para

ajudar na cozinha do acampamento. É bom rapaz e adora o mato. James, diz bom-dia a Mr. e Mrs. Zimmerman.

– Bom-dia. – James estendeu uma mão escura e sorriu, os grandes olhos cheios de expectativa perante a viagem iminente.

– É tão encantador que ainda o roubo e o levo comigo para casa – disse Eve Zimmerman. – Mas o que é que aconteceu à cara dele? E porque é que está cheio de ligaduras e a mancar?

– Caiu de uma árvore; vamos parar em Nanyuki para tomar um café e visitar rapidamente o médico local para ter a certeza de que não partiu nada. Muito bem. Salta para trás, James. – Anthony ajudou-o e fechou a porta.

Partiram, os pneus cuspindo poeira e seixos e resvalando na areia mole ao descerem a colina. David ficou à porta do *lodge*, irritado com a insinuação de Anthony de que ele era responsável e profundamente ofendido por James, o rapaz a quem ensinara, protegera e de quem cuidara, cujo segredo guardara fielmente durante tantos anos, nem sequer se ter despedido.

Duas semanas mais tarde, todas as ervas daninhas haviam sido arrancadas do jardim, as sebes aparadas na perfeição, a mobília e os soalhos na casa encerados e as janelas lavadas. As cortinas, as capas das cadeiras e as colchas tinham sido lavadas e passadas a ferro e novamente repostas com cuidado e havia jarras de flores em todas as divisões. A vacaria fora lavada à mangueirada, os estábulos varridos e limpos e os cavalos escovados. Kamau pusera a assar uma perna de elande no forno e Mwangi preparara o tabuleiro das bebidas com os melhores copos do armário, onde Hannah guardava as coisas que usava em ocasiões especiais.

Quando o carro surgiu na curva do caminho, estavam todos à espera, abrindo-se em sorrisos quando Hannah se apeou, abraçando Mwangi e Kamau, apertando as mãos de David, ouvindo Achole relatar-lhe o progresso do novo bezerro. Lars apertou a mão a todos, enquanto as crianças corriam para dentro de casa, a gritar de excitação. Minutos mais tarde, Suniva reapareceu no alpendre, com uma expressão tempestuosa.

– Onde está o James? Não encontro o James.

– Não está cá. – David avançou, dirigindo-se a Hannah e a Lars, mas incapaz de os encarar de frente. – O Anthony esteve no *lodge* com alguns clientes e levou o James em safári.

– Foi generoso da parte dele – disse Lars. – Uma grande aventura para o jovem James.

– Sim, suponho que sim. – Hannah estava a observar David, pressentindo que havia algo de errado naquilo que ele estava a dizer. Mas antes que tivesse oportunidade de reflectir a sua atenção foi captada pelos sons que chegavam de dentro de casa. Correu lá para dentro e pelo corredor fora, seguindo os gemidos, receosa de que Suniva tivesse encontrado um escorpião ou uma cobra no quarto. Hannah deitou a mão ao puxador e abriu a porta. Insistiu quando se apercebeu de que estava trancada. Atrás da porta, ouviu a filha a soluçar, dando murros na mobília.

– Suniva! Suniva, abre a porta! Anda, Suniva, abre imediatamente a porta.

Lars apareceu por detrás de Hannah e afastou-a suavemente para o lado. – O James chega em breve. Suniva?

Mas Suniva tinha encostado uma cadeira à porta, encravando o puxador. Depois, refugiou-se nos recantos escuros do guarda-vestidos, isolando-se do mundo e recusando participar no regresso a casa que a privara do reencontro com que vinha sonhando há muito tempo.

CAPÍTULO 7

Londres, Agosto de 1977

— **L**ondres tem um cheiro especial, não achas? – Sarah ia de braço dado com o marido, abrindo caminho pelo passeio apinhado para o escritório de John Sinclair.

– Bom ou mau? – perguntou Rabindrah.

– Especial – disse Sarah. – Lembro-me dele da minha infância. Costumávamos parar aqui a caminho da Irlanda. Quando o meu pai vinha de licença. O barulho e a actividade depois do ambiente tórrido e sonolento de Mombaça. Buzinas e multidões, autocarros vermelhos de dois andares e grandes táxis pretos com montes de espaço lá dentro e assentos rebatíveis virados na direcção contrária.

– Eu não tinha dinheiro para táxis quando era estudante – disse Rabindrah.

– Mas comia ovos e *bacon* com salsichas gordas e batatas fritas. A minha mãe teria tido um ataque de coração se me tivesse visto a comer essas coisas enquanto se atarefava a preparar as especialidades vegetarianas dela em casa.

– Eu adorava a Lyons Corner House, com as janelas embaciadas e as luzes em Piccadilly Circus e as escadas rolantes compridas. Queria andar sempre de metro, mas os meus pais detestavam andar nas entranhas da terra. Sabes aquela rajada de ar que nos atinge na cara quando um comboio está para chegar?

– Horrível. Fazia-me engasgar. – Rabindrah franziu o nariz. – Ainda faz.

– Ainda hoje adoro – disse Sarah.

– Tantas alegrias culturais. E escolhas inspiradas!

– Fazem parte do cheiro e da raça de Londres – disse ela. – O aroma do estranho e do exótico.

– Poluição. É o que a tua nostalgia te evoca.

– Talvez. Mas adoro. Tal como adoro o cheiro a gasolina.

– Gasolina?

– Hum. Esse tremor no ar... o vapor a flutuar na bomba quando estou a encher o depósito. Adoro inalá-lo. Bizarro, não é?

– Santo Deus! – Rabindrah olhou para ela, fingindo-se horrorizado. – Estou casado com uma mulher que gosta de snifar gasolina. Se calhar és uma piromaníaca latente. Acho que vou guardar segredo desta nova descoberta.

Estavam a rir quando entraram nos escritórios da Sinclair & Miller.

– São esplêndidas. – John Sinclair afastou-se da mesa em que Sarah espalhara as suas mais recentes fotografias. Eram planos carregados de atmosfera, captando as alterações dramáticas na formação das nuvens sobre a imensidão do Mara. Ilustrara a grandiosidade do lugar e os seus habitantes selvagens, e o editor susteve a respiração ao contemplar as extraordinárias imagens dos milhões de gnus migratórios, acompanhados pelos grupos de zebras e gazelas que cumpriam a ancestral marcha através das savanas e rios até às pastagens no Serengeti.

– Este conjunto aqui é espantoso. – Indicou a série que Sarah tirara de *Lara* a caçar a jovem gazela-de-thomson.

As imagens haviam sido captadas em rápida sucessão. Primeiro, o animal acorrido nas ervas altas, a pelagem pintalgada fundindo-se com as sombras amarelas e negras. Um plano próximo revelava a intensidade da sua postura e a sua expressão fixa ao focar a presa. Em seguida, a caçada, com o corpo elegante voando sobre o solo a toda a velocidade, a paisagem desfocada enquanto a chita corria a distância. E, finalmente, o conflito fatal, quando a gazela rolou de lado e a chita lhe enterrou as mandíbulas no pescoço. Gotas de sangue da matança estavam suspensas no ar e partículas de poeira ardiam, brilhantes, à luz do sol baixo em volta. Os olhos da gazela estavam vidrados da morte e, na última imagem, o seu corpo gracioso

estava frouxo ao ser arrastada pelas poderosas garras da chita. Uma imagem pungente da agrura da vida selvagem. Feroz e estranhamente bela.

– É a *Lara*, uma caçadora especialmente talentosa. E estas são as crias dela. – Sarah mostrou ao editor outra série de impressões.

– Em que pé está o texto? – John virou-se para Rabindrah.

– Eis aqui a introdução com informação genérica sobre a história, as origens e a distribuição geográfica das chitas. – Rabindrah entregou-lhe uma pasta. – Há mais capítulos sobre a flora e a fauna do Mara e o efeito dos predadores animais e humanos sobre a população de chitas. Tenho igualmente uma secção sobre a forma como os animais tiveram de se adaptar às alterações do seu *habitat*. Os capítulos posteriores tratam dos hábitos e comportamentos sociais, do acasalamento, da criação dos filhos e das técnicas de caça. Incluí um índice detalhado no final, enumerando os aspectos que tencionamos incorporar.

– Bom trabalho. Continuem – disse John. – Qual o vosso prazo para a conclusão deste projecto?

– A Sarah vai voltar imediatamente para o Mara quando regressarmos ao Quénia – disse Rabindrah. – E eu vou andar lá e cá regularmente. Queremos incluir todas as estações, e o desenvolvimento das crias da *Lara*. E a Allie conta encontrar um macho ou grupo de machos. Devemos estar prontos para revisão e paginação daqui a um ano.

– Terei imenso gosto em organizar a publicação. É bom voltar a trabalhar convosco. E dêem cumprimentos meus à Allie.

*

O telefone estava a tocar quando Sarah enfiou a chave na fechadura e ela correu a levantar o auscultador, já um pouco ofegante dos três lanços de escadas.

– Sarah? Sou eu, a Lila.

– Lila! Recebeste então a minha carta?

– Recebi. Posso ir a Londres no sábado, e assim escusas de fazer a viagem até Birmingham. Se é que encaixa nos teus planos e do Rabindrah.

– Fantástico – disse Sarah. – Como está o Harjeet? Vem contigo?

– Duvido. Anda muito ocupado. Vou de comboio e depois apanho um táxi. Devo chegar por volta do meio-dia.

– É pena o Harjeet não vir. – Sarah estava com curiosidade de se encontrar novamente com o homem e reavaliar talvez a sua primeira impressão. Ao mesmo tempo, sentia que Lila teria uma oportunidade de falar mais à vontade se estivesse sozinha. – Como estás? Não falas muito nas tuas cartas sobre a vida de casada em Inglaterra.

– Conto-te tudo quando nos encontrarmos – disse Lila. – Não é boa altura e não quero impedir o telefone por muito tempo.

– Certo. Até sábado então. – Sarah virou-se para Rabindrah. – Ouviste a conversa?

– Vai ser bom vê-la. – Rabindrah assentiu com a cabeça. – Estou cheio de curiosidade para saber como ela se adaptou à vida em Birmingham.

– Com dificuldade, cá para mim. – Sarah bocejou. – Pareceu-me bastante tensa. Vou descansar meia hora antes de irmos a casa dos teus pais. Não é estranho? Consigo andar quilómetros a pé no *bundu*, no meio dos espinheiros e das ervas altas e em terreno acidentado e nunca fico cansada como ao fim de algumas horas nos passeios de Londres. Acho que deve ser do cimento todo. Não é flexível. Sinto-me verdadeiramente grata pelo apartamento da Camilla. É tão arejado e tranquilo aqui. Gostava de saber como ela se está a dar em Nova Iorque.

– Como sempre se dá em Nova Iorque, imagino – disse Rabindrah. – Em festas dia e noite e a ganhar dinheiro com a nova colecção de roupas. Tudo o que toca parece transformar-se em ouro.

Chegaram a casa de Jasmer e Nand Kaur Singh às sete horas. Rabindrah abraçou a mãe com evidente ternura e ela conduziu-os para dentro. Jasmer estava em pé, de costas para a lareira, alto e distinto, com o seu fato de corte impecável e turbante de sique.

– Pai. – Rabindrah juntou as mãos e inclinou a cabeça, numa saudação respeitosa, mais formal do que o cumprimento espontâneo que trocara com a mãe.

Sarah recebeu um aperto de mão caloroso. Jasmer não se entregava a gestos sentimentais mas ficou claramente satisfeito por vê-los aos dois e perguntou, com genuíno interesse, como ia o novo livro. Pai e filho não tardaram a embrenhar-se numa discussão sobre os desenvolvimentos políticos no Quênia e tornou-se evidente que Jasmer lera todos os artigos que Rabindrah escrevera nos últimos meses. Alguns minutos depois, as irmãs de Rabindrah chegaram com as famílias e Sarah foi rodeada pelas crianças. Juntaram-se à volta dela, os olhos escuros e brilhantes carregados de expectativa, insistindo com ela para que relatasse as histórias mais recentes das suas aventuras no mato africano. Era um lugar de que tinham ouvido os pais e os parentes nascidos no Quênia falar, embora a maioria delas nunca lá tivesse estado. Sarah estava perante um público admirado, que fazia perguntas, se acotovelava, se ria e lhe puxava pelo braço, bebendo todas as suas palavras.

– Meninos, não aborreçam a tia Sarah! – A irmã de Rabindrah, Pavith, apareceu para a salvar. – Vejam, ela ainda nem teve tempo para beber ou comer. Deviam estar a tratar da nossa convidada e não a azucriná-la com perguntas. Vá, vão buscar-lhe uma bebida, por amor de Deus, e uns petiscos do tabuleiro. E vejam se a vossa ajuda é precisa na cozinha. Vá, desandem.

– Não me importo nada. São tão entusiásticos e estamos a divertir-nos – disse Sarah, lamentando que as crianças tivessem sido enxotadas, deixando-a à mercê das irmãs de Rabindrah.

Os homens haviam-se envolvido numa conversa sobre a lei da cidadania britânica e Sarah acabou na companhia das mulheres. Pavith era calorosa e simpática, e desde o princípio que demonstrara aceitação e amizade. Em contraste, Nalin, a irmã mais velha, sempre fora mais distante e Sarah suspeitava que ela reprovava a escolha do irmão. Ficou aliviada quando Nalin desapareceu na cozinha, deixando-a a sós com Pavith, pondo a conversa sobre a vida de ambas em dia, enquanto as crianças andavam de um lado para o outro, tentando ultrapassar-se umas às outras ao oferecer-lhe salgadinhos picantes.

– Estamos a contar ver a Lila no sábado – disse Sarah à cunhada. – Tens passado muito tempo com ela desde que chegou a Inglaterra? Está bem?

Feliz?

– Só estive com ela uma vez desde que chegou – respondeu Pavith. – Não costuma vir a Londres, embora alguns parentes do Harjeet vivam em Wimbledon. Ele é um tipo frio e não se dá muito com a nossa família. Não somos suficientemente ricos nem importantes para se interessar por nós, se bem que peça ao meu pai conselhos legais gratuitos quando lhe convém. – Encolheu os ombros. – Acho que a Lila gostava de estar mais vezes connosco. O pai do Harjeet é difícil e a mãe é uma senhora apagada que fala pouco. Pelo menos, diante do marido e do filho. A Lila deve sentir-se só. É uma mudança radical, especialmente sem família chegada por perto.

– Talvez nos pudéssemos encontrar no fim-de-semana enquanto ela cá está – sugeriu Sarah. – Contigo e o Mohindrah e as crianças.

– Boa ideia. – Pavith chamou pelo marido. – Mo! A Sarah teve uma ideia para sábado. A Lila vem de Birmingham e tu tens de escolher um sítio bonito para um almoço em família.

Mohindrah Singh era um homem anafado e jovial com sentido de humor. – Com as crianças todas é complicado. O Harjeet vem com ela?

– Ainda não sabemos – disse Sarah.

Mo franziu os lábios carnudos. – Seria mais agradável se esse peneirente estivesse ocupado com outras coisas – comentou. – É um convencido insuportável. Mas sim, organizamos qualquer coisa para a Sarah e o Rabindrah, e para a nossa adorável prima.

Enquanto discutiam possíveis locais, foram chamados para o jantar. Sarah ocupou o seu lugar a uma mesa repleta de tigelas de arroz e lentilhas fumegantes e uma variedade de caris de legumes, *chutneys* e pickles que provinham da lendária cozinha de Nand Kaur. Em visitas anteriores, Sarah tomara nota das receitas e acompanhara a sogra a comprar as especiarias que ela usava nos seus cozinhados. Mas, por mais que se esforçasse, o resultado nunca era igual. Recostou-se na cadeira, saboreando os paladares e as texturas da comida e a interacção em redor da mesa.

– Fico aliviado por teres desviado a atenção de controvérsias políticas e retomado o tópico da vida selvagem – disse Jasmer, olhando para o filho com um sorriso. – Demasiados artigos sobre o tratamento da comunidade

asiática tornam-te impopular junto do governo. Até corres o risco de ser expulso do Quénia. Ou pior, preso por fomentares o desassossego entre os membros de uma minoria. É um caminho perigoso.

– Não me parece que me possam expulsar. Sou um cidadão nascido e criado no país – retorquiu Rabindrah. – Alguém tem de levantar a voz contra a injustiça e os meus artigos são equilibrados, garanto-te. É certo que o governo pode complicar-me a vida. Pressionar o Gordon para que africanize o meu emprego no jornal. Mas é fácil para ti não tomares partido e dizeres-me que mude de tom quando escolheste uma vida segura em Inglaterra, a milhares de quilómetros de distância.

– Estás a sugerir que abandonei a minha comunidade ao vir para aqui? – Jasmer corou de irritação. Exigia o respeito dos filhos, e o tom do filho não lhe agradou. – Porque deixei o país para garantir uma vida melhor para a minha família? Porque não fiz declarações nem tomei uma posição pública sobre o dilema asiático? Como e por que motivo haveria de o fazer? Já lá não tenho interesses e não me competiria a mim. Aliás, só causaria prejuízos.

– Não estou a sugerir que és um vendido. – No seu íntimo, Rabindrah estava divertido por ter perturbado a fachada serena pela qual o pai era famoso em tribunal. – Fizeste bem em teres saído antes que a situação se complicasse. Mas há outros que não tiveram tanta sorte. Precisam de alguém que chame a atenção para os seus problemas, embora, muitas vezes, sejam criados por eles. Eu sou jornalista. É o meu papel. Em parte, pelo menos. Mas não escrevo exclusivamente sobre isso.

Captou o olhar de Sarah e ela dirigiu-lhe um breve sinal de advertência, considerando impróprio que ele irritasse o pai com um assunto que causava sempre discordância. Sarah afastou as atenções do Quénia com uma pergunta sobre a vida em Londres. O resto da família reagiu com alívio, conversando e discutindo animadamente sobre tudo o que estava a acontecer na Grã-Bretanha, a conversa avançando com naturalidade de um tópico a outro. Sarah sentia-se mais à vontade nesta companhia do que entre o clã de Nairobi. Pareciam ter um espírito mais aberto, menos ditado pela tradição sique. Talvez a causa estivesse no facto de terem sido obrigados a

adaptar-se à vida em Inglaterra e de viverem numa cidade cosmopolita. Manifestaram um interesse genuíno no novo livro e, depois da refeição, foram tirados exemplares das suas anteriores colaborações com Rabindrah dos seus lugares de honra na estante da sala de estar.

– É assim que transportas lá os teus filhos, tia Sarah? – A filha mais nova de Pavith apontou para uma mulher samburu que andava com o filho às costas. – Quando vais tirar fotografias?

Fez-se um breve silêncio e Pavith trocou um olhar com a mãe.

– Eu não tenho filhos – disse Sarah, consciente da piedade muda de todos. – Mas, se tivesse, provavelmente transportá-los-ia assim. Podia andar pelo mato e continuar a ter as duas mãos livres para tirar fotografias. – Levantou os dedos, como que a premir o botão do obturador. – Inteligente, não é?

Houve uma gargalhada geral mas, para Sarah, a alegria da noite apagara-se. Embora continuasse a sorrir e a conversar, estava desejosa de voltar para o apartamento de Camilla e de fechar os olhos ao mundo. Quando se preparavam para sair, Nand pôs as mãos nos ombros de Sarah.

– Não deves deixar-te abater por isso, minha querida. Tudo há-de vir no momento certo, se tiver de acontecer.

Sarah baixou os olhos. Não sabia o que era pior, se os esforços bem-intencionados para evitar um assunto delicado, se as observações abertas e cáusticas da avó Lakhbir. Subitamente, estava cansada deles todos e sentiu um desejo enorme de estar com a sua própria família em Sligo, onde poderia falar do problema sem qualquer receio de censuras silenciosas. O pai já marcara uma consulta com um ginecologista em Dublin e Sarah esperava que o especialista pudesse finalmente explicar por que razão tinha de sofrer deste modo e se havia alguma cura.

No apartamento, dirigiu-se ao quarto e preparou-se para se deitar, ouvindo o som da televisão na sala de estar. Rabindrah decidira ficar a ver o noticiário da noite. Sarah virou-se na cama e deu um murro de frustração na almofada. Também não queria a compaixão dele, mas mesmo assim sentia-se abandonada.

No sábado de manhã, o telefone tocou quando ainda estavam na cama.

– É a Lila. Apanhei o primeiro comboio. Estou na estação.
– Anda directamente para aqui – disse Sarah. – Estás sozinha?
– Estou. O Harjeet tem uma reunião. Muitas vezes trabalha ao fim-de-semana. Estou aí mal consiga arranjar um táxi.

Sarah vestiu-se depressa e foi à padaria da esquina. Quando Lila chegou, a cozinha cheirava a café fresco e a *croissants*.

– O Rabindrah está a tomar um duche e a barbear-se – disse Sarah. – Antes que ele apareça, conta-me do Harjeet, do teu casamento, onde estás a viver... quero saber tudo. A propósito, estás muito bonita.

Lila estava vestida com roupa de marca e o cabelo preto estava penteado para trás e preso com um travessão de madreperla. Sarah achou que ela estava com um aspecto sofisticado, mas triste e demasiado magra. Sentaram-se à mesa da cozinha e serviram-se de café.

– Estou bem. – A expressão de Lila era neutra. – O Harjeet está bem.

– Bem? – Sarah olhou atentamente para ela. – Só isso?

– Já conheces a situação. – Lila concentrou-se no *croissant*. – O nosso casamento foi combinado. No fundo, foi um acordo comercial. Não o amava quando me casei com ele e sabia que ele não me amava a mim. Mas conheço-o desde a nossa infância e acreditei que podíamos ter uma vida boa juntos. Não estava à espera de nenhuma revolução, Sarah. Ele não é muito... – fez uma pausa, procurando a palavra correcta – efusivo – disse finalmente. – É um traço de família. Os pais são muito formais. Frios até.

– Eram chegados em crianças?

– O pai dele, o Manjit, era muito duro com ele em novo. Tinha regras e expectativas e, se o Harjeet não lhes correspondesse, o preço a pagar era alto. Em miúdos, falávamos sobre isso. Por qualquer razão, falava-me de coisas que não podia discutir com mais ninguém, especialmente com os outros rapazes, com medo que lhe chamassem medricas. Uma vez, estava um grande grupo reunido em casa dos meus pais e toda a gente, excepto o Harjeet, quis ir nadar para o clube. Eu fiquei para lhe fazer companhia. Quando os outros partiram, mostrou-me por que razão não tinha ido... tinha grandes vergões vermelhos nas pernas e nas costas onde apanhara do pai. Não me lembro porque foi mas tinha sido uma transgressão sem

importância. Devia ter treze anos. Eu fui buscar uma pomada ao armário dos remédios da minha mãe e apliquei-a nos vergões. Ele obrigou-me a prometer que não dizia a ninguém e depois beijou-me! Fiquei sem saber o que fazer ou dizer e larguei a correr, perdida de riso como uma idiota.

– Namorados de infância – disse Sarah. – Tinha esperança de que houvesse qualquer coisa de especial entre vocês.

– Mas não há – disse Lila categoricamente. – Passávamos bastante tempo juntos, a jogar ténis ou a andar de bicicleta. Mas depois a família dele partiu para Inglaterra. A partir daí, raramente o via a não ser quando faziam visitas curtas ao Quénia. Mas havia uma espécie de laço entre nós. Esse segredo comum. O beijo. E, assim, quando os pais dele falaram de um casamento à minha família, concordei. Financeiramente, estávamos numa situação desesperada e o Manjit ofereceu uma saída. Pensei que estar casada com o Harjeet não seria assim tão mau.

– E então?

– Como disse, está tudo bem.

– Mas esperavas uma relação mais profunda depois do que partilharam em crianças. É isso?

– Tinha esperanças. – Lila encolheu os ombros, não querendo dar importância à questão. – Mas ainda é cedo e não nos conhecemos bem. Suponho que dei demasiada importância a uma coisa que ele provavelmente já esqueceu. Talvez não se queira recordar desse tempo, agora que é homem. É cortês, mas distante. Cumpre os seus deveres de marido, mas depois vira as costas e adormece. – Esboçou um sorriso ténue. – Há dias até em que dorme noutra quarto ou não volta para casa à noite. Claro, ainda estamos a viver com os pais dele, o que é complicado. É difícil gostar do Manjit. É uma pessoa distante e intransigente. E o Harjeet continua a ter medo dele.

– E a tua sogra?

– É muito tradicional – respondeu Lila. – Nunca discorda do marido nem exprime uma opinião quando ele está presente. Uma esposa típica, convencional, cujo lugar é servir. Não temos muito em comum e é terrível estar fechada em casa com ela, horas e horas seguidas. Arrasta-me para

tomar café de manhã ou chá à tarde com as amigas, o que é uma tortura. Espero que as coisas melhorem quando a nossa casa estiver pronta e que possamos construir uma vida a dois. – Mexeu o café, os olhos ausentes durante algum tempo. – Finalmente disse ao Harjeet que não podia passar o dia metida em casa sem fazer nada. Agora tenho um emprego a meio tempo no escritório. Como secretária. Pelo menos, estou parte do tempo fora de casa. Mas não sei se quero envolver-me mais na empresa deles.

– Compreendo – disse Sarah. – Viveres e trabalhares com o teu marido pode ser difícil, se bem que tenha sido maravilhoso quando eu e o Rabindrah trabalhámos juntos nos nossos livros.

– Pelo menos, sinto-me menos claustrofóbica – disse Lila. – Nunca tive queda para grandes conversas sobre cozinhados e a melhor maneira de limpar isto e aquilo, e a mãe do Harjeet tem muito orgulho na casa. Se eu engravidasse, claro, tudo seria diferente. Nessa altura, seria a menina de ouro aos olhos da família, com prestígio pessoal. – Calou-se. – Desculpa. É um assunto incómodo para ti.

– O facto de eu não ter filhos não é um assunto tabu. É uma coisa com que tenho de lidar e que tenho de tentar aceitar. – Sarah suspirou. – De qualquer modo, vou consultar um especialista na Irlanda. Na próxima semana.

– Bem, pelo menos tu e o Rabindrah têm-se um ao outro.

– Oh, Lila! – Sarah olhou para ela, cheia de compaixão. – Tenho a certeza de que o Harjeet há-de acabar por te amar. Quando se mudarem para a vossa casa e ele escapar ao pai.

– Não sei quando é que isso vai ser. – Lila abanou a cabeça. – Trabalham juntos todos os dias e o pai espera que o Harjeet um dia tome conta da empresa.

– A empresa é de quê exactamente? – Sarah apercebeu-se de que nunca se informara.

– É um negócio de importação e exportação. Compram e vendem todo o género de bens. Não apenas no Reino Unido, mas na Europa, em África e no Extremo Oriente. O Harjeet trabalha muitas horas no escritório mas também viaja. A princípio, perguntei-lhe se podia ir de vez em quando com ele, mas ele disse que não era possível. – Hesitou, acendeu um cigarro e

soprou uma longa baforada de fumo, medindo as palavras seguintes. – Por vezes, preocupo-me com tudo. Com o perigo.

– Perigo? – Sarah ficou intrigada.

– Oh, estou a ser tola. Provavelmente a imaginar coisas. – A resposta de Lila surgiu depressa de mais. – Quando o Harjeet viaja para o Quénia com o Manjit, fico ansiosa porque sei que ele não gosta de trabalhar lá. Mas, como ele não diz nada sobre isso, não posso abordar o assunto. Mas vi coisas que... enfim, ele não me deixa ir com ele, embora eu adorasse visitar os meus pais. Eles também não têm podido visitar-me aqui. O Manjit prometeu que visitariam depois de casarmos, mas suponho que é demasiado cedo e os vistos são difíceis de obter.

A discussão foi interrompida quando Rabindrah apareceu e demoraram-se a acabar o pequeno-almoço e a falar da família e dos amigos em Nairobi. Mas quando Lila falou sobre os pais e os irmãos e das saudades terríveis que sentia deles, vieram-lhe as lágrimas aos olhos e Rabindrah procurou confortá-la.

– E a Camilla, como está? – Ela abriu uma carteira em pele de crocodilo, com uma corrente dourada, e tirou um lenço. – Adorava ter estado com ela quando ela veio a Londres em Julho e Agosto, mas já sei como anda ocupada. Sempre sonhei em gerir uma *boutique* dela um dia. Mesmo aqui. Adorava ter alguma coisa de verdadeiramente estimulante para fazer. Um projecto meu.

– O Harjeet investiria numa coisa dessas em Birmingham? – perguntou Rabindrah. – Para venderes os acessórios de moda e as roupas da Camilla?

– Não há grande potencial para esse género de coisa em Birmingham – disse Lila, num tom irónico. – Não é exactamente o centro da moda mundial. A não ser que eu organizasse algumas reuniões em casas particulares e convidasse pessoas para comprarem em privado. Como uma versão chique da festa *Tupperware*. Mas ainda não tenho os contactos para isso, e as amigas da minha sogra não seriam grande ajuda. Bem, mas chega de lamentos. – Fez uma tentativa corajosa para se animar. – Viram a fotografia da Camilla e do Tom Bartlett esparramada no *Daily Mirror*? Tive pena dela.

– Não me parece que ela se preocupe com os disparates que escrevem sobre ela nas colunas sociais. De qualquer modo, vai estar em Nova Iorque três semanas e depois viaja para o Quénia. – Sarah levantou-se. – Vamos levantar a mesa e sair para o mundo. Vamos encontrar-nos com a Pavith e o Mo à uma hora mas, entretanto, há algumas exposições estupendas para espreitar. O que é que gostavas de ver?

Saíram do apartamento, passando o resto da manhã na Royal Academy e, em seguida, dirigiram-se para Hyde Park, onde a irmã de Rabindrah e a família dela os esperavam com um grande cesto de piquenique.

– Foi ideia do Mo – disse Pavith. – É muito melhor estarmos num sítio onde as crianças possam correr à vontade. É uma sorte estar um dia tão bonito.

Estenderam duas mantas na relva, desfrutando do sol do fim do Verão. Sarah experimentou o calor familiar que os seus outros parentes indianos raramente lhe transmitiam e, no final da tarde, já Lila estava cheia de vitalidade como habitualmente.

– Podes passar cá a noite? – perguntou Rabindrah à prima, no regresso ao apartamento de Camilla.

– Prometi que apanhava o comboio das seis – disse Lila, com pena. – A tia do Harjeet... irmã do pai... vai lá jantar e estão a contar comigo. Ela não é pessoa para ver com bons olhos a minha ausência, e o Manjit também não. Foi bom vê-los aos dois... e à Pavith e ao Mo. Espero que eles resolvam ir a Birmingham um dia e, pelo meu lado, tenho de tentar sair mais. Obrigada pelo dia maravilhoso. – Baixou a voz ao abraçar Sarah. – Espero que corra tudo bem com o especialista em Dublin – murmurou, virando-se para o primo. – Dá beijos e abraços meus a toda a gente lá em casa, Rabindrah. Diz que estou cheia de saudades. – Com um último aceno, entrou para um táxi e Sarah viu-a pela janela a sorrir corajosamente através das lágrimas quando o táxi arrancou.

*

– Coitada da Lila, está a ter dificuldades em adaptar-se – comentou Rabindrah nessa noite, deitado com a mulher na cama.

– Sim. Tem sido difícil para ela. – Sarah repetiu o que tinha ficado a saber. Mas, por qualquer razão, omitiu a sensação de Lila de um perigo oculto nos negócios do marido. Parecia ter sido uma impressão pessoal e talvez infundada e não queria dar uma imagem da amiga como sendo uma rapariga tonta. – Acho que ela gostaria de se apaixonar pelo Harjeet, se ele a encorajasse. Que imbecil, perder uma oportunidade destas! Sabes quem ele me faz lembrar?

– Quem?

– O Anthony. Com a Camilla.

– Não me parece que o Harjeet ande atrás de outras mulheres, ou anda? Isso foi sempre parte do problema com o Anthony. Além de não ser capaz de assumir um compromisso.

– Ele pediu uma vez a Camilla em casamento – disse Sarah em defesa dele. – Ela esteve a ponto de aceitar, mas depois pensou que ele tinha tido uma paixoneta com uma americana e regressou a Londres. Se o George não tivesse morrido no acidente, ela nunca mais teria voltado a Nairobi.

– Teve o seu quinhão de infelicidades – disse Rabindrah. – Espero que os muitos anos que tem esperado pelo Anthony não venham a revelar-se uma perda de tempo.

– Ele foi e continua a ser incrivelmente cego – disse Sarah. – Tal como Harjeet parece incapaz de usar os olhos e os ouvidos e perceber que tem uma mulher fabulosa.

– Pode ser que venha a abrir os olhos – observou Rabindrah. – Viver na casa de outras pessoas, sentar-se à mesa de outras pessoas, ter de obedecer às regras delas... não são os ingredientes do romance. Quanto mais depressa tiverem uma casa deles, melhor. Mas tens razão. Como é possível que ele não se deixe encantar por uma rapariga tão bela e calorosa como a Lila?

– Como é que podes estar aí deitado ao meu lado e não te deixares encantar por alguém que te ama tanto? – disse Sarah com doçura.

Ele inclinou-se sobre ela e beijou-a nos lábios e ela pôs os braços à sua volta, esperando que tivesse chegado o momento de as barreiras caírem e desejando que a antiga intimidade natural entre eles se desenvolvesse numa

nova paixão. As suas carícias eram ternas e ela apertou-se mais contra ele, oferecendo-se, passando as mãos pelo seu corpo e mostrando-lhe a sua necessidade. Mas ele afastou-se abruptamente.

– Não posso – disse ele em voz baixa. – Acho que perdi a capacidade. – Sentou-se e afastou os cobertores das pernas. Sarah soergueu-se, passando-lhe os dedos pelas costas, desejando confortá-lo.

– O que é, Rabindrah? Não podes dizer-me o que te está a afligir? Sempre falámos abertamente um com o outro no passado.

Ele ficou calado, sentado na beira da cama, com a cabeça nas mãos. – Tenho dificuldade em ter uma erecção – disse ele, por fim. – Quero fazer amor contigo, Sarah. Palavra. Mas, no momento errado, o meu corpo amolece. É uma coisa que não consigo controlar.

Ela saiu da cama e ajoelhou-se ao lado dele, afastando-lhe as mãos da cara e olhando-o nos olhos. – Acontece – disse ela. – Perdeste tanto como eu no último ano. Quando voltarmos a estar calmos e felizes, as coisas hão-de compor-se. Tenho a certeza. Não deves preocupar-te com nada. Deita-te e vamos abraçar-nos até adormecermos.

Na penumbra, ouviram o zunido do trânsito nocturno de Londres, nos braços um do outro. Nunca ficava completamente escuro aqui, pensou Sarah. Não era como a negrura de uma noite africana. Os lampiões deixavam um resíduo alaranjado ao longo da linha do horizonte, uma luz difusa que obliterava o cintilar das estrelas distantes. Chegava do passeio em baixo o ruído das pessoas, gargalhadas e gritaria bem-humorada e o toque-toque de saltos altos a caminho de casa após uma ida a um restaurante ou uma discoteca. Deitada ao lado de Rabindrah, jurou que o tornaria, de algum modo, novamente no amante cheio de vida que já fora. Talvez o especialista em Dublin pudesse dar algum conselho e uma solução. E interrogou-se se Lila alguma vez encontraria um lugar no mundo frio de Harjeet Singh.

CAPÍTULO 8

Irlanda, Setembro de 1977

Raphael estava à espera deles no aeroporto de Dublin. Exibia o desalinho habitual, o seu cabelo ralo despenteado graças ao vento forte que ocasionara uma aterragem brusca. Sarah correu para o pai assim que o avistou no meio das pessoas, aguardando junto à porta das chegadas. Abraçou-o com vigor, sentindo o familiar cheiro a tabaco de cachimbo no seu velho casaco de *tweed*, aliviada ao ver que ele não mudara. No seu mundo, onde tudo parecia mutável e incerto, ele era uma constante, um farol que iluminava uma passagem segura.

– Papá! Oh, papá, que bom que é ver-te. Há tanto tempo...

– Tempo a mais. – Raphael sorriu a Rabindrah por cima da cabeça dela.

– E a mamã? Estou morta por vê-la.

– Está em grande forma. Desejosa por vê-los. Vamos andando para o carro...

Demorou bastante tempo a descobrir onde tinha estacionado. Estavam todos a rir-se quando finalmente se deu o triunfo da descoberta e carregaram a bagagem na mala.

– És impossível, papá. – Sarah olhou para ele com uma alegria embevecida. – Faz sempre isto – disse ela a Rabindrah. Esquece-se da fila... e às vezes do piso.

– Mas memorizo sempre um ponto de referência – protestou Raphael. – Para me lembrar do sítio exacto onde o estacionei em relação ao terminal. Estou convencido que há um mafarrico qualquer que muda os carros de sítio, quando as pessoas os fecham e se afastam. É a única explicação. É uma conspiração. Como o desaparecimento de peúgas na máquina de lavar,

de que a tua mãe se está sempre a queixar. Ah! Ali está ele. Não foi onde o deixei. Tenho a certeza absoluta.

– Pois, é uma conspiração maldosa. – Sarah estava a rir quando o pai se enfiou na estrada principal. – Onde é que vamos primeiro?

– Directamente para a cidade – disse ele. – Achei melhor despachares já a tua consulta com o Stephen Devanny. Em seguida, vamos para Sligo e, daqui a uma semana, consulta-lo outra vez com os resultados dos testes que ele quiser que faças. É o melhor especialista do país e é muito difícil arranjar consulta. Estudámos juntos na Mater e é um favor que me faz ao atender-te antes das habituais consultas da tarde. Vamos chegar em cima da hora.

Sarah sentia-se extremamente apreensiva em relação à consulta, consciente de que podia vir a saber algo capaz de destruir os resquícios de esperança a que ainda se agarrava. Se o prognóstico fosse mau, como iria Rabindrah sentir-se e quais seriam as consequências para o seu casamento? Ouvia distraidamente a conversa entre o pai e o marido, serpenteando por entre o trânsito citadino. Estavam a discutir a violência na Irlanda do Norte e o seu alastramento ao Sul e ao continente britânico com ataques bombistas.

– Apesar do Prémio Nobel da Paz do ano passado, o processo de paz no Norte parece estar novamente suspenso – disse Raphael. – Agora, com os protestos dos prisioneiros do IRA na prisão de Maze, a situação está a agravar-se ainda mais. Não fazes ideia do número de organizações dissidentes, em ambos os lados do conflito, na sua maioria perfeitamente dispostas a assassinar qualquer membro de uma facção adversária.

– É o género de brutalidade que as pessoas associam aos países do Terceiro Mundo, mas a verdade é que é um tipo de violência que existe em toda a Europa – observou Rabindrah. – Estou a pensar na ETA em Espanha e no grupo da Baader Meinhof na Alemanha, assim por alto.

– Parece que já ninguém está a salvo destes activistas políticos bárbaros que pretendem combater em nosso nome. Dá-me ideia que a paz e a harmonia, hoje em dia, estão tingidas de sangue. – Raphael abrandara e

avançava agora a passo de caracol. – A propósito, como é que estão os Olsen? Gostaram da visita à Europa?

– Estivemos com eles pouco tempo antes de partirmos. Passaram umas férias fantásticas, embora o Piet tenha tido uma série de infecções nos ouvidos que podem vir a causar-lhe problemas de audição – disse Rabindrah.

– Espero que saibam que devem consultar imediatamente um especialista.
– Raphael estava a franzir a testa. – Há bons médicos em Nairobi que conheço há muito anos, se quiserem recomendo-os. Uma demora pode causar danos irreversíveis.

– A Hannah vai levá-lo a um especialista esta semana – disse Sarah, olhando para o relógio, incapaz de pensar nos amigos de tão ansiosa que estava por chegar ao consultório médico. – Papá? Não estamos atrasados?

– Não. Já cá estamos. – Raphael entrou numa praça frondosa, com casas geminadas vitorianas, altas e de tijolo vermelho. – É aqui. E está a sair um carro à porta do edifício. Que sorte, eh?

A sala de espera estava cheia e Sarah interrogou-se sobre quanto tempo teriam de esperar. Pegou numa revista, olhando para as fotografias sem ver, afligindo-se à medida que os minutos iam passando. Mas não tardaram a ser chamados pela recepcionista.

Stephen Devanny era um homem corpulento e efusivo, com um rosto amável. Raphael cumprimentou-o brevemente e depois voltou-se para a porta.

– Tenho uns recados para fazer – disse ele. – Encontramo-nos no Shelbourne Hotel, por volta das quatro, digamos. É tempo suficiente, Stephen?

– Penso que sim. A Sarah ainda vai ter de ir ao Hospital de Holles Street para fazer uma ecografia e análises ao sangue, mas não demora muito tempo.

Raphael saiu e Sarah e Rabindrah sentaram-se em frente ao médico. Ele lançou-lhes um sorriso encorajador, começando a tomar notas.

– Ora bem, antes de mais, preciso de saber um pouco sobre a tua história clínica – disse ele. – Vamos começar pela primeira menstruação, Sarah.

Sarah não teve dificuldade em falar dos seus anos de crescimento, nem dos primeiros anos de casada, mas quando chegaram ao primeiro aborto espontâneo, a dor tornou a história cada vez mais difícil de relatar. Quando abordou a segunda tragédia, falhou-lhe a voz, e Rabindrah teve de responder por ela durante algum tempo. Ela agarrou com força na mão dele, os seus dedos enterrando-se-lhe na palma.

– Não me tinha apercebido de que tinhas tido um aborto espontâneo. Sei que é muito penoso. – Stephen Devanny mostrou-se genuinamente compassivo. – Lamento ter de te fazer reviver tudo, mas precisamos de toda a informação possível para conseguirmos chegar à raiz do problema. Diz-me então exactamente como começou a perda de sangue da segunda vez. Sentiste dores? Tiveste vómitos?

Sarah olhou pela janela, afundando-se na amargura da perda. «Tenho de abordar isto como uma cientista», disse a si mesma. «Relatar os factos médicos. Olhar apenas para os sinais físicos. Não pensar nos filhos que morreram dentro de mim.» Respirou fundo e começou a relatar os pormenores, numa voz monocórdica, concentrando-se o mais possível para não omitir nada, descrevendo tudo o que acontecera, incluindo a sua devastação ante a perda do segundo bebé. Quando chegou ao fim, fez-se silêncio na sala.

– Obrigado, minha querida – disse o Dr. Devanny. – Foste muito minuciosa e corajosa. Agora quero examinar-te e depois vou mandar-te ao hospital para a ecografia e as análises ao sangue. E Rabindrah?

– Sim?

– Acho que seria útil fazer ao mesmo tempo um espermograma. Pode fazer isso enquanto decorre a ecografia da Sarah.

– É mesmo necessário? – Rabindrah foi apanhado de surpresa.

– É melhor explorarmos todas as possibilidades, embora a decisão seja inteiramente sua. Vá, vamos então proceder ao teu exame, Sarah.

Ela despiu-se atrás de um biombo e deitou-se de olhos fechados, determinada em permanecer calma durante o exame. O especialista apareceu a sorrir, presumivelmente para a tranquilizar. Mas a expressão

animada irritou Rabindrah e causou-lhe desconforto. Quando Sarah se vestiu e voltou para a cadeira, o Dr. Devanny cruzou as mãos à sua frente.

– Não encontro nada de obviamente anormal no meu exame mas a ecografia há-de mostrar o útero e a zona circundante com mais clareza – disse ele. – Por isso, peço-lhes que vão agora fazer as análises ao esperma e ao sangue. Dentro de alguns dias, terei todos os resultados e voltaremos a falar. – Levantou-se e estendeu a mão. – Garanto que faremos os possíveis para chegar a uma solução que lhes permita ter filhos. Vamos marcar outra consulta com a minha assistente. Os resultados das análises não devem demorar mais de uma semana a chegar. Pode ser?

– Sim, obrigada. – A voz de Sarah pouco mais era que um sussurro. Considerara as perguntas e o exame físico invasivos e angustiantes e ansiava por um longo banho quente e um período de privacidade para recobrar o equilíbrio.

– E lembra-te que ficaste duas vezes grávida. Abortaste, mas isso quer dizer que és capaz de conceber naturalmente, o que é bom sinal. Por isso, não fiques agora preocupada. Aqui estão os impressos que precisas de apresentar para os testes. Voltaremos a ver-nos em breve.

Os exames de Sarah no hospital pareceram simples comparados com o que já suportara mas, quando chegou o momento de Rabindrah produzir uma amostra de esperma, sentiu o embaraço dele ao pegar no recipiente e ao desaparecer num cubículo.

– Tem aí umas revistas que podem ajudar – disse a enfermeira, intensificando o seu desconforto.

Voltaram a encontrar-se na área de recepção principal, nenhum deles capaz de olhar directamente para o outro nem de falar das respectivas experiências e do que poderiam significar. Foi um alívio chegar ao Shelbourne Hotel, onde Raphael estava sentado no amplo e confortável salão. Lançou um breve olhar ao rosto crispado da filha e pediu chá com sanduíches e *scones* torrados com compota.

– Foi mau? – perguntou ele.

– Custou relatar tudo desde o princípio. Mas ela foi muito corajosa. – Rabindrah pousou uma mão na nuca da mulher e ela encostou-se a ele no

sofá, exausta e à beira das lágrimas. Mas, quando o chá chegou, ficou surpreendida ao descobrir que estava esfomeada. Falaram deliberadamente de assuntos frívolos e, pouco depois, fizeram-se à estrada para oeste.

Era tarde quando chegaram a casa em Grange. No céu pairava agora uma luz amarela depois de um ocaso espectacular e alongavam-se sombras sobre o caminho de cascalho quando transpuseram o portão. A porta de entrada estava aberta de uma forma acolhedora. Dois *collies* de pêlo comprido saíram a correr, a ladrar e a abanar as caudas farfalhudas, quando ouviram o motor. Betty Mackay surgiu atrás deles, o seu rosto iluminado de felicidade quando Sarah saltou do carro e se lançou nos seus braços abertos. Minutos mais tarde, Rabindrah foi envolvido no mesmo abraço caloroso, e foram para a sala de estar, onde várias achas ardiam na enorme lareira.

– Acendi um fogo para os africanos de sangue fraco – disse Betty. – Embora estas últimas semanas tenham sido tão amenas que até temos vontade de vestir os fatos-de-banho! Que tal uma bebida? Tenho um estufado apetitoso no forno. – Afastou-se para olhar para Sarah, com os olhos brilhantes. – É maravilhoso ter-te em casa outra vez, minha querida filha. E com um aspecto excelente, os dois, aliás.

– Fala-nos do Tim – disse Sarah. – Não podia ter escolhido um sítio mais distante e primitivo?

– A Nova Guiné não é para os fracos de espírito – disse Raphael. – É um desafio constante e amanhã mostramos-te as cartas e as fotografias dele. O trato com as pessoas não é fácil. A comunicação é difícil, pois há mais de uma centena de línguas tribais. E há poucas estradas em terreno tão íngreme e selvagem. É por isso que o Tim está a aprender a pilotar e adora.

– De Sligo a Madang – disse Betty. – Quase sem olhar para trás. Por vezes, custa a crer que os nossos filhos sejam adultos e estejam a meio planeta de distância.

Conversaram sobre tudo o que acontecera desde a última vez em que haviam estado juntos até Rabindrah subir ao andar de cima, deixando Sarah sozinha com os pais. Ela levantou-se, engoliu em seco e começou.

– Há uma coisa que não sabem – disse. – Não disse nada antes porque eu e o Rabindrah achámos que não podíamos discutir o assunto com a família dele e por isso decidimos não falar a ninguém. Acho que fizemos mal mas foi... Enfim, adiante, a questão é que engravidei. – Ouviu Betty sustar a respiração, surpreendida, e apressou-se a continuar. – Duas vezes. Mas tive abortos espontâneos e, no princípio deste ano, sofri uma espécie de esgotamento nervoso. Depois do segundo...

– Oh, minha pobre filha – disse Betty, levantando-se da poltrona e abraçando Sarah. – Devias ter-nos dito. Podia ter ajudado. Falar sobre isso com as pessoas que mais te amam.

– Eu sei. – Sarah mostrou-se contrita. – Mas não achei que fosse correcto para o Rabindrah não dizer nada à família dele e dizer à minha.

– Compreendo por que razão possas não ter querido dizer-lhes. Deste a entender que a pressão sobre ti era muito grande por ainda não teres produzido um filho, que é sobretudo para isso que uma mulher serve na cultura deles – disse Betty.

– Isso não é inteiramente verdade. – Sarah foi defensiva. – Sentiam-se desapontados pelo Rabindrah. E um aborto marca muitas vezes uma mulher como um fracasso, ou alguém que traz azar à família.

– Mas nós não somos como eles – disse Betty. – Teríamos compreendido, Sarah. Devias ter confiança suficiente em nós para saberes isso.

– Não era uma questão de confiança – disse Sarah. – Compreendem isso com certeza...

– Não, sinceramente não compreendo – disse Betty. – Eu e o teu pai ficámos muito tristes com essa notícia.

– Betty, minha querida. – Raphael franziu a testa à mulher. – O que é importante é que estes dois jovens passaram por estas tragédias com grande coragem. E agora nós estamos em posição de ajudá-los e encontrar talvez uma solução para o problema. Nestas circunstâncias, não devemos pensar em mais nada.

Betty abriu a boca para fazer mais um comentário, mas a chegada de Rabindrah com uma série de presentes que haviam trazido de Nairobi e Londres impediu-a. Quando a refeição ficou pronta, Betty conduziu-os para

a sala de jantar, onde pusera as melhores pratas e copos. A mesa de mogno brilhava sob a luz das velas e os guardanapos de linho estavam elegantemente dobrados nos cantos, metidos em copos de cristal irlandês. Sarah pegou na mão de Rabindrah, comovida com os preparativos afectuosos da mãe para os receber. Depois do jantar, voltaram para junto da lareira, com os cães instalados no tapete ao lado deles.

– Deves estar cansada depois de tantas viagens. E da consulta com o Stephen Devanny. – Betty afagou o cabelo da filha. – Não te preocupes, minha querida. Ele é o melhor na sua especialidade, diz o Raphael. Quando é que tens de lá voltar?

– No fim da próxima semana. – Rabindrah apercebeu-se de que Sarah não aguentava mais perguntas. – Ele foi muito simpático e estou certo de que os conselhos dele são excelentes. – Levantou-se. – Acho que devemos ir deitar-nos. Como disse, tivemos um dia cansativo. Obrigado pelo seu jantar de boas-vindas, Betty... já sabe como eu aprecio a comida irlandesa tradicional. E a si, Raphael, por nos ter ido buscar. Sarah?

– Sim, também me vou deitar. – Levantou-se e abraçou os pais. – Estou de rastos. Até amanhã.

Com a alvorada, uma luz suave infiltrou-se através das cortinas das janelas. Levantando-se em silêncio para não acordar o marido, Sarah desceu ao andar de baixo e saiu lá para fora, chamando suavemente pelos cães para que a acompanhassem. Estava uma manhã fresca, o silêncio apenas quebrado pelos assobios e o restolhar dos pássaros. O nevoeiro que pairava sobre as sebes bloqueara a vista do mar para lá do relvado mas parecia que se ia pôr um dia bonito. O sol nascente não tardaria a desanuviar o ar e a desimpedir a vista da baía de Sligo e da silhueta imponente de Ben Bulbin. Encaminhando-se para a cavalaria, deteve-se em cada porta, murmurando aos cavalos lá dentro, encostando a face aos seus focinhos aveludados, regalandose com o seu cheiro e o aroma a feno e cereais que o seu bafo quente exalava. No dia seguinte, iria a cavalo até à praia de Streedagh e através das dunas até Mullaghmore, se o horário das marés permitisse.

Talvez Rabindrah a acompanhasse. Voltou para casa e encontrou o pai na cozinha a fazer café.

– Levantaste-te cedo. – Ele beijou-a. – Dormiste bem?

– Como uma pedra. Mas queria dar uma vista de olhos por aí. Parece tudo maravilhosamente igual.

– Já sabes, velhos dinossauros como nós não mudam muito e gostamos de poucas alterações à nossa volta. A familiaridade e a rotina são reconfortantes quando se chega à nossa idade.

– Que conversa é essa de velhice? És o velho dinossauro mais jovem que conheço – disse Sarah com uma gargalhada. – Isso cheira bem – disse ela, indicando a máquina de café que borbilhava alegremente no balcão. – A mamã ainda está a dormir?

– Está. Eu gosto de me levantar cedo e ela gosta de dormir até mais tarde. Isso também não mudou. Torradas?

– Sim, por favor. Muitas, com a compota de laranja da mamã. – Serviu duas chávenas de café fumegantes e sentaram-se confortavelmente à mesa, a tomar o pequeno-almoço, como haviam feito anos seguidos em toda a sua infância em África.

Quando Rabindrah apareceu, estava cheio de energia e completamente revigorado. Ele e Sarah decidiram escalar o Ben Bulben durante a manhã. Era uma subida íngreme, através de trilhos de turfa alagados e sobre pedras graníticas, mas as vistas do seu cume plano eram espectaculares, para sul por sobre todo o condado, para oeste ao longo da extensão cintilante da baía de Sligo e até ao Atlântico, e a norte, até à crista azul das montanhas de Donegal. O vento fustigava-os enquanto subiam, apanhando-lhes o cabelo e os anoraques quando chegaram ao cume. No horizonte, as nuvens escuras iam-se acumulando, negras contra a água prateada, e o sol atrás projectava faixas de luz sobre o mar. Nas encostas debaixo deles pastavam ovelhas, pontinhos brancos movendo-se lentamente contra o verde-vivo da erva aparada, os seus balidos ecoando através da montanha. Das planícies mais abaixo chegavam os mugidos mais calmos do gado. Do seu ponto de observação privilegiado, viam a casa, com o seu telhado de ardósia e

elegantes janelas jorgianas, com a maior nitidez antes da tempestade que se avizinhava.

– Não sentes, muitas vezes, que estás muito longe dos teus pais? – Rabindrah baixou os olhos para a paisagem que se estendia diante dele. – És-lhes muito mais chegada do que eu à minha família e não tens podido passar muito tempo com eles desde que deixaram o Quénia. – Fustigadas pelo vento, as palavras saíam da sua boca entrecortadas, e Sarah teve de se esforçar para ouvir o que ele estava a dizer.

– Adoro visitá-los mas não me imagino a passar aqui mais do que algumas semanas. – Levantou a voz, uma luta contra os elementos. – Para começar, o frio e a humidade punham-me louca. E o Oeste é a parte da Irlanda onde mais chove, por aí já vês! Além disso, nunca foi a minha terra, excepto durante alguns meses antes de ir trabalhar com a Allie e o Dan em Buffalo Springs. A Irlanda é a vida dos meus pais desde que o meu pai se reformou, mas o meu coração estará sempre no Quénia. Porque é que perguntas?

– Se as coisas começassem a correr mal no Quénia, não sei o que faríamos – disse Rabindrah. – Nenhum de nós sabe o que o futuro trará. A africanização pode privar-nos de trabalho. E, se não pudermos trabalhar, como é que podíamos lá continuar? Acho que não devemos perder de vista essa possibilidade. O país é estável... pelo menos esta parte... e é o teu. Tens o direito de ganhar aqui a vida. Ninguém te pode impedir.

– Que diabo é que estás a dizer? – Sarah ficou estupefacta. – Amas o Quénia tanto como eu... estamos ligados ao país. É a nossa terra. Tu és um cidadão, nascido em Nairobi como os teus pais. E, embora eu tenha conseguido manter o meu passaporte irlandês, também tenho a cidadania. Não podemos ser expulsos. Não vejo como possas vir a perder o teu emprego.

– Depende do que escrever – disse ele. – Um dia, o Gordon pode ser colocado numa posição em que perdemos os dois os nossos empregos.

– Mesmo que isso acontecesse, temos os projectos dos nossos livros – disse Sarah. – E tu podias fazer mais trabalho como *freelancer* para jornais estrangeiros. Sabes alguma coisa que não me estás a dizer?

– Nem por isso. Mas ouviste o que disse a família em Londres. Estão profundamente preocupados que todos os não-africanos, e em especial nós, os asiáticos, venham a achar cada vez mais difícil continuar lá e ganhar a vida. Olha a que ponto afectou o Gulab e a Anjit. O que é que lhes teria acontecido se a Lila não tivesse garantido o futuro deles? E ainda lhes pode sair o tiro pela culatra se os sócios africanos deles se revelarem vigaristas.

– Não me surpreendia nada se fossem vigaristas. Mas nós não estamos dependentes de alvarás de comércio como eles. Não temos uma empresa – disse Sarah. – Tu és jornalista. Eu sou fotógrafa da vida selvagem e conservacionista. Há-de haver sempre trabalho para nós. O problema é que os asiáticos estão a ter dificuldade em obter autorizações comerciais e alvarás de actividade. É natural que se tenham tornado pessimistas. Mas nós não nos encontramos nesse tipo de circunstâncias. O Jomo Kenyatta, apesar de todos os seus defeitos, quer manter todas as pessoas que dêem um contributo ao país. Aliás, encorajou precisamente isso.

– Ele não vai ficar eternamente no poder – contrapôs Rabindrah. – Já está na curva descendente e rodeado de abutres sedentos de poder.

Uma rajada de vento quase os derrubou, trazendo consigo o primeiro remoinho de chuva.

– Vamos! – gritou Sarah em direcção ao aguaceiro. – É melhor sairmos desta montanha antes que o vento nos leve.

Agarrou na mão de Rabindrah e desceram as encostas íngremes a escorregar e a resvalar, a chuva lançando nas suas costas gotas de água gordas que apressavam a sua descida. Quando chegaram ao carro, estavam encharcados até aos ossos e mais discussões sobre o futuro tiveram de ser adiadas na corrida para chegarem a casa, desembaraçarem-se da roupa molhada e enroscarem-se diante da lareira de Betty.

A semana passou a correr e Sarah quase conseguiu esquecer os resultados das análises iminentes. Havia familiares e amigos a visitar. Ela e Rabindrah saíam a cavalo de manhã, quando o tempo estava bom, e passeavam os cães nas colinas ou no extenso areal onde as focas apareciam para apanhar sol. Raphael levou-os a andar no seu esquife, na baía, entre um cardume de golfinhos. Sarah deitou-se no convés para tirar fotografias, captando a luz, o

movimento, os dorsos luzidios e as potentes barbatanas caudais dos seus companheiros marinhos. Os seus focinhos sorridentes e olhos brilhantes e inteligentes encurtavam a distância entre homem e animal para partilhar com ela os segredos do mar. Tirou uma série de fotografias enquanto Rabindrah se inclinava sobre a proa, gritando como um menino a cada cambalhota das joviais criaturas que mergulhavam e cercavam o barco. Quando finalmente apontaram para casa, a sua guarda de honra nadou ao seu lado até à entrada do porto antes de regressar ao alto mar, expelindo jactos de água de despedida para o ar da tarde.

Mais tarde, sentados nos degraus do terraço, observando o sol a afundar-se na água, ela encostou-se a Rabindrah.

– Aquilo sim, é o tipo de coisa que era capaz de me tentar a ficar por uns tempos – disse ela. – A pura exuberância daquelas criaturas. A saltarem literalmente de alegria, tão completamente à vontade com o que são e com o seu ambiente. Foi um privilégio estar com elas na baía hoje.

– Podes conduzir o carro da Betty a Dublin depois de amanhã, se quiseses. – Raphael abriu uma cerveja e passou-a ao genro. – Aliás, porque é que não pernoitam lá e aproveitam para ir ao teatro ou a um concerto ou assim? É uma pena irem tão longe e voltarem no mesmo dia.

– Obrigado, Raphael. É muito amável da sua parte. – Rabindrah hesitou, pouco habituado a confidenciar as suas preocupações mais íntimas. – A Sarah falou-lhes dos abortos espontâneos? Nunca dissemos nada à minha família. Ela achou que não era capaz de enfrentar as perguntas da minha tribo.

– Estou certo que a tua família seria mais compreensiva se soubesse a verdade. Podia, pelo menos, pensar em falar do assunto com a tua mãe. Sei que a Sarah gosta dela e que se dão bem.

– Sim. Suponho que devíamos tê-lo feito logo. Mas a Sarah não queria piedade nem a interferência deles. Ficou muito fragilizada, sobretudo da segunda vez.

– Uma mulher que perde dois bebés precisa *sempre* do apoio da família para enfrentar as repercussões – disse Raphael. – Pense o que pensar. Só

podemos rezar para que, caso engravide de novo, a gravidez vá até ao fim e que tenha uma criança saudável. Mas se o pior acontecesse e ela tivesse outro aborto...

– Não sei se devemos correr esse risco – objectou Rabindrah.

Raphael lançou-lhe um olhar penetrante. – E o que é que acha Sarah disso? – perguntou.

– Concordou em esperar. Não voltar a tentar, se houver alguma probabilidade de perder de novo a criança.

Rabindrah sabia que as palavras não eram verdadeiras. Sarah estava disposta a arriscar tudo. Era ele quem tinha medo. Medo de perder aquilo que era tudo para ele. Medo da depressão debilitante e do desespero que a afastaram da última vez, ao ponto de ele chegar a acreditar que ela jamais voltaria.

– Bem, só posso dizer que a minha filha é uma jovem obstinada. – Raphael bebeu o resto da cerveja. – Se tomou essa decisão, não vai desistir, sejam quais forem as consequências.

A viagem para Dublin foi pontuada por conversas apressadas e silêncios. O tempo arrastou-se na sala de espera. Quando Sarah finalmente ouviu a voz do médico no corredor, o coração começou a martelar-lhe no peito. Na sala alcatifada, observou Stephen Devanny a aclarar a garganta e a folhear apontamentos clínicos e resultados de exames. Levantou os olhos e arvorou o sorriso calmo que começava a exasperar os dois.

– Pois bem – disse ele. – É como pensei. A ecografia da Sarah não revela nada. Um ligeiro estreitamento de uma das trompas de Falópio, mas não significativo ao ponto de impedir a ovulação. Não, o problema não é esse. – Virou-se para outro dos relatórios na pasta. – O problema, na verdade, é seu, Rabindrah. O seu espermograma é anormalmente baixo. Diria que é essa a razão pela qual a concepção tem sido complicada. E, quando ocorreu, infelizmente o óvulo foi fertilizado por um espermatozóide deficiente e o feto não se desenvolveu.

Rabindrah olhou para Devanny, chocado, incapaz de digerir o que ouvira. – Está a dizer que a culpa é minha?

– A culpa não é de ninguém, Rabindrah. Deixe-me tornar isso bem claro. Há muitos homens com o seu problema e não parece estar relacionado com a dieta, o físico, o estado geral de saúde ou o apetite sexual. Infelizmente, é uma área da medicina muito pouco estudada. Com efeito, não sabemos sequer ao certo qual deve ser o número de espermatozóides normal, mas o valor mais baixo que se deve ter anda na ordem dos dez milhões de espermatozóides móveis por mililitro. O seu é bastante inferior a isso. Mas posso dizer-lhe que muitos homens com um quarto dessa percentagem foram capazes de procriar. Porque afinal basta um espermatozóide para fertilizar um óvulo. Embora tenha tentado durante muito tempo e, em última análise, as duas fertilizações tenham falhado, não quer dizer necessariamente que não tenham sucesso no futuro.

Rabindrah ficou completamente imóvel, num estado de aturdimento. Sarah estendeu uma mão, num gesto de conforto, mas ele retraiu-se ao seu contacto.

– Há alguma maneira de aumentar o número de espermatozóides, Dr. Devanny? – perguntou ela quando o silêncio se prolongou de modo insuportável.

– Infelizmente, não. – O médico abanou pesarosamente a cabeça. – Por enquanto não existe nenhum tratamento eficaz. A melhor forma de lidar com um baixo número de espermatozóides, neste momento, é aumentar o potencial de fertilidade da mulher. Existe um fármaco eficaz no mercado que podes experimentar, Sarah, mas tem alguns efeitos secundários. Aumenta, por exemplo, a probabilidade de gémeos, o que acarreta uma série de outros riscos. Posso receitar-te esse tratamento, se quiseres. E existe ainda um processo chamado inseminação intra-uterina.

– Como se faz com as vacas? – Sarah estremeceu. – Não sei porquê, mas parece tudo tão clínico. Não sei se posso... – Rabindrah não contribuíra mais para a conversa e ela olhou para ele de relance, incomodada com o seu silêncio.

– Vou dar-te alguma literatura sobre este medicamento que mencionei e sobre o processo intra-uterino – disse o Dr. Devanny, juntando os seus apontamentos. – Podes levá-la e lê-la com calma e discutir as opções antes

de tomares qualquer decisão. O Raphael pode explicar os pormenores. E podes voltar a contactar-me, sempre que quiseses. Estou aqui para ajudar no que puder.

– Regressamos ao Quénia na próxima semana. – A expressão de Sarah era de profunda desolação. – Mas vou levar a informação e discuti-la com o meu pai. Obrigada.

– Lamento não poder oferecer uma solução mais positiva ou imediata. – O especialista levantou-se, apertou a mão a Sarah e deu-lhe cópias dos relatórios clínicos e os folhetos informativos. Rabindrah seguiu-a para fora do consultório sem dizer uma palavra.

Na rua, a vida da cidade prosseguia com as pessoas e o trânsito, indiferentes à tragédia pessoal de ambos. Sarah procurou a mão de Rabindrah e, desta vez, ele deixou-a pegar nela mas não retribuiu a pressão dos seus dedos. Caminhava rapidamente, o rosto crispado, e ela teve de apressar o passo para o acompanhar. Viraram para Stephen's Green e seguiram ao longo da beira pavimentada de um lago onde numerosos grupos de patos andavam aos encontrões, grasnavam e lutavam ruidosamente por migalhas de pão oferecidas pelos transeuntes. Havia um banco numa zona sossegada do jardim, rodeado por uma sebe, e ele sentou-se pesadamente, olhando fixamente para o chão. Sarah sentou-se ao seu lado, procurando as palavras certas para dizer mas não encontrando nenhuma.

– Todo este tempo – disse ele –, todo este tempo, nunca me ocorreu que o problema estivesse do meu lado. Suponho que considerava a concepção... trazer um filho no ventre... como o teu papel no casamento. Nunca pensei... Meu Deus, Sarah, a minha família atirou-te as culpas a ti e afinal fui sempre eu. A culpa era minha.

– A *culpa* não é de ninguém. É uma situação sobre a qual não tens nenhum controlo. – Sacudiu-lhe a manga, obrigando-o a encará-la. – Ainda podemos ter sorte. Ele chamou a atenção para isso. E, mesmo que nunca sejamos abençoados com um filho, havemos de encontrar outras formas de realização.

– Se te tivesses casado com outro...

– Pára, Rabindrah! – Tomou o rosto dele nas mãos e beijou-o, tentando diluir o efeito da dura verdade daquele dia. – Não queria estar casada com outro. Amo-te. Escolhi-te a ti. Nunca, mas nunca, me hei-de arrepender disso.

Ficaram sentados, próximos um do outro, durante algum tempo, sem falar. – É melhor voltarmos para o hotel – disse ele por fim. – A peça começa às oito e precisamos de tempo para nos arranjar.

– Claro. – Ela hesitou. – Provavelmente o meu pai vai ligar. Preferes que eu não diga nada?

Rabindrah recordava-se nitidamente da conversa que tivera com o pai dela. – Não – disse ele. – Diz-lhe a verdade. Diz à Betty também.

– Não precisam de saber. Se preferires...

– Oh, por amor de Deus, sê honesta. Não me vou esconder atrás das tuas saias só porque fiquei a saber uma coisa que não me agrada.

Ela ficou estarrecida com a sua veemência e ele mostrou-se imediatamente contrito.

– Desculpa. Ouve, quando chegarmos ao hotel, vou passar pelo bar e tomar uma bebida. Liga à tua família e explica.

Ela assentiu e, depois de ele se ter afastado na direcção do bar, subiu ao quarto e ligou para Sligo.

– É uma notícia que deixa esperanças – observou Raphael. – Só tens trinta e dois anos e ainda tens tempo. Existe uma hipótese razoável, Sarah. Algumas doentes minhas engravidaram em circunstâncias idênticas, mesmo sem a ajuda destes novos medicamentos.

No entanto, as palavras dele não bastaram para a confortar e, depois de desligar, sentou-se na cama, sentindo-se desolada e só. Então pensou em Rabindrah e no golpe que o atingira e endireitou os ombros, começando a preparar-se para a noite que tinham planeado.

A peça era boa e, durante algum tempo, distraiu-os dos inesperados acontecimentos do dia. Mas, mais tarde, permaneceram acordados durante grande parte da noite, fingindo-se adormecidos, incapazes de oferecer um ao outro o consolo de que ambos desesperadamente precisavam.

Voltaram para Grange no dia seguinte, pouco falando durante a viagem. Estava a chover torrencialmente quando chegaram e Rabindrah pensou que o tempo reflectia na perfeição o estado de espírito do regresso a casa. Ninguém queria abordar o assunto do relatório do Dr. Devanny ou as suas implicações mas, quando acabaram de jantar, Raphael olhou para a filha e para o genro e decidiu quebrar o silêncio.

– Eu e o Rabindrah tomamos o café no meu escritório – declarou. – Não se importam, meninas?

Os homens levantaram-se da mesa, Raphael levando o decantador de *whisky*, e a porta fechou-se atrás deles. Sarah sentiu-se fraca e teve de se apoiar às costas da cadeira para se equilibrar.

– Senta-te, querida. – A mãe abraçou-a quando ela começou a chorar, deixando-se cair na cadeira que Betty puxou para ela.

– É tão injusto, mamã. Ambos queríamos tanto ter filhos e eu fiz tudo o que tinha a fazer mas nada resultou. E desde então tenho-me culpado, perguntando-me se seria um castigo por alguma coisa.

– Oh, Sarah, meu amor, porque é que haveria de ser?

– Não sei. Tem sido difícil lidar com a família do Rabindrah. E agora descobre-se que o problema não era meu. – Limpou os olhos. – De uma maneira estranha e horrível, senti alguma satisfação quando o Stephen Devanny nos disse. Por mim. Porque as pessoas fizeram suposições erradas e agora prova-se que a culpa não era minha. E depois sinto-me culpada porque o Rabindrah está inconsolável. Nem sequer consegue olhar para mim ou tocar-me. Eu sei que ele se sente mal por mim e por ele, mas não consigo aproximar-me dele para o consolar. Para lhe dizer que não faz mal.

– Os homens não se deixam levar pelos sentimentos com essa facilidade – disse Betty. – E provavelmente ainda é mais verdade com os indianos. Com certeza que será mais difícil para eles lidar com estas situações. Sentem que têm de se mostrar corajosos. Fortes. Um homem espera que a mulher chore no seu ombro mas a sua tendência é para chorar sozinho.

– Não me importo que ele chore. Quem me dera que chorasse. Eu sei que tu não querias que eu me casasse com ele, mãe, mas é um homem maravilhoso. Amo-o e sei que ele também me ama, apesar dos tempos

difíceis que temos passado com tudo isto. – Por um momento, Sarah pensou em dizer à mãe que Rabindrah já não conseguia fazer amor com ela, mas era demasiado penoso; de algum modo, humilhante. E sentiu que seria uma deslealdade para com o marido.

– A princípio estava enganada sobre ele – disse Betty. – Ele é um bom homem e formam os dois um excelente casal. Descobrir que pode não vir a gerar um filho é um duro golpe para a sua auto-estima. E pode reagir inicialmente com incredulidade, fúria, ressentimento e, mais tarde, culpa por te privar da alegria da maternidade. Diria que neste momento está muito confuso e que a última coisa que quer é parecer também fraco. Vais ter, por isso, de encontrar uma forma de o consolar que continue a permitir-lhe acreditar que é forte. E deves ter paciência.

– A paciência não é o meu forte. – Sarah soluçou.

– Que disparate. – Betty falou bruscamente. – Passas metade da tua vida a estudar animais selvagens. Deves ter a mesma paciência que tens no teu trabalho quando segues os teus elefantes e as tuas chitas no mato. E, quando o Rabindrah se meter na cama contigo, abraça-o se ele estiver pronto para ser abraçado, mas mantém a tua distância se não estiver. Ele precisa de espaço para mexer os braços, nem que seja para dar socos na parede. Vá, desaparece daqui! – Enxotou a filha para longe da pilha de pratos do jantar. – Quem lava a louça sou eu. Tu tens outra tarefa diferente.

Sarah deteve-se no cimo das escadas. Ouviu Betty a trautear baixinho, andando de um lado para o outro na cozinha, e atrás dela o baixo murmúrio de vozes que chegava de trás da porta fechada do escritório. Pensou no tipo de coisas que o pai poderia estar a dizer a Rabindrah para atenuar o seu sofrimento. Ele era um sique, um homem da casta guerreira. Esta notícia dilacerara-o, da forma mais profunda possível, e ela já não tinha a certeza se palavras de conforto e abraços afectuosos dissipariam o golpe que recebera. Um golpe que ela temia que pudesse destruir o seu marido e o seu casamento.

CAPÍTULO 9

Quênia, Setembro de 1977

Sarah acocorou-se nas ervas altas, a objectiva apontada às jovens chitas. A manhã ia a meio, com o sol alto sobre a planície, os insectos zumbindo indolentemente e o calor intensificando-se como numa panela de pressão. Nos últimos dias, seguira os três irmãos, registando os seus hábitos, os seus métodos de caça e a maneira como marcavam o território. Por vezes, ia no carro com Allie e Erope, mas hoje estava sozinha com o seu colega e amigo samburu. Os anos em que haviam trabalhado juntos na pesquisa sobre os elefantes pareciam ter passado num instante ao retomarem os hábitos da sua velha rotina. Allie ficara, contrafeita, no acampamento a tratar das contas, acenando-lhes resignada e concentrando-se no monte de contas, recibos e formulários fiscais.

Sarah limpou um fio de suor da cara e pôs-se numa posição mais estável. As chitas funcionavam bem juntas, caçando em equipa, derrubando a presa numa acção conjunta, dividindo a comida e passando tempo a lavarem-se umas às outras. Constituíam um trio elegante e saudável. Erope dissera-lhe que tinham cerca de vinte meses de idade. Uma de entre elas era claramente a líder e Allie pusera-lhe o nome de *Ajax*, mercê da sua força e tamanho superiores. Instigava sempre a caçada, as outras duas obedecendo à sua estratégia num ataque. Sempre que passavam por árvores, arbustos ou termiteiras, parava e libertava um jacto de secreções pungentes, reclamando a propriedade do território, e as outras duas seguiam o seu exemplo.

– Parecem gémeas, aquelas duas – dissera Allie da primeira vez que as mostrara a Sarah. – Pus-lhes os nomes de *Castor* e *Pollux*. A princípio, só

conseguia distingui-las pelo facto de os anéis pretos na ponta da cauda do *Castor* serem mais largos e por ter mais pêlos brancos na extremidade.

Ajax era um animal corajoso, pronto a enfrentar quaisquer recém-chegados em defesa dos irmãos. Era facilmente identificável através de um corte numa orelha, um legado de algum confronto anterior com outra chita ou talvez com um leão. Por agora encontrava-se a descansar, mas sempre em estado de alerta. Os irmãos estavam deitados nas proximidades, saciados depois de um festim matinal com jovens javalis-africanos. Os três animais haviam arrasado a carcaça, desfazendo-a e mastigando furiosamente, os seus olhos atentos aos primeiros necrófagos que fossem alertados pelos abutres a voar em cima. Tinham terminado a refeição quase toda quando várias hienas emergiram do mato e os primeiros abutres pousaram por perto, prontos a aproveitar as sobras. Agarrando num último pedaço, os três felinos afastaram-se para a sombra e deixaram os saqueadores entregues à disputa do pouco que havia sobrado.

Quando Sarah voltou para o veículo, Eroe parou e apontou para uma elevação no horizonte. Em silhueta contra a linha do horizonte, ela viu uma chita solitária.

– É uma fêmea? – perguntou Sarah, apontando os binóculos para a visitante.

– Grande de mais – respondeu Eroe. – E as fêmeas não têm um tufo de pêlo no pescoço. É mais velho do que os outros três. Este tem cerca de dois anos e já o vi antes. Tinha uma irmã, mas ela deixou-o para ir à procura de companheiro e ele tem de caçar sozinho. Sente o cheiro dos outros, por causa das secreções com que marcam território, e sabe que não pode pisar os limites deles. Mas não se afasta muito.

– Está com fome. – Ao observar mais de perto, Sarah percebeu que o animal não se encontrava em muito bom estado. Estava muito magro e a sua pelagem parecia seca. – Talvez não seja tão bom caçador como os outros.

Eroe assentiu. – Agora que o deixou, a irmã não vai voltar. As fêmeas podem atravessar qualquer território quando estão com o cio e procuram um

companheiro, mas o macho tem de reclamar a sua própria área e lutar para preservá-la. Este anda nervoso porque está sozinho.

Sarah estudou a chita, interrogando-se se ela correria o risco de se aproximar mais. Mas o animal não fez qualquer tentativa de aproximação. Durante os dias seguintes, viu-a com frequência, pairando no horizonte, observando, esperando. Em várias ocasiões, quando se aproximou de mais, *Ajax* afugentava-o com um olhar, mas inevitavelmente voltava uma ou duas horas mais tarde. As suas competências de caça pareciam más e fazia várias opções erradas, tentando caçar antílopes que eram demasiado grandes para ela matar sozinha. Vários coices de cascos furiosos resultavam numa cabeça ensanguentada antes de a potencial vítima escapar. Quando Sarah a viu a contemplar os três irmãos que se refastelavam com uma presa, sentiu pena dela.

– O que é que lhe vai acontecer? – perguntou a Allie, mais tarde nesse dia.

– A Natureza não ajuda os fracos neste tipo de ambiente – disse Allie. – Presenciaste isso no Norte com os elefantes. Se este animal não aprender a desenvencilhar-se sozinho, não tardará a morrer. É o processo natural para manter a espécie forte e viável, por mais triste que possa parecer. Os caçadores talentosos, os lutadores mais ferozes... são os seus genes que são necessários à geração seguinte.

– Gostava que esta sobrevivesse – disse Sarah. – É magra, mas é um espécime belíssimo. Grande e com manchas muito bonitas. Mas não consegue comida suficiente e as chitas não comem carniça, pois não?

– Não, só carne fresca. Não armazenam um animal morto nem tocam numa carcaça velha. Não voltam sequer a um dos que elas próprias mataram depois de outro predador ter por lá andado. A maioria do que apanham é-lhes roubado. Mas há uma vantagem, nos tempos que correm... é mais difícil serem apanhados pelos caçadores ilegais porque elas não se aproximam de iscos mortos.

– Bem, espero que ela se desenvencilhe – disse Sarah. – Durante a próxima semana, vou concentrar-me nela, se não te importares. Se observar o *Ajax* ou os gémeos a caçar, pode ser que aprenda alguma coisa e consiga matar animais para comer.

– Sarah, tu não mudas, pois não? – Allie estava a rir. – Sempre do lado dos fracos. Ou de qualquer criatura que ande por aí a lutar pela vida contra tudo e todos. Mas é bom que te habitues a aceitar os falhanços da Natureza. As chitas têm uma elevada taxa de mortalidade, apesar da sua velocidade e agilidade. Receio bem que venhas a ver muitas a morrer. Que tal pões um nome ao teu novo amigo?

– *Irial* – respondeu Sarah sem hesitar. – É um nome irlandês que significa «perdido». Acho que lhe fica bem.

– Hum. Então espero que sobreviva. Por ti. – Allie levantou-se e espreguiçou-se. – Vou-me deitar. – Acendeu um candeeiro de parafina e ajustou o pavio. – Quando é que o Rabindrah volta?

– Talvez consiga vir passar alguns dias para a semana.

O tom de Sarah foi neutro e Allie voltou a sentar-se, olhando compassivamente para ela.

– Ainda a braços com o resultado desses exames?

– Diabos, Allie. – Sarah suspirou de frustração. – Compreendo que seja duro, mas temos de aceitar a vida tal como ela é e sentir-nos gratos por ela.

– Ainda bem que chegaste a essa conclusão – disse Allie.

– Não é como se ele nunca pudesse vir a ser pai – disse Sarah, picada com o comentário objectivo da amiga. – O especialista fez questão em frisar que, se fomos capazes de conceber duas vezes, podemos voltar a conceber. As coisas não são tão impossíveis quanto tínhamos receado. E eu comecei a tomar este medicamento para a fertilidade, apesar...

– Apesar de quê?

– Põe-me muito nervosa. Tenho mudanças de humor terríveis que tento esconder. Tenho a certeza que é do remédio porque só me sinto assim desde que comecei a tomá-lo. O médico em Dublin avisou-me de possíveis efeitos secundários. Mas estou disposta a aguentar isso.

– Passaste um mau bocado, do ponto de vista emocional, no princípio do ano – lembrou-lhe Allie.

– Passei. Mas tenho-me sentido bastante calma e equilibrada desde que voltei do lago Turkana – disse Sarah.

– Bem, espero que os efeitos secundários do medicamento não te prejudiquem. E o Rabindrah?

– Refugiou-se na sua concha. Não quer discutir o problema. Não sei quanto tempo vai demorar a... a... – Sarah levantou-se sem terminar a frase e pegou na candeia. – Seja como for, não serve de nada estar sempre a bater no ceguinho. Tenho de lhe dar tempo, como disse a minha mãe. Entretanto, vou-me concentrar no *Irial* e tirar as melhores fotos de que for capaz. É maravilhoso estar de novo contigo e com o Erope. Boa-noite, Allie.

– Boa-noite. Não percas o ânimo, miúda. Nem a esperança. Há-de correr tudo bem. Amanhã vou contigo para inspeccionar o teu novo protegido.

Allie ficou a observar até a luz reflectida da candeia brilhar no interior da tenda de Sarah. Perguntou-se se deveria dizer alguma coisa a Rabindrah na sua próxima visita. Recordar-lhe a que ponto a mulher o amava, independentemente das probabilidades que tivessem de ser pais. Mas ele ficaria provavelmente ofendido se soubesse que Sarah discutira assuntos tão íntimos com outra pessoa. Era um campo minado. Com um suspiro, dirigiu-se para a sua própria tenda, gritando ao passar: – Acabámos, Ahmed. *Chai* às seis, por favor.

*

Passaram a manhã seguinte a procurar os três irmãos, mas não viram sinais deles nem de *Irial*. Ao fim da tarde, depararam com um bando de hienas que estavam a refastelar-se com uma gazela-de-thomson. Num denso afloramento de arbustos nas imediações, distinguiram a forma de uma chita, o seu corpo camuflado pela vegetação. Foi Erope que a detectou.

– É a solitária – disse ele em surdina. – Deve ter sido ela que matou a gazela e foi afastada por estas *fîsi*.

– Espero que tenha conseguido comer alguma coisa antes de elas terem chegado – disse Sarah.

Um bando de abutres também se juntara ao grupo em redor da carcaça, dando origem a batalhas renhidas entre os pássaros e as hienas, que disputavam pedaços da carne vermelha e reluzente. *Irial* estava sentado no

seu esconderijo, vendo aquela sua refeição, conquistada tão a custo, a ser devorada.

– É frustrante – disse Sarah, a sua voz denotando piedade. – E, contudo, fica simplesmente ali sentado. Paciente. Resignado.

– Se não estivesse sozinho, talvez tentasse defender o que lhe pertence – respondeu Elope. – Mas uma chita não consegue sobreviver a uma batalha com várias hienas. Uma mordida na perna das mandíbulas de uma *fisi* pode ser fatal. Não poderia correr nem caçar e depois morreria à fome. Como tal, resigna-se.

– Provavelmente volta a caçar quando estiver repousado – disse Allie. – Mas parece ter abatido uma gazela considerável. Dá-me ideia de que o *Irial* está finalmente a aprender.

– Gostava de saber onde se meteram os outros três. – Sarah inspeccionou o horizonte com os binóculos. – O *Irial* anda a caçar aqui porque fica fora do território deles?

– Possivelmente, mas não é a melhor escolha que podia ter feito – respondeu Allie. – Há mais leões por aqui, e hienas. Vai ter dificuldade em preservar o que abater.

Partiram em busca de *Lara* e das crias mas, também naquela tarde, elas haviam desaparecido de vista. Ao pôr-do-sol, regressaram ao acampamento, cobertos de pó e prontos para bebidas frescas e duches quentes. Ahmed saiu a correr ao encontro deles.

– Há uma mensagem de rádio – disse ele a Allie. – Do *bwana* Hugo. Vai chegar a Nairobi durante o fim-de-semana.

– Que notícia fantástica! – Allie ficou deliciada. – Tenho estado mais ou menos à espera desde que fez o doutoramento, mas não sabia se ele ia conseguir. – Viu que Sarah se apercebera da solidão na sua voz e o seu tom tornou-se enérgico e prático. – É melhor preparar a tenda vaga, Ahmed. E tenho de arranjar alguém que o vá esperar e ver se consigo reservar lugar num avião para Keekorok. Só queria saber quanto tempo vai poder ficar.

– De certeza que o Rabindrah vai buscar o Hugo ao aeroporto e o leva a Wilson quando houver avião para cá. Entretanto, ele pode ficar em nossa

casa. Talvez até consiga convencer o meu marido ausente a fazer-nos companhia outra vez. Vamos para o rádio!

Rabindrah e Hugo chegaram uma semana mais tarde. Sarah recebeu o marido com evidente alegria.

– Tive imensas saudades – disse ela. – Temos novas descobertas para tu escreveres.

– Bem, Dr. Campbell. – Allie estava a sorrir ao sobrinho, um rapaz pálido e magro. – Suponho que devemos todos fazer uma vénia reverente! Estás com ar de quem anda a precisar de sol e ar fresco.

– Sou um produto do glorioso tempo escocês – disse Hugo, rindo-se ao beijar a tia. – É fantástico estar aqui. Prazer em ver-te, Sarah. O teu marido foi um anfitrião estupendo. Mostrou-me algumas das tuas fotografias para o novo livro. Espero poder ajudar a Allie e ocupar-me de algumas das vossas tarefas mais penosas. Contribuir com qualquer coisa para o resultado final.

Sarah estendeu-lhe a mão e, pegando nas malas, carregaram-nas no *Toyota*.

– Mostrei ao Hugo os mapas com que temos trabalhado – disse Rabindrah ao entrarem para o veículo. – A viagem vai ajudá-lo a orientar-se.

Sarah tinha posto o carro a trabalhar quando um grupo de zebras apareceu no aeródromo. O avião estava na ponta da pista de aterragem, os motores a trabalhar para a decolagem.

– É melhor livrarmo-nos dessas meninas gorduchas de pijama – disse ela, avançando para a manada e forçando os animais a lançar-se num trote rápido e a sair da pista. Estavam todos a rir-se quando partiram para o acampamento, Hugo e Allie no banco de trás, de pé com o tejadilho aberto, enquanto ela explicava o terreno e os melhores lugares para encontrar os animais que andavam a seguir. Viram uma família de avestruzes, numerosos grupos de gnus, gazelas e impalas, vários topi e girafas do Masai. Uma manada de búfalos baixou a cabeça, beligerante, quando se cruzaram. Mas não avistaram grandes felinos.

– Está demasiado quente agora – disse Allie. – Vamos para o acampamento. Podem arrumar a tralha e almoçar. Partimos da parte da

tarde, em busca das chitas.

– Ontem estive com o Indar e a Kuldip – disse Rabindrah, quando se dirigiu com Sarah para a tenda. – E o Indar quer saber como se está a portar o carro, agora que já andas com ele.

– As barras que ele montou são excelentes, bem como os rebordos e as prateleiras no interior. É o melhor carro que já tive – disse Sarah. Sentou-se na cama de campanha e tirou as botas de safári, calçando sandálias abertas.

– Como está a Kuldip? Ainda bem que foste visitá-la.

– Ela diz que está bem mas emagreceu muito e está sempre cansada. O Dr. Patel disse-lhes que não é nada de grave... um mal-estar feminino que passa se ela descansar bastante e tomar umas poções ayurvédicas que ele lhe receitou. Mas eu acho que o Dr. Patel já está velho. Não está a par dos avanços da medicina. Sugeri que obtivessem uma segunda opinião, mas já sabes como eles são quando se trata de questões médicas.

– Assim que chegar, vou visitar a Kuldip – disse Sarah. – Vou dar-lhe cabo da cabeça. A mim não me parece nenhuma doença insignificante. Há muito tempo que anda a sentir-se mal.

– Tenho aqui as tuas provas. – Tirou uma grande pasta do saco. – Incluindo as fotografias da Irlanda. As dos golfinhos estão esplêndidas.

Sentou-se ao lado dela e examinaram as fotografias da viagem a Sligo. Sarah sorriu afectuosamente ao olhar para um plano aproximado do pai, em pé, no crepúsculo róseo no terraço da velha casa. Ele estava a olhar para o sol, sorridente e satisfeito, franzindo um pouco os olhos sob a luz intensa que incidia sobre o seu rosto bondoso. A série de provas seguinte fora tirada durante o passeio de barco na baía de Donegal e ela riu com prazer ao recordar-se. Agradou-lhe uma imagem em particular. Rabindrah estava apoiado na proa, as mãos quase a tocar num golfinho saltitante que emergiu da onda num arco, os seus olhos brilhantes e a grande boca sorridente compondo uma expressão de cumplicidade bem-humorada. – Uau! Modéstia à parte, esta é muito boa.

Rabindrah estava muito próximo dela mas, quando ela se virou para o beijar, levantou-se rapidamente. – É melhor irmos para a tenda da messe –

disse ele. – De repente, sinto-me esfomeado.

Diante de uma cerveja fresca, à sombra do toldo, olharam para as últimas provas das chitas e Allie leu a primeira versão de vários novos capítulos que Rabindrah trouxera, introduzindo alterações aqui e ali. À mesa do almoço, Erope resumiu as suas observações mais recentes e discutiram as chitas irmãs e a chegada de *Irial*.

– Vão dormir uma sesta, se quiserem – disse Allie quando acabaram de almoçar. – Neste momento, está insuportavelmente quente na planície. Temos de ir habituando o Dr. Campbell aos poucos. Não seria grande ajuda se ele sofresse uma insolação no primeiro dia.

– Não perturbem os vossos planos por minha causa – disse Hugo. – Trabalhei em condições muito piores na América do Sul quando estava lá a fazer investigação. Sou extremamente resistente, fiquem a saber. Não sou só uma carinha bonita.

– É melhor esperar duas horas – disse Rabindrah, levantando-se. – Vou fazer agora as correcções ao texto, Allie, enquanto ainda estão frescas na minha cabeça.

Instalou-se na mesa comprida ao fundo da tenda da messe. Allie sentou-se em frente, a bater à velha máquina de escrever de Dan, praguejando entre dentes a cada erro que dava.

Sarah e Hugo sentaram-se em cadeiras de lona à sombra de uma grande figueira, onde ouviam o chilrear dos pássaros, o canto ruidoso dos grilos e o resfolegar dos hipopótamos mais em baixo.

– Quanto tempo vais poder ficar? – perguntou Sarah.

– Ofereceram-me dois lugares em universidades. Um nos Estados Unidos. O outro em Edimburgo. Um lugar mais prestigiado, mas acompanhado de tempo frio e chuvoso. Felizmente, não tenho de decidir já. Só retomo o trabalho em Setembro e passei os últimos dois anos a trabalhar afincadamente neste doutoramento. Neste momento, não quero pensar em mais nada senão em andar no terreno com a Allie.

– Mas é uma área diferente. Soube que estiveste a estudar uma tribo na Amazónia.

– É uma aplicação diferente da minha formação científica – disse Hugo. – Se a Allie achar bem, gostava de ficar até ao próximo Verão. Talvez me dê também uma oportunidade para investigar alguns dos costumes dos Masai. É um tema que me intriga e, um dia, sou capaz de voltar e fazer uma pesquisa a sério sobre o assunto.

Tirou os óculos e limpou-os com um grande lenço que tirou do bolso do casaco de safári já gasto. Sem os óculos, o seu rosto rejuvenescia e tinha um aspecto mais vulnerável, pensou Sarah. O seu cabelo continuava espetado numa crista desgrenhada, como da última vez que ela o vira em Samburu. Quando falava ou quando alguma coisa absorvia o seu interesse, inclinava a cabeça de lado como uma ave e o seu olhar tornava-se tão brilhante e penetrante como nas recordações de Sarah. Apesar da sua aparente imprecisão, ela imaginava que não lhe escapava muita coisa. Havia rugas de expressão em redor dos olhos e nos cantos da boca. Um homem que se sentia bem na sua pele e com o mundo em geral.

– Vais voltar para Nairobi quando o Rabindrah partir? – perguntou ele.

Por um momento, ela interrogou-se se Rabindrah teria feito algum comentário sobre o tempo que ela passava fora de casa, mas rejeitou a ideia. Embora a família dele pudesse fazer um comentário desse tipo, seria improvável que ele discutisse a vida pessoal de ambos com alguém que era quase um estranho. Perguntou-se se estaria a ficar paranóica.

– Divido o meu tempo entre aqui e Nairobi – disse ela, não respondendo directamente à sua pergunta. – É a única maneira de manter a continuidade das fotografias. Mas, quanto estou em Nairobi, estou sempre em pulgas, caso se passe por aqui alguma coisa de dramático.

– Conheço os vossos livros, claro – disse Hugo. – E as tuas fotografias das chitas são impressionantes.

– Por sorte, a *Lara* e as crias são relativamente fáceis de encontrar e fotografar, mas os machos são mais complicados e mais cautelosos. Na semana passada, encontrámos o *Irial* depois de ele ter ficado sem o repasto que tanto lhe custou a ganhar, mas infelizmente perdemos o momento em que as hienas apareceram para se apoderar da presa dele. Gostava de lá ter

estado, para ver se ele ofereceu resistência, mas para se apanhar tudo é preciso estar no sítio certo do nascer ao pôr-do-sol e isso é impossível.

– Calculo que a única maneira de captar um ciclo completo em película são longas vigílias?

– Nem mais. Horas e horas sentada no nevoeiro frio do princípio da manhã ou num calor tórrido ou à chuva à tarde, à espera que comecem a brincar, a acasalar ou a caçar. Embora a presença do carro por vezes distraia uma potencial vítima e não a deixe aperceber-se da aproximação da chita.

– Queres dizer que te tornas um engodo involuntário – disse Hugo.

– Sim. E, de tempos a tempos, andamos a pé, para descobrir um sítio onde temos uma visão desimpedida sem que reparem em nós. Significa carregar com as câmaras, os gravadores e os cadernos de apontamentos pelo mato, ao calor, tentando avançar sem fazer barulho, mantendo-nos a favor do vento, em busca de um ponto de observação privilegiado. Não é muito confortável mas, quando se assiste a um momento dramático e a luz é boa... enfim, não há nada como a sensação que se experimenta, independentemente das condições. – Sarah levantou-se. – É melhor limpar e carregar agora as câmaras e, a seguir, podemos ir. O Erope e a Allie devem partir em breve. Suponho que vais com eles. Rabindrah? – chamou ela por cima do ombro. – Estás pronto?

– Dá-me dez minutos – disse ele, sem levantar os olhos. – Estou quase a acabar estas correcções.

Partiram para explorar o território, com Rabindrah ao volante. Não tiveram dificuldade em encontrar *Lara* e as crias, e passaram algum tempo a observar a família antes de atravessarem a planície para se encontrarem com Allie. As sombras do entardecer alongavam-se quando a encontraram, estacionada perto de um afloramento rochoso que corria ao longo da base de Rhino Ridge. Erope debruçou-se na janela, falando em voz baixa, quando pararam ao lado dele.

– Encontrámos dois dos irmãos – disse ele. – Mas o *Ajax* não está com eles e eles estão inquietos. Temos estado à espera desde as quatro horas para ver se o grandalhão voltava, mas não voltou.

– É normal irem em direcções separadas? – perguntou Hugo.

– Por vezes vão. É possível que ele tenha cheirado uma fêmea no cio e decidido tentar a sorte – disse Allie. – De qualquer modo, se se separaram durante uma caçada, deviam estar reunidos ao pôr-do-sol.

– Eles estão à espera dele – disse Erobe. – Há pouco foram ao cimo daquelas rochas além e chamaram por ele, mas ele não respondeu. Há sangue no flanco do *Castor*. É possível que tenham estado a defender um animal que mataram de outros predadores e o *Ajax* tenha sido perseguido numa direcção diferente. Ou está ferido e não pôde segui-los.

Os dois jovens machos estavam deitados entre vegetação densa e, se não fosse a lendária visão de Erobe, Sarah sabia que não teriam visto os animais bem camuflados.

– Estou a ver o corte no flanco do *Castor*. – Allie apontou o binóculo para os animais. – Dá-me ideia que foi agredido por um leão. Que te parece, Erobe?

– É a marca de uma garra de leão e não uma mordida. Quando se levantou há pouco, estava a coxear. O *Pollux* não parece estar ferido.

– Viram sinais de algum animal morto? – perguntou Sarah.

Erobe abanou a cabeça. – Pode estar em qualquer lado. Talvez seja boa ideia ficares aqui, Allie, para o caso de o *Ajax* voltar. Eu vou no carro da Sarah tentar encontrar o sítio. Se foi atacado, não há-de ter ido longe.

– Eu fico contigo, Allie – disse Hugo.

– Ótimo. Rabindrah, vai com a Sarah para acompanhar esta história.

– Eu conduzo, se quiseres – disse Rabindrah. – Assim ficas com as mãos livres para a câmara, Sarah, e o Erobe pode concentrar-se na busca.

Arrancaram lentamente ao longo da extremidade da crista, Erobe inclinando-se para fora para inspeccionar o solo enquanto avançavam, procurando indícios da direcção de onde as chitas tinham vindo. Sarah tinha uma forte premonição que tentou em vão ignorar. Se *Ajax* tivesse confrontado um leão para defender a sua presa ou os irmãos, as hipóteses de sobrevivência seriam remotas. Imaginou-o mortalmente ferido, o corpo retalhado, a sua gloriosa pelagem pintalgada em farrapos, a carne reduzida a pasto para necrófagos.

– Vamos pelo outro lado – disse Eropé, alguns minutos depois. – Não vejo nada por aqui.

Rabindrah inverteu a marcha num grande arco, passando por Allie e Hugo e indicando o novo trajecto na direcção de Olare Orok, um pequeno afluente do rio Talek. Emergindo de um copado de árvores, Sarah avistou o círculo revelador de abutres, um remoinho escuro contra o céu da tardinha. Rabindrah conduziu através da planície e, quando se aproximaram, conseguiram ver os restos de um enorme gnu. A carcaça estava rodeada de um bando de leões, com as inevitáveis hienas e um empreendedor chacal a rondar o perímetro. Um grande macho, resplandecente com a sua juba escura, já se havia refastelado e estava a dormitar nas proximidades. Era evidente que os leões se haviam apoderado do animal morto algumas horas antes. As crias, obrigadas a esperar que os machos e as fêmeas adultas se saciassem, estavam agora a comer.

– É um grande gnu para abater... mesmo com três chitas a trabalhar juntas – disse Sarah. – Pode não ser esta a presa. – A esperança renasceu. – Não vejo sinais do *Ajax*.

Eropé estava a examinar o horizonte. – Os outros dois fugiram na direcção de Rhino Ridge. – Estava a apontar para trás dele. – Se o *Ajax* os seguiu, devíamos ter visto o rasto dele ou a sua carcaça.

– Podia ter tentado chegar ao lugar favorito deles, perto do nosso acampamento – disse Sarah.

– Fica demasiado longe. – Eropé foi peremptório. – Se estiver ferido, há-de procurar esconder-se perto. Teve sorte que a presa fosse tão grande porque os leões só o terão perseguido o suficiente para ele desaparecer. Mas deve tentar escapar das hienas. Em breve, é a vez delas e depois seguem o cheiro do sangue dele. Vamos voltar na direcção do rio.

Avançando lentamente através da savana amarelecida, Eropé levantou subitamente uma mão e Rabindrah parou o carro. O samburu apeou-se e acocorou-se numa área onde uma criatura havia estado deitada. Sarah apontou a objectiva para o círculo de terra alisada, vendo, atemorizada, os reveladores sinais de sangue que salpicavam as ervas calcadas.

– Achas que é ele? – perguntou ela, numa voz tensa.

– É uma chita. – Erope endireitou-se e seguiu o rasto. – Vê-se a marca das patas. Aqui. E aqui. Olha, o sangue secou. Pela cor e a posição das ervas, já passaram horas desde que ela aqui esteve.

Partiram novamente, parando esporadicamente para verificar o rasto, avançando ao longo do limite da floresta junto ao rio. Figueiras e árvores-da-febre gigantes projectavam os seus ramos sobre a água, onde guarda-rios mergulhavam em lampejos iridescentes azuis e laranja, e macacos palravam. Um *kopje* dominava o rio e, mais uma vez, Erope fez sinal para que parassem. Havia manchas de sangue na base. Saíram do carro e começaram a escalar cautelosamente. Descobriram *Ajax* perto do topo, deitado na pedra nua. Vários golpes enormes sulcavam o seu flanco e um corte profundo abrira-lhe o peito. A sua língua comprida e rugosa pendia-lhe da boca e o sangue borbulhava na sua mandíbula aberta. Os belos olhos âmbar estavam baços com a aproximação da morte e já havia formigas e escaravelhos ocupados, a alimentar-se das suas feridas.

– Podemos fazer alguma coisa para ajudar? – Sarah viu a respiração entrecortada do animal e começou a mover-se em direcção à chita condenada.

– É tarde de mais. Já sabes. – Erope pôs-lhe a mão no braço para a deter.

– Mas está a sofrer tanto. E a caixa de primeiros socorros no carro? Rabindrah, deve haver lá analgésicos.

– É um animal selvagem, prestes a morrer. – Erope falou numa voz severa. – Continua a ser perigoso. Não podes fazer nada por ele, Sarah. Veio para este lugar elevado para morrer.

As palavras ressoaram na sua cabeça, transportando imagens de outra crista, de outra morte. Desesperada, sacudiu a mão do samburu e rastejou lentamente sobre a pedra em direcção à chita moribunda, indiferente aos frenéticos protestos de Rabindrah. Corriam-lhe lágrimas pelas faces ao estender hesitantemente a mão.

– Sarah... por amor de Deus, volta aqui. Sarah! – chamou Rabindrah, em pânico, e Erope emitiu um leve ruído de reprovação.

– Eu sei que não te podemos salvar – disse Sarah, pousando a mão no pêlo pintalgado. Sentiu o tremor dos músculos sob os dedos, como uma

orquestra de cordas silenciosa, vibrando através do seu corpo nesta batalha derradeira. O animal não se retraiu ao seu contacto nem tentou atacá-la quando ela começou a afagá-lo. – Não vou deixar que nenhuma *fisi* nojenta te desfaça enquanto ainda estás vivo. Vou ficar contigo. Pelo menos isso posso fazer.

A chita não se mexeu. Apenas a sua respiração superficial e penosa agitava o ar à sua volta e Sarah aproximou-se mais para se ajoelhar ao seu lado, falando de mansinho, afagando-a, desejando-lhe uma morte tranquila. A pedra era áspera sob os seus joelhos e sentia o saibro e as pedras pequenas a enterrarem-se-lhe na carne, mas não mudou de posição. Falou ao animal moribundo da sua beleza e elegância e da sua admiração por ele, e falou também de ervas verdes, da luz do sol e da ausência de dor. Os seus olhos estavam turvos e perdeu a noção do tempo que durou a sua vigília. Por fim, apercebeu-se da mão de Erope no seu ombro e viu que a morte levava a chita. As tremuras haviam parado. Os seus olhos outrora brilhantes estavam mortiços e o animal estava rígido, o sangue solidificado em redor da sua boca e da sua pelagem.

Erope e Rabindrah ajudaram-na a levantar e ela desceu o declive rochoso sob a pálida luz malva do final da tarde.

– E o *Ajax*? – perguntou, a dor apoderando-se dela ao abandonarem o *kopje*.

– Temos de deixá-lo no lugar que escolheu – respondeu Erope.

Sarah não podia argumentar. Não havia mais nada que pudesse fazer. Os animais necrófagos viriam e devorariam o corpo, mas era esse o curso natural das coisas. Era a melhor maneira, agora que estava morto. Sabia que devia tirar algumas fotografias para o registo mas não suportava olhar para trás e ver a ruína de uma criatura tão magnífica.

– Eu sei que não é profissional – disse ela, subindo para o *Land Cruiser* e remexendo no cesto à procura de lenços de papel. – Mas estive tão próxima dela nas últimas semanas, e era um espécime tão extraordinário. Oh, merda! A vida às vezes é uma merda! É melhor irmos informar a Allie e o Hugo. Vamos.

Quando chegaram ao outro veículo, foi Erope quem descreveu o que tinham visto enquanto Sarah permanecia no carro, aturdida e silenciosa.

– Voltemos para o acampamento. Agora. – Foram as únicas palavras de Allie.

– E o ferimento do *Castor*? – perguntou Rabindrah. – Vai ficar bom?

– Não parece profundo – respondeu Allie. – Amanhã de manhã vimos cá ver como está. Se a ferida estiver infectada, receio que não haja muito que possamos fazer. Terá de se desenvencilhar sozinho, se puder.

Quando chegaram ao acampamento, Sarah dirigiu-se imediatamente para a tenda e Ahmed levou-lhe água quente para um duche. Mais tarde, ela enfiou-se na cama e permaneceu ali enroscada, incapaz de apagar a última imagem de *Ajax*. Mesmo quando fechava os olhos, ele estava ali, deitado, morto, sobre a pedra inclemente e a suave transparência do céu do fim do dia. Devia ter feito um esforço extraordinário, com tão terríveis ferimentos, para alcançar o cume do afloramento rochoso. Instintivamente alerta até ao fim. Talvez com esperança de que os irmãos o encontrassem. Perguntou-se se alguma vez viriam a saber o que lhe acontecera. Rabindrah apareceu e fez-lhe companhia durante algum tempo, depois voltou a sair para se sentar debaixo do toldo até achar que ela adormecera.

– Como é que ela está? – perguntou Allie, quando ele regressou à tenda da messe.

– Deitou-se – redarguiu Rabindrah. – Provavelmente é melhor que durma agora.

– Pareceu ter ficado terrivelmente transtornada – disse Hugo, enquanto jantavam ao pé da fogueira.

– Eu sei que não devemos envolver-nos emocionalmente neste tipo de trabalho mas ela identifica-se sempre com o que está a estudar, sejam animais, sejam pessoas – disse Rabindrah em defesa dela. – É o que faz dela uma fotógrafa tão extraordinária.

– É verdade – disse Allie. – Em parte é artista e em parte é cientista. É um dom raro. E por vezes uma desvantagem, suponho.

– E que dom – disse Hugo. – Nunca vi fotografias iguais às dela.

– Disse ao Hugo que foi uma das razões por que o Dan a aceitou. – Allie sorriu, recordando a jovem rapariga que conhecera em Buffalo Springs, a esperança e o entusiasmo inflamando-lhe o olhar ao tirar as fotos do seu *portfolio*. – Não tinha experiência de campo naquela altura, mas ele reconheceu na clareza das imagens dela a sua capacidade para compreender e observar.

– Foi muito perigoso, o que ela fez na rocha – disse Rabindrah, incapaz de esquecer a imagem da mulher e da chita moribunda. – Uma loucura. Um animal feroz, em sofrimento e com medo. Se estivesse mais forte, podia tê-la atacado.

– Acho que não – disse Eropé, revendo mentalmente a situação. – Nestes momentos, ela tem um instinto especial e creio que a chita percebeu que ela não constituía uma ameaça.

– Deve ter sido extraordinário de ver. – Hugo estava a abanar a cabeça. – Imprudente, mas gloriosamente corajoso.

– Sim. Ela é ambas as coisas – disse Allie, levantando-se da mesa. – Boa-noite. Amanhã veremos como as outras duas se estão a desenvolver sozinhas. Partimos por volta das seis.

– Vou bater as minhas notas à máquina – declarou Rabindrah. – Até se acabar o petróleo na candeia.

Eropé levantou uma mão e afastou-se, desaparecendo na escuridão, e a figura magra de Hugo pôs-se de pé e dirigiu-se para a sua tenda. Ouvia à sua volta os sons de África. As hienas ganiam e uivavam, os hipopótamos roncavam, chapinhavam e bufavam no rio e, a uma imensurável distância, o rugido profundo de um leão flutuou sobre as planícies, transportado no vento nocturno. Hugo levava uma pequena lanterna na mão com que ocasionalmente descrevia um arco para evitar um encontro inesperado com algum predador noctívago. Ao apontar o estreito feixe na direcção oposta à do rio, ficou surpreendido ao ver Sarah, envolta numa camisola grossa e num cobertor, sentada numa cadeira em frente à tenda. Hesitou, sem saber se havia de falar com ela ou deixá-la entregue às suas reflexões solitárias.

– Olá – disse ela, baixinho. – Os outros abandonaram-te e foram-se deitar? Suponho que o Rabindrah está a dactilografar apontamentos.

– Está. – Deteve-se, não sabendo se havia de lhe desejar boa-noite e seguir caminho.

– Anda fazer-me companhia, se não estás demasiado cansado – pediu Sarah. – É maravilhoso estar aqui fora à noite, a escutar a actividade à nossa volta. É tudo vivo e vibrante e ao mesmo tempo invisível.

Sentaram-se lado a lado, em cadeiras de lona, à vontade na companhia um do outro. Foi Sarah quem quebrou o silêncio. No doce anonimato da escuridão, uma necessidade urgente emergiu dentro dela, levando-a a comunicar com alguém em quem via uma alma gémea.

– Esta tarde deixei-me ir longe de mais – disse ela.

– Pelo que ouvi, foi compreensível – disse Hugo, arrependendo-se logo de seguida. Não queria que ela pensasse que tinha sido tópico de conversa na sua ausência. – E foste...

– Completamente anticientífica – Sarah interrompeu-o, não desejando expressões de compaixão. – É que ando com as emoções à flor da pele por causa de um medicamento que ando a tomar. Torna-se difícil controlar as emoções. Aliás, nunca tive muito jeito para as esconder.

Ele não fez nenhum comentário e agora ela não conseguia calar-se, desejava tentar articular o que sentia e porquê, sem o perigo da familiaridade ou do preconceito da parte do seu interlocutor. Queria exprimir os seus sentimentos a este estranho que sentia conhecer, com a sua serena aura de empatia.

– O meu noivo foi assassinado há doze anos e morreu daquela maneira, em cima de uma pedra – disse ela. – E eu só desejava que ele não tivesse estado ali sozinho no meio de tanta agonia e sofrimento. Desejava ter estado ao lado dele para lhe tocar, para lhe oferecer algum conforto no fim. Quando conheci o Rabindrah pensei que era um milagre ser capaz de amar outra vez. Mas não temos conseguido ter filhos e isso tornou-se uma obsessão para mim. Tive dois abortos espontâneos e durante algum tempo não andei bem. Agora estamos a ter dificuldades em voltar ao ponto em que nos encontrávamos.

Começara a chorar à medida que as suas confidências se libertavam na noite, mas estava determinada em escapar das memórias que a haviam

assaltado nesse dia.

– O problema é que comecei a sentir-me revoltada – disse ela. – E ressentida. Durante anos, pensei que a culpa era minha. Toda a gente pensou o mesmo. Mas não é, não é de ninguém. Estou aqui com a Allie porque tenho uma grande afeição por ela e porque a admiro e adoro o meu trabalho. E também estou aqui porque não sei se o meu marido ainda me quer ou se há condições para que o nosso casamento continue. Aliás, começo a acreditar que me devo resignar a essas coisas e seguir em frente. – Calou-se para limpar as lágrimas às costas da mão.

Hugo reclinou-se na cadeira e esperou, absorvendo a sua tristeza. Passaram alguns minutos até ela falar de novo, numa voz fatigada e desalentada.

– Estou também aqui porque não posso continuar a tentar – disse ela. – E talvez também já não queira o Rabindrah. Ultimamente a nossa vida juntos tem sido cruel e penosa. É possível que, afinal de contas, não estejamos destinados a ficar um com o outro.

Durante muito tempo, Hugo não se mexeu nem tentou oferecer um gesto de compaixão. Sentiu que seria desajustado, embora experimentasse um forte desejo de a consolar. Sarah soltou então uma gargalhada sonora, um som forçado, tingido de desolação.

– Não sei porque é que te contei tudo isto – disse ela. – Mas ainda bem que o fiz e estou-te grata por me teres ouvido.

– Também gostei que me tivesses contado – disse Hugo. – Sinto-me honrado com a tua confiança.

– Boa-noite, então. – Emergindo da protecção de cobertores e camisolas, Sarah pôs-se de pé e ele notou mais uma vez como ela era pequena.

– Boa-noite, Sarah – disse ele, levantando-se. Acendeu a lanterna e dirigiu-se para a sua tenda. Parecia ficar a quilómetros de distância e ele sabia que não devia olhar para trás.

CAPÍTULO 10

Quênia, Setembro de 1977

Anthony Chapman entrou no Long Bar do New Stanley Hotel e pediu uma *Tusker* fresca. Era a hora de almoço e o sítio fervilhava com as conversas e discussões de Nairobi sobre negócios, política e corrupção.

– Que tal vai isso, pá? – Jeff Danielson exibia a sua habitual expressão toldada, mas jovial. – Os safáris continuam a correr bem?

– Para mim, continuam – respondeu Anthony. – Cheguei há uma hora no avião de Samburu. Clientes habituais. Tenho um grupo novo que chega no princípio da próxima semana, não me falta que fazer. Está tudo bem na tua *shamba*?

– Não me posso queixar. Há muitos anos que os preços do café não estavam tão bons. – Jeff pediu outra cerveja, embora a que estava a beber ainda estivesse meio cheia. – A escassez do ano passado no Brasil foi benéfica para nós. Tanto assim que eu e a Mitzi decidimos ir visitar o nosso filho na Austrália e conhecer os netos. Nunca pensámos que íamos conseguir, mas parece que agora é mesmo.

– Que boas notícias – disse Anthony, impressionado por Jeff ter persuadido a mulher deprimente e pessimista a considerar tal aventura, apesar da conjuntura favorável.

– Ah. O grande caçador branco e especialista em conservação está na cidade. – A voz era arranhada, o homem anafado e espalhafatoso, com uma barriga que se salientava das calças caqui, quase a rebentar os botões do casaco de safári.

– Olá, Max.

Anthony não fez qualquer esforço para disfarçar a sua aversão. Max Cramer era dono de uma agência de viagens de pacote baratas, com a reputação de ter condutores perigosos e veículos em mau estado. Haviam tido várias disputas devido ao facto de os guias de Max serem conhecidos por assediarem os animais, aproximando-se excessivamente e perturbando-os, saindo fora dos trilhos oficiais nos parques, destruindo a vegetação e perseguindo as manadas para os clientes conseguirem fotografias mais empolgantes. A lista de transgressões era interminável mas, apesar das queixas de muitas outras empresas de safáris, Max não fazia nenhum esforço para chamar à pedra os seus condutores. Constava que era intocável devido aos grandes subornos que pagava aos funcionários dos parques e a políticos em Nairobi e da astuta integração de um político importante no seu conselho de administração.

– Estás a ter problemas com a tua vida amorosa? – Max mal conseguia esconder o seu deleite.

– Tu estás? – Anthony deflectiu a pergunta.

– Eu não, pá – respondeu Max, com uma gargalhada. – Não viste a tua namorada fina esparramada no *Daily Mirror* aqui há tempos? Nos braços do suposto agente dela? Pensei que os homens nesse ramo eram todos maricas.

– Eh, calma aí, meu. – Danielson inclinou-se de lado e estendeu a mão, num gesto apaziguador. – Não debes acreditar em tudo o que lês nos jornais. E muito menos num pasquim como esse.

Anthony virou as costas a Cramer, a boca contraída, uma raiva fria crescendo-lhe no peito. Era difícil abster-se de assentar um murro no corpo volumoso e suado do sujeito. Levantou o copo, mas a cerveja soube-lhe a amargo e ele voltou a pousá-la no bar, fazendo uma tentativa para envolver uma ou duas pessoas em conversa de circunstância. Não tinha o direito de se sentir furioso. O estado da sua relação com Camilla era uma questão que relegava para o seu subconsciente sempre que surgia e não fazia ideia do que ela poderia ter dito ou feito para ocasionar o comentário maldoso de Cramer. Mas ir-se embora estava, contudo, fora de questão. Combinara encontrar-se com Johnson Kiburu para almoçar. O ministro do governo era um bom homem, duro e incorruptível, com a hábil capacidade para sair de

um impasse e encontrar uma solução alternativa para um problema. Era ainda o presidente da Comissão para a Conservação da Vida Selvagem e trabalhara em estreita ligação com George Broughton-Smith, o pai de Camilla. Depois da morte de George, Kiberu sugerira que Anthony ocupasse o lugar dele na comissão.

– Sinto-me lisonjeado, Johnson – dissera Anthony. – Honrado, aliás. Mas não posso assumir mais responsabilidades enquanto não acabar com os hospitais e a reabilitação. Além disso, não me quero envolver no lado político das funções. Não tenho paciência nem instinto para lidar com funcionários problemáticos. O George é que tinha talento para isso... a combinação da sua experiência diplomática e da sua capacidade para usar de táticas brutais no momento certo. Prefiro continuar como consultor da comissão e contribuir para projectos em que tenho conhecimentos especiais das condições locais.

– Mas está disposto a considerar a hipótese? – Johnson não estava preparado para admitir a derrota.

– Não podia assumir esse papel sem desistir de grande parte dos meus safáris – disse Anthony. – Neste momento, estou a concentrar-me em recuperar a forma para poder voltar para os parques e para as reservas com os meus clientes. Não aguento Nairobi em doses excessivas. O meu lugar é no *bundu* com os animais que estamos a tentar proteger. É-me tão essencial como respirar.

No entanto, durante a sua longa recuperação, trabalhara em parceria com Kiberu para resolver alguns dos maiores problemas na gestão dos parques nacionais, mas era uma tarefa morosa e frustrante. Hoje, tinham combinado encontrar-se ao meio-dia e meia e, embora Kiberu chegasse sempre atrasado, Anthony bebeu o resto da cerveja e escapou do Long Bar, consciente dos comentários grosseiros que o seguiram.

– Anthony, espero que tenhas chegado a tempo para arrancar a tua pequena às garras desse maricão em Londres. Só mostra que não se pode andar muito tempo no *bundu*.

– *Pole*, meu velho. É melhor andares de olho nela daqui para a frente. Um ramo de flores deve resolver o problema. Ah, ah!

Os comentários e as risadinhas enfureceram-no ao afastar-se. O salão no andar de cima estava a abarrotar e ele amaldiçoou-se por não se ter lembrado que a sexta-feira era o dia em que as pessoas locais e os turistas enchiam a sala de jantar principal, para se regalarem com o *smorgasbord* que era uma especialidade do New Stanley Hotel. Muitos acordos haviam sido feitos ao almoço de sexta, regados a cerveja e *schnapps*. E havia sempre pessoas envolvidas em ligações ilícitas, demorando-se com um café e uma aguardente antes de saírem tropegamente para um encontro clandestino à tarde, ignorando que, entretanto, já toda a cidade estava ao corrente. Passou os olhos pela sala à procura de Kiberu e ficou aliviado quando o avistou, já instalado numa confortável cadeira com um *gin* tónico à sua frente.

– Viva, Johnson, prazer em vê-lo. – Anthony sentou-se e pediu uma bebida. – Que há de novo?

– Tenho estado à espera do seu regresso. Há um assunto urgente de que temos de tratar. – Johnson baixou a voz. – Ainda não discuti esta questão com ninguém. É um assunto delicado que envolve muitos intervenientes de peso.

– Desembuche.

– Há um grupo de contrabandistas, em particular, que se tornou extremamente poderoso. Nos últimos seis meses, têm pago a caçadores ilegais para matarem dezenas de rinocerontes e milhares de elefantes em Tsavo e no Norte. Já escaparam com várias toneladas de marfim e muitos chifres de rinoceronte, para não falar de cabeças de cudo e búfalo, peles de bongo, leopardo e outros troféus.

– É uma história já bem conhecida. – Anthony recostou-se na cadeira, à espera. Johnson não teria combinado esta reunião para se lamentar do estado da guerra contra a caça ilegal.

– Esta gente não só está a traficar chifres, marfim e peles, mas a exportar animais vivos para venderem a compradores particulares.

– Ah, pois – disse Anthony. – As senhoras que querem um leopardo de estimação nos sofás de couro branco nos Hamptons ou um chimpanzé à mesa de jantar. Já recebi muitos pedidos desses.

– Mas desta vez tenho uma pista – disse Johnson. – Sei onde o próximo carregamento está a ser reunido e guardado antes de ser expedido para o estrangeiro.

– Vai então confiscá-lo?

– Não quero fazer já isso. Tenho estado a tentar descobrir através da minha fonte quando vai ser exportado o próximo carregamento. Se souber a data, há uma possibilidade de apanhar o cabecilha desta organização em flagrante. E depois faço dele um exemplo público. Meto-o a ele e aos *rafikis* dele na prisão durante muito, muito tempo. Seria uma grande vitória para nós.

– Sem dúvida.

– O programa do governo contra a caça ilegal é uma anedota – disse Kiberu. – Não há dinheiro suficiente para manter as unidades operacionais. Mais de metade dos veículos estão parados por falta de dinheiro para peças sobresselentes. Em certas zonas, as reservas de gasolina estão a ser desviadas e vendidas pelos funcionários locais. O moral está em baixo. Os vigilantes e guardas-florestais são preguiçosos e, pior ainda, corruptos. Os caçadores ilegais subornam-nos com verbas que são três vezes superiores aos seus salários e ainda por cima dão-lhes armas. Não podemos competir, e há pessoas poderosas em Nairobi que fazem vista grossa às regras todas.

– Tenho a certeza de que podíamos mencionar algumas delas pelos nomes.

– A gargalhada de Anthony foi desdenhosa. – Não é segredo que há ministros atrás de todas as transacções que envolvem o abate e venda de animais.

– Essa é parte da razão por que não defendo a proibição da caça legal – disse Johnson. – A maioria dos caçadores profissionais possuía integridade e denunciava a existência de caçadores ilegais, seguindo-os melhor do que qualquer uma das nossas unidades. Era no interesse deles fazê-lo. Agora, sem eles, matar nos parques tornou-se muito mais fácil para um número cada vez maior de bandidos armados. Pela última estimativa, estamos a perder cerca de mil elefantes todos os meses, mercê da caça ilegal, e o número está a aumentar.

– Sim, já tomei conhecimento dos números e vi as carcaças. Há muitos manda-chuvas no governo a ganhar dinheiro à custa da exportação de marfim, chifres e outros troféus. Que posso fazer para ajudar? – Anthony não via que papel podia desempenhar no plano de Johnson.

– Segundo as minhas fontes, há um grande carregamento prestes a ser expedido de um armazém em Mombaça. O edifício é de uma empresa comercial pertencente a asiáticos, mas quem dá a cara é um homem de negócios quicuio e dois políticos eminentes, todos a embolsar a sua parte. Por sua vez, a empresa queniana pertence a um consórcio registado no Liechtenstein.

– Parece bem organizado, cheira a *nyama* podre.

– Sim, mas desta vez acho que conseguimos apanhá-los com a mercadoria. Com testemunhas independentes no local. De preferência pessoas que não tenham nada a ver com o governo nem com os Parques Nacionais. Pessoas que não tenham medo de falar em tribunal. E alguém da comunicação social que possa ser informado e aparecer lá quando esta remessa for carregada num barco para expedição.

– Está a organizar uma golpada – disse Anthony, com um sorriso.

– Esta organização tem uma conta bancária respeitável em Nairobi, mas nada comparado com o que devem estar a arrecadar noutro lado – continuou Johnson. – Disse-me o meu informador que o cabecilha de fora da cidade vai estar em Mombaça por altura da nova expedição. É um grande carregamento e acho que envolve milhões de dólares.

– O seu informador está disposto a prestar depoimento que os incrimine? Não lhe sabe dar uma data definitiva para essa operaçãozinha?

– A minha fonte receia pela vida. Se for descoberto a passar informação ou se for possível identificá-lo como a fonte... – Johnson esboçou um gesto de degolação de um lado ao outro da garganta. – E não posso ter a certeza de que no meu gabinete não se descosam.

– Continuo a não saber como posso ajudá-lo.

– O Rabindrah Singh é um bom amigo seu – disse Johnson. – Gostava que ele investigasse e publicasse esta história, com assinatura dele. Posso fornecer-lhe estatísticas, relatos de incidentes para os quais não consegui

arranjar testemunhas suficientemente corajosas para prestar declarações, e dizer-lhe quando o peixe miúdo envolvido desapareceu. Tenho ainda os nomes dos políticos envolvidos neste caso. Os outros jornalistas, na sua maioria, teriam medo de perder o emprego se apontassem o dedo a africanos influentes. Mas o Singh é destemido e não hesitaria em denunciar gente poderosa. Incluindo elementos chave da comunidade asiática.

– Credo, Johnson! Denunciar a gente dele é uma questão delicada. – Anthony mostrou-se céptico. – Têm os seus defeitos, os homens de negócios indianos, mas o governo está a exercer pressão sobre eles injustamente. Africanizar os empregos deles e recusar renovar os seus alvarás de comércio, apesar de serem cidadãos deste país. E os africanos que os substituem são ainda mais gananciosos, em muitos casos. Bem, mas este é outro assunto. Discutiu esta operação com o Rabindrah?

– Pensei que podia ser você a fazê-lo, já que ele e a Sarah são grandes amigos seus e internacionalmente conhecidos pelos seus livros sobre conservação. – Johnson arqueou as sobrancelhas. – Se ele estiver disposto a cooperar, podemos encontrar-nos e discutir o assunto.

– Uma história destas colocava-o pessoalmente numa situação difícil.

– Conhece outro jornalista em quem se possa confiar para investigar e denunciar esta gente? Que não tenha medo do resultado? E o Gordon Hedley é o tipo de editor que publicaria uma coisa destas, mesmo que pensasse que a consequência seria o seu afastamento.

Anthony não respondeu durante algum tempo. Era verdade que Rabindrah criticara a comunidade asiática em alguns dos seus artigos, mas havia uma simpatia subjacente pelo seu sofrimento, mesmo nos artigos mais contundentes. De qualquer forma, a sua integridade não oferecia dúvidas e ele e Sarah partilhavam um ódio visceral pelos caçadores ilegais.

– Verei o que posso fazer – disse ele, por fim. – Eles acabaram de chegar da Europa. Acho que estão no Mara com a Allie Briggs. Dê-me uns dias e eu contacto-o.

Juntaram-se à multidão reunida junto da mesa do *smorgasbord* e passaram a hora seguinte a discutir ideias sobre o programa de conservação e os melhores métodos de obter fundos suficientes para projectos futuros.

Anthony declinou o potente *schnapps* servido com o café e deixou Kiberu a saborear sozinho o seu licor.

Lá fora, na rua, cumprimentou alguns amigos no Thorn Tree Café, antes de entrar para o seu jipe. Dirigiu-se para o escritório, onde o aguardava a demorada tarefa de tratar das cartas e das facturas que se haviam acumulado durante a sua ausência. Com Camilla longe, na Europa, haveria mais do que a pilha normal de correspondência. Ela ajudava com frequência a sua secretária africana, Rose, traduzindo para inglês as cartas em francês e italiano para que pudessem ser respondidas. Mas, pelo menos, as contas estariam sob controlo. Desde que Duncan Harper integrara a equipa, esse fardo fora levantado dos ombros de Anthony.

Durante os dois anos que se seguiram ao acidente, Camilla vira-o gerir o escritório enquanto se debatia com o sofrimento da fisioterapia, tentava adaptar-se a várias próteses temporárias e finalmente se adaptava ao acessório permanente no coto vermelho e irritado que restava da sua perna.

– Estás a braços com tremendas adaptações pessoais – disse ela, no fim de um dia particularmente torturante. – A exigir de mais de ti próprio. O teu negócio está a crescer e já andas de novo em safári, além de controlares o escritório, os armazéns e os veículos. E mais as contas e as declarações de impostos. Precisas de um chefe de escritório, Anthony. Um técnico oficial de contas seria ideal. Não adianta empregar um par de guarda-livros para estares depois a analisar os números sempre que voltas para a cidade, ficando acordado sabe-se lá até que horas a verificar tudo minuciosamente.

– Não é, de facto, o meu forte – admitiu ele. – Mas é a única maneira de manter o controlo sobre as coisas.

– Não há mais nenhum empresário ou director em Nairobi que passe tanto tempo mergulhado nos pormenores do seu negócio – disse Camilla. – Claro que tens de supervisionar e dirigir a operação geral da empresa. Mas o teu papel mais importante é levar as pessoas em safári, proporcionar-lhes uma experiência inesquecível, mostrar-lhes a aventura magnífica do mato africano. Se eu tivesse de tratar da minha contabilidade, aqui, em Londres

ou em Nova Iorque, andaria num estado lastimoso. E não podia concentrar-me naquilo em que realmente sou boa.

Alguns meses depois, arranjou-lhe Duncan Harper. Era um homenzinho de cara triste, meticoloso e modesto, que trazia boas referências de uma firma de contabilidade em Leeds. O seu casamento desfizera-se, afirmou, e precisava de um novo começo, longe da virulência do divórcio. Camilla insistira para que ele fosse contratado. Quatro anos mais tarde, Anthony habituara-se a confiar nele, considerando que as contas e a administração da sua empresa estavam em boas mãos. Sentia-se grato pelas horas que podia dedicar a outras tarefas e, com a aparentemente inesgotável lista de clientes que os contactos internacionais de Camilla produziam, começara a cismar menos com a sua incapacidade. Agora conseguia fazer praticamente tudo de que era capaz antes do acidente. Mas a perda da perna deixara marcas profundas, e ele sabia que Camilla sofrera quando a relação pessoal entre ambos mudara.

Ela chegara de Londres no dia seguinte à queda do helicóptero, para o funeral do pai. No hospital, Anthony repelira-a, não querendo ver nem sentir a sua piedade. Mais tarde, ficara ali sozinho, atormentado pelo horror da amputação e pela agonia da dor fantasma. Tentara salvar a vida do pai dela e falhara. Nos dias e noites que se seguiram, rogou pragas ao esforço inútil que lhe custara uma perna e o privara da autoconfiança que nunca questionara.

Mas Camilla persistira. Depois do funeral, continuara em Nairobi, visitando Anthony todos os dias, sentando-se à sua cabeceira, ou na sala de espera ali perto, quando ele fechava os olhos e se recusava a falar porque a fúria ou a dor se haviam tornado insuportáveis. A mãe e uma das irmãs dele haviam chegado de Inglaterra, mas nenhuma delas pudera ajudar muito. Daphne Chapman perdera o marido num acidente de caça, anos antes, e deixara imediatamente o país. Era claro que detestava estar de volta ao Quénia, onde mais um acidente terrível podia agora reclamar a vida do seu único filho. Sentou-se no quarto dele, limpando os olhos a um lenço e tentando persuadir Anthony a virar costas ao Quénia. A irmã passava a

maior parte do tempo no Muthaiga Club, incapaz de encarar a visão do irmão mutilado e as implicações da sua incapacidade. Ao fim de duas semanas, quando Anthony já não corria perigo de vida e tornara claro que não deixaria o país, as duas mulheres haviam partido. Foi um alívio para todos.

Quando o momento chegou, Camilla levou-o para casa, providenciara a enfermeira que vinha ajudar diariamente, conduzia-o à cidade para a fisioterapia, acompanhou-o a Londres para consultar especialistas. Instalara corrimões em casa para ajudá-lo a deslocar-se e reorganizara a mobília para ele andar pela casa mais facilmente com as muletas. Lá fora, à sombra do alpendre, instalara uma mesa e cadeiras e um canapé onde ele podia contemplar o relvado. Era um lugar tranquilo para ler e tratar de papelada do escritório ou para se sentar com o binóculo e observar os hábitos dos beija-flores e dos estorninhos, em todo o seu reluzente esplendor, e os turacos de asas escarlates saltitando entre as árvores em busca de bagas. Camilla observava, imperturbável, sempre que o coto em carne viva da sua perna era destapado para levar novo curativo e aprendeu a executar ela própria a tarefa. Sempre que ele se deixava dominar pelo desespero, ela incitava-o com uma obstinação determinada mas compassiva quando ele tentava equilibrar-se, ajudando-o quando ele caía, a praguejar e a gritar de frustração, humilhado e perto da loucura.

Por vezes, ele ansiava acordar de um sono induzido pela droga e descobrir que ela partira, que a sua calma perfeição já ali não estava para o torturar. Mas Camilla nunca vacilava. Quando achava que ele não precisava dela, trabalhava em novas ideias para a oficina em Langani ou para Saul Greenberg, que fabricava e produzia as suas colecções de vestuário em Londres e Nova Iorque. Algum tempo depois, convidou Sarah e Rabindrah para jantar e ficou satisfeita ao ver Anthony animado e risonho durante todo o serão. Quando ele aprendeu a usar a nova perna e a equilibrar-se, Sarah levou-o a Indar Singh, que lhe desenhou um veículo especial de safári com pedais modificados. Pouco depois, ele conduziu Camilla ao interior, para passar alguns dias em Langani. Ela estava sempre presente quando ele precisava de alguma coisa, não o importunando, nunca se enervando nem

criticando quando ele se refugiava num mundo de fútil ressentimento. Com o tempo, ele começou a sentir um ódio irracional pela sua serenidade e paciência.

Passara um ano quando ela entrara, uma noite, no quarto dele e se deitara ao seu lado. Mas, quando começou a acariciá-lo, ele desviou-se dela para esconder a autocomiseração e as lágrimas. Não era capaz de tocar nela, nem de deixá-la mitigar a ferida psicológica que o atormentava. Ela tornara-se numa pessoa diferente – transformara-se numa mãe e numa enfermeira, numa terapeuta, secretária e mentora. Já não conseguia visualizar um regresso à anterior paixão entre ambos nem pensar em fazer amor com ela com o seu corpo mutilado, sobre o qual perdera praticamente o controlo.

– Amo-te – murmurara ela.

Mas ele não respondeu. Era um aleijado. A forte e despreocupada simetria do seu físico fora destruída. Estava convencido de que ela permanecia ali por compaixão, por culpa por ele ter ficado horivelmente mutilado à custa do pai dela. Anthony sabia que ela nunca admitiria estes sentimentos e estava determinado em não permitir que nenhum deles fosse apanhado nas consequências do seu trauma. Nessa noite, ela permanecera deitada ao seu lado durante mais de uma hora. Quando se apercebeu de que ele estava acordado e tenso de ansiedade, afastara-se, deixando-o à espera que o primeiro raio de luz lançasse uma sombra cinzenta sobre mais um dia deprimente. Nas semanas seguintes, Camilla dormira no quarto de hóspedes ou no pequeno apartamento que tinha perto de State House. Retomou o seu trabalho de modelo, viajando entre o Quénia, a Europa e Nova Iorque, e Anthony não foi capaz de transpor o abismo que criara entre eles.

Ao fim de algum tempo, sentira necessidade de uma mulher e encontrara facilmente uma candidata num dos clubes nocturnos populares entre os turistas na cidade. Fora com a rapariga francesa para o seu quarto de hotel e tivera relações sexuais com ela, limitando-se a mostrar uma ansiedade sôfrega que a fez rir. Possuiu-a sem sequer tirar a roupa nem dar nada de si mesmo, além de um rápido orgasmo. Ela começara a desembaraçar-se do resto da roupa interior, sorrindo e fazendo-lhe sinal para que ele se deitasse ao seu lado, querendo proporcionar-lhe prazeres mais demorados, quando

ele se foi embora. Não chegou a ver a surpresa e a fúria na cara dela ao fechar a porta e afastar-se pelo corredor. Tornou-se um hábito fácil. Por vezes, seduzia uma das suas clientes de safári, sendo sempre cuidadoso, esperando pela véspera da partida, altura em que o seu acto não podia ser questionado nem repetido.

Finalmente, Camilla regressara de uma das suas visitas a Nova Iorque e, ao jantar, fizera-lhe a pergunta directa que ele temera.

– Ainda me amas, Anthony? Preciso de saber.

– Conheceste outro homem? – Armou-se de coragem para ouvir a resposta dela.

– Passaram mais de dois anos desde o acidente – disse ela, evitando responder directamente à pergunta dele. – Foste extraordinariamente corajoso e eu sei que isso exigiu toda a tua energia e concentração. Mas a vida é mais do que isso, meu querido. Sabes bem que eu te quero dar mais, muito mais.

Anthony não foi capaz de encará-la. Tinha medo de pensar no que faria se ela saísse da sua vida. Ela era a sua âncora, a pessoa que o sustivera sempre que estivera à beira da aniquilação. Ela suportara as suas depressões, os momentos de alcoolismo, as fúrias incoerentes e as suas fugas ocasionais quando se metia no carro sem explicação e passava dias na selva.

– Não te posso oferecer mais do que aquilo que temos agora – disse ele. – Sou um homem diferente. Tenho uma incapacidade com que nenhuma mulher deve ter de lidar permanentemente. E não posso responsabilizar-me pela vida de outra pessoa, quando não tenho controlo sobre a minha. Estou grato por tudo o que és e foste mas seria errado pretender que as coisas possam voltar ao que eram. Esse tempo acabou, Camilla. É a verdade.

Ouviu o seu leve suspiro de dor, viu as suas mãos tremer ao levantar o copo de vinho da mesa. Depois, Camilla inclinou a cabeça para esconder a cara com o cabelo brilhante. Quando voltou a falar, fê-lo numa voz entrecortada.

– Pelo menos és sincero. Devo agradecer-te por isso. – Deixando uma marca de *bâton* no guardanapo ao limpar a boca, levantou-se para

abandonar a mesa. – Vou-me deitar. É uma viagem demasiado longa de Nova Iorque e estou exausta. Além disso, não há mais nada a dizer.

Quando ele acordou na manhã seguinte, ela partira. O guarda-vestidos no quarto de hóspedes estava vazio e todos os seus pertences haviam desaparecido com ela. Joshua não fez qualquer comentário, andando silenciosamente pela casa com uma expressão de sombria infelicidade, mais eloquente do que qualquer pergunta ou sugestão de acusação. Anthony tentou dar uma explicação em que nenhum deles acreditou e o assunto não voltou a ser mencionado. Mas ansiava pelo som dos passos dela, pelo timbre alegre da sua voz, pelas suas gargalhadas estimulantes. Sentia falta dos boiões de cosméticos na casa de banho, do cheiro do perfume dela, da sua letra na lista de compras na cozinha. Do carro dela na garagem. Ela plantara dalias, rosas e lírios no jardim que viravam agora para ele radiosas faces carregadas de acusação. Pensou por breves momentos em telefonar-lhe a pedir que voltasse, mas não foi capaz. Alguns dias mais tarde, partiu num longo safári. Quando regressou, ela estava em Londres, e durante vários meses não voltaram a encontrar-se. Inevitavelmente esbarrou um dia com ela no Thorn Tree Café.

– Podemos jantar? – perguntou ele, com um certo embaraço. – Gostava de...

– Sim. Claro que podemos – disse ela, dirigindo-lhe um sorriso deslumbrante. – Estou livre quase todas as noites na próxima semana.

– Hoje – disse ele. – Pode ser hoje, no Muthaiga?

Ela estava magnífica quando se encontraram no salão, o seu belo corpo envolto num vestido azul que condizia com os seus olhos. Depois de acabar a primeira bebida e pedir o jantar, ele falou rápida e frontalmente.

– Lamento muito ter-te desiludido – disse ele. – Mas achei que era melhor...

– E foi – disse ela. – Conta-me como estão a correr as coisas. Jantei com dois grupos de amigos comuns em Nova Iorque na semana passada. Os Elkin e os Cohen. Adoraram o safári contigo. Suponho que já deves ter recebido a confirmação deles para outro safári em Dezembro.

– Já. – Anthony inclinou-se. – E gostava de te fazer uma proposta. – Imediatamente se censurou pela infeliz escolha de palavras. – Depois de tudo o que fizeste.

– Não fiz nada de mais – respondeu ela, desejando que ele dissesse que a amava, que lhe pedisse que voltasse para casa. Sabendo que ele não o faria.

– Foste em larga medida responsável pelo aumento de clientes para os meus safáris – disse ele. – E por tornar os meus acampamentos numa coisa especial que mais ninguém oferece. Gostava que te tornasses sócia de pleno direito da empresa. Quero dar-te metade das acções.

Por um momento, ela não respondeu mas ele viu as pequenas gotas de suor surgirem-lhe na testa e no lábio superior.

– Que ideia inovadora – disse ela, com ironia. – Uma maneira de passar uma esponja sobre qualquer sentimento de dívida que possas ter quando não devia existir nenhum. É uma oferta generosa mas, se eu aceitar, o meu papel na empresa muda. Dá-lhe uma faceta oficial e talvez traga responsabilidades acrescidas que não sei se quero. Ou preciso.

– Não te estou a pedir que dediques mais tempo ao meu negócio. – A reacção dela surpreendeu-o. – Mas esforçaste-te muito por me manter activo, através dos altos e baixos, e sem qualquer tipo de recompensa ou compensação. Teres insistido no Duncan foi uma das tuas melhores ideias, apesar de teres de me obrigar a contratá-lo. Quero demonstrar-te a minha gratidão, Camilla, dando-te um papel real na empresa. O pessoal do escritório e do acampamento deve-te tanto como eu e nutre um profundo respeito por ti. É uma questão de oficializar as coisas.

– Dou-te uma resposta nos próximos dias – disse ela, num tom abrupto. – Acabemos o jantar antes que arrefeça. E já que isto se transformou numa reunião profissional, talvez possas meter a despesa nas contas.

Anthony ouviu a reprimenda na voz dela e percebeu que a ofendera, mas a ideia de que procedera mal tornou-o defensivo. Desviou a conversa para temas gerais mas o resto da noite foi tenso e sentiram-se ambos aliviados quando chegou ao fim.

– Talvez me possas dizer qual é a tua decisão no fim-de-semana – disse ele, abrindo-lhe a porta do carro dela. – Na quarta-feira, parto de novo em

safári e, se a tua decisão for positiva, gostava de despachar a papelada antes de partir.

Depois de ela se afastar, ele sentiu-se inquieto, irritado com a ideia de que causara um transtorno ao oferecer-lhe metade do que possuía. Doía-lhe a perna, a sua cabeça latejava por causa do vinho e sentia-se cansado e desalentado. A perspectiva de voltar para uma casa vazia não era agradável. Saiu de uma das principais rotundas da cidade e subiu uma colina, estacionando à porta do Panafric Hotel, fazendo tilintar as chaves do carro enquanto se dirigia para o bar.

– Um *Glenlivet* cheio, George – disse ao empregado do bar. – Sem gelo. Um pouco de água à parte. *Asante sana*.

Sentado no banco do bar, passou os olhos pela sala e viu a rapariga imediatamente. Esquecera-se de como ela era sensacional, de como a sua sexualidade era poderosa. Ela estava sentada ao lado de um homem com o dobro da sua idade e, a julgar pela roupa, americano. As unhas dela, pintadas de escarlata, estavam sobre o braço dele e ria-se, a sua boca grande e carnuda, a cabeça inclinada sobre o pescoço de cisne, adornado com um colar feito de contas de vidro e prata maciça. Anthony percebeu que ela o tinha detectado e visto a desviar os olhos. Terminou a bebida de um trago e estava a pagar a conta quando ela surgiu ao seu lado.

– Mais duas taças de champanhe – disse ela a George, a sua voz tão rouca como ele recordava. Estava com um vestido vermelho, muito decotado, que se lhe colava aos seios, às ancas e às pernas altas. Tinha o cabelo preto penteado em dezenas de tranças, rematadas com contas prateadas que lhe batiam nos ombros quando movia a cabeça. – Como estás, Anthony?

– Bem, obrigado. Também estás com ar de quem está bem na ocupação que escolheste. Se me dás licença, Zahra, estava mesmo de saída. *Salaams*.

– O seu desdém e condenação eram evidentes.

– O que é que pensaste que eu ia fazer quando a tua namorada correu comigo? – A sua voz era grave e irada, cuspidando as palavras. – Pensaste que eu ia voltar à sarjeta de onde ela me tirou? Ou pensaste que me encolhia e

desaparecia porque a cabra me apanhou com os braços à volta do teu pescoço?

– Ela ensinou-te todos os truques da indústria da moda – disse ele. – Deu-te belas roupas e dinheiro e trouxe gente de Londres para te fotografar. Deu-te uma oportunidade com que nunca terias sonhado.

– E num abrir e fechar de olhos tirou-a, porque pensou que tu ias para a cama comigo – disse Zahra. – Sabes o que eu passei depois disso? Como me humilhei e lutei e tive de viver à custa dos meus clientes patéticos? Como me escondi em quartos sórdidos à espera de ser apanhada pela polícia ou pelo chulo de outra rapariga no mesmo giro? Aos tombos como antes. Estupor arrogante! Como te atreves a olhar para mim com sobrançeria? Naquela noite, estavas tão assanhado como eu e deste cabo da minha vida. Ela não via que és como qualquer outro homem que pensa com a pila? A culpa foi mais tua do que minha e nunca pensaste sequer no que me podia acontecer.

Ela pegou nas duas taças de champanhe e lançou-lhe um olhar virulento antes de se afastar. Quando atravessou a sala e se baixou para pousar os copos na mesa, ele viu o homem a observar a curva escura dos seios dela com febril impaciência. Ignorou as bebidas que ela levara, murmurou-lhe algo ao ouvido e desapareceram ambos.

– Ela vem aqui muitas vezes? – Anthony pediu outro *whisky*. – Pensei que as senhoras da noite não eram autorizadas a trabalhar neste hotel.

– Trabalha no casino. Às vezes vem aqui com um hóspede que ganhou muito dinheiro, mas tem de ser um jogador de altas paradas. E conhece os patrões do hotel. É, conhece-os muito bem. – George soltou uma gargalhada. – Nunca arma confusão – disse ele. – Não se embebedar nem se exalta, mantém os homens calmos e nos eixos. Ao contrário de outras raparigas. Tem classe. Com a Zahra, não há *shauris* e também ninguém se mete com ela.

No mato, nas três semanas seguintes, Anthony pensou nela constantemente. Ela tinha razão. Desejara-a na noite da gala de moda de Camilla, quase sete anos antes, e encorajara o *flirt* dela com ele. Depois, Camilla apanhara-os no corredor, quando ele estava a puxar para si a

rapariga somali, que estava com os braços à sua volta, para a beijar. Na altura, ele considerara aquilo um jogo de sedução inofensivo. Algo que acontecera por um breve momento, quando Camilla se esquecera dele, rodeada como estava de celebridades e amigos sofisticados de Londres que achavam piada à sua ligação com um mero guia de safáris. Anthony estava convencido de que a tempestade amainaria numa questão de dias. Quando Zahra aparecera em casa dele na manhã seguinte, não hesitara em mandá-la embora e nunca mais pensara nela. Mas Camilla deixara-o mesmo assim e regressara a Londres.

Bebeu o *whisky*, sentindo-se culpado agora, embora não houvesse necessidade disso. Zahra era uma prostituta comum e uma empregada de mesa a meio tempo que vivia num bairro de lata de Nairobi quando Camilla a descobriu. Agora era uma *call-girl* de classe. Exótica, bela e claramente bem-sucedida. Seria apenas uma questão de tempo até persuadir algum cliente embevecido a casar-se com ela e a tirá-la da rua. Do país. Já tinha visto isto acontecer muitas vezes. Contudo, não conseguia tirá-la da ideia. Quando o safári acabou, regressou a Nairobi e foi procurá-la ao casino.

– Ela não está de serviço esta noite – disse uma das *croupiers*, mal-encarada e aborrecida por ele não mostrar interesse nos evidentes encantos dela.

– Quando é que volta?

– Não me compete andar a par do que ela faz – disse a rapariga, com uma expressão amuada, fazendo-lhe olhinhos. – Neste momento não está a trabalhar. É tudo. Quer jogar ou não?

– Hoje não. Obrigado. – Encaminhou-se para a saída, passando os olhos pela sala ao sair. Na mesa da roleta mais distante estava uma figura de costas para Anthony. Tinha algo de familiar e estava a pousar fichas no valor de milhares de dólares nos números escolhidos. O ruído da roleta a girar gerou silêncio enquanto os jogadores esperavam que a sorte cumprisse o seu papel. Quando a bola parou, houve um suspiro de compaixão e prazer com a perda dele. O homem levantou-se e dirigiu-se ao caixa, tirando a carteira do bolso para comprar mais fichas e tentar de novo a sorte. Anthony ficou surpreendido ao ver que o perdedor era Duncan Harper.

Virou costas e encaminhou-se para a saída mais próxima. Era melhor não se envolver em manifestações de comiseração cortês, tratando-se de uma pessoa conhecida. Pior ainda, um homem que trabalhava para ele. Se mostrasse que o reconheceria, podia ver-se obrigado a recusar um pedido de empréstimo, e o resultado seria embaraçoso. Experimentou um intenso alívio quando a porta se fechou atrás dele e deu por si sozinho no ar frio da noite.

Na noite seguinte, voltou e foi encontrar Zahra junto da mesa do vinte-e-um, elegante e respirando sexualidade. Não acusou a presença dele quando ele se sentou a jogar. Anthony não tardou a perder uma quantia que o fez cair em si e, abandonando o jogo, foi para o bar onde podia observá-la à distância.

– Vim pedir desculpa – disse ele, seguindo-a quando ela terminou o seu turno à mesa de jogo.

– Deixa-me em paz. – Ela lançou-lhe um olhar de desdém e dirigiu-se rapidamente para uma saída privada.

– Preciso de falar contigo – disse ele, interpondo-se entre ela e a porta.

– Não tens dinheiro que chegue – disse ela, num tom hostil. – Afinal qual é a tua? A Camilla está para fora? Queres experimentar uma coisa diferente? Alguém de cor? É isso?

– Perdi a perna num acidente. – Despejou as palavras reprimidas que nunca articulara com clareza. – Há alguns anos. Quase me destruiu. Eu e a Camilla já não estamos juntos. Por favor.

– És igual aos outros. Cem dólares por uma hora, quinhentos para passar a noite toda. Adiantados e em dinheiro, assim que chegarmos lá fora. – Zahra mirou-o friamente, sorrindo de satisfação ao ver o estado de choque em que ele ficara. Lá fora no parque de estacionamento, esperou enquanto ele pegava no dinheiro, contando então as notas e metendo-as na carteira, que fechou com um gesto brusco e profissional. – Onde é que queres ir?

Ele conduziu-a a um hotel onde não era conhecido. No quarto, desapertou o cinto e as calças e reclinou-se numa cadeira de braços enquanto ela se despia e exibia o seu corpo musculado e as pernas altas de pele acetinada.

Debruçou-se sobre a cadeira para lhe oferecer os seios com mamilos cor de ameixa que ele desejou tocar e beijar com uma vontade insaciável.

– Senta-te em cima de mim – disse ele, passando-lhe os braços pela cintura. – Senta-te ao meu colo e deixa-me penetrar-te.

– Levanta-te – disse ela, libertando-se e recuando. – Sai dessa cadeira que eu dispo-te e fazemos amor na cama.

– Zahra – disse ele. – Por amor de Deus...

Ela ignorou os protestos dele, puxando-o e tirando-lhe o casaco e a camisa, fazendo deslizar as mãos para as costas dele, afagando e acariciando e roçando os seios contra ele, beijando-o com lábios macios, lambendo-lhe as orelhas, o pescoço e o peito, mordendo-o, passando as mãos por todas as partes do seu corpo, sussurrando-lhe de tal forma que ele não se deu conta do momento em que ela o ajudou a deitar-se na cama e lhe tirou a roupa toda. Quando chegou ao fim, ele chorou, sem vergonha, e ela segurou a cabeça dele entre as mãos e beijou-o na boca e começou a cantar-lhe, uma canção suave na sua língua nativa que soava como uma canção de embalar. Pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu-se em paz e ainda a tinha nos braços quando fechou os olhos e sucumbiu ao sono.

Durante dez dias, enquanto esperava pelos seus clientes de safári seguintes, esteve sempre com ela e, quando não estava, não conseguia pensar em mais nada. Depois das duas primeiras noites, ela deixou-o ir ao seu modesto mas imaculado apartamento no centro da cidade. O sexo entre eles tornou-se uma droga, uma parte da existência dele sem a qual não podia passar, uma compulsão. Na sua última noite em Nairobi, esperou que o turno dela no casino terminasse e depois levou-a para sua casa em Karen. Ainda estava escuro quando acordou e olhou para o relógio da mesinha-de-cabeceira. E pensou em Joshua.

– Acorda – disse ele, abanando-a. – Zahra, acorda. Parto esta manhã e tu tens de te ir embora antes que o Joshua apareça com o chá. Ouve, eu chamo um táxi e...

– Deus do Céu, és mesmo um grandessíssimo cabrão – disse ela, desperta e furiosa. – Alguma vez pensas em alguém além de ti? Que importa que o teu criado me veja aqui?

– O quê? – A reacção dela era como um balde de água fria despejado sobre as recordações ainda quentes da noite anterior.

– Veste-te – disse ela com desdém. – Podes levar-me já à cidade. E nunca mais me procures, caso contrário Nairobi inteira fica a saber de nós.

– Não podes ter pensado... ouve, tu própria disseste que era uma transacção como qualquer outra. – Sentiu-se vil ao dizer as palavras, porque ela tinha sido terna e sensível e ele sabia que, de algum modo, ela lhe restituíra uma parte da sua virilidade que estava ausente. Que sempre lhe estaria grato.

Ela não perdeu tempo a responder mas foi para a casa de banho tomar um duche e vestir-se. Enquanto a porta estava fechada, ele abriu a gaveta fechada à chave da sua secretária, tirou mil dólares e meteu-os na carteira dela. Conduziram num silêncio hostil para a cidade. Ela não o deixou levá-la ao apartamento dela e, quando saiu do carro em Kenyatta Avenue, debruçou-se na janela e repetiu a mensagem.

– Nunca, nunca mais – disse ela. E, virando as costas, afastou-se e ele não viu a expressão triste de humilhação nos seus olhos.

O episódio ensinou-lhe uma lição e daí para a frente Anthony retomou o simples passatempo de sexo descomprometido com estranhas no Quénia e ligações passageiras em viagens de *marketing* ao estrangeiro. Havia uma mulher rica, casada, em Nova Iorque com quem estava uma vez por ano, sabendo que era um esquema seguro que convinha a ambos. Quando pensava em Zahra, sentia que escapara por pouco ao envolvimento numa situação que teria repercussões complicadas e nunca mais se aproximou do casino. Uma vez, viu-a num clube nocturno com outro cliente mas não a cumprimentou. Já tinha problemas suficientes com que lidar e seria irresponsável da sua parte criar mais.

Camilla continuou a dar-lhe apoio, ao longo do tempo, aparecendo e desaparecendo conforme a sua agenda lhe permitia. Parecia estar a viver uma vida de sucesso que a obrigava a viajar entre Nairobi, a Fazenda Langani e as capitais mundiais da moda, onde ainda reinava como modelo e estilista e figura internacional da alta sociedade. Por vezes, Anthony

interrogava-se se ela também teria romances ocasionais, mas evitava sempre qualquer conversa ou falatório que pudesse revelar os pormenores da sua vida privada. De um modo geral, tinha as coisas bastante bem controladas.

Até ao dia de hoje.

Depois de se despedir de Johnson Kiberu, dirigiu-se para o escritório. Na zona de recepção, recebeu alguns olhares de soslaio e sorrisos, não sabendo se estaria a imaginar um divertimento malicioso neles. Fechou a porta e começou a examinar a pilha de correspondência e memorandos na secretária. Estava no meio da pilha de papéis, entre os recortes de jornal, e Anthony interrogou-se sobre quem o teria posto ali. Olhou para a fotografia de Camilla e Tom Bartlett e, num momento doloroso, compreendeu a que ponto tinha andado obcecado consigo próprio. Não se permitira acreditar que ela pudesse amá-lo, que ainda pudesse pensar nele como um homem inteiro, que estivesse preparada para lhe confiar a vida. E agora provavelmente era tarde de mais.

Só que Tom Bartlett era um idiota. Uma criatura insignificante, arrogante e fingida, cujo papel na vida dela Anthony sempre considerara superficial. Visitara o Quênia algumas de vezes. Ao ouvi-los conversar sobre roupas e carteiras, *bâtons* e fotógrafos, Anthony sempre se interrogara como assuntos tão triviais podiam interessar a um verdadeiro homem. Ou ter qualquer importância que não a de ganhar quantias obscenas de dinheiro à custa de milhões de mulheres vaidosas e tolas. E, nos dias de hoje, de homens também. Bartlett tinha a reputação de ser um bom agente, embora Camilla nunca deixasse que ninguém tomasse decisões importantes sem a sua total concordância. Muito provavelmente, Tom resumia-se a um vigarista astuto, com as suas observações mordazes proferidas num acentuado sotaque *cockney* e acompanhadas de uma insolência jovial. Útil para tratar dos contratos e da agenda de Camilla. De qualquer modo, eram íntimos há anos e ela não tinha senão palavras positivas para descrevê-lo sempre que o seu nome vinha à baila.

Todos os seus amigos deviam ter lido o artigo no *Daily Mirror* e Anthony só esperava que Joshua e o pessoal do acampamento não o tivessem visto. Não podia permitir-se perder o respeito dos seus *watu*. Tendo relido o cabeçalho e olhado mais uma vez para a fotografia, Anthony amarfanhou a imagem e deitou-a ao lixo. Depois mudou de ideias, voltou a pegar nela e a alisá-la e meteu a folha na sua pasta.

Depois de falar com Duncan Harper e com a secretária, Rose, dirigiu-se para o armazém para examinar o equipamento para o próximo safári e finalizar a escala do pessoal. Mas, ao passar os olhos pelas folhas de listas e números, a única coisa que via com clareza era a fotografia de Camilla e Tom. Não conseguia libertar-se da ideia de que a legenda pudesse corresponder à verdade. Ela esperara muito tempo e nunca recebera mais do que rejeição. Teria ela desistido, decidindo desperdiçar a vida com Bartlett porque ele fora o seu apoio infatigável e confidente durante anos? Quanto mais reflectia sobre isto, mais provável lhe parecia. Voltando para o escritório principal, Anthony isolou-se atrás da porta trancada. Uma terrível explosão de mágoa abalou a sua consciência, causando-lhe vertigens, confusão, desorientação. Deixando-o a espumar de raiva. Louco de ciúmes e medo. Que fraco de espírito fora, permitindo que Camilla mantivesse a empresa à tona, durante o seu longo e instável restabelecimento, não lhe dando o merecido valor enquanto ela arranjava novos clientes e concebia as mudanças e melhorias que lhe haviam proporcionado lucros e reconhecimento.

Demorou uma hora a decidir o que fazer. Finalmente, pegou no telefone e começou a fazer telefonemas. O último foi para Rabindrah.

– Estás disposto a participar nesta investigação que o Johnson está a organizar? – perguntou Anthony, depois de ter explicado a situação. – Pode colocar-te numa posição perigosa. Pelos vistos, estão envolvidas pessoas das mais altas esferas, incluindo um homem de negócios asiático. E sabe Deus o que pode acontecer ao Gordon Hedley se conseguires juntar provas suficientes e ele concordar em publicar alguma coisa que incrimine um grupo de africanos poderosos que aceitam luvas. As consequências para os dois podem ser muito graves.

– Sou jornalista e conservacionista – respondeu Rabindrah, picado com a sugestão de que podia recusar envolver-se por razões pessoais. – Nunca hesitarei em escrever a verdade, em denunciar pessoas que abusam da lei, sobretudo as que teoricamente a representam. Mas é melhor não falar disto à Sarah até sabermos se há alguma história a noticiar. Ela tem passado por momentos difíceis ultimamente. Diz ao Kiberu que apanho um avião de Keekorok amanhã. Presumo que ele tem material de referência para eu começar.

Quando terminou as chamadas na sua lista, Anthony abriu a gaveta e tirou um frasco de *whisky*. Inclinou a cabeça para trás, bebeu um grande gole e virou-se de novo para o telefone. Ouviu o som de chamada à distância e, durante muito tempo, ninguém atendeu. Mas depois ouviu a voz dela, fria e profissional.

– Estou?

– É o Anthony. – Teve de fazer uma pausa para aclarar a garganta. – Como estás, Camilla? – Não lhe telefonava desde a última vez em que fora necessário esclarecer uma questão da empresa, semanas antes. Era uma chamada inesperada e ele tinha consciência de que soava tenso.

– Está tudo bem contigo? Não estás doente, pois não? Está tudo em ordem?

– Está tudo bem. – Apercebeu-se de que ela captara um registo diferente na sua voz. – Estou a ligar para saber quando tencionas voltar.

– Ainda cá vou ficar mais três semanas – disse ela. – Fui convidada para fazer parte do júri de um óptimo concurso de televisão mas volto para o aniversário da Hannah. Tenho de passar dois dias em Nairobi e depois sigo para Langani.

– É que estou a planear uma celebração especial para ela e pensei que podíamos ir todos passar alguns dias à costa.

– Tens a certeza de que o Lars e a Hannah deixam a fazenda outra vez tão cedo? – Camilla estava duvidosa. – Pensei que a prioridade deles era passar tempo em Nairobi para resolver o problema do Piet.

– O Lars diz que é uma excelente ideia. Depois de tantas preocupações, uma curta pausa só lhes faz bem e o otologista quer esperar algum tempo

antes de tomar uma decisão sobre o tratamento do Piet. A Sarah e o Rabindrah também podem ir.

– Parece boa ideia. Volto então uns dias mais cedo. Na costa onde?

– Quando chegares, digo-te. Só mais uma coisa – disse ele, sentindo-se ridículo e sabendo que ela ia achar o seu pedido incaracterístico. – Achei que podíamos organizar qualquer coisa mais sofisticada. Talvez vestuário estilo anos 30 e essas coisas. Já que a Hannah vai fazer trinta e três.

– A Hannah? Os esplendorosos anos trinta? – Riu-se. – Não parece nada o género dela. Nem o teu, por sinal. Mas alinhó. Vou levar qualquer coisa para nós, raparigas, vestirmos. Não é o tipo de coisa que se possa comprar numa *duka* em Narok ou Nanyuki. Vais estar por aí quando eu chegar?

– Possivelmente – disse ele. – Tenho outro safári antes de vires e vai depender de onde os clientes querem passar os últimos dias.

– Ah. Tudo bem.

– *Salaams*, Camilla. – Estava a sorrir levemente. Ela parecera desapontada com a sua resposta vaga. – Até breve.

Anthony demorou mais uma hora até estar satisfeito com tudo o que tinha de organizar e, em seguida, foi para casa e apanhou uma bebedeira.

CAPÍTULO 11

Quênia, Setembro de 1977

Durante a noite, um forte aguaceiro deixou a savana cintilante, com fios de vapor a elevar-se no ar enquanto o bafo quente do sol cobria a terra húmida e vermelha. Rebentos tenros haviam brotado instantaneamente pelas planícies, deixando a savana verdejante e repleta de pasto para os animais. Allie e Erobe decidiram regressar à pedra onde *Ajax* morrera para ver se o corpo ainda lá estava. Os outros três partiram juntos do acampamento, na esperança de localizar as outras duas chitas. A atitude de Sarah foi eficiente e profissional ao discutirem os possíveis padrões de comportamento dos sobreviventes e não mostrou vestígios da dor que manifestara na noite anterior.

– É um momento difícil para os dois que têm de aprender a caçar sem o seu líder – disse ela, fixando a câmara ao respectivo suporte. – Sobretudo quando um deles está ferido e aquele corte na perna do *Castor* pode infectar. Isso seria crucial para a sobrevivência deles.

A viagem foi lenta, os pneus enterravam-se no solo argiloso, fazendo com que resvassem do caminho em várias ocasiões. Por fim, Hugo e Rabindrah foram obrigados a colocar vários troncos debaixo do veículo e a empurrar por trás. Sarah carregou no acelerador e as rodas giraram, procurando apoio e salpicando de lama os dois homens, que voltaram a entrar para o *Land Cruiser* também cheios de manchas pretas. Levaram mais de uma hora a alcançar o local onde haviam deixado os irmãos sobreviventes. Ambos estavam ali, andando para trás e para a frente, junto aos densos arbustos onde haviam passado a noite, correndo com frequência

até uma pedra próxima e soltando uma série de latidos fortes e agudos que ecoavam pela planície juncada de pedras, em busca do irmão desaparecido.

– Estão a chamar pelo *Ajax* – explicou Sarah a Hugo, levantando o binóculo. – Uma chita não ruge como um leão. A sua laringe não está preparada para isso. Estão os dois bastante desesperados. Sempre dependeram da liderança do *Ajax*. Mas, felizmente, a ferida no flanco do *Castor* não parece infectada.

– Quando é que vão voltar a caçar? – perguntou Hugo.

– Normalmente, já deviam andar à procura de presas – respondeu ela. – Devem estar à espera do *Ajax*.

Meia hora mais tarde, os dois animais subiram para o topo da rocha, num ponto de observação privilegiado sobre a planície. Passaram ali a maior parte do dia, apenas se levantando para chamar e para perscrutar as manadas de animais em movimento na savana em baixo, em busca de sinais do irmão. Por volta do meio-dia, avançaram para o *veldt* e fizeram duas tentativas falhadas para perseguir uma gazela e depois um javali-africano, mas *Castor* tinha dificuldade em pousar a pata no chão. Pouco depois, voltaram para a pedra.

– Não parecem muito bem – disse Sarah, explicando a situação a Allie e a Erope quando eles chegaram. – Eu sei que não devemos intervir, mas uma injeção de antibiótico era capaz de ajudar. Seria terrível se perdêssemos uma segunda.

– A chita teria de ser adormecida e transportada para Narok para ser tratada pelo veterinário – disse Allie. – Significaria mais trauma para ela e mais dificuldades ainda para o *Pollux* que ficaria sozinho. Acho que devemos esperar. Estes animais passam, por vezes, vários dias sem matar uma presa. Mas sim, concordo que estão à espera do *Ajax*, pobres criaturas.

Sarah hesitou antes de fazer a pergunta que a atormentara toda a manhã. – Encontre-o?

– Não. – Allie olhou compassivamente para ela. – Até as manchas de sangue foram lavadas pela chuva desta noite. É como se nunca tivesse lá estado.

Sarah não conseguiu decidir se se sentia aliviada. Outra criatura tirara proveito dos restos e o ciclo da vida, como sempre, continuara. Deu por si a esperar que tivesse sido um leopardo a levá-lo e não uma hiena.

– Vamos procurar a *Lara* – sugeriu Allie. – Mais tarde podemos voltar aqui para ver se há alguma mudança com estes dois.

Ao pôr-do-sol, quando as duas viaturas regressavam ao acampamento, Allie avistou *Irial* a encaminhar-se para Rhino Ridge, olhando cautelosamente em volta antes de parar para marcar território pelo caminho.

– Está a ficar mais ousado – observou ela. – Agora está no território dos irmãos. Talvez se tenha apercebido de que o macho dominante desapareceu e os outros não fizeram nada todo o dia para proteger o seu espaço. Os odores da passagem deles começaram a desaparecer, especialmente depois da chuvada. É possível que o *Irial* esteja a alargar a sua área de actuação.

– É possível que ele tente expulsar os dois irmãos do território deles? – Hugo estava intrigado. – Que os desafie, como os leões fazem quando um bando é invadido?

– As chitas não são tão sanguinárias – respondeu Allie. – Lutam, se tiverem de o fazer, mas, em geral, não procuram o confronto, a não ser que haja rivalidade por causa de uma fêmea. Nestas circunstâncias, em que os dois residentes são jovens e inexperientes, um novo concorrente pode aparecer e tomar posse.

– Alguma vez se aceitariam mutuamente? Uniriam forças? – Sarah estava a espreitar pela objectiva. – Seria o melhor para os três, não?

– É altamente improvável – disse Allie. – A não ser quando se trata de ninhadas diferentes da mesma mãe.

Observaram *Irial* durante algum tempo, estudando o seu avanço ao longo da crista e para as pastagens em baixo. No crepúsculo que caía rapidamente, ele caminhava como um fantasma, as suas pintas parecendo mover-se e fundir-se com as sombras. Do outro lado da planície, um leão rugiu e tossiu, enviando a sua mensagem à companheira. A chita solitária parou, virou-se para a vegetação e desapareceu.

Os irmãos levaram vários dias até conseguirem matar uma presa. Finalmente, levados pela fome extrema, lançaram um ataque arriscado a uma impala adulta que esperneou com cascos afiados, quase trespassando *Pollux* com os cornos em forma de lira, antes de fugir aos saltos pela planície fora. Durante a tarde, conseguiram por fim abater uma gazela-de-thomson. Tendo em conta o seu longo jejum, a carne não era muito abundante, mas Sarah ficou aliviada por terem conseguido encontrar alimento, pois a situação tornara-se crítica. De volta ao acampamento, sentaram-se em redor da fogueira, discutindo as suas observações e escrevendo os relatórios do dia.

– E se o *Irial* decidir desafiar os outros dois e eles tentarem expulsá-lo? – perguntou Sarah. – Seria terrível se acabassem por destruir-se uns aos outros. Meu Deus, nem quero pensar.

– Estou a ver que o Ahmed levou água quente para os duches – disse Allie. – Encontramo-nos para uma bebida depois de nos lavarmos.

No interior da tenda da messe, o rádio deu sinais de vida e Rabindrah foi atender. Falou para o auscultador durante vários minutos e, quando se encaminhou para a sua tenda, ia a abanar a cabeça, resignado.

– Era o Gordon Hedley – disse ele, na primeira de uma série de mentiras insensatas destinadas a não preocupar Sarah, agora que ela estava tão alegremente absorvida no trabalho. – Já tinha tentado contactar-me. Quer-me em Nairobi urgentemente para cobrir uma história de última hora.

– Não pode usar outra pessoa? – O protesto de Sarah continha uma ponta de irritação. – Estamos no meio de um acontecimento excepcional.

– Parece que não. Assim que puder, volto, mas isto parece ser importante. Vou tentar apanhar o avião da manhã de Keekorok.

– Eu levo-te – disse Allie, quando soube. – Erope, tu podes conduzir e depois passamos pela *duka* em Lolgorien para comprar provisões. – Virou-se para Rabindrah e pousou-lhe uma mão no braço. – É pena teres de partir já mas mantemos-te informado. O Hugo vai tomar nota de tudo até tu voltares.

Depois do jantar, Rabindrah deixou o pequeno grupo sentado sob a luz das estrelas e foi guardar as suas coisas num saco de lona. Quando se virou para

pegar numa camisa, ficou surpreendido ao ver Sarah, que entrara silenciosamente na tenda e estava sentada na cama a chorar.

– O que foi? – Ele sentou-se ao lado dela, consternado com a visão de mais lágrimas. – Não vou estar fora muito tempo e sabes bem que não posso fazer nada. Precisamos do dinheiro do meu emprego no jornal até o livro ser publicado. Por favor, não chores.

– Não precisamos do dinheiro assim tão desesperadamente – disse ela. – E é o período certo do mês. A ovulação. Quero que tentemos de novo. Aqui, longe de tudo em Nairobi. Tenho tomado o medicamento e...

– Sarah! – A sua expressão era sombria. – Pensei que o facto de termos descoberto a razão pela qual não temos filhos te teria tirado essa fixação da cabeça. Sobretudo quando se sabe que o problema não é teu. É meu.

– Ouviste o que o Stephen Devanny disse. Este tratamento pode ser eficaz.

– Este tratamento pôs-te completamente fora de ti. – Levantou a voz, irritado e frustrado. – Os teus humores oscilam como a montanha-russa numa feira de diversões. Estás a regressar ao estado de espírito que tinhas quando perdeste o último bebé, Sarah, e é perigoso.

– Não estou nada. Só quero...

– Além disso, por mais fértil que te tornes, não altera o facto de eu provavelmente não ser capaz de te engravidar. É ao que se resume.

– És. Já me engravidaste. Duas vezes.

– E os bebés morreram. – Era uma afirmação brutal e ele fechou os olhos por um momento. – Os nossos filhos morreram porque o meu esperma lhes causou malformações. Aconteceria o mesmo com os outros. Podem todos morrer antes de nascerem, os bebés que queres conceber. Ou podemos ter sucesso e vir a descobrir que a criança é deficiente. És uma pessoa muito forte mas eu acho que não era capaz de lidar com isso. Estou a ser sincero contigo.

– Não acredito que um especialista me pusesse a tomar este medicamento e nos aconselhasse a continuar a tentar se achasse que íamos conceber bebés mortos ou deformados!

– Ele disse que devíamos ser pacientes. – Estava agora muito zangado e virou-lhe as costas.

– Sim. Pois disse. Mas não precisamos de evitar ter relações – argumentou Sarah, perplexa com a atitude dele. – Há sempre uma desculpa qualquer, Rabindrah. Preciso de ti mas tu estás noutra planeta. Foges de tudo aquilo que tínhamos em comum. Não me beijas nem me acaricias, já nem sequer falas comigo. Não me olhas sequer nos olhos. Não sei se me amas ou se me odeias. – A sua voz tremia. – Aliás, pergunto-me se sentirás nojo de mim. Já não me diriges a mais leve expressão de amor ou ternura, com medo que leve a outra coisa.

– Chiu, Sarah, chiu. Estás outra vez a perder a cabeça. – Agarrou-lhe nas mãos, tentando acalmá-la, levá-la a baixar a voz, que estava a tornar-se um gemido. – Claro que te amo...

– Não me confortes como se eu fosse uma criança indisciplinada. – Afastou as mãos. – Sou a tua mulher, embora já não me sinta como uma esposa. E agora vais partir e eu não aguento!

– Podes ir comigo – disse ele.

– Não, não posso, porra, e tu sabe-lo! É um período crucial com as chitas e eu preciso de registar tudo o que acontece. Compreendo que queiras voltar para o teu outro trabalho e suponho que tenho de aceitar isso. Mas não sou obrigada a gostar. Podias pelo menos perceber isso. Já sei que me transformei numa Maria Madalena mas não vou parar com o tratamento de fertilidade, sejam quais forem os efeitos sobre o meu equilíbrio. Porque acredito que vale a pena tentar outra vez, Rabindrah. Não é só uma questão de conceber. É uma questão de te acariciar, de te amar e de fazer amor contigo. Há alguma coisa de irracional nisto?

– Não. Claro que não.

Rabindrah abraçou-a, esperando que as suas lágrimas acabassem. Em seguida, despiu-a e deitou-se ao lado dela, buscando a boca dela com a sua e descendo até aos seios e à barriga dela. Fizeram amor lentamente e com intensidade até ele a penetrar e a sua erecção subitamente afrouxar, tornando-se flácida. Ele começou a mover-se mais vigorosamente contra ela, mas o momento passara e ele acabou por lhe virar as costas. Ela apercebeu-se da vergonha dele e ficou sem saber o que podia dizer ou fazer.

– Não faz mal – sussurrou ela. – Há demasiado tempo que temos estado afastados um do outro e tu tiveste muito com que lidar. Tudo se há-de compor. Abraça-me.

Ele não se mexeu e, embora ela o acariciasse, ele não falou nem reagiu. Finalmente, quando pensou que ela adormecera, foi deitar-se na cama dele de costas, os olhos abertos na escuridão, fixando o tecto da tenda.

De manhã, pôs o saco no *Land Rover* de Allie e deu um breve abraço a Sarah.

– Desculpa – sussurrou-lhe ao ouvido. – Ontem à noite. Talvez em Nairobi ou quando eu voltar para aqui, as coisas melhorem. Nessa altura, falamos.

– Vou ter saudades tuas – disse ela, o rosto enterrado no seu ombro. – Tenta contactar pelo rádio logo à noite. E não deixes de visitar a tia Kuldip. Diz-lhe que a vou visitar assim que voltar para Nairobi. – Não conseguia calar-se, embora soubesse que ele estava impaciente por partir. – Se te encontrares com o Anthony, fala-lhe das chitas. Acho que ele tem um safári no Mara brevemente e a Allie gosta sempre de o ver. Ah, e tenta descobrir quando a Camilla chega.

– São horas de ir – disse Allie quando Elope pôs o motor a trabalhar. – Mantém esse meu sobrinho na linha, Sarah. Devemos chegar por volta das cinco.

Sarah viu o carro desaparecer no seu rasto de poeira e foi invadida por uma profunda solidão. Mas estava determinada em não ceder a outro ataque de choro. Endireitou os ombros, respirou fundo e virou-se para Hugo.

– Começamos por ver como estão os irmãos – declarou. – Depois tentamos encontrar o *Irial*. Se não conseguirmos localizar nenhum deles, vamos ver a *Lara* e as crias.

Castor e *Pollux* já não se encontravam no seu lugar favorito e Sarah teve esperança de que fosse um bom sinal. Saiu do carro e subiu a um terreno mais elevado. Hugo seguiu-a e ficaram ambos a contemplar a planície e o contorno do afloramento rochoso onde haviam encontrado *Ajax*. Sarah sentiu um aperto no coração, o odor forte do sangue viscoso e coagulado e a

sensação da rica pelagem da chita ainda frescos na sua memória. Estremeceu.

– Estás bem? – Hugo ficou preocupado.

– Estou. Estou só a distanciar-me da...

– Da morte da tua chita.

– Ela não pertencia a ninguém, mas admito que sentia um laço especial com ela. Não sei porquê mas, ao fim destes anos todos, ainda não me habituei à imprevisibilidade com que a morte sobrevém nesta região... como a vida pode ser ceifada rápida e barbaramente.

Hugo enterrou as mãos nos bolsos e olhou para os pés. Sarah perguntou-se se o seu desabafo da noite anterior o teria embaraçado. Embora não lamentasse nada, não queria enveredar de novo por esse caminho. Voltou ao tópico das chitas.

– Seria de pensar que, se uma delas ia morrer, teria sido o *Irial* – disse ela.

– Nunca o *Ajax*. Mas o mato é assim. – Armou-se de coragem. – Temos de procurar os irmãos entre este sítio e o rio.

Seguiram um percurso sinuoso que os fez entrar e sair de *luggas* secos, atravessando uma savana onde se viam topi e gnus dispersos. Na floresta, uma trupe de babuínos guinchava e baloiçava-se nos ramos das árvores. Os adultos olharam para o veículo que se movia lentamente por baixo deles, coçando as cabeças, os seus focinhos de velhos solenes e curiosos. Os mais pequenos saltaram para os ramos superiores, embatendo uns contra os outros e oscilando sobre o tejadilho aberto do carro. Mais à frente, soou um esmagar e estalar de ramos e uma família de elefantes emergiu da vegetação densa, arrancando jovens árvores com uma força natural ao passarem e comendo as folhas e os caules tenros.

– Pára, Hugo. – Sarah pegou na câmara e pôs-se de pé no assento para conseguir uma imagem melhor.

Numa questão de minutos, as enormes criaturas haviam-se afastado no terreno coberto de vegetação grosseira, sumindo-se entre os arbustos, como se nunca tivessem passado por ali. Todos à excepção de um jovem macho que se demorou a examinar o carro. Sentindo a necessidade de exhibir a sua importância, assumiu uma pose agressiva, abanando as orelhas, levantando

a tromba no ar e soltando barridos, numa manifestação de força. Fez algumas breves investidas contra o veículo. Quando se virou à espera do reconhecimento da família e se apercebeu que já tinham desaparecido todos, precipitou-se atrás da mãe, a tromba estendida e a cauda levantada, chamando freneticamente por ela ao afastar-se. Sarah estava a rir-se quando pousou a câmara.

– Há qualquer coisa de enternecedor num jovem elefante visto de trás. – Hugo também se estava a rir. – As orelhas enormes e as pernas enrugadas, os movimentos um tanto descoordenados e aquela cauda absurda.

Continuaram num ritmo vagaroso, parando para admirar dois antílopes-d'água junto a uma clareira, as suas orelhas compridas e aveludadas e o pêlo espesso a reluzir sob o sol da manhã. As pradarias estavam a fervilhar de gazelas e impalas, muitas com as crias atrás.

– É um bom local para caçar – disse Sarah. – Pode ser que encontremos aqui o par.

– Pensei que a esta hora já se tivessem abrigado do calor tórrido.

– Nem sempre. Os leões e as hienas geralmente não andam por aí ou já estão saciados com alguma presa que mataram de manhã. – Sarah parou o carro numa elevação e esquadrinhou a planície com o binóculo. – As manadas estão menos alerta, as suas reacções são mais lentas. É uma altura estratégica para as chitas caçarem. E lá estão elas! Olha! – Apontou em frente para um movimento entre os longos caules de aveia brava. – Estão de olho numa pequena gazela.

Hugo seguiu a direcção do dedo dela e viu a presa deles, aproximando-se perigosamente da ameaça escondida. Observou, hipnotizado, os dois felinos a irromper inesperadamente de entre as ervas, pondo a manada em debandada e saltando sobre a vítima. Acabou tudo numa questão de segundos. Quando Sarah aproximou o veículo, já as chitas haviam comido a maior parte da carne da carcaça. Os dois animais estavam vigilantes, parando enquanto mastigavam para olhar em volta, os focinhos vermelhos do sangue.

– É espantosa a rapidez com que limpam o animal – disse Hugo.

– Necessidade – respondeu Sarah, inspeccionando o horizonte. – Têm de ser rápidos para não ficarem sem ela e o repasto nem é nada de especial, tendo em conta que são duas. Mas não há sinais do *Irial*.

Olhou de relance para Hugo e viu que ele estava a desenhar um esboço das chitas no seu caderno. O desenho evidenciava uma economia de traços mas havia movimento e vida nos animais, e captara bem a sua postura nervosa enquanto comiam.

– Belos desenhos – disse ela, olhando mais de perto.

– Adoro desenhar. – Corou com o elogio dela. – Faço desenhos desde pequeno. Foi a Allie que me encorajou a levá-los mais a sério. Em criança, mandava-lhe os meus melhores desenhos e ela deu cabo da cabeça aos meus pais para me pagarem aulas particulares. A certa altura, sonhei em tornar-me artista mas, na adolescência, senti-me cada vez mais atraído pelo mundo da ciência e decidi dedicar-me ao desenho e à pintura como um passatempo.

– Que dizes se usarmos alguns dos teus esboços no novo livro? – Sarah folheou os desenhos dele com interesse. – Podiam dar excelentes introduções aos capítulos, por exemplo.

– Achas que sim? – A surpresa de Hugo era cativante.

– Tenho de perguntar ao Rabindra. E ao John Sinclair, claro.

– Gostava muito de contribuir, se considerarem que têm qualidade. Pela Allie. – Hesitou e, com uma temeridade pouco habitual, acrescentou. – E por ti.

Continuaram em busca de *Irial*. Foram encontrá-lo deitado num termiteiro, ofegante, enquanto uma manada de impalas pastava um pouco mais longe.

– Vês como respira depressa? – disse Sarah. – Tenho a impressão de que acaba de se envolver numa caçada. Atrás de um animal que escapou.

– Queres ficar a acompanhá-lo?

– Acho que sim. Parece estar a preparar-se para um confronto com os irmãos, mas o facto de eles terem comido dá-lhes vantagem se ele tentar desafiá-los.

Passaram mais uma hora à espera mas *Irial* não se mexeu. O calor na cabina do *Toyota* intensificou-se e, à medida que os minutos passavam, conversaram mais sobre as suas vidas e os percursos que os haviam trazido a este lugar em África. Sarah decidira mudar-se para um local mais ensombrado quando a chita se levantou, esticou completamente o corpo comprido e magro e soltou um grande bocejo. Depois, passando rapidamente os olhos à sua volta, afastou-se a trotar na direcção do rio, parando em cada árvore e monte de terra para farejar e examinar os odores deixados por outros animais e para largar fezes e as suas próprias secreções.

– Cada árvore, arbusto ou pedra é um autêntico quadro de informações. Ela consegue cheirar precisamente que animais por ali passaram – explicou Sarah. – O odor dos irmãos já lhe é familiar e, se andar por aqui uma fêmea, sabe se está no cio e em que direcção foi.

Observou *Irial* pelo binóculo até ele quase desaparecer de vista e depois pôs o carro a trabalhar. Seguiram a chita a uma distância que não a ameaçasse nem a distraísse e ela conduziu-os infalivelmente ao sítio onde *Castor* e *Pollux* já estavam ocupados a perseguir uma manada de zebras que se juntara numa depressão natural com um pouco de água. Moviam-se através das ervas vários potros, perto das mães. As chitas estavam imobilizadas ligeiramente acima da bacia, com uma vista panorâmica de toda a manada. Hugo seguiu o exemplo de Sarah, que se levantou cautelosamente para obter um melhor ângulo fotográfico do tejadilho.

Irial estava também a observar de um ponto privilegiado. Estava deitado, abanando a cauda de expectativa, os olhos dourados firmemente fixos na caçada. Uma jovem zebra, distraída por qualquer coisa nas ervas densas, afastou-se da protecção do flanco da mãe. Foi o sinal para os irmãos entrarem em acção. Um deles largou em corrida para separar o potro dos companheiros, enquanto o outro se colocava entre a vítima e a mãe. A manada afastou-se a galope, em pânico com o cheiro dos felinos, os gritos da mãe e as nuvens de poeira elevando-se à sua volta. Com um poderoso salto final, *Castor* aterrou na garupa da zebra enquanto *Pollux* saltou bruscamente para atacar as pernas dianteiras. A vítima afundou-se na terra calcada e as chitas usaram as garras para a esventrar e começar a comer.

– É sempre tão brutal – disse Hugo, com fascínio horrorizado. – Não posso deixar de querer que as zebras escapem, embora saiba que as chitas têm de comer. Como é que consegues habituar-te a toda esta matança e sangue?

– Não consigo – disse Sarah. – Como já viste.

– É muito diferente de estudar costumes tribais na América do Sul. – Hugo ajustou os óculos. – Uma vez, encontrei uma cobra enorme na minha cama de rede e parecia que estávamos sob o ataque de todos os insectos da Amazónia, mas nunca me deparei com tanta carnificina tão regularmente.

– De facto é muito diferente de estudar elefantes – disse Sarah. – Eles não perseguem outros animais mas são alvo de outros predadores. Sobretudo caçadores ilegais, o que é extremamente problemático. – Virou-se à procura de *Irial* e estacou. – Hugo, olha! Observa o *Irial*!

A chita solitária tinha começado a descer por um dos lados da depressão, arrastando-se sobre a barriga na direcção dos dois irmãos e da presa deles. Sarah susteve a respiração, sem saber se era capaz de ver os três a destruir-se uns aos outros numa luta pela supremacia e por alimento. *Irial* ia-se aproximando, parando de longe a longe para se certificar de que não era observado, mas os irmãos continuaram a comer, concentrados na carne da zebra. Sarah esperou que o intruso largasse a correr e afugentasse os rivais do animal morto. Mas ele voltou a parar. Nesse momento, fez algo de completamente inesperado, sentando-se erecto, de modo a que os outros pudessem vê-lo. Hugo olhou para Sarah mas ela abanou a cabeça e encolheu os ombros, incapaz de compreender o que se estava a passar. *Castor* e *Pollux* haviam tomado consciência do invasor e agora também eles se sentaram erectos, fixando-o.

– Oh, meu Deus, por favor, não os deixes lutar. – Sarah agarrou no braço de Hugo e começou a rezar entre dentes.

Castor abanava ameaçadoramente a cauda mas não se mexeu. *Pollux* acocorou-se, esperando talvez um sinal do irmão. Pouco depois, *Irial* surgiu a alguns passos deles e ficaram a olhar uns para os outros durante alguns momentos de tensão. Tudo à volta deles parecia ter-se imobilizado e todos os outros sons haviam desaparecido, excepto a respiração dos três felinos,

que Sarah estava convicta de ouvir. Subitamente, abandonando o confronto, *Castor* virou-se de novo para a zebra morta, seguido pelo irmão. Em seguida, *Irial* aproximou-se lentamente e enterrou o focinho na garupa fresca e brilhante do potro e as três chitas continuaram a comer como se tivessem pertencido sempre ao mesmo grupo de irmãos.

– Espantoso! Irreal – disse Sarah repetidas vezes. Parou de filmar, abraçou Hugo, deliciada, e voltou para a câmara, o obturador emitindo furiosamente estalido atrás de estalido enquanto procurava captar todos os aspectos do extraordinário acontecimento. – E tivemos a sorte de assistir. Que pena o Rabindrah ter perdido isto, e a Allie também.

Permaneceram juntos no tejadilho aberto, observando as três chitas a devorar a carcaça e a moverem-se para a sombra do tronco cinzento e sulcado e da folhagem prateada de uma árvore *leleshwa*.

– Olha para eles a lavarem-se uns aos outros. – Sarah estava exultante. – Agora são uma família. O *Irial* tem companhia e os outros têm um substituto para o irmão. Vão dar-se todos bem, Hugo.

Quando chegaram ao acampamento, Sarah saltou do carro e correu a relatar os extraordinários acontecimentos do dia, os olhos brilhantes de excitação. Allie ouviu, quase incrédula, e até Erope se declarou espantado quando se dirigiram para a tenda da messe para celebrar.

– Amanhã de manhã damos uma vista de olhos – disse Allie, erguendo a cerveja gelada num brinde. – Se ainda estiverem juntos, justifica um relatório excepcional sobre padrões de comportamento. E talvez novo financiamento. Devo dizer que a melhor parte desta profissão é que os animais nunca param de nos espantar. Bom trabalho, os dois.

– Posso tentar o Rabindrah pelo rádio? – Sarah pensou nele, sozinho em Nairobi, a fazer pesquisa para um artigo que nunca poderia ter a importância da ocorrência que haviam acabado de testemunhar.

– Foi pena não ter estado lá – disse Allie. – Vai lá dizer-lhe o que perdeu.

No entanto, ninguém atendeu em casa em Nairobi e Sarah descobriu que não ficou particularmente aborrecida. Teria sido difícil descrever os eventos do dia sem dar a impressão de que estava a censurá-lo por não ter estado com ela.

– As notas e observações do Hugo são rigorosas – disse Allie quando Sarah voltou para a sua cadeira junto à lareira. – Vocês os dois fazem uma boa equipa. Estão em sintonia.

– Tens razão – disse Sarah.

Virou-se para sorrir a Hugo mas ele não a encarou. Levantou-se, entornando o resto do vinho, e com um comentário inaudível, saiu num passo vacilante para a escuridão.

CAPÍTULO 12

Quénia, Setembro de 1977

Não havia sinais de Anthony quando o avião proveniente de Londres aterrou numa manhã limpa. Camilla repreendeu-se por ter alimentado mais uma fantasia, deixando o pessoal da companhia aérea acompanhá-la para o salão VIP e localizar a sua bagagem. A viagem parecera mais longa do que habitualmente e ela não conseguira dormir nem sequer ouvir música pelos auriculares. Do lado de fora da zona da alfândega, avistou Sammy, o condutor principal de safári de Anthony. O seu rosto redondo estava sorridente.

– O Anthony pediu-me para conduzi-la ao aeroporto de Wilson – disse ele.
– O avião está à espera para levá-la para Lamu. Ele já lá está, no Hotel Peponi.

– Lamu? Que interessante. – Ela sorriu-lhe. – Mas eu tenho *kazi mingi* à minha espera. Preciso de dois dias em Nairobi e em Langani. Se não te importas, leva-me antes para casa, agradeço muito.

– *Hapana*. – Sammy assumiu uma expressão solene, respeitosa mas obstinada. – Tenho de levá-la ao aeroporto de Wilson – repetiu. – O avião está à espera.

– Estou demasiado cansada para discutir isto, Sammy – disse ela. – E tenho muito que fazer. Eu ligo ao *bwana* Anthony quando chegar a casa e digo-lhe que chego a tempo do aniversário da Hannah.

– Ele disse que tem de ir hoje – disse Sammy.

– Isto é ridículo. – Camilla estava irritada e incrédula. – No dia do aniversário vou de avião. Mas primeiro tenho de ir a Langani. Talvez viaje com os Olsen.

– O Anthony já organizou tudo – insistiu Sammy. – O avião está à espera.
– Recusando-se a dizer mais, plantou-se ao lado dela com um ar de determinação inflexível.

– Dá-me trocos. – Camilla estava demasiado cansada para continuar a discussão. – Preciso de voltar ao terminal e fazer uma chamada. – Na zona das chegadas, encontrou um telefone e ligou para Langani, onde Mwangi atendeu o telefone.

– A Mama Hannah não está aqui agora – foi a resposta dele. – O *bwana* Lars também saiu.

– Faço tenções de viajar para Langani ao fim da tarde – disse Camilla. – Tenho coisas para deixar na oficina. A Mama Hannah já terá voltado?

Mwangi hesitou antes de voltar a falar. – *Hapana*. E acho que não vai voltar tão cedo.

Camilla despediu-se, desligou e ligou para casa dos Singh. Ninguém atendeu e ela ficou ao lado do telefone, ponderando o seu próximo passo. Uma onda de fadiga apoderou-se dela e pensou nos muitos compromissos que concentrara nos seus últimos dias em Londres. Talvez não fosse essencial que seguisse imediatamente para a fazenda.

– Vamos chegar a um compromisso, Sammy. – Abriu os braços, meio a rir.
– Se me lebares a casa para pegar em alguma roupa para a costa, vou para Lamu. Mas tenho de ligar para o aeroporto de Wilson a dizer que vou chegar atrasada.

Anthony estava à espera na pista de aterragem de Manda Island, bronzeado e em forma. O seu cabelo exibia mais reflexos ruivos e o sol conferira ao seu rosto uma nova galáxia de sardas. Os seus olhos estavam risonhos e há anos que ela não via aquela cara magra e sorridente tão relaxada.

– *Karibuni* – disse ele, beijando-lhe a face. Olhou de relance para ela, serena e bela. Levou menos de um minuto a perceber que a sua fachada calma não passava de um disfarce.

– Gosto muito de Lamu, como bem sabes, mas não gosto de receber ordens – disse ela. – Não sou um membro inferior do teu pessoal que tem

de largar tudo e vir a correr quando chamas. Tinha planos para ir a Langani e o aniversário da Hannah é só daqui a dois dias. O que é que te passou pela cabeça?

– Que precisavas de uma pausa depois de Londres – disse ele. – Tentas sempre fazer demasiadas coisas nos últimos dias. Ali, pega nas malas e põe-nas no *mashua*, por favor.

Ela subiu para o barco de madeira baixo e, ao sentar-se na proa, o motor começou a trabalhar ruidosamente. Durante os quinze minutos seguintes, foi impossível conversar enquanto atravessavam o canal a toda a velocidade para Lamu e viravam, ao longo da costa, passando pela vila e pelo molhe principal com os seus *dhow*s ancorados, na direcção da aldeia de Shela.

A ilha sempre fora para Camilla um lugar de recordações felizes de infância, onde os pais a levavam a visitar Henri Bernier, um dos seus melhores amigos. Nesse tempo, viajavam de carro para norte, desde Mombaça, atravessando ribeiros em *ferries* puxados à mão, aos saltos por estradas de terra batida esburacadas, antes de deixarem o carro e embarcarem num pequeno *dhow* para a última etapa da viagem para Shela. A casa de Bernier era uma residência suaíli tradicional, construída em torno de um pátio cheio de exuberantes buganvílias, hibiscos e frangipânis. No interior, havia soalhos encerados com alguns tapetes persas e mobiliário da ilha muito trabalhado. Na maré alta, o mar marulhava contra as paredes e, por baixo do quarto dela, havia uma praia extensa e prateada. Os pescadores iam e vinham com os seus barcos e chegavam *dhow*s à vela de destinos próximos e distantes. Mulheres vestidas com *bui buis* pretos caminhavam pela praia com os filhos e burros com pernas finíssimas transportavam alforjes cheios de areia e blocos de coral para a construção. Camilla nunca se sentira só em Lamu, embora passasse muito tempo sozinha. Ao fim de algum tempo, as crianças da aldeia perdiam a timidez e iam nadar com ela diante da casa. Ensinavam-na a correr com os seus arcos, pelos caminhos estreitos entre casas altas de telhados de palhiço. Ela gostava de ouvir a chamada à oração da mesquita e o bater das sandálias quando os fiéis passavam pela casa ao irem prestar culto.

As gentes locais paravam para cumprimentar a menina, nas manhãs em que ela andava a pé pela vila de Lamu. Acácias de copas planas projectavam uma sombra rendilhada sobre o trilho que acompanhava o oceano. O trânsito que passava incluía os proprietários das *dukas*, que por vezes iam a pé mas, com mais frequência, se deslocavam em pequenos e robustos burros, com os pés do cavaleiro quase a tocar o chão. Homens trajando *kikois* coloridos ou túnicas brancas e chapéus redondos bordados, sentavam-se em bancos de pedra ao longo da linha marítima. Havia *dhow*s fundeados, com destino ao golfo Pérsico, descarregando alimentos e *debbis* de parafina, produtos secos, galinhas e cabras, sacos de arroz e farinha e rolos de tecido. Acocorada à sombra de um barco em construção, Camilla aprendeu a admirar a curva de cada casco e proa, como se possuísse o olho experiente de um construtor de barcos. Gostava de observar as tábuas a serem cuidadosamente montadas com uma perícia transmitida ao longo de inúmeras gerações. Vendedores de fruta, na praça do mercado, chamavam a *mzungu toto*, oferecendo mangas sumarentas e papaias salpicadas de lima ou bananas gordas e doces. Parava sempre na sua barraca favorita onde, a troco de parte da sua semanada, comprava um coco verde com a parte de cima cortada pela lâmina afiada de uma *panga*. Inclinando a cabeça para trás, bebia a água doce, deixando-a escorrer-lhe pelo queixo para o vestido de algodão. O vendedor oferecia então uma colher, moldada da casca, que ela usava para raspar a polpa doce e fofa do fruto verde. Camilla metia-se sempre em sarilhos nos dias em que a mãe decidia acompanhá-la. Nestas ocasiões, Marina Broughton-Smith usava um grande chapéu de palha e um vestido (ou saia) comprido e vaporoso que cobria a sua pele perfeita, à maneira das mulheres de Lamu que, por diferentes razões, se escondiam por baixo dos seus *bui buis* pretos. «George, olha para aquela criança, querido», dizia Marina sobre Camilla, na voz doce e ofegante que conseguia parecer crítica. «Tem a roupa coberta de uma porcaria pegajosa e a cara e as mãos estão imundas. Sabe Deus que comida cheia de moscas andou a comer. Espero que não apanhe nenhuma doença terrível e nos estrague as férias.»

Mas Camilla nunca adoecia e Henri era perito em desviar a atenção de Marina para alguma planta ou artefacto exótico. Pelo canto do olho,

Camilla via-o seleccionar ingredientes para o jantar, explicando as suas escolhas à sua bela mãe, enquanto o criado guardava tudo num espaçoso *kikapu*. Depois continuavam pelas vielas estreitas onde ele apontava para os símbolos nas antigas portas trabalhadas, com os seus rebites de latão, ou recomendava a compra de alguma peça de prata árabe, numa das lojas antigas, e Marina sorria e esquecia-se da filha irritante. A visita à vila terminava geralmente no terraço do Petley's Hotel, virado ao mar, ou com um dos amigos de Henri que oferecia chá em pequenos copos ou sumo de laranjas locais acabadas de espremer. Os pais bebiam *gin* tónico com rodela de lima e comiam fritos de marisco picantes.

Olhando para trás, Camilla compreendia que Lamu era o lugar onde Marina fora mais feliz. Na velha casa suaíli, não havia longos silêncios nem conversas acrimoniosas entre os pais. Não batiam portas quando o pai se refugiava no seu escritório e a mãe se isolava no quarto, assegurando que todos em casa se apercebessem dos seus soluços discretos mas audíveis. A vida que Camilla conhecia em Nairobi passava por uma transformação milagrosa em Lamu. Os dias tornavam-se tão suaves como as brisas do oceano que impeliam os grandes *dhow*s dentro e fora de portos distantes e a infância tornava-se uma realidade.

À tardinha, sentava-se num banco baixo aos pés de Henri que, aumentando a luz do candeeiro, lhe lia em voz alta. Os seus livros encadernados a couro narravam a história da ilha e dos seus diversos habitantes ao longo dos séculos. À noite dormia num quarto onde uma candeia de parafina iluminava as ondas que dançavam sob a sua janela. Camilla fechava então os olhos e escutava a música do mar, rezando a Deus e a Alá para que pudesse ali ficar para sempre e nunca mais regressar à mansão fria e hostil que os pais habitavam em Nairobi.

Durante os seus anos em Londres, quando ascendeu ao estrelato no mundo da moda, a saúde de Henri deteriorara-se e ele vendera a casa em Shela, tendo ido viver para Mombaça. Inicialmente, Camilla decidiu nunca mais lá voltar. Mas a propriedade tornara-se no Hotel Peponi, pertencia agora a amigos dinamarqueses que a geriam e haviam preservado a sua

tranquilidade e integridade intactas, e ela acabara por apreciar as suas raras visitas.

A sua disposição melhorou ao atravessar o cintilante curso de água. O odor do mar e o ar tranquilo e sedutor começaram a infiltrar-se no seu corpo e no seu espírito. Quando tirou as sandálias e caminhou para terra, viu Hannah em primeiro lugar, a acenar no terraço do hotel. As suas grandes gargalhadas recordaram a Camilla a maneira como ela irrompia neste mesmo riso sonoro na escola, até tapar a boca ao ser repreendida por uma das freiras por um comportamento tão pouco senhoril. Sarah estava a abraçá-la e a sorrir quando Rabindrah e Lars apareceram, seguidos por Suniva e Piet. E James.

– Com que então era aqui que estavam todos escondidos quando lhes liguei hoje de manhã. Mas para quê este secretismo todo? E não têm vergonha de terem obrigado o Mwangi a mentir descaradamente?

– É o fim-de-semana do meu aniversário – disse Hannah. – E o Anthony insistiu em organizá-lo de maneira a não saberes que estávamos à tua espera. Agora que chegaste, podemos começar a celebrar.

Estavam no terraço sobre a praia, como amigos reunidos e à vontade na companhia uns dos outros. Em crianças, as suas origens tinham sido as mais diversas, mas haviam aprendido a amar-se reciprocamente apesar das suas diferenças e a partilhar uma paixão e respeito pelo esplendor selvagem do seu país de eleição. Uma terra que arrebatara, com selvajaria cruel, pessoas e bens que estimavam. Um lugar onde um dia poderiam não restar vestígios da sua passagem pelas suas planícies poeirentas ou pelas suas montanhas verdejantes. Mas continuavam a amá-lo.

– Estou espantada com a complexidade do teu plano – disse Camilla, quando Anthony a acompanhou ao quarto. – Não parece ter muito a ver contigo, embora não me esteja a queixar.

– Achei que seria um sítio ideal para os anos da Hannah e sei que não vens aqui há bastante tempo – disse ele. – Quanto à Sarah, sempre foi um peixe disfarçado de gente desde a infância dela em Mombaça. Há um limite para

o número de elefantes e chitas que ela aguenta antes de começar a suspirar pelo mar.

– Não te falta imaginação e generosidade de espírito – disse ela alegremente, passando os olhos pelo quarto e registando a cama trabalhada de dossel, os velhos tabuleiros e lanternas de cobre e a jarra de flores de frangipâni. – Pelos vistos, és o mestre das surpresas.

– E pode haver mais – disse ele. – Entretanto, o almoço está pronto.

– Ele insistiu para que viéssemos passar os meus anos num lugar especial – disse Hannah, quando estavam a relaxar, à tarde, no bálsamo azul do mar. – Disse que há muito tempo que não fazíamos nada juntos. Embora tivéssemos tido uma discussão há pouco tempo. Fiquei furiosa por ele ter levado o James da fazenda quando estávamos na Noruega.

– Porque é que ele o levou? – perguntou Camilla.

– Depois de partirmos, o James foi espancado por uns rapazes da sanzala. Como tal, o Anthony decidiu que ele o ia ajudar no acampamento para não se meter em mais sarilhos até nós chegarmos.

– Parece-me razoável – disse Camilla.

– Achei que foi uma maneira errada de lidar com o problema – retorquiu Hannah. – Falámos com ele da Noruega ao telefone mas ele não nos contou o que tinha acontecido. Nem nos pediu a opinião sobre o que devia fazer.

– Não quis estragar as vossas férias – disse Sarah.

– Lá no fundo, é um ditador. – O comentário de Camilla foi suavizado por um sorriso.

– Pois, mas aborreceu o David. – Hannah não estava disposta a deixar-se convencer facilmente. – O Anthony sugeriu que ele era, em parte, culpado pelo que aconteceu, mas isso não é verdade. O David e até o velho Kamau ainda estão zangados por causa desta história. E a Suniva fez uma birra tremenda quando chegou a casa e descobriu que o James não estava. A propósito, podias ter-me falado dos postais.

– Presumi que a Suniva te dissesse. – Camilla sentiu-se uma cobarde por lançar as culpas à criança.

– Tens de admitir que foi boa ideia levar o James – disse Sarah. – O David pode estar aborrecido, mas isso passa.

– Suponho que sim. Mas as cartas e os postais da Suniva acabaram por ser parte do problema – disse Hannah. – Começou a correr o rumor de que eu andava a mandar dinheiro ao James e os outros rapazes da fazenda ficaram cheios de ciúmes. E violentos.

– Valha-me Deus. De boas intenções está o inferno cheio e tudo isso. – Camilla levantou languidamente uma mão da água. – Desculpa, Han.

– Não, desculpa eu. – Hannah sentiu-se de súbito envergonhada. – Não sei porque é que falei no assunto. Divertimo-nos contigo em Londres, e nunca mais nos vamos esquecer. Nunca mais. E adorámos as férias na Noruega, apesar de ensombradas pelo problema do Piet.

– Explica lá o que disse o especialista. – Sarah sentia uma pena enorme do rapazinho.

– Tem o tímpano perfurado de um lado que talvez feche por si. Mas o problema é que os dois ouvidos foram afectados pela sucessão de infecções que o atormentam há um ano, mais ou menos – disse Hannah. – Não fazíamos ideia de que estas coisas podiam ir contribuindo para as lesões dentro da estrutura do ouvido mas os exames do Dr. Enright mostraram que o Piet perdeu mais de sessenta por cento da audição. Não me perdoo por não ter compreendido mais cedo por que razão se tinha tornado tão reservado. Tomou uma série de injeções de antibióticos e está a tomar comprimidos para evitar novas infecções. Anda com tampões nos dois ouvidos para impedir o risco de uma infecção, porque é impossível evitar que se meta no mar.

– E o que se vai passar agora? – Camilla olhou para o rapaz, que estava a encher alegremente um balde com água e a molhar a areia para construir uma fortaleza.

– Temos de esperar algumas semanas antes de tomar uma decisão final sobre uma operação – disse Hannah. – Ainda é possível que recupere a audição no ouvido perfurado. Caso contrário... – A sua voz prendeu-se-lhe na garganta e, por um momento, mergulhou debaixo de água.

– Orações – disse Camilla. – É melhor optarmos por um dos teus programas de acender velas, Sarah.

– Não sei se são eficazes – disse Sarah. – Dá-me ideia que me foi cortada a comunicação há já algum tempo.

– Seja como for, sinto-me optimista. – Hannah emergiu, mais uma vez controlada. – Parte das lesões pode sarar por si e a operação tem boas hipóteses de sucesso. Entretanto, tivemos algumas aulas com um professor para surdos que nos aconselhou sobre como lidar com questões do dia-a-dia e mantê-lo animado. Não é fácil, mas estamos a aprender. A Suniva tem reagido muito bem. Está sempre atenta para não lhe escapar nada, dando-lhe pontadas nas costelas quando ele não nos ouve. E o James envolve-o em tudo o que eles estão a dizer e a fazer. Os três já inventaram um sistema de comunicação próprio e estão a aprender a linguagem gestual para se divertirem, fazendo caretas e rindo-se com o Piet e assim. – Suspirou. – Com este problema todo e a seca na fazenda devido à falta de chuva, sinceramente não sei o que estamos a fazer aqui.

– É bom ver aqui o James. – Sarah observava as crianças, que estavam a rir-se e a chapinhar-se umas às outras no mar morno.

– Ele sempre nos acompanhou nas férias na costa e em safári. – O tom de Hannah era tenso. – Não percebo porque é que toda a gente está sempre a azucrinar-me com perguntas sobre o James. Olha para ele, a brincar como de costume com os outros. A divertir-se. Que mais é que hei-de fazer por ele?

– Deste-lhe uma vida e uma família que o ama, e são esses os bens mais preciosos que qualquer pessoa pode ter – disse Sarah, numa tentativa para a reconfortar. – Estão os três a divertir-se. E nós também.

– Quando o Anthony sugeriu que viéssemos, disse-lhe que não. Acabámos de gastar uma grande fatia das nossas economias na viagem à Europa – disse Hannah. – Foi o Lars que insistiu que nos faria bem a todos depois das preocupações com o problema do Piet.

– Eu não hesitei um minuto – disse Sarah. – Adoro estar no *bundu* mas hei-de ser sempre uma filha do oceano Índico. O Rabindrah também quis

vir, o que foi uma surpresa agradável. Ultimamente mal lhe tenho posto os olhos em cima.

– O que é que isso quer dizer? – Camilla detectou um tom de desalento. – As coisas com o novo livro não estão a correr bem?

– Está a ter dificuldade em adaptar-se à notícia do especialista irlandês – disse Sarah.

– Sim, deve ser difícil para ele. – Camilla nadou para junto de Sarah, molhando-a na brincadeira. – Mas, pelo menos, sabes que podes ter filhos. Disseste ao telefone que o especialista tinha sugerido um medicamento para a fertilidade.

– Estou a tomá-lo – disse Sarah. – Mas o sexo também é necessário e isso está a escassear.

– *Ach*, talvez seja bom estarmos todos aqui. – Hannah ficou surpreendida com a amargura da afirmação. – Talvez levante o ânimo do Lars. As coisas também têm estado complicadas entre nós desde que surgiu o problema com o Piet. E tivemos uma discussão terrível em casa dos pais dele. Nas minhas costas, sugeriram que vendêssemos Langani e tomássemos conta da quinta deles na imaculada Noruega.

– Não imagino o Lars a ir nessa, e tenho a certeza de que não te quiseram aborrecer – disse Sarah.

– Tens razão, mas fiquei furiosa quando discutiram o assunto com o Lars e a Ilse sem eu estar presente para dar a minha opinião. Deu para arrefecer a paixão, acredita.

– Bolas, estou muito desactualizada – disse Camilla. – Há mais notícias que eu deva ouvir?

– Eu tenho uma – disse Hannah. – Estou grávida.

– Grávida e paixão arrefecida? Não me parecem fazer parte da mesma equação – disse Camilla, rindo. – É fantástico, Han. Esplêndido.

– Fico muito feliz por ti e pelo Lars – disse Sarah, com um sorriso corajoso. – E há-de ser óptimo para os outros três, um novo membro na família.

– Foi na Noruega. – Hannah estava consciente do efeito da notícia sobre Sarah. – Antes do nosso desentendimento. Talvez outro filho nascido no

Quénia convença o Lars de que o nosso lugar é aqui. Não sei... tenho evitado o assunto.

– Se há sítio capaz de operar milagres no Lars, é Lamu – disse Camilla. – E aplica-se o mesmo ao Rabindrah. Seja o que for que estamos aqui a fazer.

– Estamos aqui por ordem do Anthony – disse Sarah. – Para relaxarmos no mar e esquecermos as preocupações. Há anos que não vinha aqui e agrada-me ver que não mudou. Não há carros, os edifícios com telhados de palhiço são os mesmos e os burros, as cabras e os gatos continuam a vaguear pelas vielas de saibro. É um paraíso.

– Detesto dizer isto. – Camilla prosseguiu, mesmo assim. – Mas, na minha experiência, o Anthony nunca faz nada sem uma razão e normalmente funciona a favor dele. Achei a ideia de uma festa dos anos 30 e das roupas esplendorosas muito estranha.

– O quê? Que roupas esplendorosas? – perguntou Sarah.

– Ele não vos disse? – admirou-se Camilla. – Ainda bem que trouxe vestidos para nós. Mas foi complicado seleccionar coisas sofisticadas, estilo actriz de cinema, que pudéssemos vestir neste clima.

– Que diabo estás a dizer? Não sei nada sobre isso – disse Hannah.

– Eu também não. – Sarah estava espantada.

– Logo vi que ele andava a congeminar qualquer coisa – disse Camilla, num misto de triunfo e aversão. – Aposto que tem clientes podres de ricos a chegar amanhã e quer que a gente os impressione. Como se estivéssemos num filme de Happy Valley.

– Ele não é calculista a esse ponto – disse Sarah, ignorando a incredulidade evidente de Camilla. – Mas parece andar agitado. E nervoso. Não temos estado muito com ele. Ontem passou o dia todo na vila de Lamu ou ao telefone no escritório.

– Acho que devemos dizer-lhe que está demasiado calor para vestirmos essas roupas chiques – disse Camilla. – *Kikoi*s e roupa de praia seriam muito melhores para os teus anos, Hannah. Ficas encarregada de arranjar um momento amanhã para lhe dizer, já que a celebração é tua.

– Porque é que as melhores incumbências me caem sempre em cima? – Hannah fez um esgar e riu-se. – Mas digo-lhe até porque acho que nada do

que trouxeste de Londres me serve. – Voltou-se para Camilla. – Ele disse alguma coisa sobre a tua fotografia com o Tom? Deve tê-la visto, ou pelo menos ouvido falar. Nós não nos atrevemos a falar dela.

– A mim não me disse nada sobre coisa nenhuma – respondeu Camilla, franzindo a testa. – Mas, de qualquer maneira, estou entusiasmada com a festa de aniversário, Han, mesmo que ele tenha outros convidados na manga. Só espero que não apareça ninguém da comunicação social. Lembras-te de como fiquei furiosa quando ele me levou para o acampamento dele em Shaba e eu fui lá descobrir um jornalista da secção de viagens do *New York Times*? Fui observada dia e noite.

– Ele nunca fez uma coisa destas – disse Hannah. – Não é o estilo dele.

– Isso não é verdade. – Sarah estava a flutuar de costas, os olhos fechados, a recordar. – Organizou um acampamento para nós quando fizeste vinte e um anos, Han. Em Samburu. O Piet estava connosco. – Não lhes recordou que Piet, na altura, só tinha olhos para Camilla. – Foi quando conheci a Allie e o Dan e arranjei um emprego. Mas foi o Anthony que organizou o safári.

– Isso foi noutra vida – disse Camilla. – Há muito tempo, quando éramos novas, ingénuas e optimistas.

– Mas achas que ele viu o *Daily Mirror*? – Hannah saiu da água e espremeu a água salgada do cabelo louro. – Andava em safári quando foi publicada mas pode-se comprar esse pasquim em todos os quiosques de Nairobi e alguém lhe deve ter chamado a atenção.

– Eu vi e várias pessoas nos falaram dele, a mim e ao Rabindrah – disse Sarah.

– Por amor de Deus – disse Camilla num tom agressivo. – E se viu? Não significou nada e, além disso, não é da conta dele.

– Agrada-me ouvir isso finalmente – disse Hannah com satisfação. – Foi o que te disse em Londres. Ajudas demasiado o Anthony e não pedes nada em troca. E o Tom é louco por ti, ainda que prefiras ignorá-lo. Por isso, talvez signifique alguma coisa, sobretudo do ponto de vista do Tom.

– Quando cá voltei para o funeral do meu pai foste tu e a Sarah que insistiram que eu devia ficar, se gostava do Anthony – disse Camilla. – E eu

fiquei. Construí uma vida aqui, apesar de já ter assentado com o Edward e lhe ter prometido que nunca mais voltava ao Quénia nem estava com o Anthony. Tinha uma vida estável e organizada em Londres.

– No fundo, nunca amaste o Edward – disse Sarah peremptoriamente. – Era uma pessoa de quem podias depender e te dava segurança. Mas era demasiado velho e dedicado ao trabalho dele. Nesse tempo, não querias ninguém senão o Anthony, mesmo quando ele te desiludiu.

– Bem, passo muito bem sem ele agora, os tempos mudaram – disse Camilla.

– Mas ele nunca está muito longe – contrapôs Sarah.

– A propósito, onde é que *está* o Anthony? – Hannah estendeu uma toalha na praia e deitou-se ao sol. – Virá tomar banho connosco?

– Está na varanda do nosso quarto. – Sarah apontou para cima. – A falar com o Rabindrah sobre uma história qualquer em que ele está a trabalhar. Aliás, não sei se não será por isso que o meu marido veio. Ultimamente tem andado tão absorvido em pesquisa que quase não aparece no Mara. Nem sequer sei qual é o tópico embora, por qualquer razão, o Anthony pareça estar envolvido.

– Claro que não foi por isso que o Rabindrah veio – disse Camilla. – Quanto ao Anthony, não toma banho em frente às pessoas. Teria de tirar a perna e ser ajudado a entrar para a água. Não consegue fazer isso, nem diante de nós.

– É compreensível – disse Sarah. – Deve custar-lhe entrar a coxear no mar, apoiado em alguém e a mostrar o coto da perna.

– Acho que lhe faria bem ao moral – disse Camilla. – Mas nunca consegui convencê-lo. Bem, vou ler um pouco e dormir uma longa sesta. Não dormi muito no avião e estou cansada. Qual é o programa para esta noite?

– Suponho que nos encontramos todos no bar por volta das sete – disse Hannah. – Uma sesta parece uma ótima ideia. Vou pedir a um dos empregados para ficar de olho nas crianças, embora, nesta idade, detestem a ideia de serem vigiados. Olha só para eles... estão a crescer a olhos vistos, sobretudo o James. Tive de lhes comprar roupas novas e sapatos na semana passada e daqui a pouco tenho de comprar outra vez. Não vejo sinais do

Lars, desconfio que já se refastelou em algum lado, a curar a bebedeira da cerveja e do vinho.

*

Passaram a manhã seguinte na vila de Lamu. Por baixo dos molhes estavam atracados *dhow*s e pequenos barcos de pesca e havia comerciantes a regatear os preços diante de filas de estacas *bariti* finas e robustas para venda. Valiosas na construção, eram usadas como base para aplicar estuque liso em paredes e para sustentar telhados de *makuti* muito entretecidos, que garantiam uma cobertura seca em todas as casas tradicionais. Nas lojas frescas e sombrias, negociantes indianos e suaílis ofereciam sacos de especiarias orientais, sacos de milho e açúcar, candeias e óleo de parafina e bebidas doces em garrafas de vidro castanho. Donas de casa discutiam com os comerciantes o preço de rolos de tecido *kitenge* estampado e joalheria para usar sob as longas vestes, os olhos brilhantes com o desafio da negociação. Havia hena para pintar as mãos e os pés de jovens raparigas prometidas em casamento, juntamente com sabonetes, óleos e perfumes cheirosos, sandálias de missangas e plástico, tachos e panelas, peixe seco e arroz em sacos tecidos que acabariam por ser usados para velas de barcos quando o seu conteúdo fosse guardado ou consumido.

– Que calor. Estou a assar – disse Hannah, ao desembocarem na doca. Encaminhando-se para o Petley’s Hotel em busca de bebidas frescas.

– Os meus pais sempre gostaram deste sítio estranho – disse Camilla. – E podiam pedir uma bebida aqui, o que era um alívio para a Marina, que não era capaz de passar muito tempo sem um *gin* tónico.

– Não podia mandar vir bebidas em Shela quando quisesse? – perguntou Sarah.

– O Henri Bernier costumava ler para mim em voz alta, em Shela, ao final do dia. – Camilla estava a sorrir. – Sobre a história da região. Eu dava imenso valor a essas ocasiões, eram os meus momentos especiais com ele. Anos mais tarde, descobri que, durante esse tempo, o George e a Marina ficavam sentados na varanda do quarto deles, a beber *gin* ou *whisky* que tinham levado na bagagem por sugestão do Henri. Ele tinha-se convertido

ao islamismo e o álcool era um prazer oficialmente proibido numa casa muçulmana. Assim, bebiam *cocktails* em privado antes do jantar e o Petley's era o bar que frequentavam durante o dia.

Durante o resto do dia, divertiram-se a brincar com as crianças na praia, deixando que o suave ar da costa e o doce movimento da maré dissipasse as suas preocupações. À noite, foram pela estrada marginal para jantar com o velho amigo e mentor de Anthony, Bunny Allen, que fora caçador profissional desde os anos 20. A casa dele ficava na praia, uma construção cheia de cantos e recantos de paredes caiadas de branco, à sombra de um telhado alto de palhiço e com um terraço aberto rodeado por exuberantes buganvílias. A sua carreira de caçador tornara-o tão famoso como a realeza europeia e as estrelas de cinema americanas que iam em safári com ele. A conversa ao jantar foi repleta de histórias de romances loucos, aventuras de caça, descrições de ataques de leões e leopardos e investidas de búfalos. Constava que ele fora amante de Ava Gardner e Grace Kelly e da aviadora do mato e autora Beryl Markham. Recusava-se a confirmar as identidades de muitas das celebradas beldades que aparentemente seduzira, embora lhe agradasse a sua reputação e não negasse os relatos sobre os seus envolvimento românticos. Passava da meia-noite quando voltaram para o Peponi pela praia.

– *Lala salama* – disse Anthony, quando os seus convidados atravessaram o relvado iluminado pelo luar. Deteve-se por um momento à beira-mar, contemplando a ondulação escura do oceano e oferecendo uma oração silenciosa pelo amor que não merecia.

Na noite do dia seguinte juntaram-se no terraço sobre o mar e o murmúrio da rebentação. Os homens usavam camisas de algodão sobre os *kikois* tradicionais que tinham à volta da cintura. Sarah e Hannah haviam seleccionado cafetãs bordados em Langani e Hannah prendera o cabelo em cima, enfeitando-o com raminhos de buganvília. Camilla foi a última a aparecer, com o seu impecável *timing*. Escolhera um retalho de tecido *kitenge* azul e turquesa, que lhe envolvia o corpo, preso num dos ombros.

Trazia um cinto largo de prata árabe martelada, uma gargantilha de prata e uma pulseira decorada com conchas.

– Ah, olha para a Camilla! Parece uma princesa saída do mar – disse Suniva, e as crianças juntaram-se logo à volta dela para a inspeccionar e admirar.

Havia uma garrafa grande de champanhe numa mesa no jardim e Anthony ofereceu a Camilla a primeira taça. Estava a sorrir, mas Camilla pressentiu nele qualquer coisa, uma intensidade nervosa que a contaminou, fazendo-a desejar não ter vindo. Não havia nenhum aspecto dele que ela não conhecesse, nenhum brilho nos seus olhos ou trejeito da sua boca que não reconhecesse, nenhum sofrimento que não tivesse vivenciado com ele. E a sua energia electrizante causou-lhe apreensão.

– Dias felizes para todos – disse ele, levantando o copo.

Rabindrah estava sentado no muro de coral, não fazendo qualquer esforço para participar na conversa ou no brinde.

– Doze anos – disse Hannah suavemente. – Faz amanhã doze anos que tive a minha grande festa de aniversário no acampamento do Anthony em Samburu. Parece que foi há uma eternidade. Aconteceu tanta coisa e todos nós enfrentámos privações e acontecimentos trágicos. Mas, apesar de tudo, nós as três, eu, a Sarah e a Camilla, cumprimos a promessa que fizemos em Langani, de que o Piet foi testemunha. Quando fizemos um corte na mão e misturámos o nosso sangue para nos tornarmos irmãos.

– Repetimos esse voto na praia de Watamu, lembram-se? Na véspera de Ano Novo. A última antes da Independência – disse Sarah. – Antes de sermos mandadas para fora.

– Nessa noite estavas connosco, Anthony. – Hannah estendeu o braço para lhe pegar na mão. – Era tudo tão incerto, as pessoas não sabiam se deviam abandonar o país ou continuar e ter fé suficiente para adoptarem a cidadania. Éramos todas muito jovens e, no entanto, tínhamos a certeza de que íamos ficar, apesar de termos sido obrigadas a passar algum tempo longe daqui. E tínhamos razão. Este país continua a ser o lugar a que pertencemos. É a nossa casa. – Viu Lars mexer-se na cadeira, sabendo que ele compreendia a mensagem subjacente às suas palavras. – É por isso que

acho que devemos repetir a nossa promessa esta noite porque não nos separámos durante quase quinze anos, desde esse primeiro dia, e espero que nunca nos separemos.

Juntaram as mãos, cada uma delas pronunciando as palavras que haviam proferido pela primeira vez, na Fazenda Langani, quando eram estudantes. As crianças ficaram na periferia do círculo, de olhos muito abertos e caladas, reconhecendo a solenidade do momento, quando as palavras foram mais uma vez repetidas.

– Prometemos nunca esquecer, sermos sempre fiéis à nossa amizade, dar sempre apoio às nossas irmãs.

– Esta noite tenho uma promessa minha a fazer.

Todos olharam para Anthony, que estava um pouco à parte, o luar realçando as manchas douradas nos seus olhos e destacando o seu nariz aquilino e o seu rosto magro e anguloso. A sua expressão era estranhamente grave, a postura do corpo lembrando um antílope. À espera, testando o ar. Ele voltou a falar.

– Prometo amar e respeitar, acarinhar e confortar e ser fiel a Camilla Broughton-Smith, na pobreza e na riqueza, na doença e na saúde, na alegria e na tristeza, na prosperidade e na adversidade, e dedicar-lhe sempre a mais profunda devoção do meu coração enquanto vivermos. – Aproximou-se dela. – Aceitas casar comigo, Camilla? Eu sei que não te mereço, mas aceitas?

Camilla olhou para ele, atónita, receando que a realidade a tivesse abandonado, que o céu nocturno e estrelado estivesse a levá-la por um caminho que não podia resultar senão noutra miragem. Hesitou, sem saber se podia apagar os vestígios esfarrapados da esperança ou se isto não seria apenas mais uma ilusão. O ar do mar era frio no seu rosto e permaneceu imóvel durante alguns momentos, até que a apreensão que sentira ao longo de todo o dia a deixou, sendo substituída por uma alegria extática que lhe encheu o coração.

– Sim, Anthony – disse ela. – Casar-me-ei contigo e amar-te-ei até ao fim das nossas vidas.

CAPÍTULO 13

Quénia, Setembro de 1977

Sarah reclinou-se na cadeira, o corpo besuntado com o creme solar que fizera com que deixasse dedadas gordurosas nas páginas do seu livro. O sumo na mesa ao seu lado era o tipo de sumo que recordava da infância, das laranjas pequenas e verdes que cresciam ao longo da costa, tão doces como o ar do mar. Para lá do muro de coral, via a sedutora cintilação do oceano Índico, um lampejo que surgia através da exuberância das buganvílias e da alamanda amarela. Um grande *dhow* à vela passou, afastando-se para o alto mar, seguindo a rota comercial secular para o Médio Oriente e para a Índia. Atrás do hotel, ouviu a chamada à oração do meio-dia na mesquita. Quando soubera que o casamento teria lugar na ilha, pensara em Allie.

– Esta tarde chega um avião fretado. – O sorriso de Anthony era radioso e cúmplice, as manchas dançando nos seus olhos. – A Allie está a bordo com alguns amigos de Nairobi e de outros sítios mais distantes.

– Que amigos? Quem mais é que vem?

Sarah morria de curiosidade e gritou a notícia a Hannah e a Lars que estavam a chapinhar no mar, os seus risos ecoando no vento. Mas, apesar da pressão geral, Anthony recusara-se a revelar os nomes dos outros convidados e eles acabaram por desistir.

Pouco antes do meio-dia, ele apareceu, as suas longas passadas descontraídas e confiantes. – Parece que encontraste aí um bom sítio, à sombra do frangipâni. – Sentou-se ao seu lado.

– É um paraíso – disse Sarah. – Devo dizer que correste um grande risco ao organizar tudo isto em segredo. Agora compreendo a necessidade de

roupa chique que me parecia incompreensível.

– Eu sabia que não era característico da minha personalidade – disse Anthony, num tom embaraçado. – Admira-me que não tenha cheirado a esturro à Camilla e que ela não me tenha assediado com perguntas.

– Oh, já sabes como ela aproveita todas as oportunidades para nos vestir, a mim e à Hannah, em condições – disse Sarah. – Mas e se ela tivesse dito que não?

– Nesse caso, tinha o que merecia, suponho. – Lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada mas, quando olhou para ela, a sua expressão tornara-se sombria. – A verdade é que podia ter acabado comigo, se me tivesse rejeitado. Não. Teria sido mesmo o meu fim.

– Ou seja, apostaste e ganhaste e estamos todos exultantes – disse Sarah. – Tenho de admirar o teu optimismo. Muito corajoso.

– Ontem à noite, não me sentia corajoso, com vocês todos ali de pé. Passei o dia a tentar não imaginar o que aconteceria se... – Calou-se.

– Bem, o resultado é o que esperavas e um casamento em Lamu é de sonho – disse Sarah. – O Rabindrah tem andado a trabalhar como um doido em Nairobi ultimamente e espanta-me que tenha tirado um tempo de férias. O Hugo encarregou-se mais ou menos do texto do livro sobre as chitas. Nesta altura, é co-autor, embora o negue porque é amável e modesto.

– Onde está o Rabindrah?

– Surpreende-me que tenhas de perguntar. – Não foi capaz de conter o ressentimento. – Fechado no teu quarto, rodeado de pastas e folhas de papel. A trabalhar numa coisa tão secreta que nem eu posso ler. – A sua irritação fê-la endireitar-se subitamente e entornou o sumo de laranja, praguejando em voz baixa. – Vocês os dois tiveram várias conversas longas. Suponho que sabes o que ele está a escrever?

– Para mim, o mundo do jornalismo de investigação é um mistério. – Anthony contemplou o mar.

– Essa resposta não é directa. – Reconheceu a evasiva. – Ainda bem que trouxe um bom livro para me fazer companhia. Aqui estamos no meio de uma herança viva, com a praia e o oceano a poucos passos de distância e ele nem sequer se deu conta deles. Ou de mim. Deves ter cuidado com esse

género de felicidade conjugal, Anthony. – O tom era amargo, mesmo aos seus ouvidos.

– Ele deve estar a trabalhar numa coisa importante. – Sempre admirara o estoicismo dela e o seu sentido de equilíbrio e nunca lhe ouvira um tom tão desalentado. – Provavelmente é uma coisa que o Gordon lhe pediu que não discutisse com ninguém.

– Como é que estás tão certo disso e eu não? – Tirou os óculos de sol para o ver mais claramente, para lhe ler a expressão nos olhos. – Nunca fui excluída, mesmo quando são assuntos confidenciais.

– Tenho a certeza de que não foste excluída – disse ele, com um sorriso contrito, sem olhar para ela, e ela percebeu que ele se sentia embaraçado com a sugestão de que estava a par do trabalho actual de Rabindrah. – Desculpa se disse...

– Não faz mal, Anthony – disse ela, interrompendo-o e levantando-se da cadeira. – Vou buscar uma *kanga* para vestir para o almoço. – Pousou-lhe uma mão no braço. – É fantástico estar aqui e é uma ocasião muito feliz para todos nós. E isso é que conta.

No quarto, Rabindrah estava concentrado numa lista escrita à mão num caderno encardido. Pô-lo numa pasta e levantou os olhos para ela, consultando o relógio. – Ó diabo, é quase uma hora. Desculpa, Sarah. Fazia tensões de ir tomar banho e dar um passeio pela praia mas deixei-me absorver pelo trabalho.

– Perdes a noção do tempo quando estás ocupado. – Atravessou o soalho encerado, descalça, a superfície lisa e escura arrefecendo-lhe os pés. – Vens tomar uma cerveja?

– Preciso de trabalhar um pouco mais antes de a festa começar a sério. Uma *Tusker* punha-me a dormir a tarde toda. Mas já vou ter contigo e tomar qualquer coisa sem álcool.

Ela olhou demoradamente para ele, sem comentar, perguntando-se se o homem com quem se casara estava perdido para sempre. Ou se a chama finalmente se apagara, extinta pela sua necessidade obsessiva de um filho. Interrogando-se se, no fundo, continuava a importar-se. Aos poucos, ali em

pé, começaram a formar-se-lhe gotas de suor na testa e uma sensação familiar intensificou-se dentro dela, um pressentimento tão forte que lhe sentia o sabor. Começou a sentir-se tonta e mentalmente viu fumo, ouviu sons estranhos, cheirou o medo. Sentou-se numa cadeira, agarrando-se aos braços de madeira, tentando controlar a intensa premonição que se insinuara no seu corpo como se a tivesse absorvido da própria terra.

– Sarah? Estás a sentir-te bem?

Viu Rabindrah aproximar-se dela, desfocado, a sua cabeça agigantando-se desproporcionalmente, o seu corpo parecendo torto, distorcido, como uma imagem que vira uma vez num espelho numa feira de diversões.

– Devo ter estado tempo a mais ao sol. – A sua voz era débil. – Podes dar-me um copo de água, por favor?

– Toma. – Ele deitou água de uma garrafa ao lado da cama. – Achas que precisas de um médico?

– Não. Já estou bem, obrigada. – Encostou a cabeça às almofadas por um momento e depois sorriu. – Já passou. Estou perfeitamente bem.

– Às tantas devias deitar-te um bocadinho – disse ele, estendendo-lhe a mão.

– Já disse que estou bem. – Por qualquer razão, não queria que ele lhe tocasse. – Encontramo-nos no bar. Mas não demores muito, senão atrasas o almoço.

Lars e Anthony já estavam instalados no terraço e Hannah estava a braços com as crianças e as toalhas de praia.

– Quando é que começa a celebração do aniversário e onde é que está a noiva? – perguntou Sarah, agarrando em Piet e enxugando-o.

– A festa de anos é logo à noite – disse Anthony. – E a Camilla apanhou um barco para casa do Bunny Allen para deixar as coisas todas de que as meninas vão precisar para o casamento. Não deve demorar muito porque quer estar pronta para receber os convidados quando chegarem esta tarde.

Camilla chegou momentos depois, o seu rosto pálido e oval ensombrado por um chapéu de palha. De casa de Allen, continuara a pé para a vila e voltara para Shela ao longo da marginal. Embora o ar estivesse húmido e a temperatura tivesse subido, o calor não parecia ter tido qualquer efeito nela.

Tinha um ar calmo e sereno, sentando-se num banco alto, balançando as pernas esbeltas, sem desviar os olhos de Anthony. De tempos a tempos, ele pousava levemente a mão sobre o seu braço nu, como que para se certificar de que ela estava ali. Almoçaram na frescura da sala de jantar, demorando-se a tomar café e falando sobre a cerimónia que teria lugar no dia seguinte à tarde.

– Lars, era boa ideia se viesses comigo no barco até Manda. Esperar o avião. – Anthony foi o primeiro a levantar-se, esvaziando a chávena de café e pegando num velho chapéu de palha. – Tenho a certeza que as raparigas têm coisas para fazer que dispensam a nossa ajuda.

– Sesta. – Hannah e Sarah proferiram a palavra em uníssono e saíram da mesa em busca de tranquilidade.

Tinham passado quase duas horas quando Hannah ouviu os barcos a sulcar a água na direcção de Shela. Ela e Sarah haviam passado parte da tarde a experimentar vestidos que Camilla trouxera de Londres, rindo da tentativa desastrada mas bem-sucedida de Anthony para disfarçar o facto de as roupas se destinarem a um casamento. Mais tarde, Hannah deitou-se na cama de dossel, relutante em deixar a obscuridade do quarto e a frescura proporcionada pela ventoinha. As crianças estavam no quarto ao lado, estranhamente silenciosas, presumivelmente a dormir no calor da tarde. Estavam a pé desde madrugada e ela insistira para que descansassem se quisessem participar no jantar de aniversário. Relutantemente, enfiou os pés nas sandálias, querendo estar presente quando os convidados de Anthony chegassem. Momentos depois, apareceram James e Suniva, seguidos de Piet, ainda a esfregar os olhos ensonados mas pressentindo a excitação.

– Sabes quem vem e quantos são? – perguntara Sarah a Camilla. – Quer dizer, é estranho não estares prevenida nem teres a oportunidade de incluíres pessoas na lista de convidados do teu próprio casamento.

– Só sei que é um grupo muito pequeno e ele prometeu que eu não ficaria desapontada – respondeu Camilla. – Mas revelou a identidade de um convidado e, com base nisso, acho que não se saiu nada mal.

– Que nome é que ele mencionou? E porquê esse em particular? – Hannah morria de curiosidade.

– Terá sido o pobre do Tom? – Sarah sentia pena dele.

– Ele obrigou-me a jurar segredo. – Camilla estava a gostar de atormentar e foi impossível convencê-la a dar a mais pequena pista.

Estavam juntas à espera enquanto o barco se aproximava. Sarah acenou a Allie e a Hugo, que se viam na proa à medida que a embarcação se acercava. Era impossível distinguir os outros passageiros que haviam preferido sentar-se debaixo de um toldo para escapar ao sol e aos salpicos da travessia. A maré estava alta e pequenas ondas picadas batiam contra o casco quando o motor abrandou e se imobilizou com um abanão por baixo dos degraus do desembarcadouro e do terraço. Soaram risos quando Tom Bartlett se pôs em pé e vacilou, inseguro.

– Céus, nunca andei em tantos aviões e barcos num período de vinte e quatro horas. Só por ti é que fazia tal coisa, querida. – Lançou os braços à volta de Camilla, num abraço suado. – Estás a destroçar-me o coração, sabias? Chorei durante toda a viagem mas tinha de vir. Para o caso de mudares de ideias e precisares de um noivo substituto.

Sarah cumprimentara Allie e Hugo e entretanto ficara sem fala enquanto olhava para Lila, que estava a desembarcar atrás deles.

– Só no último minuto é que soube que ia estar no Quénia. – Lila abraçou a amiga. – O Harjeet está a passar alguns dias em Nairobi em trabalho e acabou por concordar que eu viesse visitar os meus pais. Como ninguém atendia em tua casa, liguei para o Anthony, que me disse que se iam encontrar aqui todos para o aniversário da Hannah. E agora dizem-me que também há um casamento.

O grito agudo de Hannah fez toda a gente virar-se para trás. Ela descera a correr os degraus para a água, a sua *kanga* esvoaçando à volta dela como uma flor exuberante.

– Mãe! Oh, mãe, por favor diz-me que não estou a sonhar. – Abriu os braços, rindo e chorando, balbuciando incoerentemente a Lottie, que, ao descer para o mar azul, foi instantaneamente rodeada pelos netos, clamando

pela sua atenção, chamando pelo nome dela e puxando-lhe pelas calças molhadas.

– Fizeste isto por mim. – Hannah olhou para Anthony, lançando-lhe os braços ao pescoço. – Por todos nós, mas especialmente por mim. Nunca mais na minha vida hei-de esquecer.

– É a tua prenda de anos, Han.

– Sabias? – Hannah olhou para o marido, aturdida.

– Só quando os vi sair do avião – disse ele. – E cá está o Mario, finalmente.

– Mario. – A voz de Hannah estava embargada, lançando os braços à volta do marido de Lottie. – Ela trouxe-o ao Quénia ao fim deste tempo todo. *Ach*, é de mais para digerir.

– Lottie, querida Lottie. – Camilla tinha os olhos marejados de lágrimas. – Minha amiga e minha mãe também, durante a nossa infância e os tempos felizes em Langani. Ontem à noite, o Anthony disse-me que vinha e vi-me aflita para me conter hoje. Tive de sair daqui esta manhã porque estava com medo de não conseguir guardar segredo se ficasse.

Hugo tinha tirado a camisa de safári e mergulhara no mar com as crianças, enquanto o resto do grupo se instalava em volta do bar ou no terraço.

– Deus do Céu, olha a minha priminha! – Rabindrah, sorridente, atravessou o relvado em passos largos. – Trocaste mesmo as delícias de Birmingham por isto?

– Eu própria ainda não acredito. – Lila olhou à sua volta, inalando o ar do oceano, tocando nas flores sedosas do frangipâni e escutando o rumorejar das palmeiras ao levantar os olhos para o azul límpido de um céu africano. – Aposto que está a chover na velha cidade e que estão todos sentados diante da televisão a ver *Emmerdale Farm*.

– Acho que chega de drama por agora – declarou Anthony. – Vamos para a sombra e trazer a bagagem para terra.

Enquanto descarregavam o barco, Sarah afastou-se da agitação para estudar Lottie à distância. A última vez em que tinham estado juntas fora em férias, com Lars, Hannah e as crianças, na costa, a sul de Mombaça. Mas, nessa ocasião, Lottie chegara sozinha de Siena e mostrara-se evasiva

quando lhe perguntaram por que razão Mario não a acompanhara. Hoje, as velhas rugas de mágoa e sofrimento haviam-se apagado do seu rosto e o riso que Sarah julgara permanentemente extinto brilhava nos seus olhos escuros. Perdera o marido e o filho em mortes violentas que quase a haviam destruído. Depois da morte de Jan van der Beer, refugiara-se junto do irmão Sergio, na África do Sul. Mais tarde, casara-se com Mario Campezi e fora viver para Itália. Mas, no seu último encontro, confidenciara a Sarah que achava que jamais voltaria a Langani. A sua antiga casa transbordava de tal modo de memórias dolorosas que não conseguia imaginar-se a percorrer as suas divisões nem a andar pela terra que exigira tão brutal sacrifício.

– És a Sarah. Vi fotografias tuas da Lottie e, claro, conheço os livros que fizeste com o teu marido. – Mario era um homem alto, com pele cor de azeitona e cabelo preto raiado de brancas. As suas feições eram um pouco austeras mas possuía um sorriso que sugeria bondade e compaixão. Quando falava, a sua voz era profunda e cheia da música do seu país. – A Lottie disse-me que sempre te considerou e à Camilla como filhas dela. E aquele ali é o Rabindrah?

Rabindrah estava ao lado de Lila, a rir, animado, como quem não tem uma preocupação no mundo. Era uma expressão que Sarah não via há muito tempo e sentiu vergonha do ciúme que explodiu dentro dela. Forçou um sorriso e fez-lhe sinal. Um momento depois, ele estava ao lado de Mario, trocando as primeiras revelações e opiniões que abriam as portas da amizade.

Os visitantes não demoraram muito a dirigir-se aos seus quartos para dissipar os efeitos da diferença horária e do famoso *cocktail* do Peponi, uma mistura aparentemente inofensiva, mas letal, de *gin* e lima fresca, com cana-de-açúcar e *Angostura bitters* e umas gotas de soda. Sarah pegou no livro e atravessou o relvado. Ao aproximar-se do quarto, ficou surpreendida ao ouvir Anthony, embrenhado em mais uma conversa com Rabindrah. Deteve-se à porta, sem saber se havia de entrar. Mas, ferida com a exclusão, afastou-se e ficou aliviada ao ver Lila a instalar-se numa espreguiçadeira à sombra.

- Quanto tempo podes ficar? – Sarah sentou-se ao lado dela.
- Mais uma semana, acho eu. Depende do Harjeet e do tempo que ele demorar a concluir o negócio de que veio tratar.
- Os teus pais devem ter ficado felicíssimos por te verem.
- O meu pai reagiu de uma forma natural – disse Lila. – Parece andar muito atarefado e preocupado, mas a minha mãe ficou radiante. Até parecia que eu estava para fora há vinte anos e não lhe agradou muito que eu viesse passar aqui o fim-de-semana. O tio Indar e a Kuldip também ficaram contentes com a minha visita. Ela não anda bem, Sarah, e o Indar está preocupado. Mas, pelo menos, concordou em consultar um novo médico com ideias mais modernas. Vamos ver. Esperam que voltes para Nairobi brevemente... a Kuldip gosta muito de ti. Gostam os dois.
- Vou visitá-los assim que puder. Da próxima vez que for à cidade para tratar de fotografias e outras coisas. Fala-me da tua nova casa. – Sarah não quis interrogar directamente Lila sobre o marido, como não queria responder a uma pergunta idêntica.
- Oh, finalmente mudámos de casa e é confortável. «Condições de vida excepcionais, sabes, sem olhar a despesas, acredita.» – Lila sacudiu a cabeça de lado a lado à maneira hindí, mas o gracejo não pareceu estender-se aos seus olhos. – Para ser franca, é fria. Como o meu marido. Não me deixaram escolher a casa nem a mobília, como não me deixaram escolhê-lo a ele. Mas, pelo menos, temos privacidade. Uma casa nossa, o que pode melhorar as coisas, se eu for paciente. – Mudou de assunto, não desejando que a sua vida em Inglaterra se intrometesse naquela tarde tropical. – E tu? Tens passado o tempo quase todo no Mara? O sobrinho da Allie parece boa pessoa. Viemos sentados ao lado um do outro no avião de Nairobi.
- Trabalha bem com ela. Com todos nós – disse Sarah.
- Eu e o Harjeet viemos no mesmo voo do Tom Bartlett de Londres. Achas que ele me arranjava trabalho no mundo da moda?
- Vais ter tempo para lhe perguntar – disse Sarah, embora se interrogasse sobre o que Lila podia fazer em Birmingham. – Mas tens de escolher um bom momento. Ele afirma que está a curar um coração destroçado, ao que parece, através do álcool.

– E o Rabindrah? É difícil para um homem aceitar que...

– Por amor de Deus, não é tão difícil como para mim. – Sarah não se incomodou a conter o seu ressentimento há muito sublimado. – Agora que sabemos que eu não sou a causa primária da falta de filhos, está a comportar-se como se fosse o fim do mundo.

– Sinto muito – disse Lila, consciente de que avaliara superficialmente a situação. – Nunca me ocorreu que não fossem completamente felizes apesar de não terem filhos.

– Sabes, prefiro não falar nesse assunto – disse Sarah. – Porque neste momento me sinto muito feliz. Não há nuvens a pairar sobre nós. A Camilla está a ter a coragem de se sentir de novo louca e perdidamente apaixonada e Deus sabe que esperou muito tempo por isto.

Fechou os olhos, retendo as imagens dos pequenos *dhow*s a baloiçar na ondulação suave e dos burros a trotar pela areia branca. Quando acordou, Lila desaparecera e ela voltou para o quarto. Estava vazio e deitou-se na cama, rezando para que o seu coração se resignasse às suas privações e celebrasse as alegrias dos amigos. Quando o marido regressou e se deitou silenciosamente ao seu lado, não sentiu a mão dele cobrir-lhe os dedos enquanto dormia.

Uma meia-lua delicada estava suspensa sobre o mar escuro quando mais uma vez se reuniram. Hugo sentou-se com as crianças, encorajando Suniva a mostrar-lhe os desenhos que fizera durante o dia e deixando-a examinar o seu próprio caderno de desenho. Sarah atravessou o relvado para ir ter com eles, fazendo um gesto vago com a mão quando alguém lhe perguntou onde estava Rabindrah.

– Passou a maior parte da tarde a escrever. – O seu tom foi cuidadosamente despreocupado. – Deve estar a chegar.

Nesta noite de aniversário, Hannah parecia ter posto de lado todas as suas divergências com Lars. Estavam sentados lado a lado no muro, de mãos dadas, concentrados um no outro, e levantaram os olhos quando Lottie surgiu junto deles.

– Queria pedir uma coisa aos dois – disse Lottie. – Gostava de ficar cá algum tempo. Um mês, talvez. E ir convosco para Langani.

– Oh, mãe. – Hannah não conseguiu continuar.

– A Sarah teve mais coragem do que eu. Nunca deixou de ir à fazenda. – Lottie não olhou para a filha, mas para Mario. – Vim ao Quénia duas vezes porque tinha de ver os meus netos mas não me sentia preparada para Langani. Foi o Mario que me deu forças para fazer o que já devia ter feito há muito tempo. Fez-me compreender que era o momento de voltar.

A noite passou numa doce névoa e, depois do jantar, sentaram-se à luz das estrelas e passearam pela praia, relutantes em despedir-se da felicidade do dia. Era quase meia-noite quando finalmente começaram a retirar-se para os quartos.

– Feliz aniversário, minha filha corajosa e linda – disse Lottie, afagando-lhe o cabelo dourado num gesto que evocava a infância. – Temos muito que conversar uma com a outra nas próximas semanas, mas esta noite só te quero dizer que te amo. Boa-noite, minha querida. E sonhos cor-de-rosa.

No dia do seu casamento, quando o pequeno *dhow* recolheu as velas e Camilla pôs os pés na areia, a sua beleza deu vontade de chorar a Anthony. Não conseguia imaginar como, durante tanto tempo, fora cego aos traços magníficos do seu rosto, à perfeição das suas sobrancelhas arqueadas, à boca sensual e doce, às costas altas e direitas e à nuca macia. Olhou para ela num estado de assombro, desejando apertá-la nos braços num gesto que a mantivesse ao seu lado para todo o sempre. Não podia saber que, uma hora antes, os nervos de última hora a haviam paralisado, que fora Sarah quem assaltara o frigorífico de Bunny Allen e abrira uma garrafa de champanhe numa tentativa para as acalmar. O vestido estava pousado sobre a cama, à espera que a noiva terminasse a maquilhagem. Mas as mãos de Camilla tremiam, de pé diante do espelho, incapaz de se mexer ou falar. Hannah foi a primeira a avançar, abraçando a amiga com vigor e usando o tom que empregava para tranquilizar os filhos quando estavam com medo. Sarah pegou na escova de cabelo e começou a penteá-la com movimentos longos e calmantes antes de enfiar as primeiras flores no véu brilhante de cabelo

louro. Passaram minutos enquanto Camilla respirava fundo várias vezes, de olhos fechados, as pontas dos longos dedos unidas, tentando dominar as emoções que se revolviam descontroladamente. Por fim, suspirou e abriu os braços e Hannah enfiou-lhe o vestido pela cabeça, alisando-o para se lhe ajustar ao corpo. Fora confeccionado em Langani e estava pronto para uma *boutique* em Londres até Camilla ter decidido que era perfeito para a celebração do aniversário de Hannah. A bainha adornada com contas rodava em torno dos seus tornozelos quando voltou a aproximar-se do espelho, para prender o colar renascentista italiano que os pais lhe haviam oferecido quando fez vinte e um anos. Então sorriu.

– Estou pronta – declarou. – Estou pronta para a vida em que quase tinha deixado de acreditar, ou sequer de esperar que alguma vez se concretizasse. Estou absolutamente preparada para esta vida.

Agora deteve-se na praia à luz gloriosa do entardecer. O seu ramo de flores tropicais fora colhido de madrugada e guardado no frigorífico e as crianças espalharam cestos de pétalas frescas na areia à sua frente quando ela começou a encaminhar-se para Anthony. Sarah e Hannah avançavam ao seu lado, com vestidos claros e finos que esvoaçavam na aragem suave. Eram seguidas por Suniva, com um vestido de tule e uma pequena coroa de flores de frangipâni, e por Piet e James, de calções e camisas brancas com raminhos de buganvília nas botoeiras. À sua volta, os habitantes da aldeia de Shela haviam-se juntado para assistir à pequena procissão na praia.

– É de cortar a respiração, porra, não posso dizer mais nada. – Tom Bartlett inclinou-se para murmurar as palavras a Sarah, não fazendo qualquer tentativa para disfarçar os olhos húmidos ao fitar, hipnotizado, o rosto de Camilla. – O tipo é um sortudo e, se não a trata bem, pode crer que o mato.

Lars avançou para conduzir a noiva para o caramanchão de folhas de palmeira e flores tropicais que haviam sido entretecidas num toldo para a cerimónia matrimonial. Sarah olhou em volta, tentando captar o olhar de Rabindrah, e ficou surpreendida ao vê-lo a falar com o empregado do bar, que descera à praia, com um papel na mão. Mas a sua atenção foi imediatamente desviada, pois chegara o barco que transportava o

comissário distrital e o padre anglicano local que vinha celebrar a cerimónia civil e dar a bênção nupcial. Mesmo quando viu o marido a subir a correr os degraus para o hotel, não pôde abandonar a companhia de Camilla quando ocuparam os seus lugares para o início das formalidades.

Os olhos de Camilla, mais profundos graças aos reflexos do oceano, estavam fixos em Anthony, que lhe pegou na mão. A voz dele estava embargada ao repetir as palavras que os tornariam marido e mulher. Mas Camilla estava firme e decidida e estendeu a mão para lhe tocar na face enquanto ele falava, apertando-lhe os dedos quando ele, emocionado, se atrapalhou numa das respostas.

– Não foi a mais bela cerimónia que já se viu? – Lila foi colocar-se ao lado de Sarah quando chegou ao fim. – E, por falar nisso, onde está o Rabindrah?

– Não sei. – Sarah olhou em volta, intrigada. – Há pouco vi-o a falar com o empregado do bar mas depois a cerimónia começou. Suponho que está no nosso quarto. Vou chamá-lo.

Atravessou o relvado num passo ligeiro. A felicidade de Camilla contagiá-los-ia a todos, pensou. Nem Rabindrah podia deixar de participar na atmosfera de júbilo que todos partilhavam nesta tarde perfeita. Abriu a porta do quarto, mas estava vazio. Franzindo a testa, voltou para o bar.

– Há uma mensagem para si, minha senhora. – O empregado entregou-lhe um pequeno papel.

– Uma mensagem? – Sarah olhou para o papel, sentindo um aperto no coração.

– De Mr. Singh. Ele partiu no barco que trouxe o comissário e o padre.

– Como? – Ela olhou para ele por um momento, sem compreender, dominada por sentimentos de raiva e decepção. O estômago contraiu-se-lhe ao desdobrar o papel.

Sarah,

Fui chamado para cobrir um desenvolvimento urgente na história que tenho estado a pesquisar. Sinto muito, mas não posso adiar nem delegar isto em ninguém. É confidencial e muito importante e, como

sabes, tem-me custado semanas de trabalho preparatório e investigação. Volto o mais depressa que puder, com sorte amanhã. Detesto ser obrigado a perder este feliz acontecimento. Desfruta dele ao máximo.

Rabindrah.

Os amigos dela passaram a caminho do jantar, estendendo o braço e oferecendo-se para a acompanhar. Mas ela estava pregada ao chão, olhando para o mar onde a esteira do barco do marido há muito se dissipara nas ondas. Finalmente, encaminhou-se para a mesa e sentou-se entre Hugo e Lars.

– Champanhe – disse ela numa voz aguda. – Litros. Devo estar com um atraso de duas taças, pelo menos.

Mais tarde, sentou-se no terraço ao luar, conversando com Lottie e Mario, determinada em mostrar-se feliz por Camilla e Anthony e tentando ao mesmo tempo dominar a ira por não saber do paradeiro do marido nem conhecer a razão do seu desaparecimento. Quando as pessoas começaram a dançar, entregou-se de corpo e alma ao ritmo, rindo, ligeiramente instável, aceitando outra bebida e deixando Tom, primeiro, e depois Hugo, conduzi-la em loucos rodopios pela pista de dança. Não fazia ideia das horas quando caiu na cama, o chão e o tecto andando à roda à sua volta enquanto gemia e estendia um braço para Rabindrah antes de se lembrar que estava sozinha.

Ao longe, na praia, ao abrigo das dunas, Camilla despia com dedos meigos o marido que estava apoiado nela, aquiescente e silencioso. Finalmente conduziu-o para junto da água, desprendendo-lhe a perna e pousando-a numa toalha. Colocou-lhe então o braço à volta dos ombros e levou-o consigo para a leve e infinita benevolência do mar.

CAPÍTULO 14

Quénia, Setembro de 1977

A chegada a Mombaça, estava um polícia à espera de Rabindrah, que lhe entregou um conjunto de chaves e indicou uma carrinha não identificada no parque de estacionamento do aeroporto. Estava pousado um envelope no banco do condutor e ele abriu-o, deparando-se com uma única linha indicando uma morada e uma hora. Ficou sentado por alguns momentos, a olhar para o papel muito bem dobrado, sentindo-se como se tivesse sido atirado para um filme de acção de segunda e perguntando-se se estaria a ter alucinações. Finalmente, enfiou a chave na ignição e dirigiu-se para a cidade, abrindo as janelas para deixar entrar o cheiro das fogueiras de coqueiro, ateadas para cozinhar a refeição da noite, e o som de conversas e gargalhadas que chegava das pequenas lojas e barracas ao longo da estrada. Quando chegou ao porto antigo, já havia superado a sua sensação de irreabilidade e aguardava, ansioso, os acontecimentos que poderiam desenrolar-se durante essa noite.

Como chegara cedo ao seu estranho encontro, enveredou pelo caminho estreito em direcção à água e deteve-se na areia a saborear o cheiro do sargaço no ar. O maciço volume de Fort Jesus agigantava-se sobre ele, silencioso, impenetrável às mudanças que se haviam sucedido à sua sombra durante mais de trezentos anos. Os muros marcados por batalhas, pontuados pelos focinhos de canhões negros, haviam repellido invasores turcos e resistido a mais de três séculos de guerras e escaramuças na luta pelo controlo das valiosas rotas comerciais para a Índia e ao longo da costa africana com potências árabes, turcas, omanenses e europeias. Havia *dhow*s a sulcar as ondas suaves e um pescador estava a estender as suas redes na

pequena praia. Era um cenário pacífico e, olhando à sua volta, Rabindrah teve dificuldade em consciencializar-se plenamente das implicações do que se preparava para fazer e as possíveis consequências em termos da sua vida pessoal e carreira.

Nas últimas semanas, examinara registos do tráfico ilegal de marfim e troféus de animais. Sabia por Johnson Kiberu que o barco que observaria nessa noite rumava a Antuérpia. Eram frequentemente expedidas exportações não autorizadas para os portos europeus de antigas nações coloniais e a Bélgica era um destino favorito, juntamente com a França e a Alemanha. Daí, os carregamentos dirigiam-se aos lucrativos mercados do Extremo Oriente, onde o marfim era então talhado e polido. Os chifres de rinoceronte, cada vez mais raros, eram transformados em cabos de punhais, muito prezados no Iémen, ou triturados em pó para fins medicinais e alegadamente para uso como afrodisíaco na China e na Coreia. Uma grande proporção do tráfico de Hong Kong acabava subsequentemente nos Estados Unidos.

Fora complicado obter estimativas fiáveis das exportações ilegais. Devido à sua natureza clandestina, estas remessas só surgiam nas estatísticas oficiais do comércio depois de terem passado por vários países intermediários. Apesar da proibição da caça no Quênia, o tráfico de marfim, perseverava extraordinariamente. Assim que um canal era bloqueado, surgia outro. A ausência de controlos eficazes das expedições que entravam e saíam do país, aliada a uma corrupção desenfreada, fizera de Mombaça uma base ideal a partir da qual os traficantes canalizavam as mercadorias ilegais com relativa facilidade.

Rabindrah tinha consciência de que numerosos governos e organismos internacionais dedicados à conservação estavam a tentar impor um policiamento mais vigilante e regulamentos severos das exportações. Mas ainda tinham muito trabalho a fazer para reduzir a procura dos consumidores de troféus de caça. Kiberu acreditava que uma proibição a nível mundial do tráfico de marfim e chifres de rinoceronte seria a única forma de conseguir uma protecção adequada e que ambas as espécies deviam figurar numa lista internacional de risco. O marfim mais pesado

tornara-se difícil de obter, pois os elefantes mais velhos eram dizimados por abates indiscriminados e as presas de grande dimensão eram agora raras. Era um sinal de que o problema se tornara muito grave. Desde o seu regresso do Mara, Rabindrah viajara até vários parques nacionais e vira pessoalmente as carcaças ensanguentadas e decompostas, com as presas e os chifres cortados, os caçadores ilegais abandonando frequentemente os animais à morte numa agonia horrível. Era perfeitamente claro que os animais eram chacinados em vastos números através de subornos a oficiais, a todos os níveis, e ele concordava com Kiberu quanto ao facto de a situação ser desesperada. Mas, no dia anterior, em Lamu, expressara algumas reservas a Anthony.

– A caça ilegal é bárbara e só é possível graças à ganância nas altas esferas – disse Rabindrah. – Admiro o Kiberu pelo que está a tentar fazer, mas denunciar intervenientes envolvidos em altas paradas é um objectivo perigoso que lhe pode custar o lugar. E ameaçar mesmo a vida dele.

– Presumo que ainda não disseste à Sarah o que estás a investigar. – Anthony ouvia a inquietação subjacente às observações de Rabindrah.

– Não. Se se tratasse de um artigo generalista sobre a caça ilegal no Quénia, ter-lhe-ia dito alguma coisa. Mas a caça ilegal e o contrabando equivalem a violência extrema e este trabalho é como fazer frente à Máfia no território dela. Estes bandidos somalis estão fortemente armados, são rufias assassinos e as pessoas que lidam com eles farão tudo para defender a pele e continuar a amealhar dinheiro. Eu próprio não vou tardar muito a estar numa situação muito perigosa, seja qual for o desfecho. E o facto de estarem asiáticos envolvidos vai fazer de mim um pária em certos círculos. Sobretudo se algum deles for preso ou deportado em resultado da minha investigação.

– Mas continuas empenhado?

– Naturalmente. – Rabindrah olhou para uma folha com números muito bem escritos e esfregou os olhos. – Espero que apanhemos alguns patifes locais, mas podes crer que os manda-chuvas vão acabar com esplêndidas mansões e contas bancárias na Europa ou no Extremo Oriente. Completamente intocáveis.

– Sim, pode bem vir a ser o caso – observou Anthony.

– Suponho que fazemos bem em confiar no Kiberu. – Rabindrah tamborilou com a caneta na mesa ao seu lado. – Em presumir que ele é honesto e não está envolvido numa caça às bruxas pessoal contra os asiáticos. Ou até a encher os bolsos.

– Credo, homem! – Anthony ficou chocado. – O Johnson é absolutamente sério. Declarou guerra aos caçadores ilegais e está a correr um risco enorme ao expor os seus pares na política que estão metidos nisto até ao pescoço. Ouve, se estiverem asiáticos envolvidos, o facto de te ter pedido para os denunciar mostra a que ponto confia na tua integridade. E se forem injustamente acusados, quem melhor para os defender?

– É por isso que vou avante. – Rabindrah já estava arrependido dos seus comentários sobre o ministro. – Mas fiquei um pouco inquieto.

– Às tantas devias dizer alguma coisa à Sarah antes de avançares mais.

– Não. – Rabindrah falou enfaticamente. – Nunca lhe guardei segredo de nada mas, neste caso, quanto menos ela souber, melhor. O Kiberu tinha razão ao realçar a confidencialidade da informação que me passou.

Recordando as palavras que proferira vinte e quatro horas antes, Rabindrah sentou-se num banco e fumou vários cigarros antes de voltar para a zona antiga da cidade pelo mesmo caminho. Começara a ser atormentado por dúvidas que o levavam a questionar a sua decisão. Sarah provavelmente estaria extremamente zangada com o seu súbito desaparecimento. E preocupada também. A verdade era que não tinha tido uma oportunidade de última hora para lhe explicar antes de abandonar a cerimónia. Não houvera tempo para a chamar de lado e lançar-se em explicações, e não quisera que a sua partida desse nas vistas. Após uma lacónica conversa telefónica com Kiberu, seguira simplesmente as ordens do ministro e viajara no barco do comissário distrital para o aeroporto de Manda, onde o aguardava um avião fretado. De qualquer maneira, ainda não era tarde para telefonar a Sarah, para tentar de algum modo tranquilizá-la. Passando por uma fila de casas antigas, cujas varandas de madeira talhada dominavam as ruas estreitas, olhou em volta à procura de uma

cabina telefónica. Mas a única disponível estava avariada, o compartimento das moedas vandalizado e coberto de mensagens ordinárias.

A morada que lhe fora dada era um café decrepito e ele baixou-se para evitar bater com a cabeça no lintel da porta, ao entrar na pequena sala. Havia cinco mesas com cadeiras instáveis e desirmanadas, atoladas como projecções escalavradas num pavimento de cimento que já fora vermelho. O estuque nas paredes estava a descamar e uma ventoinha no tecto girava com um zunido arranhado, a sua haste oscilando e dando a sensação de que podia cair do respectivo suporte a qualquer momento sobre um dos clientes em baixo. Um homem idoso estava sentado ao balcão e o proprietário africano era um homem corpulento com um *kanzu* gasto e um barrete muçulmano de missangas na cabeça. Um rádio atrás do balcão emitia música suaíli e um vetusto frigorífico zumbia atrás.

– *Salaam*. – Rabindrah sentou-se à mesa mais próxima da porta, longe da ventoinha. Pediu uma cerveja fresca que foi servida sem copo. Zumbiam moscas pela sala mal iluminada e pairava um forte cheiro a peixe e a farinha de milho quente que emanava de uma pequena cozinha, visível atrás do bar. Minutos depois, um homem entrou da rua e olhou à sua volta. Magro e com um ar furtivo, os seus olhos pousaram em Rabindrah e hesitou antes de falar.

– Mr. Singh?

– Exacto. Quer uma cerveja?

– Prefiro café. Chamo-me Yussuf.

Não trocaram mais nenhuma palavra até o proprietário servir um copo de espesso café árabe e se retirar para o seu posto atrás do balcão. Yussuf deitou duas colheres de açúcar no líquido negro antes de falar. A sua ansiedade era evidente e os seus olhos percorriam a sala, como que para se certificar de que não estavam ali curiosos escondidos. Rabindrah estudou-o em silêncio, registando as feições enrugadas e bexigosas e a roupa puída. Exigira uma grande dose de persuasão para que o informador de Johnson Kiberu concordasse em encontrar-se com ele e transmitir a hora e a data da próxima remessa de troféus ilegais que seria expedida de Mombaça. Yussuf era guarda-nocturno no armazém onde a mercadoria seria carregada mas

tinha medo dos patrões e do que lhe poderia acontecer se fosse descoberto a passar informações.

Rabindrah não tinha ilusões quanto ao que poderia acontecer se ele próprio fosse apanhado a farejar no armazém ou no navio, se conseguisse embarcar. Reparou que as mãos do guarda-nocturno estavam a tremer ao levantar o copo de café e sentiu-se aliviado por não ter conseguido telefonar a Sarah. Se fosse capaz de publicar um artigo no jornal e pôr um grupo de caçadores ilegais e traficantes atrás das grades, ela perdoaria decerto o seu desaparecimento. Não queria contemplar as alternativas.

– Tem informações sobre uma expedição?

Yussuf assentiu com a cabeça. – Vai ter lugar esta noite – respondeu. – Tarde. Só vão trazer o marfim e as peles quando o resto da carga estiver a bordo e o navio estiver pronto para zarpar.

– Vão descarregar do camião directamente para o barco?

– Não. Vão meter o camião no armazém e esconder a mercadoria em caixotes. Encobrem-nos depois com outros artigos para exportação. O patrão inspecciona cada caixote antes de ser carregado a bordo e antes de pagar as luvas ao capitão. Não confia em ninguém.

– Nesse caso, tem de me meter no armazém, Yussuf. Antes de eles chegarem.

– Impossível. – O homem deitou mais açúcar no café e mexeu vigorosamente, recusando-se a encarar Rabindrah. – Se descobrirem, matam-me!

– Preciso de ver pessoalmente – insistiu Rabindrah. – São as ordens de Mr. Kiberu. – Se o seu informador se preparava para se cortar, talvez a invocação do nome do ministro o dissuadissem.

Yussuf abriu muito os olhos. Por mais medo que sentisse dos seus patrões, era claro que não sentia menos de Kiberu. Rabindrah interrogou-se sobre que ameaça ou promessa em particular resultara até agora na constrangida obediência do homem.

– Preciso de entrar no armazém – repetiu ele. – Escondo-me lá, antes de o patrão chegar, espero que toda a gente se vá embora e depois saio. Ninguém se apercebe de nada. – Pegou na carteira e tirou um maço gordo de notas. –

Pago-lhe metade agora e o resto quando tiver a informação que Mr. Kiberu pretende. Se o que lhe disse for verdade.

Yussuf olhou para o dinheiro e os seus dedos tremiam ao segurar na colher. Lambeu os lábios, olhou rapidamente em volta, para se certificar de que ninguém estava a olhar para ele, e estendeu a mão.

– Paga-me o resto esta noite. *Inshallah*.

– De acordo. – Rabindrah empurrou as notas sobre a mesa e estas sumiram-se num abrir e fechar de olhos.

– Conte-me então tudo o que sabe sobre esta operação – disse Rabindrah.

– Com que frequência fazem estas entregas? Vêm regularmente? Quem traz a mercadoria?

– Só sabemos quando o camião chega um ou dois dias antes – redarguiu Yussuf. – Mas é sempre um barco da Bélgica. É quando o navio atraca no porto de Kilindini e carrega as outras mercadorias que eu sei que o camião vai chegar. Assim que o marfim, os chifres e as peles estão a bordo, o navio parte com o barco piloto mal rompe o dia.

– Quem é que vem com o camião? São sempre os mesmos homens?

– O motorista é o mesmo. E têm guardas somalis. Armados. Também trazem carregadores do interior. Não usam os trabalhadores normais das docas.

– E o patrão?

– Chega no carro dele – disse Yussuf. – Sozinho.

– Quem é ele? Pode dizer-me o nome dele?

O guarda-nocturno estava a respirar com dificuldade, abanando a cabeça. Não conhecia ou não queria revelar a identidade do homem.

– Ele nunca diz o nome. Eu nunca pergunto. É melhor não saber. É indiano. Rico. Carro grande, roupa elegante, relógio de ouro. Anda com dois guarda-costas. Homens ruins, esses homens. – Yussuf estremeceu. – Também têm armas e facas afiadas. Degolavam um homem em dois tempos. Já vi... – As suas mãos começaram a tremer tanto que foi obrigado a pousar o café. Levou uma mão à testa e ao lábio superior, transido de medo, limpando o suor que lhe brotara na pele. – Não conheço o nome de

ninguém. Limito-me a abrir o armazém quando o camião chega e volto a fechá-lo quando se vai embora.

– O patrão chega sozinho?

– Por vezes, vem outro homem com ele. Mais novo. Não olho para eles. Falam numa língua própria. Não me dirigem a palavra. Só me dão o meu dinheiro. É melhor assim. Não quero saber quem eles são. – Olhou para Rabindrah directamente pela primeira vez e a sua voz estava rouca com o medo. – Não pode deixar que o vejam. Se o apanham lá dentro, matam-no. E a mim também porque percebem logo que fui eu que o deixei entrar!

– Ninguém me vai ver. Não precisa de ter medo de nada. Pode levar-me lá agora?

– Agora não. Encontro-me consigo no molhe. Há uma pequena barraca atrás do Armazém 13. Apareça lá às nove horas, que já é noite e a outra carga está toda a bordo. Eu vou ter consigo quando não andar por lá ninguém.

Alguns minutos depois separaram-se, Yussuf sumindo-se na escuridão. Rabindrah meteu-se no carro para Kilindini e registou-se num hotel decrépito perto da entrada das docas.

No quarto lúgubre, envergou uma túnica suja e solta e umas calças largas. Tirando do bolso uma lata de graxa e um saco plástico de terra, besuntou a cara com ambos e enrolou um turbante em estilo muçulmano à cabeça. Satisfeito com a sua aparência enxovalhada, inspeccionou a câmara que levava consigo, surripiada ao saco de equipamento de Sarah. Ela não ia ficar nada contente quando descobrisse que desaparecera mas era pequena e dispunha de uma potente lente de *zoom* e película especial que ela usava para tirar fotografias da vida selvagem à noite. Seria ideal para esta tarefa em particular. Meteu-a no bolso das calças com o bloco de notas e uma lanterna e saiu para a rua, onde havia pessoas à porta dos bares locais, de onde emanava música ruidosa. O aroma a caril picante fê-lo sentir fome e desejou ter tido tempo para uma refeição. Ia ser uma longa noite. Ninguém olhou para ele quando pôs o carro a trabalhar e arrancou. Seguindo as instruções de Yussuf, estacionou o veículo mais adiante no cais e voltou a

pé para trás, para o Armazém 13, posicionando-se junto a uma barraca de chapa ondulada.

O tempo foi passando lentamente e Rabindrah consultou o relógio na luz fraca, tentando instalar-se numa posição mais confortável entre os caixotes de madeira na doca. Eram quase dez horas e não havia sinais de Yussuf. O zumbido agudo de um mosquito retiniu-lhe no ouvido e, praguejando em surdina, deu uma palmada no pescoço. Estava a ser comido vivo. Doíam-lhe os braços e pernas de estar agachado no espaço estreito entre os contentores empilhados, mas era o único sítio de onde dispunha de uma boa vista do navio belga na doca e podia continuar escondido de qualquer pessoa no convés ou no cais. Registara-se uma certa actividade, momentos antes, quando as luzes para o carregamento incidiram sobre os flancos enferrujados do navio, e gruas oscilavam para a frente e para trás. O tinir de correntes e os gemidos e soluços do equipamento de elevação enchiam a noite. Carregadores africanos transportavam grandes sacos de juta para redes de malha larga e prendiam-nas aos ganchos dos guindastes, transpirando, esforçando-se e gritando enquanto a carga era içada do solo e descida através da escotilha aberta para ser empilhada no cavernoso porão.

Agora o silêncio era total e a doca parecia deserta. As sombras da noite haviam-se apoderado do navio e do cais e apenas uns quantos feixes de luz iluminavam o pavimento de betão rugoso do cais reflectindo-se em brilhos oleosos na água do porto e nas espias negras que prendiam o navio a terra. Pairava um odor intenso a alcatrão e cânhamo das cordas que estavam enroladas como serpentes gigantes ao lado da prancha de embarque e um cheiro intenso e metálico a tinta com chumbo e ferrugem. No convés de vante, uma figura solitária lançou a ponta do cigarro, num arco pontuado de faúlhas, que aterrou no mar em baixo. Deteve-se ali por um momento, apoiando-se na amurada e assobiando desafinadamente, os olhos fixos nas filas de caixotes em terra. Por um momento, Rabindrah pensou que fora visto ou que a sua própria sombra projectara a sua forma no cais. Mas o marinheiro afastou-se pelo convés e desapareceu, deixando apenas um zumbido grave de insectos a dançar em redor das luzes.

Rabindrah olhou para o relógio mais uma vez, apreensivo, interrogando-se se o seu contacto o tramara deliberadamente ou lhe passara falsas informações. Se o homem tinha decidido não aparecer e nenhuma carga extra seria entregue no armazém esta noite, a sua partida de Lamu teria sido completamente em vão, as horas de desconforto saldando-se em nada. Para não falar dos problemas que o esperavam com Sarah. Uma enorme barata passou-lhe sobre o pé e, com um arrepio, voltou a mudar de posição. Estava agora convencido de que toda a operação fora cancelada e o maldito guarda-nocturno embolsara o dinheiro e dera à sola. Nesse momento, sentiu uma mão no ombro e paralisou. Virando-se, deparou com Yussuf atrás dele. Não o ouvira – o homem movera-se sorrateiramente. Rabindrah estava prestes a falar, mas o guarda-nocturno advertiu-o com um gesto de cabeça. Afastou-se, mantendo-se colado à barraca e fazendo sinal a Rabindrah para que o seguisse.

O armazém estava às escuras. Yussuf rodou a chave nos maciços aloquetes e retirou o cadeado. Fez deslizar então um pouco as portas de metal, desaparecendo pela abertura com Rabindrah imediatamente atrás. O edifício lembrava uma vasta caverna, carregada até ao tecto com filas de paletes em que se amontoavam caixotes de madeira. Pairava um cheiro forte e bafiento a juta, madeira, óleo e pó. As altas filas de caixotes, encostadas às paredes do barracão, conferiam ao armazém uma qualidade sinistra na escuridão, como se estivessem a ponto de se desmoronar, a qualquer momento, sobre o intruso incauto. Do lado de dentro das portas, fora deixado um espaço livre, suficientemente amplo para um camião dar a volta. No chão, estavam abertos vários caixotes, à espera do respectivo contrabando. Estavam marcados com números de exportação, logótipos e as iniciais de uma empresa de exportação. Um empilhador de garfos encontrava-se no canto do outro lado, com redes e ganchos preparados para receber as mercadorias e carregá-las no navio.

– Tinha começado a pensar que não ia aparecer – disse Rabindrah, em voz baixa, andando pelo espaço e fazendo incidir a lanterna sobre os caixotes, ao mesmo tempo que fotografava os nomes das empresas que surgiam na parte lateral dos contentores. Várias dezenas de caixotes, já fechados,

encontravam-se no chão ao pé da porta. Presumivelmente remessas genuínas que rodeariam a mercadoria ilegal quando esta estivesse no porão do navio.

– Estavam aqui pessoas. Do navio. Era perigoso nessa altura. – Yussuf estava a observá-lo, inquieto. – Tem de arranjar um sítio para se esconder. Hão-de estar aí a chegar.

Rabindrah inspeccionou o armazém e escolheu um ponto de observação privilegiado, mergulhado na sombra, onde um contentor alto havia sido colocado entre dois montes de caixotes. Do topo do contentor, teria uma visão desimpedida da porta e da área à volta desta, e a objectiva seria mais do que adequada para captar boas imagens. Ninguém teria razões para olhar nesta direcção em particular, a não ser que o ruído da câmara alertasse alguém. Faria coincidir o som do obturador com o barulho dos carregamentos e descarregamentos. Yussuf voltou para a entrada e olhou novamente para a obscuridade para se certificar de que Rabindrah não estava à vista. Pouco depois, fez sinal de que estava tudo em ordem. Em seguida saiu, fechando a porta atrás de si, e Rabindrah ficou sozinho. Os seus olhos demoraram algum tempo a adaptar-se à escuridão. Ouvia as correrias das ratazanas pelo chão sujo, leves ruídos de raspar e um ou outro guincho. Uma osga estava numa posição invertida ao seu lado, as patas coladas à parede, lançando-se de vez em quando contra um insecto incauto, numa série de velozes ataques que eram seguidos pelo estalar e mastigar da saborosa ingestão da vítima.

O tempo foi passando. Reinava o silêncio lá fora e Rabindrah começou a sentir-se ensonado. Fora um longo dia e a parte mais difícil e perigosa ainda estava para vir. Fechou os olhos pelo que pareceram alguns segundos e de súbito acordou. O som compassado de um motor a gasóleo intensificou-se, juntamente com o ruído das velocidades arranhadas de um veículo extremamente carregado. Este parou à porta e ele ouviu homens a moverem-se. Seguiu-se o tinido do cadeado a ser aberto. As portas corrediças foram completamente abertas, com um grunhido queixoso de metal, e o camião entrou de marcha-atrás no armazém. Rabindrah encolheu-se na sombra, espalmando-se contra o topo do contentor. Não soubera

prever a que ponto estaria exposto à luz forte dos faróis. Sentiu-se fraco de alívio quando o ângulo das luzes incidiu sobre uma zona bem afastada do seu esconderijo, embora o caminhão estivesse relativamente próximo, a ponto de ele ver o seu conteúdo ao ser descarregado.

Yussuf ligou um interruptor junto à porta e duas lâmpadas de arco acenderam-se, pondo em relevo os contornos do espaço. Olhou nervosamente na direcção do contentor antes de se apressar a desviar os olhos. Rabindrah sentiu-se relativamente confiante de que não seria visto de baixo, com a torre de caixotes de cada lado a criar uma sombra profunda. Recuou mais um pouco para a escuridão, de câmara a postos, e esperou.

Andavam oito homens por baixo dele. Três deles eram somalis, altos e de feições duras, envergando turbantes e vestes soltas e transportando espingardas potentes, com os dedos nos gatilhos, vigilantes e com expressões sérias. Os outros eram carregadores africanos que se dirigiram às traseiras do veículo para esperar. Outro conjunto de faróis incidiu sobre a doca antes de enfiar para o armazém. Saíram quatro homens do *Mercedes* cinzento, mas Rabindrah não conseguiu vê-los bem porque tinham estacionado do outro lado do caminhão, bloqueando-lhe a vista. Amaldiçoou a sua sorte em silêncio. Mas, minutos depois, eles haviam-se colocado num ponto onde ele conseguia ver as suas cabeças e voltou a praguejar. Estavam com turbantes em estilo sique. Não eram apenas asiáticos, mas da sua própria comunidade. Um dos homens era corpulento, e era, claramente o que tomava as decisões. O patrão. O outro, mais alto e mais magro, falava pouco, limitando-se a dar instruções aos carregadores e a seguir ordens. Mais dois somalis estavam com eles – presumivelmente os guarda-costas pessoais de quem Yussuf tinha particularmente medo. Houve uma breve discussão em suaíli entre o patrão e os guardas e, em seguida, os siques afastaram-se para o lado, falando em voz baixa. Rabindrah esforçou-se por ouvir a conversa em urdu, mas era difícil captar as palavras à distância a que se encontrava. Debruçou-se um pouco, numa tentativa para os ouvir, desejando que eles se aproximassem um pouco mais da sua linha de visão para poder fotografá-los. Os carregadores trabalhavam depressa, com eficiência e em silêncio, desamarrando o oleado que cobria as traseiras do

camião. Não havia a tagarelice ou assobios, nem os gritos ocasionais e fragmentos de canções dos trabalhadores habituais das docas que ele ouvira antes. Finalmente, o taipal traseiro do caminhão foi descido com uma pancada e as coberturas de lona foram afastadas.

Rabindrah susteve a respiração quando viu o que lá estava dentro. Presas de elefante de cinquenta animais, pelo menos, empilhadas umas sobre as outras, algumas adultas e com vários metros de comprimento, outras bastante pequenas, pelo que deviam ter sido cortadas de um jovem elefante que não teria mais de três anos de idade. A destruição gratuita de tantas criaturas magníficas para satisfazer a ganância de algum colecionador estrangeiro do outro lado do mundo encheu-o de repulsa. Viu mentalmente o enorme volume de uma matriarca morta com o filho, mutilados e deixados a apodrecer no mato enquanto o grupo familiar os tocava suavemente com as trombas, empurrando com as patas numa tentativa vã para levantar os companheiros caídos. Muitas vezes, tentavam cobrir os mortos com terra e folhagem. Sarah dissera-lhe que os elefantes eram os únicos animais que prestavam esta homenagem aos mortos. Por baixo do marfim, havia montes de peles – leopardo, leão, zebra, macaco colobo e uma floresta de chifres de rinoceronte, búfalo e cudo. Era um saque colossal. Os carregadores retiraram o marfim do caminhão e pousaram-no no chão para inspecção antes de serem colocados nos caixotes abertos. Rabindrah aproveitou o ruído que faziam a trabalhar para começar a fotografar.

Os dois asiáticos avançaram para a luz, sempre de costas para ele, que já tinha a objectiva apontada, pronto para o momento em que um deles se virasse. O homem mais novo segurava uma prancheta com um maço de folhas presas. Por fim, caminhou à volta das presas de elefante que haviam sido pousadas no chão, examinando o seu tamanho, conferindo-as com a sua lista e, nesse momento, Rabindrah teve, pela primeira vez, uma visão desimpedida das suas feições. O choque quase o levou a deixar cair a câmara, pois quem viu enquadrado no seu visor foi Harjeet Singh, o seu rosto estreito com as pálpebras descidas captado na teleobjectiva como se estivesse a centímetros de distância. Não havia qualquer dúvida de que era

o marido de Lila. E o homem mais velho com ele, o patrão, era o pai. Rabindrah olhou para o homem com quem Lila se casara para salvar a família. Sentindo raiva e ódio, pensou na prima, enviada para o exílio, forçada a deixar a família e os amigos para se tornar refém da ganância e da perfídia.

Sem pensar, premiu o obturador três, quatro vezes, em rápida sucessão, e o zunido e o clique ecoaram num momento súbito de silêncio. Harjeet virou a cabeça para identificar o som, olhando directamente para a objectiva. Rabindrah recuou involuntariamente e a lanterna, que estava imobilizada aos seus pés, mexeu-se e rolou, caindo no chão do armazém com um baque. Um dos guardas gritou, levantando a espingarda e disparando. A bala ricocheteou no caixote ao lado da cabeça de Rabindrah, que se encolheu mais atrás, praguejando, suando com o medo e tentando afundar-se ainda mais na pilha de caixotes, fora da linha de fogo.

Três somalis encaminharam-se para o monte de caixotes enquanto em baixo um dos guardas agarrava Yussuf e o arrastava para junto do pai de Harjeet. Rabindrah ouvia a sua voz, carregada de ameaça, exigindo em suaáli ao guarda-nocturno que lhe dissesse quem fora autorizado a entrar no armazém. Yussuf caiu ao chão, prostrando-se, frenético, e negando saber o que quer que fosse sobre algum intruso. O guarda-costas levantou a espingarda, cuja boca encostou à têmpora do guarda-nocturno, e o infeliz homem levantou as mãos em súplica, chorando e implorando misericórdia. Rabindrah tomou uma decisão. Metendo a câmara na roupa, levantou-se e agitou os braços.

– Parem! – gritou. – Por favor, não disparem. Eu vou descer.

Harjeet olhou de relance para o pai e depois fez um gesto com a cabeça ao somali para que não disparasse, no momento em que Rabindrah emergia da sombra e descia. Os guardas tinham-se alinhado, apontando-lhe as espingardas, e soou o duplo clique de uma culatra a ser carregada, levando-o a pensar que seria alvejado antes de pôr os pés no chão. Durante os segundos em que compreendeu que o guarda-nocturno estava prestes a ser executado, Rabindrah não fora capaz de conceber nenhum outro plano excepto distrair os dois homens e ganhar algum tempo. As roupas largas, a

sua cara suja e transpirada e o turbante esfarrapado davam-lhe o aspecto de um operário. Só se encontrara com Harjeet uma vez por breves momentos quando estavam rodeados por um grande grupo de familiares, e achava que ele não se devia lembrar dele. Não havia qualquer razão para o homem o associar ao primo jornalista.

– Quem és tu? Como é que entraste aqui? – Harjeet foi o primeiro a falar. O pai dele estava a examinar Rabindrah enquanto este descia do contentor.

– Amin Dhala. Estou à espera das vossas ilustres pessoas para lhes pedir emprego. – Olhou para Harjeet e para o pai deste e arvorou um sorriso lisonjeador. – Sou bom trabalhador. Sei fazer muitas coisas...

– Como é que sabias que íamos estar aqui? Foi ele que te disse? – Harjeet desferiu um pontapé em Yussuf, que estava paralisado de medo, com a testa comprimida contra o chão.

– Não o conheço, meu senhor. E esse homem também não me conhece. Soube da vossa operação por um homem no navio. Por isso, resolvi esperar. Esse homem no navio sabia que iam aparecer esta noite. Quando o carregador que trabalha de dia foi lá fora fumar, entrei e escondi-me. – Agitou um dedo para a figura prostrada do guarda-nocturno. – Não precisei que ele me ajudasse.

Assim que os seus pés tocaram no chão, um guarda agarrou em Rabindrah e arrastou-o para junto dos dois siques, a balbuciar incoerentemente na tentativa de ganhar tempo enquanto avaliava a distância para a porta do armazém. Seria uma loucura tentar fugir mas não via outra forma de escapar. Nesse momento, os seus olhos captaram um brilho metálico que lhe fez o coração subir à garganta. As chaves ainda estavam na ignição do *Mercedes* e a porta do condutor estava aberta. O guarda mais próximo dele olhava para o patrão, a boca ligeiramente aberta enquanto seguia os inesperados acontecimentos. Rabindrah atirou-se a ele, desequilibrando-o e agarrando-lhe na espingarda. Fechou os dedos no gatilho e desatou a disparar em todas as direcções enquanto corria para a porta do carro. Saltando para o banco do condutor, pôs o motor a trabalhar e arrancou na direcção de outro somali que se lançou para o lado. Gritando a Yussuf que entrasse, fez um peão com o carro, apanhando um terceiro somali com o

pára-choques traseiro. O homem caiu com um baque mas um dos outros bandidos começou a disparar através do pára-brisas. Rabindrah esquivou-se a uma chuva de vidros e sentiu uma pontada no ombro. Os pneus começaram a chiar, enquanto as balas crivavam de furos a borracha e aterravam na capota, atingindo o radiador. Yussuf estava a tentar levantar-se, os olhos arregalados de terror, mas foi demasiado lento.

– Matem-nos! Matem-nos aos dois! – Foi Manjit Singh quem gritou a ordem.

O somali mais próximo do guarda-nocturno tomou impulso com o braço e a sua *panga* sibilou num movimento descendente que quase separou a cabeça do guarda-nocturno do seu corpo. Tudo pareceu desenrolar-se em câmara lenta para Rabindrah. Yussuf, com as mãos agarradas ao pescoço, caiu para o lado, uma fonte escarlate jorrando do ferimento e atingindo Harjeet, salpicando-lhe a cara e os ombros. Ele desviou-se instantaneamente e caiu contra o pai, fazendo com que o homem mais velho embatesse no carro. Rabindrah acelerou e soaram mais tiros no momento em que um jipe da polícia, cheio de *askaris* armados, entrou a todo o gás pela porta do armazém. Seguiu-se, durante vários minutos, uma troca de tiros e Rabindrah encolheu-se atrás do volante do carro até todos os somalis que restavam serem silenciados e os seus corpos estarem caídos por terra, os braços abertos, as armas espalhadas pelo armazém. Dois *askaris* estavam mortos ou feridos ao lado deles.

No silêncio arrepiante que se seguiu, Rabindrah viu, através da névoa e mau cheiro da cordite que obscurecia o ar, a forma imóvel do guarda-nocturno, a sua cabeça num ângulo grotesco em relação ao corpo inerte, o sangue ainda a espalhar-se no chão de cimento à sua volta. Vagamente e com o eco dos tiros de espingarda ainda nos ouvidos, Rabindrah viu Harjeet a tentar fugir de rastos, soluçando e tentando, em vão, limpar-se com um lenço, para eliminar do rosto o sangue do guarda-nocturno assassinado. O pai estava deitado de lado, a gemer, a sua perna torcida numa posição pouco natural. Rabindrah saiu a cambalear do *Mercedes*, vagamente consciente da dor cada vez mais forte no ombro e do sangue que lhe corria pela manga. Ignorando-o, agarrou no marido de Lila pelas lapelas do casaco, pondo-o de

pé. Estava dominado pela repulsa e a raiva perante a barbaridade da execução ao abanar Harjeet, gritando de frustração.

– Grande filho da puta! Estafermo! És uma vergonha para a tua família e para a tua comunidade. E vou tratar pessoalmente de te pôr atrás das grades por muitos anos!

– Quem és tu? És polícia? – Harjeet estava a fixá-lo, amedrontado e sem compreender.

– Sou o primo da tua mulher. Estou a investigar este tráfico nojento e olha só quem apareceu a rastejar debaixo das pedras. Espero que apodreças na prisão por muito tempo. Um século não chega! – Afastou Harjeet com repugnância.

– És o jornalista. O Rabindrah. – Subitamente Harjeet sorriu, os olhos brilhando de maldade. – Julgas que vamos ser condenados com base nas tuas provas? Que vais ser um herói? – Deu um passo em frente, o seu rosto ficando a centímetros do de Rabindrah. – Pensa bem nisto, bufo de merda, lambe-botas dos pretos. Se gostas assim tanto da tua priminha, é bom que te interrogues sobre que envolvimento ela poderá ter nesta história!

– A Lila nunca participaria em actividades criminosas. – Rabindrah apercebeu-se de um inspector da polícia que estava a passar por cima dos corpos, baixando-se para examinar um colega ferido antes de pegar no bloco de notas e continuar.

– Não te iludas, pá. – A cara de Harjeet estava transformada numa triunfante máscara de sarcasmo. – A Lila tem-nos sido muito útil e o pai dela tem recebido a parte dele dos lucros das nossas actividades de muito bom grado. Os escrúpulos dele nunca o impediram de armazenar o nosso marfim. É muito conveniente ter família no interior do país, com espaço de armazenagem suficiente longe dos olhos curiosos da lei. Se apresentares provas contra mim e o meu pai, a família da Lila sofre a mesma sorte que nós. E esse pobre tolo do Gulab não te há-de agradecer.

O inspector da polícia e dois *askaris* haviam-se aproximado e Harjeet foi detido.

– Mr. Rabindrah Singh? – O inspector estendeu a mão para o cumprimentar. – Temos um carro lá fora para levá-lo ao hospital. Vejo que

foi baleado.

– Baleado? – Rabindrah olhou de relance para o braço mas os seus olhos voltaram-se involuntariamente para o cadáver de Yussuf. – O guarda-nocturno – disse ele. – Tenho a certeza que o ministro Kiberu há-de querer saber o que lhe aconteceu. – O horror daquilo que testemunhara ameaçava tomar conta dele e teve de se sentar num dos caixotes à espera que a náusea e a tontura passassem.

– Mr. Singh, vamos levá-lo agora para o hospital.

– Tenho de viajar para Nairobi logo de manhã. – Rabindrah não registara as palavras do inspector. – Para entregar o meu relatório directamente ao ministro Kiberu. Preciso de lhe telefonar imediatamente.

– Sim, Mr. Singh. – A expressão do polícia era inescrutável. – Eu próprio o contacto dentro de minutos. Mas primeiro tem de ir para o hospital.

Rabindrah começara a sentir-se como se estivesse lentamente a separar-se do corpo, vogando para longe da cena à sua volta, até Harjeet Singh, algemado e seguindo a maca do pai, passar por ele. Ainda conseguiu vislumbrar o seu sorriso escarninho.

– Não te esqueças – disse ele.

No hospital, Rabindrah foi limpo, suturado, lavado e colocado num quarto privado com um agente da polícia à porta. Mas os seus pensamentos estavam num tumulto, tentando encontrar uma maneira de proteger Lila e a família dela. Claro que Harjeet podia estar a mentir para se furtar, e ao pai, a uma prolongada pena de prisão. No entanto, a premissa básica da história soava-lhe verdadeira. Debateu-se para tirar a câmara de Sarah do monte de roupas que tinham sido guardadas num armário. A sua respiração era entrecortada e a dor no ombro fazia com que gemesse em voz alta. Voltou a cambalear para a cama e enfiou a câmara debaixo da fina capa do colchão onde poderia sentir o seu volume contra a espinha. A acção fê-lo achar-se vagamente ridículo, como se continuasse prisioneiro num *thriller* de segunda categoria. Mas receava que, por qualquer razão, as provas fotográficas pudessem desaparecer se não as protegesse fisicamente, se não

sentisse a sua presença debaixo do corpo. Estava a suar e enjoado quando tocou à campainha.

– Preciso de fazer um telefonema – disse ele à enfermeira quando a imagem dela se materializou diante dele. – Preciso de falar com a minha mulher. E acho que vou vomitar.

– Meu Deus, Mr. Singh, está branco como a cal. – A rapariga abriu um pequeno armário e tirou uma bacia a tempo de Rabindrah vomitar. – Tem de descansar agora. Está a sofrer de choque e da dor do ferimento da bala. O médico deixou instruções para lhe dar um sedativo, vou dar-lhe já uma injeção. Logo de manhã, contactamos a sua mulher. É muito tarde agora.

– Não. Preciso de lhe dizer. Preciso de...

Não se recordava de mais nada quando a luz quente e amarela da manhã o obrigou a abrir os olhos e a acordar com uma dor lancinante. Sentou-se com dificuldade, gemendo com o esforço, e tocou para chamar a enfermeira. Desta vez, ela ajudou-o a ligar para Lamu. Tentou permanecer calmo e racional quando ouviu a voz de Sarah na linha.

– Onde é que estás? Tenho estado aqui consumida, a dar voltas à cabeça para tentar perceber para onde foste e porque é que abandonaste assim o casamento. O Anthony pensou que podias estar em Mombaça a cobrir uma história e eu liguei ao Gordon, mas ele não sabia de nada. Que vem a ser isto? O que é que se passa, Rabindrah?

Ela ouviu as suas explicações em silêncio, mas ele omitiu qualquer descrição do fim bárbaro de Yussuf, o seu próprio ferimento e as ameaças de Harjeet, sabendo que o seu relato soava incompleto e pouco convincente. Finalmente, disse-lhe que tinha sido alvejado.

– Não passa de um arranhão – disse ele. – Uma ferida superficial.

– Um ferimento de bala superficial? Superficial, como? Oh, meu Deus! Podias estar morto, Rabindrah! Estás bem? Estás a contar-me tudo?

– Levei pontos e estou ótimo.

– Mas porque é que lá estavas? Porque é que tinhas de ser tu? Quer dizer, o Johnson Kiberu devia saber que havia uma ligação familiar com o

Harjeet. Ouve, vou ter contigo a Mombaça. Quando é que saís do hospital? Diz a sério, estás muito ferido?

As perguntas dela, motivadas pela ansiedade relativamente à segurança dele, choviam através da linha e interrompiam as débeis tentativas dele para apaziguá-la, o que apenas intensificava o ressentimento entre eles, apesar de ele procurar minimizar a gravidade do que acontecera. Mas ela conhecia-o demasiado bem. Sabia que ele não estava a contar tudo. Pessoalmente, ele começava a pensar se Kiberu não o teria tramado. E se também Anthony teria conhecimento do envolvimento do marido de Lila. Ter-lhe-iam escondido o que sabiam para que ele não se sentisse tentado a adular os factos? – Sabes, não podemos confiar nestes indianos astutos nem saber onde estão as suas lealdades. – Quase conseguia ouvir Kiberu a proferir as palavras. Que mais se podia dizer a respeito de confiança e integridade?

– Podíamos viajar juntos para Nairobi e levar a Lila connosco – disse Sarah. – Tenho a certeza que ela não sabe o que aconteceu. Ainda nem sequer se levantou.

– Não, não venhas aqui. Nem a Nairobi. Ias para Langani com a Hannah e a Lottie, e acho que deves ir na mesma. Dentro em breve, tenho alta mas tenho de passar os próximos dois dias a preparar um relatório para o Kiberu. E para o jornal. O Anthony está aí?

– Saiu de manhã cedo com a Camilla. Foram para norte, passar a lua-de-mel em Shaba, onde os *watu* dele montaram um acampamento.

– Tens de obrigar a Lila a deixar o país. O mais rapidamente possível. E o Tom Bartlett? Quando é que ele parte para Londres?

– Esta noite. Vai num voo fretado para Nairobi com a Allie e o Hugo hoje à tarde e apanha o voo para Londres à noite – disse Sarah. – Mas a Lila há-de querer despedir-se da família. Vão ficar chocados quando souberem disto. Valha-me Deus! Começo agora a perceber a posição delicada em que ela está. – Reflectiu melhor. – Com certeza que seria melhor ela ficar aqui com os pais.

– Não, Sarah. Ela não deve ir lá a casa. É crucial que ela parta antes de ser chamada como testemunha ou mesmo cúmplice. Tens de convencê-la a apanhar o avião esta noite. Eu falo com o Gulab e a Anjit. Hão-de

compreender, porque é que é mais seguro ela partir. Tens de dar já a notícia à Lila, assim que desligares, e tentar arranjar-lhe lugar nesse voo fretado. Encontramo-nos mais tarde em Langani.

– Quando?

– Não sei – disse ele, escondendo um plano que começara a tomar forma no seu espírito e sabendo que não devia ceder à tentação de o confidenciar.

– Logo que possa.

– Não fazes ideia de quando será? E não precisas de consultar um médico em Nairobi antes de retomares o trabalho?

– Não. Sinto-me bem e isto vai ser material de primeira. – Sabia que estava a cavar um fosso ainda mais fundo para si mesmo.

– Ótimo. – A voz dela soou fria e a mágoa por se sentir excluída não passou despercebida a Rabindrah. – Compreendo agora quais são as tuas prioridades. Vou falar com a Lila e fazer o que puder por ela. Então adeus.

– Sarah...

– Percebo que sou completamente insignificante neste momento. Fico à espera de notícias tuas. Adeus.

Rabindrah recostou-se nas almofadas, esperando que a enfermeira atendesse à chamada. Sentia-se lasso e angustiado e os arranhões na cara, provocados pelos vidros do pára-brisas do carro de Manjit, latejavam. Sempre que se mexia, sentia uma pontada de dor percorrer-lhe o braço e o peito. Desejava que Sarah ali estivesse, que o deixasse pousar a cabeça no seu peito e adormecer nos seus braços. Mas ela estava furiosa, transtornada e distante, ignorando o facto de ele quase ter perecido sob uma chuva de balas. De um homem inocente ter sido decapitado porque ele, Rabindrah, cometera um erro irreflectido. Queria voltar a pegar no telefone e contar-lhe tudo isto, mas não podia. Tinha medo de perder o controlo e não conseguir partir depois para Nairobi, para ir ter com Gulab e ver o que podia ser feito para o proteger. E porque o tempo estava a esgotar-se para Lila.

Quando a enfermeira abriu a porta, ele conseguira, a custo, enfiar as roupas imundas da noite anterior. Apesar das objecções dela, insistiu em sair do hospital à sua própria responsabilidade. Um táxi levou-o de volta ao

hotel e esperou enquanto ele vestia a camisa e as calças. Em seguida, dirigiu-se para o aeroporto.

CAPÍTULO 15

Quénia, Setembro de 1977

Imediatamente após a descolagem, Rabindrah tomou dois comprimidos de codeína e tentou encontrar uma posição confortável. Acabou por sucumbir a um sono inquieto, pontuado por lampejos de horror. A cena no armazém reproduzia-se incessantemente, o sangue de Yussuf a jorrar do seu pescoço numa torrente vermelha e viscosa enquanto ele se estatelava no chão. Rabindrah viu-se a si mesmo ao volante do carro, com a cara do assassino somali a espreitar malévola, pelo pára-brisas. Tentou gritar, mas as suas cordas vocais pareciam ter sido desfeitas, deixando-o indefeso e impotente perante o perigo. Por fim, o zunido do motor do avião infiltrou-se no pesadelo e ele acordou, no momento em que o aparelho descia para o aeroporto de Kenyatta.

– Leve-me ao aeródromo de Wilson – disse ele ao primeiro taxista na fila.

Enquanto avançavam através do trânsito do princípio da manhã, interrogou-se se Gulab soubera das detenções. Não quisera explicar ao telefone os terríveis acontecimentos que testemunhara e o seu próprio papel neles. Sentiu uma reviravolta no estômago à ideia de que a sua família pudesse estar implicada numa história tão abominável e de que ele próprio pudesse ter sido pressionado a participar no acto que a levaria perante a justiça. Em Wilson, pegou no seu próprio carro, encolhendo-se de dor sempre que mudava de velocidade ou rodava o volante. Quando chegou à residência de Gulab, bateu à porta de entrada, que foi aberta por um criado.

– O *bwana* Gulab está? Diz-lhe que estou aqui... é urgente.

Mas Gulab ouvira vozes e apareceu no vestíbulo, registando a cara sombria e por barbear do sobrinho, o braço ao peito e a expressão sinistra.

– Rabindrah! Meu Deus, estás com um ar terrível. O que é que se passa? Tiveste um acidente? Pensei que estivesses em Lamu no casamento. Com a Lila. Deixa-me chamar a Anjit e tomamos um chá.

– Não chame ninguém.

O tom de Rabindrah despertou uma pontinha de alarme no tio. Ele conduziu Rabindrah para o seu escritório e fechou a porta atrás deles.

– Deve ser um assunto importante para justificar uma visita tão inesperada. – O riso de Gulab denotava nervosismo.

Rabindrah sentiu o autodomínio abandoná-lo. Estava completamente exausto e o seu ferimento ardia-lhe terrivelmente no ombro e no peito. Era possível que a polícia estivesse já a caminho dali para iniciar as suas averiguações ou mesmo para efectuar uma detenção. Avançou e, usando o braço bom, empurrou Gulab para uma cadeira.

– Diga-me que não está envolvido no tráfico de marfim e outras mercadorias ilegais em nome do Manjit Singh. Diga-me!

O rosto de Gulab perdeu a cor e ele agarrou-se aos braços da cadeira e tentou levantar-se, desviando-se do sobrinho. Recusando-se a olhá-lo de frente. Era a admissão de que Rabindrah precisava e forçou de novo o tio a sentar-se com uma ferocidade que chocou ambos. Soou um ruído atrás deles e os dois homens viraram-se e depararam-se com Anjit à porta.

– Rabindrah? Que estás a fazer aqui? Gulab, estás com ar de quem viu um fantasma. Há algum problema? A Lila...?

– A Lila está bem. – Gulab estava cabisbaixo, as suas palavras saíram débeis.

– Então o que se passa? – Anjit virou-se para Rabindrah. – Porque é que vieste aqui?

– É um assunto que tenho de resolver com o Gulab.

– Não. Há mais qualquer coisa. – Ela sentou-se. – É melhor dizeres-me o que é.

– Ele quer saber sobre o Manjit e o Harjeet. O negócio deles. – As palavras de Gulab eram quase inaudíveis. – Está a par das actividades deles.

– Oh, meu Deus! Eu sabia que nunca devias ter aceitado trabalhar para eles. Bem te disse...

– Cala-te! Sai agora daqui, por favor. Vai tratar da casa, falamos mais tarde. Sai, Anjit.

– Isto afecta a Lila? Aconteceu alguma coisa que a ponha em maus lençóis? – Olhou para eles, aterrada. – Por amor de Deus, diz-me! Sou a mãe dela!

– Discutimos isto mais tarde – disse Gulab, pegando-lhe no braço e conduzindo-a para a porta. – Não te preocupes com a Lila. Não lhe vai acontecer nada.

Anjit lançou um olhar de apreensão a Rabindrah, hesitou por um momento e acabou por deixá-los sozinhos num silêncio pesado que continha o seu próprio clamor.

– Ela está então a par disto. – Rabindrah experimentou um momento de desespero.

– Não, não. Ela não está envolvida de maneira nenhuma – disse Gulab defensivamente.

– Como é que se deixou envolver nesta história execrável, tio? – O desprezo de Rabindrah era evidente. – Não compreendeu que estaria a pôr toda a sua família numa situação extremamente perigosa? É assim tão ganancioso e estúpido que mais ninguém importa... nem a sua mulher, os seus filhos e a filha que vendeu a troco da sua própria segurança?

– Como é que descobriste tudo isso? – Gulab agarrou-se, em pânico, à secretária.

– Pediram-me que investigasse uma rede de caça ilegal. Para um ministro do governo e para o jornal. Está em curso um cerco em grande escala ao tráfico ilegal desde a proibição de caçar e o Ministério da Vida Selvagem tem estado a vigiar o armazém em Mombaça. Conhece o sítio, Gulab. Estive lá ontem à noite, na sequência de uma informação. E o maldito do seu genro e do pai dele também... o Manjit Singh e o Harjeet, com os seus brutamontes armados e uma carga de marfim e outros troféus ilegais.

– Mas tu não vais escrever sobre eles no jornal, pois não? Pensa nas consequências para todos nós!

– É um pouco tarde para estar a preocupar-se com isso – disse Rabindrah, agoniado com o tom lamuriendo do tio. – Ontem à noite a polícia fez uma rusga ao armazém de Mombaça.

– O Manjit Singh é um homem astuto. – Gulab estava a seguir outro raciocínio, tentando manter a esperança. – Há-de arranjar uma saída. Ninguém há-de conseguir provar que ele prevaricou.

– Estão na cadeia, Gulab. Vão lá ficar os dois durante muito tempo.

– Na cadeia? Foste tu que os meteste lá? Que os entregaste? Foste responsável? Meu Deus, são homens da tua própria comunidade, da tua própria família, Rabindrah!

– Faz alguma ideia do tipo de pessoas que eles são, tio? Ontem à noite tentaram matar-me. Executaram o guarda-nocturno. Degolaram-no com uma *panga*, diante dos meus olhos. Por ordem do Manjit. – Rabindrah estremeceu, a recordação provocando-lhe náuseas. – Eu estaria morto se a polícia não estivesse a postos, à espera de entrar pelo armazém dentro e prendê-los.

Gulab enterrou a cabeça nas mãos. – Podes ajudar-me? – sussurrou.

– Porque é que havia de querer ajudá-lo? – As palavras de Rabindrah saíram num grunhido.

– Eles são da família agora. O Harjeet é...

– Não é família que eu queira reconhecer. Merecem apodrecer na prisão e eu próprio me desfazia da chave. Ontem à noite, o Harjeet ameaçou-me antes de a polícia o levar. Disse-me que o tio e a sua família estavam envolvidos nesta história. Até ao pescoço. Disse que, se fosse preso, os arrastaria a todos com ele. O tio, a Anjit e os vossos filhos. E até a Lila, a sua própria mulher. É o tipo de escroque *shenzi* a quem vendeu a sua filha. Portanto, é bom que me conte toda a verdade. Há quanto tempo está metido nisto? Qual é o grau do seu envolvimento?

– Armazeno as mercadorias deles. Nada mais. Marfim, peles, chifres de rinoceronte... – Gulab pousou os olhos na secretária.

– Onde?

– Na minha serração perto de Nanyuki. Quando o navio chega, mando os meus camiões a Mombaça com a mercadoria. – Ouviu a exclamação de

raiva de Rabindrah e a voz falhou-lhe. – Não faço mais nada. Não participei na caça ilegal nem nos abates. Não fiz mal a ninguém. Juro-te. Só armazenei mercadoria. Fui obrigado! Era parte do acordo!

– Como é que foi capaz de fazer um acordo desses? – Rabindrah inclinou-se sobre o tio, amparando o braço para atenuar a dor lancinante do movimento.

– Não compreendes a gravidade da situação em que eu estava! – Gulab suava abundantemente, retorcendo os dedos de ansiedade. – Sempre vivemos bem. Admito-o. Aprecio o luxo. Gosto de mimar os meus filhos, de dar à minha mulher todos os confortos. Bonitos saris e jóias para ela ter o seu lugar na comunidade. Toda a minha vida trabalhei no duro para merecer o dinheiro que ganhei. Mas, desde a Independência, tive de pagar subornos, todos os meses maiores. A sócios africanos que não faziam nada, mas queriam sempre uma fatia maior das receitas. A funcionários do governo para não me tirarem o alvará de comércio. Estava a entrar em falência. A minha serração, a minha loja de ferragens, tudo o que passei a vida a construir... ia perder tudo. Santo Deus, homem! Já não tínhamos dinheiro e nenhum sítio para onde ir se a empresa fosse à bancarrota. Nenhum!

– Não podia ter pedido ajuda à família? Ao Indar? Ou ele também faz parte deste esquema de tráfico ilegal? – Rabindrah susteve a respiração, receoso da resposta.

– Não. Ele não foi tão gravemente afectado no negócio dele. É ele que faz a manutenção de metade dos veículos do governo. Precisam das competências dele, das peças sobresselentes para os motores. Mas eu tive medo, Rabindrah. E vergonha. Como ia poder sustentar a minha família? Para onde podíamos ir, sem nada com que viver? Não tinha dinheiro para casar a minha filha ou arranjar boas mulheres para os meus filhos. Estes políticos estão a privar-nos do nosso ganha-pão e não podemos viajar para Inglaterra com passaportes quenianos. O que nos resta então? A Índia? Só lá estive uma vez e estava morto por me vir embora! Não é a nossa terra, naquelas cidades superlotadas e imundas.

Rabindrah rodou nos calcanhares e foi olhar pela janela para o jardim bem tratado, chocado com o desespero e cobardia de Gulab, horrorizado por ele não ter percebido a que ponto a política de africanização estava a destruir a sua família.

– Depois o Manjit Singh apareceu aqui numa das viagens de negócios dele. – Gulab calou-se para limpar o suor na cara. – Descobriu que eu estava numa situação desesperada. Propôs integrar-me na direcção de uma empresa que lhe pertencia. Com três accionistas africanos... dois deles são políticos, disse-me. A empresa pagaria os subornos e o Manjit disse que me daria uma avultada quantia em dinheiro todos os meses a troco de um local de armazenagem na serração. Sem levantar ondas. Sempre que ele desse a ordem, um dos meus camiões partiria para Mombaça com as mercadorias dele que eu tinha armazenadas. A única coisa que queria era que eu estivesse lá quando as mercadorias saíssem e entrassem e que mantivesse sempre o local bem fechado com um *askari* à porta. O resto era ele que organizava.

– Mas o tio sabia que mercadorias eram essas. – Rabindrah baixou os olhos para a figura do tio encolhida sobre a secretária, evaporados todos os vestígios da sua franca jovialidade. – Devia saber que era contrabando. Que pagavam a caçadores ilegais.

– Sim, sabia. – O homem estava alquebrado. – A princípio recusei. Disse-lhe que era demasiado perigoso. Não me queria envolver em actividades ilegais. Já tinha problemas que chegassem. Mas ele disse então que o Harjeet estava disposto a casar com a Lila. Ela teria uma bela casa em Inglaterra e, quando se casassem, arranjaría passaportes e vistos de entrada para a minha família. – Gulab levantou os olhos para o sobrinho, desesperado. – O que é que eu podia fazer, Rabindrah? Estava à beira da falência. Não tinha um dote para oferecer à minha filha e ela não estava a ficar mais nova. Já não constituía uma proposta atractiva, como sabes.

– Um bem material. Um naco de carne para ser comercializado como uma velha *ngombe*. Foi assim que tratou a sua filha. – Rabindrah afastou-se para não bater no tio.

– Não, pensei que seria um bom casamento para a Lila – disse Gulab. – A segurança para a Anjit e para a família. Uma saída daqui. Não podia ignorar uma oferta destas.

– Os seus filhos sabiam o que se estava a passar? Ou a Anjit? – Rabindrah temia a resposta. – Se também estão envolvidos, é impossível salvá-los.

– Só a Anjit. – Gulab levantou a cabeça. – Discordou de mim, mas eu proibi-a de falar do assunto. Mesmo comigo. Os meus filhos e a Lila... não sabiam de nada. Absolutamente nada. O Manjit disse que se eu dissesse a alguém não haveria acordo. – Neste momento, não conseguiu dominar as lágrimas.

– Conte-me o resto – disse Rabindrah num tom agressivo. – Não serve de nada choramingar agora.

– Levei o Manjit à serração em Nanyuki e ele escolheu um dos edifícios fora do complexo principal. Um barracão onde um supervisor costumava dormir. Mande reforçar as portas, instalei fechaduras especiais e uma plataforma de pesagem. Disse ao Arjan, o meu filho que gere a serração, que se destinava ao meu uso pessoal e ele nunca me questionou. Afinal de contas, ele limita-se a gerir o sítio em meu nome. – O seu esforço para sorrir transformou-se num esgar. – Acho que ele desconfiou que eu levava lá às vezes uma *bibi* africana porque se riu e disse que, se eu queria lá ir quando ninguém estava a trabalhar, não era da conta dele. Deixei-o acreditar nisso.

Era de algum modo um alívio, pensou Rabindrah. A não ser que Manjit Singh ou o filho já tivessem sido questionados e implicado Gulab nas suas transacções criminosas. Mas Rabindrah achava que não, caso contrário a polícia já teria aparecido nessa manhã e o tio teria sido detido.

– Neste momento, há lá marfim. E peles. – Gulab desferiu o golpe seguinte. – Chegaram ontem, demasiado tarde para seguirem no navio.

– Raios o partam, tio! Isto não acaba?

– Imploro-te que me ajudes, Rabindrah. Pela família. Por favor! Não podes fazer nada? Não podes falar com esse político que te pediu para investigares? – A voz de Gulab tremia, patética. – A Lila sabe disto? O que é que lhe vai acontecer agora?

– A Lila vai partir para Inglaterra esta noite.

– Para junto da família do Harjeet? Não, não! Eles não a aceitam agora. Tem de vir para casa, para junto da mãe.

– Ela não pode ficar no Quénia. É demasiado perigoso para ela. A polícia pode acusá-la de cumplicidade e prendê-la.

– Mas temos de vê-la antes de ela partir, eu e a mãe.

– Está fora de questão. Vai apanhar um avião em Lamu directamente para o Aeroporto de Kenyatta e depois parte com um amigo da Camilla. Ele arranja um sítio para ela ficar quando chegar a Londres.

– Tens de falar com esse ministro, sobre o Harjeet e o pai. Ver o que se pode fazer.

– Era o que faltava. O Johnson Kiburu não é corrupto e está determinado em levar este caso até ao fim. – Rabindrah sentia repulsa pelas lamúrias incessantes do tio. – Tem provas que cheguem, incluindo a carga apreendida pela polícia ontem à noite. É tudo de que precisa. E tem razão.

– Então estou arrumado. Estamos todos arrumados. – Gulab deixou-se cair na cadeira, soluçando ruidosamente.

– Não, se o tio for o único que sabe como esta operação estava organizada. Levante-se, homem. Tem de me acompanhar imediatamente, se quer tentar salvar a sua família. – Rabindrah apercebeu-se da hesitação dele. – Não perca tempo, Gulab. Diga à Anjit que vai ao escritório... a polícia não pode encontrá-lo aqui, se aparecer. Temos de nos despachar. Vamos!

Depois de o tio sair da sala, Rabindrah levantou o auscultador do telefone e ligou para a operadora.

– Preciso de uma ligação por rádio para a frequência de Anthony Chapman... no acampamento dele em Shaba.

– Rabindrah! – A voz de Anthony soou animada. – Isto aqui é uma maravilha. Vimos um leopardo magnífico a caminho do aeródromo esta manhã. Eu e a minha mulher. – Soltou uma gargalhada. – Nunca me disseste que seria tão bom. Espero que tenciones dizer-me porque é que te piseaste do casamento, pá. Foi um pouco estranho.

Rabindrah sentiu a animosidade subir à tona. Este homem, que supostamente era seu amigo, possivelmente traía-o. E agora ali estava,

relaxado no seu acampamento de tendas com a nova mulher, sem sequer pensar no que poderia ter causado o seu inesperado desaparecimento.

– Tramaste-me, Anthony – disse ele, furibundo. – Tu e o teu poderoso compincha. Sabiam quem ia estar naquele armazém e deixaram-me cair na cilada. O que é que pensaram que eu faria, se me tivessem avisado? Ajudá-los a escapar? Foi isso?

– Que armazém? Quem é que ia escapar? Que diabo estás para aí a dizer, Rabindrah? – Anthony falou num tom intrigado e depois incrédulo. Quando continuou, a sua voz soou fria. – Presumo que estás a falar da investigação sobre a caça ilegal mas, como bem sabes, não estou a par de qualquer progresso. Absolutamente nenhum. Isso é entre ti e o Johnson.

– Não quero falar sobre isto num canal de rádio aberto – disse Rabindrah. – Podes sair do acampamento e ligar-me para casa?

– Estou a quilómetros de qualquer telefone, sem garantias de encontrar um que esteja a funcionar – disse Anthony. – E, pelos vistos, esqueceste-te que é o primeiro dia da minha lua-de-mel. Onde é que estás? Isto é assim tão urgente?

– Estou em Nairobi. O Kiberu organizou um golpe ontem à noite. É crucial que te explique, mas não pelo rádio.

– É bom que valha a pena – disse Anthony. – Dentro de duas horas, telefono-te.

– O seu relatório e as fotografias encerram o caso – disse Johnson Kiberu ao telefone. – Já pensávamos que tínhamos provas concludentes antes, mas esta gente conseguiu até agora escapar a todas as tentativas para os acusar. Como mafiosos na América ou na Sicília. Ah! Ah! Vou dar ordens ao inspector em Mombaça para os deixar suar na prisão e no hospital durante alguns dias sem maneira de comunicarem entre eles nem com mais ninguém. Só temos vantagens em mantê-los separados.

– Passo pelo seu gabinete ao final da tarde – disse Rabindrah. – Presumo que também posso dar a história ao Gordon?

– Sim, sim. Será ideal que os pormenores saiam no jornal de amanhã. Fez um belo trabalho, meu amigo. Só prova que podemos trabalhar juntos

quando se trata de uma questão importante. Este é o verdadeiro espírito do *Harambee!* Até logo.

Soou um clique na linha, seguido de silêncio. Rabindrah recostou-se. O seu primeiro problema era encontrar um lugar seguro para Gulab. Fez outra chamada para a sua própria casa e disse a Chege que fosse fazer compras para a semana seguinte.

– Volto esta noite – disse Rabindrah. – E a Mama Sarah regressa dentro de um ou dois dias. É melhor comprares tudo o que precisares para a cozinha e para a despensa. Vai à *duka*, por favor, Chege, e abastece-te das provisões habituais, por minha conta. Não te esqueças de deixar o talão na minha secretária. Podes tirar a noite de folga porque vou chegar muito tarde e não preciso de jantar. *Asante*. – Abriu a porta do escritório e chamou Anjit, que apareceu imediatamente, o seu rosto anafado crispado de preocupação.

– Que foi? Onde está o Gulab?

– Eu e o Gulab vamos sair por algum tempo – disse Rabindrah à mulher assustada. – Vou deixar o meu carro na sua garagem e vou no carro dele. Se alguém cá vier, não sabe onde ele foi.

– Mas onde é que o vais levar?

– A uma reunião de trabalho. Não precisa de saber mais nada.

Anjit estava a chorar à porta quando eles arrancaram, dirigindo-se de imediato à casa em Langata.

Não estava ali ninguém a não ser o cão, que rosnou a Gulab e se colou a Rabindrah como uma lapa. A casa estava fria e vazia e, por um momento, ele sentiu-se tentado a telefonar a Sarah. Mas sabia que ela o questionaria sobre o tio e a tia, a reacção deles à detenção de Harjeet e o facto de não poderem estar com Lila antes de ela deixar o país. Além disso, pressentiria decerto que havia alguma coisa mais na forja e pedir-lhe-ia mais uma vez que fosse ter com ela a Langani. Rabindrah suspirou e dirigiu-se imediatamente à câmara escura de Sarah para revelar as fotografias da noite anterior, fazendo cópias para Johnson Kiberu e uma folha de provas para Gordon seleccionar. Depois meteu o rolo de filme na respectiva caixa de plástico preto, enfiou a caixa numa pequena lata de folhas de chá e colocou-

a na pasta. Demorou mais uma hora a dactilografar o seu relatório para o ministro e a escrever uma segunda versão para o jornal. A meio do último texto, o telefone tocou.

– Que diabo é que se passa por aí? – A voz de Anthony era seca.

– O Kiberu mandou-me a um armazém em Mombaça ontem à noite para esperar por um camião carregado de marfim e peles para exportação. Os patrões eram asiáticos, como se suspeitava. Mas afinal eram o marido e o sogro da Lila, como já devias saber desde o princípio.

– Bolas, Rabindrah, não fazia ideia nenhuma de quem eram. – O tom de Anthony denotava indignação. – Como é que podes pensar tal coisa?

– Bem, o teu amigo Kiberu devia saber que havia uma ligação. A propósito, levei um tiro no ombro, mas um desgraçado mais infeliz do que eu foi degolado. Quando a coisa terminou, devia haver meia dúzia de cadáveres espalhados pelo chão e o marido e o sogro da Lila foram detidos.

– Deus do Céu, custa-me a entender. O teu ferimento é grave? Foste ao médico? – Anthony estava chocado.

– Estou bem, e o teu comparsa, o Kiberu, realizou os sonhos todos dele. Caçadores ilegais, contrabandistas, políticos corruptos, o rasto do capital e um jornalista indiano a denunciar a própria família. Impecável. Mas há mais. – Rabindrah interrompeu a tentativa de Anthony para responder. – Preciso urgentemente de ajuda. Quero que te metas no carro e venhas para sul esta noite para me dar uma mão. Meteste-me nesta alhada e agora deves-me um favor.

– Se bem entendi, dois escroques e alguns bandidos estão mortos ou atrás das grades e certamente que vão denunciar os políticos locais que andam a encher os bolsos. Dá ideia que fizeste um trabalho estupendo. Qual é o meu papel nisso tudo?

– Ouve, fico radiante se o Manjit Singh e o filho passarem uma eternidade na cadeia. Mas descobri que o pai da Lila também está envolvido. Pode ser detido a qualquer momento por cumplicidade. Pior ainda, tem mais presas de elefante e uma série de outras coisas escondidas na serração dele perto de Nanyuki.

– O quê? – Anthony resmungou de incredulidade. – Deus me livre, que trapalhada dos diabos. Que vai acontecer agora à pobre Lila?

– A Sarah está a tentar arranjar-lhe um voo para Londres esta noite. Com o Tom.

– E em que situação é que tu ficas?

– A família e os amigos na minha comunidade vão dizer que os traí. Já contava e posso viver com isso, mas não quero que o Gulab seja preso. Foi enganado e envolveu-se nisto por estupidez e desespero e, se a serração dele for revistada, está perdido.

– Sem dúvida – disse Anthony, sem sombra de compaixão.

– Mas não há-de ficar por aí. O governo há-de usá-lo como desculpa para revistar e confiscar bens aos familiares dele, incluindo o Indar, que não sabe nada sobre isto. Hão-de encontrar maneiras de lhes rescindir as licenças comerciais. Parte da família pode ser deportada, ou as condições vão tornar-se impossíveis para eles cá ficarem e ganharem a vida.

– Estás a falar de um facto consumado, Rabindrah. Não vejo o que é que possas fazer pelo Gulab nesta fase. Excepto esperar que a filha consiga sair do país.

– Quero que te encontres comigo em Nanyuki esta noite. Temos de ajudá-lo a livrar-se de tudo o que está guardado na serração e não sei como nem onde podemos desfazer-nos da mercadoria. Não faço ideia se posso enterrá-la no *bundu* e, se sim, onde. Mas tem de desaparecer. Esta noite.

– Como é que tens a certeza de que a polícia já não está lá?

– Não tenho. Mas acho que o Manjit e o filho não vão dar à língua por enquanto. Porque têm esperança que eu suprima parte das provas por causa da Lila. Que minta sobre o que vi, sobre o envolvimento deles. Que diga talvez que eles foram feitos reféns pelos bandidos somalis que eram os guarda-costas deles. Não sei. Mas há uma hipótese para o Gulab.

– A mim parece-me muito remota. – Anthony mostrou-se céptico. – E tu estás a arriscar a pele e de que maneira. A correr um risco enorme pelo teu tio, que devia ter tido juízo.

– Estou a correr um risco pela Lila. Estás comigo, Anthony? Posso contar contigo, homem?

Rabindrah acendeu um cigarro e esperou por uma resposta, levantando os olhos quando Gulab entrou no escritório.

– Quer-me parecer que te lançaste numa missão de autodestruição... em termos da tua segurança pessoal e da tua carreira – disse Anthony. – É louco e perigoso, o que estás a propor. Eu encontro-me contigo em Nanyuki. No parque de estacionamento do Sportsman’s Arms, por volta das sete.

*

– Vamos partir agora – disse Rabindrah ao tio, que tinha parado de andar às voltas na sala e estava a servir-se de um generoso *whisky*. – Mas, como não quero que nos vejam juntos na cidade, vou deixá-lo no museu. Pode dar uma volta enquanto eu vou falar com o Kiberu e o Gordon Hedley.

– No museu? Porque é que eu havia de ir ao museu?

– Porque ninguém se vai lembrar de o procurar lá. É um local público e ninguém repara em si se andar por lá como outro visitante qualquer. Assim que me despachar, vou lá buscá-lo.

Dirigiu-se, em primeiro lugar, para as instalações do jornal. Gordon Hedley mandou vir café e fechou imediatamente a porta.

– Tens uma sorte dos diabos em estar vivo – disse ele, depois de ouvir o relato de Rabindrah sobre os acontecimentos da noite anterior. – Que furo! Que história! Temos autorização para a publicar?

– Absolutamente. Na edição de amanhã. – Rabindrah abriu a pasta e entregou-lhe o seu artigo com a folha de provas e a lata colorida. – O rolo está aí dentro. Sugiro que o mantendas bem escondido. E é melhor usares a câmara escura com alguém em quem confies plenamente. Isto é dinamite.

– Vou protegê-la com a vida. Onde é que vais agora? Que dizes a uma bebida mais logo para celebrar? Talvez a Sarah nos possa fazer companhia. Deve estar muito orgulhosa de ti.

– Ela vai para Langani hoje. Esta noite, tenciono estar sossegado a ver se o ombro melhora. Está a doer-me como o diabo. Mas de qualquer maneira obrigado.

Quando chegou ao Ministério da Vida Selvagem, ao contrário do habitual, não teve de esperar. Johnson Kiberu estava sentado à secretária, com um ar

elegante e satisfeito.

– Uma operação extremamente bem-sucedida – disse ele, levantando-se para apertar a mão a Rabindrah e fazendo-lhe sinal para que se sentasse em frente à sua ampla secretária enquanto folheava o maço de fotografias. – Isto é melhor do que eu esperava. Foi extraordinariamente corajoso. Soube que ficou ferido.

– Não é nada de grave. Mas o Yussuf não teve tanta sorte.

– O Yussuf? – Kiberu ficou na mesma.

– O seu informador. O guarda-nocturno. Foi decapitado por um dos caçadores ilegais. Tinha-lhe prometido dinheiro, mas não sei como fazê-lo chegar à família dele, a não ser que... – Rabindrah deixou a frase em suspenso.

– Ah, sim. – Johnson Kiberu soltou um profundo suspiro. – Uma desgraça, pobre homem. Esses somalis são tipos perigosos. Eu trato de compensar a família. – Olhou para Rabindrah e de novo para as fotografias. – Falei com o inspector-chefe em Mombaça. Só vão interrogar os dois homens amanhã ou depois de amanhã. O mais novo está detido em regime de isolamento. Pediu para falar com o pai mas deram-lhe a entender que o Manjit Singh está numa cela hospitalar e não pode receber visitas. Deve estar a pensar que vai ter de arcar com as responsabilidades sozinho. O Hedley tem tudo o que precisa?

– Tem. Publica a história amanhã.

– Vou fazer uma declaração oficial na televisão amanhã à tarde – disse Johnson. – Tem os negativos destas fotografias num lugar seguro?

– Sim, tenho.

– Ótimo. – Johnson abriu-se num sorriso. – Claro, há-de ser instaurado um processo e o caso vai a tribunal, onde você será a testemunha principal.

Seguiu-se um breve silêncio enquanto Rabindrah media as palavras antes de abordar a sua relação com Harjeet e Manjit Singh.

– Conheço vagamente os dois prisioneiros – disse ele. – Há uma relação por afinidade.

– Está a dizer que são parentes?

– Não directamente. – Rabindrah não conseguiu aferir se a surpresa do ministro era genuína. – O Harjeet Singh, o mais novo, é casado com uma prima minha. Só me encontrei com ele uma vez, durante as formalidades do noivado. A família dele vive em Inglaterra e nunca me encontrei com ele antes nem depois. Até ontem à noite.

– Deve ter sido um choque. – Johnson Kiberu fechou a pasta. A sua expressão não denunciava nada.

– A mulher do Harjeet Singh não sabia nada sobre as suas actividades criminosas – disse Rabindrah. – Não me importo nada de ver o pai e o filho atrás das grades por muito tempo. Mas não quero que a minha prima seja envolvida.

– Não vejo razão nenhuma para ela ser implicada, se estiver no Reino Unido – disse Johnson.

– A Lila está de férias aqui no Quénia. Convidada do casamento do Anthony e da Camilla, por sinal. – Rabindrah fez uma pausa antes de decidir correr o risco. – Parte para Londres esta noite.

– Ah. Nesse caso, temos de garantir que parte sem problemas. – Não houve qualquer traço de hesitação da parte de Kiberu. – A propósito, o Mzee está muito satisfeito com isto. Disse que gostava muito de o conhecer pessoalmente depois de esta gente ser encarcerada. Mas, claro, dependerá da saúde dele. Hoje em dia, não concede muitas audiências. Depois informo-o sobre a data.

– O presidente? – Rabindrah ficou pasmado.

– Ficou muito satisfeito por saber que estamos todos a colaborar para erradicar este tráfico abominável. Você deu um contributo substancial para a luta. Só resta a polícia recolher um depoimento seu assinado para ser usado com as provas fotográficas. O inspector em Mombaça estava a contar tratar disso, mas você já tinha saído do hospital quando ele chegou com os papéis. Temos de agendar isso para esta noite, aqui ou em sua casa. Depois, as formalidades estarão em ordem e os tribunais podem fixar uma data para o julgamento. – Kiberu levantou o telefone.

– Esta noite, queria muito estar com a Sarah – disse Rabindrah. – Ontem parti de Lamu sem dar explicações e ela sabe que sofri um ferimento. Tenho

de lhe dar explicações. – Sorriu e encolheu os ombros. – As mulheres são mais difíceis do que a polícia quando se trata de explicações, e eu já estou em maus lençóis.

– Amanhã, então. – Kiberu riu-se dos caprichos das mulheres, nos quais se considerava um perito. – Compreendo que a Sarah o queira monopolizar esta noite. – Levantou-se e estendeu a mão. – Vou pedir ao inspector-chefe Ochieng para lhe telefonar logo de manhã. E nós encontramos-nos em breve.

Não trocaram muitas palavras durante a viagem de carro para Nanyuki. A estrada estava congestionada, com um fluxo de autocarros e camiões a expelir fumos de escape, carregados acima das suas capacidades com sacos, caixotes e uma variedade de carga humana, comprimida em todos os espaços disponíveis. As bermas do alcatrão estavam esboroadas e a estrada sumia-se em valas em inúmeros pontos, de modo que Rabindrah não conseguiu evitar as frequentes crateras que reduziam os pneus a retalhos num abrir e fechar de olhos. O brilho das brasas de carvão e o cheiro a carne grelhada recordaram-lhe que não comera durante todo o dia. O seu ombro começou a telegrafar mensagens de dor lancinante e cada movimento com as mãos no volante agudizava ainda mais a sensação.

– Preciso de parar por uns momentos – disse ele a Gulab. – Vou comprar cerveja e *nyama choma*.

Saiu da estrada e parou junto de uma barraca de cores vivas para pedir carne grelhada e maçarocas de milho. A cerveja estava fresca e Rabindrah engoliu dois analgésicos, olhando de relance para o relógio para calcular quanto tempo demorariam a fazer efeito. Gulab estava apoiado ao carro, taciturno e fatigado. Alguns minutos depois, pegou na comida e atirou-a para um tambor de óleo abandonado que servia de balde do lixo. Estavam vários homens quicuios à volta do churrasco, bêbados com cerveja de painço e *Tuskers*, rindo ruidosamente, acotovelando-se uns aos outros e dirigindo comentários maldosos a Rabindrah.

– Eh, *Wahindi*! Que estás aqui a fazer ao pé de nós? Porque é que não estás em casa a ganhar dinheiro com as tuas *dukas*? A lançar-nos na penúria com os teus preços altos.

Rabindrah sorriu e encolheu os ombros mas um dos homens era mais agressivo do que os outros e avançou, dando deliberadamente um encontrão a Rabindrah e atirando-lhe a *Tusker* para o chão de terra. Ninguém reparou no *Sedan* que se aproximou atrás deles, abrandando, saindo da estrada principal e acercando-se do grupo de bebedores. A janela de trás estava aberta e Rabindrah viu o atirador a apontar para ele. Atirou-se para o chão quando o tiro ressoou e a pequena multidão dispersou-se quando a bala fez ricochete no quiosque. Antes de poder levantar-se, o veículo guinou com uma chiadeira de pneus e arrancou a toda a velocidade na direcção de Nairobi. Irrompeu o caos, soaram gritos e as pessoas correram para a estrada, apontando e pegando em pedras para arremessar aos faróis traseiros do carro que se afastava a grande velocidade. Gulab estava encolhido no chão, a tremer e a gemer até Rabindrah lhe pegar no braço.

– Entre – disse ele entre dentes. – Temos de sair daqui. Depressa.

Enfiaram para a estrada, evitando por um triz um camião periclitante, e largaram a todo o gás na direcção de Nanyuki.

– Aquilo foi para mim? – Gulab estava a tremer, os dedos fortemente entrelaçados.

– Duvido – disse Rabindrah. – Os jornais estão cheios destes tiroteios arbitrários. Talvez tenha sido uma tentativa de assalto, mas estavam demasiadas pessoas à volta do quiosque. Se quisessem alvejá-lo, tio, tinham um alvo perfeito. Mas hoje em dia, é melhor evitar cenas destas.

Rabindrah conduzia depressa mas, ao aproximarem-se de Nanyuki, começou a chover, o que abrandou a sua marcha. No Sportsman's Arms, viu o carro de Anthony estacionado numa zona sem luzes de emergência.

– Fique no carro – disse ele ao tio. – Eu digo-lhe quando tiver de sair ou fazer alguma coisa. Entretanto não dê nas vistas.

– A Camilla falou pelo rádio para Lamu. – A expressão de Anthony era vigilante. – O voo da Lila esta noite com o Tom está confirmado. Pode ficar no apartamento da Camilla o tempo que quiser. A não ser que aconteça alguma coisa de inesperado, a tua prima deve estar a embarcar dentro de uma hora ou assim.

– O Gulab está no carro – disse Rabindrah. – A serração fica a nove quilómetros e meio. Como conheces bem esta zona, pensei...

– Vamos no meu carro – interrompeu Anthony sem mais comentários. – É mais conveniente para o caminho até à serração. Com esta chuvada, há-de estar enlameado. Apanhei um frio dos diabos aqui à tua espera. Felizmente, tinha uma pinguinha e sanduíches.

Inclinou a cabeça para trás e esvaziou um cantil prateado enquanto Rabindrah fazia sinal ao tio e abria a porta de trás do *Land Cruiser*. Partiram imediatamente, saindo da cidade em direcção à extensão de floresta onde se situava a serração. Gulab deu indicações e, quinze minutos depois, viram a entrada principal do complexo à sua frente.

– Meta pela estrada lateral – disse ele. – Para o barracão ao fundo, do lado oeste da vedação. Há um vigilante, mas ele é pago pelo Manjit e nunca faz perguntas.

Conduziram pelo piso esburacado do trilho até o edifício surgir à vista. Erguia-se numa ampla clareira e era feito de madeira com um telhado de chapa ondulada. A porta dupla à frente estava reforçada com pesados ferrolhos e cadeados e as janelas pequenas e encardidas tinham grades e não deixavam entrever o que estava guardado no interior. Um africano magro, vestido com um velho sobretudo militar e transportando uma espingarda, emergiu de trás do barracão. Gulab indicou ao sobrinho e a Anthony que deviam ficar no interior escuro do jipe. Rabindrah, no banco do passageiro frontal, observou, receando outro massacre quando o homem levou o dedo ao gatilho da arma.

– O teu patrão foi preso. – Gulab falava num tom urgente com premência. – E a seguir és tu, se te encontrarem neste sítio quando vierem à procura. Tens de me ajudar a abrir o barracão e depois deves ir-te embora. Volta para a tua *shamba*. Caso contrário, metem-te na cadeia durante muito tempo.

Os olhos do homem brilharam de medo. Largou a arma e ajudou Gulab a destrancar os ferrolhos e a abrir a porta. Rabindrah saiu do veículo e sentiu um aperto na garganta ao ver o que estava no interior. Um monte de defesas de elefante, chifres de rinoceronte, búfalo e cudo e dezenas de peles de leopardo estavam amontoados contra as paredes laterais do armazém,

testemunhas mudas da destruição gratuita das suas vítimas, abatidas a tiro ou armadilhadas com laços de aço, morrendo em agonia. Muitos dos troféus ainda estavam salpicados de sangue, e farrapos de pele seca e músculo estavam agarrados, como franjas, às peles. De um lado do barracão estavam dois camiões, ambos novos e equipados com robustos pneus.

– Deus do Céu! – Anthony surgiu ao lado deles. – Custa-me a crer que ele tenha isto tudo, além da carga em Mombaça.

– Pelos vistos, isto foi trazido depois de o último carregamento ter partido há alguns dias – explicou Rabindrah. – É uma operação colossal. Chacina sangrenta em grande escala.

– Que fazemos agora? – Gulab estava encostado à porta enquanto Anthony varria todos os cantos do edifício com uma potente lanterna.

– Temos de carregar isto tudo nos seus camiões – disse Anthony. – Peça a esse tipo que nos ajude. Vai ser difícil levantar estas defesas. Felizmente não são demasiadas. Vamos. *Haraka*.

Trabalharam em silêncio, ofegantes devido ao esforço. Rabindrah só conseguia levantar as peles mais leves – os restantes troféus eram demasiado pesados para o seu ombro ferido. Olhando de relance para Gulab, perguntou-se se o esforço poderia provocar um ataque de coração. A cara do tio tornara-se roxa e corria-lhe suor pelas faces, escurecendo-lhe a camisa e o casaco enquanto se movia e transportava os objectos. O marfim era volumoso e desajeitado e era com dificuldade que o içavam para a plataforma do camião.

– Para onde é que vão levar isto? – quis saber Gulab. – Como é que recupero os meus camiões quando se livrarem destas coisas?

– Pague ao *askari* e ponha-o a mexer – disse Anthony por cima do ombro. Não era capaz de olhar para Rabindrah nem para o tio.

Gulab tirou um maço de notas do casaco de safári e estendeu-as. O guarda-nocturno não precisou de mais encorajamento. Numa questão de segundos, pousou a espingarda e sumiu-se nas sombras da floresta.

– É melhor explicar-lhe o que aconteceu – começou Gulab. – Estou numa posição muito delicada, compreende? Porque...

– Não estou interessado na sua posição – disse Anthony. – Não estou aqui para o ajudar. Estou aqui porque sou amigo do Rabindrah e, depois desta noite, nunca mais lhe quero pôr a vista em cima. Vá, vamos mas é despachar isto. Tenho de estar em Shaba de manhã.

– O que é que disseste à Camilla? – Rabindrah interrogou-se se Anthony se abrira mais com a mulher do que ele com Sarah.

– Ela sabe o que aconteceu em Mombaça e que tu e eu estamos a tirar o pai da Lila de um aperto. É tudo. – Anthony virou a sua atenção para Gulab.

– Mr. Singh, quero que se sente no meu carro à espera. Não se mexa nem faça nada enquanto eu não disser. – Anthony chamou Rabindrah à parte e baixou a voz. – Preciso de ajuda com os bidões na traseira do meu carro. – Dirigiu-se ao *Land Cruiser* e abriu a porta de trás. – Temos de tirar estes *debbis* para fora e as defesas têm de ser embebidas uma a uma. Trouxe combustíveis e líquidos inflamáveis suficientes para incendiar metade do país. Não é fácil reduzir o marfim a cinzas. Aliás, nem sequer sei se é possível, mas vamos tentar. Quando acabarmos, saio de marcha-atrás o mais rapidamente possível, senão ainda pegamos nós fogo.

– O que é que está a fazer? – Gulab contorceu-se no assento. – O que é que está nesses *debbis*?

– Fique quieto – disse Rabindrah. – E não diga nada. A sua função é estar de vigia, não vá aparecer alguém.

Durante os quinze minutos seguintes, levaram os bidões do jipe para o barracão, colocando-os ao longo das paredes de madeira do edifício. Enquanto trabalhavam, Rabindrah apercebeu-se da simplicidade do plano de Anthony mas não disse nada, prosseguindo com o transporte em silêncio, ignorando as perguntas insistentes do tio e tentando ultrapassar a agonia que se intensificava no ombro ferido e no peito. Por fim, depois de todos os troféus no camião terem sido molhados, Anthony tapou tudo com oleados verdes e prendeu-os. Depois voltou para o seu carro.

– Mr. Singh, dê-me as chaves dos camiões e do barracão.

Gulab fitou-o, confuso. – O quê, não vai tirar agora os camiões cá para fora? Vai deixar as provas todas lá dentro? E se a polícia vier inspeccionar o sítio... como é?

– Faça o que ele diz – ordenou Rabindrah.

– Mas quem é que vai conduzir os meus camiões? E para onde? – Gulab ainda não tinha compreendido.

– Os camiões não vão a lado nenhum – respondeu Anthony. – As chaves, Mr. Singh. Por favor.

– O quê? – Havia um registo de pânico na voz de Gulab quando finalmente entendeu. – Não vai incendiar os meus camiões, pois não? E a mercadoria... é muito valiosa. Oh, meu Deus!

– O senhor é um criminoso. – O tom de Anthony, ao aproximar-se, era ameaçador. – Se os seus sócios falarem no seu nome, não tarda muito a ir fazer-lhes companhia na prisão. Como queniano e conservacionista, reagiria a isso com agrado. Mas a sua filha e o seu sobrinho são meus amigos e, unicamente por essa razão, vou tentar destruir as provas que ficaram no seu armazém. Tem trinta segundos para me entregar as chaves, caso contrário sai do meu veículo e eu deixo-o aqui por sua conta.

– Mas os camiões... são novos e muito caros. Vou perder milhares. Os meus sócios vão ficar muito zangados. Pensei que ia tirar os camiões para fora. Conduzi-los para outro sítio, pô-los num lugar seguro até podermos...

– Veja bem se entende, Mr. Singh – interrompeu Anthony. – Ninguém vai lucrar com este saque. O marfim e os chifres exigem temperaturas extremamente elevadas para arder por completo. Precisamos da gasolina nos depósitos dos camiões, além de tudo o que eu trouxe, para reduzirmos este sítio e o que lá está dentro a cinzas. O mais rapidamente possível. Como é?

– Ande lá, tio – disse Rabindrah. – O Manjit Singh e o filho vão de certeza tentar implicá-lo. É a única solução. – Estendeu a mão.

Com dedos trémulos, Gulab largou as chaves do barracão e dos dois camiões na palma aberta do sobrinho. Em seguida, enterrou a cabeça nas mãos.

Anthony acendeu os faróis do jipe e recuou ao longo do caminho. No piso lamacento, o veículo resvalou contra as bermas, embatendo numa árvore com o pára-choques e partindo o farol traseiro esquerdo. Ele parou e voltou para o barracão com Rabindrah. O seu coração disparara ao abrirem os

últimos bidões de combustível e espalharem gasolina pelo chão e pelas paredes, molhando as cabinas e os motores dos camiões e acabando nos oleados. O cheiro era opressivo, no espaço confinado, e na memória de Anthony soou um alarme, ao colocar um rastilho, passando uma corda molhada em gasolina desde a cabina de um dos camiões até à extremidade da clareira.

Na sua memória sentia ainda o odor do fogo que lhe custara a perna e a vida a George Broughton-Smith. Ouvia o crepitar, sentia o fumo a asfixiá-lo, transportando-o para o dia em que tentara arrancar o pai de Camilla dos destroços do helicóptero. Por um momento, sentiu uma dor terrível a percorrer-lhe a perna e agarrou-se ao joelho, num esforço desesperado para preservar o membro que estava a arder e depois a sangrar enquanto uma parte do aparelho caía sobre ele como uma guilhotina. Solto um ruído involuntário de angústia ao baixar-se e aperceber-se de que não havia nada para sentir senão o material inflexível da sua prótese.

– Vamos. – Rabindrah tentava arrastá-lo do sítio onde ele estava pregado ao chão. – Anda comigo, pá. São horas de ir.

Quando chegaram ao carro, empurrou Anthony para o banco do condutor. – Liga o motor – disse ele. – Eu vou lá dentro acender o rastilho.

A voz de Gulab fez-se ouvir, no banco de trás, num gemido de protesto. – É a minha madeira e os meus camiões! O meu ganha-pão! Não podem deitar fogo a tudo. Vou ficar arruinado. Completamente arruinado...

– Cale-se, maldito escroque de merda – gritou Rabindrah. – Devia estar de joelhos a agradecer a este homem. Agora fique quieto e não abra mais a boca senão tranco-o pessoalmente no maldito barracão com os seus camiões e deixo-o levar o castigo que merece!

Sem esperar por uma resposta, correu de novo pelo caminho fora, caindo na lama, praguejando de dor quando o ombro bateu no chão, endireitando-se e largando de novo a correr até ao barracão. Atirou as chaves dos camiões lá para dentro, fechou e aferrolhou as portas e ateou o fogo à ponta esfiada da corda. Mesmo no solo alagado, acendeu imediatamente. Rabindrah esperou um momento para se certificar de que as chamas entravam no armazém. Depois ouviu o som vibrante e retumbante da

deflagração e voltou a correr para saltar para o banco ao lado de Anthony, que arrancou, derrapando e revolvendo a lama na sua viagem pela estrada escura e enlameada. À volta deles, animais nocturnos, assustados com o som e o cheiro do incêndio, já estavam em fuga.

– Pelo menos a zona interior da floresta está molhada – disse Rabindrah. – O que arder à volta, cresce outra vez. E estamos demasiado longe da cidade para salvarem o que quer que seja no barracão quando os bombeiros aqui chegarem. – Não obtendo resposta imediata, Rabindrah estendeu uma mão e pousou-a no braço de Anthony. – Anthony?

– Sim?

– Obrigado. Não tenho palavras... Ouve, desculpa.

– Não é momento para conversas – retorquiu Anthony. – Temos de sair daqui sem capotar.

Iam a meio da estrada principal quando ouviram a primeira explosão e viram as labaredas elevar-se no ar, iluminando o céu nocturno com um vívido clarão laranja. Gulab estava a soluçar descontroladamente enquanto o carro saltava e oscilava. Quando chegaram aos arrabaldes de Nanyuki, outra enorme golfada de fogo irrompeu na noite. As pessoas tinham saído de casa e estavam na berma da estrada a contemplar a floresta em chamas no cimo da colina. Quando Anthony entrou no parque de estacionamento do Sportsman's Arms, um carro dos bombeiros passou, a sirene a uivar, dirigindo-se a toda a velocidade para a conflagração.

Separaram-se sem uma palavra, seguindo caminhos diferentes.

CAPÍTULO 16

Quénia, Setembro de 1977

Lottie fechou os olhos e, numa prece muda, pediu coragem quando o carro descreveu a curva do caminho de acesso, revelando o primeiro vislumbre da sua antiga casa. Depois agarrou na mão de Mario e olhou. A casa estava cercada de acácias e arbustos em flor, a sua fachada de pedra banhada pela luz do sol. Elevado sobre o solo, o alpendre, com os seus sofás e cadeiras de verga, oferecia sombra da luz quente e invasiva da tarde. À frente da casa, o relvado estava rodeado por uma série de canteiros de flores que ela desenhara nos primeiros anos do seu casamento. A profusão de cores fê-la suster a respiração ao ver como Hannah continuara fielmente a preservar as zínias e as dalias, as fúcsias, as rosas, os lírios-tocha e os bancos de pervinca africana. Voavam colibris entre a paleta multicolor das flores, e o arrulhar das pombas pairava no ar azul, realçando a tranquilidade do lugar. A sua beleza transmitia uma sensação de calma e paz, com a velha casa emergindo da terra como se sempre ali tivesse estado. Não havia quaisquer indícios dos sacrifícios que a sua preservação exigira.

Os cães saíram a correr assim que Lottie saiu do carro, ladrando de excitação, correndo à volta da família e clamando atenção. O pessoal alinhara-se nos degraus do alpendre. Kamau e Mwangi foram os primeiros a avançar, embora se tivessem reformado, conforme previsto, pouco depois do regresso de Hannah da Noruega. As lágrimas formaram pequenos riachos nas suas faces enrugadas enquanto se inclinavam sobre as mãos estendidas de Lottie, murmurando palavras de boas-vindas tradicionais, os seus sorrisos reflectindo a sua aprovação do novo *bwana* que ela arranjava para olhar por ela. A última vez que aqui viera fora para trazer as cinzas de

Jan van der Beer de volta para a fazenda e espalhá-las no rio. Nessa altura, estava convicta de que seria a sua última visita a Langani. Mas agora olhou de relance para Mario, reconhecendo com gratidão o seu encorajamento e branda insistência para que realizasse esta viagem ao passado.

Quando Lottie entrou em casa, um pequeno som entre um arquejo e um soluço escapou-lhe dos lábios. Na sala de estar, Sarah afastou-se para o lado e Hannah esperou enquanto a mãe admirava as novas capas dos sofás, passava os dedos por objectos familiares, se detinha diante de retratos de família que Sarah tirara ao longo dos anos. A cadeira favorita de Jan ainda se encontrava junto da lareira, uma pele de colobo colocada nas costas. Pinturas da vida selvagem e paisagens africanas estavam penduradas nas paredes caiadas de branco e a prateleira do fogão de sala estava pejada de fotografias. Mwangi supervisionara a colocação de flores em algumas mesas e no aparador, arranjadas à maneira que Lottie lhe ensinara nos seus primeiros anos de casada quando ele, um rapaz tímido e desajeitado da sanzala, começara a trabalhar na casa. Piet e Suniva puxaram-lhe pelo braço, insistindo para que ela fosse ver os seus quartos, admirar as coisas que mais estimavam e as imagens que haviam escolhido ou pintado para pôr nas paredes. James rondava, hesitante, na periferia da excitação e Lottie puxou-o para junto de si enquanto percorriam a casa onde ela vivera quase toda a sua vida de casada. A casa onde os filhos haviam crescido e onde os netos haviam agora ocupado os seus lugares.

– Chá no alpendre? – Hannah estava à espera quando acabaram de ver tudo.

– Sim. Seria muito agradável. – Lottie sentou-se e contemplou a montanha, o seu pico escondido sob camadas de nuvens brancas. Kamau, de volta à cozinha para este memorável dia do regresso de Lottie, trouxe o chá e um bolo de limão que fizera para celebrar o milagroso retorno dela.

– Queres vir comigo e com o Lars depois disto? À vacaria e aos estábulos e dar uma volta pela fazenda? – perguntou Hannah.

– Nós vamos! – Suniva pôs-se imediatamente de pé, pegando no braço de James e acotovelando Piet para que se juntasse à expedição. – Vamos à vacaria com o papá – disse ela, plantando-se directamente em frente a ele e

usando o tom e o timbre que desenvolvera para falar com o irmão, satisfeita quando ele acenou com a cabeça e sorriu.

– Prefiro esperar até amanhã – disse Lottie. – Vou depois com o Mario explorar todos os cantos e recantos. Com calma, para não perdermos nada. Vão vocês. Encontramo-nos mais tarde.

– Sarah, provavelmente queres ficar perto do telefone – disse Hannah. – O Rabindrah há-de estar aí a telefonar.

– Talvez. – Sarah não se sentiu capaz de dizer mais nada. – De qualquer maneira, tenho um bom livro que não acabei em Lamu.

– O Piet é um menino muito corajoso – disse Lottie, quando eles se afastaram. – É extraordinário como os outros dois comunicam com ele e não o deixam sentir-se excluído. Mas ao mesmo tempo não o tratam como inferior nem lhe dão tréguas. É uma coisa intuitiva e é muito especial.

– Está a adaptar-se bem – disse Sarah. – Já consegue ler lábios e o seu maior problema é quando não vê a pessoa que fala com ele. Mas é triste saber que não ouve um pássaro cantar ou um leão a rugir ao longe na planície.

– A Hannah disse-me que ele está a atrasar-se na escola – disse Lottie.

– Porque será? – Sarah franziu a testa. – O cérebro dele é perfeitamente saudável.

– Absolutamente – concordou Lottie. – A razão é exactamente o que acabaste de descrever... se a professora estiver a escrever no quadro, de costas, o Piet perde muito do que se está a passar. Isso criou-lhe uma grande insegurança e a Hannah passa horas todos os dias a rever as lições para ajudá-lo a manter-se a par.

– Coitada da Han. Não há dúvida que não tem mãos a medir neste momento, com as necessidades especiais do Piet e a gravidez – observou Sarah.

– Pelo menos a Suniva e o James entretêm-se um ao outro.

– É verdade. – Sarah acenou com a cabeça. – São tão chegados que a Hannah se sente inquieta.

– Não vejo porquê – disse Lottie. – O James parece ser um rapaz inteligente e bem-comportado, com uma personalidade enternecedora.

– É ótimo e trabalha duramente na escola – disse Sarah. – Aliás, obtém melhores notas que o Piet e mesmo a Suniva.

– Por vezes pergunto-me se a Hannah e o Lars não deviam tê-lo adoptado. Ou pelo menos tê-lo acolhido em casa como um membro da família. Não me agrada muito este sistema segundo o qual ele dorme no complexo do pessoal à noite.

– Acho que a Hannah deve ter achado isso impossível no princípio. – Sarah calou-se para reflectir sobre os dias negros depois da morte de Piet. – Foi um gesto heróico da parte dela, trazer o James para aqui. Mas é verdade que ele não está realmente bem em lado nenhum e a Han tornou-se defensiva em relação ao assunto.

– Quantas pessoas sabem a história?

– O David é o único membro do pessoal que conhece as origens do James. Estava comigo e com o Lars quando descobrimos a família do Simon Githiri na Reserva Quicuia. No dia em que vimos o James com a mãe pela primeira vez.

– O que é que o Lars pensa de tudo isto? – perguntou Lottie. – É um homem tão equilibrado.

– O Lars acha que o James tem um lar seguro, uma boa educação, que não lhe falta amor e que isso chega.

– Realmente ele parece contente – comentou Lottie.

– E está. Ou estava, até ser espancado. – Sarah tinha a testa franzida. – Ultimamente tenho sentido que esta situação é uma bomba-relógio. Surpreende-me que ainda não tenha começado a fazer perguntas sobre os pais. De onde veio e a que lugar pertence.

– Por vezes, as crianças sabem evitar por instinto as perguntas cujas respostas podem não lhes agradar. E o Lars tem razão, de uma forma geral. Muitas crianças africanas são criadas por pessoas que não são os pais. Na *shamba* da família, com uma avó, por exemplo. Pobreza, doença, morte... há muitas razões diferentes. Foi dada uma grande oportunidade a esse rapaz.

– Sim – disse Sarah. – A única diferença é que atravessou as fronteiras entre raças, clãs e culturas, mesmo pelos padrões de hoje. O James não vai

tardar a compreender isso porque lhe vai ser metido à força pelos olhos dentro.

– Talvez. – Lottie estava entristecida pela complexidade da situação e as consequências indesejadas do acto de perdão da filha. – Nunca poderemos alterar o facto de o James ser filho do Simon Githiri e nenhum de nós alguma vez vai ser capaz de esquecer as suas origens. Só espero que ele nunca descubra isso.

– Pertence tudo ao passado, Lottie – disse Sarah. – Não há nenhuma razão para o James saber a verdade.

– O Lars falou-me da proposta que os pais dele fizeram e do problema que causou. – Lottie mudou de assunto.

– Não imagino o Lars a abandonar Langani e a ir trabalhar como agricultor na Noruega – disse Sarah. – Dedica-se de alma e coração a este sítio há muitos anos e sabe que a Hannah nunca partiria.

– Este país constitui um desafio a cada passo, desfere golpes quando menos se espera, suga todas as energias e empenho que as pessoas possam ter. – Lottie olhou para o jardim que criara e para as planícies agrestes para lá da sebe bem aparada. – Exige tanto. Exige tudo! E, se não temos cuidado, podemos acabar umas carcaças secas e vazias, escravos da terra, sem nunca sabermos o que nos aconteceu.

– Também há dádivas aqui, Lottie – disse Sarah, sorrindo. – Criadas por si e pelo Janni e os pelos pais e avós dele. E nunca encontrei nada de mais inspirador do que uma manhã africana, com toda a sua magnificência estendendo-se diante dos olhos. Não há melhor maneira de começar o dia. Espero que a Lottie e o Mario dêem um salto ao Mara antes de partirem.

– Gostava muito. – Lottie ficou deliciada. – Ele tem feito safáris na África do Sul, mas não é a mesma coisa. Enfim, deixo-te com o teu livro, embora o Rabindrah provavelmente ligue daqui a pouco e aí esqueces-te logo dos teus prazeres literários.

Tocou na face de Sarah com afecto e encaminhou-se para o quarto, sentando-se numa cadeira de braços junto da janela. Mario estava a tirar roupas da mala e a separar os presentes que haviam trazido para o pessoal. À distância, Lottie distinguia a linha distinta da crista. O lugar que nunca

ousara visitar desde o dia em que a pira fúnebre de Piet fora acendida e os restos mortais do filho se haviam elevado no céu branqueado. O passado que durante muito tempo ignorara ganhou de súbito contornos nítidos e Lottie compreendeu que estava preparada para abrir a porta às suas memórias.

– Vou até à crista, querido – disse ela. – Gostava de fazer isso agora, no princípio. Vou pedir à Sarah que me leve, em memória do amor que partilhávamos pelo Piet. Não te preocupes... sinto-me capaz. – Mario abraçou-a por um momento, voltando-lhe o rosto para cima e beijando-a com ternura. Lottie sentiu-se aliviada quando ele não se propôs acompanhá-la e apertou-o com força antes de pegar numa camisola e sair do quarto.

Sarah sentara-se numa das cadeiras de braços em vime no alpendre com um livro, mas parecia estar a contemplar o relvado, quase em transe. O som dos passos de Lottie fê-la olhar para trás.

– Ainda não há notícias?

– Nada – respondeu Sarah, numa voz neutra.

– Sinto muito, minha querida.

– Tenho sentido tanto medo todo o dia, sobretudo desde que aqui cheguei e não encontrei nenhuma mensagem para mim. Só silêncio. Tenho tentado não pensar nisso, mas estou sempre a lembrar-me da noite em que o Piet não contactou pelo rádio e fomos finalmente ao *lodge* e à crista onde ele morreu.

– Oh, meu anjo, tenho a certeza de que não aconteceu nada de grave ao Rabindrah, caso contrário já saberias.

– Não sei, Lottie. – Sarah retorcia os dedos. – Não sei porque é que ele não me falou desta investigação. Sei que era perigosa, mas eu tê-lo-ia apoiado completamente. Sempre lutei pela conservação da vida selvagem, fiz dela uma carreira. É uma das questões em que sempre estivemos de acordo. Esta situação levou-me a compreender a que ponto toda a textura do nosso casamento se esboroou. Como nos desligámos.

– Há-de haver uma razão para o que aconteceu hoje e não me parece que tenha a ver com falta de confiança – disse Lottie, consternada com o tom

abatido na voz de Sarah.

– Eu e o Rabindrah temos enfrentado todo o tipo de problemas juntos mas, ultimamente, tenho sentido que afinal não o conheço. Continuo sem fazer ideia de onde ele foi depois do telefonema desta manhã e custa-me a crer que não tenha tido oportunidade de me ligar entretanto. Nunca fez uma coisa destas. Simplesmente não entendo.

– Sarah, o mais importante é que se amam um ao outro e, quando falares com o Rabindrah, como tenho a certeza que vai acontecer a qualquer momento, tens de te lembrar que é a única coisa que realmente importa.

– Dantes pensava assim mas interpuseram-se entre nós demasiados obstáculos. – A voz de Sarah estava carregada de tristeza. – Agora não sei se alguma vez vamos recuperar o que tínhamos. Nem se tenho coragem para continuar a tentar quando o Rabindrah parece ter desistido.

– Estava a pensar em ir à crista do Piet – disse Lottie, hesitante. – Acompanhas-me, Sarah? Se bem que possas perder entretanto o telefonema do Rabindrah.

– Eu vou. – Sarah levantou-se de um salto. Talvez na crista encontrasse algum consolo e mitigasse os seus medos. – Vou buscar a chave do carro.

Partiram imediatamente, trocando poucas palavras, enquanto Lottie olhava para as searas ondulantes ao vento e o manto de árvores que acompanhava as margens do rio. Manadas de animais de planície levantavam os olhos quando o veículo passava, retomando o pasto logo de seguida. Na base do caminho que levava à crista, ela hesitou, a sua determinação a vacilar, agora que chegara o momento da decisão.

– Sei que fizeram um *cairn* e que o Lars plantou uma árvore e puseram pedras em volta... que ficou muito bonito. Quando trouxe as cinzas do Janni para Langani, a Hannah quis que eu viesse aqui com ela, mas não fui capaz de me aproximar do sítio onde o meu filho teve uma morte tão horrível, onde já não podia agarrar-me à imagem dele jovem, vivo e a rir.

– Habituei-me a considerá-lo um lugar de paz – disse Sarah. – Mas, se continua a sentir inquietação, podemos voltar para trás. Por mim tudo bem, e tenho a certeza que com o Piet também.

– Não. – Lottie armou-se de coragem. – Tenho de fazer isto agora. Chegou o momento.

No cimo do caminho, emitiu um som estrangulado ao aproximar-se do local de homenagem ao filho. Depois ajoelhou-se e fechou os olhos, tocando com ternura nas pedras brancas, os seus lábios movendo-se numa prece. O vento suspirava entre os ramos da acácia *tortillis* e Lottie tirou do bolso uma pequena corrente de ouro com uma cruz. Baixou-se e levantou uma das pedras, pousou suavemente o crucifixo no solo por baixo e tapou-o.

– Era a cruz que a minha mãe lhe deu quando ele foi baptizado – disse ela. – Guardei-a comigo porque era uma coisa que ele trazia sempre no bolso. Mas deve estar aqui e não fechada numa gaveta a milhares de quilómetros do lugar onde o seu espírito descansa.

Levantou-se e aproximou-se da extremidade do íngreme promontório, contemplando as planícies, os campos de trigo e a casa onde amara e vivera durante tantos anos. Era o lugar por que Jan van der Beer lutara durante os anos de Emergência da revolta dos Mau-Mau, quando a tribo quicuia se rebelara num esforço sangrento para se apoderar da terra que o homem branco lhes roubara. O lugar que aos poucos transformara um marido e pai carinhoso num homem bêbado e acossado, dominado pelo ódio por si mesmo e pelo remorso. Lottie afastou-se da extremidade e sentou-se no pedregulho em que Piet sonhara em assumir a herança do pai. A herança dos seus netos. Sarah amara-a outrora, nunca contemplara um dia em que tivesse de abandonar a sua glória selvagem.

– O meu filho morreu, Sarah, mas pela primeira sinto que ele está verdadeiramente em paz – disse ela, por fim, erguendo o rosto para o céu róseo. – Acho que posso finalmente libertá-lo.

– Todos nós tivemos de esquecer, Lottie, e de perdoar. Para voltarmos a viver.

– Compreenderam isso há muito tempo, minha querida. Eu só estou a compreender agora. Graças ao Mario.

Sarah sentou-se ao seu lado. – Fico muito feliz por tê-lo encontrado.

– Nunca imaginei que pudesse viver um romance com um estranho. – Lottie recordava o passado. – Mas o Piet estava morto e o Janni bebia como uma esponja e a vida na Rodésia era intolerável. Cinco dias perfeitos, foi tudo o que tivemos, quando estava a passar férias com o meu irmão em Joanesburgo.

– E depois voltou para o Janni.

– Ele era o meu marido, independentemente da pessoa em que se transformara – disse Lottie. – Um homem que vivia no inferno desde a morte do Piet. Não podia virar-lhe as costas e deixá-lo com os demónios dele.

– Pobre Janni. Nunca perdoou a si próprio.

– Perdoar-te-ias se o teu filho tivesse morrido numa consequência directa de algo que tivesses feito? – As palavras de Lottie eram ásperas. – Oh, sim, foi no tempo dos Mau-Mau e as pessoas que seguiam os bandos nas florestas sofriam de uma certa loucura. É impossível combater e matar outros homens sem que haja uma mudança no âmagio daquilo que se é. Nesse aspecto, todas as guerras são iguais. O Janni quis reparar a tragédia do irmão que tinha sido assassinado unicamente por ser um proprietário de terras branco. Mas, pelo caminho, perdeu-se e, quando o Piet morreu, o Janni compreendeu imediatamente que era um acto de vingança. Que era responsável pela morte do próprio filho.

– Que sente agora pelo Janni? Hoje. – Sarah interrogou-se se teria o direito de fazer a pergunta.

– Sinto piedade. Mas também sinto desprezo pelo que ele fez e pelo que se tornou. Nunca fui capaz de lhe perdoar. Só a ti posso admiti-lo, Sarah, sabendo como amavas o Piet e, ainda assim, foste à prisão onde o assassino dele estava a morrer e perdoaste-lhe. Nesse dia, quando deste ao Simon Githiri a absolvição, puseste fim ao ciclo de sofrimento e terror.

– Foi a Hannah que lhe pôs fim ao trazer o James para aqui. Apesar de não ter acabado para si – disse Sarah.

– Até agora, nunca me imaginei a encontrar a paz de espírito ou a felicidade aqui.

– Preferiu voltar para Joanesburgo e apaixonou-se mais uma vez pelo Mario?

– Paixão? Já não sabia o significado da palavra. – Lottie abanou a cabeça.

– Ao fim de algum tempo, o Mario persuadiu-me a ir com ele para Itália, embora eu não sentisse nada por ele. No fundo, tinha simplesmente medo de ficar sozinha.

– O que é que mudou?

– Ele tinha perdido a mulher e a filha alguns anos antes. Num acidente de automóvel. E, por fim, comecei a sentir vergonha do egoísmo do meu sofrimento e da maneira como aceitava tudo o que ele me oferecia sem lhe dar nada em troca. Despertei para o facto de que ele merecia começar uma nova vida sem mim. Eu estava demasiado destroçada.

– Deixou-o? – Sarah estava espantada.

– Tentei, mas ele implorou-me que não partisse. Disse que eu era a única coisa agradável no seu mundo e que esperaria que eu voltasse a amá-lo. Eu senti vergonha por ter aceitado tanto dele e estar preparada para partir, deixando-o com a sua tristeza e privação. Assim, decidi ficar. – Lottie estava esgotada com as recordações que a invadiam ao fim de tanto tempo, e permaneceu em silêncio durante alguns momentos antes de continuar. – Pode parecer estranho mas o amor nasceu dessa decisão, quando encontrei a coragem para o deixar penetrar nessa parte de mim que havia fechado com tanta determinação.

Sarah reclinou-se, pensando na sua própria turbulência depois da morte de Piet e na lenta e hesitante aceitação de que podia voltar a amar. Mas agora o seu casamento, a sua segunda oportunidade, parecia estar à beira da desintegração. Resumir-se-ia realmente, no fim, a uma decisão tão simples? Ir até às últimas consequências, custasse o que custasse? Deveria esperar que o amor se reacendesse ou afastar-se da dor e das recriações que se haviam insinuado nos seus sentimentos por Rabindrah?

– Tomou a opção correcta, Lottie – disse ela, com uma ponta de inveja.

– Encontrámos uma felicidade rara. Mas só agora é que me senti capaz de enfrentar Langani. Sei que a Hannah se deve ter sentido ferida com isso. É

provavelmente por isso que nunca foi passar férias connosco em Itália, embora eu tenha ido ter com eles à costa.

– Ela achava que o Mario não queria que tivesse ligação à sua vida antiga.

– Não, não! Ele sempre disse que eu devia voltar. Deixar os fantasmas para trás. Quando o Anthony ligou por causa do aniversário da Hannah, foi o Mario que insistiu para que aceitássemos. – Lottie beijou Sarah na face. – Obrigada por teres vindo comigo aqui esta tarde. Por me ajudares a atingir o ponto de viragem. – Fez uma breve pausa. – Vou agora pedir ao Piet que te ajude e sei que há-de ajudar. O amor que sentiam um pelo outro nunca morrerá, Sarah, e eu sei que ele está a ouvir-nos às duas. Aqui, juntas pela primeira vez. Coragem, minha filha. Hás-de encontrar um caminho para voltares para o Rabindrah. E, se o Lars e a Hannah ficarem em Langani e a passarem aos filhos, talvez também o Janni venha a descansar em paz.

– Gosto dessa ideia – disse Sarah.

Permaneceram sentadas ao lado uma da outra, escutando a canção melíflua de um papa-figos, observando em silêncio um par de antílopes-pigmeus a entrar na clareira, titubeando sobre pernas finas como alfinetes, as grandes orelhas, com veios pretos, a abanar enquanto mordiscavam um pequeno arbusto perto do *cairn* de Piet. Ocasionalmente, levantavam as cabeças com grandes olhos escuros, para avaliar potenciais perigos da parte das suas espectadoras, mas o ar estava repleto de tranquilidade e não fizeram qualquer tentativa para escapar. O calor começava a abrandar com o pôr-do-sol e, quando os delicados animais seguiram caminho, Lottie tirou a camisola dos ombros e enfiou os braços nas mangas.

– Tenho a certeza de que há boas razões para a atitude do Rabindrah – disse ela, sabendo que Sarah ainda estava a pensar no paradeiro do marido, sentindo talvez culpa por ficar tanto tempo longe do telefone. – A investigação dessa história exigiu uma grande coragem. Ele devia estar ciente dos perigos de ontem à noite e provavelmente foi por isso que não te disse nada. Vamos voltar, a ver se há alguma mensagem. Quem sabe se ele não está lá à espera?

– Fiquei doente esta manhã quando ele me contou o que aconteceu. Por amor de Deus, ele apanhou um tiro! Podia ter sido morto. Mas depois

desapareceu outra vez e agora estou numa fúria terrível. E magoada. Não me devia ter deixado na ignorância.

– Os homens raramente acertam nestas coisas. – Lottie levantou-se. – Ele há-de ter de enfrentar toda uma série de problemas em resultado dessa investigação. É muito provável que a família dele alimente sentimentos contraditórios a respeito do que ele fez e há o risco de a Lila ser detida quando tentar embarcar esta noite.

– Oh, meu Deus. Não tinha pensado nisso – disse Sarah, quando começaram a descer o caminho. – Vai-lhe custar partir sem ver os pais.

Haviam alcançado a base da crista quando Sarah levou um dedo aos lábios e ambas estacaram imediatamente. Diante delas, um pequeno e robusto animal, com uma pelagem cinzenta e pernas curtas e pretas, estava a descer de uma árvore, agarrando-se ao tronco com potentes garras.

– Um ratel! Que fantástico! É raro encontrar-se – sussurrou Lottie, deliciada. – Deve haver abelhas por aqui.

– Também os adoro – disse Sarah. – São uns bichinhos ferozes e mal-humorados. Já os vi atacar animais muito maiores e arrancar o mel das colmeias com as garras. Nem as abelhas conseguem picá-los através daquele pêlo grosso e da gordura. Há pouco ouvi um indicador-de-bico-fino, este artista deve tê-lo seguido directamente até à colmeia.

– Esperemos que não tente afugentar-nos com o seu cheiro terrível – disse Lottie. – É mil vezes pior do que o de uma doninha fedorenta.

– Foi o Piet que me mostrou um pela primeira vez, sabe, e disse-me que ratel é o nome africânder para texugo – recordou Sarah. – E agora aparece-nos um de repente no caminho! Olhe, nem sequer quer fugir, que é o que geralmente fazem. Está simplesmente a olhar para nós. Acho que o Piet nos esteve a ouvir, Lottie. Aliás, sei que esteve e isso faz-me sentir bem outra vez.

Não havia sinais de Rabindrah quando regressaram a casa, nem qualquer mensagem. Lars serviu uma bebida a Sarah e sentou-a junto da lareira. As crianças não tardaram a aparecer para distraí-la, mas a sua ansiedade foi aumentando com o avançar da noite. Embora tentasse afastar a inquietação,

cada vez mais a atormentavam as recordações da noite em que Piet desaparecera e ela encontrara o seu corpo destruído no solo ensanguentado.

Passava das onze horas e Lottie e Mario já se tinham ido deitar quando a luz de faróis varreu o caminho de acesso e as paredes do alpendre.

– Deve ser o Rabindrah! – Hannah esperou à porta enquanto Lars saía com os cães.

Estava a chover torrencialmente e ele deteve-se nos degraus da casa, tentando identificar os passageiros do carro. Sarah seguiu mais lentamente, tentando dominar os sentimentos contraditórios, o misto de alívio e fúria. O seu coração martelava, e tinha um nó na garganta, ao ver Rabindrah sair de um carro que não reconheceu. Mas, antes de ter a oportunidade de articular quaisquer palavras, Gulab Singh emergiu do lado do condutor, indo ter com eles.

– É um alívio ver-te, meu amigo. – Lars foi o primeiro a falar, num tom um pouco entusiástico. – Estávamos consumidos contigo, sobretudo aqui a pobre da Sarah. Sai da chuva e conta-nos o que se passou.

– O Gulab está a caminho de Nairobi. – Rabindrah apertou a mão a Lars mas dirigiu a sua resposta a Sarah. – Precisa de voltar esta noite, mas eu quis passar por cá e explicar o que se tem passado.

– Onde diabo estiveste desde esta manhã? – Sarah registou os cortes e as pisaduras na cara do marido, os círculos escuros debaixo dos seus olhos e o braço ao peito. Os dois homens estavam pálidos de frio e exaustão, em pé diante dela, com as suas roupas enlameadas. – Fazes ideia do que eu passei hoje, preocupada contigo? Olha para ti! O braço ao peito, a cara toda cortada! O que é que andaste a fazer desde que saíste do hospital em Mombaça? Não me podias ter telefonado?

– Tiveste notícias da Lila? – Gulab interrompeu a torrente de perguntas. – Ela conseguiu partir?

– A esta hora, já deve ter embarcado. – Sarah falou num tom mais brando apercebendo-se da preocupação do homem com a filha. – Que está a fazer aqui, Gulab?

– Sarah, houve complicações. – Rabindrah olhou para ela mas não se alargou em explicações, e seguiu-se um silêncio constrangedor.

– Vamos para a sala de estar – sugeriu Hannah. – Está frio aqui fora.

– Tenho de me ir já embora. – Gulab seguiu Hannah para dentro de casa. – Posso ligar primeiro à minha mulher? Ela não sabe onde eu estou e pode...

– Pode estar preocupada. – Sarah lançou um olhar furioso na direcção dele. – Exactamente como eu.

– Vai uma bebida? – Lars dirigiu-se ao aparador e pegou em copos. – Estão os dois com ar de quem está a precisar.

– De que complicações estás a falar? – Sarah tocou no ombro magoado de Rabindrah. – Diz-me o que disseram os médicos e que danos causou a bala. Depois disso, podemos passar a outras explicações.

– Não dizia que não a um *whisky*. – Rabindrah retraiu-se ao sentar-se numa cadeira. – O mais importante é que o Gulab ligue para Nairobi. Mais tarde podemos falar do que aconteceu.

– O telefone fica no vestíbulo, Mr. Singh – disse Hannah, mas o seu tom era frio. – Eu e o Lars temos de nos levantar cedo de manhã, por isso vamos deitar-nos e deixamo-los à vontade. Acho que a Sarah tem razão. Há que dar explicações. Ainda bem que não te aconteceu nada de muito grave, Rabindrah. Boa-noite.

Instalou-se um silêncio enquanto Gulab falava com a mulher, atropelando as palavras ao tentar assegurar-lhe que voltaria em breve para casa. Quando desligou, estava contrito e nervoso.

– A polícia foi falar com a Anjit mas ela não lhes disse nada – disse ele a Rabindrah. – Vou-me embora agora e encontramo-nos em Nairobi.

– Vou consigo, Gulab – disse Rabindrah. – Tenho de voltar esta noite. Desculpa, Sarah, mas é essencial que esteja em Nairobi logo pela manhã.

– Eu levo-te e podemos falar pelo caminho. – Ela estendeu hesitantemente uma mão para lhe tocar na face, alarmada com a sua palidez. – Estás com um ar terrível, Rabindrah. Se esperares uns minutos, vou buscar as minhas coisas e ponho-as no meu carro. Gulab, vá indo à nossa frente. A Anjit vai ficar com certeza acordada à sua espera.

Rabindrah sentiu a sua ansiedade aumentar. A carnificina e a violência das últimas vinte e quatro horas podiam não ter chegado ao fim. Embora o tiroteio na barraca na berma da estrada pudesse ter sido uma repercussão,

não lhe parecia que tivesse sido seguido ao sair de Nairobi. Fosse como fosse, seria fácil para um dos parceiros de Manjit descobrir onde ele vivia e não podia correr o risco de Sarah ser apanhada no fogo cruzado se alguém atentasse contra a sua vida. Ela estaria mais segura em Langani.

– Acho que debes ficar aqui. É tarde e, com esta chuva, demora muito tempo a chegar a Nairobi. – Rabindrah virou-se para o tio. – Precisamos de uns minutos, se não se importa.

– Estou à espera no carro – disse Gulab. – Por favor, agradece aos teus amigos o uso do telefone. – Saiu de casa, desaparecendo na chuva torrencial.

– Tomava duas aspirinas, se tiveres. – Rabindrah colocou o braço numa posição em que o esforço era menor. O seu rosto estava contraído de dor e tenso com a falta de sono.

Sarah serviu-lhe outra bebida e foi buscar comprimidos à caixa de primeiros socorros na cozinha. Enquanto olhava para ele, a tensão era palpável no ar.

– Quero ir para casa contigo – disse ela. – Precisas de mim para cuidar de ti.

Rabindrah interrogou-se sobre o que poderia contar-lhe sem a assustar desnecessariamente. Sabia que ela nunca o deixaria partir com Gulab se pensasse que ele corria perigo. Tinha de arranjar maneira de convencê-la a ficar em Langani. A única solução era contar-lhe metade da história, omitindo qualquer sugestão de que pudesse correr algum risco sério.

– Sarah, há coisas que tenho de terminar em Nairobi. Logo pela manhã, tenho de apresentar o meu depoimento oficial à polícia. Depois, tenho de entregar mais texto ao Gordon. A seguir, tenho outra sessão com o Johnson Kiburu antes da conferência de imprensa dele na televisão à tarde.

– Não vejo em que é que isso impede que eu te leve a Nairobi – contrapôs Sarah. – Estás com ar de quem vai desmaiar a qualquer momento.

– Não vou. O Gulab conduz e provavelmente vou adormecer.

– Mas continuo a querer saber onde passaste o dia e porque é que o Gulab está contigo. – Estava determinada em não desistir e em voltar para a cidade

com ele. – Acho melhor explicares já isso antes de partirmos. Estou com um mau pressentimento em relação a tudo isto.

– O Harjeet Singh disse-me ontem à noite, imediatamente antes de ser detido, que a família inteira da Lila estava envolvida nestas actividades de exportação ilegais.

– É por isso que o Gulab está contigo?

Ele assentiu com a cabeça e deu-lhe os pormenores, vendo o horror surgiu-lhe nos olhos enquanto descrevia os piores momentos da sua vida.

– Apanhei o avião esta manhã para Nairobi para falar com o Gulab. Para saber se era verdade. Por causa da Lila. – Olhou para ela, esperando um comentário compreensivo.

Mas Sarah permaneceu em silêncio, forçando-o a continuar sem instigá-lo. Ele demorou algum tempo a explicar o que descobrira e as acções subsequentes na serração, mas não falou da cena de tiroteio na estrada para Nanyuki.

– Deixa ver se percebi – disse ela quando ele chegou ao fim da narrativa. – Chamaste o Anthony de Shaba. Tiraste-o da lua-de-mel. E depois foram os dois loucos ao ponto de ir à serração onde o produto desses massacres estava escondido? – Custava-lhe a crer no que ele contara ou a sentir qualquer compaixão pela difícil situação de Gulab. – Puseste-te, a ti e ao Anthony, em perigo de vida só para impedir que esse estafermo cobarde fosse parar à cadeia?

– É pai da Lila – disse Rabindrah. – Foi forçado a aliar-se ao Manjit. É uma vítima.

– Não, não é nada. O Gulab vendeu a filha para não perder o negócio. Quem é vítima é a Lila. E, como tua mulher, passei o dia todo em pânico, à espera de notícias tuas. Uma chamada. Qualquer coisa. Enquanto tu andavas atarefado a destruir provas de caça ilegal e contrabando para salvares os teus familiares de uma pena de prisão.

– Não te importavas de ver o Gulab preso? E talvez a Lila?

– O que fizeste podia ter-te levado a ti à cadeia – disse ela. – E, nesse caso, que seria de mim? Ao que parece, o teu tio mereceu mais consideração do que qualquer coisa que pudesse ter acontecido à tua mulher. O nosso futuro

não significa nada para ti? Esqueceste-te de que tenho passado toda a minha vida profissional a lutar pela preservação da vida selvagem? Alguma vez pensaste no risco para o Anthony que faz parte de uma comissão de conservação com o Johnson Kiberu? E não compreendes que o Gulab nunca pensou em ninguém da família, e muito menos em ti, quando concordou em vender a filha a um escroque que trafica com caçadores ilegais e lucra com a morte?

– Foi o Anthony que me envolveu nisto. – Rabindrah expôs as suas suspeitas iniciais, desesperado por apresentar alguma defesa, sabendo perfeitamente que estava a insultar um homem que provara ser um amigo leal. – Tanto quanto sei, ele estava ciente de que eu ia apontar o dedo aos meus próprios familiares. Possivelmente não me disse para o caso de eu não levar isto por diante.

– És triste. Recuso-me a ouvir mais – disse Sarah, tapando os ouvidos. – O Anthony nunca te teria feito uma coisa dessas, mas a ironia desta história toda é que teria tido razão. Esta noite, puseste em causa a tua integridade. Aliás, acabaste de mostrar que não és melhor que o teu tio.

– Isso não é verdade. – Estava furioso com a falta de compreensão dela. – Estás a ignorar o facto de eu ter denunciado pessoas de uma rede importante de caça ilegal. De ter levado à sua captura e quase ter perdido a vida a fazê-lo. Amanhã, a história vai sair em todos os jornais. O Kiberu vai fazer uma declaração na televisão à tarde, usando as minhas fotografias e o meu relatório. Os jornais estrangeiros vão de certeza pegar na história, o que é importante para a conservação no Quénia e a nível internacional. Não sinto orgulho no que fiz na serração. O que vi lá deixou-me agoniado, mas tive de o fazer. Não pelo Gulab, mas por toda a família que teria sofrido se o Harjeet tivesse falado à polícia do que estava dentro daquele armazém.

– O Indar também está envolvido? – Sarah fulminava-o com os olhos.

– Não. Sarah, não falei contigo hoje porque não te queria envolver em nada disto. E enquanto não apresentar o meu depoimento à polícia e tiver garantias do Kiberu de que está tudo acabado, acho que deves ficar aqui, onde estás em segurança.

– Muito bem. É o que vou fazer. – As palavras dela eram frias. – Já que tens um familiar grato convenientemente à espera lá fora para te conduzir para Nairobi.

– Sarah... – Levantou-se com dificuldade. – Eu sei que te devia ter falado desta investigação desde o princípio e...

– Sim, devias. Não compreendeste que eu estaria doente de ansiedade quando desapareceste a meio do maldito do casamento? E a seguir sumiste-te segunda vez, depois de me falares de uma rusga em Mombaça em que levaste um tiro? Passei o dia a imaginar-te atacado e a sangrar. A precisar de ajuda. Estava aterrada. Que idiota que fui! – O seu rosto era um retrato de dor e traição.

– Desculpa – disse ele. – Avaliei mal a situação e lamento profundamente. Mas há-de resultar em bem. Vais ver. A vida selvagem neste país ficará mais protegida nos parques e...

– Tiveste em conta, por um momento que fosse, o risco de trazer esse homem execrável para aqui, para um santuário privado de vida selvagem? Alguém activamente envolvido na caça ilegal, que pode ser seguido pela polícia?

– Nós não fomos seguidos – disse Rabindrah, exausto, embora não estivesse certo da verdade desta afirmação.

– Ou paraste para perguntar a ti mesmo se a presença dele poderia implicar o Lars e a Hannah de alguma maneira? Dar a algum político perigoso uma razão para os atacar? Obviamente que não, mas talvez perguntes na viagem para Nairobi.

– Eu volto amanhã. Tenho noção de que conduzi tudo isto muito mal.

– Amanhã vou para o Mara – disse ela, tomando a decisão no momento em que as palavras lhe saíam da boca. – É evidente que não me queres por perto enquanto resolves os problemas da tua família e promoves a tua carreira. Aliás, rejeitaste todas as minhas ofertas de ajuda. Acho melhor não nos vermos durante uns tempos, Rabindrah. As nossas vidas afastaram-se muito mais do que eu tinha imaginado. Neste momento, não temos mais nada a dizer um ao outro.

– Por favor, Sarah! Não me julgues só com base no que aconteceu com o Gulab. – Agarrou-lhe no braço e puxou-a para si, desejando dizer-lhe toda a verdade. Que temia pela sua própria vida e, mais importante ainda, pela dela. – Nem tudo é preto e branco como tu pintas. Pelo menos, reconhece o valor do que eu fiz em Mombaça. O Gordon está muito satisfeito com isso e o Kiberu diz que o presidente quer falar comigo. Para me agradecer. Como vês, consegui alguma coisa. E ainda temos o livro sobre as chitas em que trabalhar, com a Allie.

– É melhor ires embora agora. – Libertou-se dele. – Pela Hannah. E, depois disto, não vejo como é possível trabalharmos juntos com a Allie.

– Porquê? – perguntou ele. – Que diabo, Sarah, eu não sou nenhum monstro. Quando te acalmares, talvez possamos falar sobre isto. Racionalmente.

Ela não respondeu. Abriu de rompante a porta para o alpendre e ficou a olhar para o carro até o halo cada vez mais fraco dos seus faróis traseiros desaparecer na noite.

CAPÍTULO 17

Quénia, Setembro de 1977

Gulab oferecera-se para conduzir, na viagem de Langani para sul, mas as suas mãos trémulas e murmúrios de pânico faziam prever que não seria capaz de se concentrar nem de detectar indícios de que estavam a ser seguidos. Rabindrah tomou o volante, e quis gritar com o tio quando o homem mais velho se pôs a ressonar no banco do passageiro, ou obrigá-lo, de algum modo, a pagar as consequências da sua cobardia. Mas não teria adiantado de nada.

Os primeiros raios da alvorada haviam-se insinuado no céu quando chegaram a Nairobi. Não havia qualquer presença visível da polícia à porta da casa de Gulab e Rabindrah pegou no seu carro e partiu sem demora, completamente exausto e incapaz de encarar a ideia de falar com Anjit ou de responder às suas perguntas. A fúria de Sarah ardia como sal na ferida aberta em que os últimos dois dias haviam transformado as suas emoções. A sua insistência para que ela ficasse em Langani enquanto ele regressava a Nairobi magoara-a profundamente, mas ele achava que ela devia ter tentado compreender os seus motivos antes de o condenar. Sabia que tinha conduzido mal as coisas, mas não via que outro caminho podia ter tomado.

Dirigiu-se para casa, pensando em deitar-se sem se dar ao trabalho de comer, apesar de se sentir esfomeado. O que mais desejava era dormir e debateu-se para permanecer alerta durante esses intermináveis momentos finais no carro. Ardiam-lhe os olhos, tinha a cabeça a latejar e o ombro era uma inexorável fonte de dor. Sentia-se febril. As sombras projectavam-se da berma da estrada, criando formas estranhas na luz dos faróis, como se alguém se preparasse para se lançar à frente dos pneus, e deu por si a guinar

involuntariamente para se esquivar a obstáculos imaginários. Parara de chover e ele abriu a janela e tamborilou com o punho no painel de instrumentos num esforço para se manter acordado. Por fim, invadiu-o uma sensação de alívio ao enfiar no caminho de acesso a casa.

Assim que desligou o motor, viu que a porta da frente estava entreaberta embora não estivesse nenhuma luz acesa dentro de casa. Sem perder de vista a fresta escurecida, pegou numa pesada lanterna que tinha no portaluvas. Perguntou-se onde estaria a cadela. *Tatu* aparecia sempre a saudá-lo, abanando a cauda e enfiando o nariz húmido na palma da sua mão. Subiu os degraus para o alpendre, segurando na lanterna como uma possível arma, pronto a defender-se o melhor que pudesse. A casa esperava em silêncio. Entrou pela abertura da porta e encostou-se à parede do vestíbulo, à escuta e segurando na lanterna. Não sentiu qualquer movimento. Estendendo cautelosamente a mão, ligou o interruptor e descobriu que continuava sem luz. Avançou lentamente pelo corredor, movendo-se furtivamente em direcção à mesa do telefone e levantando o auscultador. Não havia sinal de marcação. Espreitando para trás do telefone, reparou que a linha fora cortada junto da tomada. A cadela não havia ladrado nem corrido ao seu encontro e ele arriscou chamar em surdina.

– *Tatu?* – Solto um assobio baixo mas não obteve resposta e, acendendo a lanterna, apontou o feixe potente para dentro da sala de estar.

O sítio parecia ter sido assolado por um furacão. As mesas estavam derrubadas, os papéis e as fotografias de Sarah e as suas próprias pastas estavam espalhadas pelo chão, as páginas caídas onde haviam sido arremessadas. As gavetas estavam abertas e o seu conteúdo atirado ao chão. Com uma profunda sensação de terror, porque sabia o que os intrusos procuravam, dirigiu-se à câmara escura de Sarah. Também esta fora assaltada, os materiais de revelação atirados abaixo das prateleiras e as pastas de fotografias revistadas.

Movendo-se mais depressa, avançou pelo corredor, apontando a luz para os quartos vazios de cada lado. Não lhe parecia que ainda estivesse alguém dentro de casa e chamou por Chege, mas não chegou qualquer resposta dos aposentos do pessoal. A cadela estava deitada na cozinha, ao lado da porta

das traseiras, uma espuma esverdeada nas mandíbulas, a boca arrepanhada num esgar de agonia. Viu os restos de um naco de carne meio comido no chão ao lado dela. Em cima do lava-louça, o vidro da janela estava partido, deixando uma abertura com arestas afiadas. Devia ter sido por aqui que entraram, dando a carne envenenada a *Tatu* e esperando que ela a comesse. Em seguida, tinham arrombado a fechadura para poder entrar na casa.

Rabindrah ajoelhou-se no chão, praguejando e chorando ao mesmo tempo e embalando a cadela nos braços. Ela estava rígida e fria e ocorreu-lhe que já estaria morta há várias horas. Levantou-a, ignorando a dor lancinante no ombro, e levou-a para o cesto para a pousar suavemente no velho cobertor. Pegando no lenço, limpou-lhe a espuma do focinho macio, salpicado de pêlos cinzentos. *Tatu* fora a sua prenda de aniversário a Sarah, sete anos antes, e desde pequena que roera sapatos e mobília e conquistara um lugar nos seus corações. Olhou para o animal morto, desejando poder recuar no tempo até um momento mais feliz.

Uma preocupação maior pesava na sua consciência. Onde estava Chege? Também fora atacado e ferido? Pôs-se de pé a custo, pegou de novo na lanterna e dirigiu-se para a zona do pessoal. O pequeno edifício ficava debaixo das árvores ao fundo do jardim e a porta estava entreaberta. Hesitou, à escuta, mas não chegava qualquer som lá de dentro. Acendeu a lanterna, receoso de encontrar outro cadáver no interior. Mas o sítio estava deserto e não havia sinais de luta. Chege sabia que não precisava de preparar o jantar, mas não passaria a noite fora. Rabindrah voltou para a casa principal. A pele ardia-lhe, embora estivesse também a tiritar. Ao chegar à cozinha, os seus joelhos começaram a ceder. O chão afundou-se sob os seus pés, o espaço começou a rodopiar em remoinhos escuros à sua volta e ele sentiu a bÍlis subir-lhe à garganta. Deu por si a murmurar o nome de Sarah ao cair ao chão, esperando que o turbilhão parasse. Devia levantar-se, ir pedir ajuda, encontrar um sítio de onde telefonar a participar o sucedido à polícia. Qualquer coisa. Mas o seu corpo recusava-se a reconhecer os sinais que o seu cérebro emitia. Fechou os olhos e viu uma maré vermelha.

Uma voz insistente, chamando repetidamente pelo seu nome, fê-lo recobrar a consciência. Estava alguém a abaná-lo e uma dor percorreu-lhe o braço ferido. Ouviu o som de passos sobre vidros partidos e, gemendo, abriu os olhos. Os músculos do seu pescoço e ombros protestaram quando ele levantou a cabeça e tentou mover as pernas hirtas. Concentrou-se na voz, semicerrando os olhos para focar o rosto que flutuava para dentro do seu campo de visão. Gordon Hedley estava acorado à sua frente, tentando despertá-lo. Atrás dele, um oficial da polícia e um *askari* estavam a examinar a janela partida e a luz do sol jorrava pela porta da cozinha. Devia ser tarde. Os polícias saíram para o jardim, e Rabindrah levantou, exausto, uma mão para limpar a cara, consciente de que lhe escorrera saliva pelo queixo enquanto dormira.

– Santo Deus, homem! – Gordon sentou-se sobre os calcanhares. – Por um momento, pensei que estivesse morto!

– Eu pensei o mesmo. – Rabindrah tentou endireitar as pernas perras e emitiu um som involuntário quando uma dor violenta lhe percorreu o ombro. – Não sei quanto tempo estive aqui e parece que não há um centímetro do meu corpo que não esteja paralisado.

– Dá cá a mão que eu ajudo-te a levantar. – Gordon estendeu o braço. – O inspector-chefe Ochieng está lá fora à procura de pegadas e tudo isso. Lamento muito o que aconteceu ao teu cão.

Rabindrah olhou de relance para *Tatu*, hirta e gelada no cesto. Parecia já ter mirrado com a morte, o seu pêlo outrora brilhante agora baço. – Envenenaram-na – disse ele, incapaz de reprimir a tremura na voz. – Filhos da mãe! A Sarah vai ficar destroçada. – Abanou a cabeça para tentar aclarar os pensamentos. – Há sinais do Chege? Espero que não esteja ferido ou pior.

– Não está cá ninguém – disse Gordon. – A polícia está a tentar localizá-lo. A última vez que foi visto andava a fazer compras para ti na *duka* mais à frente na rua.

– Não é normal ele desaparecer. – Rabindrah fez uma breve descrição a um dos polícias, que confirmou que Chege ainda não aparecera. Depois

virou-se para Gordon. – Pode parecer banal, mas preciso de comer qualquer coisa senão ainda desmaio outra vez.

– Vão já sair torradas e café – disse Gordon. – E enquanto a chaleira está a ferver, vou dizer ao Ochieng e ao ajudante dele que estás preparado para falar com eles dentro de vinte minutos.

Depois do pequeno-almoço, entraram na sala de estar e Rabindrah sentou-se enquanto Gordon lhe servia um *whisky*. – Bebe isto para não te ires abaixo – disse ele. – Mais para o fim da manhã, vais precisar de consultar o médico. Mas entretanto diz-me, antes de os bófiás entrarem, que diabo aconteceu desde que falámos ontem?

Rabindrah hesitou antes de responder, ciente de que haveria lacunas na sua história que nem mesmo Gordon devia conhecer. Começou pelo princípio, não omitindo nada excepto a visita a casa de Gulab e à serração.

– Depois de te ter deixado e ao Kiberu ontem, decidi ir a Langani – disse ele. – E, pelo caminho, tenho quase a certeza que alguém tentou matar-me quando parei na berma da estrada para comer qualquer coisa.

– Credo! Conseguiu identificar o tipo?

– O carro ia a todo o gás e já começara a anoitecer. Nem sequer tenho a certeza que era atrás de mim que andavam – disse Rabindrah. – Ultimamente têm havido ataques destes nas estradas e se calhar eu estava no sítio errado no momento errado. Seja como for, quando cheguei a Langani, eu e a Sarah tivemos uma discussão. Depois do meu desaparecimento de Lamu, ela estava furiosa por eu ter saído do hospital em Mombaça ontem sem lhe dizer onde ia. Levei uma descompostura e tanto.

– É bem feito. Devias tê-la mantido informada e também me devias ter dito que ias voltar para casa. Podias ter sido morto. Não me admira que ela tivesse ficado furiosa.

– Podes poupar os sermões... tenho os ouvidos cheios – disse Rabindrah. – O que é que te fez vir aqui afinal?

– Houve uma tentativa de assalto ao jornal. Por volta da meia-noite. – Gordon ofereceu um cigarro a Rabindrah e viu-o retrair-se ao estender a mão para pegar nele. – Chegou um sujeito vestido com um uniforme de estafeta. Trazia um envelope com documentos para mim, com o carimbo do

governo e uma mensagem urgente. Mandaram-no deixá-lo na secretária no meu gabinete. Estava tudo sossegado... só havia meia dúzia de pessoas nas instalações, quase todas nas máquinas. Meia hora depois, alguém foi ao laboratório de fotografia e deu com o sujeito lá. Houve um confronto físico e ele fugiu, mas já tinha posto o sítio em pantanas. Pastas e negativos por todo o lado. Não custa adivinhar o que queria. A seguir teria provavelmente passado o meu gabinete a pente fino, se não tivesse sido apanhado. Mas as tuas fotografias já tinham sido impressas e o texto já estava composto. Aliás, as máquinas estavam a imprimir enquanto ele ainda se encontrava no edifício. Aqui tens a edição do jornal de hoje. O Johnson Kiberu tem uma conferência de imprensa agendada para esta tarde. Anda com o ar de um gato que lambeu o leite e merece estar satisfeito. Como tu.

– E a minha película? – Rabindrah estava a ler o seu relatório ao fazer a pergunta.

– Levei o rolo revelado para casa comigo ontem à noite. Está no meu cofre, juntamente com o teu relatório original. Como tal, o nosso visitante não deitou a mão a nada, mas não há dúvida que virou a casa do avesso. Quando não apareceste hoje de manhã e não havia sinal no teu telefone, liguei ao meu amigo Ochieng, que estava à espera de notícias tuas e viemos imediatamente para aqui.

– Fico a dever-te um favor – disse Rabindrah, descrevendo em seguida a sua chegada a casa. – O Chege devia cá estar ontem à noite quando estes tipos apareceram. Espero que não lhe tenha acontecido nada. Chama o inspector, é melhor despacharmos estes depoimentos.

As duas horas seguintes foram enfadonhas enquanto o inspector anotava os nomes completos e as moradas de Rabindrah e Gordon e recolhia as declarações minuciosas de ambos, começando pelo ataque em Mombaça.

– Mas não chamou a polícia quando aqui chegou – disse ele depois de Rabindrah responder às suas perguntas. – É estranho, Mr. Singh. Sobretudo quando já se tinha envolvido noutro incidente em Mombaça.

– A linha do meu telefone foi cortada – explicou Rabindrah, impaciente. – E eu não estava em condições de pensar racionalmente. Tinha sido ferido, e

perdi os sentidos. Só vim a mim quando Mr. Hedley chegou aqui consigo. – Passou a mão pelos olhos, absolutamente exausto.

– Acho que Mr. Singh precisa de cuidados médicos imediatamente – disse Gordon a Ochieng. – Creio que está tudo dito. Se tiver mais perguntas, pode voltar a contactar-nos mais ao fim do dia.

– Diga-me quando encontrar o Chege – pediu Rabindrah. – É bom homem e quero ser informado assim que o encontrar.

O exame do médico confirmou uma infecção em redor do ferimento de bala e a necessidade de um forte antibiótico e de descanso.

– Se fosse a si, ia agora para casa e passava um ou dois dias na cama – disse o Dr. Mitchell.

Rabindrah assentiu e saiu do consultório, comprando o medicamento pelo caminho e dirigindo-se, em seguida, para o escritório de Gordon.

– Achas que os assaltos foram planeados pelo Manjit Singh? – Rabindrah interrogou-se, desolado, sobre quem, de entre a sua família ou amigos, poderia ser alvo, se fosse esse o caso.

– Acho que não. – Gordon abanou a cabeça. – Ele está preso e o que tu sabes sobre eles já é do conhecimento público. Essa parte do teu relatório estava no prelo quando os assaltos tiveram lugar. Seria demasiado tarde para impedir a publicação. Mas os sócios africanos dele, bem, isso já é outra cantiga. Algum do outro material que descobriste e a informação que obtiveste do Johnson Kiberu são explosivos. Ele está determinado em deitar a mão a toda a gente nessa rede, o que vai representar o fim de pelo menos dois tipos em altos cargos no governo. Recebi chamadas de vários amigos íntimos do Mzee esta manhã, ansiosos por intervir na questão. Embora, pelo que sei, estejam metidos até ao pescoço em esquemas semelhantes. Estas tentativas de roubo têm mais ar de eliminação de provas pelos tipos que são directores no conselho de administração do Manjit Singh.

– Preciso de falar com o Kiberu hoje – disse Rabindrah. – Devíamos reunir-nos com ele para decidir o que publicamos a seguir.

– A tua posição agora é precária, Rabindrah. Estes rufias podem decidir calar-te o bico de uma vez por todas. É capaz de ser prudente não dares nas

vistas durante alguns dias.

Rabindrah voltou a pensar nos tiros disparados na barraca na berma da estrada. Gordon tinha razão. O assalto à casa era um acontecimento sinistro. E se Sarah tivesse estado em casa na altura do ataque? As suas pernas ficaram frias como gelo sob o sol da manhã.

– Não posso deixar que eles me intimidem – retorquiu. – Se o Kiberu tiver tomates para denunciá-los, estou com ele até ao fim. Mas a Sarah é outra história. Podem ir atrás dela.

– Quanto tempo é que ela vai ficar em Langani?

– Parte para o Mara hoje.

– Talvez seja o melhor sítio para ela estar – opinou Gordon. – Duvido que alguém tente apanhá-la. Mas olha que pode ser sensato deixares o país durante uma semana ou coisa assim. Deixa o pó assentar. Entretanto, ficas em nossa casa. A Maureen está a preparar o quarto de hóspedes para ti e está a postos para fazer de enfermeira. – Levantou uma mão quando Rabindrah começou a protestar. – Insisto. Já falei com o Kiberu e ele pôs temporariamente a minha casa sob vigilância policial. Ficas melhor a trabalhar lá até isto passar. Acho que devemos voltar agora a tua casa para pegares no que precisas para os próximos dias.

Encontraram Chege em casa, a arrumar vagarosamente o caos à sua volta. A sua cabeça e braços exibiam vários cortes e inchaços. Dava para perceber que tinha sido espancado.

– Chege. Graças a Deus não te aconteceu nada de grave, homem. Tens de ir imediatamente ao médico – disse Rabindrah. – Deixa as limpezas para outra altura. Sabes quem te atacou?

– Não vi os homens. Chegaram de noite – respondeu Chege. – Muito tarde. Eram vários. Ouvi vidros a partir e a *Tatu* a fazer barulho e levantei-me da cama. Depois vi a cadela. Ai, tinham-na matado! A Mama Sarah vai ficar muito triste.

– Podes dizer-nos alguma coisa sobre eles?

– Não lhes vi a cara... só sombras. – Chege levou a mão à cabeça. – Bateram-me. Disseram que me matavam. Fiquei cheio de medo. Um deles tinha uma *kiboko* e agrediu-me na cabeça. Caí. Quando acordei, era de dia e

eles tinham-me deixado numa vala na estrada de Langata. As pessoas pensaram que eu estava bêbado quando as chamei, mas um homem parou e ajudou-me a voltar para casa. A polícia estava aqui e o inspector disse que iam deixar um *askari* à noite durante o resto da semana.

– Eu levo-te ao hospital – disse Rabindrah. – E dou-te dinheiro para voltares de táxi. Não me parece que tenhas partido nada mas vais precisar de *dawa* para esses cortes e pisaduras. Se te lembrares de mais alguma coisa, debes ligar para o *bwana* Hedley. Aqui tens o número. Mas não fales com mais ninguém.

– Eu não vi. – Chege abanou tristemente a cabeça. – Estava demasiado escuro. Foi tudo muito rápido. Lamento muito. Vou consigo ao hospital, mas primeiro temos de enterrar a cadela.

Já se encontravam dois *askaris* à porta de casa de Gordon Hedley quando chegaram. Rabindrah passou os olhos pelos densos arbustos que resguardavam a propriedade da estrada e dos vizinhos. Seria difícil impedir alguém determinado em entrar. Mas Maureen Hedley parecia calma e acolheu-o com afecto, não querendo ouvir as suas desculpas.

– Não é a primeira vez que temos de reforçar a segurança – disse ela. – Diz o Gordon que tens de ligar para Langani. Fica à vontade. Está aqui o telefone. Mas, depois de falares com a Sarah, tens de ir descansar um pouco. Ainda bem que ela não pode ver o teu estado. Estás com ar de quem anda na farra há dias. Como o meu marido, aliás.

Rabindrah sorriu-lhe quando ela saiu da sala, fechando a porta. Ao levantar o auscultador e marcar, sentiu uma reviravolta no estômago, temendo as notícias que tinha para transmitir. E se Sarah já tivesse partido para o Mara, estaria em segurança, sozinha na longa viagem? Seria melhor, sem dúvida, ouvir a notícia sobre *Tatu* quando tivesse Allie ao pé dela para a confortar. Esperava que Gordon tivesse razão ao dizer que ela estaria mais segura na reserva. Mas teria de avisar Allie. Por via das dúvidas.

Quando Hannah atendeu o telefone, mostrou-se claramente fria. – A Sarah partiu logo de manhã. Estava muito transtornada.

– Infelizmente, as más notícias não acabaram – disse Rabindrah. – Houve um assalto a nossa casa. Descobri quando regresssei. Os ladrões envenenaram a *Tatu* para entrarem dentro de casa. Encontrei-a morta. Isso vai ser ainda mais penoso quando falar com a Sarah. Esta coisa está a ir de mal a pior!

– Oh, meu Deus, Rabindrah! Sinto muito. Sei a que ponto adoravam essa cadela. O que é que roubaram?

– Nada de valor... andavam atrás de película e documentos sobre este caso em que tenho estado a trabalhar.

– Li o jornal esta manhã e devo felicitar-te. – Hannah apercebeu-se da infelicidade na voz de Rabindrah e teve pena dele. – É um grande feito e exigiu coragem, mas acho que devias ter mantido a Sarah informada.

– Tens razão. Foi um erro estúpido. E peço desculpa por ter aparecido tão tarde ontem à noite com o meu tio. Não devia ter abusado da vossa hospitalidade, mas tinha de falar com a Sarah.

– Corres perigo por causa disto?

– Digamos que sou capaz de ser um alvo para certos políticos envolvidos na caça ilegal e no contrabando. Foi a principal razão por que não quis que a Sarah viesse comigo para Nairobi. E, ao que se vê, tinha boas razões. Há gente que quer deitar a mão ao resto das informações de que disponho antes que venham a lume.

– Não sei que diga. – Hannah estava chocada. – Além de te pedir que tenhas cuidado. E que faças as pazes com a Sarah. Ela está muito abalada, é certo, mas é por estar ansiosa em relação a ti e pelo facto de lhe teres escondido a verdade. Mas tenho uma boa notícia. A Lila telefonou de Londres há cerca de meia hora. Está instalada em segurança no apartamento da Camilla.

– Obrigado, Hannah. Já é um grande conforto – disse Rabindrah. – Eu falo com a Sarah mais tarde.

– Vai dando notícias – disse Hannah. – E boa sorte.

Rabindrah permaneceu muito tempo no chuveiro, eliminando com a água a fadiga e a tristeza do corpo. Sentindo-se um pouco melhor, sentou-se a

uma mesa e abriu o rascunho do seu próximo relatório mas, passado algum tempo, as letras começaram a distorcer-se e a mover-se à sua frente, obrigando-o a cambalear até à cama e a deitar-se. Sucumbiu instantaneamente ao sono e, ao fim da tarde, Maureen bateu à sua porta.

– O Gordon já chegou – disse ela. – Vendeu a vossa história. Vai aparecer nos jornais de Londres amanhã e daqui a nada o Kiberu faz a declaração dele na televisão. É uma notícia em grande.

– Há muito tempo que não via tamanho pandemónio – disse Gordon. – E a segunda parte do teu relatório sai amanhã. Vai arrumar com dois escroques de peso. Os ministros Eliud Muruthi e Walter Ndegwa foram algemados e levados dos seus gabinetes governamentais há uma hora. Têm os dois ligações às empresas do Manjit Singh, que operam no Extremo Oriente. Trouxe novos documentos que me foram entregues há uma hora, mas o Kiberu diz que precisamos de mais provas sobre o terceiro indivíduo que andas a investigar. O Moses Gacharu tem contactos muito poderosos. Não me parece que o Mzee e os amigos interfiram nos assuntos dele a não ser que haja argumentos indestrutíveis contra ele. Estas águas são muito turvas.

– Preciso mais ou menos de uma hora para acabar o artigo de amanhã – disse Rabindrah. – Olha, a conferência de imprensa está a começar.

Sentaram-se em frente à televisão, vendo os disparos dos *flashes* e Johnson Kiberu a proferir o seu discurso, citando a detenção de Manjit e Harjeet Singh, mencionando os dois políticos africanos pelos nomes e prestando informações sobre a quantidade de troféus de caça ilegais e marfim encontrados no armazém de Mombaça. Haveria mais revelações nos próximos dias, referiu, e não haveria clemência nas penas que seriam aplicadas.

– Correu bem – disse Rabindrah. – Agora vou terminar o artigo de amanhã e talvez possa...

– Tenho mais notícias para ti – interrompeu Gordon. – Logo de manhã, partes noutra missão.

– Não. Não, não quero largar isto. Não posso deixar as coisas agora, depois de ter chegado até aqui – disse Rabindrah.

– Vais sair do país por algum tempo, são as ordens do gabinete do teu editor. – Gordon não admitiu objecções. – Vai dar-se agora uma grande operação de limpeza. Eu mantenho-te informado e tu podes mandar-me as tuas observações por telefone ou telex para serem editadas e publicadas como habitualmente. Organizei a tua viagem para as Seychelles. Para noticiaries as consequências do golpe do Albert René em Junho. Daí vais para a Maurícia e para a Reunião. Uma reportagem económica e política sobre ilhas do oceano Índico, com ênfase no turismo.

– Gordon, isso não são notícias – protestou Rabindrah. – Tenho em mãos o meu maior caso de sempre. Não me podes mandar num passeio à beira-mar.

– Já discuti o assunto com o Kiberu e o chefe da polícia – disse Gordon. – Há razões para desapareceres de vista. Não podemos permitir outro atentado contra a tua vida. Sabes como é, à terceira é de vez, e essa história toda. Não tenciono perder o meu melhor jornalista. E também tens de pensar na Sarah. Talvez ela queira ir ter contigo às Seychelles enquanto lá estás. A vida selvagem endémica das ilhas seria uma boa distração para ela. Quero ver os dois em segurança, como profissionais competentes e bons amigos.

– Obrigado. – Rabindrah não apresentou mais argumentos, comovido com a bondade no tom áspero de Gordon.

– Se acontecer alguma coisa de excepcional, mando-te regressar – disse Gordon. – Vá, agora vai acabar a história de amanhã e depois liga para a Sarah pelo rádio. Ela já deve ter chegado ao acampamento e tenho a certeza de que já acalmou e está ansiosa por falar contigo. Mas nada de segredos, isso acabou!

– Nada de segredos – concordou Rabindrah, sentando-se à máquina de escrever e sorrindo.

CAPÍTULO 18

Quénia, Outubro de 1977

Sarah chegou ao Mara, cansada e coberta de pó, encontrando Hugo sentado à sombra da tenda da messe com o bloco de notas e a máquina de escrever.

– Bem-vinda. – Ele sorriu e levantou-se, passando a mão pelo cabelo revoltado. Estava bronzeado depois dos dias que passara na costa, com o rosto e os braços salpicados de novas sardas.

– Credo – disse ela. – Nem pareces a pessoa que aqui chegou há semanas com ar de...

– De um académico pálido, com pele leitosa e sem esperança de sobreviver no mato.

– Mais ou menos – disse ela, animada com o som das suas próprias gargalhadas. – Seja como for, estás com bom aspecto agora. Ah, coraste. Sempre pensei que era a única pessoa no mundo que ficava desse tom violento de vermelho.

– Nesse caso, é mais uma coisa que temos em comum – disse ele, embaraçado com o cumprimento e a observação dela. – A Allie e o Eropé saíram à procura da *Lara* e das crias. Quando ouvimos a notícia no rádio, pensámos que ias passar uns dias em Nairobi. Dá ideia que o Rabindrah desmascarou uma operação de caça ilegal das grandes. Que feito, ou furo, como eles dizem. Deves estar orgulhosa dele. Onde é que ele está?

– Estive com ele em Langani ontem à noite. Ia a caminho de Nairobi.

– Senta-te que eu vou-te buscar uma bebida fresca. Ou chá, se estiveres com muita sede.

– Vou guardar as minhas coisas primeiro.

Sarah escapou para a sua tenda. Não era capaz de enfrentar a ideia de falar sobre o marido e, quando arrumou os seus pertences, sentou-se na cama, olhando para o rio. Era um alívio estar de regresso ao acampamento, sem ter mais em que pensar senão nos animais. O resto era demasiado doloroso. Tiraria as suas fotografias, deixar-se-ia absorver pelo trabalho. Já o fizera antes, em Turkana. Depois do bebé. Afastou da ideia outro assunto penoso. Juntou as câmaras e os cadernos de apontamentos e voltou para a tenda da messe.

– O Ahmed está a fazer chá – disse Hugo. – Provavelmente queres guardar as proezas heróicas do Rabindrah para mais tarde para nos contares a todos ao mesmo tempo.

– Boa ideia. Então, conta lá o que se tem passado na minha ausência.

– A Allie e o Elope encontraram uma nova fêmea com duas crias, muito mais novas que as da *Lara* – disse Hugo. – Não muito longe, embora a mãe tenha andado a mudar os filhos de sítio frequentemente. Não é tão boa caçadora como a *Lara* e, por isso, tem de os deixar sozinhos mais tempo quando vai procurar alimento.

– Adorava vê-la. Já tem nome? – quis saber Sarah.

– *Isis* – disse Hugo com um sorriso. – Por causa do sensual contorno preto dos olhos. – Ordenou os papéis numa pilha perfeita e pegou nos blocos de notas. – Vamos no teu carro? O outro é uma autêntica caranguejola.

Sarah inalou o cheiro do pó e da tórrida savana, ouvindo os insectos e os pássaros, e uma espécie de serenidade envolveu-a. Ninguém precisava de conhecer a crise em que o seu outro mundo se encontrava.

– Isto tem qualquer coisa que nos afecta, não tem? – disse Hugo. – Faz-nos sentir melhor, independentemente do que acontece à nossa volta. Não estou aqui há muito tempo mas já compreendi isso.

– É assim tão óbvio? – Sarah detectou a preocupação no comentário dele.

– Só para os muito perspicazes – disse ele. – E esse tipo de pessoas é muito discreto. Posso ajudar em alguma coisa?

– Não posso falar sobre o assunto. Desculpa. – Não podia perder agora o controlo. Não o perderia.

– Não quero informação – assegurou-lhe Hugo. – Só te quero lembrar que estás entre amigos que se preocupam profundamente contigo. É tudo. Não é intromissão.

– Obrigada. – Não se sentiu capaz de dizer mais.

– Olha... ali está a *Isis*, na orla daquele matagal. Não é um belíssimo espécime?

Sarah tinha a câmara a postos enquanto Hugo se aproximava lentamente.

– Como ela é mais nervosa que os outros, não me vou aproximar muito – disse ele, parando a uma certa distância. – A Allie e o Elope foram claramente à procura de outra coisa. Vejo as marcas dos pneus onde fizeram inversão de marcha.

Ficaram a observar a chita. Era mais pequena e mais magra do que *Lara*, e as duas crias eram quase invisíveis devido ao seu tom matizado de mel, da mesma cor das ervas altas. Ela olhou para o carro quando este parou, vigilante, abanando ligeiramente a cauda, o que denunciava o seu nervosismo, os olhos dourados, rodeados por um traço negro em estilo egípcio, fixando directamente a câmara com imponente desdém. As crias mexeram-se, as suas pequenas cabeças e patas pressionando-a e afocinhando-a ao mamarem, a pelagem cinzento-esbranquiçada funcionando como uma camuflagem perfeita.

– Só teve duas ou perdeu parte da ninhada? – Sarah manteve a voz baixa.

– A Allie acha que é capaz de ter tido mais, mas só vimos estas duas. Podem ter morrido outras, ou podem ter sido levadas por predadores. Ela é muito jovem. O Elope acha que pode ser a primeira ninhada dela.

Sarah pôs-se cautelosamente em pé para obter uma vista melhor do tejadilho aberto. O estalido do obturador fez o animal retrair-se e espalmar as orelhas contra a cabeça elegante, mas não se afastou.

– Fantástico. Anda lá, *Isis*. Mostra-me o teu melhor ângulo.

Como se compreendesse, a chita virou-se para fixar a distância, mais à vontade agora com os seus visitantes humanos, e Sarah aproveitou para captar mais algumas imagens.

– Está a ronronar. – Sarah olhou pela objectiva, deliciada.

As crias tinham acabado de mamar e começaram a brincar com a cauda da mãe, saltando e rebolando-se e retorcendo a ponta listrada. *Isis* lavou-as com a língua rugosa, virando-as com a pata e limpando-lhes o corpo, enquanto o obturador continuava a disparar. Depois, afastou-se pela planície, deixando os filhos enroscados à sombra, fora de vista e adormecidos.

Enquanto tomavam notas e tiravam mais fotografias, Hugo falou com entusiasmo da vida no Mara e do seu prazer em contribuir para o trabalho de Allie. Não fez perguntas pessoais a Sarah e ela não ofereceu informações, mas sentiu um pesado fardo a ser-lhe tirado dos ombros ao alongar os olhos sobre a savana árida, observando os animais na sua ancestral actividade de procurar alimento e água. Quando o sol se afundou no horizonte, *Isis* regressou e foi com agrado que viram vestígios de sangue no seu focinho e o bojo de uma barriga cheia. Quando ela desapareceu no matagal, puseram o carro a trabalhar e regressaram ao acampamento.

Allie e Eroe já estavam na tenda da messe e sentaram-se todos na companhia uns dos outros na frescura do fim da tarde.

– Que notícias tens do Rabindrah? – perguntou Allie mas, depois da descrição contrafeita de Sarah das experiências do marido, abandonou o assunto e todos se dirigiram para as tendas, para desfrutar do prazer de duchas quentes e de roupa lavada e sem pó. Estavam a acabar o jantar quando o rádio crepitou. Sarah levantou-se assim que ouviu a voz de Rabindrah na linha.

– Não posso falar agora com ele – disse ela, corando sob o olhar interrogador de Allie. – Diz-lhe que estou bem mas que me fui deitar. Falamos amanhã. – Sem mais comentários, desapareceu na noite em direcção à sua tenda.

– O que é que se passa, Rabindrah? – perguntou Allie, depois de transmitir a mensagem de Sarah. – Ela passou o serão muito calada e desapareceu assim que ouviu a tua voz.

Rabindrah não se alargou muito em explicações mas sentiu-se obrigado a falar a Allie do atentado a tiro da noite anterior e a descrever o assalto em Nairobi, o ataque a Chege e a morte de *Tatu*.

– São notícias terríveis – disse Allie. – A Sarah devia saber tudo isso directamente por ti. Estás bem? E em termos de segurança?

– Estou bem. O Gordon vai mandar-me para as Seychelles amanhã para entrevistar o presidente René sobre as repercussões do golpe dele em Junho. O Kiberu quer-me longe das atenções, fora de Nairobi, por alguns dias. – Por um momento, tentou aligeirar o tom. – Começo a sentir-me como um assassino contratado que é mandado para fora, para esperar que as coisas acalmem, depois de um trabalho importante. Mas a minha maior preocupação é a segurança da Sarah. Por favor, não a deixes ir para nenhum lado sozinha. Talvez possas alertar os oficiais locais do parque... dizer-lhes que podem andar caçadores ilegais na área e que devem andar particularmente vigilantes. E talvez ela possa andar sempre com o Eroe nos próximos dias. Ele detectaria alguma coisa de anormal a milhas. Desculpa, Allie. Armei uma confusão dos diabos por toda a parte.

– Foste extremamente corajoso com grandes riscos para ti próprio – disse Allie. – Admiro-te por isso, mas acho que teria ficado furiosa se o Dan se tivesse envolvido numa coisa assim sem me dizer nada.

– Eu sei, eu sei. Nesse aspecto, meti o pé na argola. Mas podes dizer à Sarah que falei com a Lila, que está em segurança, instalada no apartamento da Camilla em Londres. O Tom vai arranjar-lhe trabalho e, por agora, deve estar tudo bem com ela. Pelo menos, já é alguma coisa que corre bem. E vou passar esta noite em casa do Gordon e da Maureen.

– Eu transmito-lhe o recado – disse Allie. – Tenho a certeza que ela vai mudar de ideias. Amanhã, já há-de estar a contar as horas até tu voltares. Quanto tempo ficas fora?

– Não tenho a certeza. Uma semana, por aí – disse Rabindrah. – Vou fazer uma série de entrevistas sobre o golpe de Estado. O que o motivou, que efeito tem tido no turismo e na economia em geral. O voo é amanhã, por volta do meio-dia. Talvez ela queira ir passar alguns dias comigo. Não é longe, de avião.

– Depois disto tudo, parece uma pausa ideal. Eu digo-lhe para te ligar de manhã, se bem que não me agrade a ideia de lhe contar do assalto à vossa

casa e do cão. Felizmente que nenhum dos dois lá estava quando esses bandidos apareceram. Tem cuidado, Rabindrah.

Allie pousou o auscultador e, ao virar-se, reparou que estava sozinha. Sentou-se junto da fogueira a reflectir, antes de pegar na garrafa de *whisky* e em dois copos e se dirigir para a tenda de Sarah.

– *Hodi!* Posso entrar?

– Claro. – Sarah afastou a aba e saiu para se sentar com Allie sob o toldo. Arqueou as sobrancelhas quando Allie serviu uma dose generosa para cada uma.

– Parece coisa séria – disse ela, numa voz tremida, com um sorriso demasiado fixo. – O que é que o Rabindrah tinha a dizer?

Allie repetiu as notícias enquanto Sarah bebia o *whisky*.

– Ele sabe que, no que te diz respeito a ti, foi um parvalhão de primeira... embora não o tenha dito por essas palavras – disse Allie. – Está desesperadamente arrependido e tu tens de admitir que ele tinha razões para estar preocupado contigo. O vosso criado apanhou uma grande tarefa e a vossa cadela foi envenenada. Felizmente, não estavam em casa quando eles apareceram.

– Não é assim tão simples – disse Sarah. – Há coisas que não te posso contar sobre esta situação. Coisas que me mostraram a que ponto o Rabindrah mudou. Está irreconhecível, aliás.

– Eu sei que o secretismo dele te magoou, mas os homens são assim – disse Allie. – Pensam que estão a proteger as pessoas que amam ao não lhes dizer o que se está a passar e em vez disso deixam-nas loucas. Mas o mais grave é que a ameaça à vida do Rabindrah ainda não acabou enquanto estiver a trabalhar nessa investigação. A coragem dele fê-lo correr sérios riscos.

– Não estás a compreender! – Sarah levantou-se de um salto. – Isto não tem só a ver com o Rabindrah e com a cruzada dele contra a caça ilegal e a corrupção. Não posso explicar a história toda, Allie, mas ele fez uma coisa que nos comprometeu a ambos e também aos nossos amigos mais íntimos. Pôs em risco tudo o que era importante para proteger alguém que não o merecia e não sei se consigo esquecer isso. Nunca.

– Alguém poderoso, implicado na caça ilegal? Foi isso?
– Não te posso dizer. – Sarah abanou a cabeça com tristeza.
– Sarah, devias saber que alguém tentou matá-lo.
– Sim, no armazém. Eu sei.
– E ontem, outra vez. Deve ter sido a caminho de Langani. Ele não te disse?

– Não. – Sarah sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo todo ao aperceber-se de que havia aspectos da história que não conhecia porque não esperara para os ouvir. – O Rabindrah não falou muito sobre ele próprio.

– O teu marido confrontou gente muito poderosa e implacável nesta investigação – disse Allie. – E o facto de os sogros da Lila estarem envolvidos só agravou as coisas para ele. O que quer que ele tenha feito para te enfurecer tem de ser discutido e não suprimido. Não gosto de alarmar ninguém, mas ele continua a ser um alvo, como o Dan era para os caçadores ilegais no Norte. Tê-lo-iam assassinado se tivessem encontrado a oportunidade ideal. Ou até a mim. E se deixas o Rabindrah partir sem uma palavra de amor ou perdão e o pior acontece? – Allie levantou-se. – Liga-lhe pelo rádio amanhã antes de ele partir para as Seychelles. Está em casa dos Hedley.

Sarah assentiu, sem dizer nada.

– Pronto, menina. Vou deitar-me e de manhã saímos juntas. *Chai* às cinco e meia. Boa-noite.

O dia seguinte nasceu encoberto, com a ameaça de tempestade. Sarah fez várias tentativas para ligar para casa dos Hedley mas, por causa das condições atmosféricas, a ligação foi impossível. Tomou outra chávena de chá e voltou a tentar mas, desta vez, o rádio falhou completamente quando o primeiro trovão ribombou sobre o acampamento.

– Tentamos mais ao fim da manhã – disse Elope. – Quando a tempestade passar. Neste momento está quase por cima de nós. Acho que não vamos conseguir ir para muito longe.

Por essa altura, Rabindrah já teria provavelmente partido para o aeroporto, mas não havia nada que Sarah pudesse fazer. De qualquer modo, não sabia

muito bem o que lhe queria dizer. Encolhendo mentalmente os ombros, entrou para o *Land Cruiser* e partiu.

Haviam-se formado nuvens pesadas sobre as planícies, estendendo-se em massas negras sobre a savana árida. O ar parecia carregado de estática à medida que a manhã avançava e o céu era fendido por grandes relâmpagos que trespassavam a terra e traziam consigo o ribombar de fortes trovões ao longo de toda a paisagem escurecida. À distância viram uma árvore solitária ser atingida por um raio, explodindo num chuveiro de faúlhas, quando o primeiro aguaceiro desabou sobre elas. Não havia sinais das chitas. Fechando com dificuldade o tejadilho, deram meia-volta e regressaram ao acampamento, mal conseguindo ouvir-se uns aos outros sobre o ruído da trovoada e da chuva a martelar no tejadilho. Numa questão de segundos, a terra sob os pneus transformara-se num lamaçal e iam derrapando pelo caminho sulcado, os limpa-pára-brisas batalhando em vão para proporcionar uns segundos de visibilidade no meio do dilúvio.

Sarah debatia-se com o volante enquanto o veículo lhe fugia no piso alagado, atravessando por vezes rios pequenos e velozes que, minutos antes, não passavam de sulcos secos, ou ficando atolada em buracos de lama que se haviam formado na terra ressequida e estalada. Por duas vezes, deixou Allie ao volante e saltou para fora com Hugo e Erope procurando paus e ramos para colocar debaixo dos pneus, empurrando até o solo lamacento libertar o seu prisioneiro. Quando chegaram ao acampamento, estavam imundos e exaustos.

Lá, também as coisas não estavam famosas. O rio estava a subir depressa e Ahmed andava aflito com as tendas e as provisões. Decidiram transferir todo o equipamento para mais longe da água. Parecia estar tudo alagado. Recordando uma inundação semelhante em Samburu, anos antes, Allie e Sarah meteram os apontamentos da pesquisa e os mapas em caixotes de madeira e cobriram-nos com oleados para os proteger da devastação da tempestade. Às quatro horas, já o rio subira até ao topo das margens e a água castanha corria veloz, com troncos e detritos de todo o tipo a rodopiar e a revolver-se na torrente. Começaram a recear que o acampamento pudesse ser levado na enxurrada. O rádio continuava avariado e já estavam

a perguntar-se se seria melhor abandonarem o acampamento e abrigarem-se nos veículos longe da cheia quando subitamente parou de chover. Na acalmia que se seguiu, apenas se ouvia o ímpeto do rio lamacento. À distância, o troar da tempestade afastava-se na direcção do Serengeti, emitindo de longe a longe o faiscar de relâmpagos difusos através de um céu que lentamente clareava. Durante as horas de luz que restavam, trabalharam juntos a reorganizar e a secar o acampamento onde tudo, desde papéis e livros a roupa de cama e lenha, absorvera a humidade ou ficara completamente ensopado.

Por fim, quando começou a escurecer, sentaram-se e um feroz sol vermelho espreitou por entre as massas de nuvens que ainda pairavam antes de se afundar na terra alagada. Sarah interrogou-se onde o marido estaria e se estaria a pensar nela, sentado em algum hotel de luxo nas Seychelles. Provavelmente não. Estava em reportagem e o resto era secundário. Sabia que o seu arrependimento por não lhe ter falado da investigação era genuíno, mas também tinha a certeza de que ele não lamentava o facto de ter salvo Gulab da ruína. Meditando sobre o assunto, concluiu que continuava a não poder aceitar ou perdoar o que ele fizera. O seu desrespeito pela lei, o perigo em que colocara os dois ao ir à serração, a sua protecção de Gulab e o seu egoísmo ao envolver Anthony eram para ela incompreensíveis. Pior ainda era a perda da sua própria integridade. Afastou-o do pensamento, serviu-se de uma bebida e sentou-se ao lado de Hugo e Allie para mergulhar no mundo cujas regras compreendia.

CAPÍTULO 19

Quénia, Outubro de 1977

A prisão de segurança máxima em Shimo la Tewa situava-se próximo de alguns dos mais luxuosos hotéis de praia de Mombaça, mas não era um estabelecimento de cinco estrelas. Na época colonial, a prisão local era conhecida pelos reclusos como o «*Kingi Georgi Hoteli*». Mas nesse tempo havia menos prisioneiros, as rações eram decentes e havia condições de higiene. Agora, embora possuísse uma entrada imponente, com portões largos e altos e uma vedação de segurança electrificada, o interior do recinto consistia em blocos de betão com paredes de reboco a esboroar-se e telhados de chapa ondulada. As celas estavam a abarrotar, o calor e a humidade eram debilitantes e abundavam as baratas e outros vermes. As latrinas tresandavam a dejectos. Corriam esgotos abertos ao longo dos pátios. Haviam sido construídos para evitar inundações durante as chuvas de monção, mas estavam entupidos com detritos. Acumulara-se água estagnada, criando um viveiro de mosquitos e transformando o local num foco de malária.

Os alimentos minguavam, especialmente para os presos preventivos que não tinham trabalho nas oficinas da prisão nem na propriedade. Oficiais corruptos confiscavam a maior parte das dotações de carne e até as rações de *posho* eram escassas. Aqueles que tinham família nas imediações eram autorizados a receber comida extra, se os parentes tivessem meios para a levar e também para subornar os guardas. Sem ajuda do exterior, os reclusos tinham de viver das doses distribuídas pelas cozinhas da prisão.

Harjeet Singh estava com fome. A sua barriga roncava constantemente e a sua pele era uma massa de picadas de vermes e mosquitos. As condições de

higiene eram mínimas. Não tinha roupa lavada. Fora-lhe tirado o fato quando foi posto em prisão preventiva, e usava agora um macacão encardido que cheirava a suor entranhado. O seu turbante estava infestado de piolhos e ele desejava cortar o cabelo e barbear-se, descartando a ancestral tradição juntamente com os outros privilégios que perdera. Desde que haviam sido detidos que não vira nem falara com ninguém a não ser os guardas.

A sua maior preocupação era o pai. Manjit Singh fora internado no hospital da prisão nos três primeiros dias mas, desde a sua transferência para a cela que dividia com Harjeet, a sua saúde deteriorara-se. Não conseguia andar. A perna estava engessada, o pé inchava e tinha febre. Durante o dia e a noite, ora ardia em febre, ora tiritava debaixo de um cobertor grosseiro que lhe fora providenciado relutantemente depois de vários pedidos. Fora-lhe dado um frasco com comprimidos inidentificáveis mas, de modo geral, não conseguia retê-los no organismo. Entre os ataques de calafrios e suores, balbuciava incoerentemente ou permanecia em silêncio, esgotado, na cama estreita. Harjeet estava convencido de que o pai sofria de malária e talvez de uma infecção na perna partida. Os cuidados clínicos eram deficientes, apesar dos seus pedidos de um exame médico ou do regresso à unidade hospitalar.

Tanto quanto Harjeet via, havia poucos reclusos asiáticos e ele considerava que teriam constituído um alvo fácil para os africanos que cumpriam longas penas por crimes violentos. Não que os carcereiros fossem muito melhores. Olhavam para os prisioneiros com profunda hostilidade, e não precisavam de pretextos para os agredir, gritar ou exigir subornos pela mais pequena dose adicional de ração. Eram autorizados a sair por breves períodos, depois de os outros reclusos serem fechados. Mas Manjit não podia mover-se sem apoio e o filho quase tinha de carregar com ele em peso para o pátio ao ar livre e pousá-lo no chão à sombra de uma papaia descarnada.

A princípio, Manjit protestava contra as autoridades, ameaçando acção legal e intervenções de amigos poderosos, exigindo um advogado, insistindo para que a família fosse autorizada a visitá-lo na prisão. Todos os

seus apelos se deparavam com uma recusa geral e os seus protestos apenas ocasionavam insultos e a subtracção das rações. Não tinham qualquer contacto com o mundo exterior e, à medida que o tempo avançava, ele ia ficando mais fraco e menos loquaz. Nas duas últimas noites, permanecera deitado a fixar a parede, lágrimas de derrota rolando-lhe pelas faces em direcção à barba desalinhada. Harjeet estava horrorizado por ver o pai, de quem sempre sentira um profundo temor, reduzido a uma mera carapaça, deitado num colchão duro de crina, murmurando sozinho e chorando como uma mulher. Como filho único, vivera a sua vida aterrorizado com a sombra deste homem mas agora a ideia de não ter essa tirania atrás da qual se esconder era muito, muito pior.

Ao fim de uma semana, a malária pareceu desaparecer, mas era claro que a perna de Manjit estava infectada. Acima do gesso, a pele estava descolorida e o pé parecia apertado e cada vez mais inchado. Quando alguém tocava nele, ele gritava de dor e o cheiro a carne decomposta começara a pairar na cela.

– A perna do meu pai está muito mal. Precisamos de consultar o médico – disse Harjeet quando um guarda apareceu com os pratos metálicos com papa de aveia que constituía o pequeno-almoço deles.

O carcereiro inclinou-se sobre o enfermo, franzindo o nariz de repugnância perante o cheiro que emanava da perna engessada.

– Acho que o médico não vem hoje – disse ele, endireitando-se e preparando-se para sair. Subitamente, Manjit Singh projectou o braço e, com um ímpeto final, agarrou no colarinho do homem, içando-se até a sua cara ficar ao nível da dele.

– Mandei uma mensagem ao meu bom amigo e colega, Mr. Moses Gacharu, a dizer-lhe como me estão a tratar aqui. Ele é amigo do presidente e vão ficar todos em maus lençóis se o Mzee descobrir como estamos a ser tratados. Manter-nos presos sem um advogado é ilegal. – Os seus olhos estavam turvos de alucinação e de dor. O efeito sobre o carcereiro foi electrizante e o homem recuou, alarmado, enquanto Manjit continuava. – Quero falar com o director. Quero ser novamente transferido para o hospital, caso contrário trato pessoalmente de fazer com que sejas

despachado para o serviço prisional de Isiolo e nunca mais voltas. Tenho poder para isso. Chama-me o director senão arrependes-te.

Largou o colarinho do homem e caiu no colchão, sem nunca tirar os olhos da cara do guarda. O carcereiro limpou gotas de suor da testa e apressou-se a sair da cela. Manjit respirava com dificuldade ao chamar pelo filho.

– Harjeet, ouve com atenção o que te vou dizer. Quando o director chegar, vou explicar que o Eliud Muruthi é meu sócio e o Walter Ndegwa também. Sabes que, antes de partirmos de Inglaterra, tinha combinado um encontro com o Gacharu, para lhe pagar a parte dele e finalizar a próxima expedição. Ele há-de estar aí a chegar. Para nos tirar daqui. Para receber o dinheiro dele. Vou dizer ao director que o Gacharu há-de certamente conseguir o despedimento dele se não formos tratados de forma decente.

– Não o podes ameaçar, pai. Ele manda-nos espancar ou até matar.

– Não. É mais provável que fique assustado. Estes tipos poderosos podem pô-lo atrás das grades. E, assim que eu falar com o Gacharu, temos a nossa apólice de seguro.

– Seguro? De que é que estás a falar?

– Há provas de todas as transferências bancárias que fiz ao Muruthi e ao Ndegwa para as contas deles em bancos estrangeiros. E apontamentos de todas as minhas reuniões e das datas em que passei dinheiro para as mãos do Gacharu. Fotografias também, que tirava com uma pequena câmara sempre que podia. Mantive registos meticulosos, para o caso de acontecer uma coisa destas, mas os nossos caros associados não fazem ideia de que estes documentos existem. É a nossa apólice de seguro. Mas o teu nome não aparece em nenhum destes documentos, como parte destas transacções. Ninguém pode provar nada contra ti.

– Onde? Onde é que estão essas provas? – Harjeet sentiu a esperança e o pânico aumentarem em igual medida.

– Os registos estão em casa. No meu cofre pessoal.

Harjeet cerrou os punhos de frustração. – De que é que nos servem lá? – sibilou. – Nós estamos numa prisão fedorenta em Mombaça. Como é que temos acesso a pastas em Inglaterra? Nem sequer uma mensagem à família em Nairobi conseguimos mandar. Nenhum parente nos contactou desde que

esse cabrãozinho nos denunciou. Abandonaram-nos porque estão com medo de virem também a cair sob suspeita.

– Não acredito nisso. Não iam deixar-nos apodrecer na cadeia – disse Manjit. – Foram as autoridades que os impediram. Mas a tua mulher, Harjeet. Ela pode ir buscar os registos e entregá-los a esse estafermo, ao jornalista.

– A ele? É por causa dele que estamos aqui. Ele não faz nada que nos possa ajudar. – Harjeet não falara ao pai das ameaças feitas a Rabindrah.

– É jornalista, Harjeet. É a maior história que alguma vez há-de publicar em nome dele. Há-de querer divulgar esses documentos e meter o Muruthi e os amigos na cadeia.

– Vais expor esses homens?

– Posso usar esses registos como moeda de troca contra a minha própria pena. E tu recebes uma pena leve porque não podem provar nada contra ti a não ser que estavas no armazém. – Manjit deixou-se cair contra a parede e limpou a testa com um trapo imundo. – Talvez até nos deportem. Nos libertem a troco das provas. Esse Rabindrah tem de vender a história toda.

– O que é que estás a dizer, pai? Os jornais já a publicaram, e mais informações só vão contribuir para continuarmos presos. Juntamente com esses *nugus* que pertencem à nossa empresa. Não disseste que um desses indivíduos era amigo do presidente Kenyatta? Aparentado até. É com certeza o homem certo para nos tirar daqui. – Harjeet contemplou o pai, interrogando-se se ele estaria a sofrer de alucinações. O que dizia não fazia sentido nenhum.

– A Lila tem de dar as minhas pastas todas ao primo. – Manjit ignorou as súplicas receosas do filho. – Faz-lhe chegar aos ouvidos que temos mais informações sobre os somalis e onde enterram as defesas antes de as venderem. Podemos usar esta informação a nosso favor. O governo do Quénia há-de deitar de bom grado a mão a isto e deportar-nos discretamente. Não há-de querer um escândalo que faça cair mais políticos ou afecte as relações diplomáticas e as ajudas humanitárias que entram no país. E não há-de querer que o jornalista fale das condições em que estamos detidos. Temos de sair daqui, Harjeet. Não posso continuar encarcerado

neste sítio. Vai ser a minha morte e da tua mãe também. Toda a nossa família vai ser arruinada. Seria melhor estarmos mortos. Temos de... ai! – Manjit tentou mudar de posição e gritou involuntariamente. Ouviram o som de passos pesados a aproximar-se lá fora.

– Faz chegar uma mensagem à tua mulher. – Manjit agarrou no braço do filho. – Hás-de arranjar maneira. Suborna um dos guardas. Exige que a tragam aqui para te visitar, Harjeet. Promete-lhe dinheiro. Se me acontecer alguma coisa, não os deixes pensar que sabes alguma coisa. Usa o jornalista. Ele gosta muito da prima. Há-de querer velar pela segurança da Lila e da família. Vais ver.

A porta da cela foi destrancada e um homem corpulento de uniforme entrou com o guarda e dois auxiliares de enfermagem com uma maca. Baixou os olhos para Manjit numa expressão que passava por um sorriso, mas não havia qualquer simpatia na sua expressão. Lembrou a Harjeet uma hiena a rondar a vítima caída.

– Mr. Singh, sou o vice-director de Shimo la Tewa. O director não está cá hoje e o seu pedido foi-me comunicado a mim. Acabo de falar ao telefone com Mr. Gacharu. Vamos transferi-lo agora novamente para o hospital prisional.

Harjeet levantou-se para os acompanhar mas o oficial deteve-o.

– O senhor fica aqui – disse ele.

– Tenho de ficar com ele até chegar o médico. Peço-lhe encarecidamente. A perna do meu pai está muito mal.

– O médico está à espera. Ele vai ser examinado imediatamente.

– Disse que o médico não vinha hoje. – Harjeet lançou um olhar acusador ao guarda. O homem retribuiu o olhar com um sorriso escarninho nos lábios grossos.

– Enganou-se. – O vice-director fez sinal aos auxiliares de enfermagem. – Tragam-no.

Dois homens colocaram Manjit na maca, ignorando os seus gritos de dor ao afastarem-se com ele. A porta da cela fechou-se atrás deles e Harjeet ficou sozinho, transido de medo. Não nutria grande afecto pelo pai. Aliás, o conceito de amor fora apagado do seu espírito à pancada desde tenra idade,

encarado zombeteiramente como uma fraqueza a que só as mulheres se entregavam. Ao longo dos anos, fora forçado à obediência e a uma espécie de dependência que o deixara incapaz de funcionar sem as ordens de Manjit. Teria enlouquecido nas últimas semanas sem os olhos alucinados e coléricos de Manjit em cima dele, contendo uma ameaça velada para que não se fosse abaixo, embora o homem mais velho estivesse a deteriorar-se a olhos vistos. Harjeet não imaginava como poderia sobreviver sozinho neste lugar terrível. Os seus olhos encheram-se de lágrimas de autocomiseração e uma imagem da mulher invadiu-lhe a cabeça, o seu cabelo comprido emoldurando o rosto delicado, os olhos grandes e escuros fitando-o com uma esperança infantil que se fora apagando desde os primeiros dias do seu casamento.

– Lila, Lila. Ajuda-me – murmurou. – Se me tirares daqui, prometo ser um marido fiel.

Passou a manhã a desferir pancadas ocasionais na porta da cela, gritando por atenção. Mas ninguém apareceu. O dia arrastou-se sem fim, o silêncio apenas quebrado pelos gritos distantes de outros prisioneiros e pelos ruídos das ratazanas e baratas que atravessavam o chão. Ao meio-dia, trouxeram-lhe uma tigela de sopa aguada mas o carcereiro recusou-se a responder às suas perguntas. Anoiteceu e o calor diminuiu um pouco mas agora os mosquitos tinham aparecido em força, voando e zumbindo à volta dos seus ouvidos até ele pensar que ia endoidecer. Passou horas numa espécie de delírio e já não sabia que horas eram quando o guarda finalmente voltou. Sabia apenas que era noite. Sem uma palavra, o homem prendeu grilhões aos pulsos e tornozelos de Harjeet e indicou-lhe que saísse da cela.

Harjeet arrastou-se pelos corredores iluminados, interrogando-se sobre o lugar para onde estaria a ser levado. Finalmente chegaram a um edifício muito iluminado e Harjeet percebeu que era o hospital. Um auxiliar de enfermagem cortês, de uniforme branco, estava à espera dele à porta, transmitindo-lhe esperança ao conduzi-lo por um corredor até à outra ponta do edifício. Passaram por dois quartos com camas ocupadas mas não havia sinais de Manjit Singh e ele presumiu que o pai estivesse demasiado doente para ficar numa enfermaria geral. A sala para onde foi conduzido estava

mal iluminada e um jovem médico africano cumprimentou-o com uma expressão grave.

– Lamento muito, Mr. Singh. Fizemos o que podíamos, mas...

– O que quer dizer? – Harjeet olhou para ele, sem compreender. – O que aconteceu ao meu pai?

– Houve um problema. Enquanto estávamos à espera de uma ambulância para o levar para o Coast General Hospital para uma amputação.

– Uma amputação? – Harjeet sentiu uma pontada de choque. – Porque é que ele precisava de uma amputação?

– Era a única solução. A perna estava gangrenada. Não tardaria a alastrar-se ao resto do corpo.

– Gangrenada? Mas nós pedimos um médico há dias. Ele devia ter sido tratado imediatamente. E aí não teria sido necessário cortar a perna. A operação já acabou? Ele está consciente? Tem de me levar para junto dele.

– Lamento mas não compreendeu, Mr. Singh. O seu pai faleceu de septicemia.

– Faleceu? Está morto? – A voz de Harjeet elevou-se num rugido. – Morreu porque não o trataram a tempo? Está a dizer-me que ele morreu de gangrena por causa da vossa negligência?

Harjeet sentiu a sala inclinar-se, engolido por ondas de náusea. Deixou-se cair numa cadeira, segurando na cabeça entre as mãos agrilhoadas.

– Lamento muito. Aconteceu muito depressa – disse o médico. – Ninguém contava.

– Tenho de o ver. – Harjeet levantou-se com dificuldade, devido à fricção das correntes que o prendiam. – Tem de me levar já para junto dele. Tenho o direito de ver o meu pai. – Elevou novamente a voz e surgiu do corredor mais um carcereiro.

O médico inclinou a cabeça e abriu a porta de uma sala adjacente. No tecto brilhavam luzes de néon, que projectavam sobre o espaço uma luz branca e crua. Manjit Singh estava deitado numa cama de metal, já sem gesso na perna que inchara a ponto de se transformar num apêndice azul e preto, os dedos dos pés projectando-se incongruentemente da ponta do pé volumosa e o cheiro fétido do membro doente pairando na sala como um

miasma. Em contraste, a sua cara estava mortalmente pálida, os olhos ainda fixavam o tecto e os dedos continuavam agarrados ao colchão.

Harjeet soltou um grito de consternação, correndo para a cama e tentando levantar o pai nos braços. Mas foi imobilizado pelos auxiliares e pelo guarda, que entretanto haviam reaparecido. Foi levado da sala pelos guardas, a gritar os seus protestos, as suas palavras ecoando nas paredes do longo corredor num som desolado.

– Assassinos! Mataram-no! Mataram-no!

Foi posto numa cela sem janelas, noutra ala da prisão, e ali deixado várias horas, perdendo a noção do tempo. Não havia mobília. Uma lâmpada fraca, numa gaiola de ferro, estava suspensa do tecto. Sentou-se no chão, recordando aquela macabra visão. Harjeet imaginava o pai a estrebuchar e a gritar em vão. Mas haviam-no deixado morrer e ele podia ser o próximo. Podia ser deixado indefinidamente nesta cela, sem comida nem água. Esquecido.

O medo percorria o corpo de Harjeet e sentiu os intestinos a saltar-se. Não havia sanita nem bacio na cela e estava consciente do cheiro pestilento que emanava do seu fato-macaco, mas já não queria saber. Desesperado, começou a chorar descontroladamente, baloiçando-se para a frente e para trás, batendo com a cabeça na parede até atingir um estado de histeria hipnótico. Não fazia ideia de quanto tempo passara quando a porta se abriu. Um homem com um fato de bom corte entrou acompanhado por dois polícias de uniforme. Tirou um lenço do bolso e apertou-o delicadamente contra o nariz.

– Quero falar com um advogado. – Harjeet olhou para ele com olhos mortícios. – Conheço os meus direitos. E quero que Mr. Eliud Muruthi seja informado disto. E o ministro Ndegwa. O que aqui se passou é ilegal e há-de rebentar o pandemónio quando se souber. Sou um cidadão britânico. Quero falar com o alto comissário britânico. Quero um advogado.

– Mr. Singh, chamo-me Johnson Kiberu. Soube que o seu pai morreu. Os meus pêsames. Vai ser transferido para outra prisão. Quanto aos homens

que mencionou, aconselho-o a não voltar a referir o nome deles. Foram detidos. Estão presos em Nairobi e, pelo que sei, são seus sócios.

– O quê? – Este Kiberu teria encontrado outras provas? O terror de Harjeet intensificou-se. – Que horas são? Que dia é?

– É domingo de manhã. O corpo do seu pai foi preparado para cremação. Suponho que era o que pretendia. A comunidade sique local aceitou amavelmente ocupar-se das formalidades, uma vez que vai sair de Mombaça. Estes *askaris* vão levá-lo à casa de banho e providenciar-lhe roupa lavada.

– Sair de Mombaça? Para onde é que vou? Tenho de estar na cremação do meu pai. Para acender a pira.

– Infelizmente, isso não é possível, uma vez que está na prisão. Vai ser agora transferido para uma unidade segura em Nairobi para aguardar julgamento – disse Kiberu. – Faça o favor de acompanhar os guardas.

Harjeet deixou-se conduzir até uma casa de banho e despiu-se. Foram-lhe removidas as correntes e deixaram-no tomar um duche, o primeiro desde que fora encarcerado neste lugar infernal. Esfregou e raspou a pele até ficar quase em carne viva e aplicou desinfetante e sabão no couro cabeludo infestado, o ardor trazendo-lhe lágrimas involuntárias aos olhos. Foi-lhe dado um fato-macaco lavado mas ele foi obrigado a desembaraçar-se do turbante infestado de piolhos e a atar o cabelo num carrapito. Em seguida, foi de novo algemado e levado ao gabinete do director, onde Johnson Kiberu estava à espera.

– Este processo está agora sob a alçada do meu ministério – declarou Kiberu. – A partir de agora, passarei a supervisionar pessoalmente os procedimentos.

Momentos depois, Harjeet foi enfiado na traseira de uma viatura preta, com vidros fumados e um motorista fardado. O portão da prisão abriu lentamente e o carro passou, seguido por uma escolta policial armada. Chegaram em coluna à estrada principal e rumaram ao aeroporto. Uma avioneta estava à espera na pista e o prisioneiro foi amarrado ao assento de trás. Depois de Johnson Kiberu embarcar, o aparelho descolou e o solo foi desaparecendo por baixo deles. Harjeet continuava a desconhecer os

motivos deste político e a razão para ser transferido para Nairobi. Aturdido e assustado, tentou perceber se ele seria colega de Muruthi ou Ndegwa. Ou de Moses Gacharu. Ou talvez fosse outro interveniente que queria o seu quinhão dos despojos e precisava de eliminar quaisquer provas que pudessem existir. No fundo, eram todos iguais. Corruptos, aguardando uma oportunidade para ganharem dinheiro, ameaçando-o fora do país. Este tinha um aspecto sofisticado, falava como um tipo culto e usava roupas caras. Uma pontinha de esperança emergiu entre o caos no seu espírito quando alguém lhe passou uma caneca de chá e sanduíches.

Johnson Kiberu recostou-se no assento e fechou os olhos, satisfeito com o resultado do seu pequeno golpe. Já acompanhava os acontecimentos em Shimo la Tewa desde que os dois Singh tinham sido colocados em isolamento a aguardar julgamento, mas estava encolerizado com o facto de terem deixado morrer o homem mais velho. Já era demasiado tarde quando um informador lhe ligara do hospital da prisão. Um auxiliar de enfermagem. O *wahindi* com a perna doente estava de novo na ala hospitalar e muito mal. Johnson voara para Mombaça imediatamente, a sua chegada à prisão apanhando toda a gente de surpresa, a sua fúria transformando os oficiais prisionais em lacaios cobardes enquanto ele vociferava contra a maneira como haviam tratado o morto, que podia ser considerada ilegal e resultar no arquivamento do processo.

Johnson suspeitava que Harjeet não passava de um moço de recados. Um fracote a mando do pai. O velho confiaria o suficiente no filho para lhe dar total acesso aos registos das suas transacções? Gulab Singh não passava, sem dúvida, de um peão, se bem que a sua posição não fosse clara e estivesse a ser vigiado. E depois havia Rabindrah. Para onde é que ele fora depois de regressar de Mombaça? Johnson tentara contactá-lo no escritório e em casa, mas fora em vão. Talvez tivesse chegado o momento de falar com Gulab Singh sobre o incêndio na serração. Uma conflagração causada por uma grande quantidade de material inflamável e sem testemunhas. Entretanto, poria Harjeet num lugar seguro e deixá-lo-ia suar, embora tivesse de lhe consentir um telefonema e um advogado. Com um suspiro de satisfação, Johnson Kiberu sucumbiu ao sono.

Gulab ouviu os gemidos assim que começaram. Saltou da cama e desceu a correr as escadas, deparando-se com Anjit, ajoelhada no chão, agarrada ao telefone.

– O que foi? Estás doente? O que aconteceu? Pára de gemer, mulher, e fala comigo!

Anjit largou o telefone, que ficou caído em cima da alcatifa. Ainda a soluçar, deixou o marido ajudá-la a levantar-se e depois deu-lhe a notícia que lhe gelou o sangue nas veias.

– Era o Harjeet. Foi transferido para Nairobi. O Manjit morreu na prisão em Mombaça. O Harjeet quer que lhe arranjes um advogado. Diz para teres muito cuidado, Gulab.

– Não pode ser verdade! – A ansiedade de Gulab transformou-se em pânico. – Onde está o Harjeet agora? Podemos visitá-lo?

– Não admitem visitas. Só o advogado. – Rompeu num novo acesso de soluços. – Gulab, estou a pensar no que nos pode acontecer. Se estamos ou não em segurança.

Gulab voltou para o quarto e vestiu-se rapidamente. Depois tirou um pequeno saco de viagem do guarda-fatos, meteu algumas roupas lá dentro e desceu ao escritório. Fechou a porta e encostou-se a ela, ofegante. Não acreditava que Manjit tivesse morrido. O homem conseguia safar-se de qualquer situação. Limitar-se-ia a olear a maquinaria da corrupção e organizaria a sua libertação e a do filho. Anjit insistira com o marido para que contactasse o advogado depois das detenções e que fizesse pressão para visitarem a prisão, mas uma carta a solicitar o direito de visita ficara sem resposta. E agora isto! Manjit teria morrido de causas naturais ou teria sido liquidado pelos sócios? Gulab pegou num lenço e limpou a testa.

A polícia tinha aparecido uma vez ali em casa a interrogá-lo sobre o incêndio na serração. Estava convencido de que lidara bem com o assunto. Ninguém o vira nas imediações de Nanyuki e Anjit confirmara que ele passara essa noite em casa com ela. Mas o marfim e as outras mercadorias haviam sido destruídos e os sócios de Manjit ficariam furiosos com a perda de bens tão valiosos. Estes accionistas africanos deviam ter adivinhado a razão para o incêndio na serração. Talvez tivesse mesmo de persuadi-los de

que os salvara de suspeitas, ainda que tivessem perdido dinheiro. Até agora nenhum o contactara, mas talvez fossem os políticos que haviam sido presos.

Tentou recordar se alguma vez teria visto algum desses sombrios personagens. Chamavam-lhes os *WaBenzi* porque eram ricos e poderosos e andavam nos últimos modelos da *Mercedes-Benz*, enquanto os seus familiares e eleitores lutavam para arranjar comida e água suficientes para sobreviver. Gulab tinha consciência de que havia gente importante no governo que participara em muitas das transacções de Manjit, mas nunca conhecera as suas identidades nem desejava conhecer. Agora interrogava-se se algum desses homens pensaria que ele, Gulab, o conseguia identificar. Teria sido essa a razão do atentado na barraca de comida a caminho de Nanyuki? E se algum assassino já andasse atrás dele e essa bala se lhe destinasse? O seu medo exprimiu-se num gemido agoniado. Tinha de partir de Nairobi. Se se fosse embora, se desaparecesse, talvez deixassem a sua família em paz.

Olhando pela janela, achou impossível raciocinar, pois o terror sobrepunha-se a qualquer processo mental. Os seus inimigos esperariam que ele fugisse? Estariam a vigiar as fronteiras? A entrada em Inglaterra estava fora de questão com o seu pretenso passaporte britânico e o Uganda já não era lugar para gente de origem asiática. Tinha familiares na Tanzânia, perto de Arusha. Primos afastados. Pô-los-ia em perigo se fosse para lá? A Tanzânia era a melhor opção, mas não podia usar a estrada principal de Nairobi para Arusha porque as fronteiras entre os dois países tinham sido fechadas.

Com as mãos a tremer, Gulab pegou num mapa das estradas e estudou-o. Talvez pudesse chegar à Tanzânia, sem potenciais barricadas nas estradas, se viajasse via Magadi. Não era uma distância assim tão grande como isso – cerca de três horas até ao lago Magadi e depois para oeste, para as margens do lago Natron, que se estendia dos lados da fronteira. O trânsito nessa estrada seria limitado e quem andasse atrás dele não esperaria que ele seguisse esse trajecto. Tinha a certeza de que poderia atravessar nesse ponto, à custa de subornos, se fosse detido. Toda a gente neste país tinha um

preço. Uma vez em segurança na Tanzânia, podia seguir para Arusha sem alertar ninguém da sua presença.

Meteu o mapa na pasta. Em seguida, abriu o cofre, tirou um maço de dólares que Manjit lhe dera para pagar aos caçadores ilegais que levavam troféus à serração. Embrulhando o dinheiro num turbante, abriu o saco de viagem e meteu-o bem no fundo. Depois chamou a mulher ao escritório.

– Anjit, tenho de me ausentar por alguns dias – disse ele, temendo a sua reacção. Teria sido mais fácil desaparecer simplesmente, mas precisava que ela lhe arranjasse um álibi durante o máximo de tempo possível. Tinha de se afastar o mais que pudesse de Nairobi antes que alguém se apercebesse de que partira. Quando a mulher começou novamente a choramingar, tapou-lhe a boca para a calar e falou com insistência.

– Está calada, mulher. Não vou estar fora muito tempo e um dos nossos filhos pode vir para cá enquanto eu estou ausente. Sim, o Arjan pode vir de Nanyuki. Assim que eu partir, telefona-lhe e diz-lhe que venha para aqui. Tenho de partir imediatamente.

– Para onde é que vais? E porquê? – Repeliu a mão dele, recusando demonstrar o tradicional respeito pelas suas decisões. – Isto é tudo obra do Rabindrah. Com a ambição dele e a mulher inconveniente com quem se casou, traiu toda a família.

– Não, estás enganada. O Rabindrah fez o que pôde para nos ajudar. – Gulab não queria que fossem atribuídas ao sobrinho as culpas de uma confusão com que nada tivera a ver. – Ele foi comigo à serração e ateou fogo ao marfim e às outras mercadorias ilegais que eu lá tinha guardadas. Foi onde fomos na noite depois de o Manjit ser preso.

– Gulab! Não compreendo! Porque é que fizeste essas coisas?

– Sabes muito bem de onde tem vindo o resto do dinheiro. – Gulab suspirou de exaspero. – Só depois de a Lila se ter casado é que conseguimos voltar a viver normalmente. Pagar as nossas contas, continuar como antes e aceitar dinheiro do Manjit pelos serviços que lhe prestei. Pelo barracão e pelos camiões. Foi o preço que eu paguei pelo futuro da Lila. O Rabindrah não nos traiu, tentou proteger-nos. Se não fosse ele, não estaríamos a salvo

da polícia. Agora não há provas do meu envolvimento com o Manjit e o contrabando. Mas os sócios dele...

Anjit olhou para o marido, horrorizada. – O que é que nos vai acontecer? Vão prender-nos ou matar-nos a todos?

– Há funcionários superiores do governo envolvidos nisto. Acho que são os que foram presos. Sabem que o Manjit usava a minha serração para esconder o marfim mas, se eu partir, não há razões para te incomodarem, nem a ti nem ao resto da nossa família. Ficas aqui e ages normalmente. Se alguém aparecer à minha procura, o Arjan pode dizer que fui passar alguns dias fora em negócios.

– E se não voltares? E se te acontecer alguma coisa? – Surgiram novas lágrimas. – Tenho de poder falar com alguém!

– Anjit, não podes confiar em ninguém. Nem sequer nos nossos filhos. Quando chegar ao meu destino, contacto-te. E em breve irás ter comigo.

– Onde? Para onde vais, Gulab?

– É melhor não saberes. – Ela não resistiria a um interrogatório e ele sabia que não lhe podia dizer a verdade. – Vou estar em segurança, juro-te. Mas se alguma coisa correr mal... – Fez uma pausa quando ela o agarrou pela manga. – Se me acontecer alguma coisa, vai ter com o Indar. E com o Rabindrah. Eles ajudam-te. Agora tenho de ir.

Era difícil perceber se tinha sido seguido. O trânsito na cidade estava congestionado e não podia estar permanentemente a vigiar, mas não identificou nenhum veículo que acompanhasse o seu andamento. Não conduziu depressa, ciente de que não devia chamar as atenções sobre si mesmo. A última coisa que queria era ser mandado parar por algum polícia excessivamente zeloso. No entanto, uma vez fora dos limites da cidade, acelerou e dirigiu-se à saída para Magadi. A estrada levou-o ao limite do Rift Valley, deixando para trás o ar mais fresco das terras altas e mergulhando em curvas e contracurvas apertadas ao descer a falésia íngreme para as planícies em baixo. Não reparou nas vistas espectaculares que se abriam diante de si. Não faltavam indícios nesta estrada de automobilistas incautos que haviam sofrido acidentes. Encontravam-se no

fundo da escarpa as ruínas de numerosos camiões capotados e automóveis desfeitos, testemunhas silenciosas de um lapso momentâneo de concentração.

A paisagem verde transformava-se em castanha quando alcançou as planícies. O calor fazia cintilar a pedra branca que subia em declive e o cenário tremeluzia como um planeta estranho de outra galáxia. À distância, a massa protuberante de Ol Donyo Nyokie elevava-se em direcção ao céu e a estrada ziguezagueava através de cones de vulcões adormecidos. Três horas e meia mais tarde, sedento e a transpirar abundantemente, Gulab fez a primeira paragem da sua viagem. O lago Magadi era um lago alcalino, rodeado de montes vulcânicos, com a escarpa de Nguruman a erguer-se no seu lado ocidental, revestida de florestas verdes a partir das quais a água doce do rio se infiltrava na terra ressequida em baixo. As altas temperaturas aceleravam a evaporação da água salgada vulcânica, transformando a superfície do lago numa paisagem de blocos de sódio brancos. O próprio lago, coberto de cristais de sal e carbonato de sódio, reluzia no calor sufocante. A Empresa de Sódio de Magadi operava um negócio de transporte de carbonato de sódio para Mombaça, onde ele era expedido para fábricas e usado para fabricar vidro, detergentes, pasta dentífrica, tinturas e até chupa-chupas. Flamingos, garças, pelicanos e colhereiros afluíam à fartura sulfurosa do lago, manchando a paisagem de um rosa intenso em redor das suas margens.

O lugar tresandava a enxofre e Gulab engasgou-se quando abriu a janela. O ar carregado de pó remoinhava à sua volta como uma fornalha, queimando-lhe os pulmões sempre que inalava. Parou diante de uma *duka*, na pequena vila que crescera em torno do lago, e entrou na agradável obscuridade da loja. Pedindo uma sanduíche e uma garrafa de *Coca-Cola*, sentou-se num banco ao balcão, perguntando-se se teria feito bem ao escolher esta estrada tortuosa. O isolamento do sítio onde se encontrava inquietava-o. Parecia ser o único ser humano cá fora. O calor era insuportável e sentia-se tentado a parar por uma hora ou assim para descansar, mas não lhe ocorria nenhum lugar suficientemente fresco para dormir. Além disso, queria chegar ao lago Natron e atravessar para a

Tanzânia o mais rapidamente possível. Estava também preocupado com um camião que o seguia desde que chegara às planícies. Não tentara ultrapassá-lo e provavelmente seguia a caminho de Magadi, com toda a legitimidade. Afinal de contas, não havia mais nenhum sítio para onde ir nesta estrada.

Comprou várias garrafas de água e saiu da loja para a tarde abrasadora, ofuscado por alguns segundos enquanto procurava os óculos de sol. Verificando se havia sinais do camião ao sair da vila, sentiu-se aliviado ao ver que não circulava mais nenhum veículo na estrada. A cada quilómetro que se afastava de Nairobi, ficava mais esperançado. Tentou ligar o rádio mas, como só havia estática, trauteou uma melodia. Não queria pensar em Anjit e nos filhos, especialmente Lila, que tão vergonhosamente traíra. Por agora, estavam melhor sem ele. Começou a subir uma escarpa rochosa em que o piso da estrada era irregular e teve de segurar o volante com mais força nas curvas apertadas. Ao aproximar-se de uma curva ascendente particularmente íngreme, o terreno descendo à sua direita em direcção ao brilho ofuscante do lago, uma pedra ressaltou subitamente na capota do carro e atingiu o pára-brisas, estilhaçando o vidro e tapando-lhe a vista. Guinou, carregou no travão e, ao fazer a curva, deparou-se com o camião à sua frente, ocupando a estrada inteira. O veículo começou a acelerar, avançando directamente para ele. Debatendo-se com o volante, a boca aberta num grito, sentiu o impacto quando o seu carro foi levantado no ar. Em seguida, despenhou-se pela borda do penhasco, rodando e capotando, o disco do sol revolvendo-se do lado de fora da janela e pedaços de vidro voando contra ele. Ouviu um estrondo e um rugido de chamas laranja. E a seguir nada.

CAPÍTULO 20

Quénia, Outubro de 1977

— **S**arah! Não consegui contactar-te antes de partir. — Rabindrah ouvia a crepitação na linha. — Tentei, mas o teu rádio estava incontactável. Suponho que houve uma tempestade na região. Como é que estão as coisas no Mara? E tu, como estás?

— Óptima. Estou em Narok. Achei que não te conseguia contactar do acampamento. Quanto tempo vais ficar aí?

— Entrevistei o presidente René e outros membros do novo governo. E também homens de negócios e pessoas envolvidas no turismo. Tenho pena que não tenhas vindo cá passar uns dias. As aves e os parques marinhos são magníficos. Pensei que uma semana aqui seria demasiado tempo, mas estou rendido à beleza do lugar, apesar dos obscuros problemas políticos. Faço tenções de viajar para a Maurícia amanhã, a não ser que tires um tempo para vir ter comigo. A vida selvagem nativa é extraordinária e a flora também. — Olhou para o mar, cintilando em tons de azul no ar doce, o horizonte vítreo quebrado pelos contornos da ilha Silhouette à distância. — Seria o sítio ideal para conversarmos. Com ou sem golpe de Estado, as Seychelles são uma espécie de paraíso.

— Rabindrah, tenho más notícias — interrompeu ela. — Estou a tentar contactar-te desde ontem.

— O que é? Estás bem?

— É o Gulab — disse ela. — Morreu num acidente de viação. Sinto muito.

— Um acidente? Onde? Como é que aconteceu?

— Só foi encontrado há dois dias. Derrapou na estrada e caiu de uma escarpa entre Magadi e o lago Natron. Rabindrah?

– Magadi e Natron? – Apercebeu-se de que, estupidamente, havia repetido as palavras dela. – Que diabo é que ele estava a fazer aí?

– Ninguém parece saber. Foi o Indar que me contactou a dar a notícia e tu deves ligar-lhe a seguir. Ele está muito transtornado. Tive de ligar ao Gordon a saber onde estavas alojado e, como o telefone não estava a funcionar muito bem em Narok, demorei algum tempo a apanhar-te.

– Quando é que vai ser cremado?

– Hoje. – Fez uma pausa e o seu tom alterou-se, aumentando a distância entre eles. – A Anjit disse-me que não é necessário eu estar presente. Suponho que não é de admirar. E há mais. O Manjit Singh também morreu na prisão. Ao que soube, foi gangrena.

– O Manjit também morreu? – Rabindrah tentou absorver o que ela lhe dizia. – Onde está o Harjeet?

– Ainda está preso, mas foi transferido para Nairobi.

– Vou tentar apanhar o avião amanhã – disse ele. – Suponho que o Gordon está ao corrente disto?

– Está. E o Kiberu também. – A sua gargalhada foi áspera, carregada de medo. – A estas horas, deve estar a contar os corpos. Acho que provavelmente será melhor continuares com a tua viagem às ilhas.

– Não, vou ver se consigo voltar amanhã. Entretanto, acho que deves ficar no Mara.

– É verdade o que a Allie me disse? Que alguém te tentou matar? – Havia uma nota de histeria na pergunta. – Que a *Tatu* foi envenenada e a nossa casa assaltada?

– Sarah, Sarah – gemeu Rabindrah, sabendo que agora teria de lhe explicar os verdadeiros perigos a que estavam expostos. – Pode não ser seguro para ti em Nairobi. É possível que a morte do Gulab não tenha sido um acidente.

– Que diabo estás a tentar dizer?

– Acho que alguém tentou atirar contra o Gulab ou contra mim no dia em que fomos à serração, embora não tenha a certeza. E não sei o que ele estava a fazer de carro perto de Magadi mas, nessa área remota, seria fácil alguém atirá-lo para fora da estrada sem que ninguém visse.

– Isso é horrível. Não acredito numa coisa dessas. Aliás, já não sei em que acreditar. Parece tudo completamente irreal.

– Infelizmente, não é nada irreal e não podemos correr riscos. Há políticos e homens de negócios importantes metidos nisto. Podem ter medo que o Manjit e o Harjeet tenham provas que determinem a prisão deles. Também podem ter tido medo do Gulab. Sabe-se lá quantas pessoas estavam a par do que ele escondia na serração? E o Kiberu avisou-me que continuo em perigo. Foi por isso que não te disse nada do assalto e da investigação. E foi por isso que o Gordon me mandou para aqui. – A linha começou a assobiar e a enfraquecer antes de ele poder ouvir a resposta dela. – Sarah! – Estava a gritar para o auscultador. – Fica no Mara, por favor. Sarah? Estás a ouvir-me?

Mas a comunicação fora cortada. Rabindrah passou a hora seguinte a telefonar a Indar e a Anjit Singh, cujas reacções às suas palavras de condolências foram decididamente frias. Não havia nada a fazer senão esperar pelo primeiro voo para Nairobi. À tarde, deitou-se à sombra de uma palmeira, observando as pessoas a dormitar ao sol tropical ou a vaguear pelo areal branco, indiferentes à vida que se desenrolava a poucos passos delas. Procurou recordar a última vez em que se sentira completamente à vontade, despreocupado e feliz, mas parecia que qualquer vestígio de leveza lhe havia escapado havia muito, muito tempo.

Quando desembarcou do avião em Nairobi, ficou surpreendido ao deparar-se com um polícia ao seu lado.

– Por favor acompanhe-me. Se me der o seu passaporte, trato das formalidades da alfândega.

– Não preciso de dar o meu passaporte a ninguém – disse Rabindrah, inquieto. – Eu próprio trato das formalidades.

– Mr. Kiberu está à espera no salão VIP. Com Mr. Hedley. – O polícia foi deferente, mas disfarçou mal a sua impaciência. – Por favor, dê-me também os talões da bagagem para eu a levantar.

No salão, Kiberu levantou-se e estendeu a mão. – Bem-vindo. Espero que tenha tido tempo para apreciar as ilhas.

– Não estava à espera de um comité de boas-vindas – observou Rabindrah.
– Os meus pêsames pela morte do teu tio – disse Gordon. – A Sarah disse-me que falou contigo ao telefone. Está à tua espera em casa.

– Esperava que ela estivesse no Mara – disse Rabindrah.
– A tua casa está guardada pela polícia – disse Gordon. – Ela insistiu em voltar. Mas, antes de partires para casa, há uns assuntos que o Johnson quer discutir contigo.

O ministro fez-lhes sinal para que se sentassem e um empregado apareceu com café e bolachas. Quando ficaram mais uma vez sozinhos, instalou o seu corpo volumoso numa cadeira e juntou as pontas dos dedos.

– Já foi informado da morte do Manjit Singh.
– Sim. A Sarah disse-me – respondeu Rabindrah.
– Morreu de gangrena. Ao que parece.
– Ao que parece? – Rabindrah apertou a cana do nariz, na esperança de atenuar a pressão de uma dor de cabeça, receoso de mais sugestões de consequências violentas na sua família.

– Estou convicto de que se tratou de um caso de negligência. As nossas investigações também nos levaram a crer que a morte do seu tio não foi um acidente. – Kiberu observou Rabindrah atentamente. – É possível que também estivesse envolvido com o Manjit Singh e fosse alvo de outros associados ainda a monte. É por isso que, nestas circunstâncias, consideramos a sua morte suspeita. – Levantou uma mão quando Rabindrah fez menção de falar. – Não precisa de o defender. A polícia apurou que o carro dele provavelmente terá sido empurrado para fora da estrada. E você também corre perigo de vida.

– Pensei que tivesse apanhado todas as pessoas envolvidas nesta investigação. Se estão presas juntamente com o Harjeet e se o pai dele morreu, porque é que eu corro perigo? E, além disso, o que é que posso fazer em relação a isso? Sabia desde o princípio que esta história me ia pôr numa posição perigosa a nível pessoal. Mas isso com certeza já acabou. Pelo menos até irem a julgamento.

– Ah, o problema é esse – disse Kiberu. – Há um director da empresa que ainda não conseguimos prender. O Moses Gacharu foi mais astuto a

esconder o dinheiro. Tenho a certeza que o Manjit Singh tinha registos das suas transacções financeiras com os sócios africanos mas, para provar o envolvimento deles, preciso desses documentos. O Harjeet teme pela vida e com razão. O homem recusa-se a falar. Nem sequer com um advogado. Vive no terror de também vir a ser assassinado se abrir a boca a alguém. Excepto a si.

– A mim? Porquê? – Rabindrah sentiu-se ainda mais sugado para o lodaçal que criara. – Do ponto de vista do Harjeet, devo ser a razão de todos os seus males.

– Ele diz que tem informação que nos pode ajudar mas que só a revela a si. – O ministro levantou as sobrancelhas numa expressão interrogativa, mas Rabindrah não comentou. – Talvez possa visitá-lo na prisão. Caso contrário, como tenho a certeza que sabe, outros membros da sua família podem estar em perigo e eu posso não ser capaz de os proteger. Ele está disposto a falar consigo, com uma condição.

– Uma condição? – Rabindrah ouvira a subtil implicação que se assemelhava a uma ameaça.

– Se lhe disser o que sabe, quer uma garantia de que a família da mulher e a dele não continuarão a ser investigadas. Insiste que nenhum deles sabia nada sobre a caça ou as exportações ilegais.

– Estou inclinado a acreditar – disse Rabindrah.

– Então é mais ingénuo do que eu supunha – disse Kiberu num tom brando. – Custa-me a aceitar, por exemplo, que o Gulab Singh fosse um espectador inocente. O incêndio na serração dele aconteceu logo a seguir à apreensão da carga em Mombaça e, segundo a polícia, não há dúvida de que foi fogo posto. Talvez estivesse a esconder mais mercadorias nesse barracão. E não temos maneira de saber se algum dos familiares britânicos do Harjeet está ligado a esta operação. Deve saber que há alguns nomes proeminentes que gostariam de impedir que a investigação se alargue mais. Precisamos de provas concludentes para condenar os principais intervenientes a longas penas. Um ou dois fazem parte do gabinete do presidente e até têm com ele relações de parentesco. Embora o Mzee, claro, desconheça por completo as suas actividades criminosas.

– É capaz ou está disposto a dar a garantia que o Harjeet Singh pede? – Foi com um sabor amargo na boca que Rabindrah fez a pergunta. Toda a sua vida fora virada às avessas, corria perigo e, no entanto, os princípios pelos quais arriscara a vida e prejudicara o seu casamento já se haviam resumido a acordos e a protecção dos corruptos e dos poderosos.

– Sim, estou em posição de obter a garantia, se assim o entender.

– Porque é que não diz isso pessoalmente ao Harjeet? – A repulsa de Rabindrah intensificava-se.

– Por qualquer razão, ele não confia em mim. – O sorriso de Kiberu era um tanto ameaçador. – Assim, se concordar, levo-o à prisão agora e arranjo-lhe depois escolta para casa.

– Tens alguma opinião sobre isto, Gordon? – Rabindrah virou-se para o amigo.

– Não vejo outra maneira de encerrarmos este caso. Temos o acordo de que o jornal é o primeiro a receber e a publicar as provas que existam e, à medida que a investigação avançar, ser-nos-ão dadas informações antes de qualquer outra fonte. – Gordon encolheu os ombros. – Se o Muruthi e o Ndegwa forem condenados, o peixe miúdo vai acagaçar-se. E o presidente concordou em discutir melhores medidas de protecção para os elefantes e os rinocerontes e um orçamento maior para as unidades de combate à caça ilegal nos Parques Nacionais e nas reservas de vida selvagem.

– Vamos lá – disse Rabindrah num tom de derrota, embora duvidasse de que fosse capaz de funcionar coerentemente por muito mais tempo.

A sala de entrevistas na prisão estava pintada de verde e iluminada com lâmpadas fluorescentes, tornando a insalubre palidez de Harjeet Singh mais evidente. Trajando um fato-macaco da prisão, fora-lhe dado um turbante e haviam-lhe sido permitidos artigos de higiene pessoal, canetas e papel. Os seus olhos estavam encovados no rosto magro e sentava-se, cabisbaixo, a uma mesa de madeira. Quando a porta abriu, levantou os olhos com uma expressão de soturna derrota.

– Quero falar contigo em privado – disse ele a Rabindrah. – Não com ele presente.

– Mr. Kiberu está aqui como minha testemunha. É assim que vai ser. Vamos lá então ouvir o que tens a propor.

Ao todo, Rabindrah passou duas horas com o homem e saiu com um sentimento de absoluto desprezo por Harjeet, que chorara e se humilhara e jurara que nem a mãe, nem os irmãos, nem a mulher faziam ideia da natureza dos negócios de Manjit Singh, muitos dos quais eram legítimos e usados para branquear as avultadas quantias de dinheiro ganhas com o contrabando de troféus animais.

– O meu pai mantinha registos minuciosos. – Lançou um sorriso repugnante a Rabindrah, agora que via uma possibilidade de salvação. – Estão num cofre em Birmingham. Eu sou o único que tem a combinação e dou-ta se me for garantida uma pena leve e a deportação para o Reino Unido. O meu nome não consta de nenhum registo porque eu não exercia qualquer actividade na empresa do meu pai, excepto como guarda-livros. A única outra ligação é a minha presença no armazém naquela noite, mas não fazia ideia do que se ia lá passar. A única coisa que quero é voltar para casa e olhar pela minha mulher e pela minha mãe. Quero que lhes faças chegar estas cartas.

– És desprezível – disse Rabindrah, metendo os envelopes no bolso. – E aviso-te que nunca mais tentes ver a minha prima, caso contrário é perante mim que tens de responder. Arruinaste a família da Lila, e tenho a certeza de que és directamente responsável pela morte do Gulab. Nunca te esqueças disso porque, se o fizeres, cá estarei para te lembrar.

– Quero o melhor advogado de Nairobi aqui amanhã de manhã – disse Harjeet, o seu tom tornando-se mais arrojado. – E um guarda especial enquanto estiver na prisão. E, claro, uma garantia por escrito de...

– Não haverá garantia nenhuma por escrito – disse Kiberu. – Vai ter de acreditar na minha palavra de que receberá uma pena leve e será deportado logo a seguir. Não precisamos de vermes como você no Quénia. Agora dê ao Rabindrah o código do cofre e diga-lhe onde está. Não percamos mais tempo.

Meia hora depois, Rabindrah acenou com a cabeça ao polícia de serviço no caminho de acesso a sua casa e subiu os degraus, deparando-se com Sarah.

– Acabo de visitar o Harjeet na prisão – disse ele, deixando-se cair numa poltrona. – O Johnson Kiberu foi comigo e pediu-me para viajar para Londres amanhã para recolher provas escritas que servirão para condenar os sócios corruptos dele. Estão no cofre pessoal do Manjit em Birmingham, e o Johnson não confia em mais ninguém para as obter ou entregar.

– Tem de haver alguém – disse ela.

– Não. Eu sou o único com total conhecimento dos factos e o Harjeet recusou-se a divulgar a localização do cofre do pai e a combinação a qualquer outra pessoa. Tenho de ir. – Hesitou antes de estender a medo uma mão. – O Gordon pediu-me para entrevistar o James Mancham, o presidente deposto das Seychelles, que ainda está em Londres. É uma fachada. É capaz de ter graça. Por favor, Sarah, vem comigo. Para conversarmos. Para me deixares reparar as coisas entre nós. Podíamos seguir depois para a Irlanda, se quiseses. Hei-de sentir-me sempre profundamente envergonhado por te ter colocado numa posição em que a tua segurança não é absoluta e em que perdeste a confiança em mim. Não há nada que não faça para tentar compensar-te e merecer o teu perdão. Nada.

Ela não respondeu mas, quando ele se aproximou dela para lhe tocar na face, retraiu-se. – E a tua família? – perguntou. – Ainda te sentes obrigado a fazer mais por ela?

– Espero obter estes documentos para que a Lila e a Anjit deixem de estar em perigo. E depois acaba.

– Tenho de voltar para o Mara amanhã – disse ela. – Devo-te uma desculpa pela minha reacção anterior. O que fizeste em Mombaça foi incrivelmente corajoso, especialmente se resultar na detenção de grandes criminosos e impedir outros de chacinarem animais. E pessoas. No caso do Gulab, compreendo por que razão sentiste que tinhas de ajudá-lo, embora nunca possa vir a concordar com os métodos que usaste. Mas o verdadeiro problema entre nós é mais profundo do que essas questões porque tem a ver com confiança. Ou com a falta dela. Se achaste que podias manter-me na

ignorância sobre uma coisa que ameaçava a tua vida e a minha também, então não me conheces de todo. E isso é assustador. Sempre fomos parceiros, nos bons e nos maus momentos. No amor e na privação, e também no nosso trabalho. Mas ultimamente não tem sido assim. Desde o meu segundo aborto e os exames que fizeste na Irlanda. Desde que iniciaste esta investigação, que me escondeste, embora o Anthony e o Kiberu soubessem o que andavas a averiguar, e tu devias saber perfeitamente que estavas a pôr-nos aos dois em perigo. Acho que me devias ter avisado disso. E também penso que ter pegado fogo ao marfim na serração foi uma loucura. Alguém te podia ter visto, a ti e ao Anthony, e ainda podes estar perdido se se descobrir o que lá fizeste.

– Foi uma reacção instintiva. Uma série de más decisões. E errado da minha parte, mas...

– Não sei como, mas fomos catapultados para um mundo de criminosos internacionais, onde pessoas que conhecemos são subornadas, assassinadas e atiradas abaixo de penhascos. Onde há homens que são degolados e tu sofres atentados contra a tua vida. Acho que não sou capaz de habitar num mundo desses, nem por ti, e especialmente numa posição de total ignorância. Aliás, preciso de escapar a esse tipo de existência o mais rapidamente possível.

– Assim que obtiver estes documentos, isto acaba.

– Talvez. Bem, desejo-te boa sorte na resolução dos problemas da Lila e espero que possas fazê-lo sem perigo. – A sua voz estava a tremer. – Entretanto, pareces ter esquecido o nosso compromisso com a Allie e o John Sinclair. Mas para mim é muito importante e tenho trabalho a fazer. Um contrato para cumprir. Há um prazo ao qual já não dás importância, mas eu tenciono fazer tudo o que estiver ao meu alcance para o respeitar.

– Eu vou para o Mara assim que chegar de Inglaterra. – Rabindrah estava a implorar algum abrandamento na atitude dela.

– Discutimos isso quando voltares – disse Sarah. – Quando e se tiveres acabado essa investigação, embora o projecto tenha avançado bastante desde a última vez que estiveste no acampamento e o Hugo se tenha mais ou menos ocupado do texto.

– Eu ponho-me rapidamente a par dos avanços do livro – disse ele, reprimindo a fúria. Mas sabia que era inútil insistir. Não era o momento indicado para concessões ou reparações. – Voltaste a falar com a Anjit?

– Não. Como disse, ela pediu-me para não ir à cremação. Apesar de o Gulab lhe ter dito que tentaste ajudá-lo. Está-te grata, mas não te quer ver. Ninguém na tua família quer ver nenhum de nós, essa é que é a verdade.

– Vou fazer as malas – disse ele, compreendendo que não havia mais nada a dizer quando a porta da câmara escura dela se fechou e ela o excluiu da sua vida.

*

Londres acolheu Rabindrah com uma chuva torrencial e rostos que reflectiam o céu cinzento e o desolado dia de Inverno. Foi a mãe que lhe abriu a porta quando tocou à campainha, a sua expressão carregada de espanto, mas as suas explicações suscitaram incredulidade e tristeza aos pais.

– Pensar que o Gulab pode ter sido idiota a esse ponto – disse Jasmer. – Custa a acreditar. E que vai ser agora da pobre da Anjit e da Lila?

– Preciso de falar com a Lila o mais rapidamente possível – disse Rabindrah. – Tenho de lhe transmitir tudo isto, e não vai ser fácil. – No entanto, uma série de telefonemas para o apartamento de Camilla ficaram por atender e Rabindrah decidiu ir a Knightsbridge, na esperança de encontrar a prima.

– Talvez seja melhor eu ir contigo – sugeriu Jasmer, e partiram juntos de carro. – Ela pode precisar de aconselhamento legal a dado momento e eu não me importo nada de lho dar. Não sei se sabes que ela está a trabalhar para esse agente. O que representa a amiga sofisticada da Sarah. Disse à tua mãe pelo telefone.

– É uma boa notícia – disse Rabindrah. – O início de um futuro independente para ela. Não pode acabar ao mando do Harjeet, nunca mais.

– Um homem fraco – disse Jasmer. – Mas se, como dizes, ele for libertado e voltar para Inglaterra, ela pode juntar-se outra vez com ele. Afinal, é mulher dele. A vida dela pode complicar-se estando sozinha.

– Não lhe passaria pela cabeça voltar para ele. – Rabindrah ficou horrorizado. – Ele é um escroque. Uma versão mais nova do pai.

– Estou de acordo – disse Jasmer, estacionando o carro. – Mas as mulheres fazem coisas estranhas e suponho que a família ainda tem muito dinheiro dos negócios legítimos em que está envolvida. A Lila pode vir a precisar. Seja como for, ajudá-la-ei no que puder.

– Consegue-lhe o divórcio – disse Rabindrah. – É um acordo vantajoso. É o tipo de ajuda de que ela precisa.

Tocou à campainha da entrada principal do prédio e abrigou-se sob o toldo enquanto o porteiro vinha ao encontro deles, espreitando pelo vidro para a chuva.

– Como está, Kevin? – Rabindrah estendeu a mão. – Este é o meu pai, Jasmer Singh.

– Mr. Singh. Prazer em vê-lo. – Estava a sorrir. – Miss Broughton-Smith, ou melhor, Mrs. Chapman não me avisou que ia chegar. Vai cá ficar? Tenho as chaves sobresselentes.

– Não. A minha viagem foi decidida à última da hora. Por sinal, ando atrás da minha prima Lila.

– Já cá não está – disse Kevin. – Foi-se embora no fim-de-semana passado. Foi muito repentino, e Mr. Bartlett veio ajudá-la com a bagagem.

– Para onde é que ela foi?

– Lamento, mas não sei. Ao que parece, arranjou casa própria. Mais perto do trabalho, disse ela. Uma rapariga encantadora. Muito atenciosa. Espero que tenha ficado bem instalada. Terá de ligar a Mr. Bartlett de manhã a perguntar onde ela está.

– Claro – disse Rabindrah. – Desculpe o incómodo numa noite tão terrível.

Estavam a tocar dois telefones e Tom levantou os olhos da secretária cheia de papéis e fotografias. Olhou para Rabindrah com espanto.

– Que diabo estás a fazer aqui? A Sarah está contigo? A Camilla está bem? E que raio é que se passa em Nairobi? A pobre da Lila está numa lástima com a notícia do acidente do pai e a mãe histérica ao telefone dia e noite.

– Vim cá explicar. Ajudá-la a resolver as coisas – disse Rabindrah.

– Bem, apraz-me ver que chegou alguém para lançar alguma luz sobre os acontecimentos recentes. Fiquem à vontade na sala de reuniões – disse Tom, carregando num botão do intercomunicador e chamando Lila. – Eu mando servir café. E uma bebida forte, quando e se precisares.

– O Tom tem sido estupendo – disse Lila, enxugando as lágrimas. – Ficou comigo dois dias em casa da Camilla para me ajudar a instalar. E agora deu-me um emprego e ajudou-me a arranjar um pequeno apartamento perto daqui. Tenho a oportunidade de começar de novo. Quando recebi a notícia sobre o meu pai, não sei o que teria feito sem ele.

– Ainda bem que deste um rumo à vida, prima – disse Rabindrah.

– Mas porque é que o meu pai ia nessa estrada? E podes explicar-me porque é que a minha mãe me disse para não contactar a família do Harjeet, afirmando que pode ser perigoso? Não é que eu queira voltar a vê-los, longe disso. Mas o que é que se passa? Por amor de Deus, explica-me o que aconteceu.

Escutou enquanto Rabindrah lhe contava a história toda, o seu olhar mantendo-se firme. Quando ele acabou de falar, a prima agarrou-se a ele, o seu medo jorrando numa torrente de palavras e perguntas ainda sem resposta.

– Lila, há uma coisa que temos de fazer juntos. – Rabindrah afastou-lhe o cabelo para trás. – Temos de ir a Birmingham falar com a tua sogra.

– Não! Não, não quero lá ir – exclamou ela. – Não me podes pedir que volte a essa casa.

– Tem de ser, Lila. É a única coisa que vai impedir que a tua mãe e o resto da família seja investigada e incomodada, perdendo tudo o que ainda lhes resta.

Ela olhou demoradamente para ele e depois desatou a rir histericamente. – Queres que eu salve a minha família? A que propósito é que eu havia de fazer isso? Os meus pais venderam-me, Rabindrah. O meu pai devia saber que o Manjit Singh era um criminoso quando fizeram o acordo. Fiz o que me pediram porque os amava e receava o que podia acontecer-lhes. Mas agora, tirando ódio talvez, não sei o que sinto por eles. Sim... odeio-os! –

Levantou-se e bateu com os punhos no peito dele. – Não vou voltar para a minha família, entendes? Nem em Birmingham nem em Nairobi. E o Harjeet pode passar o resto da vida na prisão que não me importo nada. Quanto ao resto, já acabou.

– Lila, isto só acaba quando os sócios do Manjit forem condenados e presos.

– Não hão-de faltar escroques para ocupar o lugar deles – disse ela com repugnância. – O Quénia tornou-se um antro de corrupção e a minha própria família meteu-se nela até ao pescoço. Não há qualquer esperança, façamos o que fizermos.

– Tens de vir comigo a Birmingham. – Rabindrah pegou-lhe nas mãos. – Pus-me a mim e à Sarah em risco quando concordei em iniciar esta investigação. Se não conseguir os registos que o Manjit guardou no cofre dele ao longo dos anos, posso perder a vida e a Sarah corre perigo. É a verdade. Resume-se a isso.

Um pouco ofegante, Lila tentou assimilar o pleno significado das palavras dele, mais uma vez consciente de que teria de ignorar os seus próprios desejos para bem da família.

– Eu dou-te o telefone e a morada da Sajjan – disse ela finalmente. – Podes combinar um encontro com ela. Mas sozinho.

Contudo, a viúva de Manjit foi categórica na sua recusa em receber Rabindrah. Ao fim de quase uma hora ao telefone, durante a qual ela vociferou contra ele, o acusou de traição, chorou incessantemente e desligou duas vezes, tornou-se claro que não iria a lado nenhum com ela.

– Dá-me a porcaria do telefone – disse Lila, por fim. – Eu falo com ela.

Seguiu-se mais uma série de explicações, perguntas e súplicas antes de Sajjan concordar com a visita. Mas insistiu para que Lila acompanhasse Rabindrah.

– É melhor irmos já – disse Lila, numa voz neutra. – Antes que ela mude de ideias, ou as pressões familiares desse lado a obriguem a isso. Mas eu só vou lá por ti e pela Sarah. Depois disso, não quero ter mais contactos com o resto da minha família. Nunca mais.

*

Passava da meia-noite quando Rabindrah se deixou cair na cama do hotel e ligou a Johnson Kiberu.

– Já sei que são três da manhã em Nairobi, mas achei que havia de querer saber que tenho os documentos – disse ele. – Que faço com eles agora?

– Copie-os e ponha os originais e as cópias num cofre de um banco – disse Johnson. – Vou estar fora do país nas próximas duas semanas, numa conferência internacional sobre a vida selvagem na Holanda e numa reunião sobre ajuda humanitária na Suécia. Depois disso, passo por Londres e levanto-os pessoalmente. Não seria sensato estar em Nairobi com esses documentos na sua posse. O Hedley diz que o dispensa até eu regressar.

Rabindrah amaldiçoou em silêncio o seu editor, apercebendo-se de que a diferença horária o obrigaria a adiar a sua chamada para Gordon até de manhã. Passou o resto da noite num sono inquieto, dando voltas e tartamudeando até os primeiros raios de luz cinzenta se infiltrarem pelas cortinas.

– Preciso de voltar para casa – disse ele, irritado, quando Gordon atendeu o seu telefonema logo de manhã. – Estou farto de ter a minha vida à mercê do Kiberu e das exigências dele.

– Ainda tens o prazer de uma entrevista com o Jimmy Mancham – disse Gordon. – Antigo rei do Reino dos Cocos, *playboy* poeta, estadista carismático. E há mais alguns exilados das Seychelles em Londres que são capazes de ter comentários interessantes sobre o novo governo. Não te faz mal nenhum seres um rapaz da cidade por mais alguns dias. Vai ver um ou dois espectáculos, come bem, e fica de olho na tua bonita prima. Tens dinheiro para isso, meu velho. O jornal paga-te as despesas e a tua conta bancária está a abarrotar com as recompensas deste escândalo. Tira um tempinho de folga, descontraí, compra um presente extravagante para a Sarah.

Admitindo a derrota, Rabindrah desligou e recostou-se na cadeira. Depois de tomar um duche e pedir o pequeno-almoço, decidiu que mais valia seguir o conselho de Gordon e tirar partido da estadia imposta em Londres. Alguns

dias de relaxamento forçado não seriam exactamente um suplício. Camilla e Anthony chegariam em breve e podia redimir-se de ter abandonado precipitadamente o casamento e interrompido a sua lua-de-mel. Consultou a página dos espectáculos do *Evening Standard*, ligou a Lila e reservou bilhetes para um musical.

– A partir de agora, não há mais problemas – disse-lhe ele. – Mais uns dias e volta tudo à normalidade.

CAPÍTULO 21

Quénia, Novembro de 1977

Era de manhã cedo e ainda estavam na cama quando Achole, o chefe dos vaqueiros, apareceu na casa para anunciar que não havia água na vacaria.

– Alguém voltou a cortar o cano principal. – Hannah calculou imediatamente a origem do problema, abrindo uma torneira na casa de banho e ouvindo o assobio e soluços que confirmaram as suas palavras. – Provavelmente é resultado do problema com os *watu* que cortaram a vedação e entraram com o gado deles pelo lado sul. Ontem foram ao nosso bebedouro encher *debbis* e baldes e dar de beber às *ngombes* e às cabras escanzeladas.

– Não me disseste nada ontem à noite – disse Lars, franzindo a testa.

– Chegaste tarde do rãguebi no Clube e eu estava cansada. – Hannah aconchegou o roupão em redor da sua volumosa barriga. – É difícil andar em cima de tudo. Houve um problema no *lodge*. A arca congeladora grande não estava a funcionar e ninguém reparou porque não temos tido hóspedes nos últimos dias. Tive de deitar fora o peixe e a carne que lá guardei para as pessoas que chegam hoje. E depois o Achole veio comunicar-me o corte na vedação e que as pessoas se tinham servido da água. Por isso, mandei lá dois dos nossos guardas-florestais para correr com eles.

– Pobres diabos – disse Lars. – O gado deles é pele e osso. Não se pode censurá-los por tentarem chegar a qualquer fonte de água que vejam.

– Se fizermos vista grossa a um grupo, caem-nos todos em cima – disse Hannah. – Fica toda a gente com a ideia de que pode aparecer aqui com alicates ou uma boa *panga* e cortar a nossa vedação. A zona torna-se um

deserto e depois a água é vê-la. Mal temos que chegue para nós. As duas represas estão baixas. Não podemos deixar as pessoas entrar de assalto e levar-nos o que resta das nossas reservas. Olha como o nosso próprio gado está magro.

Ele sabia que ela tinha razão mas, durante uma seca, era uma regra difícil de impor. Para lá da vedação de Langani, estavam a juntar-se há semanas manadas de gado em redor de uma pequena represa, construída pela junta local alguns anos antes. Vacas e cabras vagueavam numa cortina de poeira, a sua passagem constante e números crescentes criando sulcos de erosão no solo ressequido. Já houvera escaramuças por causa do abastecimento insuficiente de água e das multidões de pessoas e animais a exigir acesso. Na semana anterior, tinha-se verificado uma debandada num bebedouro semelhante nas proximidades. O incidente começara quando um elegante *Mercedes* atravessara lentamente uma pequena aldeia esquelética e parara. Um político bem alimentado e bem vestido saíra para conquistar apoiantes, fazendo promessas grandiosas e ocas. Mas, em menos de cinco minutos, estava a enfiar-se novamente no refúgio climatizado do carro e a arrancar, seguido por gritos irados e uma saraivada de pedras. Mais a norte, a terra transformara-se numa superfície estalada onde nem as cabras encontravam que comer e o gado estava morto nas planícies secas.

– Eu vou verificar a conduta. – Lars vestira-se à pressa enquanto ela estava a falar.

– E o pequeno-almoço?

– Fruta da cozinha e pão torrado. Podes mandar-me sanduíches e uma garrafa-termos com café se eu não voltar até ao meio-dia. Precisamos de discutir as patrulhas quando eu regressar. Foram mortos alguns animais na semana passada por pessoas que queriam alimento, e agora isto. Temos de alterar o percurso que os guardas têm seguido. Tornar os horários deles menos previsíveis. Às tantas até devíamos contratar mais dois.

– Não temos dinheiro para isso – disse Hannah. – Implicava comprar mais um veículo e tu queres substituir a velha ceifeira.

Lars empurrou o chapéu para trás e limpou o suor da cara.

– Agora esta parte da vedação está segura, Achole – disse ele ao vaqueiro.
– Mas quero que fiques aqui até a patrulha nocturna chegar. Fica com o resto da comida e do café e não deixes ninguém abrir a água deste bebedouro. Se o cimento não endurecer, os canos não estão seguros.

– Agora não há-de aparecer ninguém – disse Achole. – É cedo de mais depois de a vedação ter sido cortada e eles sabem que estamos à espreita. Dentro de alguns dias, hão-de tentar entrar outra vez para roubar água de outra zona. E vão matar mais gazelas, zebras e alces pela *nyama*.

– Esta noite vamos alterar as patrulhas e talvez contratar mais guardas. Agora vou passar em revista o resto das vedações – disse Lars. – Mas é difícil impedir que as pessoas atravessem a floresta para chegar às represas.

Olhou para o céu ao levantar-se para partir. Haviam-se acumulado algumas nuvens, baixas e soturnas, projectando as suas sombras sobre a terra sequiosa, mas não pairava no ar o cheiro a chuva. Na noite anterior, haviam soado vagos rugidos de trovoada e relâmpagos difusos haviam iluminado inesperadamente o céu, pálidos e distantes. Hannah acordara-o com uma cotovelada e haviam ficado os dois imóveis durante algum tempo, à escuta do som das primeiras gotas no telhado. As suas esperanças foram vãs e, quando ele suspirou e a puxou para si, já ela se virara, silenciosa e desanimada.

Quando Lars se afastou da vedação, Achole levantou a mão em saudação mas, alguns metros atrás dele, houve um movimento nas árvores e o reflexo da luz do sol em missangas. Lars abrandou o veículo para perscrutar através do pó que turvava o seu espelho retrovisor. Três homens haviam emergido da protecção do mato circundante, cada um transportando recipientes para levarem água. Moveram-se cautelosamente sobre o solo duro e pararam ao lado de Achole.

Parentes ou *rafikis*, sem dúvida. Por um momento, ainda lhe ocorreu um confronto, mas foi invadido por uma sensação de lassidão. Sentia uma profunda empatia com os criadores cujo gado faminto esperava pacientemente do outro lado do limite, a pele esticada sobre as costelas salientes, os olhos grandes e húmidos mortícios por falta de alimento e água. Sentiu-se desiludido com a flagrante desonestidade de Achole, mas

relutante em despedir um homem que fora um bom trabalhador durante muitos anos. Tinha de haver outra solução, algo que, em conjunto com Hannah, haveria de descobrir, uma partilha de recursos que oferecesse alívio temporário até chegarem as chuvas.

De novo em casa, encontrou Lottie no jardim a ler à sombra de uma árvore-do-fogo, com um binóculo ao lado.

– É tão tranquilo – disse ela. – E estou profundamente grata ao Mario por me ter trazido. Só queria que ele tivesse conseguido estar longe dos seus compromissos profissionais por mais algum tempo. Mas os hotéis são particularmente exigentes.

– Mas há-de voltar – disse Lars. – Agora que lhe tomou o gosto. O chamamento de África é sempre irresistível.

– É verdade, mesmo quando é um tipo de continuidade estranha e relutante. – Lottie olhou à sua volta. – Adoro esses fetos e arbustos que a Hannah plantou ao longo dos anos. Atraíram pássaros que nunca vi nem ouvi no jardim. A propósito, mandei-a descansar e disse-lhe que ia buscar as crianças à escola. E estive na cozinha com o Godfrey a fazer um bolo de limão. Ainda é estranho sem o Kamau, mas este rapaz parece-me ter potencialidades para se tornar um óptimo cozinheiro com um pouco de ajuda e paciência.

– Ainda bem que cá estava quando organizámos a *ngoma* de despedida para o Kamau e o Mwangi – disse Lars. – A sua presença foi simbólica, depois dos anos todos em que eles trabalharam para si. Um bom augúrio e uma coisa estupenda para os dois.

– Para mim também – disse Lottie.

– A Hannah não se conseguia imaginar sem eles, mas a Lottie ajudou-a a aguentar o pior da mudança.

– O David fez uma boa escolha quando seleccionou o Godfrey de entre as pessoas que queriam o lugar. – Lottie sorriu. – Diz ele que o Kamau gosta de se sentar na *shamba* dele, a distribuir ordens às mulheres. Que ultimamente andava muito cansado. O Mwangi também, se bem que nenhum deles alguma vez se tivesse queixado.

– Trinta e seis anos é muito tempo – disse Lars. – Só nos últimos dias é que a Hannah começou a aceitar que consegue desenvencilhar-se sem eles. A ideia dela de ter uma criada para todo o serviço, além de um criado novo, resultou bem.

– Vai precisar dos dois quando o bebé nascer – disse Lottie. – Conseguiste reparar a vedação com o Achole?

Ele assentiu com a cabeça. – Mas é como conter uma enxurrada com a palma da mão – disse ele. – Não passa de uma medida temporária e, se não tivermos chuva, podemos ver-nos a braços com um incidente que não será bom para ninguém. Mas a Hannah tem razão. Não podemos permitir a entrada de milhares de vacas e cabras locais na propriedade nem deixar que nos roubem a água. É complicado.

– Sempre foi – observou Lottie.

– Antigamente pensava que haveríamos de encontrar um equilíbrio, aqui em Langani – disse Lars. – Estava convencido de que podíamos contribuir para o fim do sofrimento e da pobreza desnecessários. Mas, ultimamente, comecei a compreender que é um ciclo que provavelmente nunca mudaremos e tenho dificuldade em aceitar isso. – Esboçou o seu sorriso lento. – Às tantas estou a ficar velho, eh, Lottie?

Ela não respondeu de imediato, sabendo que estava a pisar terreno delicado. – Achas que a tua visita à Noruega alterou a tua atitude em relação às agruras deste país? Que te levou a pensar em Langani de maneira diferente?

– Refere-se à proposta dos meus pais para tomar conta da quinta deles? – Lars suspirou. – Estou preocupado com os meus pais, não sei como vão conseguir continuar, mas não é lugar para mim e para a Hannah. A nossa vida é aqui, como ela sempre disse. Mas...

Lottie esperou, consciente de que ele estava a ordenar as ideias e a encontrar as palavras que exprimissem um ponto de vista completamente sincero.

– Desde que voltámos, ela nunca mais falou na Noruega. Não fala das nossas férias nem lembra às crianças os bons momentos que tiveram com os avós e o amor que receberam. É como se fosse um assunto tabu. Como se o

tempo que lá passámos não existisse. E, embora a Suniva e o Piet tenham nascido aqui, na nossa terra africana, não posso mencionar o facto de me sentir feliz por esta nova criança ter sido concebida na Noruega. Na terra que me viu nascer. Não lhe posso dizer que tenho orgulho nisso e isso enche-me de tristeza. De raiva até.

Queria também falar a Lottie da carta. Da visita do pai ao cardiologista e dos exames que ele tinha de fazer, mas não era capaz de divulgar a notícia que nem a Hannah dera.

– Querido Lars, és o melhor dos homens – disse Lottie. – Quando o Piet morreu, foste tu que tiveste de ir à Rodésia dar-nos a notícia. E sabias, não sabias? Sabias que o Janni foi ao encontro dessa saraivada de tiros porque não era capaz de contemplar continuar. – Ele não respondeu mas ela persistiu, determinada em pôr tudo a nu entre eles. – O bruto do primo dele, o Kobus, disse-me mais tarde que o Jan devia ter enlouquecido. Que ofereceu o corpo como se quisesse tornar-se um alvo e deixar que os rebeldes o matassem. Sabias isso, não sabias?

– Sim, sabia.

Lars recordava em pormenor a amarga noite em que dissera a Jan van der Beer que o filho estava morto. Janni saíra quase imediatamente de casa, um homem desfeito, a alma corrompida, destruído pelas sementes do ódio plantadas anos antes, quando lutara e matara para manter o controlo da terra e a herança da sua família. Horas depois, tinham ouvido o ruído da carrinha a trazer o seu corpo crivado de balas para a casa dilapidada na plantação de tabaco do primo. Fora Lars quem encontrara a carta no casaco do homem morto ao encarregar-se do corpo. Uma carta de amor. Deus sabe onde ele a encontrara e quando, mas Jan van der Beer pegara nas folhas de papel escritas pelo amante de Lottie e pusera-as no bolso mais próximo do seu coração. Em seguida, avançara deliberadamente contra uma barragem de tiros para a libertar. Olhando de relance para a primeira linha da carta fatal de Mario, Lars queimara as folhas e nunca as mencionara a ninguém. Nem o faria agora.

– És o alicerce desta família – disse Lottie. – A base em que todos assentamos e construímos as nossas vidas, incluindo eu, apesar de viver em

Itália com o Mario. Porque sei que a minha filha e os meus netos estão em segurança nas tuas mãos.

– Não sei se a Hannah continua a acreditar nisso. – O tom de Lars era sombrio. – Ultimamente tenho-me interrogado se ela se dá conta de mim como mais do que alguém de confiança para lhe administrar a fazenda.

– Langani pertence aos dois – disse Lottie num tom firme. – Não a quero desculpar mas com a seca, a vacaria e o *lodge* e as funções dela na oficina da Camilla, mais as atenções adicionais de que o Piet precisa e o facto de estar novamente grávida, neste momento duvido que a Hannah consiga pensar direito.

– O Piet necessita de toda a ajuda que lhe pudermos dar – concordou Lars. – Mas já antes deste problema com os ouvidos, ele sempre foi... – Teve relutância em terminar a frase, em articular a ideia no seu espírito.

– A obsessão da Hannah – disse Lottie, com brandura. – Porque ele é a imagem exacta do outro Piet. Parece-se com ele, fala com a mesma voz. A sua personalidade é idêntica e são os mesmos sonhos que se formam nos seus olhos. Uma reencarnação, se é que tal coisa existe. Por vezes, tenho de afastar os olhos dele porque parece que os anos desapareceram e estou de novo com o meu menino. O meu próprio filho.

– Continuamos enterrados no passado – disse ele. – Por mais que procuremos escapar dele.

– Os anos que vivemos e as memórias que eles deixam, sejam elas boas ou más, constituem a nossa história – disse Lottie. – Se não recordamos as histórias do nosso passado e quem somos, nunca saberemos para onde vamos nem por que razão fazemos o que fazemos agora.

– O almoço está pronto! – O aparecimento de Hannah no alpendre pôs fim à conversa. – Sinto-me cheia de energia depois de duas horas de sono. E esfomeada também. Obrigada, mãe. Resolveste o *shauri* com a água, Lars? Gostava que viesses comigo ao *lodge* depois do almoço. Podemos certificar-nos de que está tudo pronto para os hóspedes e esperar que o Anthony e a Camilla cheguem exultantes da lua-de-mel.

– Sim, às duas perguntas. – Ele sorriu mas havia um registo sombrio no seu tom em que a mulher não reparou.

– Tenho pena que a Sarah não nos faça companhia esta noite – disse Lottie, quando se encaminhavam para a sala de jantar. – O tempo que passámos com ela no acampamento da Allie foi glorioso... o Mario nunca tinha visto nada assim. Esperava que ela pudesse cá voltar antes de eu partir na próxima semana, mas parece pouco provável.

– Está mais uma vez absorvida na vida das chitas – disse Lars. – Mas está mais segura lá, dada a situação.

– É o que ela faz sempre que se depara com problemas. Desaparece no *bundu*. Não me admirava nada se passássemos meses sem a ver, embora a tenha convidado para passar o Natal aqui com o Rabindrah, se ele estiver por cá. – Hannah não soou optimista. – Neste momento ainda está em Inglaterra e as coisas entre eles parecem ter ido de mal a pior.

– Deve ter sido extremamente duro para ele ter de denunciar os familiares – disse Lottie. – Ela não admira a integridade dele e a maneira como ele respeitou os seus princípios?

– *Ach*, mãe, sabe-se lá. Mas espero que a Sarah encontre em breve uma saída disto porque o Rabindrah precisa muito dela neste momento.

– E o Johnson Kiberu? É realmente o que parece ser?

– É excepcional – disse Hannah. – Um político que não se deixa aliciar por dinheiro ou poder. A dedicação dele a este país e à conservação é extraordinária. Não tem medo de ninguém e as suas acções são quase sempre imparciais. Chegou até a tomar algumas decisões impopulares a nosso favor, por exemplo. Pôs-nos numa posição em que recebemos a nossa parte dos financiamentos à conservação apesar de a oposição nos descrever como *wazungus* que ficam com o dinheiro dos verdadeiros quenianos.

– Tu és uma verdadeira queniana – disse Lottie.

– Sim, mas os políticos actuais gostam de nos retratar como brancos ricos, donos das melhores terras, para nos culparem dos problemas dos *wananchi*. Somos alvos fáceis, mãe. Uma maneira ideal de disfarçarem as suas próprias deficiências e ganância.

– Eram grandes as mudanças que as pessoas comuns esperavam depois da Independência, quando o homem branco deixasse de ter as rédeas do poder.

– Lottie reflectiu sobre a euforia desse período entre os quenianos negros. – Para depois serem atraídos pela sua própria gente.

– Hoje em dia a corrupção é endêmica – disse Hannah com um misto de revolta e resignação. – É difícil conseguir fazer seja o que for de importante a não ser que ajamos sozinhos sem que ninguém repare e sem pedir ajuda. Ou então mexe-se os cordelinhos nos sítios certos, quando se sabe como. Nós continuamos a tentar e muitas vezes temos sucesso. Bem, vou ao *lodge* com o Lars e, por isso, não vou poder ajudar o Piet com o trabalho de casa esta tarde, mas...

– Eu ajudo-o – disse Lottie. – Vai com o teu maravilhoso marido e conduzam devagar para poderem admirar a beleza que tão duramente trabalham para manter. Não se preocupem com as crianças. Encontramo-nos no *lodge* mais tarde. Com os recém-chegados de lua-de-mel.

A sala principal do *lodge* estava iluminada por grandes candeeiros de cobre e archotes acesos e, sobre eles, o grande telhado de palhiço erguia-se para o céu africano. Para lá da curva natural das paredes começara a orquestra de sons nocturnos, com as correrias de minúsculas osgas, os guinchos de um hírax, o quebrar de um ramo à passagem de um elefante ou de um búfalo. Uivavam hienas à distância, e um gulungo tímido estava na orla da floresta, imóvel e alerta, ciente do perigo que era uma parte intrínseca da sua vida.

Anthony e Camilla estavam sentados ao lado um do outro, as suas mãos tocando-se ao de leve, a sua felicidade inconfundível. Passado algum tempo, Hannah apresentou-os aos outros hóspedes e a sala reverberou de exclamações de surpresa e risos enquanto a conversa passava do mundo da moda de Paris, Nova Iorque e Londres para histórias sobre a vida na fazenda e no mato. Durante o jantar, David encheu toda a gente de atenções, mas a sua frieza para com Anthony era evidente. Embora Hannah nunca tivesse sugerido que lhe podiam ser atribuídas culpas ou responsabilidades, era claro que ele ainda guardava ressentimento a Anthony pela sua reprimenda depois do ataque a James e pelo facto de o rapaz ter sido

retirado dos seus cuidados. Criava uma pequena cisão numa noite, de resto, perfeita.

Embrulhados em camisolas e mantas, sentaram-se na plataforma de observação depois do jantar, um pouco afastados do pequeno grupo de hóspedes de safári. Em baixo, uma manada de elefantes chegara ao bebedouro, as suas formas cinzentas emergindo das árvores num silêncio espectral. As crianças estavam a portar-se extremamente bem, sabendo que o barulho e as brincadeiras ruidosas eram proibidos. Acocoraram-se na beira do terraço, Suniva com as mãos em concha em redor da orelha de Piet, chamando a sua atenção para o búfalo que apareceu, resfolegando, abanando a enorme bossa e plantando o corpo volumoso, salpicado de lama e com umas robustas pernas, na borda da água, assumindo uma posição central com típica beligerância. James estava sentado ao lado de Anthony, o seu rosto manifestando admiração. O seu herói casara-se com Camilla, que fora responsável pelas preciosas cartas e postais chegados de milhares de quilómetros de distância, e que ele agora também amava.

– Estou a estudar com afinco – disse James com orgulho. – Tive a nota mais alta nas minhas provas todas esta semana. Excepto em Trabalhos Manuais, porque a Suniva é a melhor a desenho e a pintura. E o Piet é bom em Biologia. Um dia vou ser como tu e a Sarah, vou aprender sobre a vida dos animais e como podemos protegê-los aqui.

– É um óptimo plano – disse Anthony. – Queres vir ajudar-me no acampamento durante uma semana ou assim, nas tuas férias de Natal? Terias a oportunidade de aprender muito mais e de ganhar também algum dinheirinho. – Riu-se quando James concordou de imediato e virou-se para Suniva. – Mostra aí o teu caderno de desenho, miúda.

Suniva mostrou retratos da família e dos homens e mulheres que trabalhavam na fazenda, assim como desenhos a pastel e aguarelas de animais à sombra rendilhada de uma acácia ao meio-dia ou a saltar no ar sobre a erva queimada das planícies.

Lottie aproximou-se da extremidade da plataforma, recordando o amor com que o filho construíra o *lodge*. O lugar onde fora atacado pela primeira vez na noite da sua morte. Sobre ela a abóbada celeste cobrira-se de negro e

as estrelas que furavam a sua imensidão eram irregulares e nítidas. Estremeceu e sentiu a mão de Camilla no ombro.

– Uma beleza infinita – disse Camilla. – É fácil romantizá-la, mas há sempre a noção de perigo na noite africana. No que se acoberta nas sombras sobre as quais as estrelas não projectam a sua luz. É em larga medida o que nos mantém sob o seu poder.

– Alguma vez te perguntas, em noites como esta, se estás a caminhar sob uma luz efémera? – Não era intenção de Lottie fazer esta pergunta, sobretudo a esta jovem mulher que optara por viver aqui a sua vida quando tinha todas as riquezas do mundo ao seu alcance. – Sentes que é um lugar que nunca pode ser verdadeiramente nosso, por mais tempo que aqui passemos e por mais que o amemos?

– Não, não sinto isso – disse Camilla, olhando para Anthony atrás. O rosto dela estava iluminado por uma expressão de amor que fez Lottie desviar os olhos ao ver uma comunicação tão intensa. – Como a Sarah e a Hannah, não quis sair daqui depois da escola e o sucesso que tive noutros sítios nunca teve grande significado para mim. A única coisa que desejava era voltar. Ter a coragem suficiente para partilhar a minha vida com o Anthony. Levei muito tempo a conseguir isso, mas estamos finalmente juntos. E ambos acreditamos que é aqui que devemos estar.

– Senti isso quando me casei com o Janni, há muitos anos, em Joanesburgo. – Lottie sorriu ao recordar o seu corpulento marido africânder a transpor a simples soleira da porta de Langani com ela ao colo e a pousá-la numa sala quase desprovida de mobília. – Ele trouxe-me para aqui de Joanesburgo. A sua noiva italiana. A família dele nunca aprovou a escolha. Um pouco como o Rabindrah e a Sarah.

– Sente saudades da fazenda? – Camilla estava curiosa.

– Há muito tempo que estou longe daqui – disse Lottie. – Encontrei outra vida tão feliz que não posso deixar de comparar a sua doçura com o misto de glória e mágoa que experimentei aqui. Mas é a terra da Hannah e a tua, e também a da Sarah. O mais importante é que acreditam nela.

– Avó? Olha para o rinoceronte! E há pouco vimos o cudo! Gostaste dos meus desenhos? – Suniva estava a puxar pela manga de Lottie. – E o meu

desenho dos javalis-africanos de que nos estávamos a rir ontem, com as caudas levantadas no ar?

– Gostei, são maravilhosos. – Lottie pegou-lhe na mão. – Acho que são horas de deitar, querida. Amanhã tens escola. Porque não vais buscar o Piet e o James e eu levo-os para casa?

– Ela tem um talento genuíno – disse Camilla quando Suniva foi chamar as outras crianças. – Um sentido do movimento, da cor e do traço que é um verdadeiro dom.

– Sim. – Lottie riu-se. – Uma coisa... talvez a única... que herdou do pai. Ele conseguia dar vida ao que quisesse com uma caneta e uma folha de papel, mas não lhe transmitiu mais nada de si mesmo que seja reconhecível.

– Não reparou na criança a estacar e a franzir a testa, momentaneamente perturbada, antes de avançar para onde James estava a ouvir mais uma história de Anthony sobre o mato.

– Espero que haja boas notícias quando o Piet for à próxima consulta com o especialista – disse Camilla. – Suponho que será nessa altura que se sabe se vai ou não ser operado. A Hannah acha que a audição dele não melhorou nada.

– E tem razão – disse Lottie. – Mas hoje em dia há muitas soluções, incluindo enxertos nas perfurações e o uso de novos tipos de aparelhos auditivos.

– Soube que ele está a ter melhor aproveitamento na escola, agora que os professores estão a par do problema. – Anthony veio fazer-lhes companhia.

– E tem uma grande força de vontade, como a irmã.

– Mas acho que a Suniva se sente por vezes excluída – disse Lottie. – Com o ensino reforçado do Piet e um novo bebé a caminho.

– Ela é uma menina independente e muito protectora do Piet – disse Lars. – E cheia de curiosidade também. E o laço especial entre ela e o James há-de dar-lhe ânimo.

Foram interrompidos por Hannah, acompanhada das crianças. – Tens a certeza de que os queres levar para casa, mãe? Posso levá-los eu no carro, se quiseses ficar um pouco mais.

– Não, minha querida. Estou bastante cansada e não me importo nada de voltar para casa. Camilla, voltamos a ver-nos pela manhã. És um homem de sorte, Anthony.

– É o que eu estou sempre a dizer-lhe. Não perco uma oportunidade. – Camilla estava a rir-se quando se despediram e se instalaram de novo nas cadeiras para conversar sobre os tempos passados juntos e a promessa de um futuro risonho.

Lottie não demorou muito tempo a deitar as crianças, embora tivesse sido invadido por uma sensação de inquietude quando James saiu da casa principal para ir ter com Esther ao complexo do pessoal. O fogo continuava a arder na sala de estar e ela sentou-se e abriu o livro que estava a ler. Josephine, a nova criada, levou-lhe um bule de chá e ela instalou-se na cadeira que já fora a sua favorita nos primeiros tempos do seu casamento. Não ouviu o assobio baixo nem o som da janela de Suniva a abrir-se para deixar entrar o ar frio das terras altas. E James.

Sentaram-se juntos, James na pequena poltrona e Suniva na beira da cama, envolta no roupão. Era um ritual nocturno que começara algumas semanas antes, quando Suniva fora castigada na escola por ter entregue os trabalhos de casa atrasados em vários dias consecutivos. Hannah andava cansada e com falta de tempo pois, além de ajudar Piet com as suas lições, teve de correr para o *lodge*, onde um dos hóspedes adoecera, e voltar para casa, onde encontrara uma mensagem da encarregada de ano de Suniva.

– Jantas no teu quarto durante o resto da semana – disse Hannah, a fadiga tornando-a mais severa do que era necessário. – Para te concentrares nos trabalhos de casa como deve ser em lugar de andares na brincadeira com o Piet e o James. És perfeitamente capaz de escrever uma boa composição e Mrs. Gilliat diz que os teus erros a Matemática são puro desleixo.

– Eu faço sempre os trabalhos de casa com o James. – Suniva falou num tom provocador mas o seu lábio tremia e estava à beira das lágrimas.

– Isso não parece estar a dar bom resultado. – Hannah manteve-se firme. – Por agora, vais estudar sozinha quando chegares da escola. No teu quarto. E o teu pai vai ser informado disto assim que chegar esta noite. Tens de dar o

teu contributo, Suniva. Já temos obstáculos que cheguem neste momento sem tu acrescentares mais preocupações à lista.

Nessa primeira noite de isolamento, Suniva sentara-se à sua secretária, cismática e deprimida, sem tocar no jantar no tabuleiro. Tinha consciência de que a mãe estava no escritório com Piet, a certificar-se de que não lhe escapara nada de vital nas aulas. Ao pegar na caneta para iniciar os exercícios de gramática inglesa, ouviu um assobio e uma leve pancada na janela. Afastando a cortina, perscrutou a escuridão e depois soltou um gritinho de surpresa ao ver James sair de baixo do jasmineiro e trepar para dentro do quarto. Acabaram os trabalhos de casa dela em conjunto e sentaram-se no tapete de pernas cruzadas, sussurrando e rindo com os acontecimentos do dia. Numa semana, o seu boletim escolar havia melhorado, para grande alegria de Hannah, e a rotina da noite voltou à normalidade. Mas as visitas secretas continuaram, fortalecendo o laço entre Suniva e James.

– Lembras-te da promessa? – Suniva agarrara no braço dele, uma noite, quando ele se preparava para sair do quarto. – Da que a minha mãe, a Sarah e a Camilla fizeram quando andavam na escola? Ouvimo-las repeti-la em Lamu, nos anos da minha mãe, e também devíamos fazer uma. – Levantou-se e encarou-o, com uma expressão muito séria. – James Karuri, prometo ser eternamente tua amiga fiel e amar-te para sempre. Diz.

Ele pegou nos dedos dela e apertou-os com força nas suas mãos escuras. – Suniva Olsen. Prometo ser eternamente teu amigo fiel e amar-te para sempre. – Proferiu as palavras num tom solene e depois inclinou-se, plantando um beijo embaraçado na face dela.

Ela soltou um arquejo de surpresa e fechou muito os olhos. Era a primeira vez que um rapaz a beijava e não lhe ocorreu nada para dizer ou fazer. Mas sabia que não eram necessárias palavras e, quando abriu os olhos outra vez, ele tinha saído. Passara mais de um mês desde essa noite e ele não voltara a beijá-la, mas Suniva sabia que a sua promessa nunca morreria.

Na oficina, as mulheres juntaram-se à volta de Camilla e Anthony, batendo palmas e cantando uma canção nupcial nas suas vozes finas e

agudas, ilustrando as palavras com gargalhadas estrondosas e gestos inconfundíveis.

– Agora tem de ficar em casa, Mama Camilla, para engordar e fazer filhos – disseram, tapando a boca com as mãos para se rirem e beliscando-lhe os braços magros. – Eh, que preço é que o seu marido pagou por tão pouca carne? Tem de comer mais e ficar forte para quando chegar o momento!

– Só queria que não se fossem embora tão cedo – disse Hannah quando se encaminhavam novamente para casa.

– Só temos três dias em Nairobi antes de partirmos para Nova Iorque e Londres – disse Camilla. – Aliás, eu não quero ir a lado nenhum, mas tenho de finalizar os desenhos para a roupa da próxima estação com o Saul Greenberg. E o Anthony tem a viagem anual de vendas embora, desta vez, a façamos juntos. Nunca imaginei que fosse capaz de me sentir tão contente e completa. É um milagre, o que finalmente me aconteceu. Espero que venhamos a ser tão felizes como tu e o Lars.

– Também o espero. – Hannah imprimiu toda a alegria de que foi capaz à resposta. – E se falasses com a Sarah antes de ires?

– Sim. Podemos contactá-la pelo rádio? Ela tem de encontrar uma saída deste impasse com o Rabindrah e depressa.

– Não entendo nada – disse Hannah. – Estava tão zangada com ele na noite em que ele cá apareceu com o tio. Apesar de ele ter tido um comportamento heróico em Mombaça.

– Houve uma razão mas tens de me prometer que não contas a ninguém. – Camilla esperou que Hannah concordasse antes de voltar a falar. – Ninguém sabe disto, mas o Gulab tinha dezenas de defesas de elefantes e outras mercadorias ilegais na serração dele perto de Nanyuki, e o Rabindrah ajudou-o a eliminá-las.

– O quê? Como? E como é que *tu* sabes?

– Porque o Anthony o ajudou a incendiar o sítio e a destruir tudo – disse Camilla.

– Que bomba! Não acredito. – Hannah estava boquiaberta de espanto. – Deves ter ficado contrariada por o Anthony ir deitar fogo ao marfim em

Nanyuki enquanto ficavas sozinha em Shaba. Quando é que isso foi? Oh, não! Deve ter sido no dia em que lá chegaram.

A lua-de-mel de Camilla não começara como ela esperara. Sammy estava à espera no aeródromo em Shaba, com um sorriso do tamanho de um oceano.

– Mama Chapman – disse ele. – *Karibu*.

– És o primeiro a tratar-me assim. – Camilla ficou deliciada. – Vou ser Mama Chapman até ao fim da minha vida e adoro.

– Que diabo é que tens aqui? – Anthony levantou o mais pequeno dos sacos de Camilla e gemeu. – Até custa a crer que o avião tenha descolado com isto a bordo.

– Livros – disse ela, sorrindo. – Já sabes que eu nunca vou para lado nenhum sem livros.

– Não vais ter tempo para os ler. – Estava a rir-se ao beijá-la, tocando o ponto pálido e vulnerável na nuca dela, onde ela prendera o cabelo, e recuando para a devorar com os olhos.

Minutos depois, o avião desaparecera na claridade vazia do céu. Entraram para o *Land Cruiser* e conduziram lentamente, passando por uma paisagem lunar de planícies secas semeadas de pedras de lava. A terra estava ressequida e estalada. À distância, os contornos da montanha vulcânica de Shaba erguiam-se num cone roxo e uma leve brisa agitava as folhas pesadas das palmeiras-africanas espalhadas pelas áreas de terreno mais planas. Pararam para deixar várias girafas atravessar vagarosa e graciosamente o caminho arenoso à sua frente e Camilla ouviu o som de tecelões sobre o rio quando Anthony travou e parou o carro.

– Leopardo – disse ele, apontando para cima. – Na árvore à esquerda.

Camilla levantou-se para olhar pelo tecto aberto, movendo-se devagar para não perturbar a magnífica criatura. Esta estava estendida sobre um ramo, descontraída e imperturbável, com a sua longa cauda e patas dianteiras suspensas, imóvel.

– Olha para aquela grande barriga. – Anthony passou-lhe o binóculo e riu-se. – Deve ter matado recentemente e arrastou a presa para os ramos.

– Está uma gazela na bifurcação da árvore – disse Camilla, ajustando o foco. – E o leopardo está a olhar directamente para mim com aqueles magníficos olhos verdes. Consigo ver cada pêlo individual do bigode, e o nariz cor-de-rosa. Meu Deus, que perfeição! Mas tem um ar absolutamente predatório. O seu poder emana de todos os centímetros do seu belíssimo corpo, é impossível de ignorar.

Deixaram-se ficar por baixo da árvore durante algum tempo, vendo o leopardo bocejar e fechar os olhos. Um bando de abutres estava acorrido à espera nas imediações, os seus pescoços escanzelados esticados em expectativa, lutando e cacarejando no solo, como se a abóbada branca do céu fosse demasiado quente para tentarem voar.

– Estão com a esperança de que caia alguma coisa. – Camilla estremeceu.
– Sei que também têm direito a comer, mas metem-me medo.

– Vamos continuar – disse Anthony. – O comité de recepção está à nossa espera aí à frente e não devemos desapontá-los chegando atrasados.

O acampamento da lua-de-mel havia sido montado numa falésia sobre o rio Uaso Nyiro e a sua chegada foi saudada com aplausos do pessoal, que se juntou à sua volta para apertar a mão a Anthony e oferecer a Camilla uma pulseira, feita de prata somali e contas de vidro azuis.

– Vamos almoçar e dormir a sesta – disse Anthony. – E depois vamos dar uma volta à procura de animais.

Conduziu-a à tenda da messe e, ao sentarem-se, o cabelo dela roçou-lhe a cara, levando-o a desejá-la ardentemente. Ela captou o desejo nele e ofereceu um sorriso. Na margem contrária, uma manada de zebras de Grevy aparecera para beber. Camilla sempre gostara das suas características listras estreitas, das barrigas brancas e das orelhas grandes e redondas.

– São definitivamente mais bonitas do que as outras zebras – disse ela. – Talvez seja por serem mais altas e não parecerem estar a usar camisolas de futebol ou pijamas demasiado apertados.

Mas Anthony não tivera tempo para comentar porque o rádio-telefone ganhou vida e arrebatou o primeiro dia da sua vida de casados.

– Eu vou a Nanyuki contigo – disse Camilla sem hesitar. – Posso conduzir parte do caminho.

– Não, querida, é totalmente desnecessário. – Abraçou-a levemente e afagou-lhe o cabelo.

– Não vou conseguir descansar enquanto não voltares – disse ela. – Seria melhor se ficasse no Safári Club. Esperava lá por ti. Podíamos passar os dois a noite e voltar para aqui de manhã.

– Não. Acabámos de chegar e o acampamento está montado. Não faria sentido arrastar-te para Nanyuki. – Foi categórico e, uma hora mais tarde, tinha partido, deixando-a a passar a tarde num passeio para ver animais com Sammy. Era tarde, à noite, quando a chamada pelo rádio finalmente chegou, o zunido e a crepitação distorcendo a voz de Anthony. As suas mãos tremiam ao levantar o auscultador.

– Está tudo tratado, querida. Não posso falar agora mas conto-te tudo de manhã. Estou no Safári Club... tiveram a amabilidade de me oferecer um quarto e uma refeição. Vemo-nos por volta das oito, ao pequeno-almoço.

O pessoal do acampamento havia-se retirado, excepto Leleruk, o guarda-nocturno, que estava na margem do rio, apoiado na lança e olhando para as estrelas para lá da fogueira. Camilla serviu-se de um *brandy* e levantou-se para se encaminhar para a tenda. O samburu surgiu instantaneamente ao seu lado, os seus dentes brancos reluzindo na escuridão ao tirar-lhe a candeia da mão, atravessando o acampamento alguns metros à frente dela e iluminando o caminho com a lanterna.

– A Mama está em segurança esta noite. Não andam elefantes nem búfalos no acampamento enquanto o Leleruk estiver de guarda – disse ele orgulhosamente, esperando que ela abrisse o fecho da tenda.

Nem marido, pensou Camilla, pousando a candeia na mesinha-de-cabeceira. Olhou para a cama, os lençóis e as almofadas imaculadas e à espera. E vazias.

Acordara de madrugada. Na margem oposta do rio, uma manada de elefantes chegara para beber e se refrescar, empurrando suavemente as crias para a água e ensinando-as a chapinhar e a rebolar-se nos baixios de lama. Um crocodilo observava de um ponto privilegiado ali próximo, mas a cria mais pequena estava rodeada de adultos e ele fechou os seus olhos de réptil e esperou por melhor oportunidade.

Depois de ter olhado para o relógio pela décima vez, tirou-o, decidindo não pensar onde Anthony estaria e quanto tempo demoraria a chegar ao acampamento. Passara anos a aguentar as suas idas e vindas, mas agora tudo mudara e de repente queria-o constantemente à vista, ao seu lado, suficientemente perto para poder ver as manchas nos seus olhos, as rugas de expressão no seu rosto quando sorria. Devia arranjar uma maneira de disfarçar até certo ponto esta nova premência, mesmo que não conseguisse controlá-la. Ele não ficaria feliz se ela permitisse que este sentimento de posse dominasse as suas emoções ou influenciasse as suas vidas. Minutos depois, ouviu o som do *Land Cruiser* e levantou-se de um salto, a explodir de felicidade. Atirou a resolução às urtigas, atravessando o acampamento a correr e lançando-se nos seus braços.

– Estou faminto – disse ele, sorrindo-lhe. – Senti o cheiro do *bacon* frito a meio quilómetro na estrada. É espantoso que o sítio não esteja cercado de leões esfomeados. Francis, papa de aveia, ovos e salsichas. Com torradas e café, por favor. Deixamos as aventuras de ontem à noite para uma conversa privada mais tarde. A propósito, já lhe disse esta manhã que a adoro, Mrs. Chapman?

Tinham-se demorado ao pequeno-almoço, dando de comer aos estorninhos à volta dos seus pés, deitando olhares furtivos um ao outro enquanto o pessoal ia sorrindo em privado. Apesar do calor que aumentava, o ar estava doce à volta deles quando se sentaram numa secção de sombra, de mãos dadas e rindo-se das cabriolas dos macacos-vervet e de uma manada de elefantes do outro lado do rio.

– Olha para o pequenino no meio – disse Camilla. – Entalado entre as pernas enormes da mãe, tão divertido a atirar água com a tromba pequena.

– Não pode ter mais de um mês – disse Anthony. – Queres ter filhos, Camilla? – Riu-se da surpresa no seu rosto. – Eu quero montes de *totos* louros, a correr pela casa, querida. Vamos fazer montes de bebés, a começar agora.

Depois de fazerem amor, ficaram deitados nos lençóis revoltos, sem falar, relutantes em deixar que o bulício do mundo exterior contaminasse a perfeição do seu espaço privado, suspirando um pouco com o calor

enquanto a árida savana, para lá do acampamento, se rendia ao sol incandescente.

Não houvera mais interrupções à sua lua-de-mel.

– Felizmente não correu nada mal na serração. – Camilla regressou ao presente e passou um braço pelos ombros de Hannah. – Nunca mais voltamos a falar nisto. Só queria que compreendesses por que razão a Sarah estava tão transtornada.

– Agora compreendo. E a Lila?

– Uma moeda de troca para o pai. Não sabia nada sobre este contrato com os novos sogros.

– É para veres o que é a felicidade de um casamento combinado – disse Hannah. – Onde é que ela vai ficar quando chegares a Londres?

– Já se mudou para um apartamento dela. O Tom contratou-a como secretária e assistente. O escritório dele sempre foi um caos e a Lila é organizada e metódica, e tem jeito para os números. – Camilla riu-se. – Ele disse-me que a ajudou a mobilar a casa e, ao que parece, leva-a a jantar às vezes. Quem sabe no que isso poderá resultar?

– Ó diabo. – Hannah soltou uma gargalhadinha ao considerar as possibilidades. – Sempre disse que o Tom era inconstante e libertino. Adoro!

– Não sei no que vai dar, se é que vai dar em algo – disse Camilla. – Mas podia acontecer pior.

Quando chegaram a casa, Lars esperava-as com um rosto pálido de tensão.

– O meu pai teve um ataque de coração – disse ele. – Recebi um telefonema há uns minutos. Está no hospital a ser operado. Não sabem se vai safar-se, Han. A minha mãe está com ele e a Ilse está a caminho.

– Lars. – Hannah pôs os braços à volta dele. – Que choque terrível. Pobre Kirsten... deve estar louca de aflição. O que é que podemos fazer?

– Esperar. Só podemos esperar e ter esperança. Só daqui a três ou quatro horas é que sabemos alguma coisa.

– Nós ficamos – disse Anthony. – Até terem notícias. Querida, podemos partir amanhã, para o caso de podermos ajudar em alguma coisa enquanto o

Lars decide o que se pode fazer. Que dizes?

– Absolutamente – respondeu Camilla. – Claro que ficamos.

Em segundo plano, Lottie estava séria e silenciosa, os seus olhos repletos de compaixão enquanto Lars conduzia Hannah para o escritório.

– Eu sabia que havia um problema – disse ele. – Recebi uma carta dele recentemente. Tinha feito exames e as coisas não pareciam estar muito bem.

– Não falaste disso. – Hannah olhou para ele, surpreendida. – Por que diabo não me disseste nada?

– Nunca perguntaste por eles – disse Lars. – Desde que chegámos, quase nunca falaste nos meus pais a não ser para obrigares as crianças a escrever cartas de agradecimento. Achei que não estavas interessada em saber nada deles.

– Isso é absurdo. – Hannah mostrou-se defensiva, reconhecendo que ele tinha razão. – Claro que me interesse por eles. Claro que quero saber. Simplesmente não queria...

– Lembrar a proposta deles, feita com toda a inocência e generosidade – disse ele. – Uma proposta que eu recusei de imediato, apesar de saber como ficariam desiludidos. Mas tu decidiste transformá-la numa razão para os excluíres da nossa vida e da vida dos nossos filhos.

– Desculpa, Lars. – Sentou-se, deixando-se cair de lado na cadeira. – Sinto muito. Fui estúpida e egoísta a respeito de duas pessoas bondosas e amáveis. *Ach*, tinha tanto medo que te sentisses tentado a levar-nos daqui e não devia ter tido. – Estendeu os braços e puxou-o para si. – Vai correr tudo bem – disse ela. – O Jorgen é um homem forte e fisicamente capaz para a idade. Vai safar-se. Tenho a certeza. E depois podemos convidá-los para passarem umas férias aqui ou voltamos à Noruega com as crianças. Custe o que custar. Anda, vamos para a sala de estar esperar com os outros. Ajuda-nos a passar o tempo.

Ao fim da tarde, o som do telefone fez com que Lars corresse para o vestíbulo. Por alguns momentos, ficou ali sem falar, segurando no auscultador e olhando para ele. Kirsten surgiu na linha mas falava incoerentemente. Por fim, foi Ilse quem fez o pedido.

– A operação correu bem – disse ela. – Mas ele vai ficar nos cuidados intensivos por alguns dias e o coração está gravemente afectado. Não sei o que isto significa em termos futuros nem por quanto tempo poderá ser. Acho que deves cá vir. Passar um tempo com a mãe. Eu posso ficar uma semana, mas seria bom se pudesses chegar entretanto. Levá-la ao hospital, ajudar na quinta até o pai voltar para casa e poder tomar providências com os vizinhos.

– Vou o mais rapidamente possível – disse Lars. – Antes do fim da semana.

Quando chegaram da escola, as crianças souberam a notícia. Suniva chorava no colo da mãe e Piet olhava para o pai num silêncio choroso.

– Querem vir dar uma volta comigo? – perguntou Camilla às crianças. – Podemos ir a um sítio bonito e pensar no vosso avô e nos momentos maravilhosos que passaram juntos. E apanhamos algumas flores para ele e rezamos uma oração especial para o ajudar a recuperar as forças.

– Sim – disse Suniva. – Mas primeiro quero dar uma coisa ao papá que também o vai ajudar.

Saiu a correr da sala de estar e voltou momentos depois com um caderno de desenho que Camilla lhe dera em Londres. Folheou as páginas até encontrar o desenho que fizera de Jorgen, sentado à mesa da cozinha com o cachimbo numa tigela de barro ao seu lado.

– É para ti – disse ela, abraçando Lars. – Mais tarde, podemos sentar-nos juntos e tu podes fazer um desenho teu dele. E, papá, eu sei que me deste tudo o que podias dar.

– Obrigado – disse ele num tom grave, surpreendido com a estranheza das suas palavras e fazendo um esforço supremo para esconder a sua angústia. – Mas já sabes que não sei desenhar porque sempre usei as minhas mãos para outras coisas como tractores e reparar vedações. Por isso, isto é ainda mais importante porque o retrata bem e eu sei que ele gostou muito deste desenho.

– Tu não te lembras é de como se desenha – disse ela, sorrindo. – Provavelmente porque há muito tempo que não tens tempo para praticar. Este desenho do avô Jorgen é para te lembrar.

– A Ilse quer que eu vá lá passar uma semana ou assim – disse Lars a Hannah mais tarde, enquanto tentavam decidir o que fazer. – Para estar com eles. Devia ter prestado mais atenção antes. Falado com ele ao telefone com mais frequência. Tentado encontrar uma solução. Mas não te queria aborrecer.

– Não te podes censurar por não saberes – disse Hannah. – E não me agrada a tua sugestão de que eu sou de algum modo responsável por não ires visitar o Jorgen.

– Não estou a dizer nada disso. – Lars espalmou as mãos sobre a secretária, baixando os ombros. – Hannah, por favor, não discutamos neste momento. A única coisa que importa é que façamos os preparativos para eu poder partir. E estou a pensar que devias ir comigo. Só por uns dias.

Ela olhou para ele, consternada. – Não podemos os dois deixar outra vez a fazenda e as crianças. Além disso, o Piet tem consulta com o especialista em Nairobi na próxima quinta-feira. É um acontecimento importante para ele.

– Podemos adiar isso – disse ele, tentando persuadi-la de uma forma meiga e apercebendo-se do temor que ela sentia pelo filho. – Talvez a Lottie pudesse ficar até regressarmos. Durante uma semana ou assim. Podíamos também pedir à Sarah se podia vir ajudar com as crianças.

– Não, Lars. – Hannah mordeu o lábio, abanando a cabeça. – Acho que não...

– Gostava de saber se ainda tenho alguma importância para ti – disse ele, os olhos subitamente a brilhar de raiva. – O meu pai pode estar a morrer e eu estou a pedir-te, como minha mulher, que me acompanhes à Noruega. Para tentarmos ajudar a minha mãe e talvez para nos despedirmos dele. E tu só pensas em desculpas para não ir.

– Não – disse ela. – Não é nada disso. Tu és a pessoa mais importante da minha vida. Amo-te, Lars, mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Mas estou grávida, é uma viagem muito longa e estou preocupada com o Piet.

– Vou dar uma volta – disse ele, pegando no pisa-papéis da secretária e apressando-se a pousá-lo, para evitar o desejo de o atirar contra a parede e

trazê-la à força para a sua realidade. – Preciso de algum tempo sozinho.

Passou por ela e saiu da sala sem olhar para trás. Hannah viu-o pela janela a dirigir-se em passos largos para a garagem e depois ouviu o ruído do carro a trabalhar. Voltou para a sala de estar e sentou-se com a cabeça entre as mãos.

– Ele precisa de estar sozinho por uns momentos – disse ela a Lottie, as palavras saindo um pouco abafadas. – Quer que eu vá à Noruega com ele, mãe, mas eu não posso adiar a visita do Piet ao especialista. Não é razoável.

– Acho que deves ir com ele – disse Lottie. – Eu fico aqui com as crianças e o Mike Stead ajuda com qualquer urgência na fazenda, como antes. O Lars precisa de ti, minha querida, e a decisão sobre a operação do Piet pode ser adiada uma semana ou assim. Se é que é necessária.

– Onde estão as crianças? – Hannah levantou a cabeça. – Devia estar com elas. Devem sentir-se muito tristes.

– O Piet foi dar uma volta com a Camilla. O James e a Suniva estão algures com o Anthony – disse Lottie. – E quando o Lars voltar, deves dizer-lhe que o acompanhas. É vital, Hannah, tens de compreender.

Hannah levantou-se. – Não, mãe, não vou. Vou ficar aqui com as crianças e levar o Piet ao especialista. É o mais importante. De qualquer maneira, não temos dinheiro para irmos os dois para a Noruega. Nos últimos tempos já fomos duas vezes de férias e estamos com problemas com a seca, com os *watu* a cortarem as vedações e a tentarem entrar aqui com o gado. Há gente a roubar-nos a água, a rebentar os canos, a matar os nossos animais pela *nyama*. Preciso de estar aqui. Se as coisas piorarem na Noruega, reconsidero. Mas por agora fico cá. E não se fala mais nisto.

– Acho que esta casa que construíram na floresta é maravilhosa, mas não é muito segura. – Anthony recuou e examinou a pequena estrutura. – Estão a ver... é o rasto de um leopardo. – Apontou para uma marca na terra margosa. – E não passou por aqui há muito tempo. É um macho grande e não faltam por aí búfalos e elefantes.

– É o nosso sítio especial – disse Suniva. – Apanhámos os paus todos e as folhas e amarrámo-los com plantas. Não chove lá dentro.

– Fazemos sempre uma fogueira para os animais grandes não se aproximarem – disse James. – Como faz no seu acampamento. O velho Juma ensinou-nos isso há muito tempo, antes de se reformar. Quando éramos *totos*.

– A Hannah não gosta que vocês desapareçam na floresta – disse Anthony.
– E é feio deixarem-na aflita.

– Ela tem medo da floresta porque foi onde o homem se escondeu – disse Suniva. – Depois de matar o tio Piet. É por isso que nunca vem aqui.

– Bem, pode não fazer mal passar algum tempo aqui durante o dia – disse Anthony. – Mas nunca de manhã cedo, nem ao anoitecer.

– O papá ensinou-nos como os animais se comportam. Como ouvir e saber o que as árvores e as aves e o vento estão a dizer – disse Suniva cheia de confiança. – Ele vem aqui às vezes, para ver se a casa ainda está resistente. Não queremos mais ninguém.

– Uma vez, uns rapazes da sanzala seguiram-me até aqui e mais tarde vieram e deitaram a casa abaixo. – James deu um murro no tronco de uma árvore próxima, os seus olhos ensombrando-se. – O Achole foi atrás deles com um grande *rungu* e eles apanharam um susto e nunca mais apareceram. Nós construímos-la outra vez, e ainda melhor. E se eles voltarem dou-lhes luta.

– Suponho que estás a falar dos mesmos rapazes que te bateram. – Anthony virou-se para James. – Deves ignorá-los. São brutos e há muitos como eles em todo o lado. Costumavam intimidar-me na escola e alguns dos rapazes mais velhos tentavam andar à bulha comigo. Detestava. Chamavam-me nomes porque eu era magrizona e tinha cabelo ruivo e pernas altas com joelhos salientes. E era uma nódoa a jogar rãguebi.

– Mas não diziam que não tinha pai nem mãe. – James olhou para o chão e espetou um pau na terra. – Não troçavam de si porque não tinha clã ou família.

– Não. Não faziam isso. – Anthony pousou a mão no ombro do rapaz. – Mas esses rapazes com ar de durões não têm, na maioria, vidas boas, apesar de viverem com os seus clãs. Os pais ou os irmãos mais velhos batem-lhes muitas vezes. Também têm uma vida dura a trabalhar nas *shambas* e a

guardar as cabras quando não estão na escola. É raro terem alguém em casa que os ajude com os deveres e por isso têm mau aproveitamento nas aulas. Acho que muitos dos rapazes que te dão problemas têm ciúmes porque a Mama Hannah e o Lars te tratam muito bem.

– O David diz que o meu pai morreu. E a minha mãe também. Diz que a Mama Hannah me tirou do orfanato porque eu tinha um sorriso bonito e *akili*. Sabia?

– Claro que sim. – Anthony riu-se e deu uma palmadinha no queixo do rapaz. – E fez muito bem.

– Onde é que a mamã encontrou o James? – Os olhos de Suniva estavam brilhantes de curiosidade. – Em que orfanato?

– Tens de lhe perguntar a ela. – Anthony não fazia ideia de qual seria a versão oficial de Hannah da história, nem do que David já teria dito.

– Alguma vez conheceu o meu pai ou a minha mãe? – Havia esperança na pergunta de James.

– Não. Mas tenho a certeza de que eram boas pessoas e que fizeram tudo para estares em segurança. – Anthony sentiu um aperto de compaixão no coração. Era difícil saber como podia dissipar as dúvidas que haviam finalmente surgido na consciência de James.

– Como é que os meus pais morreram? – perguntou ele num tom de desespero. – Sofreram ao morrer? Acha que foram para o Céu?

– Não sei como morreram, nem porquê – respondeu Anthony. – Mas garanto-te que se sentiriam muito orgulhosos se te vissem agora. E se existe um sítio chamado Céu, é de lá que estão a olhar para ti com felicidade, sabendo que encontraste um bom lugar para viveres a tua vida.

– Espero viver sempre aqui, em Langani – disse James. – Porque não tenho outro sítio. É o que a Suniva diz também. Que devemos viver aqui para sempre.

– E vamos viver. – Suniva pegou-lhe na mão. – Desde que seja o nosso desejo, é o que vai acontecer.

– Então o que têm de fazer é desejar muito – disse Anthony. – Isso aplica-se a quase tudo na vida. Vá, vamos ver se o Lars tem mais notícias da

Noruega. E vamos formular o desejo de que o avô Jorgen se restabeleça em breve.

CAPÍTULO 22

Londres, Novembro de 1977

— **A** coqueluche da porra da cidade. — Tom Bartlett pôs os pés na secretária e acendeu um charuto. — Conquistadores das revistas de luxo e dos tablóides do mundo. O grande caçador branco e a sua beldade da alta-roda. Nunca vi tantos artigos de revista e fotografias e sei lá que mais. Felizmente que vão voltar para casa. Estou completamente exausto.

— E estamos muito, muito mais ricos, como acaba de nos informar o nosso contabilista. — Camilla riu-se e deu-lhe uma palmadinha na face. — És um amor de rapaz, e inteligente. Ainda me custa a crer que me arranjaste essa coisa da estilista do ano. E a encomenda da Bergdorf Goodman, que vai deixar o Saul Greenberg mais rico do que nós os dois juntos. Nunca mais hei-de esquecer a cara dele quando assinámos o contrato em Nova Iorque. Tinha os olhos colados ao papel e não saiu da mesa enquanto a tinta não secou.

— Em nenhuma das suas fantasias regadas a *Martini* sonhou que faria alguma coisa que não fossem vestidos baratos para empregadas de escritório — disse Tom.

— Deixa-me que te lembre que alguns desses eram meus — disse Camilla. — Foi um dia feliz para nós os dois quando me convenceste a colaborar com ele. Ganhámos rios de dinheiro com esses vestidinhos com o meu nome na etiqueta.

— Eram para o mercado de massas — disse Tom. — Agora ele chegou ao topo. Entrou na Bergdorf's graças aos teus novos modelos refinados. Se sobe mais, fica com uma hemorragia nasal permanente.

– A partir de agora, imagina-se em todas as festas chiques de Nova Iorque com as mulheres mais sofisticadas a usar os nossos vestidos. Querido Saul. Fico contente por ele.

– Só queria que mudasses de ideias e fizesses as fotos da *Cartier* – disse Tom.

– Não – disse ela. – E não percas tempo a dizer-me que estou a ficar velha de mais para outra oportunidade mais tarde. Ameaças-me com isso sempre que cá venho. São horas de voltar para casa, Tom. Além disso, acabaste de dizer que estás cansado da minha presença aqui.

Levantou-se, alta e esbelta, os seus olhos azuis brilhantes, o rosto mais belo do que nunca. Ele nunca acreditara verdadeiramente que ela se casaria com Anthony, correndo o maior risco da sua vida.

– E Londres, Nova Iorque, Paris e os círculos em que te moves lá? – tinha-lhe perguntado em Lamu, na véspera do seu casamento. – És realmente capaz de abandonar isso permanentemente e enterrares-te no meio do nada?

– Isto não é o meio do nada – tinha ela dito, abarcando com um gesto o jardim perfumado e o mar iluminado pelo luar. – Vou continuar a dividir o meu tempo entre o Quénia e Londres ou Nova Iorque. Vou continuar a trabalhar mas, a partir de agora, o centro do meu mundo é aqui.

– Certo, Lamu é espectacular. Mas a vida em Nairobi não é exactamente esplendorosa. Um filme antigo num cinema malcheiroso, seguido de um naco de alce regado com uma garrafa de vinho medíocre, e um velho qualquer de sobretudo e *panga* à porta de tua casa, para o caso de alguém tentar roubar-te ou matar-te. Não é propriamente aquilo a que estás habituada, querida. – Mostrara-se abertamente céptico. – E essas noites todas nas estreias de teatro no West End? E chegar à Tate e à Royal Academy e à ópera de limusina como convidada de honra? E as mesas especialmente reservadas para ti nos melhores restaurantes de Londres e Nova Iorque? – Inclinou-se, a sua cara a centímetros da dela.

– Só dizes disparates – disse ela, afastando-o. – Isso são coisas em que terei muito prazer sempre que for à Europa. Nunca desejei estar no centro do que descreves. Aconteceu por acidente e estou grata pelo sucesso que tive. Mas não quero viver o resto da minha vida a desempenhar um papel

que me foi imposto porque sou atraente. Prefiro mil vezes ir a um evento porque quero ir e não porque me pagam para lá estar.

– Vais sentir saudades – insistira Tom. – Agora estás na lua mas hás-de cair na realidade quando tiveres passado seis meses no pó de Karen, a enxotar mosquitos e a afugentar todo o tipo de insectos rastejantes, com a relva ressequida da seca e a electricidade e o telefone avariados metade do tempo.

– Oh, por amor de Deus, Tom. – Camilla desatou a rir. – Somos capazes de ter de arranjar uma casa melhor ou até construir uma. Seria divertido. Seja como for, nunca quis viver num prédio classificado nem numa *penthouse* em Park Avenue onde as paredes da minha casa ditam quem eu sou e o que se espera que eu seja.

– Ouve bem o que te digo, querida – dissera Tom, sacudindo-lhe o dedo. – Não vais conseguir mudar isso drasticamente. O teu mundo de fantasia vai começar a evaporar-se em breve.

Agora tinha de admitir, contrafeito, que ela estava a prosperar. O casamento assentava-lhe, mas havia algo de diferente no seu aspecto hoje. Estava resplandecente, quase incandescente, e emanava dela uma suavidade que ele nunca tinha visto.

– Vamos almoçar – disse ele, ficando desapontado quando ela abanou a cabeça.

– Não. Tenho um encontro com o Anthony. Só os dois. Mas podemos jantar. Estamos ambos livres esta noite... sem *cocktails*, entrevistas, reuniões com clientes.

– Três aborrecem-se – disse ele, revirando a boca para baixo. – E não consigo competir com o teu rapaz da selva.

– Pelo que vi, tens outras coisas em mente. A Lila está definitivamente pelo beicinho. Mas deves ter cuidado, Tom. Ela não é nenhuma bonequinha londrina com quem podes brincar. Passou por uma má experiência e está vulnerável e assustada. Sei que tens tratado bem dela. Mas não brinques com as emoções da rapariga.

– Desde que o espertalhão do primo chegou, tem passado mais tempo com ele do que comigo – disse Tom.

– Como eu, o Rabindrah está desejoso de voltar para Nairobi – disse Camilla, pegando no casaco e na carteira. – O *Daily Telegraph* encomendou-lhe alguns artigos sobre os direitos dos cidadãos da Commonwealth de entrar na Grã-Bretanha. Quando acabar, vai-se embora e deixa-te a costa livre. E o pai dele está a resolver os problemas legais da Lila para ela conseguir o divórcio.

– Ele vai quando o patrão dele em Nairobi achar que é seguro ele voltar – disse Tom. – A propósito, pensei em levar a Lila à tua casa de campo nos Cotswolds no próximo fim-de-semana. Era capaz de ser uma distração agradável.

– Podes usá-la quando quiseres – disse ela. – Tinha-me esquecido de como é pitoresca e do encanto com que a minha mãe a decorou. Adorei ter lá levado o Anthony. Mas diz lá, isto é uma das tuas fantasias passageiras ou apaixonaste-te mesmo por ela?

– Estás com demasiada pressa para discutires as complexidades da minha vida amorosa – disse ele, ainda amuado pela recusa dela em almoçar com ele. – Vai-te lá embora.

– Se mudares de ideias a respeito do jantar, apita – disse ela, inclinando-se para o beijar na face. – Podes convidar a Lila e o Rabindrah, se quiseres.

– Soa-me mas é a um maldito circo – disse ele, não se deixando aplacar. – Depois digo-te.

Ela saiu do escritório dele, descendo a correr a escada íngreme, o coração batendo de impaciência ao procurar um táxi. Estava frio na rua e ela aconchegou a gola do casaco de pele à cara e refugiou-se no seu calor. Tinha escolhido uma mesa sossegada no Connaught para o almoço e ficou satisfeita ao ver que Anthony ainda não chegara.

– Bem-vinda, minha senhora. – O chefe de mesa apareceu assim que ela surgiu à entrada da sala de jantar. – Tenho a sua mesa para dois no canto. Deseja uma bebida enquanto espera?

– Champanhe – disse ela, contemplando-o com o seu sorriso mais deslumbrante. – Trata-se de uma celebração.

Minutos depois, viu Anthony a atravessar a sala na sua direcção, para saber do segredo que até hoje lhe escondera. Desde a confirmação dessa

manhã no consultório de Harley Street, ensaiara as palavras um milhar de vezes, memorizando e aperfeiçoando o seu anúncio, para conseguir transmitir o pleno significado do milagre que haviam criado juntos. Levantou os olhos para ele, derretendo com a felicidade de o ver, antecipando a sua reacção, sentindo já a presença do filho de ambos dentro de si.

– Querida. – Anthony sentou-se ao lado dela e aproximou a cadeira da mulher. A sua expressão era grave e ela estudou-o com inquietude.

– Passa-se alguma coisa? É a perna que te está a incomodar?

Ele não respondeu imediatamente. Esperou que o champanhe fosse servido e levantou o copo. – À sobrevivência – disse.

– Sobrevivência?

– Querida, tenho estado ao telefone com Nairobi. Praticamente toda a manhã. Aconteceu uma coisa durante a nossa ausência. Não me vou pôr com rodeios. O Duncan Harper limpou-nos as contas bancárias e desapareceu. Provavelmente deixou o país. A polícia anda atrás dele, mas tenho a certeza de que é tarde de mais.

– O quê? – O tempo parou enquanto ela o fixava, incrédula. – O Duncan? Mas ele é tão honrado, tão leal. É meticoloso ao ponto de te pôr doido. É impossível que tenha feito uma coisa dessas. Deve haver algum engano.

– Não há engano nenhum – disse ele num tom sombrio. – Não apareceu no trabalho na segunda e toda a gente no escritório presumiu que estivesse doente. Mas ontem continuou sem aparecer, quando os cheques dos salários tinham de ser assinados, e para pagar os comes e bebes dos acampamentos e as contas habituais. A Rose ligou para casa dele mas ninguém atendeu. Por fim, resolveu lá ir, pensando que ele estivesse gravemente doente, ou que tinha sido assaltado. – As suas mãos agarraram a borda da mesa, os nós dos dedos bronzeados agora brancos com a tensão. – Tinha desaparecido. Os guarda-fatos estavam vazios. Não deixou ficar nada de pessoal. O criado disse que tinha sido pago antecipadamente... antes do fim-de-semana... e que o Duncan lhe tinha dito que ia para fora uns dias. Mas o senhorio ligou esta manhã para o nosso escritório e disse que não tinha recebido a renda de Dezembro.

– O que é que vais fazer? – O dia nascera promissor, mas agora Camilla só conseguia esforçar-se por permanecer sentada, enquanto sentia um aperto no estômago e náuseas que dissipavam a felicidade da ocasião. – Que podemos fazer?

– Reservei lugar no voo desta noite – disse ele. – É uns dias mais cedo do que tínhamos planeado, mas temos de partir.

– Vamos precisar de dinheiro em Nairobi – disse ela, refugiando-se nas questões práticas. – É melhor fazer uma transferência da minha conta aqui.

– Tens razão – disse ele, passando a mão pelo cabelo, incapaz de olhar directamente para ela, consciente de que a sua determinação em protegê-la, em olhar sempre por ela, já fora destruída. Ia, pelo contrário, ter de depender dela para uma astronómica quantia de dinheiro e ela teria de continuar a ser a âncora dos dois, a que continuaria a manter a sua vida no bom caminho, como antes.

– Infelizmente, vais ter de transferir alguns fundos para manter o escritório a funcionar até conseguirmos resolver isto. Podes transferir o suficiente para pagar os salários do mês passado e os próximos três ou quatro meses da estação? Mais provisões, tarifas de reservas e manutenção dos veículos para todos os safáris marcados de Dezembro a Abril? O suficiente para nos aguentar de pé até decidirmos o que fazer?

– Claro que posso. Eu e o Tom temos de tratar das despesas normais aqui para confecção e distribuição das roupas e acessórios – disse ela, reconhecendo a humilhação dele. – E os custos de publicidade, mais os honorários do Tom. Mas posso transferir uma verba para fazer face ao problema.

– Deus do Céu, isto vai ser muito difícil – disse ele. – O maldito do Duncan Harper tinha acesso às nossas contas locais e no estrangeiro. Tornei-o signatário há quase dois anos e ele limpou praticamente tudo. Se o apanhasse, dava uma carga de porrada ao sacaninha e atirava-o aos crocodilos. Percebi pelo tom da Rose que o pessoal está cheio de medo de perder os empregos e tenho de lhes garantir que vão ser pagos. Não podemos perder nenhum elemento do pessoal do escritório ou dos acampamentos quando a estação está quase a começar.

– Eles ficam – disse Camilla. – A grande maioria já está contigo há anos. Assim que receberem os salários, ficam mais descansados.

– Pelo menos saiu uma coisa boa disto. – Tentou sorrir. – Por agora, não temos dinheiro para pagar a guias de fora e, como tal, tu e eu temos de acompanhar os clientes, assim que arranjarmos um novo chefe de escritório. Pensa nas manhãs todas em que vamos acordar a ouvir os sons do mato e a ver a lua a nascer sobre o Mara ou os Montes Chyulu.

– Estou a pensar – disse ela, satisfeita por ele não ter notado o nó na sua garganta.

– Marquei uma reunião no banco amanhã de manhã, assim que chegarmos a Nairobi. Temos de explorar as possibilidades de crédito até nos endireitarmos. És tu e eu, Camilla. Nunca imaginei que pudesse acontecer uma coisa destas mas, juntos, vamos conseguir ultrapassar esta crise.

– Sim – disse ela, a sua voz soando, aos seus ouvidos, completamente desajustada, ao repetir as palavras. Respirou fundo, devagar, numa tentativa de se acalmar. – Juntos ultrapassamos a crise.

– A propósito, para que é que pediste champanhe? – Olhou para ela e ergueu o copo, sem esperar por uma resposta. – Seja como for, mais vale saboreá-lo porque, a partir de agora, vão ser poucas as ocasiões.

– Queria celebrar todos os dias ditosos em que temos estado casados – disse ela, sorrindo na sua dor, quando o seu futuro perfeito se evaporava na tarde cinzenta. – E todos os dias que aí vêm.

– Adoro-te – disse ele, sorrindo por fim. – Amo-te antes de tudo e no fim de tudo e para além de tudo e hei-de compensar-te por isto. O que aconteceu é catastrófico, mas havemos de sobreviver e a tudo o mais que nos apareça ao caminho. Vamos pedir. Preciso de comer e preciso de fazer amor contigo e vamos arranjar tempo para as duas coisas antes do voo logo à noite.

– Não posso partir esta noite – disse Camilla. – Preciso de ir ao banco e tomar providências para transferências regulares nos próximos meses. Concluir algumas coisas que discuti com o Tom esta manhã. – Mordeu o lábio. – A culpa é minha, sabes? Fui eu que descobri o Duncan e que insisti para o contratares.

– Claro que não é culpa tua coisa nenhuma – disse ele.

– É, pois. Devia tê-lo investigado mais cuidadosamente. Mas ele mostrou-se tão eficiente desde o princípio que confiei nele. Não verifiquei as referências dele. Nem sequer a firma de contabilidade onde tinha trabalhado antes de ir para o Quénia. – Estava determinada em não chorar, mas os seus olhos estavam húmidos. – Desculpa. Sinto muito.

– Querida, este homem geriu perfeitamente a nossa empresa desde o momento em que chegou. Nenhum de nós podia ter adivinhado que se ia revelar um escroque. As auditorias anuais não suscitaram senão dúvidas insignificantes. Negligência dos *watu* a lidar com o dinheiro de caixa e a ratonice habitual no armazém. Quando a Rose ligou esta manhã, convenci-me que ela estava enganada. Só depois de ligar ao Jonathan Chalmers no banco é que percebi que era verdade.

– Mas que diabo teria levado o Duncan a fazer uma coisa destas de repente? – Esforçou-se por permanecer calma enquanto esperava uma explicação.

– Há uma coisa – disse ele, pensativo. – Um pequeno incidente estranho. Na altura, não pensei muito nisso mas agora pergunto-me se terá algum significado. Uma noite vi o Duncan no casino. Ele tinha perdido uma grande soma de dinheiro mas foi ao caixa comprar mais fichas. Era evidente que estava a ter uma noite em cheio.

– Foste ao casino? – Ela estava surpreendida. – E achas que ele podia ser um jogador inveterado?

– É possível – disse Anthony. – Lembras-te do nome da empresa onde ele trabalhou aqui antes de ir para o Quénia?

Camilla franziu a testa, tentando lembrar-se. – O último emprego dele em Inglaterra foi numa grande firma em Leeds. As referências eram excepcionais. Assinadas pelo director executivo, que dizia que o Duncan saíra por motivos pessoais e que a empresa lamentava a sua partida. As coisas do costume quando um colaborador valioso se vai embora. Se bem te lembras, ele disse-nos que se tinha separado da mulher e queria afastar-se o mais possível.

– Bem, não há nada que possamos fazer até amanhã – disse ele. – Desfrutemos da nossa celebração. Dois meses e uma vida inteira pela frente em que cada momento é melhor que o anterior. Tens a certeza que não podes viajar comigo hoje?

– Vou o mais rapidamente possível – disse ela, esforçando-se por engolir uma garfada de peixe que lhe sabia a cinzas. – Mas esta tarde deves ir directamente para o apartamento e começar a fazer as malas enquanto eu passo pelo banco e ponho as coisas em andamento. Tens de ligar para a companhia aérea a cancelar o meu voo.

– Oh, meu Deus. – A tensão estava gravada no seu rosto. – Ainda não digeri bem isto, mas de repente parece uma tragédia.

– Vai correr tudo bem. – Ela adoptou um tom prático para se acalmar, mantendo a voz serena. – E vamos arranjar um novo chefe de escritório. Talvez alguém que conhecemos que trabalhou numa das grandes firmas de contabilidade de Nairobi e queira uma mudança. Vai levar tempo a repor tudo na ordem mas havemos de lá chegar. E depois podemos passar o nosso tempo juntos em safári. Será maravilhoso.

*

– O que estás a fazer outra vez aqui? Parece que foste fulminada por um raio – disse Tom. – O que aconteceu ao teu almoço romântico? Discutiram?

Os seus modos alteraram-se instantaneamente quando Camilla lhe deu a notícia e lhe pediu para usar a sala de reuniões para fazer algumas chamadas.

– Estou ao teu dispor – disse ele. – Sinto muito, querida. A vida é muito injusta às vezes mas, pelo menos, é só dinheiro. Podia ser muito pior. Merda, não chores. Não suporto ver-te chorar, Camilla. Toma... bebe um pouco de café. Vou deitar umas gotas de *brandy* porque estás com ar de quem está prestes a desmaiar. – Sentou-se ao lado dela, observando-a enquanto ela tentava dominar a tremura nas mãos e começava a preparar uma lista. – Se precisares de mim, dá um toque. Queres que a Lila te venha ajudar?

– Não. Neste momento, não consigo encarar ninguém. Podes dizer-lhe que o jantar está cancelado? Já agora, importas-te de ligar também ao Rabindrah e contar-lhe esta triste história? – disse ela. – Ah, e preciso do número de uma empresa em Leeds, se mo puderes arranjar. Aí tens o nome. Obrigada, Tom.

A recepcionista da firma de técnicos oficiais de contas ficou intrigada quando Camilla pediu para falar com Jeff Baggott, o director executivo.

– Não trabalha cá ninguém com esse nome – disse ela. – O director da nossa empresa chama-se Lloyd Macartney. Não, não é novo. Trabalha aqui há dez anos.

Estava relutante em passar a chamada mas, ao fim de alguma persuasão, Macartney atendeu finalmente. A princípio, mostrou-se cauteloso, mas a sua atitude suavizou-se quando ouviu a história dela e reconheceu o seu nome.

– Lembro-me do Harper – disse ele. – Tivemos de o dispensar. Problemas pessoais. E sim, tem razão. Tinha dívidas de jogo que o levaram a perder a mulher e a casa. Depois o banco acabou-lhe com o crédito a descoberto e arrumou com ele. Deve ter sido ele que escreveu as referências, usando papel timbrado da empresa e assinando com um nome falso. Deve ter corrido o risco, pensando que ninguém ia averiguar lá tão longe.

– Teve razão. – Ela deu um murro na testa. – E eu estou a pagar pelo meu desleixo. Obrigada pela sua ajuda.

A sua visita ao banco foi breve, embora o gestor que olhava pela conta dela há muitos anos tivesse ficado alarmado com o valor da transferência que ela pediu. A sua última chamada deixou-a a chorar, à comprida mesa polida, a cabeça pousada nos braços, o corpo sacudido pelos soluços ao despedir-se do seu sonho mais precioso.

Anthony fez amor com ela com mais ternura do que se recordava, segurando-lhe na cara enquanto a beijava, os seus olhos devorando todos os pormenores que a compunham.

– Lembra-te que, dentro de alguns dias, voltaremos a estar juntos – disse ele, um pouco mais tarde, depois de fazer as malas e estar pronto para partir.

– Nada mais importa.

Estava terrivelmente enganado, mas ela acenou mudamente com a cabeça, receosa de articular as palavras que não queria que ele ouvisse. Lançou-se nos braços dele uma última vez antes de ele pegar na mala e ela ouvir os seus passos desvanecer-se nas escadas.

Olhou para a praça em baixo e viu-o caminhar para o táxi parado, a sua figura sumindo-se na chuva indistinta.

– Rabindrah? – Hesitara antes de marcar o número dele, mas não tinha coragem para voltar sozinha para o apartamento e sentia que podia confiar nele.

– Camilla, onde diabo tens estado? É um alívio ouvir a tua voz. O Tom contou-me o que aconteceu com o Duncan Harper em Nairobi. Há dois dias que ando a tentar contactar-te, a ligar-te para casa e para o escritório do Tom. Cheguei mesmo a dar um salto ao apartamento ontem. Está tudo bem contigo? Tiveste notícias do Anthony?

– Falei com ele ontem e outra vez esta manhã. Está a resolver as coisas, mas é uma confusão que vai levar tempo. Ouve, queria saber se me podias vir buscar a... enfim, a esta morada. É uma clínica. Preciso de voltar para o meu apartamento. Podes vir buscar-me, Rabindrah? Não quero ir sozinha de táxi.

– Estás doente? Este problema com o Harper deve ter constituído um choque terrível. – Talvez tivesse sido um golpe demasiado duro para ela. Soava como se estivesse à beira de um esgotamento.

– Vem-me buscar – disse ela, nunca voz entrecortada. – E não digas a ninguém que falaste comigo. Por favor.

– Estou a caminho – disse ele. – Estou com o meu pai a trabalhar nas provas para o divórcio da Lila. Mas estou aí dentro de uns vinte minutos.

– Tenho de dar seguimento a um artigo – disse ele a Jasmer, ignorando o arquear de sobrancelhas e franzir de testa que se seguiu. – É melhor dizeres à mãe que posso não vir jantar logo. Assim que puder, volto.

Camilla estava à espera na recepção, o rosto mortalmente pálido, os olhos escondidos por baixo de grandes óculos de sol que tornavam o dia tão

escuro como o seu próprio espaço interior. Conduziram em silêncio até Knightsbridge. Ela subiu em silêncio as escadas para o apartamento, parando duas vezes no comprido lanço. Na sala de estar, sentou-se e tentou reprimir a memória do amor físico com Anthony antes de ele a ter abandonado à sua escolha. Soltou um pequeno gemido e inclinou-se para a frente.

– Que...? – Rabindrah não teve tempo para terminar a pergunta.

– Fiz um aborto – disse ela, numa voz mortiça.

– Oh, não. Oh, meu Deus. – Ele levou uma mão aos olhos, horrorizado com este anúncio brutal. – Camilla, não sei que... Oh, meu Deus. Disseste ao Anthony? Ele aceitou isso, para além de tudo o resto?

– Ele não sabia que eu estava grávida. Ia dizer-lhe ao almoço no outro dia mas depois ele... – As suas palavras eram categóricas, objectivas. – Ele precisa de mim agora, a tempo inteiro, no escritório e nos safáris. E eu disse ao Tom que aceitava duas grandes campanhas publicitárias europeias na Primavera. Para ganhar o dinheiro de que precisamos. Se estivesse grávida, não podia fazer nenhuma dessas coisas.

– Mas não devias...? Isso é uma coisa terrível. Meu Deus, o teu primeiro filho e...

– Não me julgues, Rabindrah. Fiz o que tinha a fazer. E tu nunca podes dizer a ninguém. Absolutamente a ninguém. Jura que nunca dizes a ninguém.

Ele assentiu, o seu coração caindo-lhe aos pés ao digerir a notícia. – Dou-te a minha palavra – disse ele. – Sinto muito.

Sentaram-se em silêncio no sofá mas, ao fim de algum tempo, ela começou a tremer, o corpo cheio de arrepios e os dentes a bater. Ele passou os braços à volta dela e tentou acalmá-la.

– Anda deitar-te – disse ele. – Eu ajudo-te a meteres-te na cama e vou buscar uma botija de água quente e mais alguns cobertores. Queres que ligue ao teu médico?

– Não. Ele deu-me calmantes. Estão na minha carteira. – As palavras eram quase inaudíveis mas, quando ele lhe passou o comprimido e um copo de

água, ela já não conseguiu falar mais por entre as lágrimas que a asfixiavam.

Ele conduziu-a para o quarto e depois foi ferver água e encher a botija enquanto ela se despia. Quando voltou, ela estava deitada na cama, embrulhada no roupão de Anthony, a cabeça enterrada na almofada onde o cheiro dele ainda se fazia sentir. As tremuras haviam parado e ela estava com os olhos enxutos.

– Obrigada – disse ela. – Obrigada por me teres trazido. Não queria voltar para casa sozinha, compreendes? Mas agora vou tomar o comprimido e dormir. E tu não dizes a ninguém que estiveste comigo, pois não?

– Não, não digo. Mas o Tom vai querer saber onde estiveste. Liguei-lhe ontem quando não te conseguia encontrar. Ele pensou que podias ter ido para a tua casa de campo, mas disse que ninguém atendeu quando telefonou para lá.

– Eu falei com ele esta manhã – disse ela. – Disse-lhe que estava lá mas que não queria falar com ninguém enquanto não tivesse resolvido as coisas na minha cabeça. Tens de ir embora agora, Rabindrah. Eu estou bem e daqui a nada adormeço. Tenciono regressar a Nairobi no princípio da próxima semana, mas podemos almoçar ou jantar antes de eu ir.

Ele hesitou, mas Camilla fez-lhe sinal para que fosse, com um meio sorriso nos lábios, aparentemente calma. Ouviu a porta fechar-se silenciosamente e levantou-se, incapaz de encontrar conforto na ideia de estar deitada. Sentou-se na cadeira junto da janela, fixando a noite que caía e escutando o som do vento e dos ramos nus, araneiformes, a bater contra o vidro. Sentia-se cada vez mais fria à medida que o seu espírito se deixava engolir por um vórtice negro de sofrimento. O seu corpo estava completamente imóvel, as mãos frouxas sobre os braços da cadeira, como num transe, até sentir o derramar de sangue quente que representava os restos da sua criança. Na casa de banho, viu reflectido o seu rosto mas desviou imediatamente os olhos, incapaz de suportar a agonia que via neles. Algures à distância, ouviu um som terrível que não reconheceu e, no momento seguinte, Rabindrah surgiu ao seu lado, segurando-a com força,

falando através de um muro de som que ela sabia agora ser o seu próprio desespero.

– Camilla, estou aqui. Ainda não tinha chegado à porta da rua quando compreendi que tinha de ficar contigo. Volta para a sala de estar. Não vais ficar sozinha. Vou fazer chá e prometo-te que não ficas sozinha enquanto não estiveres preparada. Olha, não tomaste o comprimido. Tens de tomá-lo agora e eu quero ver. Vai ajudar-te, Camilla. Precisas dele.

A expressão dela era vaga mas obedeceu e depois deixou que ele a instalasse no sofá. Ele não parou de falar enquanto estava na cozinha, numa voz baixa e serena. Tomaram o chá devagar até que o calmante fez efeito e ela se deitou no sofá e por fim adormeceu. Rabindrah cobriu-a com uma manta e sentou-se numa poltrona, dormitando de longe a longe, observando o ritmo da respiração dela e pensando no que ela fizera. Um filho. Ela trazia dentro de si um filho, a nova que ele e Sarah sempre haviam desejado, lutavam para criar, ao ponto de os seus esforços terem talvez destruído o seu casamento. Mas Camilla escolhera pôr fim à sua primeira gravidez. Tomara uma decisão implacável, aparentemente sem hesitar, para bem do marido. Estremeceu. Era essa a diferença básica entre os dois casamentos, interrogou-se Rabindrah. O facto de, para Camilla, ser sempre Anthony que estava em primeiro lugar, enquanto que... O seu raciocínio foi interrompido pelo som insistente do telefone.

– Não atendas. – Camilla mexeu-se no sofá e abriu os olhos. – Não consigo falar com ninguém. Para já. – Sentou-se e pousou cuidadosamente os pés no chão, como se não confiasse no seu equilíbrio. Em seguida, levantou-se e caminhou pela sala, acendendo candeeiros e a lareira, tornando o espaço quente e reconfortante. – Que horas são?

– Quase dez – disse ele. – Mas parou de chover e o vento amainou um pouco. A certa altura, pensei que esses ramos iam entrar pela janela dentro. Quando foi a última vez que comeste? Estás com fome?

– Não te devia ter envolvido nisto – disse ela. – Logo a ti, quando tens passado por tantos problemas com a Sarah e eu decidi não ter o meu bebé. Fui muito egoísta e peço desculpa, mas sabia que podia confiar em ti e que tu tentarias compreender. – Ele não respondeu e ela apressou-se a mudar de

assunto. – Sim, estou com fome. Não consegui comer nada na clínica e agora estou cheia de fome.

– Eu vou buscar comida indiana – disse ele. – Do restaurante indiano na esquina.

– Se esperares um minuto, vou contigo – disse ela. – Um bom caril parece perfeito.

– Está frio lá fora. – Rabindrah pôs-lhe uma mão no ombro para a impedir.
– Acho melhor ficares ao pé da lareira.

– Está frio aqui – disse ela, colocando a mão sobre o coração. – Vou contigo. É uma declaração, não há discussão.

Escolheram *chicken masala*, arroz e *bhajis* e levaram a comida para o apartamento, comendo como se passassem fome há dias, terminando com mais chá e voltando para o grande sofá.

– Um *brandy* – disse ela. – Acho que estou a precisar. Passas cá a noite, Rabindrah? – Desta vez não olhou para ele, receosa de uma rejeição. – Eu sei que é pedir muito, mas não sei se consigo estar sozinha.

– Claro que fico – disse ele. – Podes acordar-me se precisares de alguma coisa ou se te sentires mal.

– Sinto-me mal – disse ela, em voz baixa. – Mal até aos ossos. E depois do que fiz, pergunto-me se alguma vez poderei ser uma verdadeira mãe. Às tantas sou como a Marina. Ela nunca foi uma mãe e eu existi simplesmente sem ela. Até aos últimos meses da vida dela, quando ela fez um esforço para construir uma ponte entre nós. Foi uma tentativa corajosa, mas veio tarde de mais e foi mais por ela do que por mim.

– Um dia hás-de ser uma mãe maravilhosa – disse ele num tom meigo.

– Não sei. – Ela estava a falar tão de mansinho que Rabindrah teve de se inclinar para a ouvir. – Adorava o meu pai, sabes, mas quando descobri que ele gostava de homens e não de mulheres, larguei-o. E nunca mais fui capaz de encontrar o amor incondicional que pensava que sentia por ele. Por isso, talvez merecesse ser uma órfã e talvez venha a acabar sem filhos, como castigo pelo que acabei de fazer. – Levantou a cabeça, desejando que ele acusasse as suas confissões mais privadas. – Fi-lo pelo Anthony. E hei-de protegê-lo e dar-lhe tudo que ele precisa, incondicionalmente e de todas as

formas, custe o que custar. Por isso, se Deus existe, espero que me perdoe por amar tanto o meu marido.

– Acho que deves ir deitar-te agora. – Rabindrah pegou-lhe na mão, vendo o medo nos seus olhos. – Não te preocupes. Eu deixo a porta do quarto aberta para o caso de precisares de mim. Chama-me se tiveres algum pesadelo ou se sentires dores.

Ela enterrou a cabeça no ombro dele. – Obrigada – disse. – Nunca hei-de esquecer isto. Nunca.

Depois de ela se fechar na casa de banho, ele perguntou-se se deveria telefonar aos pais a dizer que não passaria lá a noite. Mas passava da meia-noite. Já estariam deitados e não lhe ocorria nenhuma explicação que soasse plausível. Decidiu ligar-lhes de manhã e inventar uma história qualquer sobre uma entrevista com alguém que insistira em relatar a sua história durante uma sessão de copos que durara toda a noite.

O dia de Inverno estava limpo e frio e a chuva miudinha e cinzenta parara, fazendo com que os ramos escuros das árvores se projectassem para um céu sem brilho. Rabindrah foi espreitar Camilla e viu que ela ainda estava a dormir, tão imóvel que se baixou para sentir a respiração dela na sua cara. Depois de tomar um duche e se vestir, saiu do apartamento e dirigiu-se à padaria francesa na esquina. Sarah adorava as manhãs em que ele acordava primeiro e lhe ia buscar *croissants* frescos. Experimentou uma tristeza que lhe doeu mais do que qualquer dor física ao voltar com o embrulho e começar a preparar café.

Camilla apareceu tão inesperadamente que se sobressaltou quando os dedos dela roçaram a sua manga. O rosto dela estava muito pálido e usava calças e uma camisola quente.

– Acabo de falar com o médico e preciso de ir à clínica – disse ela. – Estou a sangrar muito. Ele diz que provavelmente são coágulos, o que é normal, mas quer examinar-me.

– Senta-te ao pé da janela – disse Rabindrah. – Eu vou mandar parar um táxi em Brompton Road, mas não desças enquanto não me vires na praça. Está muito frio lá fora.

Passaram três horas na clínica, mas Camilla foi finalmente dispensada com instruções severas para ficar na cama ou, pelo menos, sentada, durante as próximas quarenta e oito horas. Depois, teria outra consulta. O médico não sabia dizer quando achava que seria seguro viajar. No regresso a Knightsbridge, ela tentou persuadir Rabindrah de que ficaria bem sozinha. Mas os olhos dele registaram a sua aparência espectral e percebeu que ficaria com ela.

– Tens de lhe dizer – disse ele, quando ela levantou o auscultador para ligar para Nairobi.

Mas ela abanou a cabeça, fazendo um gesto de advertência quando Anthony surgiu em linha e descreveu o seu dia. A polícia não encontrara Duncan, mas as provas eram por de mais evidentes quando o banco facultou registos dos levantamentos recentes. Alguns dias antes do desaparecimento dele, o gerente do banco, Jonathan Chalmers, tinha-o chamado à parte e questionado as quantias anormais de dinheiro e transferências que ele estava a realizar. Duncan explicara que os fornecedores estavam ansiosos. Havia tantos problemas com falsificações e cheques carecas que negociara descontos consideráveis para pagamentos a pronto. Outras transacções incluíam grandes quantias transferidas para contas no estrangeiro, aparentemente para novo equipamento de campismo para a próxima estação. Harper apresentara uma mensagem de telex, ao que parecia, enviada por Anthony dos Estados Unidos, autorizando os pagamentos. O dinheiro fora enviado para uma empresa em Itália. Provavelmente usara-o para pagar as suas dívidas no casino, sugeriu Chalmers a Anthony, embaraçado e contrito.

– Temos novas facilidades de descoberto, Camilla, e os fundos que transferiste chegaram – disse Anthony. – Ainda estou a tentar resolver um monte de contas por pagar, mas em breve terei uma ideia de como podemos gerir a estação. Conta-me agora as tuas notícias, querida. Mais importante ainda, diz-me quando voltas. É como se faltasse metade de mim. Este homem do mato independente já não passa sem ti.

– Em breve – disse Camilla. – Há duas sessões fotográficas de moda que aceitei fazer em Abril e Maio quando a estação de safáris terminar e tenho

de assinar os contratos. Não vou ficar aqui um momento mais do que o necessário. – Ouviu mais um ou dois minutos e sorriu. – Também te amo – disse e pousou o auscultador.

– Devias ter-lhe dito – disse Rabindrah. – Cometi esse erro com a Sarah e ainda estou a pagar o preço.

– Não, ele já tem muito em que pensar. Está feito e é irreversível. De que adiantava causar-lhe a mesma dor que eu estou a sentir? Ficaria zangado por eu ter tomado a decisão sozinha e humilhado que eu o tenha feito por ele estar numa situação difícil. Não, nunca lhe direi e tu também não. Vamos tomar a resolução de não voltar a discutir este assunto porque acabou e agora eu vou ficar bem, graças a todo o teu apoio e à medicação que me deram esta manhã. A minha empregada de limpeza vem amanhã e pode fazer-me compras e olhar pelas coisas. Vamos tomar um chá e depois deves voltar para casa dos teus pais. Estás a planear partir para Nairobi dentro de dois dias?

– Estou. Segundo o Gordon, as coisas sossegaram. Tanto quanto é possível. Claro, ainda vou correr algum perigo durante um certo tempo, mas há outros escândalos e outros assuntos na mesa em Nairobi e a minha história não anda pelos jornais neste momento. – Sorriu, hesitante, esperançoso. – Acho que a Sarah vai estar em Nairobi.

– Ótimo. É tempo de fazerem as pazes – disse ela. – Eu sei que ela ficou aborrecida com o que fizeste pelo teu tio, mas o pobre homem está morto. Tenho a certeza de que ela já está preparada para encarar as coisas de maneira diferente.

– Não sei – disse ele, os seus ombros descaindo ao deixar os seus problemas dominar o seu pensamento. – Daria tudo para voltar onde começámos. Ou perto disso.

– Concordo inteiramente. – Camilla deu-lhe um beijo na face. – Ao lugar onde começámos. Acaba de beber, querido Rabindrah. São horas de te ires embora.

Ele fez a chamada de uma cabina em Brompton Road. Lá fora, a chuva recomeçara a cair, oblíqua, fustigando violentamente os vidros, aliando-se ao ruído do trânsito e dificultando a audição.

– Sarah? Ainda bem que estás de volta a Nairobi porque estou a planear partir de Londres no voo de amanhã à noite. Vais buscar-me ao aeroporto? Acho que o avião chega por volta das oito.

– Sim, claro. Onde é que estás? Está imenso barulho.

– Com os meus pais. Andei a pôr tudo em dia nestes dois últimos dias. Acabei os artigos para o *Daily Telegraph* e tenho estado a ajudar o meu pai a resolver a situação da Lila. Fomos a Birmingham falar com a sogra novamente. Foi um horror. Os meus pais mandam *salaams*. Como sempre.

– Quando é que voltaste então de Birmingham? – A voz dela denotava tensão.

– Ontem ao fim do dia – disse ele. – É um lugar tenebroso. Estava morto por sair de lá, com a viúva chorosa e todas as perguntas sobre o Harjeet.

– Imagino – disse ela, mudando de tom. – A tua mãe disse-te que liguei ontem à tarde e à noite? Que estive a falar com ela durante algum tempo?

– Sim, sim. Ou antes, não. Cheguei muito tarde a casa. Deve ter-se esquecido.

– Suponho que também se esqueceu de te dizer que a tia Kuldip foi submetida a uma grande intervenção cirúrgica por causa de um cancro e ainda está nos cuidados intensivos?

– A tia Kuldip? No hospital? – O seu espanto denunciou-o.

– Exacto. Como saberias se tivesses estado em casa ou falado até com os teus pais nos dois últimos dias. Mas não foi o que aconteceu. Voltei a ligar hoje de manhã e a tua mãe disse-me que não te via desde anteontem. Que tu dissesse ao Jasmer que não ias jantar nessa noite e depois limitaste-te a desaparecer. Mais uma vez. Telefonei à Lila mas ela também não sabia onde estavas, o que é estranho se foste a Birmingham ou a algum sítio tratar dos assuntos dela. E, como ninguém atendeu no apartamento da Camilla, também não consegui nada por aí.

– Sarah...

– Porque é que me estás a mentir, Rabindrah? Onde é que estiveste este tempo todo e porque é que estás outra vez a mentir, porra?

– Acalma-te, Sarah. Não é nada. Nada. Estava a pesquisar uma história e...

– Não me acalmo, coisa nenhuma! Não poder confiar em nada do que dizes não é «nada»! A meu ver, é mentir e enganar. Se é tudo o que agora trazes ao nosso casamento, então não nos resta precisamente «nada». Fizeste-me uma promessa antes de partir para Londres, de que não haveria mais segredos. Mas agora estás enterrado neles novamente. Não sei em que é que te envolveste desta vez mas é evidente que me exclui. Continuo a ser a mulher posta de parte que não merece a cortesia da verdade. E tudo o que consegues dizer-me é que me acalme, estupor prepotente e arrogante!

– Não estou envolvido em nenhuma investigação! – Rabindrah estava agora a gritar. – Não podia dizer aos meus pais onde estava. Não podia dizer a ninguém. Era um assunto privado. Nada a ver com eles nem connosco!

– Que assunto privado? Porque é que não me podes dizer?

– Porque dei a minha palavra de honra!

– Obviamente a alguém mais importante do que eu.

– Valha-me Deus, Sarah! Não te quero esconder nada mas acredita em mim, isto é uma coisa que ela não pode...

– Ela? Quem é «ela», Rabindrah? É a Lila? Diz-me. Não aguento mais mentiras. O medo todo, a polícia em nossa casa, pessoas a serem assassinadas, a sensação de estar sempre sob uma ameaça desconhecida. – Estava a soluçar. – Não aguento e tu deixaste-me aqui a viver com isto tudo enquanto estás a milhares de quilómetros, novamente desaparecido.

– Oh, meu Deus! Meu Deus! – Deu um murro na parede da cabina telefónica. – Estive com a Camilla.

– Com a Camilla? Estás com o Anthony e a Camilla? – Sarah estava incrédula, a sua gargalhada estridente e descontrolada. – O que é que isso tem de secreto?

– O Anthony está em Nairobi – disse Rabindrah. – O Duncan Harper fugiu com o dinheiro da empresa e o Anthony partiu para tentar resolver as

coisas. Mas a Camilla estava grávida e houve uma crise.

– Sofreu um aborto? Oh, lamento imenso. Pobre Camilla. Eu sei como é. Nós sabemos como é. O Anthony deve estar desfeito, com tudo a acontecer ao mesmo tempo. Vou-lhe ligar. Às tantas dou lá um salto e convido-o para jantar. A ver se o animo um pouco. Posso falar com a Camilla? Estás com ela agora? Deixa-me falar com ela.

– Não. Não, Sarah. Ouve-me. – Rabindrah tomou uma decisão, sabendo que o seu casamento estava por um fio e ignorando a ideia de manter a promessa feita a Camilla. – Não podes dizer nada ao Anthony. Ela teve de... Não podia ter o bebé. Neste momento, não. Decidiu que era impossível, dadas as circunstâncias. E, depois, eu era a única pessoa para quem ela se podia virar. Mas o Anthony não sabe.

– Não compreendo. – Seguiu-se um silêncio demorado e depois o tom dela alterou-se. – Espera. Estás a dizer-me que ela fez um aborto? – À medida que a verdade se impunha, Sarah sentiu que estava a cair de um precipício, a despenhar-se, o seu coração revolvendo-se numa sensação agonizante de incredulidade. Não queria ouvir o que Rabindrah estava a dizer. Uma vida. Uma pequena vida que era o filho de Camilla. O filho de Anthony. A vida que ela própria desejara, por que lutara, por que chorara quando a perdera: uma vida que devia ter sido acarinhada, protegida, desejada. E Camilla destruíra-a. Não podia haver razão que justificasse tal acto. Nunca poderia haver razão suficiente para isso.

A milhares de quilómetros de distância, Rabindrah ouviu o seu grito de desespero. – Sarah? Sarah, ouve-me. Deixa-me explicar. Sarah!

Gritou repetidamente o nome dela, através da imensidão do oceano e da terra que os separava, mas ela não respondeu, apesar de não ter desligado. Finalmente, ele apercebeu-se das pancadas no vidro da cabina telefónica. Pousou o pesado auscultador preto, acenou com a cabeça à mulher irritada que estava à espera à chuva e afastou-se na tarde fria e chuvosa.

CAPÍTULO 23

Quénia, Novembro de 1977

Sarah largou o auscultador e correu para a casa de banho. Atrás de si, ouvia a voz incorpórea de Rabindrah a gritar ao telefone no vestíbulo vazio. Fechou a porta para bloquear as suas palavras e pôs-se diante do espelho, os dentes cerrados, os punhos fechados, os dedos enterrados nas palmas das mãos. O mundo abalara nos seus alicerces. O amor, tal como o conhecia, fora lançado imprudentemente ao éter. Um Deus impiedoso levava Piet, o seu primeiro amor. Depois levava os seus bebés. O marido traíra-a. E agora Camilla fizera um aborto, abafara a vida dentro dela e relegara-a para os resíduos de um incinerador hospitalar. E Rabindrah, que sabia o que era desejar um filho, fora cúmplice nisso. Como podia ter desculpado as acções de Camilla quando nem sequer Anthony fora consultado a respeito de tão brutal decisão? Já não conhecia o marido, como não conhecia a mulher que era sua amiga de infância. Haviam-se tornado estranhos. Estranhos monstruosos, assassinos.

Abriu a torneira de água fria e deitou água na cara, dando palmadas na pele e sentindo todas as suas convicções e educação católica emergir. Imaginou que conseguia ouvir o choro da criança perdida, como ouvira os sons débeis dos seus próprios bebés mortos durante dias depois de terem desaparecido. Pressionando a toalha contra o rosto, reviveu esses momentos e depois enterrou-os, juntamente com a imagem do marido e da amiga.

Na câmara escura, acendeu a luz e começou a organizar a última série de imagens que captara no Mara, forçando-se a regressar à harmonia do mato, a um lugar que oferecia uma vida ordenada. Passava da meia-noite quando pôs as melhores fotografias no seu *portfolio*, juntou as câmaras e trancou a

porta da rua. Afastando-se no carro, o som de ocupado do telefone continuava a emitir o seu gemido estridente através da casa vazia.

Não tinha qualquer lembrança da viagem, conduzindo através da noite, sem pensar, funcionando numa névoa que lhe permitia manobrar o volante, mudar de velocidade, ligar e desligar os máximos e percorrer a distância. O seu único objectivo era chegar ao Mara, observar os animais que andava a estudar e a registar. Nada mais. Não havia nada mais.

Eram seis da manhã quando entrou no acampamento de Allie, exausta, os olhos injectados e turvos. Ahmed estava a levar chá à tenda de Allie e cumprimentou-a com surpresa. Sarah dirigiu-lhe um sorriso vago e encaminhou-se para a sua tenda sem dizer nada. A única coisa que queria era deitar-se e dormir algumas horas antes de sair para a paisagem selvagem e retemperadora.

– *Hodi*. Achei que chá e torradas seriam bem-vindos. – Allie surgiu alguns minutos depois com um tabuleiro. – Pensei que ias ficar em Nairobi para essa coisa da Federação Africana da Vida Selvagem amanhã. Para apresentar a nossa argumentação com vista a um reforço do financiamento e esperar pelo Rabindrah. – Pousou o tabuleiro e virou-se. – Sarah? Meu Deus, o que é que te aconteceu?

Sarah sentou-se, a expressão fria como pedra. – Desculpa, Allie, esqueci-me da reunião, mas não podia ficar em Nairobi. Tinha de voltar para aqui. O meu casamento acabou e este é o único lugar onde quero estar.

– Tens o ar de quem está à beira de um esgotamento. Eu sei que passaste um inferno depois do teu último aborto e que as coisas não têm andado bem ultimamente entre ti e o Rabindrah. – Allie sentou-se e serviu o chá. – Às tantas devias ir passar uns tempos à Irlanda com a tua família.

– Não. Não posso ir para lá.

– Sabes, foste tu que me convenceste a ir para a Escócia depois de o Dan morrer. Distanciar-me e olhar para as coisas de uma perspectiva diferente. E tenho de dizer isto sem rodeios, porque te tenho muita afeição. – Allie pousou as mãos nos ombros de Sarah e olhou para ela frontalmente. – Estás em péssima forma, minha querida, e precisas de reflectir sobre o que está a

acontecer na tua vida. Aprender a viver com o que te foi dado e a reconhecer a felicidade, mesmo quando esta chega numa forma diferente das tuas ideias preconcebidas.

Sarah desviou a cara, incapaz de confrontar o olhar de Allie. Não sentia coragem para lhe contar a verdade e não lhe agradava a implicação de que estava a ceder à autocomiseração.

– Não é assim tão simples.

– Simples? Claro que não. Mas há muito tempo que andas revoltada e com os nervos à flor da pele. É particularmente evidente para as pessoas que te amam e é também o que há-de criar uma clivagem entre ti e elas. Não podes continuar a punir-te a ti mesma e ao Rabindrah e a todas as pessoas que te são mais chegadas pelo facto de não teres uma família. Disseste-me uma vez que a medicação para a fertilidade estava a pôr as tuas emoções num caos. Talvez fosse boa ideia parares com esse tratamento antes que ele perturbe a tua vida. Só tu podes tomar essa decisão, mas é uma sugestão. Tens de encontrar outro foco, Sarah. Ou partir. Desistir do teu casamento, deixar o país, deixar o que te torna tão infeliz. Porque não podes continuar assim.

– Não estou perturbada por causa da medicação. Já parei de a tomar. Não dá para tomar sempre e, de qualquer maneira, eu e o Rabindrah não temos... enfim, adiante, só posso dizer que lamento.

– Não faz mal, miúda, como dizia o Dan. Há-de compor-se tudo, se parares para pensar. Sugiro que tomes um duche, durmas um pouco e depois saias à procura de chitas. Vou ter de partir para Nairobi durante o dia de hoje. Para fazer a apresentação na reunião da FAVS. – Abanou a cabeça quando Sarah começou a protestar. – Quero que fiques aqui e avalies bem a tua situação. – Deu um pequeno abanão a Sarah. – Come, dorme e pensa. É melhor ir andando.

– Podes ficar em nossa casa, se quiseses – disse Sarah, tentando reparar o seu desleixo. – O Chege está lá e o Rabindrah deve estar a chegar de Londres. Desculpa, Allie. Eu sei que detestas estas apresentações e que fiz borrada.

– Não faz mal. São horas de pedinchar para a minha própria causa. Obrigada pela oferta de dormida mas vou ficar em casa de uns amigos que estão na costa. Talvez te lembres dela. – Riu-se. – Foi onde o Dan te preparou esses *Martinis* letais aqui há anos. Ficaste bêbada e foi muito cómico, se bem me recordo. E o Rabindrah, que mal conhecias, teve de te levar a casa do Anthony, onde estavas hospedada.

– Parece que foi há uma eternidade – disse Sarah, forçando um sorriso. – A propósito, trouxe algumas fotografias novas. Estão ali na minha pasta. Talvez queiras dar uma vista de olhos antes de partires.

– Sim. – Allie pegou nas fotografias e saiu para a manhã luminosa, falando por cima do ombro. – Vou estar ausente alguns dias. Pelo menos, até ao fim da semana. Podes continuar com o Hugo. A rotina habitual. E pensa no que eu disse.

Sarah sentou-se na cama, completamente exausta. Quando ouviu a água cair no balde lá fora, foi lavar a sujidade da viagem e voltou para a tenda. Dormiu profundamente e não ouviu Allie a sair do acampamento numa nuvem de pó e despedidas.

A tarde ia a meio quando finalmente acordou, se vestiu e saiu para o calor. Na tenda da messe, Hugo levantou-se para a cumprimentar, não fazendo nenhum comentário sobre o seu regresso inesperado. Ela tirou uma cerveja fresca do frigorífico e aceitou um prato de salada, apercebendo-se do seu apetite voraz e de que praticamente não comera desde o dia anterior. Enquanto Hugo a punha a par do progresso das chitas, escutou em silêncio, já acalmada pela rotina da vida do acampamento.

– Acho que a *Isis* já se sente à vontade comigo – disse ele, limpando os óculos e voltando a colocá-los. – Olha, tenho aqui uns esboços que fiz das crias ontem. Que achas?

Sarah riu-se dos desenhos. Ele retratara os pequenos felinos atrás uns dos outros nas ervas altas, saltando para cima da mãe, que dormitava à sombra, ou deitados na protecção do seu corpo elegante, saciados de leite, com as barrigas cheias.

– Vamos ver se os encontramos? – Hugo guardou os apontamentos e os desenhos numa série de pastas impecavelmente classificadas.

– Estou pronta. – Sarah notara, pouco depois de ele ter chegado, que embora a aparência de Hugo fosse desgrenhada e desarranjada, o seu trabalho era meticuloso, com os apontamentos e os desenhos arquivados em perfeita ordem. Habitudara-se inclusivamente a arrumar os papéis de Allie ao mesmo tempo. – A propósito, onde está o Eroe? Talvez queira acompanhar-nos.

– Foi com a Allie.

– Para Nairobi? – Sarah ficou admirada.

– Hum... ela achou que podia precisar da ajuda dele na apresentação. – Hugo estava embaraçado. – Dividem a condução e as tarefas que ela vai ter.

Sarah desviou a cara, um rubor subindo-lhe pelo pescoço e cobrindo-lhe as faces. A culpa era dela se Allie tinha sido obrigada a partir à pressa, sem se ter preparado. E detestava falar em público. Eroe seria uma ajuda. Era lúcido, conhecedor e tinha uma presença imponente.

– Sinto-me mal por não ter ido à reunião de financiamento, mas tive de voltar para aqui. – Embora tivesse dormido, ainda estava com a sensação de ter passado por uma calandra e sentiu-se aliviada quando ele não fez perguntas. – Podemos levar o meu carro. Eu monto as câmaras e tu conduzes.

A paisagem suavizara-se numa pátina dourada, com sombras escuras projectando-se em formas alongadas das árvores e dos animais dispersos pelas planícies. Hugo apoderara-se de um velho chapéu de safári esquecido por algum guia e trazia-o descido sobre a testa, protegendo o seu rosto sardento do sol. Tinha lentes escuras de prender aos óculos e os pêlos nos seus braços e mãos transformavam-se numa penugem loura à luz da tarde. Como os de Piet, Sarah recordou, sustendo a respiração.

– Desculpa. Foi o buraco por que passámos? – Hugo ouvira o leve arquejo.

– Não. Foi uma coisa de que me lembrei. Não tem nada a ver com a tua condução.

– Pelo menos, não pertenço à categoria da Allie – disse ele. – Confesso que estou num terror constante quando ela pega no volante. Não sei como sobreviveu até agora sem ferimentos graves. Não te perguntei se preferias conduzir.

– Não. Conduzi que chegasse ontem à noite. – Olhou pela janela.

– Sarah, se quiseres conversar... Sabes que podes confiar em mim.

– Tenho um problema sobre o qual não posso falar. Não se trata de uma questão de confiança. Não posso mesmo falar sobre ele. O que importa é estar aqui.

– Alimento para uma alma despedaçada – disse ele, olhando para o rosto encovado dela. – Compreendo. Ora bem, era aqui que a *Isis* estava ontem.

Chegaram a uma elevação no terreno e pararam debaixo de uma acácia egípcia. Ahmed tinha posto uma grande garrafa-termos e um embrulho com sanduíches no cesto de piquenique e tomaram chá, contemplando demoradamente as planícies. Levantara-se um vento leve e uma manada de impalas pastava entre ervas ondulantes como se estivessem a mover-se através de um mar amarelo.

– Não há sinais da *Isis*. – Sarah tinha o binóculo. – Não falta comida para ela, mas os animais mais novos estão no centro do grupo. Estás a ver? Ela pode ter decidido não os atacar.

Avançaram em direcção à manada, seguindo um trilho coberto de ervas que nivelava na planície em baixo. Do outro lado da savana, havia um outeiro rochoso coberto de vegetação espessa, ideal como ponto de observação e esconderijo das crias.

– É uma pena não termos o Eroe – disse Hugo, semicerrando os olhos para o sol rasante enquanto se dirigiam para as pedras. – Ele sabe sempre onde procurar.

– É – concordou Sarah. – É uma parte inata nele, essa capacidade para seguir uma pista. Começou muito jovem, a olhar pelo gado da família no *bundu*. Os vaqueiros são normalmente rapazinhos e têm de saber interpretar o que os rodeia e reconhecer o perigo, caso contrário não sobrevivem. Mas o Eroe tem um talento especial. Ensinou-me imenso quando trabalhámos

juntos com os elefantes. É fantástico ele e a Allie fazerem uma equipa tão perfeita.

– Sem dúvida que fazem! – Hugo explodiu a rir, levando Sarah a virar-se para ele, intrigada.

– Onde é que está a piada? O que é que isso quer dizer? – perguntou.

– Oh, já sabes... – Estava corado e tirou o chapéu para passar os dedos pelo cabelo.

– Sei o quê?

– Ouve, pensei que tu... Que era óbvio. Sendo tu e a Allie tão chegadas. Adiante... – O sorriso de Hugo alargou-se e os seus olhos estavam carregados de malícia.

Sarah olhou para ele, boquiaberta.

– Ora, então, Sarah – disse ele, ainda a sorrir. – Deves ter reparado. Ultimamente, saem quase sempre juntos, partem mais cedo ou chegam mais tarde, ficam sentados à fogueira muito depois de toda a gente se ir deitar. Não ponhas esse ar chocado. É bom para a Allie. Provavelmente já tens o material todo de que precisas para esse livro. Em breve voltas para a vida em Nairobi e para um novo projecto ou outra ronda de palestras. E eu tenho de voltar para o mundo académico. Nessa altura, a Allie vai ficar sozinha. A vida aqui no acampamento pode ser muito isolada, mês após mês.

– Credo! Nunca imaginei a Allie e o Eroe. Não dessa maneira. Ele tem mulher e vários *totos* em Buffalo Springs.

– Por amor de Deus, não se está aqui a falar de casamento. Esta relação... bem, acho que convém aos dois.

– Mas ele é muito mais novo do que ela e muito diferente. Há-de ser sempre um membro de uma tribo, apesar do verniz ocidental.

– Na minha opinião, isso cativa a alma pouco convencional dela. Seja como for, a idade e as origens não são chamadas ao caso quando a atracção é forte... – Hugo calou-se, agarrando com força no volante. – A Allie é muito pragmática – continuou ele, após um breve silêncio. – Apreciam a companhia um do outro, mas ela não é do género de ficar embeijada por ele, como uma adolescente, e penar de desgosto se e quando chegar ao fim.

Respeitam-se um ao outro. São amigos e colegas há muito tempo. Porque não amantes? Só lhes desejo sorte... não digo mais nada.

Sarah começou a rir, lançando a cabeça para trás, agradada com o espanto e afecto que sentia por Allie. – Não admira que não tenha querido ficar em minha casa em Nairobi – disse ela. – Ainda bem. Imagina só que o Rabindrah chegava e os encontrava na cama. E o Chege não ia conseguir conter-se. Punha logo a correr o rumor por toda a cidade.

– Importas-te? – Hugo examinou-a atentamente.

– Não, nada. – Sarah sentiu um leve arrepio por um momento, bloqueando a imagem de Dan que se formou espontaneamente no seu espírito. Dan morrera. Como Piet. E Rabindrah, agora separado dela, incredivelmente contaminado pela sua sensação de repulsa. Por que razão não havia Allie de encontrar consolo no seu amigo de longa data?

– Tens razão – disse ela. – O Eroe é um bom companheiro para ela em todos os sentidos. Têm uma finalidade comum no seu amor pelo país e pelos seus habitantes selvagens. E agora em cuidarem um do outro. – Ainda estava a sorrir, de olhos fechados, e sentiu uma saudade profunda do tempo em que partilhava uma paixão assim com Rabindrah, quando se deitavam ao relento e faziam amor na noite africana. Mas isso já não existia. Desaparecera.

Hugo parou e desligou o motor e ela abriu os olhos. Estavam ao lado do outeiro, mas o solo estava crivado de buracos e coberto de arbustos rasteiros que escondiam pedregulhos dispersos.

– Vamos ver se descobrimos pegadas – disse Sarah.

Saíram do veículo e acoraram-se, procurando indícios, mas não viram nada que apontasse para a chita e para a sua família.

– Às tantas é melhor conduzires agora. – Hugo passou-lhe as chaves. – O caminho aqui é bastante acidentado e não quero ser eu a fazer capotar o teu elegante *Land Cruiser* com os seus acessórios especiais.

Avançaram lentamente em torno da base do outeiro até que Hugo a agarrou pelo ombro em sinal de aviso. À frente deles, houve um movimento, seguido do rosnido e guincho de um felino a debater-se pela vida. Manchas de sangue e um rasto de erva achatada levava até aos

arbustos e Sarah reconheceu os sinais reveladores de um animal morto que fora arrastado para o matagal. Nas sombras, distinguiu a carcaça de uma grande impala macho. *Isis* estava agachada ao lado, não a comer, e não tardaram a perceber a razão. O seu sucesso a matar a presa implicara uma penalidade pesada. Na luta, fora ferida pelos chifres afiados da vítima e exibia um golpe profundo no peito.

– Deve ter representado um esforço incrível da parte dela para arrastar a carcaça até tão longe – disse Sarah, olhando consternada para a chita. – As crias devem estar por aqui em algum lado. Oh, meu Deus. Isto é grave.

O cheiro a sangue atraía duas hienas ao local. A chita estava sob ataque de ambos os lados e demasiado fraca para se defender quando elas saltaram sobre ela, abocanhando-a.

– Porque é que ela não tenta fugir? – disse Hugo. – Anda lá, *Isis*, mexe-te! Mexe-te!

No matagal atrás dela, as crias espalmaram-se contra a rocha, paralisadas de medo. *Isis* era a única coisa entre elas e os dois imponentes predadores que estavam novamente a lançar-se sobre ela. Ela lançou as garras contra uma das hienas, mas não era capaz de lidar com as duas e Hugo tapou os olhos quando a segunda hiena a levantou no ar. Quando aterrou, o animal agarrou-a pela garganta. Ao ferrar os dentes, soou um ruído agonizante e a chita caiu sem forças no chão. O primeiro atacante passou por ela e agarrou numa das crias, sacudindo-a nas mandíbulas maciças como um boneco de trapos. Uma miadela aterrada ecoou no espaço entre o carro e o campo de batalha.

– Não! Não! Não! – Com um rugido de fúria, Sarah carregou no acelerador e lançou-se directamente contra as duas hienas, buzinando selvaticamente.

– Credo, Sarah, que estás a fazer? És louca! – Hugo estava a gritar com ela. – Ainda vamos capotar. Dás cabo do motor!

Segurou-se, fechando os olhos, enquanto um muro de pedras se aproximava vertiginosamente do pára-brisas. As hienas viraram-se com o ruído do carro a aproximar-se delas. A primeira foi atingida na perna e fugiu, a coxear, para o mato, enquanto a outra foi arremessada sobre a

capota, aterrando com um baque atrás deles. O veículo bateu contra um pedregulho. Sarah ouviu o arranhar de um espinheiro contra a grelha da frente. O carro guinou para o lado num ângulo apertado e imobilizou-se abruptamente, com um silvo pressago vindo do motor.

– Que diabo foi isso? – A voz de Hugo estava a tremer de fúria. Estava a nascer-lhe na testa um galo com a forma de ovo, no ponto em que chocara com o pára-brisas, e baixou-se para procurar os óculos.

Sarah não lhe prestou atenção. Pelo contrário, saiu do *Land Cruiser* e correu para *Isis*. O pescoço da chita estava partido e o seu assassino também estava morto devido ao impacto do carro. Ao lado deles, os tristes restos da cria macho jaziam, esventrados, na erva. Sarah tocou nela por um momento e depois começou à procura, movendo-se na direcção do matagal denso. Atrás dela, Hugo saiu do carro a cambalear, chamando por ela.

– Sarah! Por amor de Deus, sabe-se lá o que pode estar aí! Volta, idiota!

Ela continuou a ignorá-lo e acorreu-se no solo, murmurando com doçura. Quando voltou a levantar-se, ele viu que ela tinha a outra cria nos braços. Manchada de sangue, estava de olhos arregalados, as orelhas espalmadas contra a cabeça, aterrada, trémula, demasiado traumatizada para tentar escapar. Sarah parecia totalmente calma, indiferente ao acidente e aos animais mortos.

– Vamos levar esta para o acampamento – declarou.

– Já conheces as regras. Podemos observar mas não podemos interferir. A Natureza deve seguir o seu curso.

– Não vou deixar outra criatura morrer – disse ela, desafiadora. – Há mortes a mais. Demasiadas pessoas que não se preocupam em preservar a vida. Não vou abandonar esta cria. É bom que me ajudes, Hugo, porque estamos no meio do nada, com três carcaças à nossa volta, e não tardam a aparecer aí muitos mais predadores. Dá-me ideia de que furei o radiador, mas temos de arranjar maneira de sair daqui rapidamente. Mesmo que não cheguemos muito longe.

Tirou uma camisola do banco de trás e embrulhou a chita nela, esvaziando o saco da câmara e pondo a cria lá dentro. Depois sentou-se ao volante e

pôs o motor a trabalhar. Uma nuvem de vapor elevou-se no ar quando ela meteu marcha-atrás e gritou a Hugo.

– Empurra! Com toda a força que tiveres!

Com um gemido, o carro andou para trás, quase virando, mas endireitando-se em seguida, milagrosamente. Sarah saltou para fora e abriu a capota.

– Tinha razão – disse ela. – Há um buraco na parte da frente do radiador. Está a verter.

– Temos de esperar que arrefeça para o arranjarmos – disse Hugo. – Não quero queimaduras de terceiro grau além de um galo do tamanho de um pedregulho na cara. Procura no cesto de piquenique. Deve haver papel de alumínio das sanduíches. Uma ferramenta invulgar, mas tenho a certeza de que serve.

Esperaram, nervosos e impacientes, até não haver vestígios de vapor. Hugo abriu então a tampa, dobrou o papel de alumínio e enfiou-o firmemente no buraco, achatando-o contra a parte de fora do radiador. Em seguida, deitou água do cantil com que Sarah andava sempre. A luz estava a esmorecer e ouviam uivos de hienas nas proximidades, bem como o som distante de um leão. Do interior do carro, chegou uma lastimosa miadela da cria que chamava pela mãe e pelo irmão.

– Tenho de fazer chichi – disse Hugo espreitando para o motor. – Por favor, tem a decência de olhar para o outro lado.

– O quê? Não podes esperar até nos afastarmos das criaturas que estão aí a chegar para devorar os restos?

– Estou a encher o radiador – disse ele. – Não encontras mecânico mais inventivo do que eu.

– Conduz tu – disse Sarah, ainda a rir quando ele concluiu a tarefa.

– Certo. Vamos devagar a ver se a agulha não se desloca para cima. Reza para conseguirmos chegar ao rio para podermos voltar a encher o radiador. Ou, pelo menos, para estarmos longe daqui quando o motor der o berro.

Partiram no crepúsculo que se adensava, avançando muito lentamente e observando o indicador da temperatura a subir. Ao afastarem-se das pedras, surgiu a forma encolhida de outra hiena, recortada no topo do outeiro.

Minutos depois, ouviram o rugido de um leão, agora mais próximo, e o latido agudo de um chacal. Hugo aumentou um pouco a velocidade e, aos solavancos, avançaram pela savana até chegarem ao rio. Depois acompanharam as margens sinuosas, parando duas vezes para encherem o radiador de água antes de chegarem ao acampamento.

Ahmed saiu a correr quando entraram, preocupado com a demora deles. A Mama Allie tinha contactado pelo rádio, disse ele. Ia ligar mais tarde para se certificar de que tinham chegado bem. Havia água quente à espera nas tendas de duche e o jantar estava pronto. Quando Sarah saiu do carro, ele arregalou os olhos. Durante a última parte da viagem, a chita tinha saído, a tiritar, do saco, refugiando-se nos braços dela. Tremia, pois não estava habituada à luz e ao ruído e tinha a marca de uma profunda mordida na pata traseira mas, de resto, parecia ilesa.

– Jantamos um pouco mais tarde, Ahmed. Uma *fisi* matou a mãe dela. – Sarah examinou a cria. – É fêmea. Preciso de água quente e do estojo dos remédios para limpar esta ferida. Uma mordida de *fisi* é perigosa. – Virou-se para Hugo. – Precisamos de leite quente misturado com água. Podemos usar um conta-gotas de um dos frascos de medicamentos, embora leve muito tempo a alimentá-la assim. Tenho a certeza de que ela ainda não consegue lamber.

Ahmed olhou para a testa de Hugo e estalou a língua em sinal de compaixão, indo buscar o que Sarah queria.

– Como é que vais explicar isto à Allie quando ela ligar? – perguntou Hugo, algo divertido.

– Esse problema é teu – disse Sarah, incapaz de olhá-lo nos olhos. – Tenho de tratar deste golpe senão a cria morre. Pode já estar infectado.

Na tenda da messe, abriu o estojo de primeiros socorros e tirou gaze esterilizada. Ahmed reapareceu com uma bacia de água quente e, juntos, colocaram a cria numa toalha lavada sob a luz. Ela agitava-se e miava, contorcendo-se de dor, enquanto Sarah cortava os pêlos à volta do ferimento e o limpava. Hugo observou-a a tratar do pequeno animal, prendendo o paciente inquieto enquanto lhe suturava a perna. O cozinheiro estava claramente divertido com o inesperado drama, soltando exclamações

de admiração enquanto Hugo fazia uma vívida descrição da batalha que tivera lugar.

– Eh! A Mama Sarah foi corajosa – disse ele. – E esta pequena *duma* é um bom presságio. Vai melhorar e trazer boa sorte ao acampamento.

– Ele bem pode tentar essa teoria com a Allie – disse Hugo entre dentes. – Antes que ela nos parta o pescoço e nos mande fazer companhia à *Isis*.

– A cria pode não sobreviver – disse Sarah. – Não sabemos se vamos conseguir alimentá-la, nem se este ferimento vai infectar.

Foi Hugo quem atendeu a chamada de rádio enquanto Sarah estava a tentar meter leite quente na boca da chita. Ela cuspiu e debatia-se, borrifando a roupa dela de líquido, antes de engolir uma pequena quantidade e se enroscar na curva do braço dela. Pouco depois, sucumbia ao sono, exausta.

– O que é que disseste à Allie?

– Nada. – Riu-se. – Não seria nada conveniente se ela entrasse em pé de guerra hoje e não era boa ideia privá-la das suas distrações em Nairobi com um assunto problemático. Não concordas?

– Concordo – disse Sarah, sorrindo.

– Disse que nos atrasámos porque tínhamos tido problemas com o radiador. O que é verdade. Só omiti alguns pormenores importantes. Vai uma bebida? Estou morto por beber um grande *whisky*.

– Bem pensado. – Sarah olhou para o seu cúmplice, registando o seu aspecto pisado e magoado. – Desculpa lá se quase te matei quando investi contra esses brutos. Receio bem que amanhã estejas com um olho negro. Às tantas era melhor pôr gelo nesse galo. Dói-te?

– Nem por isso. E desculpa por ter berrado contigo. – Bebeu um grande gole de *whisky* e sentiu o calor agradável na garganta. – Foi de puro e absoluto terror. Pensei que ias embater de frente contra a pedra.

– Provavelmente teria embatido, se o pedregulho mais pequeno e o espinheiro não se tivessem metido à minha frente.

– Vamos tomar um duche e jantar – disse Hugo. – E beber uma garrafa de vinho. Para celebrar a nossa sobrevivência.

Depois do jantar, Sarah tapou a cria adormecida com a camisola e levantou-se cuidadosamente. – Vou ficar com a criaturinha esta noite. Podes trazer as minhas câmaras e os candeeiros?

Desejaram boa-noite a Ahmed e dirigiram-se para a tenda de Sarah, onde Hugo esvaziou um cesto de rolos e forrou a improvisada cama com uma toalha antes de colocar a chita lá dentro. Esta não se mexeu. Talvez nunca mais acordasse, pensou Sarah. Agora que a crise passara, começava a reagir. Olhando para a cria minúscula e indefesa, deixou-se dominar pelos acontecimentos da tarde e apercebeu-se de como as suas acções haviam sido loucas. Irresponsáveis. Pusera em perigo a vida de Hugo e a sua. E para quê? A pobre cria provavelmente não ia sobreviver mercê da infecção e do choque. Será que não havia descanso da sucessão de violência e morte? Voltara para o Mara para encontrar a paz que desejava e acabara por experimentar mais destruição. Surgiram no seu espírito imagens com uma intensidade terrível e ela pressionou os olhos com as mãos para tentar detê-las. *Isis* a ser lançada ao ar, o estalar do seu pescoço ao partir, a cria nas mandíbulas da hiena. A voz de Hugo chegou de muito longe.

– Sarah? Precisas de te deitar.

Ela enroscou-se de costas para ele e enterrou a cara na almofada enquanto os acontecimentos do último ano a submergiam, como uma onda gigante, ameaçando esmagá-la com a força da lembrança. Mais uma vez, a sua vida fora despedaçada e estava a ser sugada para um buraco vazio. De súbito, os braços de Hugo estavam à sua volta.

– Fala comigo, Sarah. Conta-me tudo.

Durante toda a noite, ela narrou a história da sua vida destroçada, não escondendo nada, encontrando uma incrível libertação ao formar as palavras que exprimiam toda a sua raiva e desilusão, a sua confusão e culpa. Hugo abraçou-a, afagou-lhe o cabelo, aqueceu a parte dela que desistira da vida e da esperança. Deitou-se ao lado dela na estreita cama de campanha, beijou o seu rosto manchado de lágrimas e murmurou palavras de conforto até que ela finalmente adormeceu.

Quando o dia nasceu e o chilrear dos pássaros encheu a tenda, ela acordou e deparou-se com ele a observá-la. Os seus lábios uniram-se com uma ternura que se transformou em premência e paixão. Ela fechou os olhos, sentindo o profundo prazer da sua carícia, deixando as mãos dele percorrer o seu corpo em movimentos longos e leves. A primeira vez que fizeram amor foi doce e vagarosa, pela satisfação da descoberta. Há muito tempo que ela não sentia uma liberdade assim e agarrou-se a ele, ofegante, abalada pelo poder da experiência. A seguir, deitados lado a lado, ela estudou o rosto dele, vulnerável sem os óculos, passou os dedos pelo seu cabelo revoltado e tocou na pisadura na sua testa. Tinha razão em relação ao olho negro – os seus dois olhos estavam rodeados por manchas roxas.

– Pareces um panda. – A sua gargalhada foi suave. – Sinto muito por te ter feito isso.

Chegou um leve ruído do chão e ela debruçou-se e espreitou para o cesto. A cria estava sentada, examinando o que a rodeava. Fitou-a com olhos brilhantes, e ronronou baixinho.

– Ela conseguiu, Hugo. Acho que vai ficar bem. Temos de arranjar leite. É melhor vestires-te. O Ahmed há-de estar a aparecer com o chá e tens de estar decente.

Enfiou a roupa e ajoelhou-se no chão, retirando a cria do cesto, sorrindo quando o animal lhe cheirou a mão a medo e lhe afocinhou a cara. Hugo vestiu-se e passou por ela, fazendo deslizar os dedos pela sua nuca. Lá fora, ela ouviu Ahmed a aproximar-se da tenda com o chá matinal.

– *Karibu*, Ahmed – chamou. – Entra e vê o resultado dos nossos esforços.

– Eh! *Duma kidogo ananawiri*. Vou buscar leite. – Afastou-se apressadamente, assobiando de alegria.

– Devíamos tentar arranjar leite de cabra – disse Sarah, enquanto davam de comer à chita com alguma dificuldade. – Seria mais fácil de digerir. Há uma *manyatta* perto daqui. Podemos levar o velho jipe e comprar uma cabra leiteira. Vão pedir um preço exorbitante, mas há-de valer a pena. E temos de ir a Narok falar com o director do parque. Há um bom mecânico na *boma* dele que talvez venha reparar o radiador. Não quero nada encomendar

um novo. – Pensou que teria de contactar o tio Indar e amaldiçoou-se secretamente. Mas Hugo estava a rir-se.

– Que foi? Onde é que está a graça?

– Tu – disse ele. – Ontem espetaste-te contra um pedregulho dos diabos para salvar um animal minúsculo, a seguir ajudaste-me a remendar um radiador para não sermos comidos e depois transformaste-te em veterinária, emborcaste um jantar e uma grande quantidade de vinho e finalmente caíste num buraco negro ao ponto de eu ter medo de que não acordasses hoje de manhã. E agora aqui estás, com um ar glorioso, a fazer planos para o dia como de costume. És extraordinária.

– Ontem à noite salvaste-me, Hugo. – Beijou-lhe a palma da mão. – Tinha atingido o ponto mais baixo da minha vida e tu conseguiste arrancar-me desse estado. Vamos tirar o máximo partido do que nos foi dado.

Puseram a chita no cesto e confiaram-na a Ahmed enquanto iam em busca de provisões. O rosto do cozinheiro franziu-se de prazer ao pegar na cria.

– Tens de lhe arranjar um nome – disse Sarah.

– Vamos chamar-lhe *Hiba* – disse Ahmed, com grande solenidade.

– Perfeito. – Sarah ficou deliciada.

– O que é que quer dizer? – perguntou Hugo.

– Significa um presente... uma dádiva de amor. – Sarah tocou-lhe na mão.

Sorriram um ao outro enquanto assaltavam o armazém de Allie à procura de açúcar, chá e sêmola de milho para regatear com os Masai a fim de obter uma cabra para amamentar a chita. Narok foi a primeira paragem e estacionaram diante da *duka* indiana para comprarem biberões e tetas.

– Está com muita sorte, Mrs. Singh – disse o proprietário. – Ainda na semana passada a minha mulher trouxe estas coisas de Nairobi para uma criança masai que tinha a mãe doente. Não é normal termos em *stock*.

– Ainda bem que a Allie não é telepática – disse Hugo quando se afastaram. – De tantas coisas que pôs nas listas de compras dela ao longo dos anos, nunca lhe passou pela cabeça incluir biberões.

– Nunca pôde pensar em alimentar bebés – disse Sarah. – Tu és o filho substituto dela, a criança que nunca teve porque adorava o Dan.

– Isso é verdade? – Hugo ficou profundamente comovido. – Ela sempre me pareceu a aventureira de espírito livre que não queria laços nem amarras. Senti-me cheio de sorte por ela se manter em contacto comigo. Por me escrever sobre a vida dela. Todos os anos esperava que ela me convidasse para ir para Buffalo Springs, mas ela nunca o fez.

– Não podia – disse Sarah. – Sabes que eu adorava e admirava o Dan, mas as crianças eram o ponto fraco dele e não as queria na vida e no acampamento dele. Ele era o chefe. O que dizia era o que a Allie fazia. Não... dito assim, parece escravatura e não é verdade. Era o que ela queria fazer.

– Obrigado por me dizeres isso – disse Hugo. – Tinha problemas de saúde, sabes, quando era miúdo. E acho que foi uma desilusão para os meus pais eu ser um rapaz fraco, que via mal e tinha ataques de asma, e não tinha qualquer interesse em ir pescar nos lagos e rios gelados da Escócia. O meu escape era a percepção da Allie de outro mundo. Mas sempre me entristeceu não o poder partilhar porque achava que ela não me amava o suficiente.

– Não amava ninguém mais do que tu – disse Sarah, os seus olhos a brilhar. – E é por isso que és *tu* que lhe vais dizer que fiz bem em fazer o que fiz.

O director do parque não estava no seu gabinete, mas deixaram uma mensagem e continuaram para a *manyatta* onde Sarah passou uma hora a negociar, transpirando com o calor, as moscas a zumbir à volta da sua cara e cabelo, enquanto regateava com os anciãos. Foi Hugo que empurrou a cabra que balia e protestava para o banco de trás do veículo.

Passaram a manhã seguinte a registar os movimentos de *Lara* e da família e voltaram para o acampamento ao meio-dia, descobrindo que o director do parque fora inspeccionar a cria.

– É muito jovem – disse ele. – Vai ser preciso trabalho e sorte para sobreviver. Isto aqui é uma área aberta. Ela vai ficar vulnerável aos predadores. Seria melhor levá-la para o orfanato de animais em Nairobi.

– O lugar dela é aqui, no Mara – disse Sarah. – Nós somos capazes de olhar por ela e mais tarde poderá ser libertada no seu próprio *habitat*. É uma

oportunidade ideal para estudar o desenvolvimento de um animal tão jovem e tentar reabilitá-la quando ela tiver idade para isso.

– O que é que diz a Allie de tudo isto? – O director estava curioso. Sabia que ela obedecia a regras rigorosas e sempre admirara o seu intransigente sentido de disciplina.

– Ela está em Nairobi até ao fim da semana – disse Hugo, evitando o olhar de Sarah e sorrindo com confiança ao director. – Mas considera que é uma excelente oportunidade de pesquisa. Uma oportunidade que não quer deixar passar.

– Bem, terei muito interesse em acompanhar o progresso. – O director do parque aceitou uma cerveja fresca e o convite para almoçar. – Ela está com um aspecto saudável neste momento e fizeram um bom trabalho com a perna.

A ferida de *Hiba* sarou bem e ela não tardou a começar a andar, coxeando apenas ligeiramente. Ahmed encarregou-se de mungir a cabra e guardava-a na sua tenda à noite por uma questão de segurança. Allie ligou um dia depois para dizer que tinha confirmação de mais financiamentos e que a primeira parte do seu estudo seria publicada numa revista científica. Eroe falara também perante a reunião da FAVS, explicando os pormenores ilustrados pelas fotografias de Sarah e as suas próprias ideias sobre o delicado equilíbrio entre a vida selvagem e os habitantes masai da região.

– Acho que foi isso que operou o milagre – disse Allie, transbordando de entusiasmo com o desfecho da reunião e com o que poderiam fazer com os fundos adicionais. – E por aí, como vão as coisas? E o *Land Cruiser*?

Nunca se sentira à vontade ao telefone. As suas palavras formavam perguntas entrecortadas, sem dar grande oportunidade de serem respondidas. Sarah foi vaga, não querendo abordar a delicada questão da cria de chita ao telefone.

– O radiador está espatifado – disse ela. – O mecânico do director do parque é capaz de repará-lo e há-de funcionar até à próxima vez em que eu estiver em Nairobi. Entretanto, estamos a usar o velho jipe, que se está a aguentar muito bem. Quando é que voltas? – Sentiu um aperto na garganta e apercebeu-se de que não queria que Allie voltasse tão cedo para casa.

– Oh... – Allie hesitou. – Pensei em ficar mais uns dias. Talvez vá a Tsavo ver como estão a lidar com o problema dos elefantes. Importas-te?

– Acho uma ótima ideia. – Sarah captou o olhar de Hugo e pôs-lhe um dedo na boca quando ele começou novamente a rir. – Até para a semana.

Os dias sucederam-se numa névoa de felicidade para Sarah. Passava todos os momentos do dia com Hugo, no mato, observando as outras chitas, ou deitada ao lado dele na tenda à noite. Tinham um entendimento tácito de não pensarem nem falarem sobre o futuro. Somente o presente importava, um beijo, uma carícia, um olhar, fazer amor à sombra de uma acácia na paisagem selvagem, rindo-se como adolescentes das condições apertadas na traseira do jipe ou na estreita cama de campanha, explorando-se um ao outro com ternura, rendendo-se à paixão, sussurrando no escuro. Ela entregava-se a uma liberdade leve e alegre que há muito não experimentava. Não havia restrições, preocupações com fertilidade, unicamente a expressão do desejo e uma realização que a deixava profundamente satisfeita. Ele compreendia-a, parecia prever as suas necessidades e satisfazê-las com a maior sensibilidade. Ela sentia-se como se os seus pés tivessem deixado de tocar o chão e tivesse asas. Riam-se de tudo e de nada, desfrutavam da beleza do ambiente que os rodeava, tocavam-se um ao outro com reverência e deleite. O resto do mundo eclipsava-se numa outra dimensão qualquer.

Allie e Erope chegaram tarde, numa segunda-feira à noite. Sarah correu a saudá-los, lançando os braços à volta de uma Allie atónita.

– Eh, calma aí. – Allie desembaraçou-se do abraço. – Estás bem?

– Melhor que nunca.

Os olhos verdes de Sarah estavam brilhantes e a sua pele reluzia. Estava com um aspecto radioso, saudável e feliz e Allie suspirou de alívio. A rapariga frágil e alquebrada, pálida, angustiada e à beira do colapso desaparecera e parecia ter ocorrido uma transformação completa. Virou-se para o sobrinho que estava mais atrás e cumprimentou-o com afecto, mencionando, preocupada, as suas pisaduras.

– Oh, isto não é nada, comparado com a semana passada – disse ele. – Agora estou óptimo.

Sarah estava a felicitar Erope pelo seu papel na apresentação quando Ahmed apareceu, com a cria ao colo. Allie estacou.

– Que raio vem a ser isso?

Sarah começou a falar muito depressa, explicando a situação. – A decisão foi minha, Allie. Tinha de salvá-la. E não estou arrependida embora saiba que tens reservas sobre...

– Se tenho! – A expressão de Allie era severa. – Conheces perfeitamente a base em que trabalhamos aqui. Somos cientistas, observadores. Não se trata de um centro de acolhimento. Como é que vamos cuidar desse animal?

– *Hiba*. Chama-se *Hiba*. Sobreviveu contra probabilidades incríveis. Olha para ela, Allie! Não podia deixar a hiena matá-la também.

– Fantasias sentimentais – disse Allie num tom firme. – Vês coisas no comportamento dos animais que não têm nenhuma base científica. Sinceramente, Sarah, desiludes-me.

– Nesse ponto, não concordo contigo – disse Hugo. – Já sei que não devemos intervir, mas interviemos. O director do parque também a viu e está interessado em acompanhar o progresso dela. Ela está a alimentar-se bem com o leite da cabra que comprámos aos Masai.

– Que quê? – Allie notara a defesa enérgica de Hugo e as suas implicações não lhe escaparam. Mas a cabra distraiu-a. – Agora temos o diabo de uma cabra no acampamento?

– Precisávamos de leite que ela conseguisse digerir. – Sarah estava a olhar para ela, a luminosidade tendo-se-lhe extinguido no rosto. – O Ahmed não se importa nada de ordenhar a cabra.

Ahmed começou a falar mas Allie levantou a mão.

– E o que vai acontecer quando ela tiver de ser desmamada? Não lhe podemos dar animais domésticos... caso contrário acaba a assaltar as *bomas* dos Masai sempre que quiser comer. Pensaram nisso? Se vai ser devolvida à liberdade, que é o que presumo que tens em mente, Sarah, alguém tem de ensiná-la a caçar. E enquanto não for capaz de abater as suas próprias presas, há o problema de precisar de carne fresca de animais.

– Eu sei. – Sarah estava desalentada. – Admito que a primeira coisa em que pensei foi em salvar a cria. Mas depois apercebi-me de que ela podia constituir um projecto fantástico. Parte da nossa pesquisa. E somos capazes de conduzi-lo, as duas. Quer dizer, olha para os Adamson, com os leões deles. E a Joy criou uma chita. Elope?

– Podemos aprender muito com isto – disse o samburu a Allie. – Por vezes, o destino põe-nos uma coisa no caminho e temos de aproveitá-la. Deixa esta *Hiba* ficar. Sabe-se lá o apoio suplementar que consegues para o teu trabalho se as pessoas virem como salvaste um animal de uma morte certa.

Pegou na cria e pô-la nas mãos de Allie. Ela acabara de tomar um biberão de leite e ronronava, sonolenta.

– Está bem, ela fica. Por agora. – A expressão de Allie suavizou-se. – Mas atenção, não tenho aqui um orfanato de animais. Esta é a única criatura que alguma vez acolheremos e, se se revelar demasiado problemático, teremos de pensar numa alternativa. Ahmed, traz-me uma grande *vodka*, por favor. Está claro que perdi a cabeça. E sentem-se, por amor de Deus. Todos.

Sarah captou o olhar de Hugo com uma expressão que recordou a Allie a sua felicidade no dia em que se casara. Nesse momento, estava de mão dada com Rabindrah, arvorando o mesmo sorriso luminoso. Oh, não, pensou. Sarah e Hugo. Que diabo vai acontecer agora?

Nos dias que se seguiram, Allie observou o sobrinho e Sarah e ficou preocupada com eles. Eram incapazes de esconder os seus sentimentos, denunciados constantemente por um olhar, um toque. Mas não disse nada. Afinal de contas, quem era ela para dar conselhos sobre o amor e o romance? Tinha praticamente a certeza de que Hugo se apercebera da sua relação com Elope, e interrogava-se se Sarah também saberia. Mas no seu caso era diferente. Era uma mulher livre e o estado civil de Elope, no seio da sua tribo, não o proibia de ter outra companheira. Era jovem, forte e viril e davam prazer um ao outro. Unia-os um laço que evoluíra ao longo do tempo para uma gratificante realização sexual.

Hugo e Sarah eram outra questão. O casamento de Sarah estava em crise, talvez terminado, mas havia problemas que teriam de ser abordados antes que ela pudesse encontrar verdadeira felicidade ou paz com outra pessoa. E Hugo não era um mulherengo que se satisfizesse com uma relação casual. Também podia sair terrivelmente magoado. Entretanto, continuavam a seguir as chitas na selva e a cuidar de *Hiba*. Erope observava e encolheu os ombros quando Allie olhou para ele com uma interrogação no olhar.

– Em breve ela tem de decidir – disse ele. – A Sarah não vai viver duas vidas.

O momento da decisão chegou mais cedo do que o esperado.

– Mr. Rabindrah contactou pelo rádio – disse Ahmed, quando Allie voltou das observações do dia. – Queria falar com a Mama Sarah mas eu disse que ela não estava. Dentro de dois dias, vai chegar com o *bwana* Anthony, que vai transferir o acampamento dele para aqui.

Quando Sarah e Hugo chegaram, Allie chamou-a à parte. – Sarah...

– O que foi? – Sarah viu a preocupação na expressão de Allie.

– O Rabindrah ligou. Vem para o Mara com o Anthony e quer estar contigo.

Sarah ficou completamente imóvel. O maravilhoso casulo em que estivera refugiada começava a desfazer-se. Sabia que isso teria de acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas não tão depressa.

– Não posso falar com ele – disse ela, tendo perdido já o ânimo dos dias anteriores.

– Vais acabar por ter de falar, embora este não seja o melhor lugar – disse Allie. Esperou, mas Sarah não disse mais nada. – Quando decidires, diz-me o que tencionas fazer – disse ela, saindo.

Viu Hugo dirigir-se à tenda de Sarah, depois de tomar um duche, e não lhe fizeram companhia para tomar, como habitualmente, uma bebida antes do jantar. Erope chegou e sentaram-se juntos em silêncio, olhando para o fogo. Ao jantar, ninguém mencionou a chamada de Rabindrah. No fim, Allie pegou na cria e no cesto dela.

– Vou deitar-me cedo – declarou. – Levo a *Hiba* comigo. Podes tirar uma folga dos teus deveres de ama.

Sarah saiu alguns minutos mais tarde e os dois homens ficaram juntos, absorvidos nos seus próprios pensamentos. Então Erope levantou-se.

– Meu amigo, todos os momentos ficam gravados em nós – disse ele. – Devemos sempre guardar uma luz para os dias negros.

No pequeno e perfeito mundo da sua tenda, Sarah encostou-se a Hugo.

– Amo-te – disse ele. – Não é a melhor altura para dizê-lo, mas talvez seja a única em que posso. Quero fazer-te feliz e acredito que sou capaz. De dedicar toda a minha vida a isso. Mas tu também tens de acreditar. Sei que precisas de tempo, e compreendo isso. Posso esperar.

Ela pousou-lhe o dedo nos lábios para calá-lo.

– Sim, preciso de tempo – sussurrou. – Para decidir o que tenho de fazer. Mas esta noite quero que me abrases. Que me ames. Deixa-me amar-te da maneira de que sou capaz. Sinto-me como se estivesse aleijada, a lutar para me equilibrar. Hoje preciso que me aceites como eu sou porque és o mais carinhoso dos homens.

Ele beijou-a e despiu-a, deitando-a na cama. Quando começou a acariciá-la, ela apertou-se contra ele, envolvendo-o com as pernas e murmurando repetidamente o seu nome. Passaram a noite abraçados um ao outro, a fazer amor, a dormir, a acordar e a tocar-se até o desejo os juntar de novo.

Quando amanheceu, ela estava a dormir, o cabelo despenteado, os lábios pisados dos beijos dele. Ele inclinou-se sobre ela e ela abriu os olhos.

– Tenho de partir – disse ela.

– Eu sei. – Ele afastou-lhe uma madeixa de cabelo da cara. – Para onde?

– Para onde possa reflectir sobre as coisas. Preciso de fazer isso antes de falar com o Rabindrah.

– Falei com sinceridade. Sobre tudo. Esperarei por ti. Sou um homem paciente e amo-te.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. – Hugo – disse. – Meu querido Hugo.

– Não. Não chores. E nós não nos vamos despedir. Vou sair agora com o Erope. E quando estiveres pronta, quando tiveres decidido, dir-me-ás. Se me quiseses, vou ter contigo, estejas onde estiveres.

Levantou-se, vestiu-se rapidamente e beijou-a pela última vez. Depois partiu.

Sarah dirigiu-se à tenda da messe onde Allie estava a tomar o pequeno-almoço, com a chita no colo.

– Vou-me embora, Allie. Eu sei que é tão inesperado como a minha chegada e espero não causar demasiados problemas logísticos. Mas tenho de tomar decisões, como disseste. Pensei que podia fazer isso aqui mas, como vês, não aconteceu exactamente assim. Vou para Langani. Queres que a leve? – Indicou a chita com um gesto. – Ela pode ser criada lá sem problemas.

– Não. Foi aqui que veio parar e é aqui que fica – respondeu Allie. – O Rabindrah vai tornar a ligar, já sabes.

– Sim. Diz-lhe que preciso de decidir o que quero realmente da vida e que tenho de o fazer sozinha. Mas prefiro que ele não saiba para onde fui. – Afagou a cria. – Desculpa ter-te sobrecarregado com ela.

– Não há problema. Nós olhamos por ela até tu voltares. Vais voltar?

– Em breve. Quando for capaz de me comportar como uma cientista racional outra vez.

– Queres tomar o pequeno-almoço?

– Não, só um termos de café. Vou fazer-me à estrada. Importas-te de ligar à Hannah pelo rádio e informá-la de que estou a caminho? E Allie?

– Sim?

– Obrigada. Por tudo. Quem me dera que as coisas tivessem corrido da maneira que nós... – Não foi capaz de concluir a frase, incerta do que queria dizer.

– A vida é assim, estranha. Cuida de ti, Sarah. Vai dando notícias.

Ao afastar-se do complexo, viu Allie em pé, debaixo de uma árvore, com a pequena chita nos braços. Não havia sinais de Hugo.

CAPÍTULO 24

Quénia, Novembro de 1977

Sarah conduziu demasiado depressa, querendo distanciar-se rapidamente do Mara, para o caso de fraquejar e mudar de ideias. Hugo ocupava os seus pensamentos, o seu cheiro invadia-lhe as narinas, a sensação dos seus braços à volta dela e a recordação do amor físico ainda no seu sangue. Ele era forte, estável e calmo. Estaria segura com ele. Compreendia-a. Fazia-a rir. Talvez devesse dar meia-volta agora, regressar, dizer a Rabindrah que estava acabado. Havia encontrado alguém que a amava acima de tudo, que a acarinharia sempre e a poria em primeiro lugar. Estava cansada que fizessem dela gato-sapato, cansada de nunca saber o que vinha a seguir. Mas não podia esperar por Rabindrah no acampamento de Allie, pôr fim ao seu casamento no lugar onde se entregara a Hugo. Seria demasiado cruel. Continuou a conduzir, detendo-se na berma da estrada o suficiente para meter gasolina, comprar um pacote de bolachas e tomar café.

Hannah apareceu ao encontro dela, seguida dos impetuosos cães.

– Ficas tão bonita quando estás grávida – disse Sarah.

– Ainda bem que vieste – disse Hannah. – Agora podemos pôr-nos em dia com as novidades de todos. Não tivemos oportunidade de conversar desde o casamento. Vai ser *lekker*!

– Todos?

– A Camilla chegou ontem à noite. Neste momento, está com as *bibis* na oficina, mas não deve demorar.

– Pensei que a Camilla estivesse em Londres.

– Voltou na semana passada. Calculo que sabes da coisa terrível que aconteceu?

– Que coisa terrível? – Sarah desviou o olhar. Hannah também teria desculpado o aborto? Seria ela a única a estrebuchar nas areias movediças do sofrimento e da indignação?

– O Duncan Harper fugiu com o dinheiro da empresa. A Camilla teve de disponibilizar todo o dinheiro que tem para o Anthony não ir ao charco. Fez várias sessões fotográficas antes de partir para ganhar mais dinheiro. E agora tem de colocar o máximo possível de roupas no mercado local. Vai mesmo vender a casa de campo em Inglaterra, embora tenha esperança de manter o apartamento. Está com um ar exausto. Convencida de que a culpa foi dela por ter sugerido a contratação do Duncan.

– Ela vai daqui para o acampamento do Anthony no Mara? – Sarah aclarou a garganta com dificuldade.

– Não sei. Precisa de passar algum tempo no escritório quando partir da fazenda. Mas teremos dois dias juntas. Fantástico, não é?

– Ela sabe que eu estou aqui?

– Não. Achei por bem fazer-lhe uma surpresa. Sarah? Passa-se alguma coisa? E o que está a acontecer entre ti e o Rabindrah?

Era evidente que Hannah não sabia nada sobre o aborto. A cabeça de Sarah estava a ser invadida por uma escuridão. Não podia estar aqui descansada a fazer conversa de circunstância. Teria de partir antes que Camilla voltasse da oficina.

– Não me sinto muito bem – disse ela. – Acho que vou continuar para Nairobi.

– Não podes viajar mais hoje. Vai deitar-te. Eu mando a Josephine levar-te chá. Hás-de sentir-te melhor depois de descansares.

Sarah pôs-se à janela do quarto, olhando para a crista de Piet. Tinha pensado em ir até lá para reflectir, para pedir a sabedoria de que precisava. Agora só queria fugir. Era a única coisa que parecia ser capaz de fazer hoje em dia.

Bateram à porta e ela virou-se, deparando-se com Camilla à entrada. O rosto dela estava tenso e macilento e os olhos encovados. Fixou Sarah, o

corpo rígido e desafiador.

– Sarah, passámos as duas por muita coisa. – A voz falhou-lhe e o primeiro instinto de Sarah foi oferecer consolo. Depois pensou na criança morta e no papel que Rabindrah desempenhara na conspiração e abanou a cabeça, estendendo a mão em sinal de protesto e mantendo a distância entre elas.

– Porque é que não estás no Mara? – perguntou Camilla. – O Rabindrah vai para lá amanhã com o Anthony. Para estar contigo. Ele ama-te, Sarah. Tens de te lembrar disso. Não está certa a maneira como estás a tratá-lo.

– Como é que me podes dizer o que está certo? – Sarah falou num tom gélido. Só estava a filtrar palavras isoladas do que Camilla estava a dizer. – Como foste capaz? Como pudeste pôr fim à vida do teu filho e tornar o meu marido cúmplice disso?

– Ele não foi cúmplice. – Camilla desequilibrou-se e amparou-se a uma cadeira. – Ele não sabia de nada até lhe pedir que me levasse para casa da clínica. Depois de acabar. Não era capaz de estar sozinha.

Sarah tapou os ouvidos. – Não quero ouvir isto. Não quero saber.

– Não faças isso! – disse Camilla, determinada em fazer-se ouvir. – O Rabindrah não me julgou. Procurou entender. Fez-me companhia durante os momentos mais negros da minha vida, como te fez a ti. Como te atreves a intitular-te juiz dos meus actos? Sabes o que passei ao longo dos anos, à espera do Anthony? Fazes ideia do que foi? Todas essas noites solitárias em Londres, Paris e Nova Iorque, com salas cheias de estranhos a mirar-me, a apalpar-me, que só viam e desejavam a fama. Enquanto tu tinhas um marido que te amava, dia e noite, através de todos os infortúnios. Quando foi a última vez que te riste com vontade com ele, que olhaste para ele e pensaste que era belo? Hoje em dia, só a revolta te move, Sarah. Está a corroer a pessoa que eras, a destruir o teu casamento e as tuas amizades. A envenenar-te. Tens de pensar no que tu e o Rabindrah tinham juntos e sentir-te grata por isso.

Sarah colocara de novo os seus parques pertences no saco de viagem e tentou passar à frente de Camilla, que estava a bloquear a porta.

– Julgas que não passei por um tormento por causa do meu bebé? – disse ela, calmamente. – Que não estou a sofrer agora? Ora, vai para o diabo! És perita a alardear princípios nobres e supostos valores cristãos. Mas onde é que está a tua compaixão? O Rabindrah tem muito mais compaixão do que tu e estás a castigá-lo por isso. Eu amo o Anthony. Mais do que tudo e todos. Ao fim deste tempo todo, estamos finalmente juntos e daria a minha vida por ele. Qualquer vida. Mas tu acabaste completamente absorvida em ti própria. Indiferente ao teu marido e às pessoas à tua volta. Obcecada com o facto de não teres filhos. A Sarah que todos amávamos desapareceu e tens de voltar a encontrá-la. É imperativo.

Sarah pegou no saco e saiu do quarto, as palavras de Camilla reverberando no corredor atrás dela, destruindo-a, arrancando a membrana protectora em que se envolvera. Não era capaz de aguentar mais revelações.

– Força, fuge se quiseses. Era o que eu fazia até me teres obrigado a cair em mim, Sarah. Mas tu és uma cobarde. – As palavras de Camilla ecoaram à distância. – Dás sempre um grande valor às promessas e à amizade, mas já não significam nada para ti. Sarah!

Quando Sarah saiu da casa, as duas amigas correram para os degraus da frente e chamaram por ela, mas ela não parou. Algum tempo depois, deu por si na crista de Piet. Na tranquilidade, as palavras de Camilla voltaram a assaltá-la. Distintas e completas, como se estivesse a ouvi-las pela primeira vez, a sua verdade queimando como ácido, ainda demasiado duras para as aceitar. Realmente, quem era ela para proferir juízos sobre as outras pessoas? Fizera uma promessa solene a Rabindrah, de amá-lo e acarinhá-lo até ao fim das suas vidas. Acontecesse o que acontecesse. Agora reconhecia que era igualmente culpada de traição. Ele procurara levá-la a compreender o que fizera pelo tio. E depois por Camilla. E ela não lhe dera ouvidos, nem a ninguém. Lançara-se antes num romance com Hugo, sem querer saber quem poderia sair magoado quando, ou se, terminasse.

– Como é que me tornei alguém incapaz de compreender e tolerar? – disse ela a Piet. – Alguém que não vê o coração das pessoas que ama? Que não vê de todo?

Pensou em Rabindrah, partindo para o Mara no dia seguinte. Continuando a desejá-la, apesar da pessoa em que se tornara. Se voltasse para ele, deixaria um rasto de devastação atrás de si.

– Diz-me o que fazer, Piet – disse ela, deixando-se cair ao lado do *cairn*. – Por favor, diz-me como hei-de rectificar as coisas.

Mas o único som que ouvia era o do vento a fustigar os ramos das árvores ali perto, ameaçando chuva. Estava a fazer-se tarde e ela pôs-se de pé, rígida e dorida e não tendo decidido ainda o que fazer. As pedras do *cairn* reluziam sob a luz amarela de uma tempestade iminente. Esperou por algum sinal mas o lugar permaneceu silencioso, como se até Piet lhe tivesse virado as costas.

Pensou em regressar à fazenda. Em enfrentar as amigas e tentar reparar as coisas. Mas era impossível. Camilla não falara a Hannah do aborto, que podia pois dizer para explicar o seu comportamento? Como podia atravessar o campo minado das coisas terríveis que haviam dito uma à outra? Agoniada, tocou no monte com os dedos e afastou-se pelo caminho para o carro.

Os movimentos de Rabindrah eram lentos e fatigados ao enfiar a chave na fechadura e abrir a porta da rua. Na sala de estar, acendeu um candeeiro de mesa e sentou-se numa poltrona. A lareira estava a arder e Chege pusera a mesa para um jantar solitário.

Por todo o lado à sua volta estavam os haveres de Sarah. Documentos, fotografias, a sua camisola nas costas de uma cadeira, notas que ela escrevia para se lembrar de tarefas. Até o seu perfume pairava no ar. A presença dela estava em toda a sala, tornando o seu vazio mais pronunciado. Ela partira. Desta vez, perdera-a para sempre. Graças ao seu orgulho estúpido e à sua negligência. Recusara-se a reconhecer plenamente o sofrimento dela ao longo dos anos, abandonara-a quando ela precisara dele, excluía-a da decisão mais importante da sua carreira e ofendera-a ao envolver-se com Gulab. Pior ainda, ela estava convencida de que ele desempenhara um papel activo na terrível decisão de Camilla.

Allie dissera-lhe pelo rádio que Sarah partira, incapaz de enfrentar qualquer tipo de confronto, desesperadamente desejosa de tempo e espaço para si própria. O melhor que ele podia fazer era esperar. Agora, sentado na casa deserta, estava rodeado pelos vestígios de uma vida. Ouviu a porta da rua a abrir e, por um momento, pensou na sua segurança e se o *askari* ainda estaria lá fora. Levantando-se, dirigiu-se ao vestíbulo e viu a silhueta dela à entrada.

– Sarah?

Ela não falou, enquanto se olhavam um ao outro por sobre os destroços do seu casamento.

– Sarah, amo-te. Não o tenho exprimido bem ultimamente mas juro-te que nunca mais te desiludirei. Não me deixes. Deixa-me mostrar-te o que significas para mim, por favor.

Ela não disse nada, passando por ele em direcção à sala de estar e criando uma distância entre ambos.

– Desiludimo-nos um ao outro, Rabindrah – disse ela. – Perdemos-nos. Fizemos as coisas da maneira errada. – Doía-lhe a garganta ao tentar juntar as palavras certas. – Não sei se podemos começar de novo, mas talvez possamos tentar. Temos é de ir devagar.

Ele assentiu com a cabeça, sentindo o aliviar da tensão entre eles mas não querendo dizer nem fazer nada que pudesse quebrar o delicado fio em que estavam equilibrados.

– Peço desculpa por causa do Gulab – disse ele. – Não quis...

– Já morreu, pobre homem. E garantiste a segurança da Lila. Compreendo como isso é importante.

– E a Camilla...

– Tenho pena do Anthony, com tantos problemas – disse Sarah. – Continuo a não conseguir aceitar o que ela fez, mas sei que não participei na decisão dela e, no fim, é ela que terá de viver eternamente com isso. Por agora, o que podemos esperar fazer é resolver o nosso próprio futuro. Há-de bastar para nos manter bastante ocupados, não te parece?

Antes que ele pudesse responder, ela foi à cozinha, dividiu a refeição que Chege preparara e acrescentou um lugar à mesa. Sentaram-se juntos, a sua

conversa pontuada por interrupções e silêncios e a consciência da paisagem incerta que se estendia diante deles. Depois do jantar, ouviram um concerto para violino de Prokofiev e retiraram-se para o quarto. Como um recém-casado, ele concedeu-lhe momentos em privado para se despir na casa de banho. Deitada na cama, ela escutou o som familiar e mundano do marido a lavar os dentes, a bochechar, a lavar a cara. Quando ele voltou para junto dela, pegou-lhe na mão e ficaram em silêncio, juntos mas cautelosamente distanciados, até que adormeceram.

– O Gordon e a Maureen convidaram-nos para jantar – disse ele, uma semana mais tarde. – Num novo restaurante italiano. Que dizes?

À mesa dos Hedley, Sarah bebeu o vinho e observou o marido, vendo-o como se fosse a primeira vez. Ele estava embrenhado numa animada discussão política com o anfitrião, e ela sentiu de novo a excitação que experimentara no início da sua relação, quando ouvia as suas gargalhadas profundas, via a maneira como ele movia as mãos, como os seus olhos brilhavam de paixão pelo assunto. Como era também capaz de se rir de si próprio. A caminho de casa, uma corrente vibrava entre ambos e ela deitava-lhe olhares furtivos, desviando depois os olhos. Em casa, foi arrumar a sua secretária enquanto ele estacionava o carro. Ele entrou silenciosamente e deteve-se por um momento a observá-la.

– Queres uma última bebida? – perguntou ele.

Ela levantou os olhos e afastou os apontamentos, os olhos fixos no rosto dele, na boca terna. – Não – disse ela. A sua voz saiu levemente ofegante e, corando, desviou o olhar. – Preferia que me beijasses. Já passou muito tempo.

Ele levantou-a da cadeira e envolveu-a num forte abraço, quase receoso de acordar e descobrir que estava a sonhar. Deslizaram juntos, caindo de joelhos, tocando-se, beijando-se, tirando a roupa um ao outro e murmurando palavras ternas e familiares enquanto se redescobriam. Ele desejava-a mais do que tudo, queria penetrar até ao âmago dela e mostrar-lhe a força do seu amor. E então, por um segundo, sentiu medo. Ao afastar-se dela, ela estendeu os braços, enterrando os dedos nas suas costas e

sussurrando a sua necessidade. Puxou-o ferozmente para si, tomando-lhe a cabeça nas mãos, beijando-o na boca e sorrindo ao ouvir o seu grito de triunfo.

No chuveiro, muito juntinhos, riram-se e atiraram água um ao outro e depois foram para o quarto fazer amor mais uma vez, agora lenta e ternamente até ele adormecer nos braços dela. Sarah deixou-se envolver pelo seu abraço e, com uma profunda tristeza, bloqueou a recordação das outras noites. A doçura de outro amante que sabia que jamais esqueceria. Mas o seu lugar era aqui, aqui com Rabindrah. O lugar a que devia mais uma vez aprender a chamar o seu lar.

CAPÍTULO 25

Quénia, Dezembro de 1977

Hannah abriu caminho à força por entre o caos do trânsito, as mãos pegajosas no volante, serpenteando através de uma abertura entre um autocarro superlotado e um jipe, lutando para entrar na artéria principal da avenida Kenyatta. Atravessavam-se bicicletas à sua frente e os peões precipitavam-se, de modo suicida, entre automóveis e camiões que expeliam fumos de escape e ameaçavam cair sobre as multidões ao descreverem curvas ou mudarem de faixa sem avisar.

Assim que escapou à claridade ofuscante do meio-dia, o hospital tornou-se um oásis de calma. Passou pela zona de espera, onde estavam pessoas pacientemente encostadas às paredes ou sentadas nos degraus lá fora porque não havia cadeiras e bancos suficientes. Dez minutos depois, foi acompanhada ao consultório do especialista onde o Dr. Enright concluiu o seu exame aos ouvidos de Piet. A sua avaliação foi precisa e directa.

– Infelizmente, a perfuração não sarou, como se esperava – disse ele. – Mas já deve saber isso, porque a audição do Piet não melhorou durante este tempo. Além disso, ele tem um problema nos dois ouvidos que se chama colesteatoma, que é resultado do mau funcionamento da trompa de Eustáquio e de infecções frequentes no ouvido médio. O que acontece é que as infecções endurecem a pele e formam uma bolsa que gradualmente aumenta de tamanho. Com o tempo, o colesteatoma pode danificar ou destruir a delicada estrutura óssea do ouvido médio e levar à surdez.

Surdez. Era a primeira vez que Hannah ouvia a crua confirmação do problema de Piet e, endireitando-se na cadeira, tentou fitar de frente o especialista, desejando que o seu medo não se transmitisse ao filho.

– O que se vai passar agora? O que é que pode fazer por ele? – As suas mãos estavam a tremer e, entrelaçando-as com força no regaço, sorriu a um Piet ditosamente ignorante da sentença que lhe fora proferida.

– A cirurgia é a única opção – disse o Dr. Enright. – O Piet já tomou antibióticos e já fizeram uma limpeza especial à parte relevante dos seus ouvidos. Mas os exames de hoje revelam que a única forma de melhorar o seu nível de audição e prevenir danos futuros é uma operação, pelo que devemos avançar para isso. Podemos marcar para quarta-feira da próxima semana.

– Isso é dentro de cinco dias. – Hannah pensou no filho numa sala de operações, deitado, inconsciente, debaixo das luzes fortes, com instrumentos de aço a sondá-lo, cortá-lo e cosê-lo. Desviou a cabeça de Piet, incapaz de disfarçar o medo. Se ao menos Lars estivesse com ela. – O meu marido está na Noruega – disse ela. – Preferia esperar que ele chegasse. Volta na semana antes do Natal e gostava que ele estivesse presente, se o adiamento não fizer diferença ao estado do Piet.

– Isso é perfeitamente compreensível – disse o Dr. Enright. – Mas significa adiar a operação para fins de Janeiro ou princípios de Fevereiro. Depois da próxima semana, vou entrar em férias e, a seguir, vou a uma conferência médica em Londres. A não ser que queira consultar outro especialista.

– Não – disse Hannah. Escolhera Enright, depois de meticolosas averiguações, e o seu currículo e modos benévolos haviam-na impressionado. – Não queremos fazer isso. Acho melhor telefonar ao Lars, se conseguir ligação, e esta tarde informo-o do que decidirmos sobre a data. – Deu-lhe um aperto de mão e indicou com um gesto de cabeça a Piet que fizesse o mesmo.

– Vou voltar para o hospital hoje para consertar os ouvidos? – perguntou ele quando regressaram ao carro.

– Não, meu anjo, vais ser operado depois de o papá chegar a casa.

O rapaz pusera as mãos nos ouvidos, o seu rosto crispado de angústia. Hannah baixou-se e levantou-lhe a cara para ele lhe poder ver os lábios.

– Estás a ouvir os ruídos horríveis? – perguntou-lhe suavemente.

Ele indicou que sim, a sua cara uma imagem de infelicidade.

– Hãode desaparecer em breve, meu amor – disse Hannah. – Agora pensa no novo papagaio de papel que comprámos esta manhã até os sons desaparecerem. Vamos experimentá-lo no jardim da Sarah esta tarde.

– Quem me dera que a avó Lottie ainda cá estivesse – disse Piet. – Quem me dera que não tivesse voltado para Itália. Porque é que as pessoas têm todas de se ir embora? Também te vais embora como o papá e a avó Lottie? Quando é que o papá volta?

– O papá volta na próxima semana. – Despenteou-lhe a cabeça loura. – E eu não vou a lado nenhum. Sou uma mamã que não sai de casa. Não te esqueças que a Sarah também vai voltar esta noite. Com muitas histórias sobre as chitas. Vá, deixa de arrastar os pés. É hora do almoço e eu estou com fome.

Depois do almoço, ela tomou um duche fresco para se libertar do pó da cidade e depois deitou-se na cama, o seu corpo tão pesado como o ar à sua volta. Estava para vir uma trovoadas à tarde e ela esperava que não apanhasse Sarah e Rabindrah na estrada do Mara onde podiam passar horas atolados. Num estado semiadormecido, pensou em Lars numa série de imagens que se multiplicavam. Lars a dançar com ela, a jogar rãguebi, a olhar para ela sobre a sua caneca de cerveja com uma promessa nos olhos. Lars a rir-se enquanto ela se metia no rio para recolher uma mosca de pesca presa num tronco, Lars a praguejar e a tentar pôr o tractor a trabalhar, Lars ao seu lado na cama. Lars dentro dela. Sentiu vergonha do ressentimento egoísta que evidenciara quando ele partira para a Noruega e desejou ardentemente que regressasse. Amar-se-iam um ao outro como antes, as diferenças esquecidas, marcando uma data para Piet recuperar a audição. E fariam os preparativos necessários para o novo bebé. Quando estivesse suficientemente bem, Jorgen viria a Langani com Kirsten, ver a criança que fora concebida na Noruega. Decidiu escrever-lhes uma carta que lhes chegasse às mãos pouco depois de Lars partir e que lhes transmitisse algum conforto.

Do lado de fora da janela, ouvia as crianças a brincar no jardim, mas eram principalmente Suniva e James que gritavam um ao outro enquanto as respostas de Piet eram pouco frequentes. Hannah levantou-se com relutância, querendo assegurar que ninguém era excluído da brincadeira deles. Mal tinha percebido as regras quando as primeiras gotas de chuva gordas começaram a cair e eles correram pelo relvado para dentro de casa, rindo-se e acotovelando-se enquanto enxugavam o cabelo com uma toalha e procuravam roupa seca. Chege trouxe chá e estavam absorvidos num jogo de *Monopólio* quando ela ouviu o som do *Land Cruiser*. Deixando as crianças, Hannah foi lá fora ajudar a descarregar o veículo.

– Conseguiram chegar antes de a chuva se intensificar. – Tirou a caixa de piquenique do assento de trás.

– Só porque a minha mulher conduz como uma lunática. Prazer em ver-te, Hannah – disse Rabindrah. – Conta-nos as tuas novidades. Mas no alpendre, senão ficamos encharcados.

– A Lottie conseguiu escapar sem atrasos? Como é que correram as coisas com o Dr. Enright? – As perguntas de Sarah saíam em catadupa enquanto corria a abrigar-se.

– Está tudo bem com a Lottie. Já me ligou de Itália – disse Hannah. – Quanto ao Piet, a cirurgia é a única solução. Não parece coisa fácil, e pode precisar de mais do que uma operação. Depois têm de o movimentar com muito cuidado e impedir tosse e quaisquer esforços que possam criar pressão no ouvido médio. É difícil manter um rapaz da idade dele quieto, mesmo por cinco minutos, mas suponho que lá hei-de conseguir. – Estava à beira das lágrimas. – Oh, Sarah, sinto-me tão cansada e passámos por tanto ultimamente que pareço ter perdido completamente o norte. Ter perdido o juízo. Estou no limite e cheia de medo. Não consigo lidar com a operação do Piet e a gravidez e a Suniva e o James e tudo o resto na fazenda sem o Lars.

– É evidente que tens de esperar pelo regresso do Lars para avançares com a operação – disse Sarah.

– É o que eu quero fazer, mas significa um adiamento, porque o Dr. Enright vai para fora. Se bem que ele não pareça pensar que os danos

actuais aumentem significativamente antes de ele voltar. Como temos de ter muito cuidado para evitar infecções pós-operatórias, é capaz de ser melhor ficarmos em Nairobi durante esse período. Para o caso de alguma coisa correr mal.

– Podem ficar os dois aqui, sempre que for necessário e o tempo todo que quiserem – disse Sarah. – Senta-te, Han, enquanto dou uma ajuda ao Rabindrah e depois falamos mais.

– Como é que estão as coisas no Mara? – Hannah observou Rabindrah e Chege, que faziam repetidas corridas para a chuva para trazerem para dentro montes de cadernos de apontamentos, uma máquina de escrever e caixas de alumínio com rolos de película.

– A Allie está ótima – disse Rabindrah. – As meninas não querem preparar um chá? Preciso de uma bebida quente depois disto.

– Ainda é estranho não termos a *Tatu* a correr para a rua para nos receber – disse Sarah. – Aquela cauda a abanar e a maneira como ela se entusiasmava e se babava toda quando lhe fazíamos festas. Tenho imensas saudades da minha cadela, embora talvez seja melhor ela não estar aqui. Temos passado tanto tempo fora ultimamente, no Mara e numa viagem a Amboseli, para ver a montanha em toda a sua glória.

– Como é que está a pequena chita? – perguntou Hannah. – Tens fotografias que as crianças possam ver?

– Tenho montes de fotografias, e a Allie está embeijada com a *Hiba* – disse Sarah. – Apesar dos protestos iniciais.

– Deve sentir a falta do Hugo agora que tu e o Rabindrah voltaram para Nairobi – disse Hannah, esperando que a chaleira fervesse. – Não entendo porque é que ele partiu tão inesperadamente. Foi muito estranho, quando se tinha tornado um elemento tão indispensável da equipa, com os seus belos desenhos e tudo isso.

– Não foi minimamente estranho – disse Sarah num tom azedo, mas sentiu o rubor revelador subir-lhe pela garganta e cobrir-lhe as faces. – Foi passar os anos do pai à Escócia. Além disso, ela tem a companhia do Erope.

– Sim, mas ele é um samburu. – Hannah viu o lampejo de malícia nos olhos de Sarah e confundiu-o com outra coisa. – *Ach*, então, Sarah. Fomos

todos criados de maneira diferente e até tu, eu e a Camilla temos origens diferentes, apesar de a nossa pele ser branca. O que importa é que tentamos entender-nos. Mas eu não sou suficientemente hipócrita para pretender que somos exactamente iguais, negros, brancos ou castanhos, só porque é o que nos mandam dizer hoje em dia. É mais importante ser realista em relação às diferenças entre nós e tentar respeitá-las.

– Hum. Há vários anos que tento viver de acordo com isso – disse Sarah. – Caso não tenhas notado.

– O que quis dizer a respeito da Allie é que ela e o Hugo pertencem à mesma família e lugar. Têm licenciaturas, lêem os mesmos livros, apreciam o mesmo género de música e partilham muitos outros interesses. O Eroepe não é capaz de preencher esse espaço. E é uma arrogância da tua parte rires-te das minhas ideias sobre uma sociedade multirracial. São muito mais honestas e práticas do que os discursos que os diplomatas e os políticos debitam hoje em dia.

– Sim, realmente são.

– Por isso, o que estou a dizer é que, sem o sobrinho, a Allie se deve sentir só. Apesar de ter a companhia do Eroepe há anos. Imagino que também achaste estranho o Hugo não estar.

– Desenvencilhámo-nos perfeitamente – disse Sarah.

– Porque é que estás a corar? Ficaste completamente vermelha. – Hannah olhou fixamente para ela e depois rompeu a rir. – *Ach*, que *domkopf* que eu sou – disse. – Ele apaixonou-se por ti, não foi? Aposto que foi por isso que desapareceu enquanto lá estavas. Para o Rabindrah não perceber. Realmente reparei que ele te fazia olhinhos em Lamu.

– Que chorrilho de disparates – disse Sarah. – Eu e o Hugo somos bons amigos, e a Allie é a razão por que ele veio para cá. Seja como for, ele vai voltar e ficar com ela até ao próximo Verão. Depois regressa à Escócia para ocupar o seu posto de professor na universidade.

– Só bons amigos. – O sorriso de Hannah alargou-se. – É o que dizem as estrelas de cinema quando os rumores aquecem. Seja como for, faz bem ao ego ter um admirador de vez em quando. Eh, Rabindrah! Pareces uma ratazana afogada.

– E tu estás com óptimo aspecto – disse ele. – Apesar de andares a lidar com tudo em Langani sozinha. Quanto tempo podes ficar?

– Estava a pensar em partir de manhã – disse Hannah. – Volto na próxima semana para entregar roupas e carteiras em algumas das *boutiques* de Nairobi e para ir esperar o Lars. Agradeço imenso terem-nos dado alojamento. Foi divertido estar com a Lottie antes de ela partir e as crianças divertiram-se muito. De certeza que tu e a Sarah querem agora a casa livre e eu preciso de regressar à fazenda. Com a Camilla permanentemente no *bundu* ou enfiada no escritório em Nairobi, estou sozinha a assegurar o funcionamento da oficina. Estiveram com eles no Mara?

– Não. – Sarah manteve a expressão neutra. – Não tivemos tempo.

Saiu abruptamente da sala e Hannah interrogou-se mais uma vez sobre o que teria causado uma cisão tão profunda entre as suas duas amigas do peito. Ao que parecia, hoje em dia havia sempre alguém na lista negra de Sarah. De qualquer modo, pelo menos já não era Rabindrah. Olhou para ele com as sobrancelhas arqueadas e ele encolheu levemente os ombros sem oferecer qualquer explicação.

– Estive com o Anthony e a Camilla – disse ele em voz baixa. – Estão bem e na companhia de clientes satisfeitos. Mas não falei disso à Sarah e preferia que não mencionasses também. A propósito, vou oferecer-lhe um cão pelo Natal. É uma surpresa, não lhe digas nada.

– Não te aflijas, dos meus lábios não sai nada – disse Hannah, rindo-se. – E tenho a certeza de que o problema com a Camilla há-de passar com o tempo.

Hannah acordou cedo de manhã e permaneceu imóvel, vendo um raio de luz penetrar o interior fresco do quarto e escutando a saudação ruidosa de uma singanga no relvado. Depois ouviu outro ruído que a levou a sentar-se e a pegar no roupão, receosa de que Piet estivesse doente. Avançou pelo corredor até ao quarto que ele partilhava com James, mas eles ainda estavam a dormir e ela apercebeu-se de que o som vinha da casa de banho usada por Sarah e Rabindrah. A porta estava entreaberta e Hannah empurrou-a e espreitou.

– *Ach*, Sarah! Que se passa? Passaste a noite a vomitar? Espero que não tenha sido a comida que eu comprei.

Sarah estava sentada no chão. Levantou a cabeça da sanita, o rosto pálido e o cabelo colado a uma testa transpirada. – Não sei que tenho – disse ela. – Devo ter apanhado um vírus qualquer no Mara porque ando assim há três semanas. – Levantou-se, trémula. – Espero que não seja amebíase ou bilharziose. Às tantas devia fazer uma análise ao sangue. Deixa lá, já passou, vou tomar chá. Fazes-me companhia? – Deitou água na cara e passou um pente pelo cabelo. – Que horror, pareço um fantasma. É melhor arranjar-me antes de o Rabindrah acordar.

Dirigiram-se para a cozinha e, depois de o chá estar feito, sentaram-se à mesa com uma lata de bolachas.

– Sarah? – Hannah hesitou, perguntando-se se devia abordar um assunto que sempre fora delicado. – Estás... quer dizer, poderás estar... – Encheu-se de coragem. – Achas que podes estar grávida?

– O quê? – Sarah deteve-se com a chávena a meio caminho da boca e pousou-a no pires com um tinido.

– Continuas a tomar esses medicamentos? Poderão ser enjoos matinais?

– Não. Não, não quero pensar nisso. Não posso entrar por aí – disse Sarah, a sua expressão revelando um misto de confusão e medo, e ainda outra emoção que Hannah não conseguiu definir.

– Mas no teu subconsciente ocorreu-te essa possibilidade, não? O Rabindrah sabe que tens vomitado assim?

– Não. Quando acordo enjoada, vou à tenda da latrina onde ninguém me ouve.

– Devias fazer um teste. – Hannah estendeu a mão, mas Sarah retirou as mãos da mesa e enterrou-as no colo. – Não fiques assustada, Sarah. Eu vou contigo. Vamos ligar a marcar para esta manhã e podemos ir juntas. Antes de eu partir para Langani.

– Não pode ser isso – sussurrou Sarah. – Oh, meu Deus. Não compreendes. É impossível, tudo isto. Não posso estar grávida. Seria...

– Não é nada impossível – disse Hannah. – Vai lá tomar banho ou um duche e, depois do pequeno-almoço, vamos ao teu médico. Vá lá, Sarah,

tens de ter a certeza, seja ela qual for.

– A certeza? – A voz dela soou levemente histérica. – Seja ela qual for? Não sabes do que estás a falar.

– Sei. A certeza não é coisa que exista depois de tudo o que passaste – disse Hannah, indiferente à questão subjacente. – Mas tens de saber se estás grávida. Podes ligar para a clínica às oito e vamos assim que estiveres pronta. Amanhã ligo-te a saber se tens os resultados.

– Não podes dizer ao Rabindrah. – Sarah estava com um olhar alucinado. – Jura-me que não lhe dizes.

– Dos meus lábios não sai nada, acredita. – Hannah sorriu ao repetir as palavras e dirigiu-se para o quarto.

Sarah estava à entrada da igreja, quase com medo de entrar. Virara as costas ao Deus impiedoso e vingador que levara os seus bebés, a punira por pecados que não conseguia identificar ou sequer recordar. E agora a fé que abandonara distribuía-lhe uma carta imprevisível que ela não sabia jogar. Sentiu a náusea subir de novo e todo o seu corpo entrou em espasmos. Agarrando-se à barriga, mudou-se para um banco diante da Virgem com o Menino Jesus. Tremeluziam velas, pairava no ar um cheiro a incenso e a luz incidia em raios coloridos dos vitrais sobre o chão de mosaico. Sentou-se no ambiente fresco e sossegado, incapaz de rezar. O que iria fazer? Uma parte de si bradava a sua gratidão pela bênção que recebera enquanto uma outra voz mais sinistra a advertia do perigo que este bebé representava. Por um momento, teve uma ideia da tortura por que Camilla passara, embora continuasse a não ser capaz de aceitar a solução. Teria este filho. Era a maior de todas as dádivas, algo por que ansiara durante muito tempo. E, contudo, podia determinar a destruição do seu casamento. Como podia falar a Rabindrah sobre a vida que crescia dentro dela, ver a felicidade e o júbilo nos seus olhos e saber que a criança podia não ser dele? Que efeito teria sobre ele se descobrisse que ela concebera com Hugo no espaço de poucos dias de paixão depois de anos de fracasso entre eles?

Não havia maneira de saber com certeza de quem era o filho. Questionara o médico a respeito do momento da concepção e escutara atentamente a sua

resposta. As palavras destinaram-se a confortar uma mãe aterrada que já perdera dois filhos e tinha dificuldade em acreditar que voltara a engravidar.

– Ainda é cedo, Sarah – dissera ele. – Não posso atribuir uma data exacta à concepção, mas o teste é positivo. No entanto, com o seu historial, teremos de acompanhá-la de muito perto. Parece estar de excelente saúde e a náusea é bom sinal... não lhe faltam as hormonas certas no organismo. Não vejo motivo de preocupação, mas deve levar as coisas com calma. Nada de safáris longos no mato de momento. Quero examiná-la regularmente. – Dirigiu-lhe um sorriso encorajador. – Descontraia, minha querida. Desfrute ao máximo da sua gravidez. E felicitações, a si e ao Rabindrah.

Devia falar de Hugo a Rabindrah? Não. Não, nunca poderia revelar a ligação. Mesmo que ele perdoasse a sua infidelidade, não seriam capazes de aguentar nove meses juntos, sem saber de quem era o filho que ela ia trazer ao mundo. Não podia dizer a ninguém. Nem ao marido, nem aos pais, nem a Hannah. Se havia alguém em quem poderia ter confiado, teria sido Camilla. Compreendia isso agora. Mas estava fora de questão depois das palavras que haviam trocado no confronto entre ambas. E, à luz do seu dilema, a decisão de Camilla parecia ainda mais atroz do que antes. Não. Teria de acarretar este fardo sozinha. Agora a única coisa que podia fazer era rezar. Pela segurança da criança e pela salvação do seu casamento. Sarah fechou os olhos e procurou recordar as palavras das orações que sempre conhecera, mas o rosto de Hugo surgia diante dos seus olhos. Tentou afastar a imagem, sentindo mais uma vez um aperto no estômago. Pousando uma mão protectora sobre o ventre, jurou acarinhar esta pequena vida, independentemente das consequências. Levantou-se, dirigiu-se à estátua da Virgem e acendeu uma vela.

– Ajuda-nos – murmurou. Era a única prece que os seus lábios conseguiam articular.

Rabindrah estava sentado diante da máquina de escrever quando Sarah chegou a casa. Há dois dias que estava a corrigir secções do manuscrito que

Allie não considerara suficientemente rigorosas. Ela deteve-se à porta, contemplando a sua forma magra e nariz aquilino.

– Acho que isto já está correcto. – Ergueu os olhos e levantou uma mão em jeito de saudação. – Era capaz de ser boa ideia irmos passar uns dias ao acampamento para a Allie verificar o texto pela última vez antes de mandarmos tudo para Londres. Que achas? A propósito, a Hannah ligou de Langani para falar contigo. Disse que ligava mais tarde. E esta tarde perguntei-me se poderíamos...

– Estou grávida.

Ouviu-o suster a respiração, viu a sua pele empalidecer ao digerir a notícia. Depois, o lento avolumar da esperança e da apreensão contagiou-lhe os olhos e o seu sorriso transformou-se num meio soluço ao levantar-se. Quando passou os braços à volta dela e a beijou na testa, ela começou a chorar.

– É maravilhoso – disse ele baixinho. – Sou o homem mais feliz do mundo e vai correr tudo bem contigo. Desta vez, não há-de haver problemas. Eu sei, não precisas de ter medo.

Sarah encostou-se a ele, sem fala, incapaz de conter a opressiva felicidade e as correntes impetuosas de culpa e desafio. Ia ter um filho. Fora-lhe dada outra oportunidade. Por quem e por meio de que circunstâncias exactas, não sabia. Mas havia uma possibilidade.

CAPÍTULO 26

Quénia, Dezembro de 1977

Quando o avião de Camilla aterrou no Mara, ela observou os passos largos do marido a atravessar a pista e sentiu uma dor insuportável, um sentimento de culpa e arrependimento que não podia partilhar. Uma farpa de engano destruíra o laço perfeito entre os dois e continuava a supurar no seu espírito. No calor da tarde, quando os Metcalf se tinham retirado para dormir a sesta, Anthony estendeu os braços para ela.

– Não passou um momento em que não te desejasse – disse ele, com olhos famintos. – Quero-te agora.

Mas ela não podia oferecer o amor físico que ele desejava. O médico proibira-a de ter relações sexuais durante seis semanas. Por uma questão de segurança. Era algo que não podia explicar a Anthony.

– Estás zangada, Camilla? – Ele ficou desconcertado e desiludido com a sua hesitação. – É porque te desapontei? Eu sei que tiveste de gastar tudo o que tinhas para não nos afundarmos. Mas hás-de recuperá-lo, e tenciono trabalhar até cair para o lado para garantir de novo a tua segurança financeira.

– Claro que não estou zangada, querido – disse ela. – Estou simplesmente cansada de andar a correr de um lado para o outro em Londres, arranjar tempo para mais trabalhos e entrevistas na televisão. Em Nairobi também foi uma roda-viva porque tinha imensas coisas para tratar com a Evelyn. Ela vai gerir o escritório com competência, com a reputação que tem e os anos de experiência como contabilista em *lodges* de vida selvagem africanos. Mas fiquei a pé até à meia-noite quase todos os dias, a examinar novamente

a papelada, para ter a certeza de que não há mais surpresas desagradáveis, e a pressionar clientes indecisos.

– Fiz isso tudo antes de chegares – disse Anthony. – Não percebo porque é que examinaste tudo outra vez, a não ser que penses que não fui meticoloso.

– Foste, com certeza – disse ela. – É só que... Oh, não vale a pena tentar explicar. O trabalho em Langani exigiu paciência e concentração. As *bibis* estão sempre disponíveis, mas tive de ensiná-las a cortar e a coser as peças novas. Preciso de algum tempo para me recompor e me sentir normal outra vez. Por favor, abraça-me, meu amor. Para me sentir segura e amada, sem vergonha dos erros terríveis que cometi.

– A culpa não foi tua – disse ele. – O Duncan planeou isto na perfeição, fugindo no momento ideal, quando não estávamos cá. Não debes cismar com isto, Camilla. Não vamos viver com o espectro da mágoa a ensombrar o nosso futuro. Dentro de um ano, teremos recuperado por completo com o programa intenso de safáris que organizámos e as tuas roupas fantásticas a serem lançadas na América.

Não fizeram amor durante as semanas que ela passou no Mara e ele ficou inicialmente perplexo e, mais tarde, contrariado. Embora ele mantivesse a sua habitual fachada de encanto profissional, havia uma certa fricção nos seus momentos em privado.

– Mudaste de ideias a meu respeito? A respeito de nós? – A dúvida começara a atormentá-lo. – Suponho que o teu amigo Tom se tem regozijado com os meus dissabores. A lembrar-te que nunca devias ter trocado a boa vida pelo continente negro e os meus talentos primitivos.

– Ele foi maravilhoso – disse ela, defensiva. – Não só se ofereceu para adiar os honorários dele por agora, como comprou a minha casa de campo em Burford.

– Oh, meu Deus – disse ele. – Sinto muito, Camilla. Sei como gostavas daquela casa.

– Para ser franca, não sei por que razão não me desfiz dela antes – disse ela. – Suponho que foi porque a minha mãe se sentiu confortável lá nas últimas semanas da vida dela. Em paz consigo mesma e com o meu pai, depois de tantos anos de azedume entre eles. Mas praticamente não a usei

desde então. Aliás, o Tom tem passado lá mais tempo do que eu, com uma série de namoradas, a última das quais a Lila. É bastante romântico, como tu próprio disseste, mas não vejo que a viéssemos a usar. – Havia uma tristeza inconfundível na sua voz.

Ele não insistiu mais e ela sentia-se cada vez mais distante dele, perseguida pela memória do aborto e da sua querela com Sarah. Sabia agora o que era perder um filho e parecia trágico não poder partilhar a sua perda com a única pessoa que experimentara a mesma agonia.

Foi Anthony quem sugeriu uma visita ao acampamento de Allie.

– Acho que não te vou acompanhar – disse Camilla. – Quero trabalhar com o Francis numa novidade no menu do jantar. Uma sobremesa que ele nunca fez.

– Mas não estás com a Allie desde o nosso casamento – disse Anthony, irritado com a resposta dela. – Ela vai ficar magoada se descobrir que estiveste aqui e não a visitaste.

– Encontrei a Sarah em Langani e tivemos uma discussão. Prefiro não estar com ela por agora, e imagino que ela sente o mesmo.

– Essa rapariga entrou em confronto com toda a gente nos últimos meses. – Anthony estava exasperado. – Pode ser que agora acalme, se controle, desde que as coisas com o Rabindrah entraram nos eixos. Às vezes pergunto-me onde está a Sarah de antigamente, com a sua generosidade e percepção. Seja como for, ela voltou para Nairobi. Neste momento, a Allie e o Hugo são os únicos que estão no acampamento. E o Erope.

Os Metcalf ficaram encantados com a oportunidade de ver e pegar na jovem chita e de conhecer Allie, cuja pesquisa já conheciam dos livros de Sarah sobre os elefantes e as tribos do Quénia setentrional. Camilla sentou-se na periferia do círculo de admiradores, observando *Hiba* a correr atrás da cauda e a trepar para o colo de Gina Metcalf para tomar o biberão. Sentia-se desgastada e isolada no meio das conversas e das gargalhadas e ansiava por um momento a sós com Anthony. Para apagar as imagens, os sons e os cheiros da clínica, a luz forte sobre ela na sala de operações ao fechar os olhos, contar até dez e renunciar ao filho.

Os últimos dias do safári foram passados no lago Nakuru, conduzindo através dos desertos de sal, admirando mais de um milhão de flamingos rosa e escarlates, a alimentar-se de algas na água pouco funda, e estudando a fauna variada ao longo das margens do lago.

– Acho que os meus favoritos são os esquadrões de pelicanos a voar por cima de nós e a flutuar na água – disse Gina Metcalf. – Mas dispensava ter visto aquele pitão gordo. Não estou convencida de que não nos vai visitar na tenda, Anthony, digas o que disseres. Adoro este acampamento, a propósito, com as longas extensões de relva e os espinheiros entre as tendas. É muito espaçoso. É como ter um mundo inteiro só para nós.

Mas não foi, afinal, um pitão que revelou ser o ponto alto do safári. Na noite do dia seguinte, foram acordados por relinchos aterrados de zebras e pelo ruído de cascos próximos das tendas. Momentos depois, ouviram o rugido arrepiante de um leão nas proximidades. Anthony fixou a perna, vestiu-se apressadamente e desapareceu na escuridão com uma lanterna enquanto Camilla espreitava para fora da tenda, que fechara até à altura do peito, embora não soubesse que protecção lhe poderia oferecer.

– O que é que se passa? – Chuck Metcalf perguntou da tenda dos hóspedes. – Estamos a ser atacados?

– Parece ser um leão a matar uma presa. – Camilla tinha agarrado numa camisa e num par de calças. – Vistam-se. O Anthony foi buscar o carro.

Estavam à espera quando Anthony regressou no veículo e lhes fez sinal para entrarem. Leleruk já estava a pé atrás, apontando uma potente lâmpada para a escuridão. Minutos depois viram o leão, junto a um pequeno *lugga* a algumas centenas de metros do acampamento. Estava agachado sobre uma zebra, rosnando e rasgando-lhe as estranhas, parando ocasionalmente para gritar a notícia da sua caçada. À distância, ouviam os guinchos frenéticos da manada e os uivos das hienas que se juntavam para partilhar os despojos. Anthony avançou lentamente, não querendo afugentar o vencedor da sua refeição. No entanto, o leão não tinha medo deles e, quando se aproximaram, ele levantou-se e virou-se para encará-los, desafiador, abanando a longa cauda, lambendo mandíbulas ensanguentadas e não

saindo do sítio, marcando a terra com vários movimentos de uma pata enorme.

– Está a avisar-nos para não nos chegarmos perto – disse Anthony em voz baixa. – E não tenciona sair dali, este velho *simba*. Sabe quem manda aqui e vamos ter de estar de olho nele durante um dia ou assim. Tenho a certeza de que ainda há-de andar por aqui amanhã, por isso agora vamos embora. O Leleruk pode acender uma fogueira a mais para lá das tendas, para o caso de o nosso amigo decidir dar um passeio.

– Acendo – disse Leleruk. – E se ele se aproximar de mais, tenho a minha lança. Teria muito orgulho em matá-lo.

– Espero que não seja necessário – disse Camilla, estranhando a gargalhada que o guarda-nocturno soltara. A fina lança parecia subitamente frágil como arma de defesa.

– Não há abates dentro de um Parque Nacional. Nem sequer para te cobrires de honras e impressionares as senhoras. – Anthony estava a sorrir. – Azar, Leleruk.

O leão passou o resto da noite a rugir de quando em quando, impedindo toda a gente no acampamento de dormir. Ao romper do dia, estava a descansar à sombra de uma acácia. Comera uma grande quantidade de carne e tinha a barriga inchada. Os seus olhos dourados estavam semicerrados, num focinho que exibia marcas de batalhas, e o seu porte imóvel era majestoso. Ligeiramente ofegante, observava o veículo.

– Nunca mais vou usar o termo «magnífico» para descrever outra coisa – disse Gina. – Olhando para ele agora, não quero saber quantas noites sem sono nos causa. Nem as hienas se atreveram a aproximar-se, apesar de ele estar sozinho.

– Vamos buscar três *watu* e voltar com um segundo veículo e corda – disse Anthony. – A despensa deste velhote está um pouco perto de mais das nossas tendas.

– O que é que podes fazer a esse respeito? – perguntou Camilla.

– Tirar o almoço dele daqui – disse Anthony, rindo-se do medo dela. – Não podemos ter um vizinho destes. Vais conduzir este veículo enquanto

eu, o Musioka e o Karanja manobramos a carrinha de abastecimento com o guindaste grande. Trabalho de equipa, Mama Chapman. *Harambee!*

No acampamento, o plano foi recebido com excitação e sorrisos rasgados. O pessoal das tendas pegou em binóculos e trepou às acácias para dispor de uma boa vista. Meia hora mais tarde, Anthony conduziu a carrinha para junto do leão e da presa morta. No *Land Cruiser*, os Metcalf iam sentados no banco de trás, com as janelas meio subidas e Camilla ao volante. Ela estava nervosa, mas determinada em não o deixar transparecer e manteve as mãos firmes, segurando vigorosamente no volante e ouvindo as instruções de Anthony. As moscas zumbiam em redor do veículo e os espinheiros arranhavam as portas laterais, intensificando o seu nervosismo.

– Um pouco mais perto. Para a esquerda dele. Afasta-te da presa. – Anthony gritava ordens de uma posição do outro lado da zebra em decomposição. – Musioka, começa agora a criar um grande *matata*. Bate no tejadilho com o pau. Tu também, Leleruk. Acelera e distrai o leão, Camilla. Força... mais alto. Faz com que se ponha de pé, mas prepara-te para fazeres marcha-atrás rapidamente se te parecer que ele pode saltar.

O ruído das pancadas martelou-lhe na cabeça e o suor escorria-lhe pelas costas e formava-se-lhe na testa e sobre o lábio. O leão olhou para eles com hostilidade e abriu muito a boca, revelando uma língua cor-de-rosa e incisivos potentes. Os seus olhos castanho-claros faiscavam de fúria e um rosnido gutural fez Camilla sustar a respiração e tremer no calor já asfíxiante da manhã. Mais aterradora era a visão de Musioka nas traseiras da carrinha, a enrolar vários metros de corda num círculo perfeito na caixa e inclinando-se depois sobre o *chassis* para a lançar no ar. Camilla susteve a respiração quando o laço aterrou impecavelmente em torno da carcaça meio devorada e o leão se levantou de um salto, rosnando e sacudindo a juba. Deu alguns passos em frente e agachou-se como se se preparasse para atacar, mas depois mudou de ideias e, dando meia-volta, embrenhou-se num matagal. Fraca de medo e alívio, ela observou Musioka a guindar lentamente o animal abatido para junto da carrinha.

– Conduz directamente atrás de mim – gritou Anthony a Camilla. – As traseiras da carrinha não têm protecção e ele pode saltar para cima de nós a

partir de qualquer ponto no mato.

Arrancou lentamente, não querendo perder os tristes vestígios da zebra que era arrastada aos solavancos pela superfície sulcada do trilho. Quando percorreram uma distância que ele considerou suficiente, Anthony enfiou-se na sombra de uma árvore e desceu da carrinha, baixando-se para desamarrar a corda. Camilla abriu a porta do *Land Cruiser* para ir ter com ele mas ele fez-lhe sinal para que não avançasse.

– Fiquem no carro, todos – disse ele. – Ele ainda pode aparecer de qualquer lado.

Mas não havia sinais do leão e Anthony mandou os homens levar a carrinha para o acampamento.

– Esperemos que o velhote venha reclamar a sua refeição antes que os necrófagos lhe comam a maior parte. E que fique por aqui a partir de agora. Chega-te para lá, querida, eu conduzo agora. Leleruk, podes ir com os outros dois. – Entrou para o veículo com Camilla e os Metcalf e, por um momento, fez-se um silêncio apavorado.

– Macacos me mordam – disse Gina, quando se afastaram em busca de outros animais. – Depois deste espectáculo, não sei que havemos de procurar. Foi espantoso ver a zebra morta a ser transferida, mas é um pouco decepcionante pensar que não vamos voltar a ver o velhote. Camilla, foste destemida. Se fosse eu atrás do volante, teria ficado paralisada de terror quando ele se pôs de pé.

Era o fim da tarde quando voltaram para o acampamento. Gina sentou-se junto da fogueira.

– Eu volto dentro de cinco minutos – disse Camilla. – Vou-me arranjar.

– Eu sou a favor de um *cocktail* primeiro – disse Chuck e a mulher acenou com a cabeça em concordância. Ele reapareceu momentos depois com bebidas para todos.

– Chuck, senta-te imediatamente. – Anthony estava encostado a uma árvore, imóvel, observando o acampamento, a sua voz baixa e insistente. – Senta-te e não te mexas.

– O que foi? – Chuck continuou a caminhar na direcção da mulher.

– Senta-te, homem, porra. E não faças nenhum barulho nem movimento. – Anthony empurrou-o firmemente para uma cadeira de lona. – O leão está no acampamento. Deve estar com sede depois de ter comido tanto e está a usar a clareira como o trajecto mais rápido para o rio.

Ao fundo da clareira, surgira o velho *simba*, atravessando descontraidamente a erva com patas enormes e vagarosas.

– Mr. Anthony! A Mama Camilla está no duche. O Musioka levou água há uns minutos. – Sammy gritou a informação do local onde estava com o resto do pessoal, ao lado do jipe.

– Meu Deus! – O rosto de Anthony perdeu a cor.

O leão encaminhava-se para a tenda mais distante. A tenda de onde Camilla podia emergir a qualquer momento, se ainda não estivesse no duche. Anthony rezou para que ela não saísse. O grande felino parou e olhou em volta, abanando a cauda enquanto decidia qual o melhor percurso para a água. Após uma breve hesitação, voltou a avançar, encaminhando-se para a abertura entre a tenda de dormir e o duche. Com um movimento rápido, Anthony correu para o carro e rodou a chave na ignição. Meteu primeira e acelerou. O leão voltou a parar, confuso com o barulho. Anthony buzinou demoradamente e arrancou pela clareira a todo o gás.

Camilla estava no chuveiro debaixo do balde de água quente, a inalar o seu odor e a trautear uma canção. Quando ouviu o carro e a estranha buzínadela, abriu a aba do pequeno cubículo e espreitou para fora. O leão estava a poucos metros dela, os seus olhos fixos, sob a luz crepuscular.

– Oh, meu Deus! – Retirou-se para trás da lona frágil, espreitando por uma pequena fresta, agarrando numa toalha e enrolando-a à volta do corpo. A sua respiração tornara-se no mesmo som superficial e ofegante que o leão produzira nessa tarde. – Não me castigues, meu Deus. Não me deixes morrer aqui. Agora não. Por favor, não posso morrer agora.

O veículo disparou através do acampamento, numa rota entre a tenda do duche e o leão, e ela viu que a porta do passageiro tinha sido completamente aberta.

– Vou virar bruscamente para a esquerda com a porta aberta – gritou Anthony. – Corre para o carro, Camilla. Corre.

Camilla respirou fundo, sentindo o terror a queimar-lhe a garganta. Segurando a toalha contra o corpo, saiu a correr da tenda do duche quando o veículo se precipitou para ela, os faróis no máximo e a buzinar. Lançou-se para dentro do carro, aterrando numa confusão de braços e pernas, enquanto Anthony passava pelo leão e virava de novo, forçando-o a voltar para o sítio de onde viera.

– Isto há-de demovê-lo da próxima vez que nos quiser visitar durante a hora dos *cocktails* – disse ele enquanto Camilla se debatia para se sentar, apertando a toalha à sua volta o melhor possível, o choque ainda a reverberar-lhe na cabeça, o ímpeto de adrenalina diminuindo aos poucos. – Vamos buscar-te roupa e depois estamos prontos para a bebida mais forte de que alguma vez precisei.

– E o leão? – perguntou ela, uma semente de dúvida despontando ao pensar nas horas de escuridão que se avizinhavam.

– Vamos acender outra fogueira deste lado do acampamento e vou mandar o Karanja ficar com o Leleruk esta noite – disse ele, vendo a centelha de apreensão nos olhos dela. – Garanto-te que não corremos perigo nenhum.

Depois de Samson servir bebidas fortes, ergueram os copos num momento de silenciosa gratidão antes de se lançarem numa análise dos acontecimentos. Era tarde quando acabaram de jantar e os dois Metcalf e Camilla estavam um pouco relutantes no momento de ir a pé para as tendas, mesmo acompanhados por três funcionários do acampamento e várias lanternas.

Depois de abrir o fecho, Camilla virou-se e lançou-se nos braços de Anthony a chorar.

– Então, o que é isso? Não te podia ter acontecido nada, meu amor. Assim que percebi que estavas no duche, não corrias mais perigo. – Apertou-a nos braços e deitou-a na cama, juntinho a ele, a cabeça dela enterrada no seu ombro. – Não chores, Camilla. Eu sei que o choque demora a passar mas hei-de estar sempre aqui para te proteger, querida. Sempre.

– Íamos ter um bebé. – As palavras saíram antes que ela conseguisse contê-las.

– O quê? Um bebé? Porque é que não me disseste? – Ele demorou um momento a compreender verdadeiramente o que ela dissera. – Íamos ter, como?

– Sofri um aborto espontâneo. – Teve medo de lhe contar a verdade e tão-pouco foi capaz de partilhar com ele a sua mágoa e culpa perante o que fizera. – Foi por isso que me demorei em Londres. É por isso que não tenho podido...

– Oh, meu amor, meu amor, sinto muito. – Abraçou-a, sabendo que fora o choque com o seu desastre financeiro que causara isto.

– Tenho andado profundamente triste. E deprimida. E sei agora que nunca compreendi o que a Sarah sentiu. – Reprimiu um soluço. – O médico disse que posso ter mais filhos e espero que venhamos a ter. Espero merecer isso porque não quero ser como a Sarah e o Rabindrah. Não quero que nós...

– Meu amor, já sabes que os abortos não são raros. Deve ter sido terrivelmente angustiante para ti, sozinha, mas agora vai correr tudo bem. E vamos ter *totos* lindos, quando estiveres outra vez em condições. Camilla, adoro-te. Quero-te constantemente ao meu lado para te poder ver e tocar. Mais perto. Chega-te mais perto. O meu amor por ti excede tudo o que alguma vez imaginei possível e é o que há-de fazer com que tudo o que fizermos acabe em bem.

Ela ficou tão comovida com a sua paixão que não foi capaz de responder com palavras. Entrelaçou os dedos nos dele e cobriu-o de beijos. Uma vez dissera a Sarah que o amor era um sentimento passageiro em que não se devia confiar. Mas agora sentia que se enganara. Era a primeira vez que se permitia acreditar cegamente noutro ser humano e comprazia-se na sua nova confiança e no amor absorvente e intenso que experimentava pelo marido.

À sua volta, a estranha música da noite africana elevou-se num crescendo. À distância, Camilla via o brilho da segunda fogueira, para lá do alojamento deles, as chamas criando formas inquietas que dançavam contra as frágeis paredes da tenda. Atrás da fogueira, Leleruk estava de pé na luz alaranjada, as contas e espirais de metal que ele usava ao pescoço, nos pulsos e nos tornozelos cintilando na escuridão. Levantou a lança e enterrou-a

firmemente no solo, onde ela ficou a vibrar ao seu lado, e depois soltou uma gargalhada sonora.

Quando Anthony apagou a candeia, adormeceu logo a seguir mas Camilla, deitada ao seu lado, ficou à escuta e à espera. Não havia, contudo, sinais da presença do leão e ela acabou por se virar e se encaixar na forma adormecida do marido, rezando para que não houvesse qualquer ameaça ou perigo para este homem que a amava acima de tudo o que seria de esperar.

*

Anthony só dispunha de dois dias antes da chegada dos clientes seguintes para uma expedição de Natal que os levaria a Samburu e a Meru, a norte, e decidira ficar com a equipa, a organizar o movimento das carrinhas, das tendas e do equipamento enquanto Camilla viajava de avião para Nairobi com os Metcalf.

– É a nossa última noite e gostávamos muito que nos fizesses companhia ao jantar – disse-lhe Chuck Metcalf. – Importavas-te se fôssemos ao casino? Depois deste tempo todo no mato sem tentações, apetece-me uma noite com cabaré e tentar a sorte ao jogo.

– A escolha é vossa – disse Camilla, com um sorriso radioso no rosto e uma sensação de desalento na alma. Detestava o casino; a comida era medíocre e não tinha interesse nenhum em jogar. Mas os Metcalf já tinham marcado o próximo safári e recomendado amigos que chegariam em Março e ela não queria ofendê-los.

– O Sammy vai buscá-los às oito ao Norfolk – disse ela. – Encontro-me lá convosco. Entretanto, ele passa o dia todo convosco, se quiserem visitar o museu ou fazer compras.

Deixou-os no Norfolk Hotel e foi directamente para o escritório, onde pairava uma corrente de energia e determinação com o pessoal que, seguindo o exemplo de Anthony, unia forças para sobreviver. Em casa, deitou-se a descansar uma hora e depois tomou um longo banho. Quando entrou no restaurante do casino, já havia disfarçado a fadiga com a maquilhagem. O jantar pareceu interminável e o cabaré era ruidoso, provocando-lhe dores de cabeça.

– Amanhã começo cedo – disse ela, quando os Metcalf estavam a comprar as fichas. – Despeço-me agora e deixo-os entregues à sorte.

– Primeiro a roleta – disse Gina. – Em seguida, o vinte-e-um, que é a especialidade do Chuck. Minha querida, tivemos a experiência mais maravilhosa das nossas vidas e não temos palavras para agradecer aos dois. Vemo-nos no próximo ano e talvez até antes disso, em Boston.

Camilla abraçou-os, deu meia-volta e deu de caras com Zahra.

– O que é que quer? – A rapariga somali falou com insolência mal disfarçada. – Li no jornal que se casou com ele. Ele não vem aqui há meses e não veio a convite meu. Disse-lhe que não queria voltar a vê-lo. Se ele anda a portar-se mal nalgum lado, não é nada comigo.

– Dormiste com ele. – Uma calma mortal apoderou-se de Camilla.

– Isso foi há meses. Ele disse que vocês já não estavam juntos. Estava na mó de baixo, não venha agora causar-me problemas.

– Conhecias um tipo chamado Duncan Harper? – Camilla mirou a rapariga.

– Um parvalhão. Todas as raparigas o detestam. Reles. Sempre a lamuriar-se e a pedir-me desconto. Um falhado. Ouvi dizer que os patrões andam à procura dele, mas ele sumiu-se.

– Dormes então com os clientes?

– E depois? Vai arranjar maneira de correrem comigo deste emprego por causa do que eu faço quando largo o serviço? Como correu comigo antes e me fodeu a vida?

– Sabes para onde o Duncan Harper foi?

– Não. – Zahra desviou os olhos.

– Ele roubou o dinheiro todo do Anthony – disse Camilla. – Quase que o levou à falência. Não estou aqui para te causar problemas, Zahra, mas posso compensar-te se conseguires dar-me alguma pista a respeito do Duncan Harper.

– Compensar-me? Eu tenho um emprego. Como bem e durmo numa cama confortável. Não preciso de nada de si. – Ela olhou na direcção das mesas, avaliando a sala, em busca de um candidato para o fim da noite.

– Lembras-te do Tom Bartlett? E do meu amigo Joe Blandford, o fotógrafo?

– Tenho de voltar para o meu turno – disse Zahra. – Não perca tempo a voltar aqui nem a fazer mais perguntas. Sobre ninguém. Já levei merda a mais de gente da sua laia.

– Dou-te um bilhete de ida e volta para Londres e arranjo maneira de seres fotografada pelo Joe. – Camilla viu uma oportunidade ideal de convencer a rapariga a dar-lhe as informações de que precisava sobre Harper e também de afastar o risco de Anthony se cruzar outra vez com ela. – O Tom arranja-te onde ficar e prepara-te um *portfolio*. Apresenta-te a pessoas influentes. Pode não dar em nada mas, na minha opinião, continuas a ter possibilidades de seguir uma carreira de modelo. Tira duas semanas de férias e tenta. Pensa que são umas férias. Mas primeiro preciso de informações sobre o Duncan. Tudo o que te lembrares.

– O que é que quer realmente? – A expressão de Zahra era de incredulidade. – Isto é algum truque ou vingança por eu ter ido para a cama com o Anthony? Já lhe disse. Ele estava um farrapo. A chorar como um bebé, com vergonha do corpo e do que lhe aconteceu à perna. Dormi com ele por piedade.

– Diz-me para onde foi o Duncan. – O estômago de Camilla revolveu-se ao sentir o gosto amargo do ciúme. – Diz-me e eu prometo que te ponho em Londres.

– África do Sul. Ele disse-me que ia para Joanesburgo. – A gargalhada de Zahra estava carregada de desprezo. – Propôs levar-me com ele e estabelecer uma empresa para mim com um amigo dele. Badameco reles e mentiroso.

– Como é que se chamava o amigo em Joanesburgo? – Camilla agarrou-lhe no braço e viu a rapariga retrair-se.

– Neville Bateman – respondeu Zahra. – É o homem que o ia ajudar com o negócio. Pensou que eu era estúpida ao ponto de lhe dar uma noite de queca à borla, prometendo-me um lugar no seu esquema. Dá para imaginar? Uma rapariga negra associada a dois brancos, numa terra onde nem sequer se pode andar no mesmo autocarro nem comer no mesmo restaurante. Só há

um nome para uma empresa dessas. Tomou-me por uma idiota. Uma foda fácil. – Franziu os olhos. – Fui a casa dele nessa noite e obriguei-o a tirar a roupa. Depois pus-me atrás dele e passei-lhe o braço à volta do pescoço e apertei com toda a força até o imobilizar. Ficou todo excitado. Pensou que eu ia começar à bruta. Peguei-lhe nos tomates e apertei-os até ele gritar a plenos pulmões. E ferrei-lhe. No pescoço feio, branco e escanzelado. Enterrei bem os dentes, não faltou sangue. E a seguir peguei-lhe nas chaves e no carro e desandei.

– Arranja um passaporte – disse Camilla. – Liga-me quando o tiveres. Toma o meu número. Tenho um amigo no Alto Comissariado Britânico que te arranja um visto turístico. Boa-noite.

De manhã, levantou-se cedo, preparou uma chávena de chá e ficou a olhar para o relógio à espera que fossem horas de o seu advogado chegar ao consultório. Então levantou o auscultador.

– O Duncan Harper está em Joanesburgo – disse ela. – Vou explicar-lhe como pode encontrá-lo.

CAPÍTULO 27

Quénia, Dezembro de 1977

— **E**stou morta por ver o Lars. — A voz de Hannah transparecia felicidade. — Acho que me apaixonei outra vez por ele. Depois destes anos todos de casados. Que me dizes, eh?

— Parece idílico — respondeu Camilla, pensando em Anthony com uma explosão de saudade.

— As coisas todas da oficina estão na traseira do carro. Eu ajudo-te a entregá-las. E obrigada pela dormida.

Passaram o dia a entregar encomendas de Natal nas *boutiques* e lojas de presentes de Nairobi. Era já tarde nessa mesma noite quando finalmente se sentaram a tomar uma bebida no alpendre. Diante delas, o jardim fora engolido pela escuridão, deixando apenas a fragrância do jasmim e a silhueta dos montes Ngong sob um extravagante manto de estrelas cintilantes.

— A gravidez assenta-me, sabes? — disse Hannah. — Não tínhamos pensado em ter outro bebé depois do Piet. Mas é uma boa sensação. — Olhou de soslaio para a cintura delgada e a barriga chata de Camilla. — Tu e o Anthony não se sentem tentados a fazer um bonito *toto* louro ou ruivo? Ou decidiram saborear a companhia um do outro e andar em safári por um ou dois anos sem outras responsabilidades?

— Não. Espero que não tarde muito. — Camilla sentiu-se tentada a divulgar a verdade, mas uma voz na sua cabeça advertiu-a para ter cautela.

— Sinto muito. — Hannah registou a nota de desolação nas palavras. — Certamente que queres resolver primeiro esta confusão financeira. Deve ser uma aflição, e tu foste incrivelmente corajosa.

– Havemos de nos recompor, se as reservas para safáris se confirmarem todas. Em Abril vou voltar a Londres e a Nova Iorque para fazer algumas sessões fotográficas e uma série televisiva que paga bem.

Hannah chegou-se à frente. – Vais voltar a representar?

– Não. Faço parte do júri de um programa de talentos. Com os ensaios e o tempo de emissão, vou estar ausente muito tempo. Seja como for, a televisão paga melhor. E espero que a nova colecção tenha sucesso na América. – Camilla soltou uma gargalhada. – Como o Tom gentilmente apontou, estou a ficar velha para as melhores sessões fotográficas e campanhas publicitárias. Diz ele que o sol africano me está a criar rugas na cara e, em breve, não vou conseguir disfarçá-las. É bem possível que esta seja a última capa de revista.

– Que disparate – disse Hannah. – Tens o mesmo ar irrepreensível e perfeito de sempre. Ele tem ciúmes, mais nada. – As palavras seguintes foram proferidas rapidamente. – Tiveste notícias da Sarah?

– Nem uma palavra. – Camilla cruzou os braços, refugiando-se nas suas mágoas pessoais.

– Está grávida – disse Hannah.

– O quê? – Camilla endireitou-se. – Isso é fantástico. Quando é que o bebé nasce? – A sua alegria era genuína, mas experimentou uma profunda tristeza por não ter sabido desta milagrosa notícia directamente por Sarah.

– Durante o mês de Agosto – disse Hannah. – Só descobriu há uma semana. Estava com esperança que a fizesse mudar de ideias. Que te contactasse.

– Não o fez – disse Camilla, reconhecendo que havia feridas que talvez nunca sarassem. – Estou muito feliz por ela. Só espero e rezo que não corra nada mal desta vez.

– O Rabindrah está como uma mãe galinha e ela passa a maior parte do tempo em casa. Sente-se bem e vão passar o Natal a Langani. Tu vais estar em Samburu com o Anthony, não vais? Talvez ela fale contigo pelo rádio, quando ligarmos no Dia de Natal ou no Ano Novo. Não sei porque é que se zangaram. Não pode ter sido uma questão de vida ou de morte.

Mas fora uma questão de vida ou de morte e Camilla sabia que Sarah não ligaria no Natal. Talvez nunca mais viesse a ligar.

As crianças tinham preparado presentes de boas-vindas e Lars abriu cada embrulho lentamente, saboreando a excitação crescente com todos à sua volta, à espera de manifestações de prazer e aprovação. Suniva pintara um retrato dele e James fizera a moldura. O presente de Piet era um leopardo que talhara, com olhos feitos de pedras do rio. Sentaram-se a ver fotografias tiradas na Noruega, a ouvir o relato da lenta recuperação de Jorgen e a rir enquanto Lars descrevia um dia a esquiar com velhos amigos quando as suas manobras enferrujadas resultaram em numerosos tombos. Finalmente, ele decidira passar ao bar para tomar café e *brandy* em lugar de tentar manter-se na vertical nas encostas mais íngremes que os seus companheiros utilizavam. Quando as crianças foram para a cama, contrariadas, Hannah pousou a cabeça no seu ombro.

– Lamento não ter estado contigo a ajudar-te a cuidar do Jorgen e da Kirsten – disse ela. – Senti saudades tuas todos os dias. E meti a mão na consciência e reconheci o meu pior lado. O lado teimoso e tacanho que espero que nunca mais voltes a ver. O Piet vai recuperar em breve a audição e vamos ter o bebé. Um novo começo para todos nós.

Ele pegou-lhe pelo cotovelo para a conduzir suavemente para o quarto. Ela adormeceu rapidamente, grata pelo conforto do corpo dele, não se apercebendo de que ele ficou acordado até a alvorada se insinuar no quarto e outro dia tórrido começar.

O Natal veio e acabou, com Rabindrah e Sarah chegando cheios de alegria e esperança e carregados de presentes para todos. No aniversário da morte de Piet, fizeram a sua peregrinação anual ao *cairn* e detiveram-se na crista, contemplando a terra. Quando se viraram para partir, Sarah ficou uns momentos para trás, sentada nas pedras brancas e conversando com o seu primeiro amor, sussurrando o seu segredo, consciente de que ele sabia tudo por que passara e que compreenderia. Quando se levantou, deparou-se com Rabindrah à espera e ele pegou-lhe no braço para a conduzir na descida do caminho pedregoso.

Só no final de Janeiro é que Hannah reparou na mudança em Lars. Ele passava longos períodos de tempo sozinho nas searas ou a andar de carro pela fazenda. As suas visitas ao grupo de palhotas que constituíam a sanzala tornaram-se mais frequentes e encomendou materiais de construção e cal fresca para criar mais chuveiros e casas de banho. Na pequena clínica de Hannah, instalou novos bancos e uma área onde os *totos* pudessem brincar num espaço limpo e coberto com palhiço, com esteiras entrançadas no chão, em lugar de se reboarem na habitual terra vermelha sob o sol abrasador. Ao fim da noite, sentava-se à secretária a tomar notas e a pagar contas mas, por vezes, ela ia encontrá-lo a olhar pela janela e, quando dizia o seu nome, ele não parecia ouvir.

– Acho que devemos beneficiar a escola – disse ele uma tarde, quando estavam no alpendre perante o céu cujo azul se adensava, observando enquanto o pico da montanha se transformava num dedo negro a apontar para as estrelas que despontavam. Um acorde musical escapou pela porta fechada da sala de estar onde Nderi estava a acender a lareira. – E quero substituir o telhado e tentar arranjar um segundo professor. Talvez um dos jovens voluntários que chegam da Europa por alguns meses. Tenho andado a pensar num centro educativo onde as crianças mais velhas de outras zonas possam vir aprender sobre a vida selvagem que estamos a tentar proteger.

– Onde é que arranjávamos o dinheiro para tudo isso? – perguntou Hannah. – As patrulhas contra a caça ilegal estão a custar-nos mais do que os subsídios que recebemos da FAVS e do governo. E o Piet vai para Nairobi na próxima semana. É caro ficar na cidade, mesmo em casa da Sarah ou da Camilla. As contas do hospital e os medicamentos vão fazer uma grande moessa na nossa conta bancária. O nosso seguro não cobre tudo, Lars. – Enfiou a mão na dele. – O que é que se passa? Não pareces estar em ti. Andas deprimido. Passa-se alguma coisa que eu não saiba? Alguma coisa que me estás a esconder?

– Não, Han. Está tudo bem. São ideias para o futuro. Coisas que devíamos fazer um dia, para tornar a nossa propriedade num lugar melhor para as pessoas à nossa volta. Têm muito pouco e eu gostava de fazer mais por elas.

– Langani tem uma creche e uma clínica – disse Hannah. – Os nossos trabalhadores são bem pagos e a Camilla ainda dá trabalho às mulheres. A área de conservação protege os animais na nossa terra e empregamos guardas-florestais para as patrulhas. Não podemos fazer mais por agora. Não podemos endireitar o país inteiro, com todos os seus problemas. Estamos em África e temos de aceitar o melhor e o pior que ela tem. Não vivemos num país socialista com uma pequena população e rios de dinheiro.

Ele sabia que ela tinha razão mas, embora tentasse mostrar-se mais animado, a sua disposição geral permanecia sombria. Voltara da Noruega com um desejo intenso de estar em casa, ao lado de Hannah e das crianças e do novo bebé que em breve faria parte do seu mundo. Mas uma carta recente da mãe criara uma sensação de inquietação ao tomar conhecimento dos recentes ataques de fadiga de Jorgen e da quantidade de medicamentos de que agora dependia. Lars dava cada vez mais por si dividido entre a necessidade de estar com a mulher e os filhos e a sua culpa por ter deixado os pais a debater-se, sem ajuda, na agreste escuridão do Inverno. Além disso, a sua ausência conferira mais clareza às adversidades das *shambas* e aldeias vizinhas e ao sofrimento dos proprietários menos felizes de lotes de terra pequenos e áridos nos limites de Langani.

Passando os olhos pela casa, com as suas espaçosas divisões, os seus tapetes e almofadas, a mobília confortável e a canalização moderna, experimentou uma nova consternação perante a escassez de alimentos e água fora do seu oásis privado. As condições de trabalho em Langani eram superiores às da maioria das fazendas e ele sabia que muita da terrível pobreza que o rodeava era resultado da corrupção e da recusa dos membros das tribos locais em alterar as suas tradições, reduzindo o número de cabeças de gado e adaptando-se aos métodos agrícolas modernos. Continuava a chegar do Ocidente dinheiro para ajuda humanitária, mas grandes percentagens eram depositadas nas contas particulares de políticos e homens de negócios abastados, enquanto o resto do país pedia assistência e a falta de chuva afectava aqueles que possuíam poucos hectares de terra onde cultivar alimentos. Havia pouco que ele pudesse fazer e essa certeza

deixava-o frustrado. Noutro tempo, vivera com a segurança de que, juntamente com Hannah, poderia um dia legar uma fazenda mais próspera aos filhos, com melhores condições para as pessoas que trabalhavam nas suas terras. Agora já não estava tão seguro e havia dias em que mal conseguia sair e enfrentar as terríveis condições e a pobreza que começavam a enchê-lo de um sentimento de derrota.

– A Sarah deve chegar antes de anoitecer. – Hannah estava atarefada a organizar roupa de cama e toalhas lavadas. – Achou boa ideia instalar-se alguns dias antes de nós partirmos com o Piet. E o Rabindrah vem ter com ela no fim-de-semana. Vou ver onde está a Suniva para me ajudar com as flores.

– Não me parece que te queira ajudar – disse Lars, rindo. – Embora seja capaz de meter uns caules numa jarra, uma vez que são para a Sarah.

Hannah ouviu os sussurros ao chegar ao quarto da filha, seguidos de uma risada, rapidamente reprimida.

– Mostra-me. Por favor. – Era a voz insistente de James.

– Chiu. – Novamente a risada. – Está bem. Mas vamos dar outro beijo primeiro. Nos meus lábios, como se vê nos filmes. Como a mamã e o papá. Depois podes espreitar debaixo da minha saia.

Hannah deitou a mão ao puxador mas a porta estava trancada e ela sacudi a maçaneta e bateu com o punho na porta. – Suniva! James! Que vem a ser isto? – Suniva abriu a porta de rompante e deteve-se na soleira, desafiadora.

– Sai deste quarto, James, e vai para o complexo. – Hannah estava furiosa. – O Lars fala contigo mais tarde. Suniva, tu ficas aqui até ordens minhas em contrário.

Hannah observou James a passar por ela, cabisbaixo, e a apressar-se pelo corredor fora, dirigindo-se para a cozinha e para a entrada de serviço da casa. Em seguida, fechou a filha à chave e voltou para o escritório.

– O que é que aconteceu? Vi o James a passar como uma flecha.

Lars ouviu a sua explicação colérica, baloiçando a cadeira para a frente e para trás, levando Hannah a recear que as pernas se partissem. Quando ele se riu e a puxou para ele, estava furiosa.

– Temos de separá-los – disse ela. – Isto é um pesadelo. Nunca imaginei... De que é que te estás a rir? Não vês a gravidade da situação?

– São crianças inocentes, Han. A brincar. A descobrir quem são. Todos nós passámos por isso. Nos cantos da escola, em armários ou atrás de sebes e paredes. Qualquer sítio servia.

– Não. Com ele não pode ser, por mais inocentes que sejam. O James tem treze anos. Isto não pode continuar nem mais um minuto.

– Eles são inseparáveis – disse ele. – Sempre foram. Fala com a Suniva calma e tranquilamente e eu explico ao James que dar beijos e pedir às raparigas para tirarem a roupa é uma falta de respeito e proibido. Não devemos transformar isto num incidente desproporcionado. Basta estabelecer algumas regras.

– Não. Eles estão constantemente juntos e o que dissermos não há-de fazer diferença nenhuma. São demasiado íntimos. Demasiado presos um ao outro. Têm de ser separados, Lars. Devemos mandar a Suniva para um colégio interno.

– Isso é absurdo e desnecessário – disse ele. – Estás a exagerar, Han. Há uns dias disseste-me que temos de ter cuidado com os gastos.

– Ela vai para um colégio interno – declarou Hannah. – E é bom que te ocupes do James. Já.

– Onde está a Suniva? – Sarah sentou-se à lareira com um refrigerante na mão. Decidira vir passar três dias na fazenda enquanto Rabindrah estava a cobrir uma história que o obrigava a andar dia e noite atrás de pessoas para as entrevistar. – Ainda não a vi. Nem o James. Andam metidos em alguma aventura?

Hannah desviou os olhos. Foi Lars que explicou por que razão as crianças tinham sido fechadas nos quartos até de manhã e que Nderi levaria um tabuleiro a Suniva, na sua prisão solitária, com o jantar.

– Oh, Deus do Céu – disse Sarah, tentando disfarçar um sorriso, pois sabia que Hannah não ficaria nada contente com risotas. – Lembro-me da primeira paixoneta que tive. Foi durante umas férias na Irlanda. Devia ter onze anos e um rapaz beijou-me em cima de um monte de feno. Fiquei sem

saber o que fazer e fugi para dentro, mas estava desejosa que ele fosse à minha procura e repetisse. Mas não foi. Provavelmente estava com tanto medo como eu.

– Pois, mas eles não estão com medo. Decidi ligar para o convento em Msongari amanhã. Pode ser que tenham um lugar para a Suniva no próximo trimestre. Se tiverem, vou lá falar com eles quando levarmos o Piet para ser operado.

– Não imagino a Suniva num internato – disse Sarah. – Ia sentir-se terrivelmente presa, encurralada. Não estarás...

– Vais dizer-me que estou a exagerar – disse Hannah, irritada. – Mas não estou. É tempo de a Suniva abandonar estes hábitos selvagens. Vai para a escola em Nairobi e ponto final. Além disso, vou ter de lidar com a operação e a recuperação do Piet, com um novo bebé para cuidar e as exigências habituais desta casa.

– Temos de fazer tudo para a Suniva não se sentir excluída, com a tua atenção sempre focada noutras coisas – disse Lars. – Ela não é tão forte e independente como julgas.

– Como é que te sentes, Sarah? – Hannah mudou de assunto.

– Fantástica. Já parei de vomitar. O Dr. Roberts diz que estou ótima, mas as viagens de carro para o Mara acabaram por agora. De qualquer modo, temos material que chegue e não me falta que fazer em casa.

Hannah foi a primeira a ir deitar-se. – Não ando a dormir muito bem ultimamente – disse ela. – É desconfortável com esta barriga. Se ficar mais tempo a pé, amanhã não consigo fazer nada.

– Ela está errada a respeito da Suniva e do James – disse Lars quando ficou sozinho com Sarah. – Talvez amanhã possas convencê-la de que não precisa de ser tão drástica.

– Posso tentar. Mas quando a Hannah mete uma ideia na cabeça, boa ou má, é difícil dissuadi-la.

– Isto não tem a ver com o que aconteceu hoje – disse Lars. – Já me disse duas vezes que o James se parece cada vez mais com o pai à medida que vai crescendo. É isso que lhe causa inquietação. Lá no fundo tem medo que, sendo ele parecido com o Simon, possa vir a tornar-se igual a ele.

– Realmente a aparência é visível, mas as circunstâncias são completamente diferentes. O Simon foi o produto de um trauma de infância e do ódio e brutalidade do tio. O James tem tido amor e segurança na vida dele, graças a ti e à Hannah. É meigo e bondoso, como a mãe. A Hannah não tem nada a temer.

– Eu sei que tens razão. – Fez uma pausa. – Estou muito feliz por ti, Sarah. Estás diferente. Doce e muito bonita.

– Obrigada – disse ela, espantada com o elogio. Era raro Lars exprimir-se neste género de linguagem.

– Agora gostava de ver a Camilla grávida – disse ele, servindo-se de uma *vodka* e notando a recusa dela com um sorriso. – Não seria especial se as três, sempre tão chegadas, tivessem filhos mais ou menos ao mesmo tempo? Suponho que sabes que ela sofreu um aborto espontâneo? O Anthony ficou muito transtornado porque achou que o desastre financeiro dele pode ter sido a causa. Mas disse à Hannah que o médico em Londres não via razões para a Camilla não engravidar outra vez.

O som de vidro a partir fê-lo virar-se, dando com Sarah a apanhar pedaços do copo que deixara cair.

– Desculpa – disse ela, levantando-se da cadeira. – Sou uma desastrada. Boa-noite, Lars. Até amanhã.

– Boa-noite. – Arrependeu-se de ter mencionado o tópico do aborto a Sarah num momento tão delicado. Provavelmente ninguém lhe tinha dito nada por essa mesma razão. Mas havia preocupações mais prementes no seu espírito e permaneceu muito tempo sentado, observando o fogo a morrer e pensando nos filhos, nos pais e em Hannah, que amava acima de tudo no mundo.

Era mais tarde do que o habitual quando Suniva ouviu as leves pancadinhas na janela. Saiu da cama e levantou o fecho para James poder entrar no quarto.

– Desculpa – disse ele. – Arranjei-te problemas.

– Vão mandar-me para um colégio interno. Em Nairobi – disse Suniva, os olhos marejados de lágrimas. – Aproximei-me da porta da sala de estar para

escutar e ouvi a minha mãe dizer isso.

– Não chores – disse James. – Quando voltares, eu estou aqui à tua espera. Hei-de estar sempre à tua espera. E podemos escrever cartas e mandar fotografias como antes.

– Mas não estamos juntos. Na nossa casa da floresta, a ler e a conversar e a nadar no rio. Vou estar muito longe e tu vais esquecer-te dessas coisas.

– Nunca me hei-de esquecer – disse James. – Hei-de ir à nossa casa todos os dias, depois das aulas. E quando tiveres saudades minhas, fecha os olhos e eu estou lá, dentro da tua cabeça. Hei-de estar sempre lá.

Inclinou-se e beijou-a na face, indo-se embora e deixando-a enroscada na cama, com os olhos muito fechados a gravar todos os seus traços na memória.

A manhã estava luminosa, o sol amarelo como uma gema de ovo, fazendo evaporar o orvalho da relva quando David ligou a dizer que fora avistado um rinoceronte com a cria por baixo da plataforma de observação. James reaparecera e, depois de uma conversa com Lars, havia apresentado desculpas quase inaudíveis a Hannah, cabisbaixo e de ombros encolhidos. Ela não fez comentário nenhum, metendo as três crianças e Sarah no *Land Rover* para ir ao *lodge*. Passaram a manhã a observar o rinoceronte a resfolegar e bufar, afastando-se depois e dando a vez às outras criaturas da floresta para lamberem o sal e beberem no bebedouro. Mais tarde, James preferiu ir a um jogo de futebol com David enquanto os outros regressavam à fazenda. Quando chegaram a casa, Piet correu lá para dentro à procura do pai para lhe descrever a cena.

Lars estava como uma estátua ao pé do telefone. – Morreu – disse ele, perplexo, as lágrimas correndo-lhe descontroladamente pelas faces largas. – Não puderam fazer mais nada. Teve um segundo ataque de coração, fulminante, há uns minutos, e morreu.

Juntaram-se, lamentando com ele em silêncio e pegando-lhe nas mãos. Por fim, ele sentou-se com Hannah aos seus pés, a cabeça pousada nos seus joelhos, enquanto tentava digerir a notícia da morte do pai. O silêncio abateu-se sobre a casa, invadindo os cantos familiares, sugando o calor do

dia brilhante. O telefone ia tocando intermitentemente. Foram feitos preparativos para a retirada do corpo de Jorgen, tiveram lugar discussões relativamente ao desejo dele de ser enterrado no pequeno cemitério próximo da quinta. Falou-se em datas. James ainda estava no jogo de futebol e Esther levou as outras crianças a dar um passeio. Sarah retirou-se para o seu quarto para deixar Lars e Hannah tomarem as suas decisões em privado.

– Vou ter de ir ao funeral – disse Lars. – Eu sei que a operação do Piet está marcada para a próxima semana, mas estou certo de que pode ser adiada uns dias. A minha mãe precisa de mim lá. Está terrivelmente abatida. Não posso deixar a Ilse a tratar de tudo. Além disso, ela acaba de me dizer que o Karl tem uma amante. Tenho de ir, Hannah. Sabes que é muito importante.

– Mais importante que o teu filho? Mais importante que a tua mulher? – Todas as suas resoluções foram esquecidas, olhando para ele, com medo de ser mais uma vez deixada sozinha com o filho surdo e o bebé a chegar. – Não podes ir, Lars. – Levantou a voz. – Por favor. Não podes ausentar-te outra vez. Não é justo para mim. Nem sequer tenho a Lottie.

– Preciso de apanhar ar fresco – disse Lars, rodando nos calcanhares, ainda em estado de choque ao sair, em passos largos, para a luz intensa da tarde. – Falamos sobre isto quando eu tiver as ideias mais claras.

Fez marcha-atrás da garagem e arrancou, querendo distanciar-se de casa o mais rapidamente possível. De Hannah. Não sabia para onde ia mas achou que podia reflectir mais calmamente no rio. Havia um lugar onde as crianças gostavam de nadar e pescar e fora lá muitas vezes com Jorgen, durante as visitas do pai à fazenda. Haviam caminhado para montante a partir do lago transparente e pouco fundo, até uma inclinação onde a água veloz e prateada corria sobre pedras e onde as maiores trutas se escondiam sob a superfície, esperando que moscas e insectos lhes aparecessem ao caminho. Recordou-se de ter conduzido Jorgen ao longo da margem, apontando para aves e macacos, discutindo as estratégias de pesca e as moscas que usariam, e a possibilidade de ouvir ou ver um leopardo.

Os seus olhos estavam turvos de lágrimas, ao enfiar por um trilho coberto de ervas, fazendo a curva demasiado depressa e perdendo o controlo do

carro. Agarrou firmemente no volante e carregou a fundo no travão quando o grito de aviso rompeu de entre as árvores. E então viu Piet, ajoelhado na relva verde-esmeralda, a segurar na cana de pesca que o avô lhe dera, de costas para o veículo que se aproximava, a luz reflectindo-se no seu cabelo dourado. Por um momento sem fim, a criança permaneceu imóvel, alheia ao ruído do motor, não ouvindo os gritos de aviso aterrados de Esther nem os berros da irmã enquanto se precipitavam para ele. Lars sentiu a pancada do impacto quando o rapaz foi projectado no ar e chocou contra o pára-brisas. O vidro estilhaçou-se e caiu à sua volta. O carro embateu contra um toco de árvore e imobilizou-se. O sol batia feroz no rosto e braços ensanguentados do filho, realçando os ossos salientes e a cabeça, que baloiçava, com arbitrária crueldade. Esther e Suniva começaram a puxar pelas portas, gritando, enquanto Lars se debatia para sair dos destroços retorcidos. Pegou no filho com extraordinária ternura e encostou a orelha ao peito de Piet. E depois fez-se silêncio.

Estavam na sala de estar quando o reboque agrícola chegou. Sarah foi a primeira a vê-los e abafou o som que lhe subiu na garganta quando Lars entrou em casa, uma agonia indizível nos seus olhos, transportando Piet nos braços, as pernas da criança dependuradas desamparadamente. Foi Hannah quem chegou junto dele primeiro, o som do pranto elevando-se à sua volta. Olhou, horrorizada, para as lacerações no rosto da criança e para a posição torta do seu maxilar. Gemendo, estendeu a mão e sentiu a humidade pegajosa do sangue, viu os olhos fechados e inchados do rapaz, o vidro enterrado na sua face, os nós e lascas de osso que haviam perfurado a pele das suas pernas e braço.

– Oh, meu Deus! – gritou ela, estendendo, impotente, os braços para o pequeno corpo destroçado. – Oh, meu Deus, Lars! O que é que fizeste ao meu filho?

CAPÍTULO 28

Quénia, Janeiro de 1978

Para Lars, as horas iam passando em ondas sucessivas de tortura. Estava cercado de uma escuridão que era trespassada por lampejos momentâneos de visão e som. Hannah, ajoelhada junto do filho inconsciente, soltando arquejos de incredulidade. Suniva estava sentada muito hirta numa cadeira junto da janela, trémula e silenciosa. Sarah estava ao telefone a explicar as terríveis circunstâncias ao médico da família em Nanyuki, a Kirsten e a Ilse, que se preparavam para o funeral na Noruega, e a Lottie. O Dr. Markham estava debruçado sobre Piet, fazendo curativos e colocando ligaduras, estancando-lhe o sangue do pescoço, onde um pedaço de vidro lhe perfurara a pele, fixando suavemente os ossos e tentando estabilizá-lo antes de ele poder ser transportado.

– Assim pode ir até Nairobi – disse ele por fim. – Podemos pô-lo agora na maca e levá-lo para o *Land Rover*. O Serviço Aéreo de Assistência está a caminho e o cirurgião em Nairobi está à espera. Lars, dá-me aqui uma mão. Os meus pêsames pelo teu pai. Era um homem excelente e gostei muito de falar com ele nas suas visitas.

Mas Lars não conseguia concentrar-se na enormidade do que acontecera. As palavras benevolentes apenas intensificaram o seu horror enquanto Piet era colocado na maca, o seu corpo completamente imóvel, o cabelo empastado com o sangue que não tinham conseguido limpar, as pálpebras rasgadas e inchadas.

– O que é que acha...? – Hannah torceu as mãos, os seus olhos brilhando de angústia.

– O que quer que eu dissesse agora não passaria de conjectura – respondeu o Dr. Markham. – Ele sofreu um traumatismo grave que precisa de ser imediatamente examinado e fracturou vários ossos que terão de ser fixados e engessados. Tem o maxilar partido e as lacerações precisam de ser suturadas. Talvez por um cirurgião plástico para não ficar com cicatrizes.

– Mas está com dores? – Mal conseguiu articular as palavras seguintes. – Vai viver?

– Minha querida, ele não sente qualquer dor. – O Dr. Markham tentou oferecer uma migalha de conforto. – O pulso está forte, o que é bom sinal. Agora o mais importante é pô-lo em Nairobi. Vou no meu carro ao aeródromo informar a equipa médica no avião. Hão-de estar também atentos ao teu estado, já que a tua gravidez está bastante avançada e um choque destes pode ter resultados inesperados.

– Eu fico a preparar as coisas de que vão precisar em Nairobi – disse Sarah. – Suniva, tu ficas comigo.

– Mamã, quero ir contigo. Por favor, deixa-me ir contigo. – Suniva agarrou no braço da mãe mas Hannah libertou-se, abanando a cabeça, incapaz de reagir ou de confortar a filha. – Mamã, o Piet vai morrer?

– Anda, Suniva. Eu e tu temos de juntar algumas das coisas preferidas do Piet – disse Sarah. – Depois vamos para Nairobi. É a melhor ajuda que podemos dar agora.

Hannah, esgotadas as lágrimas e as recriminações, retraía-se a cada solavanco e oscilação na tortuosa viagem, não tirando os olhos do filho, desejando com todas as suas forças que ele sobrevivesse. Não olhara para o marido nem lhe dirigira a palavra desde que ele levara Piet para casa. Lars ia a segurar numa das extremidades da maca, mas não era capaz de olhar para o filho, não suportava ver o rosto destroçado e as pernas e braços partidos, sabendo que fora ele o causador. No aeródromo, aturdido com a rotação das hélices e o cheiro a combustível quente, observou Hannah a entrar para a cabina exígua ao lado da maca. Não havia espaço para ele no avião e somente o rugido dos motores e uma nuvem de pó lhe fizeram perceber que tinham descolado. Olhou para o céu vazio, com olhos

vidrados, enquanto o Dr. Markham falava com ele, procurando encorajá-lo. Seria feito o possível para salvar Piet, disse o médico. A melhor forma de preencher o tempo era manter a esperança e orar. Lars deixou-se cair contra o carro, o seu espírito aprisionado num inferno privado. Depois, fez inversão de marcha e conduziu de volta à fazenda como um louco, descarregando a sua angústia na impiedosa paisagem.

– Voltei a falar com a Lottie – disse Sarah, quando ele entrou em casa, com um passo tão pesado como o de um velho. – Vai apanhar um avião no fim-de-semana. Entretanto, podem ficar todos em nossa casa em Nairobi até haver uma ideia mais clara sobre a situação.

Lars olhou para ela, incapaz de compreender o que ela estava a dizer. Em seguida, deixou-se cair numa cadeira. Suniva deu alguns passos hesitantes na sua direcção e deu-lhe a mão, mas ele mirou-a como se ela fosse uma estranha, incapaz de dar ou receber conforto.

– Lars, sofreste dois choques terríveis – disse Sarah, chamando por Nderi e pedindo café. Quando este chegou, deitou três colheres de açúcar e umas gotas de *brandy*. – Tenta lembrar-te que as crianças têm poderes de recuperação extraordinários. Ele vai safar-se. Eu sei que vai. – Ouviu Suniva começar a soluçar atrás dela. – Ajuda-me a meter as coisas no carro – disse ela, pegando na mão da criança, na esperança de distraí-la, ainda que por momentos.

– E o James? Ainda está no jogo de futebol com o David. – A confusão de Suniva, tentando processar a onda de acontecimentos que se haviam abatido sobre as suas vidas, lançando-os numa dimensão desconhecida, era comovente. – O James pode vir connosco?

– Fica melhor aqui por agora. – Sarah abraçou a rapariga. – Falei com o David e o James vai ficar com ele duas noites no *lodge*. Ele adora lá estar e podemos telefonar-lhe quando tivermos notícias. Vá, o teu pai já acabou o café, vamos partir para Nairobi.

– Mrs. Olsen, sou o Dr. Harries. O cirurgião do seu filho. – O homem alto, de cabelo grisalho, tinha um aperto de mão vigoroso e os seus modos eram francos e directos. – O Piet tem várias fracturas, incluindo a clavícula e o

fémur esquerdo, um tornozelo e o braço direito. O braço e a perna vão exigir a introdução de placas. Além disso, tem várias lacerações na cara, no pescoço e noutras partes do corpo. O Dr. Markham conseguiu estancar a hemorragia nestes ferimentos e julgo que posso suturá-los de modo a deixar cicatrizes mínimas. Partiu o maxilar e terá de ser religado para que os ossos estruturais e os músculos da cara possam ser restaurados na sua posição original e unidos até sararem. Mas, infelizmente, a cabeça e a cara dele sofreram o maior impacto do acidente.

– Está consciente? Posso falar com ele? – O rosto de Hannah, manchado de lágrimas, estava lastimoso.

– Não sou defensor de dourar a pílula quando se trata de questões a longo prazo, Mrs. Olsen, e acho que a senhora é o tipo de pessoa que prefere conhecer os factos. – O seu olhar era benévolo enquanto se sentava ao lado dela e encarava de frente o seu rosto arrasado. – Ele já foi meticulosamente examinado e temos as radiografias necessárias para determinar o melhor procedimento. Neste momento, o seu filho está em coma. Fracturou o crânio e tem o que se chama um hematoma subdural. É como se designa uma hemorragia interna que causa pressão sobre o cérebro. Estamos agora a prepará-lo para a cirurgia e a primeira coisa que temos de fazer é proceder a uma incisão no crânio para drenar o sangue e aliviar a pressão, a fim de tentar evitar lesões cerebrais.

– Ele tem lesões cerebrais agora? – O rosto de Hannah perdeu a cor.

– Infelizmente, não há maneira de saber. – O cirurgião fez uma pausa antes de voltar a falar. – O alívio da pressão no cérebro não é um processo longo mas a restante operação vai demorar algum tempo. Ele vai estar várias horas na sala de operações. – A sua expressão era sombria. – Vamos fazer tudo ao nosso alcance para o salvar mas, enquanto está à espera, talvez seja boa ideia ir descansar para algum lado. Podemos telefonar-lhe assim que ele sair da sala.

– Prefiro ficar aqui. Onde me sinto mais perto dele.

– Compreendo. Vou ver se há uma sala privada desocupada que possa usar. Um funcionário vai servir-lhe chá ou café e alguma coisa para comer e eu venho informá-la assim que o Piet estiver no recobro.

– Obrigada. – O esforço de proferir as palavras deu a Hannah vontade de vomitar e ela baixou a cabeça para reprimir a náusea que lhe subira à boca.

– Suponho que o seu marido está a chegar? Ótimo. O pessoal da recepção dir-lhe-á onde a senhora está assim que ele chegar. Com certeza que está a precisar do apoio dele. Entretanto quer contactar alguém para lhe fazer companhia?

– Sim. Obrigada. Gostaria de ligar à minha amiga, Camilla Chapman, embora ela talvez ande em safári.

– Eu peço a uma das enfermeiras que lhe indique o telefone e, assim que puder, volto para falar consigo. – Pousou-lhe a mão no ombro, num gesto de compaixão, e depois ela ouviu a porta da sala de espera a fechar suavemente. Quando levantou a cabeça, estava sozinha.

– Mrs. Olsen, importa-se de me acompanhar que eu mostro-lhe onde fica o telefone? E estamos a preparar uma sala para a senhora usar enquanto espera que o seu filho saia da sala de operações. – Uma jovem enfermeira, de uniforme imaculado, o cabelo enfiado debaixo de uma touca engomada, aparecera entretanto. Dirigiu-lhe um sorriso de encorajamento. – Depois de telefonar, encontra-me no posto de enfermagem ao fundo do corredor e eu arranjo-lhe algo para comer e beber.

Na pequena cabina, Hannah sentou-se num banco e marcou o número de Camilla, mas não obteve resposta. Na sala que lhe foi destinada, tomou chá e sentou-se, muito tensa, numa cadeira de braços. A princípio, tentou rezar mas não lhe ocorreram palavras nem frases e, ao fim de algum tempo, uma raiva feroz cresceu dentro dela ao pensar no deus silencioso e vingador que podia levar-lhe o filho. Perdera o irmão adorado e ele reaparecera na forma do filho, perfeito, são e puro, para ser agora mais uma vez abatido. Chorou até esgotar as lágrimas e depois dormitou até que um movimento brusco com a cabeça a despertou para o pesadelo da realidade.

Duas horas depois, ouviu passos e levantou os olhos, preparando-se para o prognóstico do cirurgião. Mas fora Lars que surgira à porta. Ficou ali, imóvel, e ela baixou os olhos, incapaz de lidar com a agonia dele ou de estender a mão para oferecer um sinal de sofrimento mútuo ou de tranquilização. Ele abriu a boca para falar mas não saiu nenhum som e

sentou-se à espera numa cadeira, do outro lado da sala, o silêncio avolumando-se e fazendo-o sentir vontade de partir tudo à sua volta. Ela não reparou nos cortes e pisaduras na cara e nos braços dele nem perguntou por Suniva. A tensão na sala tornara-se insuportável quando o Dr. Harries abriu a porta, ainda de bata e touca cirúrgicas.

– Mr. Olsen, ainda bem que aqui está – disse ele. – O seu filho está agora na sala de recobro e em breve vamos transferi-lo para a unidade de cuidados intensivos, onde estará sob controlo até aferirmos o seu estado.

– E a fractura craniana e a hemorragia? – Hannah não conseguia controlar a tremura nos braços e nas pernas.

– Conseguimos drenar o sangue e aliviar a pressão. Mas ainda não sabemos se houve lesões duradouras.

– Lesões cerebrais? – Lars levantou-se, as suas mãos enormes abrindo-se numa súplica desamparada.

– É uma possibilidade, como expliquei à sua mulher. – O cirurgião apercebeu-se de que o infeliz pai desconhecia a extensão dos ferimentos do filho. Perguntou-se como ele próprio seria capaz de lidar com o facto de ter causado acidentalmente uma situação tão terrível e tomou mentalmente nota para escolher um momento em que pudesse sugerir cautelosamente algumas sessões com um psiquiatra para ajudar o homem a enfrentar o que acontecera, bem como as possíveis consequências. A sua compaixão intensificou-se ao descrever, mais uma vez, as potenciais complicações que esperavam a criança.

Enquanto a litania prosseguia, Lars teve vontade de tapar os ouvidos e bloquear a voz do cirurgião. Cada palavra era uma lança que agudizava o seu tormento, outra acusação contra si próprio. Se Piet sobrevivesse, podia nunca mais se mexer, ver ou sorrir. Destruíra o filho. E o pai já estava morto. Se tivesse estado na Noruega durante os últimos dias de Jorgen, nada disto teria acontecido. Teria tido uma oportunidade de expressar o amor e gratidão que sentira pelo velho, proferido as palavras apenas possíveis entre pai e filho. Palavras que poderia nunca vir a dizer a Piet. Sentou-se, fechando os olhos, e desejou ter sido ele a morrer.

Hannah mantinha-se à parte, os olhos inchados e injectados, o rosto inexpressivo encobrendo o tumulto interior. Por fim, falou com o cirurgião. – O meu filho é surdo. Sabia? Tinha uma operação marcada, aqui, neste hospital. Na próxima semana.

– Eu sei, Mrs. Olsen – disse o Dr. Harries. – Mas não há nada que possamos fazer em relação ao problema de audição dele neste momento. Vou mandar uma enfermeira para aconselhá-la, assim que puder ver o Piet. Ele está com muitos tubos e moldes de gesso no corpo mas não são motivo de alarme. Contudo, devo adverti-la de que não fazemos ideia de quando ele poderá recuperar a consciência.

– Está a falar em horas? Dias? – Lars abanou a cabeça, como que a tentar libertar-se da terrível implicação que detectara na afirmação do médico.

– Neste momento, não lhe sei dizer.

– Não compreendo – disse Hannah, limpando as palmas das mãos suadas às calças. – Furou-lhe o crânio, ligou-lhe o maxilar, fixou-lhe os ossos. Tem de haver um momento em que o efeito da anestesia passa e ele recupera os sentidos.

– Mrs. Olsen, o seu filho está em coma – disse o Dr. Harries. – Não sente nada... não sente nada desde o acidente e não sabemos quando vai recuperar a consciência. Só podemos esperar pacientemente, na expectativa de que recupere. Mas não há forma de saber quanto tempo isso pode levar. Sinto muito.

Durante os primeiros e intermináveis dias, Hannah recusou-se a abandonar a cabeceira de Piet, apesar do conselho dos médicos. A criança permanecia inconsciente, recebendo medicação e alimento através de tubos ligados ao seu corpo destroçado. Tinha as pernas e os braços engessados, a cabeça parcialmente ligada, os olhos e o nariz inchados e pisados a ponto de estar irreconhecível. Estava inerte, tirando o ocasional pestanejar das pálpebras. Sempre que Lars entrava na unidade de cuidados intensivos, a agonia do que fizera deixava-o fisicamente doente e não era capaz de se demorar mais do que alguns minutos. Preferia vaguear pelos corredores ou sentar-se ao ar livre, sem falar com ninguém. Hannah pouca atenção dava às suas idas e

vindas, sentada junto do filho, afagando-lhe os dedos, falando-lhe com ternura sobre as coisas familiares na sua curta vida, cantando as canções de embalar que ele conhecia de bebé.

Sarah e Rabindrah eram visitas constantes, ambos se oferecendo para fazer companhia a Piet durante algumas horas para que Hannah pudesse ir a casa descansar. No entanto, apesar das suas insistências, ela recusava-se a sair de junto dele. Durante o dia, visitavam o hospital e levavam Suniva ao Museu de Nairobi, ao Parque Nacional ou ao Orfanato dos Animais. James chegou na camioneta de Nanyuki para o fim-de-semana, passando a maior parte do tempo com Piet, conversando com ele sobre os jogos que jogariam quando ele recuperasse. Em casa, Sarah ensinou Suniva a usar uma das suas câmaras e estabeleceram um programa de treino para *Swala*, o novo cachorro que estava a crescer a olhos vistos. À noite, faziam os possíveis para que tudo parecesse normal a Lars quando ele regressava, vendo o noticiário na televisão, discutindo o dia e jantando juntos. Ilse ligou a descrever o funeral de Jorgen e o grande número de pessoas que fora prestar-lhe tributo. Até Kirsten procurou oferecer palavras de conforto, apesar da sua própria mágoa. Com a aproximação do final da semana, Lars tornara-se tão taciturno que não conseguia manter uma conversa com Suniva, apesar de ver a sua necessidade desesperada de esperança e apoio. Sarah notou que ele bebia cada vez mais. Por vezes, ouvia-o a cambalear ao ir deitar-se e temia por ele, no seu estado solitário de angústia.

– É demasiado horrível este sofrimento – disse ela, deitada ao lado de Rabindrah, no escuro, fixando o tecto. – Sinto-me tão impotente. Não parece haver palavras nem actos que lhe tragam alívio. Ele sempre foi o mais forte, a pessoa de quem todos dependiam. Agora perdeu isso. O pai morreu e ele culpa-se pelo acidente. E pelo facto de não poder fazer nada pelo Piet ou pela Hannah. Aliás, ela excluiu-o completamente.

– Pergunto-me se não seria melhor essa pobre criança morrer – disse Rabindrah.

– Não, meu Deus. Não!

– Pode parecer chocante, mas imagina que fica com lesões cerebrais permanentes? Que tipo de vida há-de ter? Como é que a Hannah pode

cuidar de um novo bebé e de um filho incapacitado? E como é que o Lars vai viver, com o rapaz a reavivar-lhe permanentemente a memória?

– Não sei – disse ela. – Tenho andado a pensar em dizer à Hannah que deve confortar o Lars mas ela está sob uma tensão tão grande que não me parece o melhor momento. Assim, limito-me a rezar. Por todos eles e pelo bebé que aí vem.

*

Quatro dias depois do acidente, Camilla telefonou para o hospital. – Só soubemos da notícia há minutos – disse ela. – O rádio não tem estado a funcionar bem em Shaba, mas agora estamos em Langani com clientes. Posso voltar mais cedo para Nairobi para ajudar. O Anthony vai levar o James para o próximo acampamento no fim-de-semana e depois para Nairobi, quando as férias escolares começarem. Não te preocupes com ele. Como é que o Lars se está a aguentar? E a Suniva?

– A única coisa que podemos fazer é esperar. – As palavras de Hannah eram desoladas e não respondeu à pergunta sobre o marido e a filha, nem comentou a situação de James. – Diz-se que quando se quer alguma coisa desesperadamente, se acaba por consegui-la. Espero que seja verdade porque nunca quis tanto alguma coisa como ver o Piet a abrir os olhos e a sorrir-me.

– Pensámos que talvez queiras mudar-te para nossa casa, se vais passar uns tempos em Nairobi – disse Camilla. – Fica mais perto do hospital do que a casa da Sarah e do Rabindrah e, para nós, é preferível que seja ocupada enquanto estamos para fora. Como não vamos passar muito tempo em casa nas próximas semanas, ficaria praticamente por vossa conta. Eu informo o Joshua. Podes ligar-lhe quando quiseres.

Mas, sempre que alguém tentava encorajar Hannah a sair do hospital por algumas horas, ela enfurecia-se. Por fim, o Dr. Harries chamou-a à parte durante a sua ronda matinal às enfermarias.

– Mrs. Olsen... posso tratá-la por Hannah? – Sorriu-lhe, mas a sua atitude era séria. – Eu sei que não quer deixar o seu filho por um momento que seja. Mas tem de compreender que a exaustão e o *stress* podem prejudicar

gravemente a saúde do bebé que traz no ventre e, nesse caso, não poderia olhar nem por si nem pelos seus filhos. A enfermeira está a preparar uma cama articulável no quarto do Piet para si. Mas insisto para que divida esta vigília com alguém. Não há maneira de saber quanto tempo ele vai levar a sair deste estado e a Hannah não pode ficar ao lado dele, dia e noite, durante um período prolongado. O pai e a sua amiga Mrs. Singh estão perfeitamente dispostos a fazer-lhe companhia, e a Hannah seria imediatamente informada se houvesse alguma mudança. Está a pôr em perigo o seu próprio bem-estar se não passa algum tempo longe do hospital. Este processo pode ser longo.

– Defina «processo longo». – Hannah enterrou os dedos nas palmas das mãos. – Diga-me se vai ser um mês ou um ano. Diga-me alguma coisa, por amor de Deus! Alguma coisa a que eu me possa agarrar ou que possa esperar!

Sabia, antes de ele abanar a cabeça, que não havia nada que ele pudesse dizer e enterrou a cabeça nas mãos. O ruído de uma pancada na porta fê-la endireitar-se, vendo Lottie à entrada.

– Minha querida, meu amor. – Lottie abraçou-a e ficaram nos braços uma da outra a chorar antes de se virarem para tocar na mão de Piet na colcha.

– Vamos rezar por um milagre – disse Lottie, beijando-lhe as pálpebras pisadas. – Se rezarmos juntos, como uma família, Deus há-de ouvir-nos. Eu sei que sim.

– Já tentei – disse Hannah, limpando os olhos. – Esforcei-me muito, mãe, mas as palavras não vêm. Não vêm.

– Pois, mas agora vamos tentar de novo – disse Lottie. – Estão aqui o Lars, a Suniva e a Sarah, que vão rezar connosco. Depois fico aqui enquanto vais para casa da Sarah dormir e olhar pela tua saúde. Porque tens de estar forte quando o Piet acordar.

Lars olhou para ela, o seu rosto macilento marcado pela gratidão, e ela indicou que deviam juntar as mãos. Fizeram um círculo à volta da cama de Piet, seguindo as palavras de súplica de Lottie e repetindo a prece de misericórdia na qual ela procurou que todos participassem.

– Ela não me vê, não me ouve, não quer saber de mim – disse Lars a Lottie. – Tento ser optimista por causa da Suniva, que está assustada. Não só com o aspecto do Piet, mas porque a mãe deixou de notar que ela existe. Devia levá-la para casa em Langani. Deixá-la voltar para a escola e ter uma vida mais normal. Não posso estar longe da fazenda por muito mais tempo. E acho que devíamos mudar-nos para casa do Anthony e da Camilla, porque já estamos aqui há mais de uma semana e a Sarah também precisa de descanso e privacidade. – Calou-se. – Há dias em que acho que não consigo continuar, Lottie. Ou que nem vale a pena tentar. O que é que eu fiz para merecer um castigo destes? Só Deus sabe o que nos vai acontecer a todos quando o bebé nascer.

– Talvez seja isso que traga a Hannah de volta ao mundo – disse Lottie.

A afirmação não a convencia e Lars não respondeu até cair subitamente de joelhos e começar a soluçar. Lottie ajoelhou-se ao lado dele, enquanto a frágil fachada estalava e ele descarregava a angústia que se apoderara dele, corpo e alma, desde o dia em que o pai morrera e ele estropiara o filho. Suniva apareceu a correr do jardim, quando ouviu o som, e a sua cara perdeu a cor.

– Ele morreu? – murmurou ela, olhando para o pai. – Papá, o Piet morreu?

– Não, querida – disse Lottie suavemente. – O teu pai tem sofrido muito e tem tentado esconder a tristeza que sente. Agora está a libertá-la.

– Papá. – Suniva sentou-se ao lado deles no chão e encostou-se a Lars. – Eu sei que estás muito triste, papá. Por causa do avô e de teres atropelado o Piet. Mas o avô sabe porque é que não pudeste ir ao funeral dele. E o Piet vai acordar e ficar melhor. Vai, porque rezámos todos juntos por ele. E depois a mamã vai trazê-lo para casa. Vamos poder ir em breve para casa, não vamos? – Virou-se para Lottie.

– É a nossa esperança – disse Lottie, destroçada. Mais uma vez a catástrofe abalara os alicerces das suas vidas. – Mas, enquanto esperamos, talvez fosse bom ires para casa com o teu pai. Para a fazenda e para a escola. Podes cá vir aos fins-de-semana para estares com a tua mãe e ela não sentir saudades tuas. Que dizes?

– Sim – respondeu Suniva. – Quero ir para casa. Acho que a mamã não vai dar conta que partimos porque já não pensa em nós. – Levantando a ponta da camisa, limpou as lágrimas nas faces largas do pai. – Vamos ver o Piet – disse ela. – E depois podes levar-me para casa. Achas que o James está à nossa espera?

Suniva correu através da floresta, o coração a bater de excitação. James já lá estaria. Tinham feito sinal um ao outro, assim que ela chegou a casa, e quando acabou de almoçar, encaminhou-se para a cabana deles, os pés quase sem tocar no chão. Sentindo-se como se estivesse a voar, correu sobre a superfície irregular, entrecruzada por raízes de árvores e pedras, quase indiferente aos ramos que se atravessavam no caminho. Irrupendo na clareira, viu-o, agachado sobre a fogueira que acendera entre as pedras, soprando os gravetos até os paus secos e o musgo pegarem fogo e as chamas começarem a crepitar. Levantou os olhos e um sorriso de pura alegria rasgou-se-lhe na cara, iluminando-lhe os olhos. Ela acorrou-se ao lado dele. Não havia necessidade de palavras quando juntaram as palmas das mãos e se olharam, reconhecendo os traços um do outro, os joelhos tocando-se, numa comunhão silenciosa e intensa. Inclinando-se para a frente, as suas testas tocaram-se, o cabelo louro roçando o brilho cor de mogno da pele dele. E o tempo entrou noutra dimensão.

– Houve alguma mudança?

– Nada. – Os olhos de Suniva estavam fixos no único semblante que lhe podia incutir um vislumbre de felicidade. – Não sei se alguma vez vai acordar.

– Trouxe uma cabaça – disse ele. – Podemos fazer um corte nas mãos e deixar o sangue pingar para dentro dela. Vi os velhos na fazenda fazer assim pedidos ao deus N'gai. E vamos pedir-lhe para honrar o nosso sacrifício e curar o Piet. Se quiseres. Se não tiveres medo.

– Não. Vamos fazer isso agora.

Ele pegou no canivete e aqueceu a lâmina nas chamas. Com um movimento rápido, cortou a pele na base do polegar e depois pegou na mão de Suniva.

– Pronta?

– Sim.

Passou a faca pela mão dela e ela manteve os olhos fixos nos seus sem se mexer. Um fio de sangue vermelho-vivo brotou do golpe e ele pressionou a sua mão contra a dela. Enquanto o sangue se misturava e pingava para dentro da cabaça, James salmodiou suavemente em quicuio.

– Por favor, grande deus N’gai, se nos amas, deixa o Piet acordar e estar connosco outra vez – sussurrou Suniva.

Começou a trautear com James, observando os pingos lentos e vermelhos, sentindo o ardor da ferida aberta, olhando para o fogo, vendo o rosto inchado e mutilado de Piet nas chamas, os olhos ainda fechados. James pegou na cabaça e esvaziou o seu conteúdo na fogueira.

– Oferecemos o nosso sangue ao grande deus N’gai para que ele traga de volta o nosso irmão. Para a Suniva e para mim – disse ele.

Fixando, hipnotizada, a luz tremeluzente, Suniva viu o rosto do irmão no coração das chamas, os seus olhos azuis abertos, a sorrir aos seus, e caiu para trás com o susto.

– O que é que viste? – James ajudou-a a levantar-se.

– Não tenho a certeza. Pareceu-me ver a cara do Piet. Pensei que ele estava... – Sentia relutância em pronunciar as palavras, em pôr à prova as suas esperanças.

James pegou num pouco de musgo e pressionou-o contra o corte na mão dela. – Para o manter limpo – disse ele, pousando a palma da mão dela contra o peito, enquanto Suniva se inclinava para ele por um momento, de olhos fechados.

– Não quero que me mandem para um internato – disse ela. – Com o Piet no hospital e tu aqui, acho que morria.

– Pode ser que não mandem. – Pôs os braços à volta dela. – Talvez o Piet agora melhore e fiquemos todos juntos outra vez.

– Sim. – Ela pressionou a mão dele contra a cara e afastou-se. – A ver quem chega primeiro a casa.

Largaram a correr juntos pelo caminho íngreme, os passos de Suniva ecoando os de James, respirando contra a nuca dele, a floresta vibrando à

sua passagem.

– Fui chamado ao tribunal – disse Rabindrah. – Agora que tem os documentos do cofre do Manjit, o Kiberu está convicto de que vai conseguir a condenação de toda a gente. À excepção do Moses Gacharu. Não havia nenhuma menção dele em nenhum dos registos e, ao que parece, foi pago em dinheiro. Há fotografias dele a receber dinheiro, mas não estão datadas e seria difícil usá-las como prova concludente do que quer que fosse. Mas os outros dois vão ser julgados com o Harjeet e eu sou a testemunha principal. Pensa só como isso me vai tornar popular no seio da comunidade asiática!

– Não importa – disse Sarah. – A Anjit contou ao tio Indar o que tu fizeste para proteger o Gulab, se bem que tivesse sido irreflectido da parte dela, além de perigoso. De qualquer maneira, quer dizer que os membros mais próximos da tua família sabem toda a história. Soube que o Harjeet tem um advogado extremamente astuto. Provavelmente safa-se com uma pena leve. Ele não fez um acordo antes de entregar os documentos?

– Não sei se vai ser respeitado – disse Rabindrah. – Não ficou nada escrito e o Kiberu está determinado em fazer deles todos um exemplo, embora esteja mais preocupado em condenar os colegas gananciosos. Vai ser interessante ver o que acontece. A propósito, tiveste notícias da Lila recentemente?

– Nada – disse Sarah. – Espero que queira dizer que são boas notícias. O teu pai já deve ter preparado o acordo de divórcio dela e é bem possível que ela esteja envolvida num romance tórrido com o Tom.

– Não sei bem se lhe desejo tal sorte – disse Rabindrah. – Estiveste com a Hannah hoje? Há novidades?

– Não fui ao hospital – disse Sarah. – Sentia-me cansada.

– Suponho que quer dizer que a Camilla lá esteve. – Suspirou. – Não achas que é tempo de esqueceres essa desavença, depois de tudo o que aconteceu? Não aprendemos que a vida pode mudar num abrir e fechar de olhos? Não podemos estar gratos pelas nossas benesses e ignorar as imperfeições das pessoas?

Mas ela deixou-o sem resposta, fechando-se na câmara escura para imprimir uma série de fotografias que Suniva tirara do cachorro. Saber que Camilla mentira a Anthony, dizendo que o aborto fora espontâneo, reabriria a ferida no espírito de Sarah, mas ela tinha noção de que Rabindrah estava certo. Sentia-se cada vez mais envergonhada com a separação e era um orgulho obstinado que a impedia de pegar no telefone e transpor o fosso que criara. Ao princípio do dia, decidira meter-se no carro e ir à casa em Karen tentar fazer as pazes. Ou ir ao hospital numa altura em que as suas duas amigas de infância lá estivessem, no quarto de Piet, onde as disputas do passado pareceriam irrelevantes. Mas não era capaz, e o comentário de Rabindrah fora especialmente acutilante, levando-a a sentir-se uma hipócrita ao tocar no ventre redondo e pensar na criança que crescia dentro dela. Talvez encontrasse a oportunidade ideal na semana seguinte ou assim. Pelo menos acabaria com uma infelicidade desnecessária nas suas vidas e permitir-lhes-ia confortar Hannah juntas.

– O Lars levou a Suniva para Langani – disse Lottie, sentada à cabeceira do neto. – Hannah, temos de falar sobre isto. Ele perdeu o pai e não pôde estar presente no enterro dele. E, por um acidente que é absolutamente terrível, fez mal ao próprio filho. Tens de encontrar dentro de ti forças para lhe dar o amor e o conforto de que ele precisa, Hannah. Já houve demasiadas tragédias. Aconteça o que acontecer ao Piet, tens de ajudar o teu marido. Ficar do lado dele. O Lars deu tudo o que tem para te proporcionar segurança e felicidade. Não podes agora desapontá-lo.

– Tento racionalizar a situação – disse Hannah, mas a visão do filho destroçado explodiu-lhe dentro da cabeça ao falar. – Dizer a mim mesma que foi um acidente, que podia ter acontecido a qualquer pessoa. Mas não aconteceu. Aconteceu ao meu Piet, ao meu menino. E pode nunca mais recuperar. Nunca mais acordar. Diz-me que podias aceitar uma coisa destas, voltar à tua vida anterior. Olha para mim, mãe, e diz-me que podias fazer isso.

– Tens de tentar – disse Lottie, num tom duro. – Custe o que custar, tens de manter a tua família unida.

– Não sei como. Estou aterrada que o Piet morra quando não estou aqui. Que me seja levado como antes. Não consigo pensar em mais nada.

– Hannah, os efeitos combinados do traumatismo dele e da tua gravidez estão a pôr-te nesse estado. Mas tens de começar a olhar para as coisas de outra perspectiva. Se não és capaz, aceita ajuda. Por ti e pelo Lars. Têm de aguentar isto juntos, porque sozinha não vais conseguir.

– Deixa-me em paz. Por favor. – Hannah levantou-se abruptamente e, nesse instante, ouviu o primeiro som, um gemido breve e suave que foi seguido de um tremor das pálpebras dele. E depois os seus olhos abriram-se, azuis, desfocados e repletos de terror.

– Mamã – sussurrou. – Mamã.

CAPÍTULO 29

Quénia, Fevereiro de 1978

— **É** um milagre – disse Camilla, sentada ao lado de Lottie na sala de espera. – Não há outra explicação.

– Vai levar tempo e exigir muita paciência. – Lottie sorriu por entre as lágrimas. – O Lars está rejubilante. Vem a caminho de Langani, embora ninguém saiba o que se vai passar a seguir. Se vai haver mais progressos e quando. E a Sarah também está aí a chegar.

– Nesse caso, volto amanhã – disse Camilla, a sua expressão alterando-se.

– O que é que se passou entre as duas? – Lottie não compreendia o que podia ter causado tamanha cisão entre as duas mulheres, que eram como filhas para ela e se amavam desde a infância. – Essa discórdia merece realmente a destruição de um laço que nasceu há tanto tempo? Seja o que for, não podem pôr isso de lado pela Hannah? Por vocês?

Camilla respirou fundo, sentindo o estômago revolver-se. – Quando o Duncan Harper quase nos lançou na bancarrota, usei todo o meu capital e economias para pagar as dívidas e manter a nossa empresa em funcionamento. Tive de voltar a trabalhar como modelo para garantir uma liquidez suficiente e tive a sorte de ter feito uma sessão fotográfica para a *Cartier* que o Tom conseguiu, bem como alguns trabalhos menos importantes.

– Vendeste-lhe a tua casa de campo. – A voz de Lottie estava carregada de compaixão.

– Vendí. – Camilla assentiu com a cabeça. – Depois o Anthony precisou que eu o acompanhasse nos safáris, como segunda guia, porque não tínhamos dinheiro para contratar ninguém de fora. E eu e a Hannah

trabalhámos na oficina para produzir mais roupas. Só assim é que conseguimos sobreviver financeiramente. E ainda não acabou.

– E que tem então a Sarah a ver com isso?

– Quando o Duncan desapareceu, tinha acabado de descobrir que estava grávida. Fiz um aborto. – Descreveu o estado terrível em que se havia encontrado e a reacção compassiva de Rabindrah ao seu pedido de ajuda. – A Sarah nunca me perdoou. Acho que nunca me vai perdoar e, no fundo, não posso censurá-la. Eu própria não sei se alguma vez serei capaz de perdoar a mim mesma.

– Oh, minha querida. – Lottie pegou-lhe na mão. – Lamento muito. Que disse o Anthony de tudo isso?

– Disse-lhe que sofri um aborto espontâneo – respondeu Camilla. – Não queria que ele soubesse do acto terrível que eu tinha cometido. Ele já tinha muito em que pensar e ter-se-ia censurado a ele próprio, além de mim. A Hannah não sabe de nada disto. Quando ultrapassarmos esta crise financeira, só posso esperar e rezar para vir a ter um bebé que acarinhe o suficiente para me redimir. Mas talvez não mereça ser mãe depois do que fiz. Agora já sabe. – Beijou Lottie na face e levantou-se. – Até amanhã.

A sua fala seria indistinta e arrastaria a perna direita. Talvez permanentemente. O problema da audição teria de ser considerado mais tarde, à luz de outras necessidades clínicas. A linguagem gestual era uma opção, mas a lesão cerebral poderia impedi-lo de usar as mãos para se exprimir, se a capacidade cognitiva também tivesse sido afectada. Haveria semanas, provavelmente meses, de reabilitação e era possível que Piet nunca mais recuperasse a mobilidade total. Deviam sentir-se gratos por terem recuperado o filho num estado que prometia melhoras, mas seria insensato esperarem demasiado dele. Dificilmente seguiria quaisquer estudos académicos no futuro.

Lars aproximou-se de Hannah enquanto ouviam o Dr. Harries, mas ela afastou-se de ambos, os seus olhos inflexíveis de determinação, impávida perante a longa lista de complicações a enfrentar. Ele estava acordado.

Reconhecera-a e dissera o nome dela. Piet estava vivo. Levá-lo-ia para casa e ele ficaria bom.

Lottie partiu para Itália, prometendo voltar nos meses de Verão. Apesar das objecções de Hannah, Piet foi transferido para uma pequena enfermaria com mais três crianças.

– Ajuda-o a relacionar-se com os outros – disse o Dr. Harries. – Para começar a reparar nas coisas e tentar comunicar. Há mais duas vítimas de acidente no mesmo quarto que iniciaram recentemente a fisioterapia e as enfermeiras estão constantemente a entrar e a sair de lá. Acredite, neste momento é o melhor sítio para o seu filho. O isolamento não o ajudará.

Para estar mais perto do hospital, Hannah aceitou a oferta da casa de Anthony e Camilla enquanto Lars andava entre Langani e Nairobi. A relação entre ambos continuava distante, as tentativas de uma conversa normal contaminadas por ideias e sentimentos que não ousavam exprimir. Ao fim de algum tempo, limitaram-se aos assuntos da fazenda e ao progresso de Suniva na escola.

– Porque é que a Suniva não está contigo? – Hannah ouvira o som de pneus no cascalho e saiu para o alpendre, o cabelo preso num apertado carrapito na nuca, preocupada quando viu que a filha não estava no carro.

– Quis ficar em casa. Há uma festa de aniversário no clube de uma das amigas de escola dela. – Lars estava no caminho de acesso sozinho, com o saco de viagem na mão.

– Ontem fui ao convento em Msongari – disse Hannah. – Ela pode começar como aluna interna depois da Páscoa, apesar de não ser o início do ano lectivo. Concordaram em admiti-la por causa da nossa situação. É melhor entrares. Dá ideia que vai chover.

– Isso é boa ideia?

– A chuva? Acho que sim. Está tudo muito seco. – Hannah entendeu mal a pergunta de propósito.

– Sabes bem que me refiro à Suniva – disse ele, irritado. – Não acho bem pormo-la num colégio interno neste momento. Já houve perturbações a mais

na vida dela e ela já se sente desligada. Pouco importante, comparada com tudo o resto.

– O Piet vai começar brevemente a reabilitação. – Hannah sentou-se numa cadeira, pesada e exausta. – Vai ficar aqui semanas e tu não podes administrar a fazenda e tratar de todas as necessidades da Suniva. Não quero que ela ande ao deus-dará por Langani, com o James constantemente a reboque e sem ninguém para os vigiar.

– Eu vigio-os, e a Esther e o David também. Todos nós os vigiamos.

– Está melhor em Msongari – insistiu Hannah. – As freiras mostraram-se compreensivas. Disseram que podíamos levá-la a sair de tempos a tempos. A Sarah pode ir buscá-la aos domingos para almoçar e vem passar as férias intercalares a casa.

– Não se vai sentir feliz fechada num internato e está muito bem onde está, acompanha bem as aulas, anda a cavalo, faz as coisas que sempre fez. Não é uma boa altura para mudanças. Além disso, o James não constitui nenhum problema. Ela precisa dele, Hannah, são simplesmente crianças com a curiosidade natural da idade deles.

– Como é que tu sabes? – contrapôs Hannah. – Andas pela fazenda o dia todo enquanto eles desaparecem na floresta ou fogem sabe-se lá para onde, assim que chegam a casa das aulas. A Esther não consegue controlá-los. Nunca conseguiu. Aos fins-de-semana, passam provavelmente o tempo todo juntos quando a Suniva não está aqui. Ela já tem idade suficiente. A Sarah e a Camilla já andavam no colégio interno com essa idade. Não lhes fez mal nenhum.

– Não estás a planear vir a casa uma vez ou outra? Só por uma ou duas noites?

– Não posso deixar o Piet durante tanto tempo. – Hannah foi categórica.

– A Sarah está aqui – disse Lars. – Visita-o quase todos os dias. E a Camilla também cá vem quando está na cidade.

– É raro ela estar em Nairobi. Mas, por sinal, ela e o Anthony estão cá esta noite e nós vamos jantar com eles. Estou com vontade de ir.

– Nesse caso, vou agora ver o Piet antes de termos de sair – disse Lars. – Quero ver que avanços fez desde a semana passada.

– Continua com problemas de fala – disse Hannah. – Hoje não parou de chorar porque ainda tem dores e não consegue ouvir nem fazer-se entender. Dão-lhe comprimidos para as dores, mas não querem aumentar a dosagem. Podia ser prejudicial a longo prazo. Levei-o a dar uma volta esta tarde, na cadeira de rodas, para tentar animá-lo um pouco. Ele está a contar que lá vás amanhã.

O som de um carro pôs fim à conversa e Lars sentiu-se aliviado quando Camilla subiu a correr os degraus e lhe lançou os braços ao pescoço. Quando ela recuou, ele ficou surpreendido com a aparência dela. Tinha cortado o cabelo tão curto que agora formava uma espécie de auréola de cabelos espetados em redor da cara, e estava demasiado magra. Mas os seus olhos eram do mesmo tom azul-violáceo e estavam repletos de prazer ao sorrir-lhe.

– Acabámos de visitar o Piet – disse ela. – A caminho de casa, vindos do escritório. São muito tolerantes com as visitas fora de horas. E as enfermeiras são um encanto com ele. Bondosas e pacientes.

– Lars, meu velho. – Anthony apertou-lhe a mão, dando-lhe uma palmada carregada de significado nos ombros largos. – Prazer em ver-te. Como é que isso vai? Vou levar uns clientes a Langani na próxima semana. Espero que nos faças companhia no *lodge*, se tiveres tempo. Han, estás a cair para o lado. Que tal um chá ou até uma bebidazinha?

– Vou descansar uma hora – disse Hannah. – Sobretudo se vamos jantar fora. Há muito tempo que não saio e quero estar em condições para desfrutar dele.

– Estamos extremamente gratos aos dois – disse Lars, depois de ela sair da sala. – É duro para a Hannah quando insiste em passar o dia quase todo no hospital, mesmo quando a Sarah lá está. Anda exausta mas recusa-se a descansar. Mas não adianta dizer-lhe nada. Quando se trata do Piet, não vê mais nada. E acaba de me dizer que inscreveu a Suniva em Msongari depois da Páscoa.

– Isso vai ser um grande choque – observou Anthony. – Lembro-me das primeiras semanas em que fui fechado, a seguir ordens dia e noite, depois de andar pelo *bundu*, em safári com o meu velhote, os pisteiros e pessoal do

acampamento dele. Senti-me terrivelmente infeliz durante um tempo, mas acabei por me habituar. A Suniva há-de adaptar-se. É muito senhora de si e independente. Mas o jovem James vai sentir saudades dela. De uma assentada perdeu os dois amigos. Eu levo-o comigo nas férias da Páscoa. Ele adora os acampamentos e sabe tornar-se útil. Os clientes acham-no um óptimo rapaz, sobretudo as mulheres.

– Espero que tenhas razão em relação à Suniva – disse Lars. – E mais uma vez obrigado pelo uso da casa. Tem sido uma benesse estarmos aqui.

– Podem ficar o tempo que quiserem. – Camilla serviu-lhe uma bebida. – Mantém o Joshua ocupado. Em breve parto para Londres e o Anthony vai ficar sozinho por uns tempos. Há-de gostar da companhia quando voltar para casa depois do próximo safári.

Jantaram no centro da cidade e Hannah fez um esforço para ouvir uma descrição das novas colecções de vestuário de Camilla nos Estados Unidos e para fazer perguntas sobre os clientes dos safáris de Anthony, mas pouco depois a conversa virou-se para Piet.

– Está a ter problemas de fala – disse Hannah. – Amanhã começamos com exercícios de locomoção e também temos consulta com um terapeuta da fala. Quero estar presente em todas as sessões. Para o encorajar e aprender de que modo posso ajudá-lo quando voltarmos para casa.

– És capaz de vir a descobrir que ele tem de trabalhar sem ti parte do tempo – disse Camilla. – Os terapeutas sugerem muitas vezes que os familiares mantenham uma certa distância dos esforços quotidianos. Além disso, em breve vais ter outra pessoa que exige os teus cuidados. Mas a Suniva vai ser fundamental para ajudar o irmão. Sempre cuidou do Piet e isso há-de dar-lhe um papel importante a desempenhar. Fazê-la sentir-se menos excluída.

– Porque é que toda a gente está sempre a bater na tecla da Suniva? – Hannah corou de irritação. – Não me parece justo estar sempre a dizer que ela é marginalizada. O Piet quase perdeu a vida. Neste momento, deve ser ele o foco das nossas atenções até recuperar. Mais nada. – Estava à beira das lágrimas, pousando a colher e afastando o prato.

– Tens razão, Hannah, não te deves afligir. – Camilla falou num tom reconfortante, o barulho no restaurante intensificando-se e abafando a resposta estridente de Hannah. – Ouve, deves estar exausta e nós os dois estamos bastante cansados. – Virou-se para Anthony. – Vamos pedir a conta e voltar para casa. Depois da viagem de Samburu, quero deitar-me cedo. A estrada é uma lástima, se pensarmos no dinheiro que o governo recebe para a manutenção.

– Podes ter a certeza que esses fundos são gastos em *Mercedes* bem tratados e não nas estradas por onde eles circulam – disse Anthony. – Os *WaBenzi* não se importam se furarem um ou dois pneus... obrigam sempre algum desgraçado a arranjar outro.

– Que vai ser deles? – perguntou Camilla mais tarde, enfiando-se na cama ao lado do marido e sentindo-se envolvida pela magia dele.

– Adoro-te – murmurou ele. – Estou enfeitiçado por ti e adoro. Chega-te para aqui porque neste momento não consigo pensar em ninguém senão em nós e no nosso mundo privado. Não quero hóspedes.

No quarto do outro lado do corredor, Lars ainda estava acordado. Servira-se de um generoso conhaque, que bebeu antes de se retirar. Sentindo o seu ardor no estômago, esperou que induzisse o sono. Mas não se revelou uma solução e, quando fechou os olhos, a memória de Piet, são e belo, atormentou-o e ele não ouviu sequer o zumbido do mosquito que voava junto à sua cabeça. Ao seu lado, Hannah já estava a dormir, de costas para ele. Pensou nos dias passados, quando sentia o peso e a suavidade dos seios dela nas suas mãos e ela entrelaçava as suas pernas fortes nele, amando-o e confiando em tudo o que ele fazia. Ela tinha o mesmo aspecto, os joelhos dobrados, as mãos espalmadas sob a face, o cabelo dourado sobre a almofada. Conhecia todos os seus contornos, todos os pequenos movimentos e trejeitos musculares que indicavam os sonhos nos quais já não figurava. Estavam irreconciliavelmente divididos pelo que ele fizera ao filho de ambos. Em breve, haveria uma nova criança naquela família que se desmoronava, mas Lars duvidava que alguma vez viesse a fazer de novo verdadeiramente parte deles. Pensou no pai e na maneira como haviam

apertado a mão no dia em que se haviam despedido pela última vez. Havia uma expressão nos olhos de Jorgen que Lars tentara não definir, mas agora pensou que era a certeza de que não voltariam a ver-se. Não ousava esperar que a vida pudesse um dia voltar ao que era e perguntou-se se valeria sequer a pena vivê-la.

Nada podia ter preparado Hannah para a tortura que Piet experimentava. Cada novo movimento fazia-o gemer e franzir os olhos, enquanto os seus membros massacrados eram massajados e esticados. Finalmente chegou o dia em que o ajudaram a levantar-se, segurando com as mãos num par de muletas. Hannah observou, sustendo a respiração, incapaz de reprimir um grito quando ele caiu, gritando de frustração. As barras paralelas pareciam um objectivo igualmente impossível e ele atirou-se para o chão, soluçando e enroscando o corpo numa bola defensiva.

– Ele não consegue ouvir o que está a dizer, por amor de Deus! – Hannah virou-se para Judy Canning, a fisioterapeuta. – Não compreende que o meu filho é surdo? Se não se puser à frente dele e o ajudar, ele não sabe o que quer que ele faça.

– Mrs. Olsen, não se trata de ouvir. A capacidade do Piet de compreender é muito mais lenta agora. Já demonstrei o que quero que ele faça mas ele nem sempre se lembra. Não consegue acompanhar porque, para além da audição, o cérebro dele foi afectado.

– Meu Deus, é demasiado cruel. É de mais. – Hannah baixou-se para ajudar a criança a levantar-se, mas a fisioterapeuta pousou-lhe uma mão no braço para a impedir.

– Ele consegue levantar-se – disse Judy calmamente. – Deve deixá-lo tentar sozinho. Este processo vai ser longo e lento e é especialmente difícil para um rapaz desta idade. O Piet pode nunca mais vir a ser capaz de usar a perna e o braço direitos de uma forma normal. É uma felicidade que não esteja completamente privado de movimento. Seria melhor se a senhora não estivesse presente nestas sessões. Ele tem de aprender a depender dele próprio. A ir pelo seu próprio pé, sem piedade. Tem de aceitar isso.

– Não aceito – disse Hannah. – Hei-de pô-lo bom. Farei o que for necessário para que ele recupere completamente. O meu filho há-de ir para a escola e correr e brincar e aprender como qualquer outro rapaz. Vai ver.

Depois de Piet ser novamente levado para a enfermaria, Hannah saiu do hospital e dirigiu-se à biblioteca pública, deixando-se absorver por todos os livros e brochuras que encontrou sobre lesões cerebrais. Armada dos seus novos conhecimentos, lançou-se na luta do filho. Mas Piet cansava-se depressa e perdia facilmente o ânimo. Esquecia-se com frequência das mais simples instruções e era dado a birras temperamentais e dores de cabeça brutais.

Apesar dos conselhos do médico, ela insistiu em levá-lo para Langani.

– Hannah, ele ainda não está pronto – disse o Dr. Harries. – A Hannah não é capaz de responder às necessidades dele numa fazenda, a quilómetros de assistência médica.

– Repouso e sossego, boa comida, ar fresco e exercício. Isso é que o vai ajudar – disse ela. – Vou levá-lo para casa.

Ao deixarem a estrada principal, no dia do seu regresso, os olhos de Piet brilhavam de excitação pela primeira vez desde que os abrira novamente para a vida. As searas reluziam à luz do sol, estendendo-se em direcção à montanha. Pararam para observar manadas de zebras e gazelas a pastar na erva rasteira. Sobre eles, uma águia-bailarina deslizava e voava em círculos no céu limpo e uma brilhante profusão de pássaros e macacos dava as boas-vindas do copado dos castanheiros-do-cabo que ladeavam o caminho de acesso. Suniva e James correram para o carro, agarrando nas mãos de Piet, empurrando e rindo ao ver o seu sorriso torto e ouvir as suas palavras confusas de alegria. O pessoal estava à espera nos degraus, querendo tocar na criança, com expressões de compaixão muda nos seus rostos ao verem a extensão da sua incapacidade. Uma perna ainda estava engessada e as cicatrizes do seu rosto eram bem visíveis, de um tom vermelho arroxado que contrastava com a sua palidez. A viagem fatigara-o e só queria deitar-se tranquilamente na cama. Lars levou-o imediatamente para o quarto, onde

Suniva tinha pendurado grinaldas de papel e afixado as suas melhores pinturas às paredes e à mobília.

– Estás em casa, meu filho – disse Hannah, ajudando-o a deitar-se. – São e salvo. Vais ficar bom em breve porque estás de volta a Langani. – Mas, quando Suniva e James se aproximaram da cama e Lars pegou numa cadeira, ela mandou-os embora. – Depois de uma viagem longa, ele precisa de dormir – declarou, expulsando o marido e as crianças do quarto e vedando-lhes o mundo privado que criara e ao qual mais ninguém pertencia.

Quando finalmente decidiu descansar por uma hora, Piet estava a contemplar o jardim quando passou uma sombra junto à janela. Esforçou-se para se soerguer nas almofadas, proferindo palavras indistintas de boas-vindas, enquanto James e Suniva se esgueiraram para dentro do quarto para se sentarem ao lado dele na cama, levando os dedos aos lábios para o mandar calar, fazendo caretas, contando-lhe histórias por gestos, até ele se rir, os olhos brilhantes com a ideia de que fazia mais uma vez parte do triunvirato. Tornou-se um jogo quotidiano para todos, entrar sorrateiramente no seu quarto ou saltar pela janela fora quando ouviam passos a aproximar-se. O seu segredo comum transmitia a Piet uma sensação de insubordinação e conspiração, uma inocente rebeldia que alimentava a sua determinação em recuperar, para poder correr lá fora com eles, pescar e passear na floresta, retomando a sua vida normal.

– E se fôssemos passar o fim-de-semana a Langani? – Sarah pousou o livro. – Já devem ter acalmado, mas pela voz da Hannah percebi que não está a ser fácil. E só Deus sabe como Lars está a passar. Fazia-lhes jeito alguma ajuda.

– A estrada é má. – Rabindrah pousou-lhe a mão na barriga. – Agora há duas pessoas que precisam de cuidados.

– E têm-nos.

Ele era extremamente terno e solícito. Sempre que falava do bebé, ela sentia uma onda de felicidade e pânico, mas resolvera afastar o desfecho do pensamento e dedicar ao filho que crescia unicamente pensamentos de

júbilo e boas-vindas. Fosse qual fosse o desfecho, lidaria com ele quando a altura chegasse.

Partiram na manhã seguinte, viajando com calma, parando para admirar a montanha cujo pico nevado espreitava por trás das nuvens. A estrada era flanqueada pelo verde brilhante das plantações de café, com enormes tabuleiros de grãos a secar ao sol. Barracas na berma da estrada estavam repletas de pirâmides de frutos e legumes e viam-se mulheres a titubear pelos caminhos vermelhos que levavam às suas cabanas, vergadas sob o peso de feixes de lenha atados com uma tira de couro à testa.

– Animais de carga, vítimas de circuncisão, presas numa existência primitiva, sempre a mando dos pais, dos irmãos e dos maridos. – Sarah tapou momentaneamente os olhos. – Não ver o mal. É o que devemos fazer? Aceitar a beleza do lugar e fechar os olhos à crueldade e à escravidão? É um mundo aceitável para o nosso filho?

– Está a mudar. Pouco a pouco. – Rabindrah fez um gesto para fora da janela. – Há mais escolas, mais hospitais e estradas, mais oportunidades. Mas as pressões sobre as terras aráveis e a sua partilha por homens e animais só podem tornar-se um problema cada vez maior. Por falar em terra, há uma coisa que te quero perguntar. Uma coisa em que tenho pensado ultimamente.

– O que é?

– Tenho andado a pensar se devíamos comprar um terreno e construir uma casa nossa.

– Estás a falar a sério? – Virou-se para olhar para ele, estupefacta e deliciada. – Onde é que procurávamos?

– Talvez na zona de Gigiri. Podíamos ter um grande jardim para cultivar fruta e flores. Estou a pensar numa casa onde os nossos filhos acordem a ouvir o chilrear das aves e a ver árvores maravilhosas. Árvores-do-fogo e buganvílias e o aroma dos jasmims e das rosas. E quartos de hóspedes e casas de banho e uma câmara escura maior para ti e uma sala de estudo. Uma casa de família. É do que precisamos agora, e temos dinheiro para isso.

Ela olhou para a estrada à sua frente, sem fala, pensando no bebé. Como poderia Rabindrah voltar a olhar para ela ou para a criança se soubesse o que ela fizera? E que aconteceria se ele descobrisse a verdade? Afastou o pensamento.

– Então?

– Estou... estou perplexa – disse ela. – Palavra.

Ele lançou a cabeça para trás e riu-se. – Nunca te vi tão desconcertada – disse ele. – Ainda bem que ainda consigo surpreender-te. Vamos guardar segredo da ideia até encontrarmos um sítio e depois podemos confidenciar os planos aos nossos amigos.

Ao fim de vinte e quatro horas em Langani, Sarah e Rabindrah aperceberam-se de que a casa revolia quase exclusivamente em torno das necessidades de Piet. Tinham sido montados corrimões nas paredes em quase todas as zonas da casa. Todas as manhãs, depois do pequeno-almoço, Hannah punha-o a fazer exercícios. Uma sala ao lado da oficina de Camilla fora convertida num espaço com uma mesa e uma cadeira onde ele trabalhava laboriosamente, pegando e encaixando uma série de blocos de madeira de diferentes formas e cores, observando a mãe a apontar uma peça ou outra e a indicar os seus nomes por movimentos dos lábios ou sinais. Suniva pintara os objectos, todos eles feitos na oficina da fazenda. Corria constantemente a ajudá-lo, esperando que a sua presença na vida do irmão levasse Hannah a mudar de ideias e não a mandasse para o colégio interno depois das férias escolares. Começara a ter esperança de que a ideia tivesse sido completamente esquecida. O acidente pusera tudo o resto de lado e, com uma ponta de culpa, Suniva pensava que era o que tinha de positivo. Tanto ela como James tinham aprendido num instante a linguagem gestual e as suas mãos moviam-se habilmente, encorajando Piet a tentar imitá-los e a compreender o seu significado. Ao lado, as *bibis* cortavam rolos de tecido, cosiam missangas, cantavam as suas canções tribais ao som das máquinas de costura e espreitavam para encorajá-lo.

Hannah contratara um fisioterapeuta que vinha todos os dias à tarde para trabalhar com Piet. Era um luó alto, das margens do lago Vitória, que fora

treinado no Hospital Aga Khan em Nairobi. O seu sorriso bastava para aquecer o coração das pessoas à sua volta. Paciente e terno, Otieno não se deixava desarmar pelos falhanços de Piet, nem pelas suas fúrias e períodos de desalento, e experimentava tanta satisfação com o mais leve sinal de melhoria como o próprio rapaz. Embora o equilíbrio de Piet fosse fraco e as suas quedas minassem a sua confiança, aos poucos foi aprendendo a usar as barras e depois as muletas. Com estas, equilibrava-se pior e o arrastar da perna era mais pronunciado ao tentar dar alguns passos hesitantes.

Hannah colocara uma segunda cama no quarto de Piet, para poder estar junto dele caso ele se sentisse mal durante a noite. Ignorante das visitas secretas ao seu quarto durante o dia, mantinha toda a gente à distância, determinada em restaurar as forças do filho. Depois de uma sessão em que o ajudara a levantar-se várias vezes, fez uma pausa com as mãos na região lombar, sentindo um espasmo de dor. Quando Lars tentou abraçá-la e massajar-lhe as costas, ela libertou-se dele, dando-lhe a entender que não suportava a proximidade dele. Ele saiu de casa e retomou o trabalho na fazenda e só voltaram a vê-lo pouco antes do jantar quando ele telefonou à mãe na Noruega e se sentou em seguida a ouvir o noticiário da noite na BBC com Rabindrah. Engoliu um generoso *whisky* e, acto contínuo, serviu-se de outro que engoliu quase com a mesma rapidez. Sarah estava sentada com os dois homens, ouvindo as principais notícias do dia, cada vez mais apreensiva com a crescente tendência de Lars, que se servia agora de uma terceira bebida. Os Noruegueses tinham a reputação de tolerar quantidades prodigiosas de álcool, mas Lars nunca fora um bebedor inveterado. Causava-lhe inquietação e acabou por sair da sala e ir à procura de Hannah, que estava sentada no alpendre às escuras.

Sarah reparou que os seus olhos estavam carregados de cansaço. – Que tal estão a correr as coisas? Isto está a deixar marcas pesadas em ti, Han.

– Mas ele está a melhorar, não está? – Era mais um apelo do que uma pergunta. – Está mil vezes melhor aqui em casa.

– Isso é verdade – disse Sarah. – Mas tu deves tentar evitar chegar à exaustão total. O que estás a fazer pelo Piet é maravilhoso e vai com certeza ajudá-lo a recuperar as forças. – Tomou rapidamente uma decisão e falou: –

Mas o Lars também precisa de ti. Reparaste verdadeiramente nele desde o acidente?

– Claro que reparei. – Hannah ficou imediatamente ressentida. – Reparo nele todos os dias.

– Não. Passas por ele quando andas de um lado para o outro mas não o vês. Se o visses, eras capaz de ficar preocupada. Ele está a afundar-se, Hannah. Eu vejo isso porque também já me aconteceu e não foi há muito tempo. Ele está de luto, como eu estava, e está dilacerado por causa das consequências deste acidente. Excluíste-o da recuperação do Piet. Ele não é capaz de perdoar a si próprio o que fez ao filho e está convencido de que tu também não lhe perdoas. Não tem onde se refugiar para poder viver consigo próprio. E isso está mal.

– Sabes, Sarah, as tuas ideias de bem e mal tornaram-se incrivelmente rígidas e habituaste-te a lançar juízos de uma cátedra qualquer que está fora do alcance dos outros. Estou a fazer o melhor que posso, porra. E se não te chega, tenho muita pena, mas só te resta o desapontamento. – Hannah levantou-se.

– Desculpa – disse Sarah. – Estava só a tentar...

– Não tenho palavras para te agradecer a ti e ao Rabindrah – disse Hannah.
– Apoiaram-me durante todo este pesadelo, deram-me dormida em vossa casa, passaram tempo com o Piet, deram tudo o que podiam. Mas tu não tens o direito de te imiscuíres na minha relação com o Lars. E, já que estás a falar de relações, gostava muito de saber porque é que continuas de relações cortadas com a Camilla. Ela trabalhou como uma doida para que o Anthony não se afundasse, sempre a correr entre o escritório e os acampamentos e a oficina aqui, sem nunca se queixar, sempre presente para lhe dar apoio, sempre pronta a ajudar-me a mim e ao Piet. Tem uma força e um sentido de amor e lealdade com que nenhuma de nós pode rivalizar. Porque é que não esqueces a disputa que tiveram? A que propósito é que ela está à cabeça da tua lista de criaturas imperfeitas? – Levantou-se com dificuldade. – E, enquanto pensas nisso, vou ver se o Piet está a dormir e depois vou deitar-me porque estou demasiado cansada para jantar e para conversa de circunstância com gente cheia de princípios nobres.

Todos se retiraram cedo e passava da meia-noite quando Sarah ouviu bater à porta do quarto.

– Hannah? Estás bem? O que foi?

– Passa-se alguma coisa com o Piet? Podemos ajudar? – Rabindrah já tinha posto os pés no chão e estava a pegar no roupão.

– O bebé. – Hannah dobrou-se. – Está a chegar. O Lars vai levar-me ao hospital em Nanyuki. Olhem pelo Piet e pela Suniva. E façam figas por mim porque são seis semanas antes do tempo. Reza, Sarah.

A criança nasceu algumas horas mais tarde. Um rapaz, pesando cerca de dois quilos e duzentos gramas. Minúsculo e indefeso, mas agarrando-se tenazmente à vida. Hannah estava desperta na cama de hospital, numa luz fraca, os corredores e enfermarias silenciosos à sua volta. O seu espírito fervilhava de reflexões e o seu coração estava ensombrado com a consciência das necessidades da frágil criaturinha que chegara demasiado cedo ao mundo. Nunca mais poderia pensar que conseguira criar um santuário privado para a sua família, um lugar repleto de felicidade e segurança. O mundo que conhecia deslocara-se e sumira-se, deixando-a numa solidão gelada.

– Pus um nome ao nosso bebé – disse Lars quando a criança foi levada para ser colocada numa incubadora. Mas ela não respondeu nem pareceu importar-se e ele tocou-lhe suavemente no braço e deixou-a para seguir a enfermeira.

Envergando uma bata branca, máscara e luvas, ficou a contemplar o filho recém-nascido a respirar com a ajuda de um tubo de oxigénio. Pousou as mãos na parede de acrílico da incubadora, desejoso de comunicar o amor protector que sentia.

– Se quiser enfiar as mãos aqui pelo lado, Mr. Olsen, pode pegar nele.

A enfermeira sorriu-lhe encorajadoramente e ele obedeceu. O bebé estava perfeitamente formado mas era tão pequeno que ele teve receio de tocar no corpo minúsculo, não fosse esboroar-se sob o simples tamanho das suas mãos. Os seus dedos dobraram-se em redor da cabeça, na sua touquinha, e ele falou num tom doce.

– Ponho-te o nome de Jorgen – disse ele. – O teu avô teria gostado.

Quando o bebé foi levado para casa da unidade de prematuros, Hannah deu por si numa rotina que preenchia todos os seus momentos de vigília. Entre o programa diário de Piet e as suas tarefas quotidianas na fazenda e no *lodge*, tinha ainda menos tempo para Lars e para a filha. Foi Camilla que organizou o uniforme escolar de Suniva, mandou coser as etiquetas com o nome às suas roupas na oficina e embalou o pequeno malão com a lista do recheio afixada do lado de dentro da tampa. No dia da partida, havia lágrimas nos olhos de Hannah, mas Suniva pressentiu o alívio latente na mãe. Quando se debruçou no carro para acenar pela última vez, Hannah já tinha abandonado o alpendre e voltado para junto de Piet.

Suniva deteve-se nos degraus da escola, com o seu vestido de peitilho azul e blusa branca, as mangas do *blazer* cobrindo-lhe parte das mãos, demasiado grande, comprado para durar. Uma das suas meias já tinha caído pelo tornozelo e o chapéu de feltro azul emoldurava o seu rosto desolado como uma triste auréola. Lars beijou a filha, incapaz de olhar de frente para ela ou de responder à acusação nos seus olhos. Sabia que a tinha traído, mas não havia nada que pudesse fazer. Não havia palavras que pudesse proferir para consolá-la enquanto ela se agarrava a ele, o rosto enterrado no seu casaco.

– Porque é que tenho de ficar aqui, papá? Não posso ir para casa contigo? Eu porto-me bem. Ajudo com tudo e não estorvo ninguém. Prometo, papá, juro.

– Vamos, Suniva. – Uma campainha tocou e a freira desprendeu-a suavemente, conduzindo-a para dentro. – São horas de desfazeres a mala e conheceres as tuas novas colegas de turma. Deve ir-se embora agora, Mr. Olsen. Ela fica bem.

Ele desceu lentamente os degraus. Ao fundo, virou-se para trás, procurando alguma palavra de conforto, uma promessa que lhe desse a saber que não estava esquecida. Mas o espaço onde ela se encontrara momentos antes estava agora vazio. Passando uma mão pelos olhos para aclarar a visão, voltou para o carro, ligou o motor e arrancou.

CAPÍTULO 30

Quénia, Abril de 1978

Suniva abriu a porta para a escada de incêndio e desceu furtiva mente os degraus de metal. O silêncio era total. As freiras estavam na capela, a maioria das alunas encontrava-se na sala de convívio e, como tal, seria fácil chegar ao portão. Esquivando-se atrás de grandes tufo de oleandros e buganvílias, correu pela alameda fora e, minutos depois, tinha alcançado o portão.

Não era que detestasse a escola, mas tinha de ir para casa. A mãe e o pai estavam de relações cortadas. Já não eram como dantes, encostando-se um ao outro, esboçando aquele sorriso especial que tinham quando pensavam que mais ninguém estava a ver. Há séculos que não sorriam assim. E Piet. A mãe passava o tempo todo com ele, a fazer coisas para ele se mover: exercícios para os olhos, exercícios para as pernas, levantar os braços assim, esticar as pernas assado, mexer os dedos dos pés, tocar o nariz com os dedos. Ele agora conseguia pôr-se de pé sozinho, sem cair, e caminhar uma curta distância de muletas. Era bom para ele, mas devia sentir saudades das suas visitas secretas com James. Sabia a importância que tinham para ele. A mãe não tinha tempo para jogos, pois o novo bebé passava o tempo a chorar, e o pai andava com cara de poucos amigos e preocupado. Sabia que podia ajudar, mas a mãe estava sempre a mandá-la embora e não olhava para ela nos olhos.

Por vezes, interrogava-se se a mãe a culparia pelo acidente. Tinha sido o pai que atropelara Piet mas ela deveria ter estado a vigiá-lo de mais perto. Sonhava muitas vezes com isso – a grade de metal na parte da frente do motor a elevar-se sobre o irmão enquanto o pai tentava afastar o carro do

trilho. Mas os grandes pneus pretos rodavam demasiado lentamente e a cara do pai, completamente crispada de medo, enchia o pára-brisas. Se ela tivesse sido mais rápida, podia ter empurrado Piet para longe, mas as suas pernas tinham-se recusado a mexer. A única coisa que conseguia ver no meio da poeira era a dianteira do carro e a cara do pai. Gritara e agitara os braços mas, como Piet tinha parado para atar uma mosca de pesca à cana e não estava a olhar para ela, a gritaria não valera de nada. Houve um ruído de vidro a estilhaçar-se e uma pancada e depois silêncio. Mais tarde, ouviu o pai a chorar. Tinha querido dizer-lhe para não chorar, que estava tudo bem, mas não estava. Piet estava caído numa posição esquisita, os braços abertos como quando fingia que estava a voar. Mas não estava. Estava deitado na terra com a cara coberta de sangue. Completamente imóvel.

Depois de ele ter sido levado para o hospital, o bebé veio cedo de mais e tudo mudou para sempre. Suniva pensava que a mãe preferia que tivesse sido ela a ser atropelada e não Piet. Desde que ficara surdo, recebia todas as atenções. Esforçava-se por não sentir ciúmes, mas era difícil. E agora que o avô Jorgen tinha morrido, o pai também estava triste e soturno. Porque é que as coisas não podiam ter continuado como eram? Ansiava por estar com James. Por estar no seu lugar especial na floresta. Quando estavam juntos, as coisas não pareciam tão más. Aqui, na grande escola, não tinha ninguém com quem falar. Se ficasse aqui, toda a gente se ia esquecer dela.

À medida que o trimestre avançara, Suniva tornara-se calada e reservada e o seu aproveitamento começou a ressentir-se. Andava tristonha nas aulas e os professores exprimiam preocupação com o seu comportamento. A irmã Martha, directora do seu ano, tentou levá-la a falar, mas ela não era capaz de explicar à freira o que de facto a perturbava. Como podia dizer coisas sobre a sua família que lançariam uma luz negativa sobre ela? Que a fariam sentir-se desleal? Assim, refugiava-se na falta de educação para evitar revelar a verdadeira natureza dos seus medos.

James escrevia de tempos a tempos, mas por palavras forçadas, sabendo que as cartas seriam escrutinadas pelas freiras antes de lhe serem entregues. Lia-as e relia-as, buscando sentidos escondidos nas frases triviais. As outras

cartas de casa eram sobretudo do pai, talvez com algumas palavras de saudação da mãe, escritas à pressa no fundo.

Começara a cair uma chuva miudinha quando saiu da propriedade da escola e se dirigiu para a paragem de autocarro mais próxima. Suniva vira pessoas a fazer fila ali quando Sarah a fora buscar para almoçar ao domingo e esperava descobrir o caminho para a estação rodoviária central e arranjar lugar para Nanyuki. Levou muito mais tempo a percorrer a distância do que se recordava da viagem de carro com Sarah, e começou a recear ter metido pela estrada errada. Por fim, chegou ao sítio onde estavam vários autocarros a embarcar passageiros. Havia uma grande multidão, acotovelando-se para arranjar lugar, estendendo dinheiro para os bilhetes, gritando com os condutores. Os veículos estavam pintados de muitas cores e alguns tinham nomes e *slogans*, mas nenhuma indicação do destino.

– Pode dizer-me qual é o autocarro para a estação principal? – A sua voz soou débil e uma mulher com um saco de arroz olhou para ela e desatou a rir.

– O que é que uma *toto mzungu* está a fazer aqui? – Virou-se para as pessoas, apontando para Suniva. – Eh! Olhem para esta. Onde é que está o pai com o carro grande?

As pessoas em redor começaram a rir e a puxar-lhe pela sacola e pelo casaco.

– Quantos *shillingis* é que tens, *toto*? Mostra lá o dinheiro. – Um homem alto acercou-se dela, o hálito cheirando a álcool, e ela começou a sentir-se assustada.

Soou uma buzina atrás dela e, olhando para trás, viu um carro a aproximar-se, com as portas enferrujadas e amolgadas e as letras de táxi a descamar. O condutor parou, com o motor a trabalhar ruidosamente, fumos escuros saindo do tubo de escape. Desceu a janela do passageiro.

– Eh, menina. O que é que estás aqui a fazer?

– Quero ir para a estação das camionetas. Apanhar transporte para Nanyuki. – Suniva afastou-se bastante do carro.

– Eu levo-te – disse ele, mirando-a com curiosidade. Uma pequena *mzungu* sozinha na rua era pouco habitual. De onde é que ela tinha vindo?

– Não. *Asante sana*. – Suniva foi bem-educada. Não queria entrar no carro de um estranho, mesmo que fosse um táxi. E, além disso, não tinha a certeza de ter dinheiro que chegasse para a corrida. – Fica longe?

– *Mbale sana*. Entra. Eu levo-te. – Abriu a porta do carro e saiu para a rua, a sua altura fazendo Suniva parecer pequenina. Era um homem alto e corpulento, a pele negra cor de ébano bexigosa, e cabeça rapada. – Anda, anda! – Estava a caminhar para ela, de mão estendida.

Suniva recuou, alarmada, mas nesse momento sentiu um puxão e o seu saco de lona desapareceu, com todo o seu dinheiro e as cartas de James.

– Isso é meu! – Suniva soltou um grito, mais furiosa do que assustada. – Dá cá isso! Preciso do meu dinheiro!

A multidão começou a juntar-se à sua volta, toda a gente a gritar e a gesticular. No momento seguinte, um par de braços fortes arrastou-a, para fora da confusão, para longe da população escarninha.

– Vem comigo, pequena *memsahib*. Vamos sair daqui *haraka*. Este sítio não é bom.

– Levaram o meu dinheiro. – Suniva reprimiu um soluço. – Não posso pagar.

– De onde és? – perguntou o condutor.

Mas Suniva não queria voltar para a escola. – Pode levar-me a Langata? A minha tia mora lá. Posso mostrar-lhe a casa e ela paga-lhe quando lá chegarmos.

Não fazia ideia se Sarah estaria em casa, mas não lhe ocorria outro plano. A única coisa que desejava era alguém que a abraçasse e lhe dissesse que ia correr tudo bem. Entrou para o táxi, limpando o nariz à manga, as lágrimas formando-se contra a sua vontade enquanto ela tremia de alívio.

Tinha soado um alerta geral na escola assim que deram pela sua falta. Lars e Hannah haviam sido notificados e começaram a fazer telefonemas, mas ninguém tinha notícias da filha. Não contactara Sarah, Camilla e muito menos James. Suniva desaparecera. A chuva transformou-se numa torrente imparável e Lars já ia a caminho de Nairobi, à procura da filha, quando o

táxi entrou no caminho de acesso de Sarah, transportando a pequena passageira ensopada.

– Que vem a ser isto? – Rabindrah estava no alpendre, perscrutando a chuva quando a rapariga emergiu do carro e correu para o refúgio dos braços de Sarah, molhada e a tiritar, enquanto o condutor explicava as circunstâncias.

– Eu ligo para Langani – disse Rabindrah. – A Hannah tem de saber que ela está a salvo. E contacto a escola.

Sarah pagou ao táxi e acrescentou uma gorjeta generosa. Ele podia facilmente ter levado Suniva, ignorando as suas dificuldades, e ela podia nunca mais ter sido vista.

– Tenho uma *toto* como esta – disse ele. – Demasiado independente. Precisam de muita atenção, estas raparigas. É melhor fechá-las até arranjam um bom marido. – Solto uma gargalhada alegre e entregou a Sarah um cartão sujo com o seu nome e o número da empresa de táxis. – Da próxima vez que ela quiser ir para as camionetas, diga-lhe para me ligar que eu levo-a. Poupa muitos problemas.

Sarah sorriu. – Não me parece que ela vá a nenhum lado nos próximos tempos. Mas não nos esqueceremos.

A luz vermelha do único farol traseiro sumiu-se na chuva, acompanhada de uma nuvem de fumo, e Sarah levou Suniva para a casa de banho e encheu a banheira. Mais tarde, enxugou-a como a uma criança pequena, envolveu-a num roupão e sentou-a à lareira onde Chege lhe serviu o jantar.

– Ainda bem que não te aconteceu nada – disse Sarah. – Mas espero que estejas arrependida do susto que nos pregaste a todos.

Exausta, mas ainda desafiadora, Suniva admitiu que tinha feito uma coisa estúpida e perigosa. Mas não queria voltar para o colégio interno, declarou. E se a obrigassem, voltaria a fugir.

Quando o pai chegou, Suniva tentou pôr um ar de indiferença à sua chegada. Mas a mãe gritara com ela ao telefone e ela sabia que tinha feito uma asneira muito grave. Agora nunca mais a iam deixar ir para casa. Lars deteve-se à porta, registando a teimosia do seu queixo espetado que lhe fazia tanto lembrar Hannah.

– Papá? – O lábio dela estava a tremer.

Ele entrou e levantou-a da cadeira, apertando-a num forte abraço e tentando controlar o tremor na voz, contemplando a menina que podia ter perdido. Se lhe tivesse acontecido alguma coisa, também teria sido o seu fim.

– Suniva, eu e a tua mãe apanhámos um susto terrível. – A sua voz era severa. – Quero que me prometas que nunca mais, nunca mais, voltas a fazer isto.

– O teu pai tem razão – disse Rabindrah. – Desta vez tiveste sorte mas podia ter-te acontecido alguma coisa de grave. E nesse caso que teríamos nós feito?

– Queria ir para casa, papá. – Todos os fardos que lhe haviam oprimido o coração, desde que fora mandada para a escola, jorraram dela num dilúvio. Lars olhou, consternado, para Sarah. Não fazia ideia da profundidade da infelicidade da filha. Parecera-lhe, e a Hannah também, quando receberam a chamada do convento, que o seu acto fora voluntarioso e rebelde. Mas havia aqui questões mais profundas.

– Falamos sobre isto de manhã – disse ele, quando os soluços dela se tinham extinguido. – Agora vou meter-te na cama e não quero mais choradeiras. – Levou-a para o quarto e sentou-se ao seu lado até ela adormecer. Em seguida, foi ter com Sarah e Rabindrah.

– Não sei que faça – disse ele, passando uma mão cansada pelos olhos e aceitando uma bebida. – Se ela afirma que volta a fugir da escola, é o que vai fazer. – Esboçou um leve sorriso. – É tão casmurra e determinada como a mãe. Não é que a Hannah não queira a Suniva em casa, mas está no limite da resistência.

Sarah conhecia bem a situação em Langani. Olhou para Rabindrah e ele acenou com a cabeça.

– Temos estado a falar – disse ela. – E temos uma solução a propor. Porque é que a Suniva não fica connosco durante os períodos de aulas? Eu vou passar o resto da minha gravidez em Nairobi e seria com muito gosto que a recebíamos. Posso levá-la todos os dias à escola, supervisionar os trabalhos de casa e tudo isso. Ela podia passar os fins-de-semana e as férias

intercalares em casa. Damo-nos bem. Ela interessa-se por arte e eu já tinha começado a ensiná-la a usar uma câmara. Temos o jardim e a *Swala*, e muitas coisas que podemos fazer juntas. Não é o mesmo que estar em casa, mas é um meio-termo. Que dizes?

Lars olhou para os amigos, comovido com a sua generosidade. Não tinha palavras para lhes agradecer mas, quando sorriu, os seus olhos turvaram-se.

– Ótimo – disse Sarah. – Vamos ligar à Hannah a perguntar o que acha da ideia. E, se ela concordar, ligamos para o convento e organizámos as coisas por esse lado.

– Podemos consultar a Hannah, *ja* – disse Lars. – Mas eu já decidi. É a melhor opção para a minha Suniva. E é o que vamos fazer.

CAPÍTULO 31

Quénia, Maio de 1978

Ao transpor o portão de Langani, Anthony abrandou e tentou decidir de que forma apresentaria o seu plano a Lars e a Hannah. Estava seguro de que teria sucesso, mas menos certo de que eles lhe permitissem pô-lo em prática.

Quando ele e Camilla tinham visitado a fazenda antes da Páscoa, Lars tinha-os recebido. Embora ainda só fossem onze horas da manhã, o seu hálito traía o facto de já ter bebido uma ou duas cervejas. Hannah servira o café como que em transe, escutando distraidamente Camilla, que explicava a sua agenda em Londres e Nova Iorque.

– Eu volto dentro de duas semanas – tinha dito Anthony. – Depois de resolver uns assuntos no escritório e me certificar de que está tudo em ordem com a Evelyn. A propósito, o nosso advogado localizou finalmente o Duncan Harper, se bem que não imagine como descobriu o estafermo. Não me parece que haja a mínima hipótese de o trazer da África do Sul mas, pelo menos, há a satisfação de sabermos que está a ser interrogado e borrado de medo. Pusemos-lhe um cobrador de dívidas no encalço e ameaçámo-lo com todo o tipo de procedimentos legais.

Agora, Camilla partira para Londres, o pessoal do acampamento fora mandado de férias e Anthony decidira passar três semanas na costa enquanto esperava o regresso dela. Uns amigos tinham-lhe emprestado uma casa na praia em Msambweni, uma pequena aldeia piscatória a sul de Mombaça, onde não havia turistas nem hotéis e onde ele podia praticar *snorkeling*, pescar e andar a pé pela areia. Pensou também em fazer uma visita aos montes Shimba onde se podia avistar a magnífica palanca-

vermelha. Eram as férias intercalares nas escolas e altura de cumprir a sua promessa de levar James numa expedição. Alimentara a esperança de olhar pelo rapaz durante as férias da Páscoa, mas chegara uma reserva de última hora para um safári de camelo na qual não podia levar um passageiro adicional. No entanto, tanto James como Suniva tinham parecido mais do que satisfeitos em ficar juntos em Langani e em passar tempo com Piet, que se debatia com o seu programa de reabilitação, uma vivência que ainda estava fresca na memória de Anthony. Descrevendo a curva no caminho e vendo a casa surgir à vista, a sua determinação em persuadi-los da sua experiência intensificou-se.

– Hannah, minha querida. – Abraçou-a com entusiasmo. – Como vão as coisas?

– Menos mal – disse ela. – O bebé está mais sossegado e a Josephine tem-se revelado uma boa *ayah*. Alimenta-se bem e está a engordar.

– E o Piet?

– O Otieno faz os possíveis – disse ela. – E eu aproveito todas as horas livres para trabalhar com eles. Mas o Piet é muito difícil, com as birras dele e um novo truque de se deitar simplesmente no chão e se recusar a fazer o que lhe pedem. Vieste buscar o James?

– Vim. E também gostava de levar o Piet e o Otieno.

– O quê? – Ela olhou para ele, boquiaberta. – Levá-los para onde? Pensei que ias para a costa.

– E vou. Vamos. – Riu-se, tentando transmitir-lhe um estado de espírito mais leve. – Acho que seria maravilhoso levar o Piet para lá. Deixá-lo fazer os seus exercícios com o Otieno no relvado e no mar. Tentar nadar e fazer *snorkeling*. Mudar de ares.

– Não, não – disse ela, levando as mãos às faces, receosa e já prestes a recusar. – É uma ideia simpática, mas não posso deixar. E se...?

– E se vivesse como um rapaz normal por um tempo, fora deste círculo protector que criaste? Não há nenhuma razão para ele não poder viajar até à costa, Hannah. Há um médico no pequeno hospital provincial em Msambweni e outro ainda melhor em Diani. O pior que lhe pode acontecer

é dar tombos na areia ou calcar um ouriço-do-mar. A casa tem pessoal suficiente. Há-de estar em perfeita segurança.

– Mas não pode ir para lá sem supervisão adequada – disse ela. – Sem...

– Sem ti. É o que estás a tentar dizer, não é? – Anthony falou com suavidade ao ver o alarme nos olhos dela, o medo da separação. – Pode, Hannah. E chegou a altura. Para o Piet e para ti, para fazeres uma pausa e passares tempo com a Suniva quando ela chegar para as férias intercalares. O James tem de voltar para a escola na próxima segunda-feira e eu meto-o no avião em Mombaça. Mas gostava de ficar mais tempo com o Piet. A Camilla chega depois do fim-de-semana e pode ajudá-lo com os blocos e as cores.

– Ele tem razão. – Lars tinha entrado na sala, colocando-se atrás de Hannah, sem que o tivessem visto mas à escuta. – Acho que é uma excelente ideia. E, se não resultar, vamos lá buscar o Piet e o Otieno, ou podem apanhar o avião para Nairobi e nós vamos buscá-los lá.

Hannah continuou a pôr objecções durante mais meia hora mas acabou por ceder, esgotada e derrotada. Mas quando foram à sala de exercícios de Piet apresentar-lhe a sugestão, ele gritou de alegria e acedeu entusiasticamente.

– Quero ir com o James – disse ele. – E o Otieno. Queremos todos ir para o mar. A Suniva também pode ir?

Anthony ouviu Hannah a suster a respiração e apressou-se a intervir. Na sua opinião, James e Piet estariam melhor sozinhos.

– Isto é uma coisa só para homens – disse ele. – Quer também dizer que a Suniva fica com a mãe e o pai só para ela por uns dias, que é exactamente o que ela quer. Não é assim, Hannah?

Hannah concordou. E decidiu, no seu coração, dar à filha a atenção especial que há tanto tempo lhe faltava.

Partiram da fazenda no dia seguinte, passando a noite no Parque Nacional de Tsavo, num acampamento de tendas sobre o rio Tana, rindo-se dos elefantes que se aspergiam com pó vermelho e chafurdavam nos charcos de lama. Depois do pequeno-almoço, continuaram viagem, atravessando a ilha de Mombaça e apanhando o *ferry* para a parte sul do continente. Chegaram à aldeia piscatória de Msambweni ao princípio da tarde.

A casa era fresca e exposta à brisa marítima, construída em estilo tradicional com um telhado de *makuti* entrançado, sustentado por estacas *bariti*. Havia grandes alpendres e o relvado descia até uma extensão longa e deserta de praia. As folhas das palmeiras agitavam-se ao vento e um abutredas-palmeiras voava sobre a areia branca e fina. Saltitavam peixes por entre grupos de corais sob a água azul-turquesa e, mais ao longe, as ondas quebravam contra o recife principal e o azul-cobalto do alto mar. Anthony estava no alpendre, contemplando as velas triangulares a surgir no horizonte, à medida que as pirogas e os barcos de pesca voltavam para fundearem nas poças baixas diante da casa. Embora Piet estivesse cansado depois da longa viagem, insistiu em pegar nas muletas e titubear lentamente até à praia para ver os pescadores carregar os mastros e as velas através do canal no recife, arrumando-os até de manhã.

– *Jambo, rafiki*. O que é que te aconteceu? – O pescador olhou para o rapaz e riu-se. – Foste atropelado por um autocarro queniano, eh? Pois é, estás melhor aqui. Não há carros e eu levo-te na minha *ngalawa* para apanhares peixe. – Apontou para as muletas. – No mar não precisas dessas coisas. Chamo-me Saidi e estou aqui todos os dias, quando estiveres preparado, apita.

– O meu amigo é surdo – disse James, aliviado por Piet não ter percebido as palavras todas. – Este é o Otieno, que está a ensiná-lo a andar e a usar outra vez os braços e as pernas. É difícil para ele porque nem sempre ouve o que tem de fazer.

– Nesse caso, o mar faz-lhe bem porque o transporta. – Saidi sorriu. – Tens de arranjar uma máscara e um tubo de respiração e então ele pode nadar no mesmo silêncio que já compreende.

James e Piet dormiam no mesmo quarto no rés-do-chão, com grandes janelas que davam para o mar e camas suaílis de madeira trabalhada. À noite, estavam protegidos por um mosquiteiro, como um véu que esvoaçava na brisa suave. Otieno dormia no quarto ao lado e Anthony ocupou o quarto principal no andar de cima, onde podia sentar-se no telhado plano à noite a estudar as estrelas. Na primeira manhã, dirigiram-se para a praia antes do

pequeno-almoço mas Piet parou na areia, relutante em continuar sem as muletas.

– Não consigo nadar – balbuciou, à beira das lágrimas. – Não consigo.

– Olha para mim, Piet. – Anthony puxou o rapaz para mais perto, falando lentamente e gesticulando para que Piet pudesse ler-lhe os lábios e compreender o significado dos seus gestos. – Olha para mim. Eu só tenho uma perna e, se consigo nadar, tu também consegues. Otieno, dá-me aqui uma mão.

Colocou o braço no ombro de Otieno e removeu a parte inferior da perna, antes de se meter desajeitadamente na água. – Anda daí, Piet – disse ele, atirando-se de costas para uma poça pouco funda. – Não precisas dessas muletas aqui. Anda para a água.

Estabeleceram imediatamente uma rotina, começando todos os dias com chá e bolachas no alpendre e dirigindo-se depois para a praia. A princípio, Piet caía na areia macia e ondulante e insistia em manter consigo as muletas. Mas, ao fim de dois dias, o jardineiro apareceu com uma cana na parte de cima da qual tinha talhado um punho, na forma de um golfinho. Em lugar de trabalhar com quadrados e cubos de madeira para melhorar a sua coordenação, Otieno apanhava pedras e conchas na praia e pedaços de madeira flutuante, usando-os para criar desenhos que Piet devia copiar. As máscaras, tubos de respiração e barbatanas que Anthony comprou puseram as crianças a pedir para ir até ao recife com Saidi. Quando chegou o dia de James partir, Anthony telefonou para a escola e, com dificuldade, negociou mais alguns dias sem aulas. Juntos, os dois rapazes aprenderam os nomes dos peixes e dos corais, pronunciando-os cuidadosamente, repetindo os sons, fazendo sinais com as mãos. O equilíbrio e coordenação de Piet foram melhorando à medida que ele ganhava confiança na relva e na praia. No barco, Saidi passou-lhe uma linha para a mão e pescaram peixes-papagaio e cavalas-verdadeiras que foram orgulhosamente apresentados para serem cozinhados e preparados para o jantar. Alegre e sem medo na água, Piet começou a espernear e a mover os braços, executando os exercícios que abandonara com frequência em casa. O seu corpo foi-se bronzeando e

fortalecendo e a sua fala, embora ainda entaramelada, ganhou os sons entusiasmados de uma criança desejosa de aprender.

Os pescadores apareciam para admirar o estranho grupinho, abanando a cabeça de espanto ao verem o *bwana* perneto e a criança aleijada com o amigo negro e o luo alto que tinha vindo do lago Vitória até ao mar e estava alojado em casa dos *wazungu*. Ofereciam-lhes peixe e as mulheres apareciam à porta das traseiras com cestos entrançados cheios de laranjas doces e verdes, bananas e papaias para o pequeno-almoço e mangas que eles comiam no jardim, deixando o sumo escorrer-lhes pela cara para o corpo bronzeado.

– A Camilla chega amanhã – disse Anthony ao jantar. – Otieno, tu fazes companhia ao Piet enquanto eu vou buscar a minha mulher e ponho o James no avião para Nairobi. Mas prometo que havemos de voltar mais vezes juntos a Msambweni. Somos a melhor equipa das redondezas.

– Fizeste uma coisa excepcional. – Camilla estava deitada no terraço, contemplando uma lua prateada através das palmeiras.

– Ainda não consigo entrar e sair da água sem o Otieno e também devo ter ar de aleijado, não sou, portanto, o modelo de um herói – disse ele, comovido com a presença dela, com o facto de estarem novamente juntos e de ela o ter desejado instantaneamente, subindo as escadas para o quarto à chegada, fechando a porta, caindo na cama trabalhada e fazendo amor com ele, apaixonadamente.

– Quando é que tens de voltar? – Não tencionava fazer a pergunta mas tinha de se preparar para o tempo em que estaria novamente sozinho.

Ela riu-se. – Ainda agora cheguei. Mas tenho uma notícia que é capaz de te surpreender. A colecção de Nova Iorque vendeu-se toda. O Saul está rejubilante. Assim, fiz um acordo com ele.

Ele esperou em silêncio, ciente de que ela teria agora de passar mais tempo em Nova Iorque, que seria obrigado a deixá-la partir novamente, que não estariam juntos durante a migração no Mara nem a atravessar as planícies nas margens do lago Nakuru quando os flamingos levantassem voo à sua volta numa nuvem cor-de-rosa.

– Vendi as minhas acções na empresa de Nova Iorque – disse ela. – A partir de agora, sou consultora. Recebo honorários por cada colecção que desenhar mas não estarei envolvida nas vendas nem na publicidade. E o trabalho de modelo acabou. Anthony, até ao final do ano, a nossa situação recompõe-se. Voltamos onde começámos, ou quase. Com a diferença que não tenho de andar cá e lá através do oceano.

Não lhe contou a história completa. Tom Bartlett recebera-a da forma habitual, enchendo-lhe o apartamento com champanhe e flores, levando-a a jantar na primeira noite em Londres e pondo-a a par dos mexericos e dos escândalos na indústria da moda. Mas ela percebeu que ele estava a esconder-lhe qualquer coisa. Só quando apanhou um táxi para o escritório dele é que descobriu o que era.

– Onde está a Lila?

– Já não trabalha aqui. Despediu-se – disse ele, acendendo um charuto de costas para ela.

– Isso é extraordinário. Da última vez que cá estive, fiquei com a impressão de que o vosso romance ia de vento em popa. Ou coisa parecida.

– Camilla arqueou as sobranceiras. – Tiveram um arrufo de namorados?

– Não – disse ele. – Ela simplesmente foi-se embora.

– Mas deixou certamente uma mensagem para mim – disse Camilla. – Disse-lhe que chegava esta semana. É muito estranho, Tom. O que é que se passou com a Zahra... há algum interesse no *portfolio* dela?

– Imagino que a Lila te vai contactar. – Tom mostrou-se evasivo. – Não te esqueças de que tens de te encontrar com o Joe Blandford às onze. É melhor ires andando, querida. Mais tarde, pomos a conversa em dia. Apareço no teu apartamento por volta das oito, pode ser?

O seu encontro com Joe Blandford raiara o hostil.

– Caramba, Camilla! A que propósito é que foste cortar o cabelo? – Aproximou-se dela, mirando-a através da sua objectiva mais potente e acendendo as luzes. – A tua pele está seca como papel e apareceram-te sardas. Para fazeres justiça a esta colecção de jóias, tens de ser uma rainha da neve pálida e cintilante. Em vez disso, tornaste-te uma chavala de uma praia na Califórnia.

– Obrigada, querido. – Ela sorriu ao ouvir as suas observações mordazes.
– Também gosto muito de ti. E tenho várias perucas fabulosas no saco. – Mas ficou ofendida com os seus comentários e não estava minimamente preparada para o que se seguiu.

– O Tom armou uma confusão dos diabos com essa rapariga indiana – disse Joe. – Ela estava a organizar-me uma sessão fotográfica e desandou escritório fora assim sem mais nem menos. Deixou-me a braços com editores de revistas, modelos e produtores num trabalho que tinha a responsabilidade de planear. E a Beldade Negra, depois de causar esta barafunda toda, não apareceu para a sessão dela comigo. Porque o Tom tinha-a levado não sei para onde e saltou-lhe para a espinha como um doido. Esta trapalhada toda custou-me uma fortuna. Espero que não mandes mais potenciais talentos como ela.

– Volta atrás – disse Camilla. – Explica lá outra vez.

– O Tom andava embeaçado pela rapariga indiana. A Lila. – Joe estava a falar devagar e com paciência exagerada. – E depois tu mandaste sexo de pernas altas e negras de Nairobi e zás! A coisa esfumou-se num abrir e fechar de olhos e a Bela Lila desarvorou, a lamber as feridas e deixando-me na merda. Já percebeste? Podes pôr agora um pouco deste produto claro e brilhante na cara e no peito para eu ver se é possível fotografar-te de todo?

Camilla tinha telefonado a Jasmer Singh depois da sessão mas ele não sabia do paradeiro de Lila.

– Tenho estado preocupado com ela – disse ele. – Tenho os documentos do divórcio dela e um pedido de pensão de alimentos que ela tem de assinar. Mas não consigo localizá-la.

Meia hora depois, a campainha tocou e Camilla abriu a porta, esperando que fosse Tom.

– Fiz figura de parva. – Lila sentou-se na ponta do sofá, com um copo de vinho na mão, nervosa como um pássaro prestes a levantar voo. – Apaixonei-me estupidamente pelo Tom, compreendes, e...

– Já ouvi a história toda – disse Camilla, explicando como e porquê Zahra chegara a Londres. – Sinto muito. Em parte a culpa é minha. A única coisa

em que pensei foi em tirá-la de Nairobi para ela não tornar a deitar a unha ao Anthony. Nunca me passou pela cabeça que ela pudesse magoar-te.

– O Tom parece um cão babado atrás dela – disse Lila com amargura. – Depois de uns dias nisto, não consegui assistir mais e vim-me embora. Ele ligou-me duas vezes. Disse que eu estava a comportar-me como uma criança e que devia voltar para o trabalho. Mas eu não conseguia encarar essa cabra. Era demasiado humilhante.

– Não sofreste então propriamente um desgosto de amor – disse Camilla.

– Pensei que tinha sofrido, mas foi principalmente o ego ferido. Estou bem. Já ultrapassei. – As palavras de Lila contradiziam a sua aparência desolada.

– Tenho a certeza que arranjas outro emprego – disse Camilla. – Acho que o Joe Blandford te admitia no escritório que divide com mais dois fotógrafos, apesar de estar furioso contigo neste momento. Caso contrário, posso pôr-te em contacto com outras pessoas no meio. Não te aflijas, Lila. O Jasmer tem os teus documentos do divórcio prontos a assinar. Em breve, és uma mulher livre, com uma série de opções à tua frente.

– Amanhã vou para Birmingham.

– A que propósito? – Camilla ficou estupefacta.

– A mãe do Harjeet está num estado de absoluta infelicidade. Muitas das supostas amigas dela cortaram relações com ela e as duas filhas são inúteis. Uma está casada com um homem de negócios em Leeds que a proibiu de a contactar. A outra passa o dia em casa a chorar.

– Lila, acho que não te devias envolver. Espera que o divórcio seja decretado para teres alguma segurança. Não vás para lá agora.

– A Sajjan não é má pessoa, Camilla. Não posso deixá-la ali assim, envergonhada e a sofrer.

– Disseste ao Jasmer que a vais visitar? Não, também me quis parecer. Não deves fazer isso, Lila. Neste momento, não.

– Tenho de tentar ajudá-la a ultrapassar isto – disse Lila. – Ela foi boa para mim, entendes? E admitiu que sabia que o Harjeet era espancado até pouco antes de nos casarmos. O Manjit também lhe batia a ela, mas ela tinha

demasiado medo para se revoltar. Se o tivesse desafiado, teria sido corrida, sem um tostão e sem sítio para onde ir.

– Não podes rectificar tudo o que aconteceu nessa terrível família – disse Camilla. – Usaram-te como moeda de troca para obterem a ajuda do Gulab. Agora querem o teu apoio enquanto o Harjeet está preso. Mantém-te afastada deles, Lila. Muda-te para aqui amanhã e esquece essa história.

– Nós, os siques, damos muito valor à família – disse Lila. – É-nos inculcado desde cedo. Instilado na nossa psique assim que abrimos a boca para respirar. Não sei quanto tempo vou ficar em Birmingham mas mantenho-me em contacto. E obrigada pela oferta do apartamento. Ainda sou capaz de vir a aceitar.

Quando Tom chegou, mais tarde nessa noite, houve uma troca seca de palavras antes de Camilla aceitar jantar com ele.

– Avisei-te para não magoares a Lila – disse ela, furiosa com a sua falta de decência. – Essa rapariga somali é uma oportunista. Põe-te a pau. Só há uma coisa que ela quer de ti... dinheiro. E está a recorrer ao truque mais antigo e mais simples para o conseguir. Tu és crescidinho e sabes olhar pela tua vida, mas eu não lhe quero pôr a vista em cima enquanto cá estiver. Nunca mais, aliás. Por isso, trata de evitar que nos cruzemos.

– Mandaste-a para aqui para te protegeres – disse ele. – E afinal que te importa com quem é que eu durmo?

– Não se trata da pessoa com quem dormes – disse ela, enojada com a atitude dele. – Estou simplesmente desiludida com a tua total falta de sensibilidade. Aliás, estou desiludida com tudo o que vi desde que aqui cheguei. Tens sido um bom amigo e um agente espectacular ao longo dos anos, Tom. Mas estou farta da moda. Esta foi a minha última sessão. Gosto das minhas sardas e da minha pele bronzeada e das primeiras rugas e da minha vida com o Anthony. Posso ganhar agora dinheiro suficiente com o estilismo, e é o que tenciono fazer. – Levantou o copo para ele. – Obrigada, querido. Por tudo. Hei-de sempre lembrar os bons tempos. Mas chegámos ao fim da estrada.

Três dias mais tarde, partira para Nova Iorque, vendera o negócio a Saul e, de coração leve, embarcara no avião para Nairobi.

Ao caminhar pela praia de manhã, Camilla sabia que tinha tomado a decisão correcta. Passou uma semana em que ela falava com Hannah ao telefone todos os dias, descrevendo o progresso de Piet, como a luz da infância regressara aos olhos do rapaz, enquanto trabalhava com Anthony e Otieno, andava de barco com Saidi e nadava no mar.

– Vou aí buscá-lo – disse Hannah quando Anthony se preparava para voltar para Nairobi para o seu primeiro safári durante a migração. – Apanho o avião para Mombaça com o bebé, se puderes mandar alguém buscar-me ao aeroporto.

– Vou eu – disse Anthony. – E o Lars? Tenho a certeza de que um fim-de-semana na costa lhe fazia bem.

Houve uma longa hesitação antes de Hannah responder. – Não me lembrei disso – disse ela. – Provavelmente não pode sair daqui, mas vou perguntar-lhe.

Foram recebidos por Piet, de pé no caminho de acesso, com a sua bengala com punho de golfinho, apumado e confiante, o seu sorriso radioso desviando a atenção das cicatrizes no seu rosto bronzeado. Hannah passou o bebé a Josephine e abraçou o filho, rindo e chorando ao mesmo tempo, afagando-lhe o cabelo, seguindo-o para o alpendre onde ele expusera a sua colecção de conchas, enquanto Lars observava, uma oração de graças formando-se-lhe no espírito.

Quando Piet e o bebé já estavam na cama, Hannah sentou-se no relvado à sombra de uma amendoeira, sentindo a carícia do ar marítimo e a tranquilidade que se apoderava do seu corpo e da sua alma. Pela primeira vez desde o acidente sentia-se encorajada e, quando Lars lhe trouxe uma bebida e se instalou ao seu lado, virou-se para lhe sorrir.

– Talvez as coisas se componham entre eles agora. – Camilla estava a observá-los do terraço em cima, com os braços à volta de Anthony. – Talvez o horror tenha começado a desaparecer e encontrem mais uma vez o caminho deles.

– Hão-de encontrar – disse Anthony. – Eu sei que sim.

Regressando a Langani, Hannah sentia-se revitalizada e cheia de optimismo. Tinham chegado as chuvas, transformando a fazenda num tapete verde e macio, e o jardim estava repleto de fetos e arbustos em flor que haviam desabrochado da noite para o dia num arco-íris de novas folhas e botões. Lars reabasteceu a represa com trutas e, para lá das vedações, os vaqueiros desesperados começaram a dispersar, aproveitando as novas pastagens criadas pela chuva. Otieno vinha duas vezes por semana mas, durante o resto do tempo, Hannah achava-se capaz de gerir o programa de treino físico e terapia da fala de Piet.

No entanto, ao cabo de um mês, começou a sentir a mesma fadiga que a atormentara antes da visita a Msambweni, e o entusiasmo de Piet apagou-se, tornando-o irritável e imprevisível. Numa ocasião, atirou uma série de cubos de madeira ao bebé, falhando o berço por centímetros. Foi então que a ideia ocorreu a Hannah.

– Devíamos procurar casa na costa – disse ela a Lars.

– Estás a falar em alugar uma casa em Agosto e levar as crianças para lá? Talvez arranjemos qualquer coisa em Msambweni, agora que conhecemos os pescadores e a estadia fez tão bem ao Piet. – Levantou os olhos da secretária, agradado com a ideia.

– Não. Não estou a dizer isso – disse ela, pausadamente. – Estava a pensar que devíamos comprar uma casa. Na praia em Msambweni ou em Diani, ou até na costa norte. Um sítio onde possamos passar mais tempo. O Piet não vai poder voltar já para a escola e acho que seria melhor se ele fizesse os exercícios dele e tivesse aulas à beira-mar.

– E a fazenda? E o *lodge*?

– Podemos contratar o Mike Stead a tempo inteiro – disse Hannah. – O David gere o *lodge* há vários anos e, como tal, bastava contratar um assistente qualificado se eu não estiver sempre presente. De qualquer forma, teríamos de discutir o assunto com o Anthony, já que ele é sócio igualitário.

– Han, não temos dinheiro para comprar uma casa na costa. É uma excelente ideia, mas seria demasiado cara. Fundos de que não dispomos neste momento.

– Podemos arranjar o dinheiro – disse ela. – Sabes bem que podemos.

– Acho que estás a fantasiar. – Lars fez um gesto cansado. – Alugar uma casa em Julho e Agosto, tudo bem. E também no Natal, se quiseres. Mas não podemos sonhar mais alto.

– Podias vender a quinta na Noruega – disse ela, as palavras soando brutais e chocantes.

Ele arrastou a cadeira para trás e levantou-se, eclipsando-a com a sua altura. – A minha mãe vive na quinta – disse ele. – É a casa dela. É a casa dela há mais de quarenta anos. Foi-nos deixada, a mim e à Ilse, com a condição de ela lá poder ficar até ao fim da vida, se quiser.

– A Kirsten deve sentir-se sozinha agora que o teu pai morreu – disse Hannah. – Podia ir viver com a Ilse. Eles têm um apartamento anexo à casa. Construíram-no precisamente com esse fim. Se lhe dissesse para que é que precisas do dinheiro, tenho a certeza de que a Kirsten concordava em sair. Nem tu nem a Ilse querem mantê-la, podia ser vendida e a tua parte davamos o que precisamos para o Piet.

– A minha mãe adora aquela casa. – Lars estava incrédulo, vermelho de raiva. – Tem os amigos dela à sua volta e os vizinhos ajudam-na quando precisa. É a casa que ela conhece. Ia odiar viver na cidade com o Karl e a Ilse. Em todo o caso, não me parece que eles vão continuar juntos muito mais tempo. É vergonhoso, Hannah, pensar em fazer tal coisa. Deves ter finalmente perdido o juízo. Nunca me passaria pela cabeça tratar assim a minha mãe.

– O Piet é mais importante do que a Kirsten agora – disse ela. – É jovem e pode ficar aleijado até ao fim da vida. Nós vimos com os nossos próprios olhos o bem que lhe faria se dividíssemos o nosso tempo entre Langani e a costa.

O comentário dela trespassou-lhe o coração e ele ficou imóvel por um momento, registando a desumanidade do ataque dela. Queria falar mas não lhe ocorriam as palavras que pudessem causar alguma impressão sobre ela. Tão-pouco era capaz de descrever o seu sentimento de perda, a certeza de que já não tinha qualquer utilidade para as pessoas que sempre amara. Neste momento, compreendeu que ela o culpava eternamente pelo filho mutilado. A vergonha apoderou-se dele, torturando o seu corpo e a sua alma, e

quando se virou para sair da sala, mal conseguia levantar os pés, tão pesado era o fardo que carregava. Estava sozinho no mundo. O que fizera jamais podia ser perdoado ou esquecido porque a dor que causara era demasiado violenta. E sentia-se cansado. Cansado de ver a tristeza que provocara, cansado de tentar reparar as coisas.

Avançou a cambalear pelo corredor em direcção ao armário trancado do lado de fora da sala de jantar. Hannah colocara um espelho com uma moldura de prata árabe na parede oposta, e ele captou o seu reflexo ao passar. Um homem cujas esperanças e sonhos se haviam esfumado, um homem que destruíra a sua própria família, uma massa fragmentada de sofrimento e angústia. Meteu a mão ao bolso e tirou as chaves, sabendo que finalmente chegara ao fim.

Hannah compreendeu imediatamente que lhe desferira um golpe fatal, que pisara o risco e ultrapassara os limites da sua resistência. A enormidade das suas palavras ergueu-se acusadoramente para a confrontar e saiu para o corredor à procura dele. Mas não havia sinais de Lars e ela parou, para tentar escutar os seus passos. Quando ouviu o som da chave na fechadura, paralisou, perguntando-se se ele teria decidido pegar numa cana de pesca e ir até ao rio. Voltando ao escritório, olhou pela janela e viu-o desaparecer num matagal atrás do relvado, onde o pai construía um banco para Lottie à sombra de uma árvore-do-fogo. Quando ele desapareceu de vista, captou um brilho súbito de metal apanhado na luz do sol. Os pêlos da sua nuca e dos seus braços eriçaram-se quando se consciencializou do que se estava a passar.

– Não! Não! – Estava a gritar, descendo os degraus a correr e atravessando a relva. – Não, Lars! Lars! Não, por favor!

Ele estava sentado no banco de pedra, a olhar para a arma na mão. – Não posso continuar. – A sua voz já estava morta ao encostar o revólver à cabeça. – Quero morrer porque já não sou capaz de sentir mais dor. Porque perdi tudo e nunca mais poderei rectificar as coisas.

– Lars, oh, meu Deus, amo-te, Lars! Perdoa-me. – Hannah atirou-se sobre ele, afastando o seu braço para o lado. – Sinto muito. Não foi com intenção. O que disse. Cometi muitos erros, causei demasiado mal. Não posso viver

sem ti, Lars. Por favor, por favor, perdoa-me. Perdoa-me só. Dá-me a arma, Lars, dá-ma, por favor.

Ele deixou descair a cabeça e largou a arma na relva, enquanto ela enterrava a cabeça no colo dele, soluçando palavras de arrependimento até ele lhe levantar a cara e a abraçar, e juntos choraram por tudo quanto haviam sofrido. Ao fim de muito tempo, ele levantou-a, passou-lhe o braço pela cintura e, amparados um ao outro, voltaram para dentro de casa.

CAPÍTULO 32

Quênia, Junho de 1978

Enquanto decorriam os julgamentos dos dois ministros do governo e de Harjeet Singh, Sarah ia-se sentindo cada vez mais inquieta e apreensiva. Os jornais não falavam de outra coisa, com manchetes diárias nas primeiras páginas. O papel de Rabindrah nos acontecimentos no armazém constituía uma leitura macabra e a determinação de Johnson Kiberu em apresentar dois colegas poderosos à justiça levou a especulações generalizadas sobre o seu futuro. Era inevitável traçar paralelos com a sorte de J. M. Kariuki, três anos antes. O político verbalizara alto e bom som as suas críticas ao governo, afirmando que o Quênia não precisava de dez milionários e de dez milhões de pedintes. Quando foi raptado num hotel, no centro da cidade, torturado e assassinado, Rabindrah não estivera com meios-terminos sobre os perigos de apontar o dedo a indivíduos em posições influentes que desrespeitavam a lei, enquanto o presidente fazia vista grossa.

Agora, Rabindrah, ele próprio, ia prestar depoimento, num processo de anticorrupção extremamente mediático e em apoio a outro crítico frontal da administração. Não parecia que os dois políticos acusados nesta instância tivessem o apoio do Mzee, nem dos homens de mão que agora dirigiam o governo, sobretudo na ausência do presidente. Fosse como fosse, Sarah reconhecia a posição perigosa em que o marido e Johnson Kiberu se haviam colocado e a coragem de Gordon Hedley ao publicar a história.

O próprio Rabindrah sentia-se, em parte, responsável pela sorte do tio e não fora capaz de se libertar das imagens sangrentas da morte de Yussuf. À medida que os dias de julgamento se arrastavam, começou a ter pesadelos,

dando voltas e balbuciando na cama, gritando palavras de aviso e acordando alagado em suor. Era igualmente obrigado a enfrentar os familiares de Harjeet e os membros da sua própria família na galeria, na sua maioria hostis e convencidos de que ele era um traidor à sua raça. Desde a morte de Gulab que fora ostracizado pela comunidade sique, à exceção de Indar e Kuldip Singh.

– Gostava de ir contigo – tinha dito Sarah na primeira manhã da audiência.
– Posso deixar a Suniva na escola e ir depois para o tribunal. Quero estar lá para te dar apoio.

Rabindrah opôs-se veementemente. – Não te preocupes, Sarah. A polícia criou um cordão de segurança em redor do local. Volto para casa assim que a sessão for suspensa. Relaxa. Cuida de ti e do bebé. Logo à noite, conto-te tudo o que se passou.

O processo já se arrastava há quase um mês mas estava agora a chegar o momento da sentença. Os degraus do Tribunal de Nairobi transbordavam de espectadores quando Rabindrah se dirigiu para o edifício. Operadores de câmara, repórteres, advogados e políticos lutavam por espaço debaixo dos arcos do pórtico. Barreiras de segurança mantinham o público afastado e uma forte presença policial fora posicionada na praça. Os depoimentos aumentavam a tiragem dos jornais e os correspondentes estrangeiros haviam acorrido em força. Reinava uma expectativa efervescente nos degraus da frente e os fotógrafos levantaram as máquinas quando uma limusina preta, com vidros fumados, estacionou. Johnson Kiburu emergiu, numa barragem de *flashes* e perguntas gritadas. Flanqueado por guarda-costas, parou para saudar os jornalistas com um sorriso afável, informando-os de que prestaria declarações mais tarde. A sua escolta cerrou fileiras à sua volta e ele entrou.

Rabindrah já se encontrava sentado na sala do tribunal ao lado de Gordon Hedley, à espera de ser chamado de novo a depor, esperançado de que fosse a sua última intervenção. As provas documentais que obtivera do cofre de Manjit Singh, em Birmingham, haviam sido cruciais para a acusação, no processo contra Eliud Muruthi e Walter Ndegwa, que chegara ao fim no dia

anterior. Como previsto, o advogado de Harjeet argumentara que o seu cliente não era mencionado em nenhum dos documentos referentes ao branqueamento de capitais ou às transações de contrabando em que os co-acusados eram cúmplices. A assinatura do pai era a única que figurava nos papéis envolvendo os negócios da empresa no Quênia, e não havia outras ligações que o associassem aos restantes arguidos. Apenas subsistia a questão dos acontecimentos no armazém em Mombaça e o homicídio do guarda-nocturno.

A sala do tribunal estava cheia e o sol matinal jorrava pelas janelas altas, fazendo subir a temperatura na sala apinhada. A galeria pública estava a abarrotar de gente, murmurando e abanando-se com leques, que viera para ver a justiça ser aplicada ou mais uma vez escarnecida pelos ricos e poderosos. Algumas pessoas haviam sido pagas e transportadas para o tribunal para dar apoio aos políticos em julgamento. Já pairava no ar o forte cheiro a multidão apertada num espaço exíguo. O odor opressivo a suor nervoso misturava-se com óleo capilar, o bafio das togas pretas usadas pelos advogados e pelos magistrados, perfume de mulher e pés descalços, estalados e cobertos de pó seco.

Os três acusados foram trazidos das celas, todos eles algemados, pestanejando perante a intensa luz do sol ao emergirem na barra do tribunal. Harjeet exibia um ar doente. Estava aflitivamente magro, o casaco do fato caindo-lhe, informe, dos ombros, o pescoço descarnado, erguendo-se do colarinho excessivamente grande. Usava um turbante azul-marinho enrolado na cabeça mas os olhos sob as fartas sobrancelhas possuíam uma expressão acossada, com olheiras escuras e faces encovadas. Era um homem diminuído, já não era o jovem cheio de prosápia que Rabindrah recordava do casamento da prima. Era como se as algemas de aço nos seus pulsos lhe tivessem sugado o orgulho. Mesmo depois de o carcereiro lhas retirar e de Harjeet se sentar, continuou de ombros vergados, encolhido no canto do banco dos réus, distanciando-se dos outros acusados e não querendo estar-lhes de maneira nenhuma associado. Não passou os olhos pela sala do tribunal. Só Deus sabia como fora a sua vida nos últimos meses na prisão.

O juiz entrou, ocupando o seu lugar no estrado elevado, a sua toga escura um sombrio contraste com os painéis de madeira cor de mel atrás dele. Rabindrah foi chamado ao banco das testemunhas e foi-lhe lembrado que ainda estava sob juramento. Respondeu a perguntas sobre as circunstâncias da sua presença no armazém, na noite da rusga policial, e sobre o que vira. As fotografias que havia tirado, antes de ter sido descoberto, foram acrescentadas às provas e o seu significado foi explicado. Quando o advogado de acusação terminou o seu interrogatório directo, o advogado de defesa de Harjeet, Roger Cameron-Hall, levantou-se.

Durante o contra-interrogatório, Rabindrah teve de admitir que o papel de Harjeet nessa noite se limitou ao de registar a carga ilegal. Não emitira ordens nem fora directamente responsável pelo assassinio do guarda-nocturno. Rodeado constantemente por guardas armados, seguira simplesmente as instruções do pai.

Rabindrah teve de fazer uma pausa para se compor, antes de poder descrever a morte de Yussuf. Quando relatou os pormenores macabros da decapitação, irromperam sons de surpresa e horror da galeria, obrigando o juiz a bater com o martelo para repor a ordem no tribunal.

– No entanto, quero clarificar uma questão em particular – insistiu o Dr. Cameron-Hall. – Pode confirmar que o meu cliente não manifestou, em momento algum, violência para consigo ou para com o guarda-nocturno?

– Ameaçou... – Rabindrah calou-se, apercebendo-se de que não podia alargar-se sobre qualquer ameaça sem implicar a família. – O Harjeet não atacou pessoalmente ninguém mas estava presente como cúmplice da operação do pai. Fazia parte dela.

– Mas o arguido cooperou subsequentemente com as autoridades e pô-lo no caminho dos documentos do pai relacionados com as suas actividades comerciais aqui, não é verdade? E estes documentos não contêm nada que incrimine Harjeet Singh como participante activo nas operações ilegais do pai. Não é assim?

– Não, não há nada escrito. – Rabindrah falou por entre dentes cerrados.

Cameron-Hall virou-se para interpelar o tribunal. – O meu cliente argumenta que foi forçado a acompanhar o pai a Mombaça na noite em que

a tentativa de contrabando de troféus ilegais teve lugar – disse ele. – Estava ali sob coacção e o seu único envolvimento foi de natureza passiva. – Virou-se de novo para Rabindrah. – Ele estava simplesmente presente a verificar um inventário e não a emitir ordens. Não empunhava nenhuma arma.

– Não empunhava nenhuma arma, mas...

– Obrigado, Mr. Singh. É tudo.

O advogado de acusação prescindiu de contra-interrogar. Harjeet estava sentado na ponta do banco, tapando os olhos com a mão. Não levantou a cabeça quando Rabindrah saiu do banco das testemunhas mas Johnson Kiberu acenou-lhe com a cabeça quando ele passou.

Ao meio-dia, já o advogado de acusação terminara a sua intervenção, e o juiz ordenou uma pausa até às duas horas, altura em que a defesa começaria. Quando Rabindrah e Gordon saíram do tribunal, o motorista do ministro abordou-os.

– Mr. Kiberu deseja que almocem com ele – disse ele. – Eu conduzo-os ao restaurante.

– Parece-me que está a correr bastante bem. – Johnson estava bem-disposto. – O seu contributo esta manhã foi fundamental.

– Ele ainda se pode safar – disse Rabindrah. – O meu depoimento não foi suficientemente forte para convencer.

– Veremos o que acontece esta tarde, mas é capaz de ter razão. – Johnson lançou-lhe um sorriso malicioso. – Mas os outros dois vão receber definitivamente longas penas e isso é o que importa. – Encolheu os ombros quando Rabindrah se inclinou para a frente, espantado. – O filho nunca teve um papel de relevo. Não tem valor nenhum para nós, excepto para nos arranjar as provas necessárias a uma condenação. Era dos documentos do Manjit Singh que precisávamos para provar a acusação contra o Muruthi e o Ndegwa. E o Harjeet vai certamente admitir que foi cúmplice e cumprir uma pena mais leve.

– Mas ele é culpado e bem culpado – contrapôs Rabindrah.

– Estou convicto de que o tribunal se vai mostrar indulgente. – Kiberu soltou uma gargalhada desprovida de alegria. – Aparentemente, o Harjeet

vai invocar circunstâncias atenuantes.

– Que circunstâncias atenuantes? – O instinto dizia a Rabindrah que fora feito outro acordo e que Kiberu estava a par.

– Veremos. – Kiberu pediu bebidas e olhou para o menu. – Creio que teremos um resultado rápido. Provavelmente esta tarde. E você terá outra boa história para o seu jornal. Além disso, o Mzee, apesar de estar mal de saúde, tem acompanhado o caso. Há-de ficar satisfeito com o desfecho, pois o governo dará a imagem pública de estar a adoptar uma posição dura relativamente à corrupção. É uma pena não termos conseguido nada de concreto contra o Gacharu. As fotografias que o Manjit tinha não eram suficientemente específicas, mas ele é um homem ganancioso e, um dia, também há-de cometer um erro. Agora é melhor almoçarmos.

Quando o tribunal retomou a sessão às duas horas, Muruthi e Ndegwa haviam alterado a sua posição, confessando-se culpados de todas as acusações. De pé e cabisbaixos, não demonstraram qualquer reacção ao murmúrio que percorria a multidão. Uma voz levantou-se, no fundo da galeria, mas foi seguida por um breve desacato que rapidamente silenciou qualquer manifestação de discórdia. Quando o juiz proferiu uma sentença de dez anos com trabalhos forçados para cada um dos homens, um burburinho exaltado percorreu o tribunal. Familiares e adeptos na galeria protestaram em voz alta contra a severidade das penas enquanto os dois homens eram conduzidos às celas por baixo do palácio de justiça.

Roger Cameron-Hall levantou-se. – Meritíssimo, o arguido, Harjeet Singh, deseja alterar a sua posição e confessar-se culpado da acusação menor de cumplicidade. Contudo, gostaria de chamar duas testemunhas que prestarão depoimento em seu abono relativamente a circunstâncias atenuantes.

– A acusação está de acordo? – O juiz levantou a cabeça, mas não pareceu surpreendido com esta súbita reviravolta.

– Está, Meritíssimo. – A resposta do advogado de acusação provocou novo burburinho entre os espectadores.

– Pode continuar.

Harjeet, no banco dos réus, sob a habilidosa orientação das perguntas do seu advogado, relatou os anos de terror que vivera, enquanto crescia, sob o

domínio despótico do pai. Desde tenra idade, afirmou, qualquer recusa em obedecer-lhe valia-lhe severos espancamentos, de tal forma que, já em adulto, tinha medo de desrespeitar uma ordem. Harjeet alimentara a esperança de se libertar da influência de Manjit Singh quando se casasse, mas tal revelara-se impossível. Ele e a mulher eram financeiramente dependentes da empresa da família porque era aí que trabalhava, e não possuía rendimentos próprios. Quando foi instruído a deslocar-se ao armazém em Mombaça, sentiu que não tinha alternativa. Mas a sua única função era realizar o inventário. Os acontecimentos dessa noite e o conteúdo do camião haviam constituído um choque terrível para ele e não desempenhara nenhum papel no assassinio do guarda-nocturno.

Neste ponto, Harjeet foi-se abaixo. Segurando-se à balaustrada do banco dos réus com as duas mãos, declarou que jamais perdoaria a si mesmo pelo que acontecera. Mas o pai estava morto e agora desejava entregar-se à mercê do tribunal.

Rabindrah abanou a cabeça, incrédulo, estupefacto com a récita de Harjeet. Este prisioneiro miserável e humilde, a chorar em tribunal, não tinha a mais pequena semelhança com o homem que conhecera – o noivo arrogante, o bruto confiante que o ameaçara no armazém. Era um desempenho notável. O homem era desprezível.

– Meritíssimo, gostaria agora de chamar uma nova testemunha. – Cameron-Hall dirigiu-se mais uma vez ao juiz. – Uma testemunha que pode atestar a verdade do que o meu cliente disse, que o conhece desde a infância e pode confirmar os maus-tratos que o pai lhe infligia. Chamo Mrs. Lila Singh a depor, por favor.

Rabindrah sentiu que o ar lhe fora sugado dos pulmões. Virou-se no assento e viu a prima a caminhar na sua direcção, o rosto sério, os olhos fixos no chão. Lila usava um saia-casaco escuro, de bom corte, e tinha o cabelo preso num austero carrapito. Exibia um ar sofisticado, contido e mais velho do que a sua idade.

– Lila! Porque é que estás a fazer isto? – sussurrou as palavras quando ela passou por ele.

Ela deteve-se um segundo mas não respondeu. Em seguida, prestou juramento. Proferiu as suas declarações num tom comedido, confirmando o depoimento do marido ao tribunal e pedindo finalmente clemência ao juiz.

– Ele era um joguete – afirmou. – Não tinha qualquer poder para desobedecer ao pai e agiu por medo. Peço ao tribunal que tenha isso em conta quando proferir a sentença.

A acusação não questionou a sua declaração. Ela desceu e foi sentar-se ao fundo da sala, evitando o olhar de Rabindrah. Seguiu-se o depoimento médico, na forma de um relatório e de uma série de fotografias revelando as cicatrizes no corpo de Harjeet, causadas por espancamentos regulares e violentos que haviam tido lugar durante muitos anos. A sentença não se fez esperar muito.

– Embora considere que o arguido não se envolveu activamente em todas as operações ilegais do pai, admitiu ter estado presente quando foi cometido um crime e, segundo a sua própria admissão, participou nesse processo, por mais insignificante que tenha sido o seu papel. Assim, condeno-o a três anos de prisão. – Quando as palavras foram pronunciadas, Harjeet afundou-se no banco.

– No entanto – prosseguiu o juiz –, vou ter em consideração a sua história, assim como o depoimento concordante da mulher e o facto de já ter estado preso durante algum tempo a aguardar julgamento. Assim, suspendo parte desta pena. Cumprirá dezoito meses e, assim que sair em liberdade, será imediatamente deportado deste país.

No tumulto que se seguiu, Rabindrah procurou Lila, abrindo caminho por entre os jornalistas à porta do tribunal. Receava que ela deixasse o edifício antes de ele poder exigir uma explicação do acto extraordinário que ela cometera. Viu os irmãos dela a tentar protegê-la de um grupo de repórteres que a questionavam ao mesmo tempo sobre a sua dramática aparição.

– Lila... quero falar contigo. – Tentou agarrá-la pelo braço mas um dos irmãos dela impediu-o.

– Não faz mal – disse ela, libertando-se da pressão protectora dele. – Quero falar com ele. Em privado. – Virou-se para Rabindrah. – Podemos ir a algum lado?

– Mrs. Singh não tem nada a acrescentar ao seu depoimento em tribunal – disse Rabindrah ao grupo ruidoso de colegas da imprensa. – Deixem-nos passar, sim? Quando e se houver alguma coisa que ela queira acrescentar, eu informo-os.

Pegando-lhe pelo braço, conduziu-a para um canto sossegado do átrio. – Que diabo foi aquilo? Da última vez que te vi, estavas a ganhar a vida em Londres e o meu pai estava a iniciar um processo de divórcio em teu nome. Não querias voltar a ver o Harjeet e a família dele. Tens alguma ideia do que estás a fazer? Este homem é em parte responsável pela morte do teu pai. Pela confusão em que estás metida. Pelo facto de nenhum sique em Nairobi querer ouvir falar do meu nome.

– Ele telefonou-me – disse Lila. – O Dr. Cameron-Hall. Disse que tinha levado o psiquiatra para examinar o Harjeet. Que ele não sobreviveria a uma longa pena de prisão. E, depois do julgamento, correria perigo de vida porque já não valeria a pena protegê-lo.

– E vale?

– A Sajjan suplicou-me que falasse em abono dele em tribunal. Não podia ignorá-la, Rabindrah, por isso decidi cá vir falar com ele. Uma única vez. Antes de tomar uma decisão.

– Voltaste de rabinho entre as pernas para o tirar da cadeia por causa da pressão familiar? É o que me estás a dizer? – Rabindrah não era capaz de acreditar que a prima tivesse sido enganada com tanta facilidade.

– Não. Só tomei uma decisão ontem depois de o ver na prisão. Ele mudou, Rabindrah. Implorou-me que lhe perdoasse. Que não o abandonasse. E, afinal de contas, é meu marido.

– Lila! Lila, ele está a manipular-te, não vês? É exactamente igual ao pai...

– Não. O Harjeet é uma vítima. Foi destruído física e psicologicamente e eu sei disso desde que éramos crianças. Posso ajudá-lo a superar isto e, quando ele cumprir a pena, vamos tentar fazer com que o nosso casamento funcione. Hei-de conseguir.

– Mas tu não o amas, Lila. Ele e a família aproveitaram-se de ti e ele há-de aproveitar-se outra vez. Ainda te pode destruir, abandonar-te quando lhe

convier.

– Não me desprezes, Rabindrah, nem me leves a duvidar de mim mesma. Vou ficar com a minha mãe até o Harjeet sair em liberdade. Depois voltamos para Inglaterra e recomeçamos a nossa vida. Entretanto, preciso do teu apoio e amizade. E da Sarah.

– Faço o que quiseres – disse ele. – Mas não me peças que concorde com a tua opção.

Nos degraus do tribunal, Johnson Kiberu estava a prestar declarações.

– Hoje, tomámos uma posição em prol da honestidade e da integridade no governo – disse ele. – Houve quem tivesse usado a sua posição para encher ilegalmente os bolsos, quem se tivesse julgado acima da lei, mas hoje ficou patente que ninguém está acima da lei. Todos os cidadãos, independentemente do seu estatuto, têm de responder pelos seus actos. Temos de trabalhar em conjunto para construir uma sociedade justa e proteger o nosso povo e a nossa vida selvagem, que é a base da nossa indústria turística e nos traz muitas das nossas vitais divisas estrangeiras. É o que todos nós desejamos, desde o nosso grande presidente até às mais pequenas crianças. *Harambee!*

Rabindrah e Gordon Hedley observaram-no a afastar-se entre as aclamações do ajuntamento de pessoas.

– Um homem corajoso, esse – comentou Gordon. – Tem de ter cautela senão ainda acaba na morgue como o Kariuki. Está sempre a dizer-nos que o Kenyatta está satisfeito com estas condenações mas o Mzee é demasiado velho e frágil para estar a par de muita coisa. Há algum tempo que não toma parte activa no governo e não vai andar por cá muito mais tempo. Os amigos quicuios dele andam atarefados a consolidar as suas posições e a enriquecer e o Gacharu ainda tem muita influência. O Kiberu deve ter alguns receios a respeito do futuro enquanto esse sujeito andar à solta.

– Isto não tem fim. – Rabindrah estava resignado com o veredicto. – Este processo foi uma farsa completa. Devia ter percebido.

– Pelo menos, conseguiram pôr dois escroques de peso atrás das grades – disse Gordon. – Não se pode esperar que sejam todos apanhados de uma

vez.

– Talvez tenhas razão – disse Rabindrah. – Mas, a partir de hoje, vou fazer os possíveis para chamar a atenção para todo e qualquer abuso de poder que vir. Entretanto, preciso de descobrir que diabo a minha prima está a fazer. A Lila não anda a pensar direito. – Deu uma palmada no ombro de Gordon. – Obrigado pelo teu apoio, meu velho. Aparece para jantar com a Maureen no fim-de-semana. Vou pedir à Sarah que organize isso assim que chegar a casa. E, se há uma coisa pelo menos que sei, é que nunca deixarei de me sentir grato pela honestidade e moralidade inflexíveis da minha mulher.

*

– Não acredito – disse Sarah. – A que propósito é que ela ia voltar para o Harjeet? Tinha uma vida nova em Londres, um emprego com o Tom, um possível romance até. A família do Harjeet teria de lhe dar um acordo de divórcio decente. Não havia de querer ver-se a braços com outro processo legal. O Jasmer sabe o que a levou a fazer isto?

– Não me parece – disse Rabindrah. – E podes crer que não compreendo. Talvez a Lila se abra mais contigo nos próximos dias. Entretanto, acabou. Não, não digas nada sobre as repercussões ou perigos futuros. – Pousou os dedos sobre os lábios dela e puxou-a para si, repleto de um enorme sentido de gratidão por ela estar ali a apoiá-lo, por amá-lo. – Amanhã à tarde vou tirar folga – disse ele, afagando-lhe o cabelo e prendendo-lhe um caracol atrás da orelha. – Vamos começar a procurar a nossa nova casa.

Dois dias mais tarde, ao entrar em casa depois de deixar Suniva na escola, o telefone estava a tocar. Levantou o auscultador, ensaiando mentalmente o que diria a Lila.

– Estou?

– Sarah? Preciso de falar contigo.

Ela sentou-se, os joelhos cedendo ao nervosismo. – Hugo? Oh, não. Não, não posso.

– Parto amanhã. Para Edimburgo. Quero estar contigo. Por favor?

– Hugo, não há nada a dizer.

– Há um adeus, pelo menos. Cara a cara. Deves-me isso. Estou no Norfolk. Quarto 26.

Na primeira fase da sua gravidez, fora mais fácil dissimular. Depois de passarem os primeiros três meses sem os reveladores sinais de perigo e de os seus enjoos matinais desaparecerem, conseguira comprazer-se numa expectativa alegre. Via a barriga crescer, sentia os primeiros movimentos, leves como penas, dentro de si e, mais tarde, os pontapés de uma criança saudável. Depois, dera-se o acidente de Piet e o parto prematuro de Hannah. Afastou do espírito todas as outras considerações enquanto dava apoio aos amigos e olhava por Suniva quando ela se mudou para sua casa. Todos os dias, passava várias horas na câmara escura e à secretária e dava longos passeios com o cão para se manter em boas condições físicas. Mais recentemente, em pouco mais tinha pensado para além de Rabindrah e da sua crescente determinação em denunciar aqueles que destruiriam a frágil democracia do seu país.

O romance no Mara fora enterrado. Era algo com que não precisava de lidar, que não podia permitir-se recordar. Quando decidira voltar para o marido, escrevera a Hugo, sabendo que era uma forma cobarde de acabar as coisas, mas incapaz de enfrentá-lo depois do que haviam vivido juntos. Ele amava-a e ela não estava segura do que sentia verdadeiramente por ele. Experimentara uma ditosa sensação de leveza na companhia dele, um sentimento de aceitação, de alegria, de afecto e uma paixão profunda. Mas estavam ligados aos fracassos do seu casamento. Procurara explicar isto na carta, dizer-lhe que ele seria sempre importante para ela, exprimir a dificuldade da decisão que tomara. Mas não havia uma forma fácil de dizer que estava terminado. A sua resposta fora breve.

Sarah,

Sabes o que sinto. Disse que esperaria pela tua decisão, por mais que ela demorasse, e não me resta senão aceitá-la. O que tivemos foi real e acredito que isso ainda é verdade. Mas a decisão é, e sempre foi, tua. Não quero tornar as coisas difíceis para ti quando quiseres visitar a Allie, que te é tão chegada. Por isso, decidi abandonar o Mara mais

cedo do que tinha planeado e aceitar o lugar que me foi oferecido na Universidade de Edimburgo.

Hugo.

Não voltara a vê-lo. Ele viajara para a Escócia para celebrar o aniversário do pai quando ela e Rabindrah foram para o Mara em Novembro. Mais tarde, a gravidez e os seus compromissos com Hannah e Lars ofereceram uma desculpa para não voltar. Era um alívio não estar pessoalmente com Hugo, não confrontar a interrogação nos seus olhos. Mas essa interrogação não desaparecia. À medida que os meses a aproximavam do nascimento do bebé, o seu sentimento de premonição intensificava-se. Rabindrah andava entusiasmado, afectuoso, meigo. Fazia planos, discutia nomes, chegava inesperadamente a casa do trabalho com flores, um livro, um cesto de fruta. Cada acto de amor reforçava a sua culpa. Não podia contar-lhe. E, contudo, se não lhe contasse e se tornasse claro que a criança não era dele... Não havia ninguém com quem pudesse falar.

Depois do telefonema, Sarah sentou-se a contemplar os desenhos no tapete persa até se transformarem num remoinho diante dos seus olhos. Não estava preparada para voltar a encontrar-se com este homem, para ressuscitar o que existira entre eles. O esforço de bloquear o romance e as suas repercussões, para salvar o seu casamento, criara um buraco negro na sua memória. Mas essa negação acobertara-se à sua espera, intrometendo-se inesperadamente, apesar de ter tentado banir todos os pensamentos sobre Hugo. Mas não havia que negar a angústia que causara a Allie e o mal que fizera à sua relação. Sarah sentira vergonha pelo alívio que fora confirmar pelo rádio que ia voltar para Rabindrah. A tristeza de Allie ressoara através da estática, embora as suas palavras tivessem sido lacónicas e objectivas.

- Falaste com o Hugo?
- Escrevi-lhe.
- Foi o que imaginei. Ele está desfeito.
- Ele... Ele disse alguma coisa?
- Não. Só que vai partir para a Escócia mais cedo do que planeava.

– Sinto muito, Allie. O que se passou entre nós... Agora sei que foi um erro terrível. Nunca quis magoá-lo. Nem a ti.

– Um romance envolve duas pessoas, Sarah, e ele conhecia as implicações. Só desejo que não tivesse sido com ele, mais nada.

– Devo tentar falar com ele?

– Não me parece que isso servisse de nada. Ainda há bastantes pormenores para finalizar relativamente ao livro, mas acho melhor esperares que o Hugo não esteja por cá.

Seguiu o conselho de Allie, chegando ao Mara durante a visita de Hugo à Escócia, absorvendo-se no trabalho com as chitas e observando o desenvolvimento de *Hiba*. A cria estava a crescer depressa e o director do parque organizava o abate de uma gazela ou uma impala por um dos seus guardas-florestais quando era necessário. Ele visitava Allie e Erope com frequência, intrigado com o progresso do jovem animal. A própria Allie estava a apreciar a experiência. *Hiba* era afectuosa, traquina, um prazer de observar. Levavam-na a dar longos passeios pelo mato todos os dias, para ela se familiarizar com o seu futuro *habitat*. Por acordo tácito, o tema de Hugo foi evitado mas Sarah tinha consciência da sua presença, respirando por detrás do silêncio de Allie. Deitada na tenda com Rabindrah, os ecos da sua paixão clandestina insinuavam-se insidiosamente nos seus sonhos. Partiram antes de Hugo regressar.

A crise em Langaní mergulhou tudo o resto na sombra e Sarah contactou Allie para lhe dizer que não poderia ir ao Mara durante uns tempos. Trabalharia no livro em casa.

– Diz à Hannah e ao Lars que estou a pensar neles – disse Allie. – Espero que o pequeno recupere e sinto muito a morte do pai do Lars.

– Eu digo. – Sarah aclarou a garganta. – Allie...

– Sim?

– Estou grávida.

– Eu sei. Disse-me o Anthony quando apareceu no acampamento na semana passada. Estava a ver quando é que me ias dizer. Parabéns. Quando nasce?

– Em Julho.

Seguiu-se um breve silêncio. Allie não era parva nenhuma. Fizera os cálculos. Sarah sabia que devia dizer mais alguma coisa, mas não foi capaz. E Allie não a sondou mais. Talvez não quisesse saber.

– Nesse caso, não vais viajar por uns tempos – disse ela.

– Não. Os primeiros meses são arriscados e preciso de muito sossego. Tencionas vir a Nairobi? Podias cá ficar e fazer uma verificação final do material. Acho que estamos quase no fim.

– Sim, no próximo mês ou por aí – disse Allie. – Quando tiver uma data definitiva, digo-te.

Chegara para passar alguns dias por volta do final de Abril e tinham trabalhado o texto e as fotografias, dando os últimos retoques ao livro. Hugo ainda estava no acampamento mas partiria em Junho. Não enviou nenhuma mensagem. Allie nunca censurara Sarah pelo romance, mas a sua mágoa era patente. Hugo era o filho que ela nunca tivera. Ficara profundamente ferido e o tempo que ela esperara passar com ele fora abreviado.

Sarah não acreditava que alguma vez voltasse a vê-lo, mas agora recebera a chamada e não podia agir como se ele nunca tivesse feito parte da sua vida. Hugo tinha razão. Devia-lhe isso. Pegando nas chaves do carro, saiu de casa e conduziu para a cidade.

Ele abriu a porta e ela avançou, em passos hesitantes, para dentro do quarto. O cabelo revoltado e a pele sardenta, os penetrantes olhos cinzentos, por trás da armação de tartaruga dos seus óculos, trouxeram-lhe uma súbita memória do seu corpo, enxuto e musculado, ao lado dela. Não sabia como cumprimentá-lo. Um beijo lembraria a intimidade que haviam partilhado e isso ela não podia fazer. Um aperto de mão era demasiado frio, demasiado formal, tendo em conta o que haviam sido um para o outro. O seu silêncio estendeu-se sobre os ruídos normais e exteriores do dia, abafando o chilrear dos pássaros, o tilintar das chávenas de café e o assobiar de uma empregada da limpeza.

– Estás de partida para a Escócia – disse ela por fim.

– Esta noite. Tenho muitos preparativos a fazer para este novo emprego. Há muito tempo que não dou aulas e não tenho a certeza se vou gostar.

– A Allie vai sentir a tua falta. Ela está cá?

– Não gosta de despedidas. Deixei-a com as chitas. E com o Erope.

– Oh, Hugo. – Os seus olhos encheram-se de lágrimas. – Sinto muito. Estraguei tudo.

– Quando é que nasce o bebé? – A pergunta saiu, sacudida, como uma rajada.

– Julho. – Sarah evitou o seu olhar.

Ele agarrou-lhe nos braços. – É meu?

– Não! Não... não sei. – Não foi capaz de o olhar.

– Não sabes? Porque tu e o Rabindrah estiveram juntos imediatamente a seguir? Foste directamente para a cama do teu marido? Assim, sem mais nem menos? Credo, não sou capaz de imaginar tal coisa. Não é possível que me tenhas deixado e... Meu Deus, estou agoniado.

– Por favor, Hugo...

– Pensei que tínhamos algo de excepcional. De sagrado. Mas para ti não teve significado nenhum, pois não, Sarah? Tudo o que partilhámos, todas as horas em que conversámos, todas as vezes em que fizemos amor? O que foi? Uma maneira de engravidares? Foi a verdadeira razão para me aceites como amante?

Ela fitou-o, horrorizada. – Como é que podes sequer pensar uma coisa dessas?

– Diz-me, então. Que significado teve para ti?

– Não, Hugo, por favor.

– Diz.

– Tentei explicar na minha carta. Acreditei sinceramente, durante esses dias gloriosos em que estivemos juntos, que estava livre de todos os problemas por que tinha passado. Que o devia a ti. E, durante um breve tempo, escapei de mim mesma, das minhas responsabilidades, da vida real. Estávamos num mundo de fantasia, tu e eu. Devolveste-me a capacidade de sentir a felicidade. Mas não podia durar, Hugo. Porque eu não era livre. A

princípio, não compreendi isso. Só quando me ausentei é que percebi que estava a iludir-me. E a mentir-te, embora sem intenção.

– Ele sabe? De nós?

– Não.

– E o que vai acontecer quando essa criança nascer, Sarah? Se for minha? O que lhe vais dizer então? Não acreditas certamente que ele a vai querer. Ou que te vai querer a ti.

– Não sei – exclamou ela. – Não lhe posso dizer. Não sei o que vou fazer.

– Vem comigo. – A voz falhou-lhe e ele estendeu-lhe os dois braços, a sua expressão irradiando amor e desejo. – Vem para Escócia, tem o nosso filho lá. Deixa-me dar-te a vida que te prometi. Amo-te, Sarah. Pedi-te para vires aqui para me despedir mas não me quero despedir. Quero que venhas comigo. – Tomou-lhe o rosto nas mãos, levantando-o para a forçar a olhar para ele. – Dizes que não sabes de quem é a criança. Mas sabes, e eu também. Anos sem filhos, dois abortos, e depois a nossa relação. O filho é nosso, Sarah, concebido durante um período de intenso amor. Quero criá-lo contigo.

Ela libertou-se dele e foi para junto da janela, incapaz de suportar a esperança na sua voz.

– Voltaste para o Rabindrah por um sentido do dever – disse ele. – Tu própria mo disseste ainda agora. Não foste capaz de escapar às tuas responsabilidades. Foi o que disseste.

– Não, Hugo. – Virou-se para encará-lo, os olhos repletos de remorso. – Estás enganado. Por um tempo, perdi de vista o meu marido, desliguei-me dos alicerces do nosso casamento. Estava em busca da felicidade, da realização noutras coisas. E noutras pessoas, quando me virei para ti. Mas só há um homem com quem posso viver a minha vida. Sinto muito, Hugo. Sinto muito ter-te magoado. O que fiz foi terrivelmente errado. Egoísta e injusto. Sentia-me infeliz e tomei uma decisão errada, mas agora não tenho dúvidas. Voltei para o Rabindrah porque o amo. E, mesmo que o bebé não seja dele, tentarei encontrar uma maneira de ele me perdoar e aceitar esta criança.

Hugo deixou-se cair na cama, a cabeça entre as mãos. – É melhor ires – disse ele.

– Perdoa-me, Hugo – murmurou ela. – Porque eu não sou capaz de perdoar a mim mesma.

Ele não levantou os olhos quando ela saiu do quarto.

Incapaz de enfrentar o regresso à casa vazia, Sarah andou às voltas de carro por algum tempo, sem saber para onde ia. Estava quente e ela ouviu o ribombar distante de trovoadas. A ameaça de chuva tornava o ar opressivo e abafado, pesando-lhe sobre os ombros vergados. Por fim, deu por si à porta da catedral e, estacionando o carro, entrou.

Na frescura da basílica, ajoelhou-se na sombra, desejando libertar-se da turbulência no seu espírito. Fechou os olhos e tentou imaginar um lugar de refúgio. Um lugar calmo, distante dos conflitos e desassossego da sua vida. Um lugar onde pudesse encontrar forças.

– Preciso de um lugar onde me esconder, Senhor – murmurou para a igreja vazia.

Ouviu um som e levantou os olhos, vendo um padre idoso a encaminhar-se para ela, magro, ligeiramente curvado, com um rosto enrugado. Ele parou ao lado do banco dela e sorriu, e foi como se o sol se tivesse descoberto de trás das nuvens de trovoadas. Levantou-se e, num impulso, proferiu as palavras em que não pensava havia muito tempo.

– Padre, posso confessar-me?

– Com certeza. Acompanhe-me.

Ela pensou que ele se dirigia a um dos confessionários, de cada lado dos bancos na nave, mas ele conduziu-a para uma pequena sala adjacente à sacristia.

– Não convém ajoelhar-se no seu estado – disse ele, puxando por uma cadeira para ela se sentar. Por sua vez, sentou-se também. – Sou o padre Andrew. E a senhora?

– Sarah.

– Está cansada, Sarah – disse ele. – De corpo e espírito. Reparei nisso quando entrou. Diga ao bom Deus o que a atormenta, minha filha. Não há

nada que não lhe possa dizer.

– Tem razão. Estou extremamente cansada. E estou a viver num caos criado por mim. Todas as pessoas à minha volta estão a sofrer e, em lugar de ajudar, só aumentei o sofrimento delas. Falhei enquanto esposa. Falhei enquanto amiga. Não sei o que vai acontecer quando for mãe.

Parando de tempos a tempos, contou a sua história. A antiga tragédia da morte de Piet, apenas um dia depois de ficarem noivos. A sua recuperação vacilante e o nascer dos seus sentimentos por Rabindrah. Depois, a raiva que fermentara por não ter filhos, a ruptura do seu casamento, o aborto de Camilla, a tragédia de Lars e Hannah e Piet, a sua própria ligação amorosa e os seus receios pelo bebé.

– Devo contar ao meu marido? Oh, meu Deus! Porque é que todas as benesses que recebo parecem acarretar uma vingança qualquer? Sabe, padre, tenho andado revoltada há tanto tempo, por causa de tantas coisas, que sinto que uma parte de mim foi completamente destruída. Não sei perdoar nem ser perdoada. Julguei os outros e ao mesmo tempo desrespeitei todas as regras que devia ter seguido. Agora, sinto-me profundamente envergonhada. Quero fazer as pazes com a Camilla, mas receio que ela nunca mais me considere sua amiga. Quero contar a verdade a Rabindrah, mas tenho medo de perdê-lo. E, se não lhe contar, posso perdê-lo na mesma. Quando devíamos ser tão felizes. Cheios de esperança. Quanto à Hannah... ela perdeu o irmão e o pai e agora o filho ficou aleijado. Onde está Deus em tudo isto, padre? Porque também estou cansada de procurar sinais Dele na minha vida.

Calou-se, recordando outro tempo, depois da morte de Piet. Perguntara então o mesmo ao padre Bidoli, o padre italiano que fora seu amigo e confidente, que celebrara o seu casamento com Rabindrah.

– Não existe nenhuma resposta fácil – disse o padre Andrew. – O sofrimento é muitas vezes incompreensível. Viver em sofrimento torna-nos humildes. Torna-nos mais benevolentes, se assim deixarmos. Extingue as impurezas. Ensina-nos a aceitar-nos e a preocuparmo-nos uns com os outros nas nossas fraquezas porque uma coisa é certa... mais cedo ou mais tarde, estaremos por baixo. Todos nós precisamos de consolação e apoio. A

primeira coisa, minha filha, é não julgar. Nunca poderemos saber ao certo o que leva as pessoas a fazer o que fazem. Só Deus compreende o que nunca poderemos ver. Deixe o juízo com Ele. Ele sabe como moderá-lo com o amor. E não se julgue também com demasiada severidade. Recorda-se da história da mulher que ia ser morta à pedrada?

Sarah assentiu com a cabeça. Como podia não recordar a adúltera que aguardava a sua sorte?

O padre Andrew sorriu. – «Aquele que, de entre vós, está sem pecado que atire a primeira pedra», disse Jesus, escrevendo na areia os pecados daqueles que se haviam juntado para executá-la e observando a multidão a dispersar-se envergonhada. Depois ergueu-a e perguntou: «Onde estão agora os teus acusadores? Ninguém te condenou?» E ela respondeu: «Ninguém, Senhor.» E ele disse-lhe: «Nem eu também te condeno. Vai-te e não peques mais.» A fraqueza humana é universal, Sarah. Mas o amor cura porque realça o que é bom.

– Que faço agora?

– Vá falar com a sua amiga. Diga-lhe o que ela significa para si, diga-lhe que a ama. Poderão não ser necessárias outras palavras. E quanto ao seu marido... – Fez uma pausa e pegou-lhe na mão. – Confessar-se faz-lhe bem. Liberta uma parte do fardo. Dizer-lhe? Como vai isso ajudá-lo a ele ou a si? Esse outro homem já não faz parte da sua vida. Acabou?

Ela disse que sim, a brutalidade da despedida ainda presente no seu espírito.

– Então esqueça. Não sobrecarregue o seu marido com isso. E quanto à criança... Sou um grande crente na misericórdia do Senhor. Entregue-se a essa misericórdia e, quando o momento chegar e o bebé nascer, saberá o que fazer.

Ela baixou a cabeça, para receber a absolvição, e afastou-se para o calor radioso do dia.

CAPÍTULO 33

Quénia, Julho de 1978

O céu de Nairobi estava baixo e o ar tornara-se húmido e pesado. A lareira ardia na sala de estar e Sarah estava à procura de uma camisola quando Lila chegou.

– Como te sentes? Tens os tornozelos muito inchados, Sarah. Pousa os pés no sofá.

– Passei o dia quase todo com eles levantados, só que o bebé desata a dar cambalhotas sempre que estou deitada. Mas estou bem. Só impaciente e um pouco assustada agora que falta pouco.

– O Rabindrah anda nas nuvens – disse Lila. – Nunca o vi assim, apesar de termos crescido juntos. Claro, está convencido que é um rapaz mas eu sei que há-de ficar igualmente feliz se for uma menina.

– Espero que sim – disse Sarah, um tanto desconcertada com esta revelação. – O importante é que seja saudável. Os meus pais chegam dentro de dois dias, sinto-me tão grata por eles estarem aqui. E tu, que notícias tens?

– Voltei a visitar o Harjeet. Esta manhã.

– E então?

– Não sei, Sarah. Ele tem esperança que eu fique com ele e isso tornou-o muito dependente. Mas enerva-me e causa-me claustrofobia porque sinto pena dele. Às vezes quase me convenço que o amo e, noutras alturas, é repulsivo e sinto-me mais inclinada a pensar que é piedade sentimental.

– A piedade não é a base ideal para um casamento – disse Sarah.

– Tens razão. Mas, seja como for, não o vou abandonar enquanto está preso. É uma tortura ir àquele sítio. Assustador. Os guardas olham para mim

de uma maneira que me arrepiava a pele. – Acendeu um cigarro. – Fui a uma entrevista para um emprego mas ninguém me quer contratar por causa da trabalhadeira de obter uma autorização de trabalho. Agora que sou cidadã britânica, preciso dela, apesar de ter nascido aqui. Arranjei um advogado que se especializa nestas questões... a untar mãos no Departamento de Imigração e a criar empresas de consultoria para pessoas como eu, para não sermos oficialmente empregados. Claro, fica com uma fatia dos meus primeiros seis meses de receitas e custa uma fortuna registrar a empresa mas, ao que parece, é a única maneira de sair deste lodaçal. Hoje em dia, é tudo uma traficância.

– Tens toda a razão. – Sarah mudou a posição das pernas e tentou sentar-se mais confortavelmente.

– E sou uma pária social no seio da comunidade sique por causa do processo legal. É irónico. Voltei para ajudar o meu marido a evitar uma longa pena de prisão e afinal descubro que ninguém quer ter nada a ver comigo.

– O Rabindrah está no mesmo barco – disse Sarah. – Um proscrito no círculo da família dele, apesar de tudo o que fez para chamar a atenção para crimes de corrupção e fraude e a necessidade de conservação da vida selvagem. O vice-presidente louvou-o em público na semana passada pelos artigos dele sobre a corrupção. O que é ridículo, vindo do Arap Moi. Mas ele vai ser o próximo presidente quando o Mzee partir e pode ser importante para o nosso futuro.

– Pelo menos tem trabalho e tem-te a ti, com um bebé a caminho. A sua pequena comunidade – disse Lila. – Cheguei a um ponto em que estou até a pensar em voltar para Inglaterra. Podia vir visitar o Harjeet de dois em dois meses. Era capaz de ser mais fácil se vivesse em Birmingham, embora a minha mãe ficasse tristíssima. É a única pessoa genuinamente feliz por eu cá estar. Mas não posso viver a minha vida só para agradar a quem precisa.

– Encaras voltar a trabalhar para o Tom?

– Credo, não. – Lila riu-se. – Não era capaz de olhar para ele. Nem para aquela vadia.

– Que vadia? – Sarah franziu a testa.

– Não sabes? Não, claro que não. Não falas com a Camilla. Oh, não te aflijas, não vou perguntar. – Lilla descreveu então a chegada de Zahra a Londres e o descarrilamento do seu próprio romance com Tom. – Serviu-me de lição, suponho. Não tive quaisquer escrúpulos em dormir com ele mas, quando ele me deu com os pés, senti-me usada e triste.

– Tenho a certeza de que arranjas outro emprego em Londres que te permita ser independente – disse Sarah. – Em lugar de te envolveres numa situação familiar que é uma lembrança constante de traição.

– É estranho, sabes, mas fui criada numa comunidade unida. Psicologicamente, tenho dificuldade em separar-me dela. Não pareço capaz de me libertar do que é uma mentalidade sique tradicional, que nunca imaginei que se aplicasse ao meu caso. Ou às tantas não sou suficientemente corajosa para subsistir sozinha. Não sei. – Mudou abruptamente de assunto. – Achas que o Rabindrah alguma vez vai visitar o Harjeet na prisão?

– Duvido. Ele pensa que estarias melhor divorciada e que a família do Harjeet ainda se pode aproveitar de ti. E nunca mais vai esquecer o que se passou nesse armazém.

– A propósito, onde está o Rabindrah?

– Está a verificar um escândalo recente relativo ao desaparecimento de fundos humanitários da Alemanha que foram encher bolsos, como de costume. Envolveu-se noutra cruzada anticorrupção e nada o demove. Ele e o Kiberu são como *rottweilers*... não largam mal se lançam ao ataque.

– Corajoso mas arriscado, imagino.

– Tentei discutir isso com ele, mas ele manda-me calar. – Fez uma cara cómica, mas não havia sinais de divertimento nos seus olhos. – Tivemos alterações a propósito disto e acho que ele devia abandonar estas actividades por uns tempos. É perigoso estar constantemente a apontar holofotes à ganância e à fraude nas altas esferas. E há pessoas importantes no governo que não lhe perdoaram por ter denunciado o Ndegwa e... Ah, deve ser a Hannah – disse ela, ouvindo um carro lá fora. – Ligou ontem à noite a dizer que vinha. Suponho que precisa de fazer compras.

Juntou uma selecção de fotografias e documentos espalhados na mesa e no sofá e saudou Hannah com um sorriso quando ela entrou na sala. – Olá, Han. Desculpa a desarrumação. Estou a tratar dos últimos pormenores antes de o novo livro ir para o prelo. Chá? Estou morta por tomar um.

– Sim, por favor. Prazer em ver-te, Lila. – Hannah pousou a alcofa do bebé ao lado de uma poltrona e enxotou o cachorro de Sarah. – O Jorgen acaba de adormecer, seria uma benesse se pudéssemos conversar em paz.

– Deixo-as à vontade – disse Lila. – A minha mãe vai levar-me ao cinema. *Ciao*, Sarah. Mantém os pés levantados.

– Coitada da Lila, está a passar um mau bocado – disse Sarah quando Chege trouxe o chá. – Não sabe para que lado se virar e...

– Preciso de falar contigo.

– O que foi? – Sarah ficou alarmada. – Aconteceu alguma coisa ao Piet? Ao Lars?

– Não tem nada a ver com eles. É a Camilla. – Hannah prosseguiu. – Nós as três temos tido as nossas desavenças e mal-entendidos ao longo dos anos mas, sejam quais forem as circunstâncias, sempre honrámos a promessa que fizemos na escola. A nossa amizade, o laço que nos une, são sagrados e eu não posso vê-los desaparecer sem fazer nada. A vida é demasiado curta para zangas. Aprendi isso à custa da minha própria estupidez. Este problema com a Camilla é absurdo. A fúria é uma força destrutiva terrível se te deixares dominar por ela, Sarah.

Calou-se, sentindo um aperto na garganta só de pensar no que quase acontecera a Lars. Nunca fora capaz de falar a ninguém dessa tarde mas, muitas vezes, em sonhos e em alguns momentos de vigília, via o seu rosto deformado e desesperado e a arma encostada à sua cabeça. A arma que ela ali colocara como se lhe tivesse entregue em mão.

– Quando me acusaste de me concentrar demasiado no Piet e de causar sofrimento ao resto da família, a tua interferência desagradou-me. Mas tinhas razão. Na altura, estava cega porque me encontrava demasiado atolada. – Fez uma pausa, tentando encontrar as palavras que penetrassem a postura irredutível de Sarah. – Tens de enterrar esse problema, seja qual for

a sua origem. Esquece-o, para bem das pessoas que amas. O primeiro passo é o mais difícil mas chegou o momento, Sarah. Tens de fazê-lo agora.

– Tentei...

– Ouve-me até ao fim. Tu e a Camilla mantiveram a minha família unida. Nunca teríamos aguentado o acidente do Piet e tudo o que se seguiu sem o vosso amor e apoio e não vou aceitar que as minhas maiores amigas, as minhas irmãs, fiquem permanentemente alheadas uma da outra. Eu sei que deve ter sido um problema grave, mas tens de o resolver. Tens. Foi por isso que vim cá hoje. Para as reconciliar.

– Há semanas que estou a tentar arranjar coragem – disse Sarah. – Mas das duas vezes que telefonei ela estava para fora. E, da última vez, ela atendeu o telefone e eu acobardei-me. Quero sanar esta disputa mas é difícil, mesmo agora.

– O que é que se passou entre as duas? Não me podes contar? Se eu soubesse o que deu origem a isto...

– Não posso. Mas vou telefonar-lhe. Pedir-lhe para se encontrar comigo.

– Faz isso. – Hannah dirigiu-se à secretária, pegou no telefone e estendeu-o. – Agora. Ela está em casa hoje. Já verifiquei.

Sarah marcou o número, com mãos trémulas. – Camilla? – Respondeu-lhe o silêncio. – Podemos encontrar-nos? Preciso de te dizer algumas coisas.

– Pensei que tinhas sido bastante exaustiva da última vez. – O tom de Camilla não era encorajador. – Não me agrada a ideia de ouvir tudo outra vez.

– Não estás a entender. Quero rectificar as coisas, se for possível. Encontras-te comigo? Por favor?

– Aqui ou em tua casa?

Hannah arrancou-lhe o telefone. – E se preferirem que as deixe sozinhas, tudo bem, desde que ponham fim a isto.

– Não. Gostava que ficasses – disse Camilla. – Estou aí dentro de quinze minutos.

Quando ela entrou na sala, o ambiente era tenso e, do lado de fora das janelas, as árvores haviam enegrecido sob um dilúvio de chuva. Sarah olhou para ela, vendo-a claramente pela primeira vez desde o seu encontro em

Langani. Nesse dia, os seus sentimentos de afronta haviam turvado a sua visão e ela perdera a amiga. Havia muita coisa que precisava de dizer. Mas Hannah continuava sem saber o que tinha acontecido.

– Perdoa-me. – Manietada pelo segredo, eram as únicas palavras que Sarah podia oferecer. – O que me disseste... tinhas razão. Não me competia julgar-te. Sinto muito. Por tudo.

– Hannah, precisas de saber a verdade – disse Camilla. – Eu estava grávida de seis semanas, mas sabia que tinha de continuar a trabalhar. Sem a minha ajuda, o Anthony teria perdido a empresa e a vida que acabara de reencontrar. Ele voltou para aqui para salvar a empresa e eu fui a uma clínica em Londres.

– Ele concordou com isso? – Hannah estava horrorizada.

– Disse-lhe que sofri um aborto espontâneo. Nunca chegou a saber a verdade. Espero que nunca saiba.

– Como é que a Sarah soube? – Hannah olhou para uma e para a outra.

A explicação de Camilla foi precisa e sucinta. – Não sei se teria sobrevivido sem o Rabindrah. Sentia-me extremamente só, estava a sofrer e dominada pela culpa e raiva pelo que tinha acontecido ao Anthony. Estava à beira da loucura e o Rabindrah veio e passou dois dias comigo. Foi assim que a Sarah descobriu.

– Peço desculpa pelas coisas que disse. – Sarah fechou os olhos, envergonhada. – A única coisa que me passou pela cabeça foi que tinhas posto fim à vida de uma criança enquanto que eu não era capaz de ter filhos. E fiquei furiosa por teres excluído o Anthony da tua decisão mas teres, ainda assim, tornado o meu marido cúmplice do teu acto. Mesmo que tivesse sido *a posteriori*.

– Nunca devia ter colocado o Rabindrah nessa posição – disse Camilla. – Não foi correcto com nenhum dos dois. Na altura, não vi as coisas assim. Não estava a pensar direito. Precisava de um amigo verdadeiro e ele era o único em quem eu podia confiar.

– Devias ter podido contar comigo mas eu desiludi-te. – Sarah calou-se, precisando de expressar um misto de honestidade e compreensão. – Não teria sido capaz de fazer o que tu fizeste, Camilla. Nem sequer pelo

Rabindrah. Para mim, educada como uma católica, o aborto será sempre errado. Não posso alterar as minhas opiniões sobre isso, mas devia ter sido capaz de te confortar, mesmo que discordasse da tua decisão. Agiste para proteger a pessoa que mais amas e eu não tinha o direito de te julgar. Depois do que fiz, faz de mim a pior espécie de hipócrita.

– Que quer isso dizer? – Hannah ficou perplexa.

Sarah desviou os olhos das duas, incapaz de encará-las de frente ao fazer a sua admissão. Tornara-se finalmente intolerável enfrentar sozinha o nascimento iminente da criança, carregando a dúvida da sua verdadeira origem. Hannah e Camilla conheciam o seu melhor e o seu pior. Olhou para o jardim, as mãos unidas no colo, e falou-lhes do seu romance no Mara, confiando que elas demonstrariam mais misericórdia do que a que ela lhes oferecera. Elas ouviram a história até ao fim, incluindo o último e agonizante encontro com Hugo.

– Devia ter contado ao Rabindrah quando voltámos a juntar-nos, mas já tinha acabado e eu estava com medo de também o perder. Que bem teria feito, causar-lhe esse sofrimento? Foi o que perguntei a mim mesma, como justifiquei o facto de não ter dito nada. E, quando descobri que estava grávida, era demasiado tarde.

– Oh, Sarah, Sarah. – Hannah pôs os braços à volta dela. – Tens vivido estes meses todos com isso, incapaz de contar a alguém. Sei como isso é, quando o Viktor me deixou grávida. E foste tu que trouxeste o Lars de volta para olhar por mim e me ajudar a aguentar.

– A minha arrogância estúpida impediu-me de contar às duas únicas pessoas em quem podia confiar. – Sarah olhou directamente para as amigas. – É tarde de mais? – perguntou. – Podemos começar de novo?

– *Ach*, olhem para nós! – Hannah desatou a rir. – Quase nos enterrámos na lama, as três, de uma maneira ou de outra. Tomámos decisões terríveis e voltámos a encontrar a saída. Mas uma coisa eu sei. Ainda somos irmãs. Irmãs de sangue, conforme prometemos quando éramos novas. Precisamos umas das outras mais do que nunca, sejam quais forem as barreiras que tenhamos de transpor. Somos iguais, eh? Teimosas e com sérias deficiências, como o resto da raça humana. Como tal, perdoamos e

renovamos a nossa promessa umas às outras e continuamos juntas. Como sempre estivemos.

E, de súbito, estavam a rir e a chorar, agarradas umas às outras, retirando conforto e força do laço que as unia desde a infância. Quando Rabindrah chegou por volta da meia-noite, seguiu os ruídos de celebração até à sala de jantar e encontrou-as à mesa com os restos do jantar e duas garrafas de champanhe.

– Olá! O que é que se celebra? – perguntou ele, surpreendido e contente ao ver Camilla mais uma vez na casa, decididamente tonta e às gargalhadas.

– Anda fazer-nos companhia – disse Sarah. – Estamos a brindar às alegrias da reconciliação e ao futuro.

– *Estiveste a beber?*

– Só dois copos. – Não conseguiu reprimir uma risadinha. – As outras deram conta do resto. Acho que não se aguentam lá muito bem em pé. Vão cá passar a noite. Sabe Deus que efeito o champanhe vai ter no Jorgen, mas é capaz de ter a sua primeira ressaca de manhã. Queres jantar? O Chege ainda está a pé. Acho que nos tem estado a vigiar. Onde é que estiveste até agora?

– A escrever um artigo sobre as últimas etapas da guerra na Rodésia. Houve rumores de que o governo rodesiano recorreu à guerra biológica... contaminando nascentes de água com varfarina e infectando o gado com antraz. O Gordon é capaz de me mandar lá para cobrir a história.

– Oh, não – disse Sarah. – É por volta da altura em que o bebé nasce. Ele não te pode mandar agora, e muito menos a uma região contaminada.

– Consigo safar-me de lá ir por agora – disse ele, apressando-se a apaziguá-la. – Também tomei um copo com o Johnson esta noite para falar do último empréstimo estrangeiro de emergência, teoricamente para ajudar as pequenas indústrias. Mas parece que serão poucas as pessoas com uma fábrica ou uma oficina que lhe vão pôr a vista em cima. Adiante, estou mais que pronto para esquecer isso tudo e me juntar aos festejos.

– Esta noite, só são permitidos tópicos alegres. – Camilla serviu-lhe uma taça de champanhe. – À amizade duradoura. Amo-os!

Sarah abriu os braços quando eles saíram da alfândega, o sorriso de Raphael iluminando a manhã cinzenta apesar da sua evidente fadiga depois do longo voo. A mãe não fez qualquer esforço para disfarçar as lágrimas de felicidade.

– Olha para ti – disse Betty. – Que grande dia que este é para todos nós. E estás exuberante... exactamente como devias estar.

– Incluindo os pés inchados – disse Sarah. – Sinto-me pronta. Preferia andar com esta criança nos braços a partir de agora. Já não é muito confortável tê-la aqui. Vou levá-los para casa para poderem descansar depois do voo. Depois vou ao Dr. Roberts para o meu exame de rotina. Mais tarde, temos muito tempo para conversar. E conversar e conversar.

– Sem dúvida, minha pequenina – disse Raphael. – Sem dúvida.

*

– Sarah, surgiu um problema, infelizmente. – O Dr. Roberts apalpou-lhe o abdómen mais uma vez, sondando suavemente e escutando o batimento cardíaco do feto.

– O que é? – Sarah ficou imediatamente agitada. – O bebé tem algum problema?

– Não, nenhum. A dificuldade é a posição. Normalmente, nesta última fase da gravidez, o bebé devia estar de cabeça para baixo no útero. Mas o teu bebé encontra-se no que chamamos a posição pélvica. Quer dizer que está ao contrário e, como tal, nasceria de pés para a frente. Ou de rabo, se tiver um parto vaginal normal.

– Está a dizer que não vou ter um parto normal?

– Há riscos nos partos de apresentação pélvica – disse ele. – O cordão umbilical pode ser comprimido durante o parto, o que pode causar lesões nos nervos e no cérebro devido à falta de oxigénio. Prefiro realizar uma cesariana. Claro que o procedimento é mais invasivo para a mãe...

– Seria mais seguro para o bebé?

– Sim. E, à luz dos teus antecedentes, seria o meu conselho. Podemos tentar virar o bebé por fora do útero, antes do parto. Mas isso pode ser

difícil de manipular se a placenta estiver baixa. Quero fazer um exame para verificar a posição exacta.

– A única opção agora é uma cesariana? – Sarah tentou acalmar o tropel de ideias, para fazer uma pergunta lógica.

– Todos os partos pélvicos apresentam riscos, incluindo a possibilidade de o bebé ficar preso no canal de parto e sofrer lesões na coluna. – O obstetra apertou-lhe encorajadoramente a mão. – Eu sei que estás desapontada por este primeiro parto poder não ser natural, mas a única questão que verdadeiramente importa é que seja uma criança saudável.

– Sim. Sim, claro que é. – Queria chorar, queria que Rabindrah a abraçasse.

– Vou então tratar da ecografia e podemos internar-te no hospital para a rotação.

– Preciso de ser hospitalizada para isso?

– Acho mais prudente. Estás perto do fim e o procedimento, por vezes, pode desencadear o trabalho de parto ou provocar uma hemorragia que coloca o bebé sob pressão. Nesse caso, teríamos de estar preparados para realizar a cesariana imediatamente. O Rabindrah está aqui contigo?

Sarah abanou a cabeça, incapaz de falar, dominada pelo medo.

– Fazes ideia de onde podes contactá-lo?

– Ele disse que ia passar a maior parte do dia fora do escritório. Não sei onde posso encontrá-lo. – Deitada na marquesa, o corpo tenso, passou lentamente as mãos sobre o abdómen numa tentativa para tranquilizar a criança. As lágrimas caíam-lhe pelos cantos dos olhos.

– Minha querida, não te vai acontecer nada, nem ao teu bebé. – O Dr. Roberts procurou sossegá-la. – Não há motivo para receios, mas talvez queiras telefonar a uma pessoa amiga que te ajude a ir buscar as tuas coisas pessoais e a trazer-te para o hospital. O Raphael e a Betty já chegaram? Óptimo. Tens uma grande equipa de apoio.

– É verdade. – Esperou enquanto a secretária dele ligava para o número de Camilla.

– Se não precisas que te dê boleia, vou já para tua casa – disse Camilla. – Diz ao Raphael e à Betty o que se passou e embala tudo o que precisas. Nós

estamos prontos quando lá chegares. E vou pedir ao Gordon que tente localizar o Rabindrah. Não te aflijas. Vai correr tudo bem. Com os dois. Com os três.

A ecografia confirmou que o bebé se encontrava em apresentação pélvica completa. Se não fosse possível rodá-lo com sucesso, seria essencial uma cesariana.

– Quer dizer que não vou estar acordada durante o parto. – Chegara até aqui e o que mais desejava era ver o filho vir ao mundo, apertá-lo contra o corpo e sussurrar-lhe as primeiras palavras de amor e boas-vindas.

– Acordas meia hora depois. – O Dr. Roberts dirigiu-lhe um sorriso de encorajamento. – E o Rabindrah estará presente para ver o filho nos seus primeiros momentos de vida.

Camilla estava à espera no alpendre e abraçaram-se em silêncio.

– Suponho que não podes comer nada? – disse ela. – Bem me quis parecer. Ainda não sabemos do Rabindrah, mas o Gordon manda-o imediatamente para o hospital assim que o localizar.

– Papá? – Sarah entrou na sala de estar. – O bebé está em posição pélvica. O Dr. Roberts vai tentar rodá-lo. – A sua apreensão era palpável. – Caso contrário, é uma cesariana.

Calou-se e Betty foi abraçá-la. No silêncio, Raphael ouviu a respiração entrecortada da filha, que enfrentava mais uma crise no seu percurso para a maternidade.

– O Cliff Roberts tem razão, querida – disse ele. – Tenho a certeza de que te explicou por que razão é necessário e ele é muito experiente. Conheço-o há anos. Não podias estar em melhores mãos.

– Ele insiste em que não há motivos de preocupação, mas é mais forte que eu. Há tanto tempo que estou à espera. Se acontece agora alguma coisa a este bebé...

– O que vai acontecer é que vais ter uma criança perfeita e saudável, nascida em segurança – disse Betty. – Talvez fiques zozza durante umas horas e dorida por um ou dois dias, mas isso não é nada. Deves concentrar-te na felicidade do nascimento.

– As mulheres fazem cesarianas com frequência – disse Raphael. – De resto, o bebé está bem?

– O Dr. Roberts diz que sim. Mas, papá...

– O que é?

– Estou com medo. Estou uma pilha de nervos.

– Não estejas. Continua a praticar os exercícios de respiração enquanto seguimos para o hospital. Ajudam-te a relaxar. E o Rabindrah há-de estar a chegar a qualquer momento. Vai correr tudo bem. Acredita em mim.

– Vamos andando. – Camilla olhou para o relógio. – A tua marcação é dentro de meia hora. Olha, pus a roupa do bebé no teu saco. Oh, meu Deus, Sarah, chegou o momento. A chegada da criança mais desejada do mundo. Acho que vou chorar. A propósito, a Hannah está a caminho. Se vais ter este bebé em breve, queremos estar todas presentes.

Na cama do hospital, Sarah ouvia o murmúrio de vozes no corredor enquanto Raphael e Betty falavam com o Dr. Roberts. Camilla puxou por uma cadeira e sentou-se ao lado dela, pegando-lhe numa mão.

– E quando o bebé nascer? – disse Sarah, quase num sussurro. – Quer dizer, e se for filho do Hugo? Se for parecido com ele e eu ainda estiver anestesiada? Inconsciente? O que irá o Rabindrah fazer? Oh, meu Deus, Camilla, às tantas devia dizer-lhe. Mas é uma ideia aterradora. Ele pode decidir que não o quer. Que não quer nenhum de nós. Pode ir-se embora e depois não haveria ninguém para receber o meu filho. Ninguém!

– Sarah, este bebé vai ter a pele escura ou clara. Se tiver a pele clara, sai a ti. A Suniva parecia-se com a Hannah quando nasceu, mas não há forma nenhuma de dizer com que pai se parece um recém-nascido. Não passa de uma criaturinha que berra e choraminga, com uma cara enrugada e os olhos quase fechados. E mudam todos os dias. O Rabindrah ama-te e vai amar esta criança. E, aconteça o que acontecer, não estás sozinha. Estamos aqui para te apoiar. Os teus pais, eu e a Hannah. Por isso, tenta descansar.

Aguardando uma decisão sobre a rotação, Sarah sucumbiu a um sono inquieto até que uma dor aguda a acordou, arrancando-lhe um grito. Camilla estava sentada ao seu lado, a ler. Levantou os olhos, preocupada.

– O que foi? Queres que chame alguém?

– Foi uma pontada, mais nada. O Rabindrah telefonou?

– O Gordon ainda não teve notícias, mas ele deve estar a chegar ao escritório. O Raphael e a Betty estão ao fundo do corredor, a dormir na sala de espera. E a Hannah já chegou. Queres falar com eles?

– Não. – Sarah abanou a cabeça. – Tenho de lhe dizer, Camilla.

– Não te aconselho. Não estás a pensar com clareza. Lembra-te do que disse o padre.

– Para ser franca, não me sinto muito bem. – Sentiu outra pontada de dor. A cor esvaiu-se-lhe do rosto e formaram-se-lhe gotas de suor na testa. – Acho que preciso de ir à casa de banho – disse ela, quando o tecto começou a andar à roda.

Camilla tocou à campainha e a sala encheu-se de sons de afectuoso encorajamento. O Dr. Roberts apareceu e sorriu-lhe.

– Parece que este bebé decidiu mexer-se em lugar de ser empurrado – disse ele. – A enfermeira vai dar-te agora uma injeção pré-anestésica. Depois disso, vais ser levada para a sala de operações.

– O Rabindrah. Preciso do Rabindrah.

– Já está a caminho. O Gordon acaba de telefonar. – O sorriso de Hannah cintilou como um farol entre a névoa das incertezas de Sarah. – Há-de chegar muito a tempo.

Ela mal sentiu a injeção porque outra dor a acometeu como uma martelada. Foi colocada numa maca e abriram-se e fecharam-se portas enquanto era conduzida pelo corredor. Na sala de operações, as luzes eram brilhantes, pairava o odor a desinfectante e foi rodeada de enfermeiras de batas verdes e máscaras.

– A placenta rasgou-se, Sarah – disse o Dr. Roberts, que estava à espera dela. – Vamos levar-te imediatamente para evitar mais perda de sangue e trazer o bebé ao mundo em segurança.

– Oh, meu Deus. Rabindrah...

O anestesista apareceu e estava a verificar a pressão arterial dela. – Vá, não se aflija – disse ele. – Vamos olhar pelos dois.

– Preciso de falar com o meu marido. Por favor. – As palavras estavam a sair entarameladas, mas precisava de obrigá-los a compreender. Tinha de parar tudo, esperar por Rabindrah. Porque é que ninguém lhe dava ouvidos? O anestesista estava a sorrir-lhe, a emitir ruídos tranquilizadores. A levantar a seringa.

Nesse momento, a porta abriu de rompante e ela viu Rabindrah, alucinado, desgrenhado, ofegante, como se tivesse vindo a correr. Sarah agarrou-se ao braço dele, desesperada para falar.

– Não tenhas medo, meu amor. Agora estou aqui. Vou estar sempre ao pé de ti e o nosso bebé há-de estar connosco num instante. Não chores, meu anjo. Relaxa. Relaxa...

Ela sentiu a picada e, num remoinho e bulício, o mundo sumiu-se na escuridão.

Alguém estava a chamar pelo nome dela, insistente, o som penetrando o nevoeiro. Viu uma luz a aproximar-se e fez um esforço para abrir os olhos. Na confusão sobre si, pairava um rosto e ela concentrou-se em focar as feições.

– Ela está a acordar! – Rabindrah tocou-lhe na face. – Sarah? Consegues ouvir-me?

Atrás dele, ela distinguiu movimento. Camilla e Hannah estavam a sorrir-lhe. O pai e a mãe exibiam um sorriso radioso. E Rabindrah estava a virar-se para uma enfermeira, pegando numa coisa das mãos dela, a inclinar-se.

– Temos uma filha, querida. Olha! A criança mais bonita que alguma vez se viu.

Pousou a ínfima criatura ao lado dela e as pessoas que ela amava avançaram para olhar, para a beijar suavemente, para murmurar felicitações.

– É a cara do Rabindrah. – Camilla sorriu ao realçar a mensagem e Hannah apertou-lhe a mão.

– Parabéns, minha filha. – As lágrimas corriam copiosamente pelas faces de Raphael enquanto Betty pegava na neta pela primeira vez. – Parabéns.

Depois foram-se embora e Sarah ficou com a criança nos braços, inundada de felicidade, de alívio e de gratidão, examinando a vida maravilhosa que

trouxera ao mundo. Pele cor de azeitona, uma trunfa de cabelo preto, e quando o bebé se mexeu e acordou, uns olhos amendoados contemplavam-na com uma expressão solene. Olharam uma para a outra, extasiadas. Rabindrah olhou para a mulher e para a filha, afastando-lhe as madeixas de cabelo da testa e passando o dedo pela perfeição da criança.

– Amo-te, Rabindrah.

Tão doces foram as palavras que ele quase não as ouviu. Baixou-se para enchê-la de beijos e para chorar de felicidade ante a dádiva de um milagre.

CAPÍTULO 34

Quénia, Dezembro de 1983

O primeiro ano na universidade fora difícil para James. A faculdade de Ciências Agrícolas e Veterinárias situava-se em Kabete, uma região agrícola quicuia, nos arredores de Nairobi. Muitos dos rapazes e raparigas do seu ano haviam estudado juntos desde crianças. O seu invulgar passado tornava-o solitário e distante. Passava longas horas a ler na biblioteca, um lugar poeirento onde os únicos sons eram o arrastar das cadeiras e vozes do *campus* universitário lá fora, quebrando a monotonia. À noite, deitado na cama, pensava em Suniva, que estava longe. Escrevia-lhe com frequência e as respostas dela chegavam com regularidade, descrevendo a vida na escola na Irlanda e os seus próprios sentimentos de isolamento. Era um sítio que ele não era capaz de imaginar e cada carta tornava-o mais consciente da distância entre eles. Durante os seus primeiros dias na faculdade, os outros estudantes do seu ano haviam-se mostrado curiosos, fazendo-lhe perguntas sobre as suas origens. Perguntas que eram difíceis de responder.

– Vivo numa fazenda – dissera ele. – Perto de Nanyuki.

– A fazenda pertence à tua família? Quantos hectares tem? – Uma rapariga de pele clara da região de Wakamba aproximou-se dele no refeitório. Inclinou-se de lado, com um sorriso convidativo, ao pousar os cotovelos na mesa de madeira e ao baixar os ombros, oferecendo uma visão clara da parte da frente do seu vestido.

– Não é a minha família – disse James. – Os meus pais morreram quando eu era pequeno e estas pessoas criaram-me. Na fazenda delas.

– Levas-me lá? – A rapariga pestanejou com os olhos escuros, de pestanas reviradas, e riu-se. – Chamo-me Katilo. O meu pai tem uma boa *shamba*,

mas eu consegui escapar embora ele continue a pensar que é um desperdício de dinheiro uma rapariga estudar. E a minha mãe protesta porque eu já não estou em casa para a ajudar.

– Como é que se chama o clã que te criou? – Kimani era um ano mais velho do que James. As suas roupas eram pobres e tinha por hábito apanhar o autocarro de Kabete para a cidade onde passava a noite a beber cerveja e álcool puro e rasca nos bares em River Road. Já tinha feito numerosos comentários sarcásticos relativamente à roupa de qualidade de James e ao facto de ele ter uma pasta de couro onde transportava os livros e os papéis. Quando pedira um empréstimo de mil xelins, James recusara educadamente e, desde então, era vítima de constantes afrontas.

– Olsen. O apelido deles é Olsen. – Percebeu instantaneamente que a sua resposta causaria mais problemas e o silêncio abateu-se sobre a mesa enquanto todos absorviam esta revelação.

– Se a tua mãe fazia *jigi-jig* com o grande *bwana*, como é que a tua pele é tão negra? – perguntara Kimani, provocando gargalhadas estrondosas.

James levantou-se, arrumou o lugar e afastou-se antes que alguém insistisse em mais explicações. Depois desse incidente, passou a dizer que a mãe trabalhara para uma família *wazungu* que se encarregara da sua instrução depois de ela morrer. Esquivou-se a outras perguntas e os colegas não tardaram a deixá-lo em paz ou diziam piadas à sua custa quando ele ignorava as suas perguntas e provocações.

*

Antes de deixar Langani para o seu primeiro trimestre fora de casa, Hannah e Lars tinham-lhe dado dinheiro para roupa e para despesas, além das propinas e do alojamento, mas ele gastava pouco e não participava em muitas das actividades que os outros estudantes apreciavam. Pelo contrário, ia para Karen aos fins-de-semana, onde ganhava dinheiro extra a trabalhar no armazém de Anthony. Gostava de ficar em casa dos Chapman, onde os filhos louros de Camilla corriam livremente no grande jardim. Ensinou Jack, de quatro anos, a andar na sua bicicleta e construiu um pequeno carrinho para Annabel, puxando a criança de colo pelo relvado e ouvindo-a

guinchar de excitação enquanto os cães corriam ao seu lado num frenesim. Noutras alturas, voltava para Langani para ajudar na fazenda e estar próximo das suas recordações de Suniva. Hoje em dia era Mike Stead quem estava frequentemente à frente da administração quotidiana da fazenda. A irmã de Lars divorciara-se do marido quatro anos antes e era agora dona da propriedade dos Olsen na Noruega, onde vivia com a idosa mãe de ambos. O facto possibilitara a Hannah e a Lars juntarem-se a Anthony na compra de vários hectares, na praia de Msambweni, e as duas famílias haviam construído casas adjacentes com vista sobre o mar, perto do local onde Piet iniciara o seu trajecto para a recuperação.

– Vamos passar a Páscoa a Msambweni e tu tens de vir, James. – O sorriso de Piet era torto e ele ainda arrastava as palavras, mas o seu entusiasmo ilimitado pela costa não diminuía e estava constantemente a pedir a Hannah para o levar lá.

– O James tem de se aplicar nos estudos neste momento, e concordou em trabalhar para o Anthony durante parte das férias da Páscoa – disse Hannah.

– Nem toda a gente tem a oportunidade de ir para a universidade e ele também precisa da experiência que o teu pai e o Mike lhe dão aqui na fazenda.

– É mais giro em Msambweni quando ele está connosco. E a Suniva também. – O desapontamento de Piet era evidente.

– Claro que é. E, no próximo ano, vamos lá passar mais tempo juntos. Mas tu não vais ser muito popular se tornares a virar o barco do Saidi.

Hannah pousara a mão na face do filho e estava a rir ao falar, mas não se virou para incluir James na sua resposta. Olhava agora para ele de forma diferente, com uma expressão estranha e quase triste, mas tingida de outra emoção que permanecia um mistério. Ao fim de algum tempo, James assumiu que o seu amor por Suniva era a causa desta mudança nela e ignorava a mágoa, sabendo que esses sentimentos eram belos e irrepreensíveis.

Suniva. O seu talento artístico era extraordinário e a professora dela em Nairobi insistira com Lars e Hannah para que a mandassem para fora nos dois últimos anos da escola secundária. Isso dar-lhe-ia a oportunidade, mais

tarde, de obter um lugar numa escola de arte prestigiada. Fora Sarah quem sugerira St. Columba's, nos arredores de Dublin, pensando que a casa dos pais em Sligo seria um bom sítio para saídas de fim-de-semana, nas férias intercalares e durante as curtas férias da Páscoa. Por vezes, à noite, James torturava-se com a ideia de que ela encontraria alguém que amaria entre os rapazes brancos, ricos e talentosos com quem estudava todos os dias.

Antes de ela partir para a Irlanda, tinham ido juntos ao seu lugar na floresta. Ele havia-o transformado numa robusta cabana, no ano anterior, e Suniva levava uma mesa baixa e cadeiras e um velho divã que cobrira com mantas e almofadas. No seu último dia juntos, James beijara a sua boca macia e ela incitara-o a tocar-lhe nos seios, de mamilos róseos, e a enfiar-lhe as mãos dentro dos *jeans*, onde estava quente e húmida. Deitados lado a lado, cada um a sentir o bafo do outro na pele, beijaram-se e afagaram-se e murmuraram até ele não aguentar mais.

– Vamos fazê-lo agora – sussurrou ela. – Já estás dentro da minha alma e eu dentro da tua. Vamos fazer parte um do outro. Por favor.

– Não, Suniva. Agora não. – O seu corpo ardia, o seu coração batia descontroladamente, prestes a estourar-lhe no peito, mas sentia que não seria bom para ela. – Quero amar-te dessa maneira, mas não agora. Hoje não é o momento, mas ele há-de chegar em breve. Se esperares por mim.

– Espero – disse ela. – Amo-te, James.

– Amo-te, Suniva.

Nunca esqueceria o cheiro e o gosto dela nessa tarde, os seus olhos azuis e o desenho das suas sobrancelhas, os seus próprios dedos entrelaçados no cabelo dourado dela. Haviam jurado o seu amor um pelo outro e ele sentira-se louco de desejo por ela. Quando ela se fora embora, escondia-se todos os dias na floresta e tentava agarrar-se aos últimos vestígios do tempo que haviam passado ali juntos.

Inicialmente, culpara Sarah por ter mandado Suniva para um lugar tão distante. Mas os Singh revelaram-se a sua salvação, em muitas ocasiões, durante o seu primeiro ano em Kabete. Quando se sentia particularmente só, ia para casa deles, absorvendo os relatos de Rabindrah sobre trapaças nas

altas esferas, ajudando Sarah na câmara escura e brincando com Maya no jardim. Sarah compreendia o seu sentimento de alienação, descrevendo-lhe o que ela própria sentira quando fora para a universidade em Dublin.

– Era frio, húmido e desolador – disse ela. – Era tudo cinzento. Como tu, não conhecia ninguém. Partilhava um apartamento minúsculo com o meu irmão, o Tim. Pensei que seria divertido, mas os estudantes de Medicina são um desastre. Ele chegava dos turnos dele exausto, preparava qualquer coisa numa sertã que deixava no lava-louça para eu lavar e caía redondo na cama. Eu imaginava que ia conhecer os médicos jovens que eram amigos dele, mas eles só se interessavam por *pubs* e cerveja e por andar atrás das enfermeiras que eram mais fáceis e menos inocentes do que eu.

– Como é que sobreviveste?

– Ofereci-me como voluntária num centro para pessoas sem abrigo – disse ela. – Bêbados e toxicodependentes e pessoas que tinham tido azar na vida. Havia alguns personagens maravilhosos entre eles. Poetas e dançarinos e um ex-pianista de concerto. Dávamos-lhes de comer e água quente e camas lavadas, e tentávamos mantê-los longe da bebida e dos demónios que os possuíam. Foi nessa altura que comecei a tirar fotografias. Ganhei um concurso com uma série de retratos que fiz dessas vidas corajosas e arruinadas.

– E depois vieste para aqui e participaste no estudo dos elefantes?

– Sim – disse ela. – Os meus pais não ficaram nada satisfeitos. Embora tivesse tirado a minha licenciatura, eles achavam que eu devia continuar e fazer um mestrado. Ficar na Irlanda. Mas eu só queria voltar para casa. Estar no Quénia. – Fez uma pausa, inclinando a cabeça de lado e sorrindo com tristeza. – Estar perto do Piet.

James nunca a ouvira falar assim, talvez porque ela o considerara uma criança. Agora falava-lhe como igual e ele sentia-se orgulhoso.

– Foram dias excepcionais – disse ela. – Estar com o Dan e a Allie e o Erope em Buffalo Springs, observando essas criaturas grandes e sensatas e aprendendo a compreender as suas estruturas familiares. Depois o Piet foi assassinado e eu quis morrer também, em lugar de continuar a viver sem ele. Mas tive sorte. Sorte por ter amigos maravilhosos e por ter finalmente

conhecido o Rabindrah. – Pousou-lhe uma mão na face. – Nunca desistas – disse ela. – A Suniva voltará em breve e não há-de ter mudado. Entretanto, podes vir para cá sempre que quiseres. O Rabindrah passa muito tempo fora e eu e a Maya gostamos da tua companhia.

– Obrigado – disse ele com humildade. – Há fins-de-semana em que trabalho para o Anthony no armazém. E, durante as férias, ajudo no acampamento quando ele tem um grande safári. O Lars também me dá trabalhos na fazenda e no *lodge* e eu gosto de passar tempo com o Piet.

Tentou soar entusiasmado mas a verdade é que o que queria fazer nas férias era estar com Suniva. No entanto, ela não voltou para passar o primeiro Verão. Hannah e Lars decidiram pegar em Piet e Jorgen e viajar até Itália, onde Lottie inscrevera Suniva num curso de História da Arte e Pintura Renascentista. A ausência dela abriu-lhe um abismo no coração e, embora o fluxo de postais e cartas continuasse, havia momentos em que o deprimiam. As imagens e palavras que ela usava para descrever a sua vida e a arte que vira na Europa transmitiam-lhe um sentimento de incompetência e inferioridade, realçando as mudanças entre eles, enquanto ele estudava os rudimentos da agricultura e a anatomia das vacas. Na biblioteca da cidade, trazia livros sobre pintura e escultura e estudava-os, memorizando os nomes dos artistas e as pinturas que o impressionavam mais. Mas não era o mesmo que ver os quadros ou as figuras no seu contexto real e o facto de poder nunca vir a ter essa oportunidade desalentava-o. Foi Camilla quem o surpreendeu concentrado num livro já gasto sobre Botticelli.

– Não sabia que te interessavas por arte – disse ela, rindo-se de si mesma por não ter adivinhado a razão. – Fiz um curso de História da Arte em Itália quando tinha mais ou menos a idade da Suniva. Tenho os meus livros e apontamentos algures num caixote, se quiseres lê-los. Não são muito eruditos, mas acho que o meu professor me ajudou com algumas observações interessantes.

James pegou no caixote e, à noite, depois de concluir os seus trabalhos de casa para a universidade, lia vorazmente os livros de arte de Camilla, até as figuras pintadas se desfocarem e dançarem diante dos seus olhos cansados.

Quando Suniva chegou no Natal, ficou assombrado com a visão que emergiu do carro. Ela estava mais alta, o cabelo comprido e lustroso, a pele pálida. A roupa que usava era diferente e a sua forma alterara-se. Ao vê-la, foi percorrido por uma onda de desejo que o deixou constrangido e de língua atada. Não conseguia relacionar esta nova Suniva com a rapariga de jardineiras rasgadas que fazia corridas com ele para o seu esconderijo na floresta, acendia uma fogueira para cozinhar a truta que tinham apanhado com as mãos e deixava que ele beijasse o rosto bronzeado.

Nesse primeiro dia, mantivera-se retraído, enquanto a família se sentava no relvado e ouvia as histórias dela. O seu coração abateu-se com o sol poente, ainda em fogo mas prestes a extinguir-se. Demasiado tímido para lhe dirigir mais do que umas quantas palavras, passou o fim da tarde a conversar com Piet sobre as plantas e flores que se haviam tornado a sua paixão e a jogar um jogo de tabuleiro com Jorgen. Quando Suniva passou por ele, ao entrar em casa para jantar, sentiu a pressão dos dedos dela e ouviu a mensagem sussurrada. Encontrar-se-ia com ele ao romper do dia. No seu lugar especial.

Não dormiu, dando voltas na cama, o corpo a transbordar de anseio e receosa expectativa. Deixou o complexo ainda no meio da escuridão, e estava à espera quando ela entrou na clareira e se lançou nos seus braços, e ele sentiu o coração dela a bater contra ele. Deitaram-se num cobertor que ele levava, beijando-se, tocando-se, murmurando, afirmando o seu amor um pelo outro, a infelicidade da separação, a alegria extasiada de estarem novamente juntos. Ele não pediu mais do que ela oferecia e consentia, contente em saber que, apesar de todas as contrariedades, permanecera no seu coração. A partir dessa manhã, tornaram-se mais uma vez inseparáveis.

Hannah assistia impotente, vendo cada toque secreto e mensagem silenciosa que passava entre eles. Aquilo que mais temia concretizava-se e intensificava-se, e ela não tinha qualquer poder para o travar. Tinha cada vez mais dificuldade em encarar James de frente, em oferecer um gesto ou uma palavra de afecto ao rapaz que salvara e de quem cuidara durante a maior parte da sua vida. O rapaz que agora se tornara um homem, cuja aparência com o pai lhe formava um nó de medo na garganta sempre que

aparecia. A memória de Simon Githiri, há muitos anos enterrada, regressava para a atormentar.

– Estão apaixonados – disse ela a Lars. – Ela tem quase dezoito anos e escolheu o James. É o meu pior pesadelo a realizar-se e tenho medo que ele traga um novo tipo de destruição às nossas vidas. Como o pai antes dele. Temos de pôr fim a isto.

– Hannah, não acredito que haja nada a temer do James.

– O Simon Githiri era um assassino. – A sua afirmação foi brutal, não contendo qualquer vestígio de perdão.

– O James não é o pai. É um jovem responsável e sério e nunca nos deu motivo de preocupação – disse Lars. – Ele e a Suniva cresceram juntos. Se tentarmos impedi-los de estarem um com o outro agora, só os aproximaremos mais. Sabes bem. Passa-se o mesmo com todos os pais. Eles são novos, Han, e sempre que ela partir, os caminhos deles hão-de distanciá-los cada vez mais um do outro. É inevitável.

– Estás enganado – disse Hannah. – Isto não vai passar.

Uma semana mais tarde, Camilla chegou com os dois filhos e a *ayah* deles e, nessa tarde, Anthony deixou os seus clientes de safári no *lodge* e foi ter com eles a casa.

– É maravilhoso podermos fazer isto – disse Camilla. – Todos os anos tentamos juntar-nos no Natal e no Ano Novo, mas é a época do ano mais preenchida do Anthony. Era mais fácil quando éramos só os dois e eu podia ir ter ao acampamento ou trazer os nossos clientes de safári aqui para o *lodge*. Mas com o Jack e a Annabel não é possível. Lembram-se no ano passado quando o Anthony teve clientes habituais para o Natal e Ano Novo que não tinham paciência para crianças? Tivemos de manter a distância e eu tive de deixar a árvore de Natal montada até meados de Janeiro para as crianças a poderem partilhar com ele.

Jorgen e as duas crianças dos Chapman já tinham desaparecido no jardim com a *ayah*, e pouco depois chegou o som de chapinhar na piscina que fora construída para Piet.

– Vamos ter com eles – disse Hannah. – Está estupendo esta tarde no jardim.

– Onde está a Suniva? – perguntou Camilla, deitada na relva, com a cabeça no regaço de Anthony. – Deve estar no sétimo céu, em casa depois destes meses todos.

– É um desastre – disse Hannah. – Nunca saem da vista um do outro e só Deus sabe o que fazem quando estão longe da minha.

– O James?

– Numa palavra. – Hannah abriu os braços.

– Tornou-se um belo rapaz – disse Anthony. – Aprende depressa. Absorve tudo como uma esponja. Tenho-o treinado para guia suplente e condutor de safári sempre que ele vem a um dos acampamentos. Consegue detectar um leopardo como qualquer pisteiro e os nossos clientes adoram-no porque é encantador e muitíssimo inteligente. Um dia destes, há-de ser uma vantagem no *lodge*. E o curso de agricultura dele há-de torná-lo indispensável para o Lars, se ele quiser ficar em Langani depois dos estudos.

– Mas eu não quero que ele se torne indispensável para a minha filha – disse Hannah. – Posso aceitar quase tudo, mas isso não. Sei que parece errado e, não sei porquê, mas nunca esperei isto. Ele é a imagem do Simon, e eu tenho problemas em lidar com isso.

– Há uma forte semelhança física que me surpreendeu já algumas vezes, e a Sarah também achou perturbante – disse Camilla. – Mas não me parece que o James tenha ponta de maldade nele. Além disso, a Suniva vai conhecer pessoas muito diferentes nos próximos anos, especialmente na escola de arte. A longo prazo, não me parece que o James tenha quaisquer hipóteses. Provavelmente são os últimos dias agrídoces de um romance de infância.

– O Lars também não parece incomodado – disse Hannah, com um suspiro. – Mas tu ainda não os viste, e hás-de engolir as tuas palavras quando o fizeres. Só sei uma coisa sobre esta situação, que é a absoluta necessidade de lhe pôr fim.

– Não podes – disse Anthony. – A oposição nunca dá resultado.

– Tens razão, querido. Tenta acalmar-te, Han. – Camilla falou com firmeza. – A Suniva só cá está mais dez dias e depois não vão estar um com outro até ao próximo Verão. É muito tempo quando se tem dezassete anos.

– Que notícias há da Sarah? – Hannah estava demasiado desanimada para insistir no assunto da filha. – Não tinha a certeza se o Rabindrah estaria por cá nas férias.

– Está cá, felizmente, e vão passar o Natal e o Ano Novo em Tsavo – disse Camilla. – No acampamento da Allie. Ela está completamente absorvida no seu projecto dos leões, devoradores de homens ou não. É muito famosa agora, em grande parte devido aos livros da Sarah e do Rabindrah. Com financiamento regular e um fluxo de jovens zoólogos a competir pela oportunidade de trabalhar com ela. Está segura e feliz.

– O próprio Rabindrah tornou-se numa força de peso no jornalismo – disse Anthony. – Começou com os artigos dele sobre o Massacre de Garissa há três anos, depois o livro sobre a corrupção nos países africanos independentes e agora é uma figura internacional – disse Anthony. – Hoje em dia parece passar tanto tempo fora do Quénia como no país.

– Eu sei que a Sarah se sente só por vezes – disse Hannah. – Mas tem a Maya, que é a menina dos olhos dela. Felizmente teve a sensatez de não a estragar de mimos e de não construir a vida dela em torno da criança. É pena que não tenham mais filhos.

– Os livros dela são profundamente gratificantes para ela – disse Camilla. – E acho que o último sobre migração é o melhor de todos. Mas anda sempre preocupada com o Rabindrah. Com medo que ele se torne num alvo por causa do seu trabalho. Vejam só o sistema de segurança que tiveram de instalar na casa de Gigiri. Muros com arame farpado e cacos de vidro e *askaris* no portão, dia e noite. Mas, feitas as contas, ela tem o que mais desejava.

– Então tem quase tanta sorte como eu. – Anthony beijou a mulher e levantou-se. – Vou dar um salto ao *lodge* com estes malandros a que chamam crianças. Com o Jorgen também, se não houver problema. Têm juízo suficiente para se portarem bem quando há animais em volta. Volto dentro de uma hora.

– E o Hugo? – perguntou Hannah depois de Anthony partir. – Não é provável que apareça em Tsavo durante o Natal, pois não?

– Não. Só volta no Verão – disse Camilla. – A Allie diz sempre à Sarah quando ele vem e depois há uma viagem fotográfica ou uma digressão de palestras ou um safári com o Rabindrah e a Maya. No Verão passado, foram à Nova Guiné visitar o irmão dela e as fotografias dela vão provavelmente ser o tema do próximo livro dela. O contrato do Tim em Madang está quase a terminar e ela espera que ele tente arranjar um emprego aqui. Ele aprendeu a pilotar e está particularmente interessado no Serviço Aéreo de Assistência Médica. Seria maravilhoso para ela se o Tim arranjasse qualquer coisa no Quênia. – Arrastou, hesitante, um pé pela piscina, mas não tardou a retirá-lo da água gelada. – De qualquer modo, é mais que certo que um dia vão esbarrar um com o outro, a Sarah e o Hugo. Suponho que, depois de todo este tempo, não tem importância, mas até agora não aconteceu.

– Quando penso no que vimos e vivemos juntas estes anos. – Hannah rompeu a rir. – E sobrevivemos a tudo. Olha só como o Piet está bem, com o seu amor por plantas e jardins, e o seu talento para fazer crescer as coisas. E quem teria pensado que o Jorgen, que cabia na palma da mão do Lars quando nasceu, se transformaria num terrorista de palmo e meio com pernas compridas como uma girafa. E os teus são uns catraios *lekker*.

– Andam sempre à bulha, mas defendem-se ferozmente um ao outro de qualquer estranho. Sobretudo dos pais – disse Camilla. – Diz-se que os dois anos são os piores, mas as crianças de três e cinco parecem infinitamente mais exigentes. Tenho uma regra rigorosa segundo a qual só se podem pegar depois das nove da manhã quando estão no jardim-escola e eu já saí para o estúdio ou para uma das lojas. – As suas palavras e riso deixavam transparecer uma sensação de paz. – Não sei como mereci tal felicidade, mas estou profundamente grata por todos os momentos.

– Gostava de saber no que se vão tornar – disse Hannah, sorrindo. – E se vão pôr tudo em pantanas como nós, no nosso tempo.

Quando chegou o último dia e as malas de Suniva estavam feitas, ela saiu de casa antes de alvorecer. James estava à espera na curva do caminho, com o motor da velha carrinha a trabalhar. Ela saltou para a cabina ao lado dele e dirigiram-se para a crista. Depois de subirem o trilho, detiveram-se ao lado do *cairn*, assistindo ao nascer do sol.

– Não te quero deixar – disse ela, encostando a cabeça ao seu ombro, os braços dele à volta da sua cintura. – Também não quero deixar Langani. Posso desenhar e pintar aqui, sem anos de aulas em lugares distantes.

– No ano passado, tive medo que te esquecesses de mim – disse James.

– Nunca digas isso! – Ela virou-se para o encarar. – Pertencemos um ao outro. Nada há-de mudar isso. Não podemos deixar que mude. E, embora em teoria eu não venha passar a Páscoa, vou tentar convencê-los. Hei-de arranjar maneira.

– Olha para a fazenda – disse James. – Não se consegue vê-la assim de mais sítio nenhum. É mais bela do que todas as pinturas que já vi.

– É por isso que a minha mãe aqui vem – disse Suniva. – Para estar perto do irmão. Anda sentar-te ali no banco de pedra. É o lugar onde ele costumava sonhar com as coisas que ia fazer aqui. Mas foram a minha mãe e o meu pai que as fizeram e ela vem cá acima para lhe contar e falar com ele quando tem problemas.

– Tu falas com ele?

– Nunca o conheci mas sim, falo com ele – disse Suniva. – A minha mãe e a Sarah dizem que ele olha por nós e pela fazenda, e agora vamos falar com ele. Pedir-lhe que nos ajude a manter o nosso amor vivo e forte, para que nunca nada possa destruí-lo. Porque eu hei-de amar-te sempre, James. – Pegou numa pequena pedra e pressionou-a contra o coração dele antes de ele a meter no bolso da camisa.

– E eu hei-de amar-te até ao fim da minha vida – disse ele.

CAPÍTULO 35

Quénia, Fevereiro de 1984

— **P**apá, gostas dos meus sapatos? — Maya saltitou diante dele, exigindo a sua atenção e barrando-lhe a passagem para o escritório.

— Espantosos — disse Rabindrah, seguindo com os olhos as pequenas e finas pernas dela até aos pesados sapatos de couro verde e cor-de-rosa, com cordões púrpura. — Mas são muito garridos. Onde é que a tua mãe os arranjou?

— Foi a Camilla que os trouxe de Londres — disse ela. — Estão na moda. A Annabel também tem uns, mas os meus têm mais cores. Recebi-os hoje e nunca mais vou tirá-los.

— Isso é potencialmente malcheiroso — disse ele, pegando nela ao colo e baloiçando-a no ar, abraçando-a até ela não poder respirar e se contorcer nos seus braços. Tinha de mantê-la inocente, despreocupada e segura o mais tempo possível. Para que ela nunca visse as coisas que ele vira. Era tão perfeita, com os seus olhos grandes e amendoados, o cabelo preto e a boca carnuda. Temperamental também. Herdara esse traço de Sarah. E agora estava a tornar-se numa entendida de moda, com menos de seis anos. — Onde está a mamã?

— Na câmara escura. Pinteí montes de desenhos para ti enquanto estiveste fora. Queres vê-los?

— Adorava. E o teu trabalho de casa também.

— Já chegaste! — Sarah ouvira o tinido das chaves do carro dele na taça que tinha na mesa da entrada. — Pensei que só vinhas amanhã. Fantástico.

— Amanhã são os anos do Jack. A Camilla vai fazer um piquenique nos montes Ngong e fomos convidados para passar lá o dia — disse Maya. —

Vens, papá? No teu carro, com a capota aberta?

– Vou – disse ele. – Se me mostrares o trabalho de casa.

Ela riu-se e correu para o quarto e ele estendeu os braços para Sarah, o contacto com ela erradicando a pressão da viagem, da distância e dos hotéis estrangeiros onde passara demasiado tempo em bares com os colegas jornalistas, ou deitado na cama a ver programas de televisão em que não tinha o menor interesse.

– Fala-me da Etiópia. – Ela estudou o seu rosto cansado, desejosa pelos dias de tranquilidade que aí vinham. Ele estivera ausente mais de uma semana e, embora ela já se tivesse habituado e se mantivesse ocupada, o instinto dizia-lhe que esta missão fora diferente.

– Uma catástrofe humana à espera de acontecer. – A voz de Rabindrah era infinitamente triste. – Uma fome que vai matar centenas de milhares, mas ninguém quer saber. Vi crianças com cabeças de tamanho normal e corpos tão magros e minúsculos que parecem extraterrestres. Os seus pequenos ossos saem através da pele, as caras estão cobertas de moscas que rastejam sobre os seus olhos desesperados, abertos mas sem ver. Crianças nos braços das mães, demasiado letárgicas para chorar, a morrer de fome. O governo etíope gastou a maior parte do dinheiro a reforçar o orçamento militar enquanto as pessoas que devia proteger morrem à fome. O que quer que eu escreva agora, é demasiado tarde. – Deixou-se cair no sofá e Sarah sentou-se ao seu lado. – Por vezes, acho que cheguei ao limite, Sarah. Que devíamos sair daqui, criar a Maya longe desta miséria e violência que crescem à nossa volta como uma doença que consome tudo.

– Cobres sempre os piores tópicos – disse ela. – Há coisas boas a acontecer aqui. Em toda a África.

Ele abanou a cabeça. – Trevas – disse ele. – O que tenho visto ultimamente é o coração das trevas. Não é diferente da visão de Conrad.

– Há progresso – insistiu Sarah. – Vai demorar várias gerações até as pessoas compreenderem como se devem governar melhor e a impedirem que o que lhes pertence seja roubado pela corrupção e pela ganância. Mas há esperança. A educação vai acabar por vingar, mesmo que demore tempo. Se sentes mesmo que chegaste ao limite, porque é que não fazes uma

pausa? Vamos escrever outro livro. Qualquer coisa que restaure a tua fé nas coisas belas que nos rodeiam.

– Isso requeria uma inspiração extraordinária – disse ele.

– Tenho uma ideia sobre barcos. – Sarah tentou ilustrar o seu entusiasmo, arrancá-lo ao seu estado de espírito sombrio. – Um livro sobre *dhow*s e *ngalawas* e barcos de pesca. Como surgiram essas bonitas formas, como são construídos sem desenhos, através de conhecimentos transmitidos de geração em geração. Os símbolos gravados neles, a forma e o material das velas, onde vão, o que transportam. Podíamos começar a pesquisar na próxima semana, quando formos para Msambweni ter com a Hannah e o Lars. Estou ansiosa por ir, e a Maya está excitadíssima por ir passar tempo com a Camilla e os dois terroristas dela. O que é que dizes?

– Acho que és a optimista de quem preciso para não perder o juízo – disse ele, sorrindo finalmente. – Mas tens de aumentar a dose.

A chamada chegou quando estavam a vestir-se para o jantar. Sarah ouviu a crepitação e a estática na linha.

– É alguém no *bundu* – disse ela. – Para falar contigo. Posso dizer que não estás? – Ficou deliciada quando ele assentiu com a cabeça, levando um dedo aos lábios.

– O Rabindrah está para fora – disse ela. – Pode tentar amanhã outra vez?

– Mrs. Singh? – A voz parecia italiana. – Conheci o seu marido em Garissa há quatro anos. Depois do massacre em Bulla Karatasi. Preciso de falar com ele o mais rapidamente possível. Chamo-me Annalena Tonelli.

Sarah retraiu-se ao recordar o incidente bárbaro em que uma aldeia no rio Tana fora atacada, num acto de retaliação pelo assassinio de seis funcionários do governo. A área era principalmente habitada por pastores nómadas de origem somali que vagueavam pela região com as suas manadas de camelos, vacas, ovelhas e cabras, em busca de pastagens e água. Nos anos que se seguiram à Independência, não fora feita qualquer tentativa para os integrar nem para implementar na região serviços de saúde e educação. As forças de segurança locais tinham poderes ilimitados para prender as pessoas e confiscar os seus bens e exerciam esse poder com

grosseiros abusos dos direitos humanos. Os habitantes de Bulla Karatasi haviam sido acusados de dar guarida a bandidos somalis. Violação, espancamentos e tiros haviam resultado em centenas de pessoas lançadas para valas comuns ou para o rio. O governo negara qualquer envolvimento e as promessas de uma investigação não tinham dado em nada.

Perto do telefone, Rabindrah ouviu o nome e recordou-se vividamente de Annalena. Uma advogada italiana baixinha, trabalhara durante anos para levar saúde e educação às pessoas esquecidas do distrito árido e escassamente povoado de Wajir. Ele escrevera vários artigos, chamando a atenção internacional para os seus esforços, e tirou o auscultador das mãos de Sarah.

– Annalena. Acabei de chegar da Etiópia. Em que posso ajudar-te?

– As coisas estão más em Wajir – disse ela. – O governo cortou o abastecimento de água ao povo Degodiya e levou os homens. Prisioneiros. A desculpa é a luta entre os clãs somalis. As forças de segurança dizem que só serão libertados quando entregarem as armas.

– Quantos degodiya estão presos? Não há muito espaço na prisão em Wajir.

– Foram apanhados cerca de cinco mil e levados para o aeródromo em Wagalla, a seis ou sete quilómetros daqui. – A voz de Annalena sumiu-se por momentos quando o rádio assobiou e entrou mais uma vez em acção. – *Wananchi*, homens de negócios, chefes religiosos e até funcionários do governo. É como Bulla Karatasi, mas pior.

– Quando é que isso começou? – Rabindrah sabia que ia ser mau.

– Há dois dias. Ninguém está autorizado a aproximar-se do aeródromo, nem sequer para levar medicamentos. Ouvi dizer que obrigaram os homens a deitar-se de barriga no alcatrão debaixo do sol tórrido. Há relatos de tortura e matanças. Algumas pessoas escaparam, mas a maioria morreu no deserto. Encontrei um ou dois sobreviventes, delirantes e a contar histórias macabras. Consegues fazer chegar isto aos jornais internacionais? E tens maneira de me fazer chegar medicamentos para os que escaparam?

– Preciso de testemunhos oculares – disse Rabindrah. – Estou aí amanhã.

Um véu encobria o regresso a casa. Sarah não perguntou se ele precisava realmente de ir, se correria perigo ou quando poderia regressar. Teria sido inútil protestar. Por vezes, pensava que ele poderia passar mais tempo em casa se tivessem tido outro filho. Um rapaz, para quem ele quisesse ser uma presença mais constante, como pai e como guia. Era uma questão que nunca ousara colocar-lhe, embora tivesse perguntado uma vez a Maya se ela sentia a falta de um irmão ou de uma irmã.

– Como o Jack ou o Jorgen? Que horror! Para quê? – A filha franzira o rosto e espetara o dedo no nariz para indicar o que pensava dos dois rapazes. – Sempre à procura de minhocas e cobras, a puxar-me o cabelo ou a fazer pouco de mim. Seja como for, a Annabel é minha irmã. Não precisamos de mais ninguém.

Rabindrah partiu antes de amanhecer, tendo reunido medicamentos de acordo com uma lista que Annalena ditara pelo rádio. Levou o *Land Cruiser*, enchendo a traseira com tantos recipientes de água quantos podia transportar, beijando a filha adormecida e pedindo desculpa à mulher. Sarah resignara-se há muito às suas ausências mas, desta vez, invadiu-a um terror gélido que lhe penetrou os ossos quando ele pôs o carro a trabalhar. Quando ouviu o portão fechar-se, foi à sala de estar e pegou numa fotografia encaixilhada do marido, apertando-a contra o coração.

– Quem me dera que tivesses ficado em casa – disse ela. – Também fazes falta aqui.

Chegando a Isiolo, Rabindrah passou uma noite desconfortável no hotel decrepito, inteirando-se sobre a melhor maneira de chegar a Wajir. Uma forte presença militar na área indicava que estava a passar-se algo de importante. De manhã, partiu em busca de um polícia ou de um oficial do exército para subornar. O proprietário do hotel disse-lhe que a estrada estava fechada, que havia muitos postos de controlo em todas as estradas para norte.

– Muitos soldados, ninguém passa – disse ele. – Dão tiros. Não deixam entrar *wazungu* ou *wahindi*. Nem sequer os locais podem passar.

– Porquê? O que estão a fazer?

O homem revirou os olhos. – Wajir é lugar mau agora. Vá para casa. É melhor.

À porta do hotel, um jovem com uma camisa puída e um *kikoi* estava sentado no guarda-lamas dianteiro do *Land Cruiser*. Levantou-se e encaminhou-se para Rabindrah, alto e aflitivamente magro mas com movimentos graciosos e a fronte e pescoço altos de um somali.

– Chamo-me Omar – disse ele. – Quer ir para Wajir? Ouvi-o dizer isso no hotel.

Rabindrah indicou que sim, com alguma cautela. Se fosse um informador da polícia e descobrissem que era jornalista, a sua viagem terminaria em Isiolo.

– Que quer ir lá fazer? – Omar estava a estudá-lo.

– Quero visitar uma amiga. Levar medicamentos.

– Como se chama essa amiga?

– Annalena Tonelli – disse Rabindrah após uma breve hesitação.

– Eu conheço a Mama Tonelli – disse o jovem, estendendo o braço para agarrar na mão de Rabindrah. – Boa senhora. Senhora santa. Eu levo-o junto dela.

– A estrada está bloqueada. – Rabindrah abanou a cabeça. – O exército não nos deixa passar.

Omar emitiu um ruído de escárnio. – Não vamos pela estrada – disse ele. – Eu levo-o por outro caminho. O caminho do meu clã.

Rabindrah estudou-o em silêncio, ponderando. Podia ser mais perigoso do que recorrer ao suborno num posto de controlo militar. Conduzir em região de bandidos com um rapaz somali desconhecido como guia.

– Porque é que queres ir a Wajir? – perguntou.

– Tenho de encontrar a minha família – respondeu Omar simplesmente. – Desapareceram todos.

Possuía uma expressão honesta e retribuiu o escrutínio de Rabindrah com um olhar sereno. Era uma loucura, mas não havia outra maneira óbvia de entrar no território e Rabindrah fez-lhe sinal para que entrasse no veículo. Partiram imediatamente, enfiando para o mato antes do primeiro posto de controlo militar na estrada de Mado Gashi. O sol atingiu o zénite enquanto

avançavam aos solavancos sobre saibro e areia, seguindo por trilhos de camelos usados por vaqueiros somalis ao longo de gerações de nomadismo.

– Sou degodiya – disse Omar. – Proibiram-nos a água e incendiaram as nossas casas. Os idosos que não podiam deslocar-se morreram lá dentro. O exército levou o meu pai e os meus irmãos, e as mulheres na minha família não têm casa. Não há comida nem água. Eu trabalho no hospital com a Mama Tonelli e, quando os soldados chegaram, ela escondeu-me até anoitecer e depois disse-me para fugir. É a única maneira de me manter vivo. Mas tenho de encontrar a minha mãe e as minhas irmãs e saber o que aconteceu ao meu clã. O governo quer matar-nos a todos.

Avançaram por terreno cada vez mais hostil, acabando por chegar a um local de abrigos feitos de ramos, montados numa área de espinheiros parcialmente limpa. Rabindrah parou o carro e saiu. Centenas de mulheres e crianças estavam reunidas no calor abrasador. Tinham as roupas chamuscadas e fixavam o chão, não falando nem olhando para o carro que chegara. Omar moveu-se entre elas, fazendo perguntas. Em seguida, soltou um grito de reconhecimento quando uma mulher e três raparigas novas levantaram os braços para ele e começaram a chorar. Através do ar escaldante, aproximou-se outra figura, pequena, com um longo lenço de algodão enrolado na cabeça e sobre os ombros, segundo a tradição somali.

– Rabindrah! Já sabia que arranjavas maneira de cá chegar. – Acercou-se dele, levantando a mão para o saudar.

– O Omar é um bom guia – disse Rabindrah. – Quem é esta gente?

– São todos degodiya – disse Annalena. – Os homens foram levados, as casas destruídas, e temem que os soldados as violem e matem os filhos se voltarem para Wajir. As organizações internacionais de ajuda humanitária estão proibidas de entrar no distrito, mas eu pinteí uma cruz vermelha na traseira e nos lados do meu carro e fui à procura de sobreviventes.

– E os homens em Wagalla?

– Estão aqui dois que escaparam. Um já não posso ajudar, mas podes falar com o outro. – Chamou Omar para que os acompanhasse.

À sombra de um espinheiro enfezado, Annalena tinha instalado uma tenda médica. Dois voluntários descarregaram os medicamentos, que empilharam,

e os recipientes de água que Rabindrah levava. Dentro da tenda, um indígena degodiya estava deitado num cobertor, a cara e as mãos desfeitas, todo o peito uma ferida em carne viva, a supurar. Os seus olhos estavam fechados e a respiração saía a muito custo. Estava sentado outro homem ao seu lado, ostentando marcas de tortura, embora as queimaduras no seu corpo fossem menos graves.

– Lidan, este homem é dos jornais – disse Annalena. – Conta-lhe tudo o que aconteceu ao teu clã. Omar, tu traduzes. – Sentou-se no chão ao lado do outro paciente, administrando uma dose preciosa de morfina para lhe dar alívio na hora da sua morte.

– Foi o exército. – Lidan falava com dificuldade, o queixo inchado, as gengivas ensanguentadas e sem dentes. – Disseram que tínhamos matado pessoas de outro clã. Puseram-nos em camiões, tiraram-nos os documentos de identidade e levaram-nos para o aeródromo em Wagalla. Muitos milhares, sob a ameaça de armas. Os que protestaram foram mortos. Mandaram-nos tirar a roupa e deitar-nos de barriga no chão. Com o sol, a nossa pele colou-se ao alcatrão e ficámos queimados. Bateram-nos com paus e cajados. Se confessássemos e entregássemos as armas, íamos em liberdade, disseram. Deitaram gasolina em alguns homens e queimaram-nos vivos.

Omar começara a soluçar, mas Lidan estava determinado em prosseguir.

– Não havia água. – A voz agonizante de Lidan tornava a descrição ainda mais horrífica quando recomeçou. – Bebemos a nossa urina para sobrevivermos. Alguns de nós decidiram não permanecer deitados e deixar que nos matassem. Levantámo-nos juntos e corremos para a vedação. Alguns conseguiram passar por cima mas a maioria foi morta. Tivemos de deixá-los pendurados no arame. – Não conseguiu continuar e um fio de lágrimas brotou-lhe dos olhos fechados.

– Tenho andado à procura de mais sobreviventes no deserto. – Annalena levantou-se. – Vou agora outra vez, Rabindrah. Vens comigo?

Iam avançando lentamente, perscrutando a paisagem em busca de sinais de vida, e encontrando apenas a morte. Homens que haviam sucumbido de fome, sede e feridas terríveis, deitados onde haviam caído, os seus tristes

restos atraindo os necrófagos do mato. Perto do aeródromo, a pestilência era opressiva. Estavam estacionados camiões ao longo da vedação de arame, onde muitas vítimas ainda se encontravam penduradas. O alcatrão estava pejado de corpos, uns quantos dignos de piedade passando pelas últimas horas de desidratação e ferimentos fatais. A fetidez da morte pairava no ar abafado, fazendo com que Rabindrah se engasgasse e vomitasse ao aproximarem-se da cena infernal. Era claro que haviam chegado ordens para libertar os prisioneiros que ainda estivessem vivos e para eliminar os mortos o mais rapidamente possível. Sob as instruções de um oficial, cujo uniforme indicava uma patente superior, pessoal militar estava a levantar corpos e a empilhá-los em camiões numa confusão de braços e pernas. À vista do veículo com a cruz vermelha, os soldados tornaram-se nervosos e agressivos. O oficial que supervisionava o destacamento dirigiu-se em passos largos ao veículo de Annalena e espetou-lhe a arma na cara. Não pertencia a nenhum clã somali.

– Não é permitida a entrada a ninguém aqui – gritou ele. – És uma espia! Uma espia! Serás morta!

Ela virou-se para olhá-lo nos olhos, o cano da espingarda apontado ao meio da sua testa. Mantendo o olhar na cara dele, falou numa voz calma.

– Conhece-me de Wajir – disse ela. – Sou uma mulher de paz que cuida de todas as pessoas. Sempre dei medicamentos a todos os homens, mulheres e crianças necessitadas, independentemente do seu clã.

O dedo dele fechou-se sobre o gatilho e Rabindrah compreendeu que, assim que ele começasse a disparar, não ficaria ninguém vivo. Pensou em Sarah e Maya, o seu terror tingido pelas dores lancinantes da saudade e da mágoa. Depois o homem aliviou a pressão e afastou-se da janela aberta.

– Vai, Mama – disse ele em voz baixa. – Deste remédio à minha mãe aqui há tempos e ela ficou boa. Vai depressa. – Rabindrah mal ouviu as últimas palavras. – E que Deus te acompanhe.

Passaram o resto do dia e a maior parte da noite a andar em círculos cada vez mais largos pelos arredores do campo de aviação, em busca de sobreviventes. Os poucos que encontraram foram levantados com o maior cuidado e colocados na traseira do veículo, hidratados e mantidos tão

confortáveis quanto possível até poderem ser tratados. Viajaram pela área durante dois dias, salvando os vivos e enterrando os muitos mortos que apodreciam na areia escaldante. Não havia sinais dos homens, parentes de Omar, e Annalena encorajou-o a levar a mãe e as irmãs e a regressar com Rabindrah a Isiolo para começar uma nova vida.

Seguindo por trilhos nómadas através do terreno árido e esquivando-se ao ruído de camiões militares e ao perigo dos postos de controlo, chegaram ao santuário poeirento de Isiolo à noite. Ao afastar-se, Rabindrah viu o rapaz desenrolar uma esteira e estendê-la no chão, virado para Meca e recitando uma oração ao Deus que ordenara a destruição da sua família e clã.

– A história saiu em todos os jornais internacionais – disse Sarah. – Como é que o governo pode negar o que aconteceu em Wagalla? Ninguém acredita que estivessem a tentar controlar as lutas tribais. Que só houve algumas dezenas de baixas.

– Estes incidentes não vão acabar – disse Rabindrah. – A violência fermenta por todo o lado. Cada vez mais tenho pensado na Maya. Quero que ela cresça num sítio que não seja uma bomba-relógio de animosidade tribal, corrupção e ignorância. Não posso ser uma Annalena Tonelli e não acredito que ela sobreviva muito tempo, apesar de a missão dela ser implementar a paz, a saúde e a educação. Um dia destes, alguém, como esse soldado que nos ameaçou, vai matá-la. Será uma mártir, manchete durante algum tempo, mas a carnificina vai continuar. Quero ver a nossa filha tornar-se mulher num ambiente seguro. Temos de começar a pensar, Sarah, para onde podemos ir.

– Ele ficou profundamente afectado com o que viu na Etiópia e em Wagalla – disse Sarah, sentada com Hannah na praia em Msambweni. – Nunca o vi assim. Sempre se agarrou à convicção de que aquilo que faz pode fazer a diferença. Iluminar a vida das pessoas e aliviar parte dos seus problemas. Agora está determinado em deixar o país.

– Provavelmente já não pensará assim dentro de um ou dois dias – disse Hannah. – O ar da costa cura tudo com o tempo. Sinto-me tão grata por termos construído esta casa. Foi sobretudo para o Piet, a princípio, mas

tenho passado aqui momentos muito felizes com o Lars, ou até sozinha. É um lugar doce e curativo. Tenho a certeza que há-de levantar o ânimo ao Rabindrah. Torná-lo menos pessimista. E além disso, para onde é que iriam? A nossa terra é esta desde crianças. E do Rabindrah também. Iam ter dificuldade em adaptar-se noutro lugar.

– Não sei. – Sarah estava abatida. – Só sei que não posso ignorar sentimentos tão fortes nele.

– Lembro-me quando o Lars estava consumido pela culpa por deixar a Kirsten sozinha na quinta na Noruega. Entrou numa tal depressão que, a certa altura, pensei que ia ter de lá passar metade da minha vida para salvar o nosso casamento. – Hannah lembrou a noite em que Lars batera no fundo e sentiu-se fria por dentro. – E depois a Ilse divorciou-se do arrogante e presumido marido e foi para a quinta. É perfeito para ela e poupou-nos àquilo que teria sido uma péssima decisão para todos.

– Aí vem ele – disse Sarah quando Rabindrah vinha a descer o caminho de casa para ir ter com elas.

– Não admira que passes aqui tanto tempo hoje em dia – disse ele a Hannah. – É intemporal e doce, com o oceano e os pescadores e a vista purificadora de uma praia deserta. A Sarah anda a pensar num livro sobre barcos.

– Parece um bom tema – comentou Hannah. – Há bastante tempo que não escrevem um livro juntos. E podem cá ficar enquanto pesquisam.

– Veremos – disse ele. – Vou reflectir durante algum tempo e logo se verá.

CAPÍTULO 36

Quénia, Março de 1985

— **E**stás a ter um excelente aproveitamento aqui em Kabete. — Os elogios do reitor eram raros. — Penso que deves tentar obter uma bolsa, James. A faculdade de Cirencester em Inglaterra oferece uma licenciatura em gestão ambiental e conservação que está mesmo a calhar para ti e complementaria os teus estudos actuais. Se passares pelo meu gabinete mais logo, ajudo-te a preencher os formulários.

Inglaterra. Não muito longe de Suniva, na escola de Dublin. James mal acreditava que a sorte lhe pudesse sorrir tão favoravelmente. Mas foram os formulários que o arrastaram de novo para a zona cinzenta das suas origens.

— O nome do teu pai? — O reitor tinha a caneta no ar.

— Karuri. — James sentiu-se imediatamente desconfortável.

— Primeiro nome?

— Não sei. Fui levado para um orfanato quando era muito novo. Os meus pais tinham morrido e alguém me deixou lá. Depois Mr. e Mrs. Olsen levaram-me para Langani. Não tenho mais nenhuma família que conheça.

— Ah, sim. — O reitor já ouvira histórias semelhantes. Os órfãos, muitas vezes, desconheciam a identidade da pessoa ou pessoas que os tinham deixado numa instituição. Os familiares raramente tinham recursos para os criar ou alimentar e, portanto, sentiam relutância em deixar os nomes. Contudo, não era comum uma família de agricultores brancos acolher uma destas crianças. — Bem, não tem importância, James. Estou certo de que Mr. Olsen pode assinar quaisquer outros documentos que sejam necessários.

No fim-de-semana seguinte, James apanhou a camioneta para Nanyuki e apanhou uma boleia até ao portão de Langani. Estava uma tarde tórrida e a

seca, mais uma vez, trouxera adversidades e morte. Vagueavam pela berma da estrada vacas e cabras, as suas costelas salientes e os movimentos lentos e pesados um sintoma de fome e sede, conduzidas pelos vaqueiros para longe do seu território normal em busca de água e pastagens. Os caules afiados de milho agitavam-se no vento quente, as espigas a definhar no calor impiedoso. Elevavam-se remoinhos de pó vermelho da terra estalada e seca e, na fazenda, a cultura de trigo estava reduzida a metade da produção normal. No complexo do pessoal e na casa principal, a água estava rigorosamente racionada e, até no *lodge*, havia avisos nos quartos a pedir aos hóspedes que usassem esse precioso bem com discernimento.

– É bom ter-te cá em casa – disse Lars, olhando para James com uma expressão estranhamente intensa. – Encontras o Piet na horta dele, a esforçar-se para manter as plantas vivas.

Levantou-se e observou a figura que se afastava com uma vaga inquietação. James transformara-se de facto num jovem atraente. Embora Hannah celebrasse sempre o seu aniversário na data em que ele chegara a Langani, não tinham a certeza da sua verdadeira idade. Lars imaginava que teria vinte e um anos, e a sua aparência com o pai tornara-se inconfundível. Era um alívio que Kamau e Mwangi estivessem reformados. Ambos haviam conhecido Simon Githiri, mas nunca lhes fora dito qual era a relação entre o assassino de Piet e James, o rapaz órfão que Hannah acolhera. Só David sabia a verdade, e cumprira a sua promessa de nunca a revelar.

James não levava amigos da faculdade a Langani e não falava dos colegas senão de passagem. Era um solitário, segundo diziam os professores. Era um estudante dedicado e ambicioso que não convivia muito e entregava trabalho cuidadosamente preparado e sempre a horas. Os seus únicos amigos verdadeiros eram os irmãos com quem crescera. Lars interrogou-se se James teria uma namorada. Se tinha, seria um alívio para Hannah, que continuava a rezear o laço entre a filha e o rapaz cujo passado secreto não era capaz de esquecer. No entanto, a amizade entre James e Piet era igualmente profunda e firme e ela compreendia o seu valor.

Embora ele tivesse feito progressos, Hannah recusava-se a mandar Piet para a escola. Ensinara-o em Langani com a ajuda de um professor que

vinha da escola em Nanyuki. Piet nadava diariamente na piscina, mesmo quando o vento frio e os céus plúmbeos de Julho e Agosto tornavam a água demasiado gelada para o gosto dela. Por vezes, a fala dele era indistinta, especialmente quando estava cansado, e ainda coxeava um pouco. A operação que lhe fora finalmente feita aos tímpanos fora bem-sucedida, até certo ponto, e ele conseguia ouvir com a ajuda de um aparelho auditivo. Dominava ainda a linguagem gestual e a leitura de lábios, mas as suas competências académicas não eram famosas, o que destruíra a sua confiança. A sua verdadeira paixão era cultivar coisas. Tudo o que Piet plantava no solo brotava em verdes rebentos que davam flor e sementes e frutos gordos e sumarentos, e hortaliças que eram usadas em casa e no *lodge*. Na costa, apropriara-se de uma secção do jardim e dera-lhe o mesmo uso. Recentemente, começara a vender os seus produtos caseiros à empresa de safáris de Anthony e esperava expandir as suas culturas de forma a oferecer o mesmo serviço a outros acampamentos e hotéis.

– Que tal vai isso, meu? – Piet estendeu um cesto de hortaliças para James inspeccionar, sorrindo de satisfação. – São para o jantar. Nunca provaste nada tão bom. O meu pai matou uma impala para assar esta noite. É bestial estares cá uns dias. Estou farto da companhia do meu pai e da minha mãe e desse horror do Jorgen. É um alívio ele ir todos os dias para a escola, ainda que seja só por umas horas. Tens notícias da Suniva? Quase nunca sei nada dela.

– Escreveu-me uma carta recentemente – disse James cautelosamente.

– Às tantas tem mais que fazer nessa escola irlandesa. – Piet riu-se, ignorante do efeito da sua observação em James. – Vamos dar um salto ao clube em Nanyuki por uma hora. A minha mãe está lá a jogar ténis. Diz que precisa de emagrecer e, com este calor, há-de suar uma data de quilos. Pede ao meu pai que te empreste a carrinha. Ele nunca te recusa nada.

Passaram o resto da tarde em Nanyuki e, no regresso à fazenda, deixaram Hannah no *lodge*.

– O papá pode trazer-te cá mais tarde – disse ela. – Estão cá alguns hóspedes interessantes e uma pessoa que tu conheces vem passar a noite. Ah, e pergunta-lhe se ele falou ao *fundi* do problema com o gerador.

Mas havia outra pergunta que James queria fazer a Lars e, depois de tomar um duche e mudar de roupa, bateu à porta do escritório.

– Preciso de informações sobre a minha família – disse ele, ciente da alteração na expressão de Lars. – Sobre o que aconteceu aos meus pais. O reitor perguntou-me quando estava a preencher os formulários para Cirencester e gostava de saber as respostas. Não só por ele, mas por mim.

– Os teus pais morreram, James. – Lars foi cuidadoso a responder. – Nunca te falamos deles porque sempre fizeste parte da nossa família. Desde que a Hannah te trouxe para cá de Nyeri, quando tinhas cerca de dois anos e eras um menino muito inteligente. Tinhas um problema num pé e ela levou-te a um médico em Nairobi que o resolveu.

– Que tipo de problema?

– Nascestes com uma coisa que se chama pé boto, o que quer dizer que o teu pé direito estava virado para dentro.

– Foi por isso que os meus pais me deixaram nesse sítio? – James estava a par das superstições tribais frequentemente ligadas às deformidades.

– Não, não foi por isso que foste para o orfanato – disse Lars, arrependido de ter levantado um assunto desnecessário. – Seja como for, um cirurgião em Nairobi operou-te e esticou os músculos durante um certo tempo com moldes de gesso. À noite, a Hannah punha-te uma ligadura no pé e, passado algum tempo, começaste a andar normalmente. Foste extraordinariamente corajoso, mas o mais certo é não te lembrares de nada disto.

– Acho que me lembro da ligadura à noite – disse James. – Mas queria perguntar se conheceram os meus pais e como morreram.

– Nunca os conhecemos – respondeu Lars. Coçou a cabeça e tentou falar vagamente. – Penso que morreram num acidente de viação. Numa camioneta. Tu sobreviveste e por isso foste levado para o orfanato e lá ficaste até a Hannah te trazer para aqui. Tivemos sorte em encontrar-te, James. Sempre foste bom rapaz e agora tornaste-te um belo homem. Temos muito orgulho em ti.

– Obrigado – disse James, surpreendido com a diferença entre a resposta de Lars e a que David lhe dera em criança. Qual era a verdadeira? Não queria abordar Hannah. Alguns anos antes, tentara fazer-lhe uma pergunta

semelhante, quando outros rapazes na escola se tinham metido com ele por não ter família. Ela evadira a pergunta, dizendo-lhe que não devia pensar no passado que não se podia recuperar. Tinha um futuro risonho, disse ela, e não precisava de mais nada. Era claro que ninguém em Langani conhecia muito bem as suas origens, mas agora lembrou-se que poderia talvez abordar Sarah sobre o assunto. Talvez ela soubesse por que razão Hannah o escolhera, uma criança quicuia desconhecida, no orfanato. E se soubesse, talvez tivesse alguma ideia sobre o que realmente acontecera aos pais. Se soubesse alguma coisa, haveria de lhe dizer. Sempre confiara nela.

– Tens tido bom aproveitamento em Kabete desde o princípio. – Lars interrompeu o seu raciocínio. – Quando saí da quinta do meu pai e fui para a faculdade de Agricultura, foi difícil para mim. Mas depois descobri a cerveja e as raparigas e tudo se tornou mais agradável. Embora comesse a aplicar-me menos. – Riu-se e pousou a mão no ombro de James. – Espero que sejas aceite em Cirencester. O ambiente e a conservação são duas áreas que seriam muito valiosas aqui. É um bom curso. Vamos agora ter com o Piet e depois vamos até ao *lodge*.

– É o melhor lugar, aqui em cima – disse James, juntando-se a Hannah na plataforma de observação.

– Sim, é muito especial – disse Hannah. Virou-se para olhar para ele e fez um ligeiro esgar, como se tivesse sentido uma dor. – A propósito, o Anthony acaba de chegar com os clientes. Porque é que não vais cumprimentá-los?

– É cada vez mais difícil olhar para ele – disse ela a Lars, depois de James se afastar. – Sobretudo quando passa um certo tempo sem o ver.

– Eu sei. Reparei nisso esta noite. E, estranhamente, ele fez-me perguntas sobre os pais. O reitor interrogou-o quando estava a preencher os impressos para Cirencester.

– O que é que disseste? – Hannah sentia uma profunda inquietude.

– Que morreram num desastre de camioneta.

– É plausível – disse ela. – Ainda ontem houve um acidente terrível na estrada de Thika em que morreram doze pessoas e mais ficaram feridas.

Ainda bem que te lembraste disso.

– Estão a olhar para o futuro de lugares como este – disse Anthony aos seus clientes ao fazer as apresentações. – O James cresceu em Langani e agora está a estudar agricultura na Universidade de Nairobi. Depois espera ir estudar gestão da conservação numa faculdade em Inglaterra. Uma maneira ideal de todos os quenianos trabalharem em conjunto e protegerem o que viram durante o vosso safári.

Estavam a conversar calmamente e a observar a procissão de animais em baixo. Havia mais animais do que o habitual, uma vez que o território circundante estava extremamente seco e o bebedouro por baixo do *lodge* era uma das poucas fontes ainda viáveis. Tinha havido queixas de agricultores de subsistência da região. O *bwana* branco tinha água que dava a elefantes e a búfalos e a outros *nyama*, diziam, enquanto o gado e os produtos deles estavam a morrer da seca. Na semana anterior, Lars fora obrigado a matar um búfalo que assaltara um milheiral numa fazenda cooperativa adjacente. O animal abatido representara uma boa provisão de carne para a família, mas precisavam de água. Mais uma vez, as manadas rondavam os limites de Langani e as pessoas estavam a roubar água dos poços e do que restava da represa.

– Soube que passaste recentemente um fim-de-semana com a Camilla – disse Anthony, sorrindo a James. – Como é que estavam os meus *totos*? Acho que estão a pô-la louca, põem tudo em pé de guerra quando não estão fechados na escola.

James riu-se. As crianças eram louras como a mãe e desenfreadas e agrestes como o pai sempre fora. Mas era um lar feliz, onde era bom estar, e ele ficara grato pelo convite. Mas Camilla insistira em ir buscá-lo a Kabete e a aparição de uma mulher branca num novo *Land Cruiser* deu azo a comentários grosseiros quando subiu para o banco da frente ao lado dela.

– Passei bons momentos com eles – disse James. – Fomos andar a cavalo na floresta de Ngong. Ouvíamos um leopardo e os cavalos não gostaram nada. E fomos ao cinema, ver *O Livro da Selva*. Agora o Jack e a Annabel não se calam com as canções.

– Daqui a duas semanas, o Piet vai passar um tempo connosco, talvez possas aparecer também – disse Anthony. – Tenho uma pausa curta dos safáris.

– Sinto muito. – James procurou uma forma de declinar o convite sem ofender. – A Sarah convidou-me. Nessa altura já voltou da Irlanda. – Arriscou. – Esteve lá com a Suniva.

– Ah! E presumo que a Suniva também vem passar o Verão a casa. – Anthony detectou a forte saudade na voz de James. – Em Agosto vamos estar na costa. Lembras-te da primeira vez que fomos? Eu e tu e o Piet e o Otieno? Foi quando ele começou a recuperar as forças. Desde então, temos adorado o tempo que passamos lá.

– É um lugar alegre – disse James, os seus olhos iluminando-se à ideia de Suniva a nadar com ele na água morna, perseguindo os seus sonhos na crista das ondas. Quando a beijasse, ela saberia a mar, retribuindo os seus beijos e pondo os braços à sua volta. E talvez mais.

– Preciso de falar com o jovem Piet por um momento, sobre as hortaliças para o nosso próximo safári. E dizer-lhe que tenho um *rafiki* que também lhe quer fazer uma encomenda.

Era já tarde, à noite, quando James apanhou David com um momento livre. Ele estava atrás da zona da recepção, a organizar e a arquivar os talões e os recibos do dia.

– Lembras-te de me falares dos meus pais? – James apoiou-se ao balcão, nervoso e tamborilando com os dedos na superfície polida. – Disseste que o meu pai foi roubado e morto em Nairobi e a minha mãe ficou muito doente e morreu.

– Isso foi há muito tempo. – David passou-lhe um maço de papéis. – Toma. Ajuda-me a separar esses talões antes de a Hannah os vir buscar.

– Conheceste a minha mãe? – insistiu James. Havia algo que lhe dava a certeza de que David a vira. – Ela não veio aqui, à fazenda?

– Não. Não me lembro. Acho que nunca cá veio. Não tenho a certeza. – David parecia atrapalhado. – Já morreram há muito tempo. De que serve saber exactamente quando ou como? Tu estás vivo e andas na universidade.

Às tantas até vais para Inglaterra, ao que ouvi. Tens uma boa vida à tua frente. Não precisas de pensar em mais nada.

– Tu também tens uma boa vida – disse James, detectando a nota de inveja na observação de David.

– Sim, é boa, mas há-de ser sempre igual e há-de ser sempre aqui. Agora sou casado e tenho uma mulher e quatro filhos e uma *shamba* para tratar. Pude andar na escola e a Hannah ajudou-me com os meus estudos. Estou melhor que muita gente. Mas a minha vida não vai mudar. E olha para o meu pai. O velho Kamau reformou-se da cozinha e agora senta-se à porta da cabana o dia todo a observar as mulheres a lavrar os poucos hectares de terra que conseguiu comprar. É o que tem ao fim de quarenta anos de serviço, e é o que esperava. Mas quando *tu* tiveres a minha idade ou a idade do Kamau, podes ir para onde quiseses e fazer sombra a quem quiseses. Lembra-te disso e esquece o que não importa.

– Preciso de deixar a Maya em Lavington – disse Sarah. – Vai passar a tarde com uma amiga. E no regresso vou passar pelo supermercado. Infelizmente, o Rabindrah só chega depois de amanhã. Vai dar um mergulho, James, depois de leres as cartas que eu trouxe. E, mais tarde, tomamos um chá e levamos os cães a passear e eu conto-te tudo da Irlanda. – Sorriu com um brilho maroto nos olhos. – E da Suniva.

James passou muito tempo a ler as cartas de Suniva e a ver uma selecção de fotografias que Sarah tirara. Suniva diante de um edifício histórico, a rir para a objectiva. O cabelo louro comprido escapara de baixo de um gorro de lã e esvoaçava-lhe na cara e tinha a gola do casaco e o cachecol enfiados sob o queixo e a bela boca sorridente. Estava com um ar feliz, à vontade neste ambiente distante de que estava excluído. Fechou o envelope e meteu-o ao bolso. Passou os dez minutos seguintes a inspeccionar as estantes, mas não conseguia concentrar-se em nada e vagueou pelo alpendre e pela sala de estar, de mãos nos bolsos, impaciente pelas notícias que Sarah traria. O rádio estava a tocar música, mas ele achava-a irritante e baixou o volume. Por cima do rádio, as prateleiras estavam cheias de álbuns de fotografia antigos e ele tirou três e começou a folheá-los, lendo os títulos com

interesse. Havia fotografias de Sarah com os pais e o irmão, na casa grande em Mombaça onde crescera. Mais à frente no álbum, ela estava num cais ao lado de um rio largo e cinzento, rodeada de pessoas com rostos magros e macilentos, cujas roupas eram tão coçadas como as dos mendigos em Nairobi. Devia ser em Dublin, onde ela estudara e ajudara os pobres. Dublin, onde Suniva estava. O álbum seguinte mostrava Langani. Havia imagens de Jan van der Beer, um homem alto e robusto, com feições largas e um chapéu de couro. Tinha uma espingarda na mão e havia um leão aos seus pés. Noutra página, Lottie sorria para a câmara, ladeada por Hannah e Camilla, e o filho Piet tinha o braço sobre os seus ombros.

O último livro continha uma série de planos em safári, com Anthony, Camilla e Hannah com ar de adolescentes. Piet também figurava nestas fotografias e havia imagens espantosas de leopardos, elefantes e búfalos, de *moran* samburu e das mulheres, a saltar e a dançar com os seus melhores atavios, e a magnificência selvagem do cenário do Norte, com as legendas escritas na letra firme de Sarah em cada página. A última secção mostrava o *lodge* em construção e James estudou-a com interesse, reparando na forma como as estacas, o telhado de palhiço e as paredes curvas haviam sido fixados à pedra existente para se harmonizarem com o ambiente.

Quando virou a última página, soltou um som estrangulado. Piet estava no centro da imagem, o sol realçando o seu corpo ágil, o seu rosto repleto de um optimismo radiante. À sua direita estava um *syce* segurando nas rédeas de um cavalo. Do outro lado, um jovem fixava a objectiva, com uma expressão ligeiramente inibida, como se não se sentisse à vontade a ser fotografado. James olhou, incrédulo, para a sua própria imagem. Era inconfundível. Calculou rapidamente os anos e tentou acalmar o coração e a excitação que se intensificava dentro dele. Aproximou os olhos para ler o título. *Kipchoge, Piet e Simon*. Poderia ser o seu pai? Sarah tinha-o conhecido e, a ser verdade, porque é que nunca lhe dissera, durante os anos da sua infância ou até depois de se tornar adulto? Sarah, que sempre parecera tão frontal e honesta. Podia perguntar-lhe mas, como todos os outros, ela devia estar a esconder uma verdade qualquer. Talvez devesse

procurá-la ele. Tirou um canivete do bolso, separando cuidadosamente o instantâneo do álbum. Depois fechou o livro, colocou-o no sítio e saiu de casa.

Na estação central de camionagem, James apanhou um *matatu* para Nyeri. Comprou um bilhete e passou horas sentado no veículo superlotado e instável, chegando à vila já a noite ia avançada. Acabou por arranjar um hotel barato, com uma cama precária e lençóis sujos, pagando alguns xelins pelo quarto. Durante as intermináveis horas até amanhecer, ficou à escuta da correria das baratas nas paredes e uma vez viu uma ratazana a passar no linóleo rasgado que cobria parte do chão de cimento. De manhã, tomou um duche de água gelada, debaixo de uma boca enferrujada, e comeu uma tigela de *ugali* servida com chá fervido numa grande caçarola com leite e açúcar. Em seguida, partiu para a Missão da Consolata.

Foi recebido à porta por um dos padres italianos que o conduziu a uma sala formal onde ele se sentou a uma mesa rodeada de cadeiras de espaldar alto e direito.

– Sou o padre Guido – disse o padre. – Em que posso ajudar-te? Precisas de trabalho? Porque, infelizmente, não temos...

– Não estou aqui por causa de trabalho – disse James. – Estou aqui porque ando à procura de alguém. É que tenho um amigo cujo pai desapareceu e sei que a missão acolhe rapazes que não têm para onde ir. Antes de partir, este homem deixou o filho num orfanato porque a mulher tinha morrido e ele não tinha dinheiro para dar de comer à criança. E agora o meu amigo quer encontrar o pai. Compreender o que lhe aconteceu e porque é que foi abandonado. É por isso que estou a tentar ajudá-lo.

– Estou a ver. – O sorriso do padre Guido era compassivo mas levantara as sobrancelhas fartas numa pergunta muda. – Mas o teu amigo não veio pessoalmente.

– Anda a verificar outros lugares que acolhem órfãos. Dividimos as tarefas para apressar o processo. – James sabia que a história não soava muito convincente, que estava a engasgar-se nas palavras.

– Como se chama o teu amigo? – O padre Guido reclinou-se na cadeira, os dedos juntos em pirâmide. – Sabes mais ou menos quando ele foi cá deixado?

– James. Chama-se James Karuri. Tem agora vinte e um anos e julga que tinha dois anos quando o pai dele partiu. Mais tarde, foi adoptado por outra família que tomou conta dele e o mandou para a escola.

– E o teu amigo sabe o nome do pai?

– Era Simon. Tenho uma fotografia dele aqui.

– Simon Karuri. – O padre estudou a imagem a preto e branco, claramente captada numa fazenda europeia. Via a casa em segundo plano. E a extraordinária parecença com o jovem que o estava a interrogar não lhe passou despercebida.

– Mesmo que haja documentação sobre um Simon ou um James Karuri, não tenho a certeza de que possa prestar informações sobre ele ou o pai. Principalmente quando nem sequer és um familiar. – Levantou-se. – Vou saber junto do padre encarregado dos registos se é permitido. Espera aqui que eu não demoro. Posso saber o teu nome?

– Daniel. – James hesitou e fez uma pausa, tentando lembrar-se de um apelido. – Chamo-me Daniel Waweru.

Quando o padre Guido voltou, vinha acompanhado de um amanuense africano que trazia uma pilha de livros.

– Estes são os registos dos rapazes que acolhemos nos últimos vinte e cinco anos – disse ele. – Podes consultá-los à vontade, mas não há nenhum James Karuri registado. Temos dois rapazes com esse apelido mas são mais novos que o teu amigo e nenhum deles se chama James. Lamento, mas não é esta a missão que pretendes.

– Obrigado pela ajuda. – James pôs-se de pé. – Existe outro orfanato em Nyeri?

– Para rapazes ou jovens não. – O padre Guido fez uma pausa. – Mas as freiras por vezes acolhem raparigas com bebés por quem elas não podem olhar porque são pobres ou estão doentes. Podes tentar no convento. – Sorriu e levantou as mãos para oferecer uma bênção. – Acho que seria

melhor se lhes dissesse o teu nome verdadeiro. E de quem andas realmente à procura.

James balbuciou algumas palavras incompreensíveis e saiu da missão, encaminhando-se novamente para a vila. No convento, a freira idosa que o atendeu mostrou-se menos disponível.

– Irmã Maria Goretti. – Apresentou-se e conduziu-o a um salão para visitas, dominado por uma grande estátua da Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços e uma taça de rosas aos pés. – Senta-te, por favor. O padre Guido telefonou e disse-me que te esperasse. Estou aqui há mais de trinta anos e conheço bem as regras. Quando as mulheres trazem os bebés para aqui, é muitas vezes com o intuito de os dar para adopção. Por isso, não posso revelar os nomes dessas mulheres a terceiros nem as identidades das pessoas que criaram essas crianças como filhos.

– Não contei toda a minha história. – James compreendia que as meias-verdades não o levariam a lado nenhum. – Chamo-me Daniel Karuri e ando à procura do meu primo. Chama-se James, mas não sei que apelido tinha. Tem agora cerca de vinte e um anos e sei que foi tirado de um orfanato para viver com uma família branca. Tinha um pé doente e essas pessoas levaram-no a um médico que o curou.

Compreendeu imediatamente que descobrira as suas origens. O rosto da freira perdeu a cor e ela olhou para ele com uma profunda tristeza.

– Porque queres encontrar esse rapaz? E que podias trazer à vida dele se descobrisses onde estava?

– Faz parte da minha família e gostava de o conhecer – disse James. – Os meus pais têm uma *shamba* e também gostavam de o conhecer. Para lhe dizer que é bem-vindo no nosso clã. Que não está sozinho no mundo.

A irmã Maria Goretti foi sentar-se ao lado de James, as contas do seu terço tinindo contra a sua longa saia ao instalar-se. – O padre Guido está convencido, como eu, que nos abordaste com falsas pretensões – disse ela num tom severo. – Recebemos com frequência visitas de familiares que querem saber onde foram colocadas crianças abandonadas. Por vezes, é genuíno o desejo de conhecer um membro da família ou do clã. Mas muitas vezes é porque a criança é agora um homem ou uma mulher adulta que

recebeu educação e tem um bom emprego com um salário regular. Alguém que pode contribuir para a sua situação financeira. É um facto triste, mas real. – Observou James por alguns segundos, reconhecendo a turbulência que lhe ia no espírito. – Queres explicar-me a verdadeira razão para a tua visita? Talvez então te possa ajudar.

– Acho que sou o James Karuri – disse ele. – E tenho o direito de saber por que razão fui colocado num orfanato e o que aconteceu aos meus pais.

– Os Olsen sabem que estás aqui?

– Não. – James ficou estupefacto com a pergunta.

– Não vives com eles agora? Tiveram alguma desavença?

– Não vivo lá porque estou a estudar na Universidade de Nairobi, em Kabete. Conto ir para Inglaterra concluir os meus estudos e, para isso, preciso de saber o verdadeiro nome do meu pai. – James mostrou a fotografia. – Acho que o homem chamado Simon era o meu pai. Não há dúvida de que me pareço com ele.

A irmã Maria Goretti pegou na fotografia em silêncio e estudou-a por alguns momentos antes de a devolver a James. – Eu estava cá nessa altura. A tua mãe era muito nova e estava assustada quando aqui chegou com Mr. Olsen. Tinha sido maltratada por um tio com quem vivia. Espancada e obrigada a passar fome. Por isso fugiu, com grandes riscos pessoais. Fez a pé o caminho para Langani para encontrar o Lars Olsen e uma amiga dele, Sarah Mackay, que tinha conhecido na reserva quicuia onde tu nasceste. Precisavas de cuidados médicos, e Miss Mackay tinha dito à tua mãe que lhos arranjava.

– O meu pé. Ela sabia do meu pé. – James estava a tartamudear consigo mesmo. – Ela conhecia a minha mãe. Todos a conheciam.

– Mr. Olsen trouxe a tua mãe e a criança para aqui, onde estaria em segurança e o tio não poderia levá-la à força nem castigá-la. Nós gostávamos dela e ela estava determinada em proporcionar-te uma vida melhor. Curar o teu pé para poderes andar normalmente. Baptizámos-te aqui no convento e demos-te o nome de James.

– Ela está viva? – James sussurrou as palavras.

– Infelizmente, a tua mãe morreu pouco depois de chegar aqui – disse ela, virando-se para a estátua da Virgem. – Foi nessa altura que os Olsen decidiram dar-te um tecto. – Abruptamente levantou-se. – Não te posso dizer mais nada. Mas parece que a vida te correu bem e foste mais afortunado do que a maioria das crianças na tua posição. Deves agradecer a um Deus misericordioso, James, e aos Olsen, que olharam por ti ao longo dos anos. Prova a tua gratidão, tendo sucesso nos teus estudos e vive a melhor vida que pudes. É também o maior tributo que podes prestar à tua mãe pelo amor que te deu.

– O meu pai está vivo? – James tinha de saber. – E como se chamava a minha mãe? – Queria ouvir os nomes deles, mais do que qualquer outra coisa na vida.

– A tua mãe chegou aqui sozinha. O teu pai tinha-a deixado e depois morreu. O nome que ela deu era Wanjiru Githiri. É tudo o que posso dizer-te. Não devia sequer ter-te dado estas informações. Mas tu pareces um jovem sensato e seria errado não te deixar saber que a tua mãe era uma jovem excepcionalmente corajosa e afectuosa. – A freira tomou as mãos de James nas suas. – Adeus, James. Que Deus te acompanhe.

Abriu a porta e ficou a vê-lo afastar-se. Em seguida, dirigiu-se à capela para pedir perdão pelo seu pecado de omissão. Pelos factos trágicos que não lhe havia contado. E rezou para que ele encontrasse paz no que agora sabia e fechasse o capítulo das suas origens antes que fosse tarde de mais.

Githiri. Os pais chamavam-se Simon e Wanjiru Githiri. No entanto, fora-lhe posto o nome de Karuri, como Esther, a *ayah* que olhara por ele. Sempre assumira que ela era uma parente afastada. Agora interrogava-se se ela teria conhecido Simon e Wanjiru. Os seus pensamentos estavam num turbilhão. Sentado na camioneta, mal reparava nos fumos do escape e nos buracos na estrada, enquanto o vetusto veículo se dirigia para Nanyuki.

Desde que se reformara, Esther vivia numa pequena *shamba* nos arredores da vila. Perguntou o caminho para casa dela e começou a andar por um trilho tosco, levantando a cada passo a terra seca e vermelha que se lhe colava à roupa e aos arbustos já empoeirados de cada lado do caminho. As

cabanas estavam aninhadas na base de uma encosta, enfiadas entre hortas e arvoredos ocasionais. Entre as paredes de adobe, corriam galinhas e cabras e finos fios de fumo elevavam-se de aberturas nos telhados de palhiço. O sol começava a pôr-se e o ar estava fresco. As pessoas olhavam para ele com curiosidade enquanto ele prosseguia a sua marcha, passando por várias mulheres de aventais de couro, as orelhas, os braços e os tornozelos decorados com argolas de arame, as costas vergadas sob o peso da lenha que carregavam. Esther reformara-se dois anos antes, mas James nunca viera visitá-la. Agora sentia vergonha da sua indiferença.

Ela estava sentada à porta de casa, embrulhada num casaco de lã que Hannah lhe dera, a mexer uma panela de papa de milho. Olhou para o visitante, incrédula.

– Eh! O que estás a fazer aqui? Saí de Langani há dois anos e nunca te lembraste de mim. Tu, que dormiste em minha casa todas as noites da tua vida, como se fosses meu filho. Até o Piet já aqui veio com o David. E a Suniva trouxe-me agasalhos da Irlanda e um cobertor de lã para a minha cama. Mas tu não.

– Desculpa – disse James. – Tenho estudado muito na universidade em Kabete para acabar o meu curso na *Ulaya*. E, nas férias, tento ganhar dinheiro a trabalhar com o Anthony e na fazenda. E também no jornal onde o Rabindrah trabalha. Vou precisar de dinheiro se for aceite na faculdade distante.

– És demasiado importante agora. – Esther cuspiu no pó. – Embora tenha sido eu quem te criou como uma mãe, tanto como a Mama Hannah. Esqueceste-te disso. Foste a Langani muitas vezes. Sei disso pelo Piet. És um ingrato, agora que subiste na vida. Esqueceste as tuas origens.

– Nunca conheci as minhas origens – disse James. – Só agora é que descobri o nome da minha mãe. Wanjiru. Conhecia-la? Eras parente dela? Foi por isso que me puseram o nome de Karuri? – Ficou desapontado quando Esther abanou veementemente a cabeça. Tentou de novo, estendendo a fotografia. – Então talvez tenhas conhecido o meu pai. Chamava-se Simon Githiri.

Esther fitou-o, sem fala, a sua expressão paralisada de horror. Em seguida levantou-se, derrubando o banco, e afastou-se dele, entrando em casa e agarrando o puxador, numa tentativa para não o deixar entrar.

– Qual é o teu problema? – James enfiou o pé na porta. – Conhecias o meu pai e a minha mãe? Quem eram? Só hoje é que descobri os nomes deles. Na missão em Nyeri.

– Volta para a tua escola – disse ela. – E nunca mais voltas a Langani. Mantém-te o mais longe possível de lá. Até ao fim da tua vida. Porque estás amaldiçoado.

Bateu com a porta e, durante alguns minutos, ele bateu e gritou até os vizinhos começarem a juntar-se à volta dele e um jovem abrir caminho entre a multidão e agarrar em James pelo ombro.

– O que é que queres? Porque é que estás a gritar, a fazer aqui uma *matata*? Sai daqui, senão vou chamar os meus amigos e dou-te uma tarefa tal que ninguém mais te reconhece. Desaparece! *Toroka!*

James olhou em volta e percebeu que corria perigo. Furou por entre as pessoas que iam crescendo em número e desceu a correr o caminho para a estrada principal. Levava na boca o gosto amargo do medo e não sabia para onde ir. Se a reacção de Esther às suas palavras era um sinal, devia estar relacionado com os pais. Ela sempre o amara, olhara por ele quando estava doente, dera-lhe um lugar em sua casa e no seu coração. Encontrava-se sozinho na escuridão que caía, tentando raciocinar logicamente, decidir o que fazer. Via, à distância, a silhueta da montanha, o lugar onde o Grande Deus N'gai reinava sobre os seus súbditos dos seus picos gelados. Buscando inspiração, ouviu o ronco de um camião que se aproximava e, no mesmo momento, um velho fragmento de jornal voou na estrada à sua frente. Um sinal. Levantou a mão, polegar para cima, impelido por uma compulsão interior. O camião abrandou e parou.

– Quero ir para Nairobi – disse James, estendendo dinheiro.

O motorista assentiu, indicou-lhe que subisse para a cabina e arrancou novamente, rumando a sul, para a cidade.

Havia uma mensagem para James no quadro de informações da faculdade, quando se levantou da cama de manhã. Mrs. Singh tinha telefonado. Devia ligar-lhe urgentemente. Tirou o papel do quadro e rasgou-o em pedaços antes de sair do *campus* universitário. Sarah dissera-lhe que Rabindrah estava para fora e ele sabia que Gordon Hedley não estaria no escritório do jornal durante a hora de almoço.

– Mr. Singh mandou-me verificar uma coisa para ele nos arquivos – disse ele à secretária de Rabindrah. – Estou a investigar o tratamento da ferrugem do colmo do trigo e ele disse-me que podia consultar uns artigos que saíram no jornal aqui há tempos.

– Ele não está cá. – A rapariga franziu a testa, duvidosa. – E não falou em nada. Um estranho não pode entrar nos arquivos.

– Eu não sou um estranho. Já cá estive a ajudar o Rabindrah com trabalhos de pesquisa. Conhece-me perfeitamente. Mr. Hedley conhece-me. Sou o James Karuri, da Fazenda Langani. Estou a estudar em Kabete.

– Mr. Hedley também não está. Não vai voltar esta tarde – disse ela. – Mas sim, estou a reconhecer-te. Suponho que o Rabindrah se esqueceu de me avisar que vinhas. Eu levo-te lá.

Na crua luz fluorescente, ele pegou nos velhos arquivos de jornais e começou a sua pesquisa, começando pelo ano de 1965. Analisando as primeiras páginas, passou uma hora a ler, sem saber o que estava a procurar e temendo o desconhecido. E foi então que viu o cabeçalho. 28 de Dezembro de 1966.

Agricultor, Piet van der Beer, Assassinado em Langani

Mr. Piet van der Beer foi assassinado ontem à noite na sua propriedade, a Fazenda Langani, em circunstâncias trágicas. Foi morto à facada com uma panga. Foi encontrado pela irmã, Hannah, e por Miss Sarah Mackay, de quem ficara recentemente noivo. Um guarda-nocturno, Ole Sunde, e Kipchoge Koech, que tratava dos estábulos de Langani, foram igualmente vítimas do assassino.

As suspeitas recaem sobre um empregado da fazenda, Simon Githiri, que desapareceu na noite do crime. A polícia deseja falar com Mr.

Githiri e com qualquer pessoa que possa ter informações relativas ao seu paradeiro ou a estes crimes.

A cabeça de James estava a rebentar com uma dor tão lancinante que mal conseguia ver e as suas mãos tremiam ao fechar a pasta. Foi acometido por ondas violentas de náusea, mas não era capaz de contemplar a travessia do buliçoso escritório do jornal para sair para a rua. Ficou sentado, com a cabeça pousada nos braços estendidos, sozinho com o seu horror, e esperou que as ideias desanuviassem e a pressão atrás dos olhos diminuísse. Finalmente, endireitou-se e, com dedos trémulos, voltou a abrir as pastas, folheando lentamente as páginas amarelecidas, não querendo ver nem ler mais. Mas estava tudo ali. 7 de Junho de 1967.

Assassino de Agricultor Piet van der Beer Entrega-se

Ontem à noite, deu-se uma surpreendente reviravolta no caso do homicídio não resolvido de Mr. Piet van der Beer, em Dezembro de 1966. Às 20h00, Simon Githiri, suspeito e antigo empregado da Fazenda Langani, entrou na Esquadra da Polícia de Nyeri e confessou-se autor do crime.

«Simon Githiri entregou-se de livre vontade e confessou este crime abominável», declarou oficialmente o inspector-chefe Jeremy Hardy. «Encontra-se detido e será agora indiciado por homicídio.»

Mr. van der Beer foi encontrado pela irmã, Hannah, e pela noiva, Sarah Mackay. O seu corpo havia sido repetidamente golpeado com uma panga, os olhos arrancados das órbitas e os órgãos genitais cortados. Foi pregado ao chão como uma vítima de uma matança ritual. Outros dois empregados da Fazenda Langani foram assassinados na mesma noite. A polícia não fez qualquer comentário quanto ao motivo de Mr. Githiri, nem revelou os pormenores completos da sua confissão. Aguarda-se para breve o anúncio da data do julgamento.

A traqueia de James parecia ter sido completamente bloqueada e, lutando contra a falta de ar, ele agarrou-se aos braços da cadeira, esforçando-se por

respirar e preservar alguma réstia de razão. Ao fim de algum tempo, voltou às pastas e passou à frente vários meses, calculando o tempo que poderia ter passado até Simon Githiri ir a julgamento. O jornal não continha mais artigos relacionados com o crime, quer em 1967 ou no ano seguinte. Recomeçou no dia em que Simon Githiri se entregara. Não demorou muito tempo a encontrar o que procurava. O pequeno parágrafo causou-lhe calafrios.

Ontem à noite, um homem identificado como Karanja Mungai, assaltou, num ataque desenfreado na vila de Nyeri, um padre idoso, o padre Bidoli, da Missão da Consolata, e infligiu ferimentos fatais a Wanjiru Githiri, uma jovem mulher que trabalhava na cozinha do vizinho Convento da Consolata. Desconhecem-se os motivos deste ataque. O assaltante foi abatido pela polícia e o padre Bidoli continua nos cuidados intensivos, mas está, ao que se sabe, em condições estáveis. Ninguém mais ficou ferido no incidente.

Dois dias mais tarde, o jornal noticiava que Simon Githiri morrera na prisão de Nyeri, antes de o seu processo ser levado a tribunal.

James levantou-se a custo da cadeira e atravessou os corredores do escritório, em transe, saindo a cambalear para a rua. Perdera a essência do ser que conhecia. Perdera tudo. O trânsito fazia um barulho infernal, os vendedores ambulantes procuravam impingir-lhe os seus artigos e uma buzina soou quando ele se atravessou diante de uma bicicleta, fazendo o homem perder o equilíbrio e cair para o lado no fluxo de carros que circulavam na sua direcção. Não ouviu a chiadeira de travões nem os gritos que o seguiram enquanto avançava. Só tinha uma imagem no espírito. O único retrato amado que teria de ser apagado para sempre. Suniva.

CAPÍTULO 37

Dublin, Junho de 1985

A Escola Nacional de Arte e *Design* situava-se numa das zonas mais antigas de Dublin, nas imediações de muitas das principais galerias e museus de arte. O professor de arte de Suniva, Michael Ryan, sugerira que ela assistisse a uma palestra que poderia interessá-la.

– Vai ser proferida por um arquitecto convidado e estou convencido de que vais gostar.

– Um arquitecto? – Não era uma disciplina que Suniva tivesse considerado estudar.

– Um homem chamado Viktor Szustak. Vai falar sobre temas esculturais no *design* construtivo. O seu trabalho é extremamente original e tem uma excelente reputação. O que pode ser interessante para ti é que ele passou muito tempo em África. – Michael estava a ler um folheto que tinha na mão. – Diz aqui que o tempo que passou no continente africano «instilou nele uma paixão pela fluidez estrutural e contribuiu para a sua visão arquitectónica». A sua especialidade é o uso de materiais naturais, de origem local, e o *design* de edifícios que se fundem nos contornos do meio. Sugiro que vás ouvi-lo. Dá-te também uma oportunidade para visitares a tua nova faculdade. – Entregou o desdobrável a Suniva e saiu apressadamente.

Transpondo a entrada em arco para o antigo pátio empedrado, dominava-a uma sensação de expectativa. Observou os estudantes que se concentravam nos Degraus de Granary, conversando, rindo, discutindo acaloradamente, os braços cheios de rolos de papel ou grandes *portfolios*, o seu vestuário uma mistura ecléctica de moderno, excêntrico ou simplesmente bizarro. Reinava uma energia frenética em que ela se sentia completamente à vontade. Em

cada um dos edifícios, havia estudantes a dar os últimos retoques no seu trabalho antes de começarem as avaliações de fim de ano. Pintores nos seus cavaletes, escultores em escadas soldando estruturas de metal e suspendendo grandes formas orgânicas dos tectos. A biblioteca estava cheia, o estúdio de impressão repleto de desenhos em cores vivas, afixados nas paredes e em cima de mesas largas. Seria esta a sua base, o seu lugar de inspiração e descoberta nos próximos quatro anos. As saudades de casa, embora ainda fortes, eram mitigadas pela perspectiva desta nova vida e de tudo o que oferecia.

Suniva sentia-se exultante por ter sido admitida na escola. Apesar da feroz concorrência, fora escolhida entre trezentos candidatos. A única desvantagem era a duração do curso. Quatro anos. Uma eternidade, impossível de contemplar a não ser que James ganhasse a bolsa para Cirencester. Nesse caso, poderiam passar algum tempo juntos – um ou outro fim-de-semana, as férias da Páscoa. Longe do olhar vigilante da mãe.

A mãe era de ascendência bóer e Suniva estava convencida de que a sua objecção a James derivava de um preconceito racial intrínseco. Sabia que os pais esperavam que os seus sentimentos por James esmorecessem com o tempo, mas estavam enganados. Ele era o seu primeiro e único amor e isso jamais mudaria.

Os seus dois anos na Irlanda haviam posto a relação entre ambos à prova. Suspeitava de que fora mais difícil para James, pois ele não parecia ter forjado verdadeiras ligações com os seus colegas em Nairobi, ao passo que ela fizera muitas amizades na escola, se bem que tivesse evitado envolvimento românticos. Uma vez, num baile, deixara que um colega a beijasse, mas não experimentara qualquer prazer. Mais tarde, foi invadida pela culpa e passou a evitar incidentes deste género, explicando que tinha um namorado no Quénia à sua espera.

Na sala de conferências, arranjou lugar nas primeiras filas, aplaudindo com os outros quando Viktor Szustak foi apresentado. Vestido de preto e exibindo um lenço de seda vermelha ao pescoço, havia um lado espalhafatoso no homem que exigia atenção imediata. Era alto e imponente, com uma pele morena e cabelo preto espesso semeado de brancas nas

têmporas. Possuía um nariz forte, lábios cheios e sensuais, olhos encovados e muito escuros, enquadrados por fartas sobrancelhas. Emanava uma paixão e ferocidade felinas, como de um predador que persegue a presa. Movendo-se no estrado, usava as mãos com gestos largos e expressivos para sublinhar o que dizia e a sua voz denotava um sotaque pronunciado. Suniva deu por si a apreciar a cadência e tom das suas frases. Erudito e divertido, numa questão de minutos conquistara a atenção extasiada da audiência. Levara diapositivos dos seus projectos de construção para ilustrar a palestra e ela ficou impressionada com a beleza e harmonia das estruturas que ele criara. Parecia revelar uma afinidade com a paisagem na qual os seus edifícios se erguiam, quer os sítios fossem urbanos ou rurais.

Depois de lhes mostrar o seu mais recente trabalho na Europa, começou a falar dos quinze anos que passara na África Oriental que considerava a verdadeira inspiração dos seus projectos. Havia uma série de fotografias que mostravam um hotel na praia nos arredores de Mombaça e outra colecção de uma casa rural numa plantação de café virada ao monte Kilimanjaro. Suniva contemplou as imagens, extasiada e cheia de nostalgia.

O diapositivo seguinte fê-la soltar uma sonora exclamação, atraindo olhares do público enquanto olhava, ignorando o seu escrutínio. No ecrã, diante dos seus olhos, estava uma fotografia do *Lodge* Langani. E Viktor estava a falar sobre a sua construção, como marcara a implantação com estacas de madeira e fio, acompanhando as ondulações do próprio *kopje*, as paredes formadas, em parte, pela face da rocha circundante. Suniva fixava Langani, hipnotizada. Porque é que nunca ninguém mencionara Viktor Szustak em casa? Sempre pensara que fora o tio Piet que projectara e construía o *lodge*. Espantada, mal ouviu o resto da palestra. A sessão de perguntas e respostas chegou ao fim e Szustak começou a juntar as suas notas e diapositivos enquanto as pessoas saíam da sala.

Determinada em falar com ele, Suniva desceu apressadamente os degraus da sala de conferências e aproximou-se do pódio.

– Mr. Szustak? – Sabia que a sua voz soava estranhamente alta.

– Sim? – Ele levantou os olhos e ela notou algo na sua expressão. Surpresa. Um lampejo de reconhecimento que parecia implausível. – Posso

ajudar?

– O *Lodge* Langani – disse ela. – Construiu-o para o meu tio. Piet van der Beer. – Aguardou um sorriso de reconhecimento, um sinal de prazer com a associação, mas ele não disse nada. – Deve conhecer a minha mãe e o meu pai, Hannah e Lars Olsen. – Estendeu a mão. – Chamo-me Suniva.

– Suniva Olsen. – A boca dele contorceu-se num estranho sorriso, mas não lhe apertou a mão. Meteu antes a mão ao bolso de cima para tirar um charuto, que acendeu. Sem tirar os olhos dela. Um professor da escola dirigiu-lhe a palavra.

– O reitor está à sua espera, Mr. Szustak – disse ele. – Eu acompanho-o ao gabinete dele quando estiver pronto.

– Com certeza – disse Viktor. – Adeus, Suniva. – Saiu da sala em passos largos.

Ela viu as portas fecharem-se atrás dele e saiu do auditório, surgindo no cimo do lanço de escadas. Mantendo uma boa distância de Viktor, seguiu-o e, quando ele entrou na sala do reitor, escolheu um lugar para se sentar à porta. E esperar.

Ele demorou mais de uma hora a reaparecer e ela escondeu-se atrás de uma coluna até ele passar e se dirigir para o portão da rua. Então correu atrás dele, chamando pelo seu nome até ele se virar, intrigado, franzindo a testa. Passando rapidamente os olhos por ela, retomou o caminho.

– Podemos ir conversar para algum lado? – Ela tinha dificuldade em acompanhá-lo, mas estava determinada em não deixar escapar este homem que fazia parte da história da sua família. – Não sente curiosidade em saber como o *lodge* evoluiu? Sabia que o tio Piet morreu? Que foi assassinado?

Ele parou e virou-se para ela com uma expressão enigmática que ela achou perturbante.

– Preciso de uma bebida – disse ele. – Há um *pub* já aqui. – Fez uma pausa com a mão na porta. – Então? Vens?

O bar era tradicional e bafiento, mal iluminado, com soalhos de madeira empoeirados e cartazes desbotados colados às paredes. O ar cheirava a tabaco entranhado e a cerveja, e havia alguns homens mais velhos sentados ao balcão, a beber as suas canecas de cerveja da tarde e a ver a corrida na

televisão. Havia um reservado vazio num canto afastado da entrada principal e Viktor pousou a pasta e sentou-se no banco. Suniva instalou-se à frente dele. Quando o empregado do bar apareceu, Viktor pediu uma *vodka* dupla com gelo e olhou para ela.

– *Gin* tónico, por favor – disse ela, o rosto sério, o queixo espetado, como era hábito quando fazia alguma coisa de arriscado.

Ele soltou subitamente uma gargalhada e tirou outro charuto da cigarreira de couro.

– És igualzinha à tua mãe – disse ele.

– Então conhece-a?

– Sim, conheço. – A sua expressão era quase hostil.

– E o meu pai?

– Bem de mais. – Um leve sorriso.

As bebidas chegaram e ele engoliu a sua de um trago e pediu outra. Suniva bebericou a dela cautelosamente, apercebendo-se de que não podia embebedar-se. Havia uma atracção, uma ligação com este homem que não compreendia, mas pressentia nele um lado obscuro, uma ameaça, a sensação de que ele podia fazer-lhe mal se quisesse.

– Soube o que aconteceu ao teu tio – disse ele, no silêncio. – Lamento muito. Era um verdadeiro amigo e um homem de enorme visão. O *lodge* era o sonho dele. Foi planeado em conjunto. Mas o projecto foi meu. – Já quase terminara a segunda bebida.

– Então porque é que... – Ela não sabia bem como articular as palavras. – Porque é que ninguém fala de si lá em casa? Se ele era seu amigo e se...

– O que é que queres saber exactamente? – Observou-a através da barreira do fumo de charuto.

– Sempre pensei que o tio Piet tinha construído o *lodge* sozinho e que a minha mãe se encarregara da decoração interior. Quando ardeu, ela reconstruiu-o exactamente como era antes. Nunca soube que havia mais alguém envolvido. Porquê?

– A Hannah tem mais filhos? – A sua pergunta interrompeu o que ela estava a tentar dizer.

– Tenho um irmão. O Piet. É dois anos mais novo do que eu. E o Jorgen, que tem agora sete anos.

– Filhos do Lars. – Riu-se. – O que é que estás a fazer na Irlanda?

– Uma amiga da minha mãe, a Sarah, organizou as coisas para eu vir estudar para aqui para ter melhores hipóteses de entrar numa escola superior de arte. E consegui. Começo no INAD em Setembro. – O orgulho no feito que conseguira era evidente e ela sorriu.

– Ah, sim, a Sarah e as suas fotografias.

– Também a conheceu?

– Quando ela estava a trabalhar com o Dan e a Allie, embora tivesse sido antes do marido indiano. Conheço os livros dela, claro. Sempre disse que ela era uma verdadeira artista.

– Ela esteve cá ainda há uma semana – disse Suniva. – Tenho a certeza de que havia de gostar de o ver de novo.

– Duvido. – O sorriso de Viktor era sardónico e ela ouviu o azedume na sua voz. – Diz-me lá então, Suniva Olsen, de onde te vem o talento artístico?

– Sempre pensei que fosse do tio Piet. – Suniva calou-se, recordando as palavras de Lottie, um súbito lampejo fazendo com que engolisse o resto do *gin*. – Uma vez ouvi a minha avó dizer que o tinha herdado do meu pai, mas ele é uma pessoa demasiado ocupada para se sentar a desenhar ou pintar. Contudo, sempre me encorajou a desenvolver os dons que me foram dados. É o que nos diz a todos.

– Então é um bom pai.

– É o melhor – disse Suniva, com um sorriso rasgado, carregado de amor. Cresceu um silêncio entre eles até que ela tentou retomar a conversa, não preparada ainda para que ela terminasse. – Posso tomar outro *gin* tónico, por favor? – Esperou enquanto ele fazia sinal ao empregado do bar e pedia bebidas para os dois. Quando chegaram, ela recomeçou. – Quando estava a proferir a sua palestra, falou como se adorasse o Quénia em particular. Porque é que saiu de lá?

– Fazes muitas perguntas. – Viktor falou num tom severo.

– Quero saber o que o levou a abandonar um lugar que tanto o inspirou. Eu tenho de ficar aqui enquanto estiver a estudar, na esperança de vir a tornar-me uma grande artista. Mas quando acabar os estudos, volto para casa e não há nada que me faça sair de lá.

– Queres saber por que razão parti? – Os seus olhos e a sua voz eram sombrios. – Por que razão a tua família nunca fala do homem que concretizou o sonho do Piet? Eu posso explicar-te. Posso, sim. – Não conseguia detectar traços seus nos olhos profundamente azuis, no cabelo louro e na pele clara. Ela saía à mãe e a visão dela ressuscitava Hannah na sua memória. Hannah, nua debaixo dele em Langani. Hannah a chorar quando o apanhou em Nairobi na cama com a mulher de Johnson Kiberu. Hannah, acompanhada por Lars e Sarah, nos degraus da fazenda, dizendo-lhe que nunca mais voltasse a pôr os pés na sua propriedade. Nessa altura, deduzira que devia ser o pai da criança dela, mas não quisera saber. A única parte de si que Viktor vislumbrava na rapariga era a sua ardente criatividade. Talvez fosse bom ser esse o seu único legado.

– Eu era um bêbado – disse ele, esvaziando outra *vodka*. – Um autêntico biltre, se é a verdade que queres. Deixei ficar mal o teu tio. A Hannah ficou muito zangada. Nunca me perdoou. Depois tive uma ligação com a mulher de um político local e o cabrão acusou-me de evasão fiscal e conseguiu que eu fosse deportado. Não posso voltar. Mas, desde então, ganho muito mais dinheiro na Europa do que alguma vez ganhei em África. Por isso, que se lixe. Diz-me, que tipo de artista queres ser?

Ela falou-lhe das suas aspirações e, depois de terminar uma segunda bebida, ele arrancou-lhe um retrato da vida em Langani. Ela descreveu tudo, o *gin* dissolvendo quaisquer inibições enquanto falava da sua infância, da força do amor dos pais, da tragédia do acidente de Piet e da sua longa recuperação. E, por fim, falou-lhe de James.

Ele bebeu todas as suas palavras, arrastado para um tempo e lugar na sua vida que destruíra, cada vez mais extasiado com o facto de estar a falar com a filha. Tivera o seu quinhão de mulheres em todos os lugares por onde andara. Usara-as, divertira-as, deixara-as a rir, a chorar ou a maldizê-lo, nunca se importando com as consequências. Mas agora deparara-se com

uma rapariga que queria conhecer, de quem queria sentir-se orgulhoso, que queria reconhecer como uma parte de si. Como sua. Abriu a pasta e retirou os esboços preliminares que fizera, muitos anos antes, do *Lodge* Langani. Nas margens havia notas que escrevera durante as discussões do projecto com Piet.

– Talvez queiras ficar com eles – disse ele. – Uma recordação dos velhos tempos. Das coisas que podiam ter sido.

Ela olhou para os desenhos que ele lhe dera, observando a fluida, mas meticulosa, atenção ao traço e à forma, à perspectiva. Um espelho do seu próprio trabalho, como se ele lhe tivesse ensinado tudo o que sabia. Nas margens, a sua caligrafia expressiva, as letras afiadas que se curvavam e giravam para formar as palavras, eram como as suas. Se acompanhasse o movimento da mão, era quase como se ela própria as tivesse escrito. Viktor observou-a, viu a compreensão insinuar-se, aos poucos, no espírito dela. Abriu a boca para lhe dizer a verdade. Para ajustar contas com Hannah, que denunciara de certeza a Johnson Kiberu o romance da mulher. Suniva olhou para ele, do outro lado da mesa, insegura, o seu estômago contraindo-se com alguma ameaça desconhecida. Ele levantou-se abruptamente, atirando um punhado de notas para a mesa, cambaleando um pouco, a sua fala entaramelada pelo álcool.

– Adeus, Suniva – disse ele.

Lá fora, mandou parar um táxi e deixou-se cair no banco, consumido pela mágoa lancinante de não ter dito as palavras que podiam ter-lhe valido uma filha e um sentido para a sua existência fútil. E chorou, sabendo que fizera a única coisa decente em toda a sua vida.

CAPÍTULO 38

Quénia, Junho de 1985

Quando viu Lars à espera na zona de chegadas do aeroporto de Nairobi, Suniva percebeu imediatamente que havia um problema.

– O que foi, papá? Foi o Piet? A mamã?

– Suniva. – Envolveu-a nos seus fortes braços. – Tenho de te dizer já. O James desapareceu. Procurámos por toda a parte, mas ele sumiu-se.

– Sumiu-se? Sumiu-se como? Como pode ter desaparecido quando sabia que eu vinha para casa? O que é que fizeste para o encontrar?

Mas Lars não lhe podia dar respostas satisfatórias. James desaparecera da casa de Sarah havia dez dias, sem deixar nenhuma explicação. Não estava em nenhum dos hospitais de Nairobi e a polícia não encontrara qualquer rasto dele. Não lhe tinham dito porque ela estava a meio dos exames finais.

– Ele deve ter-me deixado uma mensagem. Alguma coisa. – Ocorreu a Suniva que ele podia estar morto, e afastou a ideia do espírito. Não enveredaria por aí. Mas ele podia ter sido agredido ou assaltado. Nairobi era uma cidade violenta. A ideia dele caído numa vala, espancado e irreconhecível, agoniou-a. O aspecto mais estranho da notícia era ele ter desaparecido de casa de Sarah. Porque teria saído de lá sem deixar nenhum bilhete? Devia haver uma razão. Se a descobrissem, talvez fosse possível deduzir para onde fora.

– Tiveram uma discussão? – Não conseguia imaginar tal coisa. E Sarah prometera dar-lhe as cartas dela assim que chegasse.

– Tenho de falar com a Sarah – disse ela. – Vamos lá agora.

– Vamos para Langani, Suniva. A tua mãe está à espera – disse Lars. – Podes ligar à Sarah quando chegarmos a casa.

– Tenho de ficar em Nairobi, papá. – Elevou a voz. – Tenho de encontrar o James.

Lars encostou o carro à berma e parou. – Suniva. Olha para mim.

– Papá, temos de encontrá-lo.

– Já tentámos. Todos os dias. Quando deixámos de ter notícias dele, alertámos a polícia. O Rabindrah tem um primo no Departamento de Investigação Criminal, o inspector-chefe Laxman Singh. Acredita, ele está a fazer tudo ao seu alcance para localizar o James. Não serve de nada correremos nós a cidade. Não fazemos ideia de onde procurar e as vielas escuras são demasiado perigosas.

Foi um regresso a casa sombrio. Hannah não tinha nenhuma informação relevante a oferecer sobre o desaparecimento. Abraçou a filha e tentou transmitir-lhe palavras de conforto, mas o seu rosto mantinha-se quase sempre reservado e passava longos períodos sentada no escritório sozinha ou a dar passeios unicamente com os cães por companhia. A notícia da admissão de Suniva na Escola de Arte não foi praticamente mencionada. Interrogou Piet e Jorgen, mas eles não tinham nada de importante a comunicar e ela tinha medo de expressar os seus verdadeiros pensamentos. Teria sido a mãe a afastar James? Hannah estaria satisfeita, por detrás dos seus sinais exteriores de preocupação, por ele ter desaparecido? Sempre que o telefone tocava, todos se imobilizavam, temendo a esperança de boas notícias, à escuta das palavras aterrorizadoras de que fora encontrado um corpo. James estava agora desaparecido há mais de duas semanas. Cada hora que passava tornava a probabilidade de ele aparecer vivo e ileso mais duvidosa.

Ao fim de três dias de insuportável tensão em Langani, Suniva convenceu Lars a levá-la a Nairobi. Sarah e Rabindrah estavam em casa quando chegaram.

– O meu primo Laxman mandou fotografias do James a todos os seus informadores. Tem passado a cidade a pente fino e o facto de ele não ter sido encontrado dá-nos esperanças – disse Rabindrah, tentando oferecer uma migalha de conforto. – Não há registo do James em nenhum dos hospitais e também não foi preso. E, felizmente, não está na morgue.

Suniva sentiu lágrimas de frustração a surgir-lhe nos olhos e virou-se para Sarah, numa voz atormentada. – De que é que falaram quando ele veio nesse dia?

– Do trabalho dele. Da candidatura a Cirencester. De ti – respondeu Sarah. – Dei-lhe as tuas cartas e algumas fotografias tuas. Depois fui deixar a Maya e fazer umas compras. Deixei-o a ouvir rádio.

– Deves ter dito alguma coisa que o levou a partir! – Suniva perdeu o controlo. – Disseste-lhe que nós os dois não tínhamos futuro? Foi isso?

– Não fales assim com a Sarah, Suniva. – Lars levantou-se e pegou-lhe pelo braço. – É indesculpável. Ela tem estado tão preocupada como nós, e é graças ao Rabindrah que temos a cooperação total da polícia.

– Desculpa. – Suniva estava à beira do desespero.

– Deixa lá. Compreendo o que sentes. O Anthony pôs dois empregados dele à procura na área de Mathari, mas até agora sem sucesso. – Sarah desviou os olhos. – Às tantas devias falar com o Laxman. O Rabindrah pode ligar a saber se ele está no escritório.

Alguns minutos mais tarde, Lars conduziu a filha para fora da sala. – Talvez assim percebas que se está a fazer o possível e o impossível.

*

– Isto é errado, Sarah. Por muito má que seja a verdade, ela deve saber. – Rabindrah tinha esperado que o carro virasse na rua principal.

– Não posso fazer isso. – Sarah estava a torcer as mãos. – Deve ser a Hannah a falar com ela. Aliás, nem sequer temos a certeza de que ele foi à procura do pai.

– De que outra coisa pode ter andado à procura nos arquivos? Eu não lhe dei autorização para lá entrar.

– A Hannah tem de lhe dizer – insistiu Sarah. – Só pode ser a Hannah. – Pressionou as têmporas com os dedos, tentando acalmar uma dor de cabeça latejante. – Será que isto não tem fim? Oh, meu Deus, Rabindrah, quando é que isto vai acabar?

– Vão acabar por encontrá-lo – disse Rabindrah. – Pobre James. Não sei como ele se vai adaptar a uma coisa destas. Nem o que a Hannah lhe poderá

dizer para o apaziguar.

– Ela nunca será capaz de dizer as palavras que lhe permitam saber toda a verdade – disse Sarah, enquanto Rabindrah a abraçava. – Não posso voltar a esse tempo. Não posso revivê-lo, sofrer com as recordações, assustar a Maya com a minha infelicidade. Tinhas razão quando disseste, no ano passado, que devíamos deixar este país. Devíamos ter feito as malas e partido, mas depois foste absorvido por outra história e eu comecei a trabalhar no meu livro sobre a Nova Guiné. Mas não é tarde de mais. Vamos discutir o assunto outra vez. Mais seriamente. Por favor, Rabindrah. Chegou o momento de irmos. De começarmos um novo período das nossas vidas num lugar mais calmo.

À medida que os dias passavam, Suniva e Sarah iam procurando nas ruas, trancando as portas do carro e descendo os vidros ao atravessar os bairros de lata que se haviam espalhado como fungos nos arrabaldes da cidade moderna. Armadas de fotografias de James, entravam em lojas, bares e hotéis baratos, onde eram frequentemente incomodadas e forçadas a partir à pressa. Ninguém o reconhecia. Evaporara-se como um fantasma.

Rabindrah partiu numa segunda missão à Etiópia, onde a fome reclamara a vida de muitos milhares de pessoas. Quando regressou, Gordon Hedley tinha uma notícia muito diferente a dar-lhe.

– Foste convidado para um concerto – disse ele, incapaz de reprimir um sorriso de orelha a orelha. – Em resultado das tuas reportagens sobre a fome na Etiópia e no Sudão, o Bob Geldof convidou-te para participares no concerto Live Aid dele em Londres, a treze de Julho. Um acontecimento monumental no estádio de Wembley para angariar fundos para as vítimas da fome. A princesa Diana vai estar presente, bem como todas as estrelas de *rock* de que já ouviste falar. Vais conhecê-los a todos e o Geldof quer galardoar-te com uma menção especial e um prémio. Sugiro que vás imediatamente para casa. Diz à Sarah e à Maya. Os organizadores vão meter os três num voo para Londres. Eu e a Maureen também vamos. Não perdia isto por nada deste mundo. É um momento histórico. É a tua hora de glória, meu velho.

Rabindrah sentia-se exultante e grato. Uma pausa em Londres dar-lhe-ia tempo para falar com Sarah sobre uma possível mudança, embora não fizesse ideia de quando poderiam partir. Antes da sua visita à Etiópia, passara vários dias em Wajir, entrevistando sobreviventes do massacre de Wagalla. Passara mais de um ano e, apesar de investigações policiais e declarações do governo, ninguém pudera ou quisera confirmar as identidades dos oficiais do exército responsáveis pelas mortes e o povo Degodiya continuava a viver como refugiado. Rabindrah reivindicara um inquérito oficial, embora até Johnson Kiberu estivesse convencido de que era inútil. No entanto, no dia anterior, ele recebera informações que achava que lhe poderiam fornecer pistas. O nome de um oficial superior do exército que estivera envolvido no massacre e no encobrimento subsequente. Um nome que ele começara a investigar nos registos militares.

Saiu do jornal a caminho de casa, de mãos nos bolsos, assobiando uma das canções favoritas de Maya e sorrindo ao imaginar a reacção dela à sua notícia. Detendo-se nos semáforos, à espera para atravessar a rua, alguém chamou pelo seu nome.

– Mr. Singh?

Um homem africano aproximou-se dele, usando um fato banal. Rabindrah olhou para a cara dele. Olhos duros, injectados de fumar *bhang* e de beber álcool de má qualidade, pensou ele. A manga do seu casaco era demasiado comprida, tapando o braço e a mão que ele mantinha junto do corpo, possivelmente por causa de um ferimento. Tinha um aspecto familiar, mas Rabindrah não foi capaz de definir uma data ou lugar. Depois, numa fracção de segundo, lembrou-se. O oficial de uniforme militar, apontando a arma através da janela do carro à cabeça de Annalena Tonelli. A mesma crueldade inata nos olhos. O homem estendeu a mão e Rabindrah sentiu a boca da arma contra o peito. Não chegou a ouvir a explosão.

Sarah passou a noite a fazer vigília ao seu corpo, olhando para as feições frias e imóveis no caixão que não podiam pertencer ao marido. Olhos fechados, mãos unidas sobre o peito que fora dilacerado pelo revólver do assassino. Nunca pensara que o seu nariz fosse tão proeminente, os lábios

tão esculpidos e perfeitos. A morte roubara a plenitude da vida, a bondade do seu rosto. Quando se baixou para o beijar, ele estava como gelo. Intocável. Inatingível. Um cadáver frio, vestido com solene dignidade para ser incinerado. Haviam cremado Piet, nesse passado distante. E agora Rabindrah.

Ele acordara cedo nessa última manhã e saíra de casa à pressa, soprando um beijo a Maya e lembrando a Sarah o jantar com Anthony e Camilla. Fora tudo tremendamente normal. Comum. Ao meio-dia, a sua vida chegara ao fim. Derramada num passeio empoeirado, observada e apontada por estranhos. Mais uma vítima de violência. Desejara abandonar o Quênia e ela não insistira o suficiente. Porque não tinham partido quando ele mencionara o assunto pela primeira vez? Encontrado santuário em algum lugar calmo e normal?

Todos falavam em vozes sussurradas, pegando-lhe nas mãos, oferecendo o conforto possível. Mas não havia conforto. Não havia calor. Apenas a memória de um homem vital, reduzido a cinzas por esta terra que levava tudo. Pegou na filha ao colo quando o carro fúnebre chegou. O caixão foi colocado lá dentro, ramos e coroas de flores empilhados em volta. Ao seu lado estavam Raphael e Betty, e o irmão Tim, que chegara da Nova Guiné. Hannah e Lars, Camilla e Anthony e todas as crianças. Lila viera de Inglaterra com o filho pequeno, mas Harjeet não podia entrar no país. Allie, Erope, Gordon Hedley, Maureen e Johnson Kiberu estavam juntos e, atrás deles, um mar de gente. Solenes, calados, alguns chorando abertamente.

Tinha havido uma missa fúnebre na catedral católica, à qual havia assistido uma grande multidão, incluindo políticos e jornalistas. Agora o cortejo encaminhou-se para o templo sique para a cremação. E amanhã não haveria nada. As pessoas que a amavam estariam presentes, ansiosas por ajudar e confortar. Incentivá-la-iam a ser corajosa e ela esforçar-se-ia. Por Maya. Maya, que estava inconsolável, que não era capaz de compreender para onde fora o pai. Sarah sabia que tinha de sobreviver, para bem da filha, pela única parte do marido que subsistia desde o momento em que Camilla aparecera à porta, lhe pedira que se sentasse e proferira as terríveis palavras. Já incapaz de revolta, incapaz de dor, entorpecida, não sabia como seria

capaz de viver através das cinzas da sua vida, de respirar ou falar. De criar o santuário, o futuro para a filha que Rabindrah desejara. Mas era a única razão que tinha para continuar.

Nas semanas que se seguiram, houve um dilúvio de cartões, cartas de condolências, elogios a Rabindrah e ao seu trabalho e recortes de imprensa. Uma das cartas era de Hugo. Leu-as todas, comovida com a bondade das muitas pessoas que haviam enviado mensagens de compaixão e com os artigos de jornalistas que haviam conhecido e respeitado Rabindrah e desejavam prestar-lhe homenagem. Suniva veio fazer-lhe companhia e ajudá-la com a torrente de correspondência. Estava sentada à secretária de Rabindrah quando Sarah abriu um envelope de papel fino e barato. Dentro estava uma única folha, escrita numa letra perfeita e cuidadosa.

*Pole, Sarah, Pole sana,
Penso em ti. Os meus pêsames.
James*

– Ele está vivo! – Suniva levantou-se de um salto, reavivada a esperança.
– Olha, o envelope tem carimbo de Nairobi. E é por causa do Rabindrah que sabemos. É a mensagem dele para mim. – Pressionou a mensagem contra o coração, sussurrando o seu nome.

Para Sarah, foi um momento de indizível dor. Havia esperança para Suniva de que um dia encontraria o seu amor. Mas ela jamais veria o marido entrar pela porta e dizer: «É bom estar em casa.» Maya jamais correria para os seus braços, para ser levantada no ar e rir com o pai.

«*Pole, Sarah*», dissera James. Como Simon, anos antes, na fraca luz verde da sua cela de prisão. As mesmas palavras. O mesmo vazio insuportável.

CAPÍTULO 39

Quénia, Julho de 1985

Imediatamente depois do assassinato, Laxman Singh iniciou uma busca exaustiva ao assassino de Rabindrah. Testemunhas oculares deram descrições que ele esperava que resultassem na elaboração de um retrato robô. Havia demasiados relatos contraditórios e muitas pessoas tinham medo de dizer o que haviam visto. Os últimos artigos e investigações de Rabindrah foram examinados, e foram interrogados suspeitos que pudessem ter razões para querer eliminá-lo. Gordon Hedley estava convencido de que o homicídio estava ligado à investigação de Wagalla, embora não houvesse provas que sustentassem esta teoria. A polícia passou a pente fino a área de River Road e Grogan Road e o bairro de lata do vale de Mathari e de Kibera, onde muitas vezes iam parar armas às mãos dos criminosos locais, mas ninguém estava disposto a prestar informações.

– Lamento dizer que não encontrámos nada de útil – disse Laxman quando, duas semanas mais tarde, visitou Sarah à noite. – As pessoas têm medo de falar. Aqui entre nós, é possível que o exército esteja por detrás disto, como o Gordon pensa.

– Se isso for verdade, nunca mais se vai encontrar o homem – disse Sarah com amarga resignação. – Tens sido muito amável, Laxman, ao telefonares e vires aqui regularmente com todas as informações. Tens tempo para uma bebida? Estás com um ar cansado.

– Não digo que não a uma bebida – disse ele. – *Whisky* com um pouco de água. A propósito, descobrimos uma coisa esta manhã por acaso. Foi o que te vim cá dizer.

– Alguma prova no caso do Rabindrah? – Sarah chegou-se à frente.

– Infelizmente não – respondeu o polícia. – Lembras-te de ele me ter dado a fotografia de um jovem quicuio que tinha desaparecido? E depois o Lars Olsen e a filha foram falar comigo sobre o rapaz.

– O James. Encontraram-no? – Sarah pousou a bebida com mãos trémulas.
– Espera. Deixa-me chamar a Suniva. Ela tem-me feito companhia nos últimos dias.

Suniva ouviu Laxman, sentada em frente ao polícia com o corpo inclinado para a frente e a cabeça de lado, para não perder uma única sílaba do que ele estava a dizer.

– Os meus homens têm andado a interrogar operários em todos os estaleiros de obras na cidade. Há um sujeito que parece corresponder à descrição do James Karuri. Está a trabalhar como operário num novo prédio de escritórios perto de River Road. Disse chamar-se Joseph Odinga, mas o sargento desconfiou porque este Joseph não é, decididamente, um luu. E depois o meu homem lembrou-se da fotografia. Acha que é o mesmo homem. Um dos *watu* no estaleiro disse que este Odinga vive em Grogan Road. Querem que eu o detenha?

– Não. Quero ir lá pessoalmente – disse Suniva. – Já. Por favor, não deixe a polícia detê-lo. Ele não cometeu crime nenhum.

– O Rabindrah disse-me isso. Está dado como desaparecido. Juntamente com um sem-número de outros. Mas não podes ir a essa zona, sobretudo à noite. É perigosa, está fora de questão para uma mulher branca. Gatunos, toxicodependentes, bêbados, machetes, navalhas e armas. Bebem *karara*, uma bebida muito forte, que os põe loucos. Nem a polícia lá entra à noite, a não ser que haja uma situação de emergência grave ou um motim, e eles estão armados.

– Posso ir então ao estaleiro? Ver se é o James?

– Eu levo-te lá de manhã – disse Laxman.

O bairro onde James tinha estado a viver ficava perto de River Road, uma área degradada habitada por criminosos, chulos e prostitutas, a escumalha da cidade. Alugara um quarto num prédio decrepito, infestado de ratazanas e outros vermes, mas com o seu salário era o que podia pagar. Nos

primeiros dias depois de ter fugido do escritório do jornal, vagueara pelas ruas da cidade, dormindo em vãos de portas, comendo em barracas onde se preparava comida barata na berma da estrada. Por duas vezes, evitou à justa ser apanhado por uma brigada policial e, quando o dinheiro começou a escassear, tratou de procurar trabalho. Foi admitido como operário num estaleiro de obras de um prédio de escritórios, e um dos homens com quem trabalhava levava-o ao alojamento de Grogan Road.

Durante o dia, labutava sob o calor e a poeira, transportando carradas de cimento, carregando o guincho da grua e levantando os pesados barrotes de aço, até o apito soar e ele arrastar os pés e as mãos empolados e os ossos doloridos para uma barraca de comida. Em seguida, encaminhava-se para o sórdido quarto onde se deitava na cama cheia de covas, sob uma única lâmpada nua pendurada no tecto. Tentando não pensar na sua vida passada. Tentando esquecer que já não tinha futuro.

À sua volta, reinavam as ruínas da miséria. Ao entrar no seu próprio prédio nessa noite, estava um homem estendido no chão da entrada, um fluxo de vômito amarelo correndo-lhe da boca. Pairava um cheiro fétido no átrio e James passou rapidamente, franzindo o nariz perante os odores – fezes dos esgotos a descoberto na rua e o cheiro acre a urina. Um cão rafeiro passou pela rua e, nas sombras mais adiante na viela, corriam ratazanas por cima de uma forma no chão. As baratas atravessavam o chão e subiam pelas paredes. Não parou para ver se a figura prostrada era humana ou animal.

A sua rua incluía uma enfiada de *dukas* e bares miseráveis, com candeeiros de parafina a assobiar nos balcões e música ruidosa a tocar em rádios. Os clientes estavam mal vestidos, fumando *bhang* e segurando em latas de cerveja ou bebendo copos de *karara* e *pombe*, que ele recordava que eram proibidos nas casas do pessoal em Langani porque destruíam o cérebro. À beira do desespero, sentiu-se tentado a beber a repugnante infusão para mitigar a sua infelicidade. Mas receou que o efeito lhe embotasse os sentidos e o tornasse incapaz de se proteger, resultando no roubo do dinheiro e escassos bens que lhe restavam. Ao ir e vir do trabalho, as prostitutas chamavam por ele, oferecendo-lhe os seus serviços e

escarnecendo quando ele recusava. As noites eram o pior, ao tentar dormir com o barulho das bebedeiras e rixas na rua e nas escadas e o arranhar e correrias dos bichos no seu quarto. O chuveiro ao fundo do corredor estava verde e viscoso, provocando-lhe náuseas, e a água era gelada. Mas ele enfrentava-o diariamente, determinado em manter-se o mais limpo possível, embora a sua pele estivesse agora marcada por percevejos, pulgas e piolhos. Alojara-se-lhe no cabelo e nariz pó de cimento e, quando olhava para o espelho partido na parede do seu quarto, mal reconhecia o homem que via.

Quando soube do assassinato de Rabindrah, James não foi capaz de manter o silêncio. Ansiava por estar com Sarah e Maya, mas sabia que não lhes podia oferecer nada. Porque é que ela havia de querer lembrar-se do homem que matara o noivo dela, numa altura em que o marido fora assassinado? A notícia passara na televisão de todos os bares de Grogan Road e ele deteve-se na rua, a ver através das janelas sujas. No dia seguinte, na pausa para o almoço, comprou um jornal, folheando as páginas à procura de uma referência às pessoas que amara e perdera. A fotografia de Suniva, ao lado de Sarah e Maya no funeral, foi como uma faca nas suas entranhas. Escreveu a Sarah, as únicas palavras que lhe ocorreram, e pôs o envelope no correio. Depois retomou o desolador trabalho de escravo no estaleiro de obras.

*

Era o último dia da semana, o dia em que recebia o salário. Levantando-se de madrugada, James lavou a cara e o cabelo infestado de piolhos e ficou a tiritar sob o fio de água gelada. Depois vestiu-se e saiu à procura do pequeno-almoço. Com um pedaço de pão seco e uma caneca de metal de chá da barraca, dirigiu-se para a entrada do estaleiro. Tinha agora a camisa rasgada debaixo dos braços, as calças cheias de nódoas e os sapatos começavam a ficar gastos, mas mesmo assim estava melhor do que muitos dos outros operários. Levantou os olhos para os andares abertos do edifício, esperando que o deixassem trabalhar hoje nos pisos superiores. Era melhor do que estar ao nível do solo, a misturar betão e a asfíxiar com o pó levantado pelos camiões de entregas que entravam e saíam do estaleiro.

Perto da entrada reparou num carro preto estacionado na sombra do cartaz. Um oficial de uniforme estava a sair pela porta do passageiro.

James paralisou. Um polícia interrogara-o recentemente, perguntando-lhe de onde era e o que estava a fazer na cidade. Será que ia ser detido? Que tinha feito? Pensou em fugir, mas a polícia era famigerada na zona e a fuga valer-lhe-ia decerto uma valente tarefa. Baixou a cabeça e ficou à espera do que estava para vir.

– James?

Levantou a cabeça. Deparou com os olhos azuis da última pessoa no mundo que esperara ver.

– James, não tenho parado de te procurar. James? – A voz dela era incrivelmente meiga.

Ela lançou os braços à volta dele, indiferente às roupas imundas, ao cabelo cheio de pó, às unhas estaladas e às mãos empoladas. O seu cheiro doce, a lavado e a saúde, encheu-lhe as narinas e ela apertou-se contra ele, tentando absorver a dor que ele sofrera por razões que não compreendia. Ele entregou-se ao abraço, ouviu as palavras de conforto dela e chorou, ignorando os assobios e apupos do estaleiro e os rancos dos camiões que entravam e saíam da obra atrás dele.

*

– Tens de dizer aos teus pais – disse Sarah. – Leva o James agora para casa, para Langani. E depois para a costa, para onde eles vão na próxima semana. Tens aqui o telefone, Suniva. Por favor, liga à tua mãe. Agora.

– A minha mãe nunca o há-de aceitar – disse Suniva, os olhos turvos e vermelhos de chorar. – Eu sei e tu sabes, Sarah, porque és amiga dela. O James contou-me tudo e não quer ir para Langani. Tu sabias porque é que ele se foi embora e devias ter-me dito.

– Nunca compreendi por que razão ele partiu naquele dia – disse Sarah. – Foi o Rabindrah que pensou que ele tinha descoberto a verdade sobre os pais nos arquivos do jornal. Mas eu não sei se foi isso que aconteceu.

– Ele encontrou uma fotografia do Simon Githiri num dos teus álbuns de fotografias. – Suniva apontou para a estante. – Uma imagem dele próprio.

Sabiam todos quem ele era e por que razão a minha mãe nunca nos deixaria estar juntos. E não me disseram nada. Foi errado.

– Sinto muito – disse Sarah friamente. – Quanto a mim, só a tua mãe te podia contar a verdade. Tenho a certeza de que houve momentos em que ela quis encontrar uma maneira, mas pode ter-lhe parecido inútil e impossível. Nunca deves esquecer que foi a Hannah que levou o James para Langani. Que lhe deu um tecto e uma família e a oportunidade de uma vida segura. Queria protegê-lo de uma terrível herança sobre a qual ele não tinha qualquer controlo. Na qual ele e a mãe dele não haviam tido nenhum papel. Que bem teria feito se ele tivesse crescido sabendo disso? Ela guardou segredo ao longo dos anos, para bem do James, e merece compreensão e gratidão por isso.

– Vou falar com o meu pai. – A voz de Suniva estava carregada de confusão. – Esta tarde, o James volta para Kabete. Para saber se há notícias de Cirencester. Depois decidimos o que fazer.

Sarah suspirou quando James apareceu no escritório, vestido com um par de calças de Rabindrah e uma das camisas dele. Não via nenhuma maneira de Hannah estar disposta a resolver esta situação, ou de ser capaz de o fazer. – É melhor sentarem-se os dois – disse ela. – Sei que se amam muito um ao outro e é por isso que têm de começar com o pé direito. Sem se esconderem nem viverem uma vida de fugitivos, magoando os outros, virando as costas às pessoas que lhes querem bem. Eu fugi com o Rabindrah porque as nossas famílias condenavam o nosso desejo de estarmos juntos mas acabámos por nos reconciliar com elas. E elas também tiveram de fazer concessões. É a única forma e vocês têm de fazer o mesmo. Agora vamos mas é pôr o James a comer como deve ser. Desconfio que há muito tempo que ele não come costeletas de borrego e batatas.

Depois do almoço, Sarah emprestou o carro a James e ele partiu para a faculdade enquanto Suniva ficava a entreter Maya e a fazer desenhos com ela. Lars não demorou muito a chegar.

– Disseste-lhe. – Suniva fechou o caderno de desenho com uma pancada e fulminou Sarah com os olhos.

– Precisamos de falar – disse Lars, numa voz firme. – Tu, eu e a tua mãe. Graças a Deus que ele está bem. E a Sarah fez bem em avisar-nos.

– A mãe não quer falar – disse Suniva. – Se quisesse, estava aqui.

– Ela quer que vás imediatamente para casa. Fala contigo lá.

– E o James? – Suniva viu Lars a desviar os olhos dela. – Diz-me o que ela disse sobre o James.

– Eu e a tua mãe sabemos que tu e o James se amam – disse Lars. – Que um dia gostariam de ficar juntos. Mas são os dois muito novos e precisam de terminar a vossa educação. Sem isso, não têm a possibilidade de um futuro juntos. Queremos que aceites o lugar na escola de arte em Dublin, Suniva. E estamos prontos a ajudar o James financeiramente, se a bolsa para Cirencester ainda estiver disponível.

Suniva fixou Lars. O pai que amara e em quem confiara durante toda a vida. O pai que amava. Viktor Szustak não lhe contara toda a verdade, mas ela sabia o que ele não se permitira dizer e respeitava-o por isso. Guardaria para sempre os desenhos que ele lhe dera, pensaria por vezes nele, perguntar-se-ia onde estaria. Os pais não precisavam de saber que o conhecera, embora tencionasse um dia contar a James. De um modo estranho, a sua descoberta aproximá-los-ia ainda mais. Por agora, voltaria para Dublin e James estaria em Inglaterra. Estariam um com o outro o mais frequentemente possível, passariam as férias juntos, planeariam o seu futuro. Com um movimento rápido, abriu os braços para abraçar Lars, mal notando que ele ainda estava a falar.

– Em troca, eu e a tua mãe queremos que prometas que não voltas a estar com o James até ele acabar em Cirencester e tu fazeres vinte e um anos. Nessa altura, se ainda sentirem o mesmo um pelo outro, aceitaremos a vossa decisão e estaremos do vosso lado. Até ao fim do Verão, vens connosco para Msambweni e o James vai trabalhar a tempo inteiro para o Anthony, que tem uma estação preenchida.

Suniva abriu a boca para gritar a sua recusa, a sua indignação, quando James entrou na sala. Colocou-se ao lado de Sarah, confiante e sorridente, a cabeça bem erguida.

– Lars – disse ele, subitamente inseguro –, fui falar com o reitor em Kabete. Ofereceram-me o lugar em Cirencester.

O silêncio encheu a sala, sonoro como um trovão.

– Nós fazemos isso, papá. – Suniva foi a primeira a falar. – Fazemos o que tu e a mãe querem. Se esperares aqui com a Sarah, vou até ao jardim explicar ao James e depois podes levar-me para casa.

– Tens de aceitar trabalhar para o Anthony – disse-lhe ela, apertando as mãos dele entre as suas. – Ele tem muitos safáris para te manter ocupado e paga-te bem. Eu vou agora para casa com o meu pai, mas eles não nos vão separar. Em Setembro, vais para Inglaterra primeiro e depois para Cirencester. Eu apanho o avião para Londres, mas não o voo para Dublin. Vou arranjar onde viver perto de Cirencester, e também um emprego. Um lugar no campo onde possamos estar juntos. Espero duas semanas e ponho um anúncio no jornal local de Cirencester com o meu número de telefone.

– Como é que sei que é o teu número? – perguntou ele.

– Hás-de reconhecê-lo – disse Suniva, sorrindo. – Temos de ter muito cuidado ao estar um com o outro, mas eles não me vão encontrar nem nos vão separar.

– Estás a desistir do teu lugar na escola de arte. – James segurou na mão dela. – Por um rapaz quicuíto órfão, filho de um assassino. Amo-te, Suniva, mas não posso deixar que faças isso.

– Amo-te, James. Não há mais nada e não podemos ser separados, nunca. – Beijou-o nos lábios, firmes e cheios, tocou nos caracóis macios e apertados na sua cabeça. Depois recuou, sem tirar os olhos da sua cara até desaparecer pela porta da casa.

Sozinho no jardim, ele ouviu o som de vozes, escutou as despedidas de Sarah e viu Lars a levá-la no carro.

CAPÍTULO 40

Inglaterra, Outubro de 1985

James foi o primeiro a chegar a Londres. Sentiu-se nervoso com o seu novo passaporte e as perguntas no balcão da imigração, confuso com a imensidão do aeroporto com os seus diferentes terminais, níveis e sinais amarelos. Demorou algum tempo a encontrar o autocarro que o levaria à cidade, onde reservara duas noites numa pousada da juventude. Depois de guardar as malas num cacifo seguro, tirou as cartas e os postais que recebera de Suniva, da primeira vez que tinham estado separados, todos esses anos antes, e partiu para visitar todos os lugares que ela descrevera na sua caligrafia infantil. Depois apanhou um comboio para Cirencester, inscreveu-se na faculdade e esperou.

Suniva chegou três dias mais tarde. No aeroporto, pôs no correio a carta que escrevera a Hannah e a Lars e apanhou um comboio para Cheltenham. Era uma cidade bonita, elegante e imponente, suficientemente grande para ela passar despercebida e suficientemente movimentada para arranjar emprego e um sítio barato onde viver. Além do dinheiro para a viagem, Lars atribuíra-lhe uma pensão para se aguentar durante o primeiro trimestre na escola, mas fora depositada numa conta bancária em Dublin e ela não se atrevia a transferi-la, caso conduzisse ao seu paradeiro.

A faculdade questionou James em várias ocasiões, e depois foi a vez da polícia. Ele devia saber onde estava Suniva, afirmaram. Podiam levá-lo para a esquadra para o interrogar mais. James só pôde dizer-lhes, com honestidade, que não tivera notícias dela nem a vira, e que não fazia ideia de onde ela pudesse estar. Inicialmente, os colegas mostraram-se curiosos, perguntando-lhe se entrara ilegalmente no país, pressionando-o para que

lhes contasse pormenores sobre as visitas do inspector da polícia local. James disse-lhes que uma estudante que conhecera em Nairobi desaparecera, e os seus novos colegas presumiram que fosse mais um africano que entrara ilegalmente no país e desinteressaram-se do assunto.

Chegaram telefonemas de Lars, Sarah, Camilla e Anthony, mas ele cingiu-se à história, nunca hesitando, nunca alterando uma palavra. Nos primeiros dias, pensou que estava a ser seguido mas, ao fim de uma semana, convenceu-se de que era imaginação sua. Lars voltou a telefonar. Recebera uma carta de Suniva, expedida de Londres, a pedir-lhe que não a procurasse. Na linha distante, a sua voz tremeu ao implorar a James que revelasse a morada da filha. Camilla estaria brevemente em Londres, disse ele, e estava disposta a actuar como mediadora. Mas James não fazia ideia de onde ela estava, exceptuando o facto de também ter recebido um postal dela a assegurar-lhe que estava bem.

Lançou-se no seu novo curso com energia e concentração e o seu entusiasmo resultou em aceitação e popularidade entre os seus colegas. O que dominava o seu pensamento era a determinação em obter uma licenciatura com a melhor nota possível, pois seria prova de que era capaz de olhar por Suniva até ao fim da vida dela. Por baixo da sua fachada alegre, porém, a impaciência fervia enquanto esperava pelo contacto de Suniva. Passaram duas semanas até receber um sinal dela. Depois, conforme haviam acordado antes da partida, ela pôs um anúncio no jornal regional. Estava na secção de anúncios pessoais e ela sabia que ele estava à espera dele.

«A Nossa Casa de Paus 583 877»

Ligou de uma cabina pública e combinaram um sítio para se encontrarem. Ela estava a rir-se quando ele passou por ela, não reconhecendo a rapariga de cabelo preto pintado e espetado à volta da cabeça como uma coroa de espinhos, e os olhos e as sobrancelhas delineados a *kohl*. Vestida com roupa mal-amanhada e com botas de biqueiras afiadas, estava sentada no banco de um parque com um embrulho de sanduíches. Assobiou-lhe e o som familiar fê-lo virar-se.

– Tenho um emprego a meio tempo como empregada de mesa – disse ela, olhando em frente, não querendo parecer que falava directamente com ele.
– Boas gorjetas e um quarto por cima do café. Há uma loja de molduras mais à frente na rua que também é capaz de me empregar algumas horas por semana. Espera dez minutos e depois mete pelo caminho entre essas árvores grandes à direita.

Ela deixou o parque e ele seguiu-a a uma distância segura até chegarem a uma estrada estreita que levava a uma zona rural. Aí, ela estendeu a mão e correram os dois para os campos em direcção ao rio, saltando, rindo e correndo até alcançarem um local à sombra, deserto à excepção do chilrear das aves nas árvores circundantes. Ela tinha uma mochila da qual tirou uma manta e deitaram-se os dois juntos, sem falar, de mãos dadas, os seus lábios tocando-se, o bafo dela na face dele.

– Ama-me – disse ela. – Ama-me completamente para eu saber que estamos ligados até ao fim das nossas vidas.

A chegada da carta de Lars fê-lo hesitar e leu-a várias vezes.

James,

Estou convencido de que sabes onde está a Suniva, exactamente como sabias onde ela estava quando se escondeu na floresta há muitos anos, por não querer ser separada de ti.

Precisamos de saber que ela está bem e tens a responsabilidade, enquanto jovem honrado, de nos dizeres o que sabes. Eu e a Hannah temos passado grandes tormentos no último mês. Amamos a Suniva e, se também a amas e respeitas, debes compreender que não é esta a forma correcta de conduzir as coisas.

Por favor, escreve-nos ou telefona-nos – podes ligar a cobrar no destino. Mas tens de nos dizer onde ela está, James, para podermos chegar a um acordo que defenda os interesses dela e os teus. Se confiares em mim, irei a Inglaterra falar com ambos num espírito de abertura.

Lars

– Estão a tentar fazer com que te sintas mal, James. Promete-me que ficamos juntos, que não vais responder. – O olhar de Suniva era intenso, a sua voz rouca. – Jura.

– Não me sinto mal a respeito de nós os dois – disse ele. – E nunca te deixarei ir. É só que também os amo e eles estão a sofrer.

– Não podes responder. – Ela estava inabalável. – Não podem pensar que estiveste comigo, senão voltamos ao mesmo. A minha mãe há-de fazer tudo para nos separar. Fui duas vezes a Londres de comboio e das duas vezes mandei-lhes uma carta a dizer que estou bem e de boa saúde. Que tenho um emprego e partilho um apartamento e que não vou para casa. Disse que nunca teria tomado esta decisão se não tivessem tentado separar-nos.

– Não vou responder – disse ele, e fizeram amor no pequeno quarto de Suniva, os seus corpos desesperadamente entrelaçados, determinados em nunca mais se separar.

Quando o dono do café pôs objecções a que James passasse lá a noite, Suniva arranjou um pequeno estúdio, com o linóleo do chão a descolar e uma cama que fazia também as vezes de sofá. A janela virada a norte banhava o fogão a gás e o lava-louça lascado numa luz esbranquiçada. Havia um chuveiro e uma sanita atrás de uma frágil divisória e o esquentador a gás precisava de ser substituído, pelo que a única opção era muitas vezes água fria. Suniva usou *kangas* de cores garridas que levava do Quénia para fazer cortinas e uma colcha. Parecia o paraíso, um mundo à parte que haviam criado exclusivamente para os dois. Além disso, ela adorava a cidade propriamente dita, com os seus magníficos edifícios da época da Regência, e jardins públicos e museus, galerias de arte e livrarias onde passava o seu tempo livre.

Decidiram que não era seguro encontrarem-se mais do que uma vez de duas em duas semanas e, por vezes, James saía sorrateiramente à noite para que as suas ausências não fossem notadas aos fins-de-semana e durante o dia. Lars pagara para ele ficar na residência universitária no primeiro ano e ele ainda tinha a maior parte do dinheiro que ganhara nos safáris nos meses de Verão. Suniva tinha algumas das refeições de graça no café e o salário chegava para pagar a renda. O que ganhava na loja de molduras era

suficiente para as suas outras necessidades. Mas era claro que teria de arranjar um emprego melhor e começara a preocupar-se que o dinheiro se lhe esgotasse quando um golpe de sorte alterou a sua situação.

– Preciso de molduras para isto. – O homem era alto e bem-falante e trazia uma série de retratos que desenrolou no balcão. – Simples e modernas. – Franziu a testa quando a dona da loja de molduras tirou uma selecção do escaparate atrás dela. – Não, não. Não têm o aspecto certo – disse ele num tom impaciente. – Não é isso que eu quero. Aliás, não estou a ver nada...

– Esta. – Suniva pegou numa amostra e saiu da pequena zona de exposição onde estava a pendurar uma série de impressões medíocres para venda. – Não choca com as cores nem com as linhas fortes que criou, mas é suficientemente larga para definir os motivos. E esta é mate. Muito simples, mas reforça o seu estilo depurado.

– Rapariga esperta. Pode medi-las e dar-me um preço para as seis? – Estava a sorrir ao virar-se para a dona. – Estou a trabalhar numa nova exposição para o fim do ano. Se não estiver muito ocupada, talvez possa mandar esta jovem para me ajudar a reorganizar o espaço de exposição e a pendurar os quadros no momento oportuno.

– Não há problema. A propósito, esta é a Doris. Infelizmente, não podemos contratá-la a tempo inteiro neste momento, mas é boa trabalhadora e tem bom olho.

– Laurence Elkin. – Apertou-lhe a mão. – Sou pintor e também dou aulas. Talvez lhe agrade passar pelo meu *atelier* na próxima semana. Para ver o espaço da galeria que tenciono usar para a minha exposição e os quadros que vão ser exibidos. Aqui tem o meu cartão.

Ele não demorou muito tempo a descobrir que ela era capaz de desenhar. Dava aulas a um grupo de alunos criteriosamente seleccionados e propôs incluí-la a troco de algumas tarefas de arquivo e secretariado. Concluindo que ela era metódica e eficiente, começou a pagar-lhe em regime de meio tempo e, como tal, ela trabalhava três tardes por semana no espaço tacanho e desarrumado a que ele chamava escritório. Para Suniva, era uma dádiva do céu e sentia-se grata por ter tido aulas de dactilografia em Nanyuki por

insistência da mãe. No entanto, o que era melhor ainda era que surgira uma oportunidade para voltar a pintar e sabia que o seu trabalho tinha qualidade.

– De onde és, Doris? – Laurence mexeu o leite no café que ela lhe levara.

– Já pensaste em candidatar-te a uma escola de arte?

– Está fora de questão – disse ela.

Ele arqueou as sobrancelhas. – Podes tentar obter uma bolsa, sabes? Um talento como o teu não deve ser desperdiçado e é evidente que tiveste um bom professor na escola. Onde foi?

– Birmingham – disse ela, dizendo o primeiro sítio que lhe veio à cabeça.

– Doris de Birmingham, eh? – A sua expressão era interrogativa. – Os teus pais conhecem as tuas capacidades de pintora?

– Fugi de casa. Eles divorciaram-se e, como a minha mãe arranjou um namorado, deixei-os fazer a vida deles.

– Certo. – Ele suspirou. – Pois bem, tenho uma sugestão a dar-te, Doris de Birmingham. A partir de agora, quero que trabalhes para mim a tempo inteiro. Atendes o telefone e respondes às poucas cartas dos meus fãs, tratas das facturas e dos horários dos alunos que tenho, fazes recados. Ocupas-te de todas as tarefas que eu detesto e continuas com as tuas aulas. Como sabes, estou a preparar uma exposição para o Natal, com alguns contributos dos meus estudantes. É melhor deitares mãos à obra, se quiseres ser incluída. Que te parece?

– Parece justo. – Ela assentiu energicamente com a cabeça.

Ele viu o alívio e a excitação nos olhos dela e interrogou-se de onde ela seria realmente. Uma coisa era certa, o seu sotaque não era de Birmingham e calculava que ela não fosse sequer inglesa. Sul-africana, talvez, ou australiana. Mas tinha talento e era senhora do seu nariz e não lhe parecia que as origens constituíssem problema. Além do mais, gostava dela e queria dar-lhe uma oportunidade.

No Natal, ela decorou o estúdio com fitas e estrelas, e uma árvore com um anjo no topo. Era o seu primeiro Natal longe da família e celebrou-o com James, abrindo o champanhe e uma garrafa de bom vinho tinto que Laurence lhe dera, e assando um frango com batatas e legumes no pequeno

forno. O aroma fê-la recordar a sua casa e uma visão da cozinha de Langani insinuou-se no seu espírito, com Hannah a olhar por cima do ombro de Godfrey, que regava o peru com o molho, e os irmãos a roubar pedacinhos estaladiços de pele à socapa directamente das assadeiras ou lambendo a tigela da massa de bolo que era vertida numa forma.

– A seguir temos pudim de Natal – disse ela a James. E rompeu em lágrimas.

Chegaram mais cartas suplicantes de Lars e de Sarah. Veio também uma breve mensagem de Anthony. Finalmente veio uma de Camilla. O envelope estava endereçado a James, mas a folha de papel azul não.

Querida Suniva,

Eu sei que tu e o James querem estar juntos e compreendo porquê. Mas custa ver os teus pais a sofrer tanto. Peço-te que lhes digas onde estás e tentes fazer as pazes com eles.

Foram sempre uma família muito unida e não acredito que encontres a verdadeira felicidade causando angústia às pessoas que mais te amam. Nós as duas partilhámos segredos no passado. Se concordares em encontrar-te comigo em Londres na Páscoa, prometo que não direi a ninguém que te vi. Mas pode ajudar, falarmos. E talvez possamos encontrar uma solução para toda esta tristeza.

O meu amor aos dois,

Camilla

Até Suniva sentiu a sua determinação fraquejar ao ler a carta e, durante vários dias, pensou na proposta de Camilla enquanto dactilografava e arquivava e fazia recados para Laurence. Nas noites em que James estava com ela, deitavam-se os dois juntos, agarrando-se ao mundo que haviam jurado preservar. Ele estava a ter bom desempenho em Cirencester e os seus olhos iluminavam-se de satisfação e orgulho ao descrever os cursos que seriam um dia importantes para a conservação e gestão da vida selvagem no Quénia e o aproveitamento do seu fértil solo agrícola. Mas nas noites frias

de Inverno, quando Suniva estava sozinha no lúgubre quarto, com um aquecedor eléctrico que gastava demasiado do seu magro salário, dava por si muitas vezes a soluçar e as saudades de casa abriam um buraco cavernoso dentro de si. A Páscoa estava a chegar e ela quase decidira encontrar-se com Camilla, quando Hannah precipitou uma crise que endureceu o seu coração.

– Fui chamado ao gabinete ontem – disse James, da vez seguinte em que se encontraram. – A minha bolsa ainda é válida até ao fim dos meus estudos. Mas não vai chegar mais dinheiro de Langani para livros, nem para a residência, para comida e outras despesas diárias.

– É obra da minha mãe. É como um cerco – disse Suniva. – Mais uma tentativa para nos obrigar a desistir um do outro.

– Quer dizer que posso ter de abandonar Cirencester. – James inclinou-se, baixando a cabeça para ela não perceber até que ponto fora duro o golpe. – E talvez tu devesse recuperar o teu lugar na escola de arte. Eu podia voltar para Nairobi e acabar o meu curso em Kabete. Depois procuro trabalho numa fazenda até podermos decidir o que fazer. Eu estou a impedir o teu progresso, Suniva, e um dia hás-de querer-me mal por isso. Não, não digas que não é possível. É isso que pode acontecer.

– Não vais sair de Cirencester, coisa nenhuma – disse ela num tom feroz. – Podes arranjar um emprego de fim-de-semana em qualquer lado, como muitos outros estudantes que têm de trabalhar para estudar. No outro dia, vi um anúncio num restaurante a pedir um empregado à noite. E posso arranjar trabalho extra também. Ou tentar vender mais pinturas minhas. Posso trabalhar uma ou duas noites no café quando não estiver no escritório do Laurence. Arranjar outro emprego com um salário melhor. Havemos de resolver isto os dois, James. Não vais sair e eles não vão ganhar.

– É uma questão de ganhar agora? – A ideia entristeceu-o. – Talvez eles tenham razão e seja tempo de encontrar outra maneira de fazer com que percebam. Sinto que estamos a causar demasiada infelicidade ao Lars e à Hannah, que sempre tomaram conta de mim e que te amam tanto.

– Não podemos separar-nos. – Puxou-o para o sofá, soluçando e abraçando-o com tanta força que ele sentia o corpo dela a tremer com o medo da separação. – Amo-te e temos de ficar juntos. É a única coisa que

interessa verdadeiramente. E esta é a única maneira de eles compreenderem. Não me deixes, James. Por favor, não me deixes. – Os olhos dela estavam alucinados ao olhar para ele.

– Nunca te deixarei – disse ele. Mas o seu coração estava pesado.

*

– Tenho de arranjar outro emprego. – Não era capaz de encarar Laurence de frente, sabendo que ia desiludi-lo.

– E isso é porque...?

– Preciso do dinheiro. Tenho muita pena, a sério, mas preciso de mais dinheiro. É uma emergência.

– Bem, tenho andado a pensar em dar-te um aumento, Doris. E qualquer coisa mais. Como sabes, tenho passado ultimamente dia e noite no meu *atelier*, a trabalhar numa exposição ainda maior no Verão. Se estiveres preparada para trabalhar tão arduamente como eu, ponho oito ou dez quadros teus na sala mais pequena, ao lado da galeria principal, e dou-te uma exposição individual à parte. Entretanto, um dos meus compradores quer três ou quatro quadros para uma casa nova e, como tal, vou levar estes para lhe mostrar. – Indicou uma selecção das suas pinturas mais recentes e virou-se para ela. – Sabes, acho que um dia destes vais ser uma excelente pintora. Como é que disseste que te chamavas?

– Suniva – disse ela, sorrindo por entre as lágrimas que lhe corriam pelas faces. – Chamo-me Suniva Olsen e gostava de lhe apresentar o meu amigo James.

Quando viu que podiam ganhar dinheiro suficiente para James continuar, escreveu a Camilla a dizer que não achava que um encontro na Páscoa fosse boa ideia. Depois, ficou a agonizar a respeito da sua carta a Lars. Não iria para casa, disse. Sabia que a vida era difícil para James porque ele tinha agora de ganhar dinheiro para ter um tecto e comprar comida e livros. Mas ela continuava a ter um emprego em Londres e continuaria a trabalhar para o dia em que pudessem estar juntos.

Sei que foi a mãe que te convenceu a cortar a mesada do James em Cirencester, e não ficámos surpreendidos com isso. Só nos deu mais forças ainda e reforçou a nossa determinação em mostrar-lhes que somos capazes de andar pelo nosso pé e ser fiéis às nossas esperanças no futuro. Por favor, pai, não censures o James nem tentes perseguir-nos. Não pode resultar em nada que desejes e deves tentar explicar isto à mãe. Eu estou bem e de boa saúde e, além de trabalhar, tenho pintado, portanto não precisas de te preocupar comigo.

Amo-te mas obrigaste-me a escolher e eu nunca poderia ter escolhido outra pessoa senão o James como primeiro na minha vida.

Apanhou um comboio para Londres e expediu as cartas. A partir daqui, não fez mais nenhuma tentativa para contactar os pais.

– As corridas. – Camilla olhou para Tom e suspirou. – Não aprecio as corridas mas adoro Cheltenham. Sim, suponho que podia ir contigo. A propósito, estás a ficar com uma bela barriga. Não queria sugerir a expressão meia-idade, mas talvez seja uma figura que devas evitar. Onde está a tua exótica companheira?

Zahra deixara-o, claro, e fugira com um magnata do petróleo americano. Ele vira a fotografia dela na *Town and Country*. – Na altura, quase morri – disse ele a Camilla, resquícios do seu ego destroçado ainda visíveis nos seus olhos. – Nunca me senti tão preso a uma mulher ou tão tramado, se bem que soubesse como ela era desde o princípio. Suponho que era o que tornava a coisa ainda mais excitante. Fazemos as pazes?

– Fazemos as pazes – disse ela, rindo-se mas sentindo pena dele, com a sua vida de sucesso exterior que escondia uma solidão que ele não esperara.

Chovia, uma chuva suave e persistente, no hipódromo. Depois do principal evento do dia, Camilla deixou Tom num camarote privado a beber champanhe com amigos, e escapou para visitar a graciosa cidade que a cativava ainda mais. Acabara de se enfiar num café e de fechar o guarda-chuva quando viu o cartaz da galeria afixado à parede. As cores eram inconfundíveis, o estilo mais refinado, mas o mesmo. Levou quinze minutos a localizar a galeria de Laurence Elkin.

– As pinturas africanas no cartaz – disse ela à recepcionista. – Quem é a artista?

– Doris Brett. Mr. Elkin está ali no canto. É o proprietário e também é pintor e pode explicar-lhe melhor o trabalho dela. Aqui tem a tabela de preços.

– Estou muito interessada nas pinturas de Doris Brett – disse Camilla depois de Laurence se apresentar. – Ela está aqui? Gostava muito de a conhecer. E porque é que o trabalho dela tem estas influências em particular?

– É muito talentosa. E também bastante reservada.

– Isso não é bastante invulgar para alguém tão dotado? – Camilla aproximou-se dele, tirando o máximo partido do poder que exercia sobre qualquer homem. – Eu própria tenho passado temporadas em África, e gostaria de comprar um dos quadros. – Estendeu a mão. – Camilla Chapman.

– Eu sei quem é. A Doris indicou-a em revistas – disse Laurence, com um sorriso divertido. – Tem tido aulas comigo. É uma jovem maravilhosa que está a começar a construir uma sólida reputação e é com orgulho que digo que é a minha protegida mais dotada. Disciplinada e estável. Feliz no que faz. Com uma vida feliz e segura. Não gostaria de a ver descarrilar. – As suas palavras foram proferidas com sorridente cortesia mas os seus olhos transmitiam uma mensagem diferente. – Eu informo-a que esteve aqui. Dou-lhe o seu contacto, se tiver um cartão.

– Obrigada. – Camilla apercebeu-se de que eram ambos jogadores astutos numa partida em que a parada era infinitamente mais alta do que em qualquer corrida de cavalos. – Ela reside em Cheltenham?

– Quer levar o quadro agora ou prefere que o mande pelo correio? – O sorriso desaparecera do rosto dele.

– Prefiro que o mande para a minha morada de Londres. – Camilla pegou no livro de cheques e começou a escrever o valor, reflectindo sobre as consequências imprevisíveis, possivelmente desastrosas, de descobrir o paradeiro de Suniva. – E pensando melhor, não há necessidade de lhe dizer

que eu estive aqui. – O seu sorriso era triste. – Adeus, Laurence. E obrigada. Gostei imenso de o conhecer.

CAPÍTULO 41

Quénia, Abril de 1986

O acampamento de Allie ficava no Parque Nacional de Tsavo, uma área que cobria cerca de 20 000 quilómetros quadrados, estendendo-se das encostas verdejantes dos montes Chyulu, a oeste, até às planícies orientais delimitadas pelo planalto de Yatta. Ela já estava absorvida num estudo dos leões de Tsavo, com o seu passado lendário e futuro mais incerto. Sarah chegara ali com Maya, acalorada, sequiosa e coberta de pó vermelho, a criança muito excitada depois de ter visto um rinoceronte de perto. Este irrompera do mato e corraera atrás do *Land Cruiser* durante várias centenas de metros, falhando por pouco a porta do passageiro com uma cornada antes de desaparecer na vegetação com a mesma rapidez com que emergira.

– O que é que vais fazer? A longo prazo, digo eu. – Allie reclinou-se na sua cadeira de lona. – Podes ficar em Tsavo o tempo que quiseres, claro. Mas eu conheço-te bem de mais, Sarah. Tirar fotografias da vida selvagem não te vai dar o bálsamo que procuras desta vez.

– Gostava de fotografar os leões que andas a acompanhar – disse Sarah, apontando o binóculo para um lagarto monitor que emergiu do pináculo superior de um termiteiro. – Mas tens razão. Como sempre. – Bebeu uma quarta chávena de chá, maravilhando-se com a forma como o líquido quente era a melhor bebida para matar a sede. – Mais tarde digo-te o que tenho em mente quando meter a Maya na cama.

Ao fim da tarde, meteram-se no carro para ver os animais, cruzando-se com uma manada de elefantes, que se refrescavam com lama cor de ferrugem, num bebedouro próximo do acampamento, serpenteando ao longo do rio e caminhando através das pedras para observar a queda de

água impetuosa das cataratas de Lugard. Havia pegadas de leão na areia, mas nenhum sinal dos objectos de estudo de Allie. Depois do jantar, com a criança a dormir na tenda que partilhariam, Sarah aceitou uma bebida e sentou-se à beira-rio a ouvir os hipopótamos.

– E o Erope?

– Está feliz de volta a Buffalo Springs – disse Allie. – Com a família e o ambiente tribal. Decidiu estabelecer-se como guia de safári independente e vai trabalhar em regime *freelance* com o Anthony e para uma ou duas das outras empresas de safári de renome.

– Como te sentiste quando ele decidiu ir para casa ao fim destes anos todos? Não te sentes só?

– Era tempo – disse Allie. – Sinto-me grata pelo que partilhámos e seremos sempre amigos. E não estou sozinha aqui; aparecem ocasionalmente estudantes e pessoas envolvidas em estudos de pós-graduação que passam vários meses comigo, de cada vez, o que me convém perfeitamente. Agora diz-me o que decidiste. Vais deixar o Quénia?

– Vou para Wajir – disse Sarah, ignorando o suspiro de surpresa de Allie. – Tenho um contrato com revistas em Nova Iorque, Londres e na Alemanha e falei com o John Sinclair sobre um pequeno livro que trata dos sobreviventes do Massacre de Wagalla e a história dos clãs somalis na região, bons e maus. Nem todos são vítimas lá. Muitos são bandidos... senhores da guerra feudais que só estão interessados em abrir fogo sobre tudo e todos e roubar mulheres e gado das outras tribos. Mas eu quero mostrar que os problemas ali podem ser tratados de maneira diferente e que pessoas inocentes foram assassinadas ou abandonadas à morte por funcionários do governo.

– Sarah, isso é terrivelmente perigoso. – Allie não disfarçou a sua reprovação.

– Nunca pensei em passar a minha vida senão aqui – disse Sarah. – Agora comecei a sentir-me como a Lottie quando ela partiu para Itália. Este país destruiu demasiadas pessoas e lugares que eu amo. O Rabindrah perdeu a vida a tentar denunciar os responsáveis pela chacina de Wagalla. Não sou uma jornalista de investigação, mas posso mostrar a realidade da situação

na região. O perigo de mais e mais armas e o abandono e privação que os sobreviventes de Wagalla continuam a sofrer. E conseguir ajuda para eles com o meu trabalho. Será o meu tributo ao Rabindrah. A única coisa que posso fazer para que o sacrifício dele tenha valido a pena.

– Um livro desses vai levar tempo – disse Allie.

– Mas tenho de fazê-lo.

– E a Maya?

– Farei tudo para proteger a Maya do perigo – disse Sarah. – Quando as aulas começarem, vou mandá-la para Msongari com a Annabel. Fica com a Camilla sempre que eu estiver ausente, embora eu passe a maior parte dos fins-de-semana e as férias escolares em casa. Vamos passar o próximo mês à costa e depois vamos à Irlanda no Natal, para estar com os meus pais. E provavelmente a Páscoa também. Eles estão muito entusiasmados.

– A Annalena vai poder ajudar-te no Norte?

– Já lá não está. O governo revogou a autorização de trabalho dela por causa da sua intervenção. Estabeleceu agora um hospital na Somália.

– Essa ideia não me agrada nada. – A expressão de Allie estava sombria de consternação.

– O meu plano é realizar a pesquisa de fundo em Nairobi, tirar as fotos o mais rapidamente que puder e montar tudo noutro lugar. Será mais seguro assim.

– Para onde é que vais finalmente? – Allie ainda não conseguia digerir o plano.

– Não sei – disse Sarah. – Para um lugar longe de África. A Lottie convidou-me para passar alguns meses em Itália, mas não me imagino lá permanentemente. Nem na Europa com todos os «quando nós».

– Quando nós?

– Os quenianos que partiram e passam agora o tempo juntos a dizer «quando vivíamos no Quénia fazíamos isto e aquilo». – Sarah passou uma mão pelos olhos. – Seja como for, só consigo dar um passo de cada vez e mesmo isso é uma batalha.

– Estive com a Camilla e as crianças quando iam a caminho da costa. – Allie ouvira a voz embargada de Sarah e distraiu-a da sua mágoa. – Agora

podes pôr-me a par dos Olsen e do que se passa por lá.

– Também estão em Msambweni – disse Sarah. – A Hannah passa a maior parte do tempo com o Piet, a ajudá-lo com as hortaliças e as flores. Ele tem agora um óptimo negócio em marcha. Ela tem a certeza de que a Suniva e o James andam um com o outro, mas o Lars proibiu-a de recorrer à polícia ou a um investigador privado e provavelmente tem razão. Só ia piorar as coisas, se o James tivesse de abandonar Cirencester. Não me parece que voltassem a ver a Suniva se a Hannah tomasse essa medida.

– Como é que isto irá acabar? Tenho pena do rapaz, apanhado numa coisa pela qual não é responsável. Mas também tenho pena do Lars e da Hannah. Deve ser uma tortura não saber onde está uma filha, ou se alguma vez voltará para casa.

– Ninguém pode prever o que vai acontecer. A Hannah não quer ouvir falar de concessões, embora seja a única maneira de se encontrar uma solução. Se ela não ceder, só Deus sabe qual será o custo desta vez.

Durante os dois meses seguintes, Sarah leu tudo o que conseguiu encontrar sobre o Distrito da Fronteira Norte e os bandidos e membros das tribos somalis que habitavam a região. Em seguida, já Maya estava instalada na escola, começou os preparativos de uma viagem a Wajir. Ao deixar a sua casa na cidade, Sarah debateu-se para reprimir o medo e um forte impulso para abandonar todo o projecto, mas acabou por confiar a filha aos cuidados de Camilla e partiu na longa viagem para norte. Aproximando-se da região desolada pela primeira vez, compenetrava-se da sua própria loucura. Encontrava-se no distrito de Wajir, o lugar onde Rabindrah estivera nos meses que antecederam o seu assassinato. O lugar que lhe custara a vida. Agora seguira as pisadas dele, pondo em risco a sua própria vida, bem como a da filha que adorava acima de tudo no mundo. Mas viera, apesar dos conselhos de todas as pessoas que a conheciam.

Omar, que lhe servia de guia, ia sentado ao seu lado, dando-lhe indicações através de uma paisagem lunar tórrida e branca, repleta de fissuras, marcada aqui e ali por ravinas mais profundas, onde houvera outrora cursos de água, e semeada de espinheiros enfezados. Uma terra mirrada pela seca, onde os

ossos esbranquiçados do gado se encontravam, dispersos, nos locais em que os animais haviam morrido, os vaqueiros forçados a viajar distâncias cada vez maiores em busca de água.

Os sobreviventes de Wagalla, na maioria mulheres e crianças, ainda viviam na miséria. O banditismo abundava e, com a maioria dos homens assassinados, poucos restavam para proteger dos assaltantes as manadas cada vez mais reduzidas. Enquanto os animais morriam de sede ou lhes eram roubados, tornavam-se cada vez mais dependentes da pouca ajuda humanitária que era disponibilizada na região. O governo queniano continuava a ignorar o seu sofrimento, recusando-se a reconhecer a sua situação ou a violência que os empurrara até ao limite da aniquilação.

Sarah lera os artigos de Rabindrah quando foram publicados, conversara com ele sobre o que ele testemunhara, mas nada podia tê-la preparado para a realidade. Com Omar a traduzir, parava constantemente para fotografar e falar com estas ruínas humanas esquecidas que ainda sobreviviam num inferno, vivendo em casas improvisadas, construídas com ramos de espinheiros e cobertas com trapos puídos ou esteiras entrançadas feitas de ervas secas e folhas de palmeira. A princípio, recusavam-se a falar com ela, tapando a cabeça com os lenços, até Omar lhes falar de Rabindrah e do que ele fizera para tornar público o seu sofrimento.

– Ele morreu por causa disto – disse ele. – E esta é a mulher dele que veio contar a vossa história, com a câmara dela e as vossas próprias palavras.

– Chicotaram-nos. Dilaceraram-nos a carne. – O homem que falou produziu um som de assobio por entre gengivas desdentadas. Sobrevivente do massacre, parecia ter setenta anos. Na verdade, disse Omar, tinha apenas trinta e cinco. – Penduraram-nos pelos testículos. Alguns foram queimados vivos. Muitos morreram quando correram para a vedação. – Apontou para a boca. – Eu não tenho dentes agora, e parti as costelas. Deixei-me estar quieto, fingindo estar morto. Os meus irmãos morreram e o meu pai. – Um soluço escapou-lhe dos lábios estalados. – Nunca se há-de saber o que nos aconteceu lá.

– Há-de saber-se – prometeu Sarah, o seu gravador deixando de funcionar, bloqueado pelo pó, obrigando-a a parar para tentar limpar as bobinas.

Andou entre eles durante dias, a sua objectiva ampliando a paisagem estéril onde as famílias buscavam pedaços de comida para poderem sobreviver mais um dia. Bebés malnutridos dormiam, apáticos, ao colo das mães, e jovens com barrigas inchadas e pernas finas, cheias de crostas, ficavam sentados no chão repleto de animais de costelas salientes e cabeças baixas. As mulheres escondiam-se atrás de xailes esfarrapados que já haviam sido coloridos, passando os dedos pelas missangas e ornamentos desbotados, legado de um tempo menos cruel. Homens de olhos remelosos recordavam os cadáveres queimados dos amigos e parentes cuja pele derretera no alcatrão borbulhante da pista de aterragem ou que tinham sido lançados aos remoinhos de poeira que se revolviam com o vento seco em redor de Wagalla.

Nesta primeira visita, Sarah enchera o carro com *debbis* de água, sabendo que era a dádiva mais preciosa que podia oferecer, para além dos sacos de milho, arroz e açúcar. Mas os mantimentos esgotaram-se demasiado depressa. Havia uma escola, mas as crianças não podiam abandonar o gado para assistir às aulas. Quando compareciam era porque os poucos animais que ainda possuíam tinham morrido ou haviam sido roubados. E, contudo, no meio de todo o desespero, havia uma centelha de determinação que fazia uma mulher sorrir e romper numa canção estridente e aflautada ou partilhar um gracejo obsceno com as irmãs. Gente forte e orgulhosa, recusava-se a ser destruída pelos elementos ou pelos seus semelhantes.

Ao fim de cinco dias, Sarah regressou a Nairobi, assombrada pelas imagens que havia registado, determinada em descobrir uma organização humanitária que transportasse alimentos e água para o distrito. E medicamentos. Na sua câmara escura, chorou ao revelar o registo das vidas que testemunhara, trabalhando toda a noite e reconhecendo o poder da sua câmara para informar e transformar. Durante o resto do ano, examinou todos os apontamentos e papéis de Rabindrah, retirando palavras e frases das suas primeiras entrevistas para criar o texto do seu livro, transcrevendo as histórias dos homens e mulheres com quem falara pessoalmente. Quando voltou a Wajir, em ocasiões subsequentes, na companhia de trabalhadores humanitários com provisões alimentares, sentiu cada vez mais medo de

sofrer retaliações. Mas forçou-se a ir. Rabindrah morrera dando voz a este povo esquecido, mas agora as suas palavras e as imagens dela permitiriam que as vítimas de Wagalla fossem ouvidas. Era a única homenagem condigna que podia oferecer ao marido.

No Natal, levou Maya para a Irlanda, onde ficaram com Raphael e Betty e com Tim, que se apaixonou pela sobrinha e a levava para todo o lado com ele. Em Janeiro, viajou para Londres e entregou a primeira versão do seu livro a John Sinclair. Viu-o chorar.

– A tragédia do Terceiro Mundo – disse ele. – Não se pode encontrar tamanho sofrimento na nossa sociedade.

– Tenta dar uma volta por Belfast – disse Sarah. – A barbárie existe quase em toda a parte, a fermentar sob a superfície das nossas ideias e princípios mais sagrados.

Antes de deixar Nairobi, escrevera a James, a perguntar se podia ir a Cirencester visitá-lo. A pedir-lhe que informasse Suniva de que ia estar em Inglaterra. Não recebeu qualquer resposta.

CAPÍTULO 42

Quénia, Julho de 1987

— Ela vai fazer vinte e um anos no final do mês — disse Lars. — É a nossa única filha, Hannah, e não a vemos há três anos. Isto tem de acabar. Se não cedes, se não pões o amor e a tolerância acima de tudo, vou eu a Inglaterra à procura dela. Independentemente do que digas ou sintas. Custe o que custar.

Hannah não mostrou sinais de o ter ouvido. Estava sentada no alpendre, a ler um livro, as linhas turvando-se enquanto Lars lhe dirigia a sua súplica.

— A Sarah vai partir em breve — disse ele. — Vendeu a casa em Gigiri e mudou-se para uma casa alugada. O livro que ela dedicou ao Rabindrah vai ser publicado em Outubro. Sabes disto sequer? Estás a isolar-te dos teus amigos, a passar mais de metade do teu tempo em Msanbweni hoje em dia, embora eu continue a precisar de ti aqui, no *lodge* e na fazenda. Não podes abdicar das nossas vidas porque te deixas dominar pelo teu lado obstinado e intransigente. Corroeste as boas recordações e criaste um vazio na nossa família que eu já não sou capaz de suportar. Hannah, pensa no Piet e no Jorgen. Sabes quantas vezes eles perguntam pela Suniva? Onde está, quando volta para casa, se ainda nos ama.

Aguardou, esperançado, algum sinal de rendição.

— A Camilla chega dentro de uma hora ou assim — disse Hannah. — Vou preparar-lhe o quarto e ver se está tudo pronto para o jantar.

— Falas com ela? Não há nada que possas dizer que possa fazer uma diferença? — Lars passou uma bebida a Camilla.

Ela rodou lentamente o copo na mão, os olhos fixos no líquido âmbar, a memória recuando aos dias e noites da sua infância passados nesta mesma

sala com Lottie e Janni. Com Piet, que morrera, com Sarah e Hannah. Com Anthony. Rindo, cantando, dançando, esquivando-se ao ataque de homens com *pangas*. Hannah nascera nesta casa, casara-se nela, trouxera-lhe nova vida. Suniva, Piet, Jorgen. Também trouxera James para aqui. Para pôr fim ao ciclo sangrento de atrito. E agora fora apanhada nele. Lars tinha razão. Era tempo de falar a verdade.

– Eu sei onde está a Suniva – disse ela.

– O quê? – Ele levantou-se e agarrou Camilla pelos ombros, reagindo instintivamente com fúria à traição. Era unicamente a ferida aberta que a filha deixara no seu coração que lhe permitia ouvir.

– Está em Cheltenham. Sã e salva. A ter aulas de arte, a vender quadros numa boa galeria e a trabalhar para o dono. O James deve ter acabado agora em Cirencester, pelo que devem ter de tomar uma decisão relativamente ao seu regresso ao Quénia. Ou pensar se vão viver e trabalhar noutro lugar, com as novas qualificações dele.

– Há alguma maneira de convenceres a Hannah a...? – Ouviu-a descrever como descobrira o paradeiro de Suniva, pedir-lhe desculpa por não ter dito nada, sabendo que ele compreendia.

– Por favor, Camilla, por favor, ajuda-me a trazê-la para casa.

– Vou tentar, Lars – disse ela. – Vou tentar.

– É maravilhoso pensar que vamos para a costa na próxima semana. – Camilla foi encontrar Hannah na sala que se tornara a sala de estudo dela. O espaço que ela criara na sua determinação, contra todas as expectativas, em realizar a recuperação de Piet. – Estou desejosa de ir. Mas este ano vai ser diferente porque pode ser a última vez que lá estamos todos juntos. Tu, eu e a Sarah, o Lars e o Anthony, e as crianças. Mas falta um de nós, Hannah.

– Estiveste a falar com o Lars. – Hannah levantou-se de um salto, entornando a bebida e praguejando entre dentes enquanto limpava com um grande espalhafato. – Recuso-me a discutir este assunto.

– Vais discutir, Han. Tens de discutir. O que é que estás a fazer a ti mesma? Ao Lars. A todos nós. Como podes excluir a tua filha da tua vida, do teu coração, porque ela ama o rapaz cujo destino quiseste mudar? Ela

tem quase vinte e um anos. É uma adulta. E o James é agora um homem. Um jovem excelente que tem trabalhado arduamente e obteve uma licenciatura. Que fez o melhor que podia. Já não faz nenhum sentido.

– Que diabo estás para aí a dizer? – Hannah estava a gritar. – Quem sabe se ainda estão juntos ou o que ele lhe fez? Pode nem sequer ter acabado o curso, depois de destruir as hipóteses dela de pintar e de aproveitar os dons que lhe foram dados. Nunca serei capaz de voltar a olhar para ele nem de me reconciliar com ela. Demos à Suniva tudo e ela atirou-nos isso à cara. Rejeitou-nos por causa desse... – Sabia que não podia usar a palavra.

– Oh, eu sei exactamente o que ias dizer. – Camilla franziu os olhos. – Cafre. Era essa a palavra, não era, Hannah? A palavra que os teus antepassados africanos teriam usado. Ele é negro. O amor da vida da tua filha é negro e isso é um facto.

– Não, não ia usar essa palavra. O facto é que o pai dele era um assassino.

– O facto é que tu esqueceste parte da história. A parte que todos nós enterrámos com os nossos velhos pesadelos. Mas o James e a Suniva são inocentes, a não ser pelo facto de se amarem um ao outro. Por isso, é tempo de perguntares a ti própria porque é que estás a atribuir-lhes os pecados dos pais. Do pai dele. E do teu.

Abateu-se o silêncio na sala, arrepiante, como o centro de um furacão. Depois Hannah começou a chorar, os anos de tormento jorrando dela em grandes soluços convulsos. Não conseguia parar os sons, não conseguia estancar a torrente de remorso, recordando as semanas e os meses em que ansiara por ouvir a voz de Suniva e os seus passos a ecoar pelo corredor, por sentir o aroma do seu cabelo acabado de lavar, por ver o azul dos seus olhos. Quando Lars entrou na sala, tomou-a nos braços, embalando-a como uma criança e murmurando palavras ternas. Quando ela finalmente sossegou, ele pousou-a no chão e, juntos, saíram da sala.

– O que se passa? Que barulho estranho foi este? – Jorgen surgira com Piet atrás, as expressões assustadas, os olhos arregalados de terror.

– Não se passa nada – disse Camilla, sorrindo. – O que ouviram foi o som maravilhoso de uma libertação.

Houve vários telefonemas para Laurence Elkin e, subsequentemente, para Suniva. Dois dias mais tarde, Lars apanhou um avião para Londres, na esperança de poder trazê-los de volta com ele. Camilla organizou o primeiro encontro no seu apartamento e ele olhara em silêncio para a filha antes de estender os braços e a apertar num abraço. De afagar o seu cabelo dourado que ela deixara crescer quando já não se sentia sob a ameaça de ser descoberta. A princípio, ela ficou tensa, resistindo à felicidade do reencontro, mas minutos depois o seu amor por ele apagou os últimos vestígios de resistência.

James estava muito aprumado enquanto pai e filha se abraçavam, sem dizer nada, o seu rosto circunspecto mas sereno. Crescera, tornara-se um homem e, embora tivesse as mangas rasgadas e a roupa tivesse sido comprada em segunda mão, era senhor de si e do seu meio.

– Eu e a tua mãe queremos que tu e o James venham agora para casa – disse Lars. – São horas.

– Não sei, pai – Suniva hesitou, insegura e subitamente receosa.

– Sim, são horas. – Foi James quem tomou a decisão. – Suniva, vamos para casa para enfrentarmos o futuro juntos e ninguém vai tentar separar-nos. Acho que sabemos isso agora.

Mais tarde, sentou-se ao lado de Suniva, sem tocar nela mas sempre perto, ouvindo as notícias de Lars sobre Langani e a família. Quando ele estendeu a carta de Hannah, leram a única página ao mesmo tempo, um símbolo frágil e trémulo de reconciliação. Uma prece. Na noite seguinte, embarcaram no avião para Nairobi.

Ao descreverem a última curva do caminho de acesso, Suniva viu a glória da velha casa como se pela primeira vez, alicerçada no solo limpo pelo seu bisavô, rodeada pela cor e ritmo do relvado verde-esmeralda de Lottie e dos canteiros repletos de flores de que a mãe continuara a cuidar. A chaminé estava coberta por madressilva, o fumo elevando-se em espiral de uma cascata de flores. Na luz sagrada da noite, o Grande Deus N’gai reinava sobre a terra dourada do seu pico montanhoso. Hannah estava nos degraus, à espera, a mão junto à garganta. Os cães ladravam, saltavam e corriam em

círculos. Suniva pegou na mão de James ao percorrerem os últimos passos, duvidando ainda de um acolhimento incondicional, até que Hannah estendeu os braços para os abraçar aos dois. Piet e Jorgen surgiram atrás dela, tímidos e depois efusivos nas suas saudações, as primeiras lágrimas de amor e reconciliação começando então a rolar.

Era quase meia-noite quando terminaram as bebidas e o jantar. A princípio, houve perguntas, feitas a medo, respondidas com cautelosa reserva. Mas, com o avançar da noite, a atmosfera alterou-se e o ar ficou carregado da simples felicidade de regressar a casa.

Depois de Jorgen se ir deitar relutantemente e Piet se ter também despedido deles, Lars pôs mais lenha no fogo e pegou na garrafa de *brandy*.

– Amanhã fazes anos, Suniva – disse ele. – Um dia para celebrares com a tua família e os amigos mais chegados. Mas esta noite a tua mãe tem uma coisa para te dizer, a ti e ao James. Sobre uma parte da nossa história que tens de carregar contigo no futuro.

– Quando te vi pela primeira vez, James, foi porque a tua mãe te trouxe aqui. – Hannah falou com uma voz trémula. – Ela chamava-se Wanjiru e tinha andado dias a pé para te trazer para um lugar seguro. A princípio, não sabia que ela era a mulher do Simon Githiri, que tinha matado o meu irmão.

– Porque é que temos de falar disto? – Suniva pôs-se de pé, defensiva e irritada. – Foi por isso que nos trouxeram para casa? Para obrigar o James a suportar uma litania dos crimes do pai?

– Sofri por eles e por causa deles desde o dia em que vi a fotografia dele no álbum da Sarah – disse James. – Não consigo compreender o que ele fez nem porquê, e não há nada que eu possa fazer para o apagar. Se estou aqui para ser julgado, não deviam ter-me pedido que voltasse. Porque não posso dizer nem fazer nada que altere o passado.

– Estás aqui porque eu quero rectificar as coisas – disse Hannah. – Porque tenho de te contar toda a verdade sobre o que aconteceu ao Simon Githiri, para que tu e a Suniva possam partilhar um futuro livre e seguro. Quem está a ser julgada sou eu, James, porque te dei um tecto, mas pessoalmente não

tive a coragem de viver com a realidade do passado e causei-te sofrimento por isso.

Atravessou a sala para se sentar ao lado dele, os seus olhos ao nível dos dele, começando a relatar a história aos poucos, parando quando não encontrava as palavras certas ou forças para as proferir, querendo descrever uma verdade que apagasse todos os mal-entendidos e os libertasse dos grilhões da sua história comum. Falou da Emergência, mais de trinta anos antes, do tempo em que começara a revolta dos Mau-Mau, em que Langani se tornara um lugar diferente, com grades nas janelas e nas portas, com armas em todas as divisões e debaixo das almofadas dos pais à noite. Do tempo em que se haviam formado gangues entre o povo quicuio, aterrorizando os membros da sua própria tribo e outros que se recusavam a prestar o juramento para expulsar o homem branco da sua terra. Haviã-m-se escondido nas florestas e voltado à noite para assaltar as fazendas dos brancos, matar e mutilar o gado, assassinar os *bwanas* e as suas famílias cujo governo e antepassados haviam enganado os chefes tribais e roubado a sua terra.

Mas os agricultores brancos e outros quenianos haviam dado luta, recusando abrir mão do território de que eram legalmente proprietários. Seguiram-se anos de matança sem sentido e tragédia. Embora apenas um punhado de brancos tivesse sido assassinado, fora a população africana quem mais sofrera, pois mais de treze mil foram mortos por gente da sua própria raça ou morreram a combater as tropas chefiadas pelos britânicos.

– O meu tio morreu a combater nas florestas dos Aberdares. – As mãos de Hannah estavam a tremer ao servir-se de uma segunda dose de *brandy*. – Os seus restos retalhados foram trazidos para casa para o meu pai enterrar. Parte do gado de Langani foi chacinado e as cabeças deixadas nas couceiras dos portões. Os nossos cães foram envenenados. Alguns dos trabalhadores da fazenda morreram porque se recusaram a prestar o juramento dos Mau-Mau. Depois o meu pai partiu para participar no combate. Integrado no Regimento Real de Carabineiros Africanos, foi para as florestas e viveu aí durante meses, dando caça aos bandos que tinham atacado a fazenda e a família dele, escondendo-se, vivendo de raízes e bagas, tão em risco de

morrer à fome como o inimigo. – Calou-se e o seu suspiro tornou-se um longo e trémulo som, procurando invocar coragem para continuar até ao amargo fim.

– Uma noite na floresta, o meu pai estava com uns soldados ingleses. Cercaram e capturaram um grupo de homens que haviam assaltado uma fazenda nos arredores de Nyeri e estavam a assar um novilho que tinham roubado. Um dos elementos do bando era o teu avô, James. Quando ele se recusou a dar-lhes informações, amarraram-no e prenderam-no ao espeto...

– Hannah hesitou e engoliu o resto da bebida antes de retomar a macabra narrativa. – Assaram o teu avô até ele morrer. O Jan van der Beer, marido e pai extremoso, foi responsável por esse acto. A tua avó estava escondida nas proximidades, tentando proteger o filho pequeno, escondendo-o nos arbustos. Os soldados encontraram-na e mataram-na a tiro, mas a criança tinha rastejado para a vegetação e não lhe aconteceu nada. O tio do menino, Karanja, encontrou-o no dia seguinte e levou-o para o orfanato em Nyeri porque não podia dar de comer ao rapaz. Os padres acolheram-no e puseram-lhe o nome de Simon Githiri. Durante meses, ele não foi capaz de falar porque estava terrivelmente traumatizado pelo que tinha visto. Com carinho e bondade, começou a recuperar, mas as recordações dessa noite na floresta continuaram profundamente gravadas na sua memória.

Hannah encostou-se ao lado da cadeira, demasiado angustiada para continuar. Suniva, o rosto branco como a cal, estava sentada, muda e rígida na cadeira, vendo a mãe perder as forças. Foi Lars quem terminou a sinistra narrativa.

– Quando o rapaz se tornou um homem e concluiu a sua educação, o Karanja reapareceu. O Simon já não era um órfão. Tinha um tio, uma identidade, um clã. Foi então que soube o que acontecera ao pai. O Karanja não teve dificuldade em transformá-lo num instrumento de vingança. Houve um período de iniciação em que o Simon viveu durante meses na floresta. Fez um juramento de matar o Jan van der Beer para vingar as mortes dos pais. Foi-lhe dada uma rapariga nova, a Wanjiru, para mulher. Quando ele apareceu em Langani, a pretexto de procurar trabalho, descobriu que o Janni deixara a fazenda e partira para a Rodésia. Foi o Piet

que o aceitou. Gostava dele e confiava nele. E foi o Piet que pagou o preço pelos actos do pai. Com a sua jovem vida.

– As nossas duas famílias fizeram parte de uma guerra – disse Hannah, falando directamente com James. – Um conflito mortal que durou gerações, justificou a tortura e a matança de ambos os lados, e resultou na morte de milhares de pessoas. Muitas eram inocentes, como o meu tio e a tua avó. A Wanjiru, a tua mãe, era uma rapariga simples apanhada numa luta brutal que nunca compreendeu. Depois de o Piet morrer e de o Simon se entregar, eu quis pôr fim a tudo isso. Fazer uma espécie de reparação, suponho que se pode chamar-lhe isso.

– Por isso trouxeste-me para aqui. Apesar do que tinha acontecido. – As palavras de James saíram embargadas pela emoção, pela enormidade do que ela fizera por ele, nesse passado distante.

– Não consegui perdoar ao Simon – disse Hannah. – E tão-pouco fui capaz de perdoar ao meu pai. O que ele fez destruiu a vida dele e acabou por matá-lo. Mas não me apercebi de que ainda alimentava um ódio no meu coração. Uma incapacidade de esquecer o passado e de ter fé num futuro que pudéssemos partilhar como iguais que se amam e se respeitam. – Levantou-se e estendeu as mãos. – Esta noite posso dizer que aceitei isso finalmente. Aprendi o seu significado contigo, James, e com a Suniva, graças à vossa fé inabalável no bem. E assim quero pedir o vosso perdão e confiança. E o vosso amor.

Na manhã do aniversário de Suniva, a casa fervilhava de actividade. James levantara-se cedo e fora com Piet para o jardim escolher o melhor de tudo para os festejos da irmã. Ao meio-dia, chegaram os convidados. Primeiro Anthony e Camilla, e as crianças. Depois, Sarah e Maya. Havia sido colocadas mesas e cadeiras debaixo da árvore-do-fogo. Hannah apostara no bom tempo e ganhara a aposta. Allie foi a última a chegar, a sua figura pequena e vigorosa emergindo do lado do passageiro do carro e Maya correndo ao seu encontro. Sarah, de braço dado com Hannah, observou-as no relvado, no momento em que Camilla trazia taças de champanhe.

– Obrigada por estenderem o convite ao meu hóspede. – Allie estava a baloiçar Maya no ar enquanto Hugo saía de trás do volante.

– Há quanto tempo – disse ele, encaminhando-se para as três mulheres. – É uma honra estar aqui.

– Hugo. – A reacção de Sarah foi abafada pelo som de cânticos no momento em que os dançarinos dobraram a esquina da casa.

Dirigiram-se para o relvado, vestidos com os seus trajes tribais, saltando e pulando, as pulseiras nos braços e tornozelos e os brincos reluzindo sob a luz do sol, as lanças cintilando, os toucados de penas tremendo no ar luminoso. As mulheres emitiam sons estridentes e ululantes de felicidade, os seus colares de missangas saltitando sobre os seios nus, ao formarem uma roda e dançarem ao som do rufar dos batuques. David organizara o banquete que se seguiu, ocupando o seu lugar à mesa com o velho Kamau e Mwangi, Esther e Juma, todos eles à volta de Suniva, soltando exclamações a James, regozijando-se com o seu regresso e com a extraordinária notícia de que iam ter uma criança. Foi Suniva quem fez o anúncio.

– Hoje faço vinte e um anos e sinto-me grata e feliz por eu e o James estarmos em casa. Langani foi o lugar onde nasci, onde nasceu a minha mãe e o meu avô antes de nós. É um lugar de amor, a nossa fazenda, e em breve será o lugar onde o bebé que eu e o James gerámos virá ao mundo. Uma nova geração que chega com amor, rodeada de amor, pronta a amar em troca. E esse será o legado da nossa família porque é tudo aquilo de que verdadeiramente precisamos.

Horas mais tarde, o sol poente começara a rasar as copas das árvores e a frescura da tardinha fez com que as pessoas voltassem para dentro de casa, para se juntarem à lareira. Foi Lars quem fez o último brinde da noite à filha e James quem suscitou um clamor de aprovação ao pedir Suniva em casamento. Allie estava sentada ao lado de Anthony, observando Hugo a mover-se lentamente pela sala, cumprimentando pessoas, natural e sorridente, até que Maya lhe puxou pelas calças, curiosa para conhecer o recém-chegado e arrastando-o para junto da mãe.

Era o meio da manhã. Os convidados tinham terminado o pequeno-almoço e estavam a preparar-se para partir.

– Suniva? – Lars fez-lhe sinal e indicou a James que os seguisse.

No escritório, Hannah estava sentada à secretária que o avô trouxera da África do Sul, na viragem do século, transportando a sua peça favorita de mobiliário do Cabo para Nairobi e, em seguida, para a montanha e para as planícies altas, fazendo estalar o chicote, gritando enquanto a parelha de bois calcorreava o solo fértil para alcançar o local no mato que ele transformara numa casa. No lugar que passaria às gerações vindouras que trabalhariam e amariam esta terra, num futuro que ele já não conheceria e de que não faria parte.

– Suniva, hoje vamos partir para a costa – disse Hannah. – Com o Piet e o Jorgen. As malas estão no carro e, claro, quando estiveres pronta, vais ter connosco. O Mike Stead vai ficar aqui para dirigir a fazenda, como faz com competência há muitos anos. Para manter as coisas a andar no dia-a-dia. Mas antes de irmos, há uma coisa que quero dar aos dois. É um presente pelo qual os teus antepassados e os antepassados do James lutaram durante séculos. – Levantou-se e estendeu um envelope. – É a escritura da Fazenda Langani. Alterei-a para a pôr no teu nome e do James porque estou convicta de que é assim que deve ser. Espero que ames sempre este lugar como as gerações antes de ti o amaram. Como eu o amei. E rezo para que os teus filhos perpetuem a sua tradição.

Suniva pegou no envelope e colocou-o nas mãos de James, observando as lágrimas que rolavam livremente pelas faces escuras dele.

– Não posso dizer as coisas que gostaria de dizer – murmurou ela. – Não tenho palavras.

– Quando é que voltam? – Foi James quem fez a pergunta. – Quando poderemos dar-lhes as boas-vindas a casa?

Mas Hannah limitou-se a sorrir, tomando o braço de Lars e saindo para o caminho de acesso. Imobilizou-se por alguns momentos, olhando para a casa atrás, inalando o perfume do jardim e o fumo de lenha que flutuava no ar rarefeito das terras altas e baixando por um instante a cabeça perante a altiva silhueta da montanha e o seu deus.

E depois partiu, deixando apenas a esperança como um símbolo da sua passagem.

GLOSSÁRIO

<i>akili</i>	astúcia, capacidade mental
<i>asante sana</i>	muito obrigado(a)
<i>askari</i>	polícia ou guarda
<i>ayah</i>	ama
<i>bariti</i>	varas de mangues usadas na construção
<i>bhang</i>	marijuana
<i>bibi</i>	mulher, esposa
<i>boma</i>	cerca vedada para habitações e gado
<i>bui bui</i>	peça de vestuário tradicional que cobre uma mulher da cabeça aos pés
<i>bundu</i>	mato, terras selvagens
<i>bwana</i>	tratamento de respeito para com um homem branco
<i>chai</i>	chá
<i>chui</i>	leopardo
<i>dawa</i>	medicamento
<i>debbi</i>	recipiente de metal para líquidos
<i>dhow</i>	barco à vela de um só mastro
<i>domkopf</i>	idiota, parvo
<i>duka</i>	pequena loja
<i>duma</i>	chita
<i>fisi</i>	hiena
<i>fundi</i>	biscateiro, carpinteiro
<i>habari gani</i>	saudação que significa «como estás?»
<i>hapana</i>	não
<i>haraka</i>	depressa
<i>harambee</i>	esforço conjunto
<i>hodi</i>	olá, está alguém em casa?
<i>inshallah</i>	queira Deus
<i>jambo</i>	viva, olá

<i>kali</i>	feroz, zangado, brusco
<i>kanga</i>	tecido de cores vivas, usado por mulheres
<i>kanzu</i>	túnica larga e branca usada como uniforme pelo pessoal doméstico
<i>kaross</i>	pele curada de animal usada como manta ou cobertor
<i>karibu</i>	bem-vindo(a), entre
<i>kazi mingi</i>	muito trabalho
<i>kiboko</i>	vara
<i>kikapu</i>	cesto
<i>kikois</i>	sarongues
<i>kitenge</i>	peça de tecido de cores garridas
<i>kopje</i>	afloramento rochoso

<i>lala salama</i>	dorme bem
<i>lekker</i>	maravilhoso, fantástico
<i>lugga</i>	leito de rio seco

<i>makuti</i>	palhiço para telhados feito de folhas de palmeira
<i>manyatta</i>	habitação tradicional das tribos Masai e Samburu
<i>mashua</i>	barco
<i>matata</i>	problema
<i>matatu</i>	forma de transporte colectivo sem itinerário fixo
<i>mbale sana</i>	muito longe
<i>mbaya sana</i>	muito mau
<i>memsahib</i>	tratamento de respeito para com uma mulher branca
<i>moran</i>	guerreiro masai ou samburu
<i>mzee</i>	tratamento de respeito para com uma pessoa de idade
<i>mzungu</i>	estrangeiro (geralmente branco)

<i>ndio</i>	sim
<i>ndofu</i>	elefante
<i>ngalawa</i>	canoa esculpida num tronco
<i>ngoma</i>	dança de celebração
<i>ngombe</i>	vaca
<i>nguvu</i>	vigor ou genica
<i>nugu</i>	babuíno
<i>nyama</i>	carne
<i>nyama choma</i>	carne grelhada
<i>nyati</i>	búfalo

o Mzee	tratamento dado a Jomo Kenyatta, que se tornou presidente do Quénia
--------	---

<i>panga</i>	grande faca de lâmina chata como um machete
--------------	---

<i>pole</i>	lentamente ou peço desculpa
<i>pole sana</i>	muito lentamente ou lamento muito
<i>posho</i>	refeição de milho moído usado como passadio
<i>rafiki</i>	amigo
<i>rungu</i>	pau grande
<i>salaams</i>	saudações, como olá, por exemplo
<i>sasa hivi</i>	imediatamente
<i>shamba</i>	pequena propriedade, jardim
<i>shauri</i>	problema, desentendimento
<i>shenzi</i>	miserável ou degradado
<i>simba</i>	leão
<i>stabbur</i>	construção numa herdade norueguesa usada para armazenagem
<i>syce</i>	palafrenero
<i>tackies</i>	sapatos de lona
<i>toroka</i>	sai daqui, desaparece
<i>toto</i>	criança
<i>ugali</i>	espécie de puré à base de farinha de milho
<i>Uhuru</i>	liberdade, o termo político para Independência
<i>Ulaya</i>	um país distante
<i>veldt</i>	savana
<i>wahindi</i>	uma pessoa asiática
<i>wananchi</i>	o povo comum
<i>watu</i>	homens, serviçais
<i>wazungu</i>	estrangeiros